

Frei Luís de Sousa

2.ª EDIÇÃO, FAC-SIMILADA  
A PARTIR DA EDIÇÃO DE 1984

# Vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires





BIBLIOTECA  
DE AUTORES  
PORTUGUESES





**A VIDA DE  
D. FREI BERTOLAMEU DOS MÁRTIRES**



# FREI LUÍS DE SOUSA

## A VIDA DE D. FREI BERTOLAMEU DOS MÃRTIRES

Introdução de Aníbal Pinto de Castro

Fixação do texto de Gladstone Chaves de Melo  
e Aníbal Pinto de Castro

Co-edição Imprensa Nacional/Casa da Moeda — Movimento Bartolomeano



## TRÊS MEMÓRIAS

A glória de Fr. Luís de Sousa, escritor, mais três nomes ora se associam: A Imprensa Nacional / Casa da Moeda e dois mestres prestigiosos da Língua e da Literatura Portuguesas, o brasileiro Prof. Doutor Gladstone Chaves de Melo e o coimbrão Prof. Doutor Aníbal Pinto de Castro.

\*

A IN/CM, uma edição da clássica *Vida do Arcebispo* traz lustre; mas também recebe. É promovida e difundida-se, de maneira que nenhuma outra casa poderia igualar. Por isso, a nossa imensa gratidão e a homenagem de reconhecimento ao seu ilustre Director, Dr. Vasco Graça Moura.

\*

Decidida a edição comemorativa do 350.º aniversário da morte de Fr. Luís de Sousa, erguia-se a primeira dificuldade: encontrar pessoa ou pessoas talhadas para a responsabilidade de preparar o texto.

Começámos a bater às portas.

— *Que sim, que sim; que era de dar palmas; que era homenagem justíssima, etc., etc.*

E logo vinham os *mas*, as escusas inamovíveis, com razões ponderosas.

O nosso primeiro olhar foi para o Prof. Doutor Manuel de Paiva Boléo, grande Mestre tão intimamente ligado à Ordem de S. Domingos. E pensávamos em mais este elo de labor intelectual... Por razões várias e válidas, prevaleceu o *non possum*.

Novas e infrutíferas diligências. As dificuldades começavam a trazer algum desânimo:

— *Isso há-de encontrar-se!* — disse-nos o optimismo do Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão.

E começou a desfiar nomes. Eram nomes de mestres, sem dúvida, mas que, contactados, já se haviam escusado por esta ou por aquela razão.

— *Vamos pensar nisso!* — rematou o Prof. Veríssimo Serrão.

Dias depois, desfechou-nos a pergunta:

— *Já falou com o Doutor Aníbal de Castro, um jovem de boa competência?*

Não tínhamos ainda o gosto e o proveito de conhecer o jovem Catedrático da velha *alma mater* conimbricense. Começou a correspondência. Aprazou-se encontro numa ida a Lisboa.

Naquela tarde, a fazer horas, entrámos numa livraria, ao S. Carlos. Os olhos perlustravam toda aquela riqueza de livros — delícia sobre delícia, todos tentadores. Para a gula de mendicante, delícia só para os olhos...

E abre-se a porta. Entra uma figura imponente de olhar perscrutador. O físico — oh singularidade! — exteriorizava o arcaboço do espírito. Quem se não lembrará de excepções semelhantes. Sob muitas facetas, isto se confirmou.

— *Não será este o jovem Catedrático de Coimbra?* — segredou o palpite.

— *Não será este o frade que quer associar o meu nome ao de Fr. Luís de Sousa?* — também palpitou ao Doutor Aníbal de Castro, como depois confessou.

Palpites certos. O encontro deu-se. O trabalho arrancou. Aí está o texto fixado com irrepreensível cuidado.

Razão teve o Prof. Paiva Boléo, quando lhe dissemos quem fora escolhido para o trabalho que não nos pudera dar:

— *Escolheram bem! O Doutor Aníbal é competente e trabalhador. Muito bem!*

\*

Outra questão, com seu melindre.

Uma edição comemorativa devia ser também do Brasil. Mas quem escolher?

Os nomes surgem. E começa a impor-se o nome de Gladstone Chaves de Melo. Vão cartas, mas carta não vem. Há o silêncio. A dúvida quer impor-se.

Vem o primeiro encontro com o Doutor Anibal de Castro. Repôs-se o problema e a reflexão. Chegou ele à mesma conclusão:

— *Uma edição comemorativa de Fr. Luís de Sousa não se pode fazer sem o Brasil.*

— Já se tentou contacto com o Prof. Gladstone Chaves de Melo, mas não dá resposta.

— *Oh com esse falo eu! Tenho correspondência assídua e nunca fiquei sem resposta.*

Assim foi. Assim se propôs ao Prof. Gladstone. Assim aceitou. Assim o seu magistral concurso para se fixar o texto da *Vida do Arcebispo*.

Aos dois Mestres, por estes e outros títulos, o preito da mais profunda homenagem do

MOVIMENTO BARTOLOMEANO

8 . IX . 1984.





## INTRODUÇÃO



Aquele homem que, no ano de 1613, movido por «uma aldrabada que Deus lhe deu nas portas da alma», chegava ao Convento de S. Domingos de Benfica, chamado da «ociosidade das praças do mundo ao pôr do sol e cerrar do dia da vida»<sup>1</sup>, ao mesmo tempo que sua mulher, D. Madalena de Vilhena, se acolhia ao Mosteiro de Sacramento, trazia consigo um cabedal de experiência que singularmente lhe conferia o perfil de um verdadeiro paradigma da sua época<sup>2</sup>.

Nascera Manuel de Sousa Coutinho em Santarém, filho de Lopo de Sousa Coutinho, da casa dos Condes de Marialva, por sua mãe, à roda de 1555, de acordo com as deduções de D. Francisco Alexandre Lobo, ou em data posterior, talvez por 1557 ou 1558, segundo o fundamentado parecer de Lopes de Almeida.

---

<sup>1</sup> É nestes termos que Fr. Luís de Sousa refere a entrada na Ordem dos Pregadores do Chantre da Sé de Lisboa Fernando Pires (Cf. *História de S. Domingos*. Introdução e revisão de M. Lopes de Almeida. Porto, Lello & Irmão, 1977, vol. I, p. 159).

<sup>2</sup> Para a biografia de Fr. Luís de Sousa, vejam-se D. Francisco Alexandre Lobo, *Memória histórica e crítica acerca de Fr. Luiz de Soiza e das suas obras*, in *Obras*, t. II, Lisboa, 1849, pp. 61 e segs.; Sousa Viterbo, «Manuel de Sousa Coutinho (Fr. Luís de Sousa) e a família de sua mulher D. Magdalena de Vilhena», in *Memórias da Academia das Ciências*, 2.ª Clsse, t. IX, P. I.; P.º Francisco Manuel Alves, «O clássico Fr. Luís de Sousa. Tragédias marítimas. Notas inéditas», in *Portucalé*, vols. V e VI; Manuel Lopes de Almeida, «Introdução» à obra citada na nota anterior; e Maria Clara Pereira da Costa, «O cronista Fr. Luis de Sousa. Contribuição para um estudo biográfico e genealógico. Documentos», in *Actas do I Encontro sobre História Dominicana*. Porto, 1979, pp. 39-168.

Fora seu pai exemplo acabado do fidalgo culto de Quinhentos, que não precisava de deixar as armas para se dar às letras. Criado à luz de tal modelo, pudera o jovem Manuel, juntamente com os irmãos, e independentemente de uma eventual frequência de cursos regulares de Humanidades, atingir um grau de cultura literária capaz de o incentivar a prosseguir depois, por conta e gosto próprios, uma formação intelectual sempre considerada incompleta.

Se a mocidade lhe correu descuidada, não esteve isenta de desvãos amorosos tão ousados que desafiaram as leis divinas e humanas, como se prova pela documentação recentemente revelada por Maria Clara Pereira da Costa <sup>3</sup>.

Por alvará de 31 de Março de 1572, certamente em recompensa dos serviços paternos prestados nas guarnições e armadas da Índia, era tomado por moço fidalgo. A vitória de Lepanto, ocorrida a 7 de Outubro de 1571, provocara em todo o Ocidente uma vigorosa crepitação de fervor religioso, cuja chama tocara o jovem Manuel, animando-o a alistar-se como noviço na Ordem de Malta, então a mais forte guarda avançada da Europa cristã contra a ameaça turca.

Quando, por 1577, saía da Sardenha a bordo de uma nau maltesa, é feito prisioneiro e levado pelos mouros para Argel, com seu irmão André de Sousa Coutinho. Foi aí que conheceu Cervantes.

À roda deste conhecimento se travou a lenda de uma estreita amizade e do aproveitamento da sua figura para a personagem que na novela cervantina *Los trabajos de Persiles y Segismunda*, publicada em 1617, já depois da morte do autor, aparece com o nome de Manuel de Sousa Coutinho. É muito pouco provável que a fonte da história narrada nesse texto romanesco fosse uma biografia contada pelo português ao castelhano durante os arrastados dias de um penoso cativo. Será mais prudente e próximo da verdade admi-

---

<sup>3</sup> Em estudo apresentado ao II Encontro sobre História Dominicana, realizado em Santarém, de 28 de Setembro a 3 de Outubro de 1982, e a publicar no vol. II das respectivas Actas.

tirmos, com Camilo Castelo Branco, que Cervantes apenas o conheceria de nome e que o nome lhe aproveitou, como simples recurso estético, numa aventura de amor novelesco ficticiamente desenrolada através de toda a Ibéria e contada com os vários ingredientes diegéticos próprios dos livros de cavalarias <sup>4</sup>.

Liberto dos ferros argelinos, veio Manuel de Sousa Coutinho para Valença e aí se demorou dois anos. Esquecendo sofrimentos recentes, enganando saudades da pátria e adiando projectos de carreira militar, confia-se com demora ao magistério do humanista valenciano Jaime Falcão, para com ele completar a sua já iniciada formação cultural. Ao publicar, em 1600, as *Opera Poetica do mestre*, recordará agradecido quanto devia ao seu saber e à sua amizade, salientando dos muitos ensinamentos que dele recebera o conhecimento da *Arte Poética de Horácio*.

De regresso a Portugal, não tardou em alcançar dos Governadores do Reino posto de confiança nos quadros militares do Estado, apesar das dúvidas e temores que em cada espírito levantavam a situação criada pela indecisão do Cardeal-Rei, os designios de absorção política de Filipe II, a fragilidade dos apoios do Prior do Crato, a corrupção de muitos e a prudente pusilanimidade da grande maioria. A 6 de Abril de 1580, ou seja, dois escassos meses antes da invasão do Duque de Alba, vê-se Manuel de Sousa nomeado alcaide-mor do castelo de Marialva e capitão das ordenanças da vila e termo. A fidelidade ou complacência do seu comportamento em tempos tão perturbados em breve se veria ainda compensada pela munificência de Filipe II que, estando em Lisboa e «avendo respeito aos serviços do dito Manuel de Sousa Coutinho fidalgo de sua casa», lhe faz mercê de 200 000 rs. cada ano, enquanto o não prover na Índia, por alvará

---

<sup>4</sup> Cf. Camilo Castelo Branco, «Manuel de Sousa Coutinho e Miguel Cervantes», in *Mosaico e Silva* e Angel Valbuena Prat, «Estudio preliminar» a Miguel de Cervantes, *Obras completas*. Madrid, Aguilar, 1964, pp. 35-7.

de 1 de Junho de 1582; e logo a 6 de Dezembro do mesmo ano, era promovido a fidalgo escudeiro, com o correspondente aumento de moradia.

A 20 de Dezembro de 1583 celebravam-se em Lisboa as escrituras do seu casamento com D. Madalena de Vilhena, viúva de D. João de Portugal, filho daquele D. Manuel de Portugal a quem Sá de Miranda, na dedicatória da égloga Encantamento, chamara «lume do paço, das Musas mimoso»<sup>5</sup>, e a quem Luís de Camões, grato pelo patrocínio que dera à publicação d'Os Lusíadas, endereçara a Ode VII (A quem darão do Pindo as moradoras).

Do primeiro matrimónio da esposa recebia o casal um filho, D. Luís de Portugal, que viria a morrer desastrosamente em Ceuta, e duas filhas, D. Joana de Portugal e D. Maria de Vilhena. Mas recebia também, por posse ou em administração, uma casa que, acrescida com a herança da mãe de D. Madalena (D. Maria da Silva, falecida a 5 de Fevereiro de 1584), se podia sem favor considerar opulenta, e a cujo governo o marido se iria naturalmente consagrar nos anos seguintes.

A partir de 1590 encontramos a família fixada em Almada, em cuja Misericórdia Manuel de Sousa Coutinho desempenha cargos vários, de mamosteiro a provedor, documentalmente comprovados entre 6 de Julho daquele ano e 7 de Agosto de 1597<sup>6</sup>.

Acontecimentos vários iriam pontuando este pacato viver, longe do bulício da capital, mas suficientemente perto dela para lhe não escaparem os casos e pessoas mais em evidência na desencantada cena política e social em que Portugal se ia transformando naquele agónico findar de século.

---

<sup>5</sup> As suas Obras poéticas seriam publicadas em Lisboa, na oficina de Pedro Craesbeeck, em 1606.

<sup>6</sup> Estes documentos constam do Livro 11 do Arquivo Histórico da Misericórdia de Almada e foram publicados por Maria Clara Pereira da Costa na obra citada na nota 2.

Assim, a 18 de Dezembro de 1592, é expedido um alvará em que Filipe II o autoriza a despender apreciável quantia do dote do enteado, para a contratação e equipamento dos servidores que o haviam de acompanhar a Tânger. O favor régio continuava a distingui-lo, porque a 17 de Março de 1594, o monarca promovia-o a fidalgo cavaleiro e aumentava-lhe a moradia em 400 000 rs. A 10 de Julho do ano seguinte, o fidalgo e sua mulher celebravam com os Dominicanos de S. Paulo de Almada um contrato pelo qual adquiriam a capela-mor da igreja do convento para nela instituírem jazigo de família. E em 1598 encontramos Manuel de Sousa a desempenhar as funções de guarda-mor da saúde e de capitão-mor da gente de cavalo e de pé das milícias locais, numa evidente situação de prestígio, aplicado em favor da comunidade civil em que se integrava.

Esta placidez de vida honrada e farta a breve trecho se veria, porém, abalada por graves desinteligências com os Governadores do Reino.

A 31 de Julho de 1596 haviam estes ordenado a Manuel de Sousa que fosse visitar o Duque de Bragança D. Teodósio, a fim de lhe formular votos pela saúde do irmão D. Duarte. O indigitado recusou-se ao cumprimento da diligência, por considerá-la inferior à sua qualidade, serviços, idade e jerarquia. Três dias depois os Governadores mandavam-lhe notificar por um corregedor a proibição de entrar no Paço ou na residência de qualquer deles. Fervendo de indignação, endereçou-lhes uma altiva resposta escrita, que Pero Roiz Soares registou nas páginas do seu Memorial<sup>7</sup>.

Dois anos volvidos a peste bate às portas de Lisboa. Correm rumores de um ataque à cidade por navios inimigos. A população debanda. A administração procura ares mais sadios e menos perigosos. Os Governadores transferem-se primeiro para Alcochete e, depois, para Almada, fazendo aviso a Manuel de Sousa para que lhes despejasse as casas

---

<sup>7</sup> Memorial de Pero Roiz Soares. Leitura e revisão de M. Lopes de Almeida. Coimbra, «Acta Universitatis Conimbrigensis», 1953, pp. 334-5.



*em que vivia a fim de nelas se instalarem, sem lhe valerem protestos nem a invocação do serviço oficial que desempenhava em nome do Rei. Ofendido com tão acintoso agravo, manda retirar a família e põe fogo ao palácio, partindo logo a caminho de Madrid.*

*Não foi, pois, um desforço de acendrado patriotismo que o levou a tão corajosa e desassomburada atitude, como a lenda viria a imaginar, mas a simples defesa do seu código de honra e a recusa a dobrar a cerviz perante imposições pouco compatíveis com a soberba do fidalgo atingido nas suas prerrogativas.*

*Dadas explicações às justiças da corte madrilena, foi-lhe fácil alcançar o perdão, mas por lá se deixa prudentemente ficar até à posse do novo Vice-Rei de Portugal, que só faria a sua entrada oficial em Lisboa a 1 de Maio de 1600. É então que edita as Opera Poetica de Jaime Falcão.*

*De volta a Portugal, reocupa as suas funções de capitão-mor e guarda-mor da saúde de Almada, serviços que, logo em 1601, vê recompensados com nova mercê de Filipe III — por alvará próprio, o monarca manda-lhe lançar o hábito de Cristo, com 50 000 rs. de tença.*

*Mas de novo o tenta o gosto da aventura. Talvez com o intuito de fazer fortuna, talvez pela necessidade de fugir a quaisquer consequências que ainda perdurassem do seu acto de desafronta, empreende então uma viagem à América espanhola.*

*Têm os biógrafos situado essa expedição entre 1584 e 1592. Sabe-se, porém, que por documento de 8 de Janeiro de 1604 D. Madalena de Vilhena dava procuração a César Borozelhe, morador em Sevilha, habilitando-o a receber o dinheiro e jóias que seu marido, Manuel de Sousa Coutinho, então ausente em Cartagena de las Índias, lhe enviara por um certo Fernão Garcia, piloto do galeão Santo Ambrósio, que, aliás, falecera na viagem <sup>8</sup>. No seu testamento há-de ele*

---

<sup>8</sup> Documentos publicados por Maria Clara Pereira da Costa (*op. cit.*, pp. 140-1).

igualmente aludir à aventureosa expedição, declarando que do Rio da Prata enviara um carregamento de cavalos para Angola, mas que as livranças através das quais o encarregado daquele governo assegurara o respectivo pagamento nunca haviam sido satisfeitas.

Entretanto as saudades da pátria, da mulher e da filha tornavam-lhe os dias arrastados, segundo confessa no poema latino *Navigatio Antartica*. Regressa, pois, a Portugal, onde a sua presença já aparece documentada em 15 de Março de 1608, data de uma procuração passada, em Almada, a Francisco Pires, morador nas Índias Ocidentais, o que prova ainda que ali deixara alguns interesses comerciais em suspenso.

Caem assim por terra as hipóteses de Lopes de Almeida acerca da morte da filha por ocasião da peste. E embora a biografia de Manuel de Sousa nos anos que vão decorrer até 1613 tenha recebido recentemente novos dados documentais, nem por isso se atenuou a sombra de mistério que envolve a súbita decisão de procurar com a mulher o refúgio do claustro dominicano — ele, em Benfica, sob o nome religioso de Fr. Luís de Sousa; ela no Convento do Sacramento, em Lisboa, com o de Sórora Madalena das Chagas.

O caso não era novo nem único. Citava-se outro, muito famoso, ocorrido breves anos antes, quando, por igual decisão, os Condes de Vimioso D. Luís de Portugal e D. Joana de Mendonça haviam professado, ele em S. Paulo de Almada, e ela, no mesmo Convento do Sacramento. Mas, nem por isso era menos insólito e a voz pública não tardaria decerto em tecer sobre ele naturais comentários que, com o tempo, se transformariam em romanesca lenda, à qual a crédula ingenuidade de Fr. António da Encarnação viria dar foros de verdade no «Prólogo e vida do Autor», acrescentados ao início da 2.<sup>a</sup> Parte da História de S. Domingos <sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Cf. ed. cit., vol. I, pp. 714-5.

*Apoiado não apenas no falar vário do vulgo, mas, segundo diz, «tomando informação de pessoas que disso tinham certa ciência», conta o cronista que um dia, morando o nobre casal na sua quinta de Almada, e estando ausente Manuel de Sousa Coutinho, chegara um peregrino vindo de longes terras. Admitido à presença de D. Madalena de Vilhena, que então se encontrava acompanhada do cunhado, Fr. Jorge Coutinho, contara que, andando a visitar os Lugares Santos de Jerusalém, aí conhecera um português e dele recebera a incumbência de vir dizer-lhe que ainda por lá vivia quem dela muito se lembrava. Perante a coincidência dos sinais dados pelo peregrino com os que conhecera no primeiro marido, D. Madalena desmaiara, e as dúvidas que ainda persistiam no espírito de Fr. Jorge logo se desvaneceriam quando, olhando para a galeria dos retratos da família Vimioso, o forasteiro identifica um deles com D. João de Portugal, que todos julgavam morto na batalha de Alcácer-Quibir.*

*Sabedor do caso, Manuel de Sousa Coutinho propusera então à esposa, como solução para aquele terrível pecado involuntário, a separação de um «santo divórcio», indo cada um amortilhar-se no escapulário branco de S. Domingos.*

*Não resta hoje a menor dúvida quanto à inconsistência da fábula, que daria ao génio de Garrett a matéria prima do seu Frei Luís de Sousa. A morte de D. João de Portugal em Alcácer estava já, à data do segundo casamento de sua mulher, documentalmente provada. Durante os anos do segundo matrimónio novas provas se acumularam em cartórios e chancelarias. E não é crível que a força de tantos e tão inquestionáveis documentos se visse de um momento para o outro definitivamente anulada pela nevoenta figura de um desconhecido romeiro.*

*A decisão pode ter resultado, mais simplesmente, de um acesso de fervor religioso, comum em Portugal naquele angustiado trânsito do século XVI para o seguinte, e assumido por consciente decisão de ambos os esposos, acaso desiludidos com o transitório de afectos e riquezas terrenas. Após longo e acidentado percurso, o espírito inquieto daquele fidalgo humanista encontrava talvez no claustro a*

possibilidade de salvaguardar perante si próprio os valores que via postos em causa numa sociedade insegura e desorientada.

Não estava isento de contradições, é certo. Porque, se fora um ideal de cruzada que conduzira o jovem pecador a alistar-se na milícia de Malta e se, movido pela apetência intelectual tão característica da primeira fase do nosso Renascimento, se entregara em Valência à doutrinação intelectual de Falcão, nem por isso resistira ao apelo da aventura comercial nas remotas paragens da América espanhola. Homem dividido entre o pecado e o dever, vira alternadamente na religião e no casamento a sua via de realização; cidadão que se quisera útil na actividade militar como no desempenho de cargos de assistência sanitária em tempo de paz, português dividido entre o acatamento da soberania estrangeira e a consciência da sua condição de súbdito vergado aos favores desse poder, mas pronto a sacudir orgulhosamente a prepotência que lhe pisava as isenções da sua fidalguia, Manuel de Sousa Coutinho aparece-nos como alguém em contínua e dolorosa busca de próprio, até encontrar porto e repouso no claustro dominicano, onde além do mais, podia gozar a vantagem de conciliar a fé com um sentido de cultura humanística aprofundado pela experiência e amadurecido pelos anos.

Bateu, pois, à porta de S. Domingos de Benfica, a pedir o hábito, tomando o nome de Luís «pola grande amizade que tinha com o Conde» de Vimioso, seu modelo na atitude que tomara, segundo o dizer de Fr. António da Encarnação.

Findo o tempo de noviciado, durante o qual «se acomodou com os ofícios de humildade, com os ofícios de mortificação e penitência, com a continuação do coro e mais comunidades [e] com a experiência das obediências»<sup>10</sup>, professou nas mãos do Prior Fr. João de Portugal, irmão de D. Luís, a 8 de Setembro de 1614, festa da Natividade de Nossa Senhora.

---

<sup>10</sup> *Ib.*, p. 716.

De olhos postos no exemplo de Fr. Luís de Sotomaior e de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, guardou extrema pobreza, severa austeridade e rigorosa penitência. As horas de ócio, enchia-as com os cuidados de corpo e de espirito prestados aos doentes, na humilde função de enfermeiro, até que, por preceito de obediência, se consagrou à elaboração da história da Ordem dos Pregadores e da biografia do Venerado Arcebispo de Braga, honra da família dominicana e espelho de virtudes para frades e prelados.

Na serena quietude do Convento de Benfica, lugar privilegiado em águas, árvores e flores (como se compraz em sublinhar no cap. III da 2.<sup>a</sup> Parte da História de S. Domingos), se aplicou Fr. Luís à tarefa, que muito agradável devia ser ao seu já tão antigo amor pela literatura.

Tinha, para a levar a bom termo, todas as condições. Dispunha da cultura dos livros e — o que era bem mais importante — da cultura de uma vida repartida por vários climas, tempos e lugares; de uma vida que, pelas mudanças, dúvidas, incertezas e sofrimentos nela implícitos, dera origem a um permanente enriquecimento espiritual. E, como se isso não bastasse, aquela dura experiência caldeava-se com uma sensibilidade fina e vibrátil, a envolver de suave e bela luminosidade a perspectiva que se viera fazendo dos homens e dos acontecimentos.

Começou certamente pela história da Ordem <sup>11</sup>. Em 1616, porém, a instâncias da Câmara de Viana do Castelo, mandou-lhe o Padre Provincial que retomasse a biografia de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires.

Vinha de longe a intenção de a escrever. Vivia ainda o santo Arcebispo quando Fr. Luís de Granada começara a reunir materiais para lhe celebrar as virtudes em texto escrito. Falecera, contudo, em 1588, deixado apenas esboçados os planos de alguns capítulos e fragmentos de outros,

---

<sup>11</sup> Ao narrar a visita de Fr. Bartolomeu dos Mártires ao Convento de S. Domingos de Bolonha, remete Fr. Luís para a *História de S. Domingos*, dando-a como de próxima aparição (cf. *infra*, p. 231).

depois aproveitados por Fr. Luís <sup>12</sup>. O encargo passara então para o Bispo de Viseu, D. Fr. António de Sousa, também Dominicano, mas sem melhor êxito, porque o prelado viria a falecer a 1 de Maio de 1597, sem nada ter adiantado <sup>13</sup>. Sucederá-lhe depois o cronista da Ordem Fr. Luís de Cacegas, que fora «solicito investigador e averiguador das cousas do Santo e [encherá] delas um crecido volume» <sup>14</sup>. Mas a morte, arrebatando-o em 1610, de novo deixara por concluir a tão almejada biografia. De todas estas vicissitudes dá conta Fr. Luís na carta que dirige à Câmara e moradores de Viana, datada do Convento de Santa Cruz ali fundado por D. Fr. Bartolomeu, aos 7 de Maio de 1619.

Chamado a continuar a obra, pôs o novo responsável dela todo o empenho em transformar os informes materiais recebidos dos seus antecessores, num «edifício de boa história». Em breve, porém, se deu conta de que o que tinha não chegava. Havia, por isso que proceder a investigação própria. Faz múltiplas diligências no sentido de aumentar a documentação. Manuseia autógrafos do Arcebispo, em especial cartas e o itinerário da sua viagem ao Concílio de Trento <sup>15</sup>. Utiliza testemunhos directos de pessoas que o haviam conhecido, entre os quais o de D. Fr. Agostinho de Jesus, seu sucessor na cadeira episcopal de Braga, recolhido por Cacegas que lá se deslocara propositadamente <sup>16</sup>. Reúne documentação da Torre do Tombo, graças à colaboração do Lic.º Gaspar Álvares de Lousada, e obtém de D. Fernão Álvares de Castro o original de uma carta que seu pai, D. Álvaro de Castro, embaixador

---

<sup>12</sup> Cf. *infra*, p. 701. Outras referências ao trabalho de Fr. Luís de Granada e ao estado incipiente em que ele o deixara ocorrem ainda a pp. 511, 665, 675, 699 e *passim*.

<sup>13</sup> Cf. Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*. Nova ed. preparada e dirigida por Damião Peres. Porto, Livraria Civilização, vol. II, p. 672.

<sup>14</sup> *Infra*, p. 4.

<sup>15</sup> *Infra*, pp. 295 e 304.

<sup>16</sup> Cf. *infra*, pp. 14, 197-9 e 675.



*em Roma quando do Concílio, de lá dirigira a D. Sebastião*<sup>17</sup>. Não se poupa a esforços para tudo esclarecer em pormenor. E só depois de tão cuidadosa preparação prévia empreende a redacção que, em princípios de Janeiro de 1618, estava já bastante adiantada, até porque muito aproveitou dos textos deixados por Cacegas.

No início do ano seguinte<sup>18</sup> a obra estava concluída e dava entrada nos prelos de Nicolau de Carvalho, em Viana do Castelo, para ser impressa a expensas da Câmara agradecida à memória do Arcebispo que tanto venerara em vida.

Nela pusera o Autor todas as suas qualidades e aptidões, que eram muitas. A sua formação de humanista — cita com equilibrada parcimónia Plínio, Ptolomeu, Políbio, Cícero, Horácio, Tito Lívio, Plutarco, Séneca, Diógenes de Laertes, e vários outros — juntava-se um razoável conhecimento dos historiadores da Península (em especial Florian de Ocampo, Illescas e Fr. Prudêncio de Sandoval) e dos cronistas da sua Ordem, um contacto diurno e nocturno com o Antigo e Novo Testamento, bem como com alguns dos seus comentadores mais divulgados, os Padres da Igreja e os textos da liturgia e do ofício coral.

Teve, porém, o condão de fugir à sedução, de uma cultura livresca, dando maior peso à sua própria experiência da vida e à visão que dela se viera forjando ao longo dos anos, como bom aluno que fora da Universidade do Mundo, segundo a feliz e eloquente expressão do Padre António Vieira, quando, no parecer para a impressão da 3.<sup>a</sup> Parte da História de S. Domingos, radicava a propriedade da sua linguagem na sua multimoda experiência humana.

Com efeito, ao deixar o século, não despira o frade os ornamentos de um saber feito de experiência, nem apagara da memória o seu conhecimento do mundo. Daí que os acontecimentos por ele narrados, mesmo se situados num pas-

---

<sup>17</sup> Cf., para o primeiro, *infra*, pp. 421, 426 e 631 e, para o segundo, p. 675.

<sup>18</sup> As licenças para a impressão estão datadas de Março de 1619 e as de venda, de 15 de Novembro do mesmo ano.

sado já longínquo, se animem de frêmitos de vida, onde o visualismo e o conhecimento directo presentificam e dramatizam figuras, casos ou sentimentos que o tempo consumira, mas que a magia do seu poder criativo ressuscitava em cada página.

Um exemplo eloquente desta capacidade de criar história viva pela experiência é o da narração do cerco de Mazagão. Decorriam os trabalhos na aula conciliar de Trento, quando chega uma carta do Papa ordenando a celebração de uma solene função litúrgica em acção de graças pela vitória dos Portugueses naquela praça africana. E eis que, repentinamente, de sob o escapulário monástico, ressurgue o arnês do cavaleiro, forçando o escritor a uma bellissima divagação, na qual os lances dos assaltos e defesas, a táctica dos sitiados e dos sitiantes, as manhas e máquinas de guerra e a azáfama da peleja, tudo se reconstitui, como se ele presente tivesse estado, num discurso dinâmico e vivo, expresso numa linguagem própria e num ritmo animado, onde os conhecimentos técnicos se conjugam perfeitamente com a vibração quase épica do sentido da vitória. O entusiasmo alcança tal fervor que, um pouco envergonhado de tão flagrante quebra da sobriedade fradesca que se impusera no tratamento de matéria tão grave e diversa dos sobressaltos da guerra, o narrador encerra o capítulo que se alongara por uma quase dezena de páginas, com estas palavras: «Mas temo-nos divertido muito; rezão é tornarmos ao santo Concílio»<sup>19</sup>.

É, pois, sobre estes fundamentos que vai erguer-se a obra narrativa de Fr. Luis de Sousa, na qual o escritor, o biógrafo e o historiador se conciliam com harmonioso equilíbrio.

Se o objectivo do Autor era, neste caso, fazer a biografia do famoso Arcebispo D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, nem por isso ele perdeu de vista a necessidade de, como

---

<sup>19</sup> Vide *infra*, p. 194. Das 10 páginas do cap. (o XI do Livro II) 8 são consagradas à narração do feito militar.



historiador, traçar o quadro contextual que lhe servisse de pano de fundo, em termos de panorama social e até de paisagem tanto geográfica como humana, valor para o qual Fr. Luís — bem o arrepio da sua época — teve especial sensibilidade. Vejam-se, a comprová-lo, as páginas de ingénua beleza em que narra as digressões pastorais do Arcebispo pelas alturas de Barroso, ou a descrição da desafogada paisagem que ele gostava de contemplar da varanda do Mosteiro de S. Salvador da Torre <sup>20</sup>.

Deste modo se compreende o cuidado por ele posto na pesquisa documental e a sua preocupação em visitar os lugares onde o biografado vivera, bem como a reiterada e consciente assunção da sua qualidade de historiador, pela qual se lhe tornava lícito emitir opinião pessoal acerca da matéria narrada, arvorando-se assim em mestre de verdade <sup>21</sup>.

É certo que a figura do Arcebispo se vê favorecida por uma clara e confessada intenção panegirista, que visa com toda a evidência a sua canonização. A este propósito queixa-se dos contemporâneos de D. Fr. Bartolomeu porque, descurando-se de registar os casos miraculosos ocorridos por sua intercessão, tinham deixado a sua história em estado tal que não servia «pera — confessa — pretendermos e fundarmos a canonização de quem merecia a Deus favores tão raros» <sup>22</sup>. E é ainda em nome dessa mesma crença no poder taumatúrgico do biografado, que, ao narrar os sucessos posteriores à sua resignação, alguns dos quais, pela sua ingénua beleza poética lembram tesouros de vitrais ou iluminuras de velhos livros de horas, lhe antepõe quase sempre o qualificativo de santo.

---

<sup>20</sup> Cf. *infra*, pp. 334 e segs. e 560.

<sup>21</sup> Vejam-se afirmações como estas: «se é lícito darmos nosso parecer como é obrigação do ofício que fazemos de historiador» (p. 84); «Obriga-nos o zelo do bem comum, e o ofício de historiador, que é dar parecer nas matérias» (p. 785).

<sup>22</sup> *Infra*, p. 402. Vejam-se igualmente as pp. 673, 781 e *passim*.

*Nem por isso, todavia, a figura de Fr. Bartolomeu surge menos verdadeira, num perfil marcado por fundos traços de humildade, caridade, pobreza e oração, mas também de frontalidade e alto sentido da dignidade episcopal, e numa personalidade servida por uma agudíssima inteligência e por uma tenacidade que chega a tocar as raiais da teimosia.*

*Raras vezes descritos, esses traços revelam-se e avultam sobretudo através da narração do quotidiano, em que cada acto e cada palavra do Arcebispo aparecem dotados de um significado próprio, mas são ao mesmo tempo portadores, para além dele, de um contributo que visa transformar o indivíduo num paradigma de comportamento evangélico. Desta preocupação nasce, aliás, uma curiosa mudança na organização estrutural da diegese, quando, no início do cap. XXVII do Livro III, o Autor decide abandonar a narração cronológica dos factos para, à maneira dos hagiógrafos, seguir um plano estabelecido segundo os actos mais reveladores da personalidade do protagonista ou, mais tarde (cap. XI do Livro V), segundo as suas virtudes, ordenadas à semelhança das fórmulas do catecismo<sup>23</sup>.*

*As características da matéria e as funções do discurso condicionam assim a macro-estrutura da obra, para a qual o escritor, dotado de um singular sentido das proporções, giza um plano bem definido e deveras harmonioso: divide a obra em seis livros, ocupando o primeiro com a vida do Arcebispo desde o seu nascimento até à partida para o Concílio de Trento; o segundo com a viagem (excelente revelação da sua capacidade de «jornalista») e os trabalhos conciliares; o terceiro com a aplicação dos decretos após o regresso; o quarto com a múltipla actividade do prelado no governo da sua vasta diocese e do senhorio temporal de Braga; o quinto com a narração da sua morte, sepultura e virtudes; e, por fim, o sexto com a notícia da trasladação e das festas realizadas em Viana para assinalar aquele jubiloso acontecimento.*

---

<sup>23</sup> Cf. *infra*, pp. 424 e 617 e segs.

Narrados os grandes sucessos, enfeizava depois os menores, independentemente dos lapsos cronológicos que os separavam, em capítulos especiais <sup>24</sup>.

Mas Fr. Luís de Sousa nunca é um narrador frio e distanciado da matéria que narra. Não só se converte em panegirista do biografado (intenção perfeitamente natural), como, em nome da finalidade pedagógica que, bem dentro da sua concepção de história, nunca perde de vista, se autoriza a estender o discurso para além dos limites prescritos nos tratados de Retórica, como acentua logo no cap. I do Livro I <sup>25</sup>. E a mesma razão explica as frequentes intromissões, de conteúdo moralista, a que não se furta, quer se trate do perigo de desagradar ao príncipe nas cortes da terra, quer sublinhe a finalidade edificante das hagiografias, defina o método do bom governo nos tempos antigos, comente a tendência para interpretar o transcendente pela estreita medida do humano, censure a caridade praticada de envolta com reparos, ou discorde das corridas de touros <sup>26</sup>.

Por vezes a consciência do abuso que, pela diferença da matéria, algumas dessas intromissões acarretam obriga-o a justificar-se. Assim acontece quando, por exemplo, depois de narrar a passagem do Arcebispo por Burjularós e o acolhimento que encontrara na pousada de la Santa (acolhimento que Cacegas recebera, vindo de Roma, em 1571), conclui:

Esta breve digressão é digna de perdão, visto ser feita por agradecimento, e em memória de virtude, e paga de benefício recebido, em em prova da informação que foi dada ao Arcebispo <sup>27</sup>.

---

<sup>24</sup> Veja-se como, por vezes, o Autor tinha o cuidado de avisar o leitor dessa mudança de organização: «Notícia temos de outras particularidades [...] Guardamo-las, por serem cousas mais miúdas, pera irem juntas neste capítulo, inda que foram bem divididas em tempo» (*infra*, p. 213).

<sup>25</sup> Cf. *infra*, p. 10 e também p. 785.

<sup>26</sup> Cf. *infra*, pp. 249, 275, 331, 426, 545, e 784-5.

<sup>27</sup> *Infra*, p. 303.

*Apesar de tais demoras, o discurso corre fluente e bem ritmado, numa variedade extraordinária de pequenos quadros, breves ocorrências, animadas actuações das personagens, tudo organizado em função das virtudes que exornam e definem a figura do santo prelado, por esse artifício transformado no elemento que confere sequência e unidade a toda a obra. E que beleza e quanta poesia, ora ingénua, ora levemente maliciosa, mas sempre reverente e comovente, a desses quadrinhos assim convertidos em outros tantos pedaços de vida!*

*Os diálogos, por vezes de uma brevidade deliberadamente incisiva, cortam a regularidade do enunciado narrativo, aproveitando pequenas historietas sobre breves acontecimentos e contadas com maravilhosa simplicidade: o encontro com o pastorinho, os esforços do Arcebispo durante a viagem a Trento para não ser conhecido e honrado, as partidas do Cardeal de Lorena para lhe impossibilitar os disfarces de humildade, a entrega da própria cama à velha que queria casar a filha, o «milagre» do urso, e tantos outros.*

*Os longos discursos admonitórios revelam um excelente conhecimento dos preceitos retóricos. Nem importa se são inventados, como (tudo leva a crê-lo) aquele que o Arcebispo profere quando, ao avistar Roma, com «os joelhos em terra e cheio de alegria e devação em seu espírito», saúda a Cidade Santa para, logo a seguir, advertir os companheiros das virtudes e pecados que nela se viviam<sup>28</sup>. Mas oferecem novo factor de variedade, o mesmo podendo dizer-se das várias cartas embutidas no texto, umas latinas, outras em vernáculo que dão, além do mais, lugar a outros narradores secundários.*

*As personagens do protagonista e dos seus comparsas na história vivem vida própria, ressuscitadas que são, em cores, dimensões, gestos e palavras, pelo seu já sublinhado visualismo, usado aliás na obediência ao conceito horaciano do ut pictura poesis dele bem conhecido e por ele invocado<sup>29</sup>.*

---

<sup>28</sup> *Infra*, p. 238.

<sup>29</sup> *Cf. infra*, pp. 732 e 744.

*Mas nem só essas personagens se agitam. A tríade autor/ /personagem/leitor ganha na pena de Fr. Luís de Sousa uma real consistência e evidência.*

*O narrador aproxima-se conscientemente do leitor, não apenas através das intromissões já referidas, que lhe são directamente endereçadas, mas graças à facilidade com que por vezes o primeiro se precavê contra uma possível desconfiança do segundo, dizendo-lhe, por exemplo: «Não deve parecer a ninguém, à vista deste caso, que pomos em risco o crédito da história...»<sup>30</sup>.*

*Mais curiosa ainda, e de grande novidade, é a sintonia ou simpatia (no sentido etimológico) que liga o biógrafo ao biografado. O narrador chega a exprimi-la explicitamente, entre outras vezes, no início do cap. I do livro III, ao relatar a entrada do Arcebispo em Portugal, no seu regresso de Trento:*

*Não sei que doçura encerra em si este nome da pátria que, vendo entrar o Arcebispo nela, assi nos alegra escrevendo, como se com ele fôramos peregrinando e com ele tornáramos triunfando<sup>31</sup>.*

*Chega a não hesitar em se lhe dirigir, entre familiar, venerador e respeitosa-mente irónico, utilizando o discurso directo, à semelhança do que faziam certos pregadores barrocos (Vieira, por exemplo, no famoso Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda), que ousavam increpar directamente os Santos que louvavam e até a própria Divindade, presente na Eucaristia. Veja-se o início do cap. VI do Livro IV:*

*Ora, santo Arcebispo, chegados somos a tempo que, em lugar de coroa de verdadeira honra e glória [...] haveis de ser reprimido! E vós, que sois prelado, e pas-*

---

<sup>30</sup> *Infra*, p. 465.

<sup>31</sup> *Infra*, p. 315.

tor, e juiz, haveis de ser chamado a juízo e residência, em tribunal de seculares, e súbditos, e ovelhas vossas... <sup>32</sup>.

*Deste modo, entre a harmonia e a variedade, se organiza o discurso de Fr. Luís de Sousa. O grande segredo da sua perfeição reside, porém, na mestria da elocutio, o mesmo é dizer que nas qualidades ímpares do seu estilo, cujos fundamentos principais são, por um lado, o excelente conhecimento da sintaxe latina e, por outro, o exemplar domínio da língua portuguesa, em todas as suas virtualidades semânticas, fônicas, morfológicas e sintáticas.*

*Do primeiro desses fundamentos depende a cristalina clareza da frase, mesmo quando, pela abundância dos seus elementos constitutivos, os períodos se desenvolvem em longas seqüências. Veja-se, como simples exemplo entre muitos possíveis, logo o segundo parágrafo do cap. I do Livro I <sup>33</sup>. O escritor pretende frisar como, relativamente à Igreja de Braga, Deus usara sempre de especial protecção. O discurso organiza-se então segundo um esquema binário, apoiado numa construção simétrica, presente em cada um dos seus segmentos, cujos membros aparecem no entanto semântica e sintacticamente diferenciados.*

*A Divina Majestade agira movida por dois atributos (cuidado e protecção). Essa protecção traduzira-se, logo no começo da sua história, por dois actos: fundá-la e regá-la. O primeiro destes membros, por sua vez, desdobra-se em novo binómio sintáctico (pregação e doutrina), enquanto o segundo se prolonga por um complemento de modo (com o sangue de seu primeiro prelado, S. Pedro de Rates), constituído por um único sintagma, depois continuado por dois apostos (companheiro e discípulo).*

*A continuidade da protecção divina traduz-se, depois, pelo recurso ao particípio presente, em dois longos segmen-*

---

<sup>32</sup> *Infra*, p. 467.

<sup>33</sup> *Infra*, pp. 9-10.



tos apoiados em dando-lhe e em provendo-a. O primeiro tem como objecto directo um substantivo duplamente qualificado (esclarecidos e valorosos prelados), prolongado ainda por uma proposição relativa (que com sua virtude e santidade estabeleceram aquela cadeira e primacia de Espanha), na qual tanto o agente (virtude e santidade) como o objecto directo (cadeira e primacia), são igualmente bimembres; e por novo apostro (muitos dos quais estão hoje honrados por Santos pela Santa Madre Igreja de Roma), frase longa, a acentuar um solene andamento de ritmo. O segundo segmento alarga-se através de um objecto directo singular (um Arcebispo), projectado depois por uma consecutiva (de tal valor que), por sua vez bipartida numa aditiva (não só... mas ainda). No primeiro membro dela o resultado da acção do sujeito triparte-se em reformar, emendar e reduzir, enquanto o segundo se estrutura em função de nova consecutiva (tanto peso que).

A subordinação e a coordenação, o assíndeto e o polisíndeto, o recurso ao inciso para variar o ritmo ou para precisar conteúdos semânticos, conjugam-se com tal arte que, apesar da manifesta ciência da escrita, a prosa assim criada surge com uma aparência tão natural que a diríamos espontânea<sup>34</sup>.

O discurso ora caminha sereno, através da frase bem lançada, ora se desdobra em solene cadência de sortílega eufonia, ora se agita em passos sacudidos de nervosa impaciência expressiva, pelo recurso ao período curto, embora não regularmente igual. Vejam-se alguns parágrafos do já citado passo em que descreve o cerco de Manzagão<sup>35</sup>.

A mutação de ritmo, não raro aparece acompanhada (e, por conseguinte, é em certa medida marcada) pela brusca

---

<sup>34</sup> Cf. Maria de Lourdes Belchior, «Um prosador da Idade Barroca: Frei Luís de Sousa biógrafo de Fr. Bartolomeu dos Mártires». in *Os homens e os livros. Séculos XVI e XVII*. Lisboa, Verbo, 1971. pp. 219-40, em especial pp. 221-4.

<sup>35</sup> Cf. *infra*, p. 190.

*mudança dos tempos, modos e vozes verbais. Antecipemos um sugestivo exemplo:*

*«Passava de um lugar pera outro um dia pela manhã cedo. Oferece-lhe à vista um minino que, com muita pressa e afadigado, pelo mesmo caminho que ele levava, vinha caminhando contra o lugar de que acabava de sair.*

*Não sei que notou ou que podia notar nele. Chama-o, pergunta-lhe pera onde vai tão de manhã assi apressurado. Respondendo que pera o lugar que aparecia, donde ele saira, segundou o Arcebispo perguntando o que ia lá fazer ou buscar. Responde que o mandava seu pai, porque soubera que ia o Arcebispo visitar aquela manhã. Perguntando quem era o pai, não soube a inocência acautelar-se nem esconder nada, declarou simplesmente o nome e estado, donde ficou entendido e descoberto ser o abade da mesma igreja e lugar pera onde iam <sup>36</sup>.*

*O conhecimento que tinha da língua permitiu-lhe uma exacta e sugestiva expressão no simples plano da denotação (seria longo e inoportuno exemplificar agora este aspecto que o leitor pode verificar em cada uma das páginas que vão seguir-se), mas, sobretudo, propiciou-lhe uma rica roupagem estilística, exemplarmente mantida embora nos limites de uma bem doseada sobriedade, e sempre adequada com tão impecável propriedade às formas de conteúdo que chega a servir-se do significante, tanto no plano semântico como no sintáctico, para hierarquizar os valores do significado.*

*Manejando com excelente perícia todas as regras da elocutio, pôde fazer estilo sem deixar-se subjugar pela sedução, tão comum na sua época, dos tropos e das figuras.*

*Entre as figuras privilegiadas na sua escrita distingue-se a metáfora, que vale e vive, não pelo peregrino da rebuscada agudeza, mas pela força expressiva da relação semântica em que se apoia. Ora isolada, como quando, a propósito*

---

<sup>36</sup> *Infra*, p. 371.



dos dissídios com o cabido, opõe à impotência dos seus antecessores mais poderosos, a força moral do Arcebispo, embora «pobre fradinho [...] enfronhado em ùa pouca de estamemha velha»<sup>37</sup>. Ora multiplicada pelo recurso a um mesmo campo semântico, por vezes em clave de antinomia, como quando, ao descrever um caso de peste verificado numa nobre dona que fugira de Viana para escapar ao contágio, diz que, ao chegar a Ponte de Lima, as faíscas que já levava no seio, lavram e levantam labaredas, até que «o desemparo, o lugar o pavor, a força do veneno — note-se a enumeração amplificante em gradação, outro recurso muito seu — iam consumindo, por momentos, a fraca candeia da vida»<sup>38</sup>.

Outra figura de grande utilização é a comparação («neste ano houve muitos ricos que, como sambexugas, engrossaram do sangue dos pobres»<sup>39</sup>), por vezes alargada às dimensões do símile, de que antecipo, como exemplo, o passo que encerra o Livro I, ao comparar a oração do Arcebispo quando, no fim da tarde, subia a um eirado do Paço episcopal, com os trinados do passarinho, no mistério das sombras crepusculares:

...subia sobre tarde a um eirado que mandou fazer em ùa casa das mais altas do paço e, como passarinho, que, depois de andar todo dia ocupado na fábrica de seu ninho, quando vai caindo o sol e a sombra dos montes crescendo, estende as asas polo ar, dando ùas voltas alegres e desenfadadas, que parece não bole pena, ou, posto sobre um raminho, canta descansadamente, assi, alargando os olhos polas serras e outeiros que do alto se descobriam, estendia os de sua alma às maiores alturas do céu, voava com a consideração, por aquelas eternas moradas, desabafava e, em voz baixa, entoava de quando em quando alegres hinos<sup>40</sup>.

---

<sup>37</sup> *Infra*, p. 381.

<sup>38</sup> *Infra*, pp. 426-7.

<sup>39</sup> *Infra*, p. 465.

<sup>40</sup> *Infra*, p. 138.

*Note-se, de passagem, a harmoniosíssima eufonia do ritmo e, entre vários outros recursos, a simetria sintáctica e semanticamente antinómica da frase «quando vai caindo o sol e a sombra dos montes crescendo», bem como a enumeração estendia... voava... desabafava e... entoava.*

*Os provérbios, curtas citações apotegmáticas tiradas dos textos litúrgicos, os incisos, as reticências, as apóstrofes, as antíteses, as anáforas, as enumerações bimembres, mas também, muitas vezes, trimembres e plurimembres, dispostas em gradação, constituem outros tantos processos de ornar o discurso de uma discreta beleza.*

*Uma beleza não raro salpicada de graça ou de ironia pela utilização muito frequente da paronomásia, em frases como:*

*já alevantados do mundo tamanho espaço e com tantos passos menos pera o Céu;*

*mas a culpa é dos que mandam, que deram em fazer mais honra à melhor capa, não à melhor cara;*

*acudia com presteza e esperteza*<sup>41</sup>.

*Célebre ficou a antanaclase do próprio D. Fr. Bartolomeu, jogando com o lexema Braga no duplo sentido de topónimo designativo da sua diocese e do grilhão com que lha tinham prendido à perna.*

*Deste modo, a prosa de Fr. Luís de Sousa, dotada embora de exemplar correcção e de cristalina clareza de estrutura, mantém como característica dominante a coloquialidade, para a qual contribuem ainda, com não menor peso, a simplicidade da linguagem, que não enjeita formas populares (ainda há pouco encontrámos sambexuga!), ditados, sufixos de sabor levemente pejorativo e, com ênfase muito especial, os diminutivos, ora com intenção hipocorística, como no céle-*

---

<sup>41</sup> *Infra*, pp. 299, 636 e 662.

bre trecho do pastorinho que, esfarrapadinho, vigiava umas pobres ovelhinhas, sem se resguardar do frio;<sup>42</sup> ora para traduzir a humilde pequenez e miséria do homem, como quando, ao narrar o passamento do Arcebispo, o vê «agonizando em cruelíssimas dores, e do martírio delas tornado um bichinho»<sup>43</sup>; ora para, por ironia, ensinar doutrina, como quando fala do fumozinho da vanglória<sup>44</sup>.

Na visão muito própria que o Autor teve da vida — uma visão feita de amor, de simplicidade, de humanidade e da permanente consciência da transitoriedade de tudo quanto é humano, quando considerado em si, contraposta à eternidade que adquire logo que visto com os olhos do divino — está verdadeiramente a origem da escolha das formas de expressão para um discurso narrativo, cuja beleza marca, afinal, o apogeu de uma evolução que, na produção da prosa portuguesa, vinha desde Fernão Lopes. E foi através dessa alquimia verbal que o culto Dominicano soube transformar a história em arte, o passado em presente, a vida em poesia, deixando na biografia do venerado Arcebispo Bracarense uma das manifestações mais belas da língua portuguesa, num monumento cuja perenidade o tempo não consumirá.

Aníbal Pinto de Castro

---

<sup>42</sup> *Infra*, p. 76.

<sup>43</sup> *Infra*, 586.

<sup>44</sup> *Infra*, p. 619.

## NOTA

No estabelecimento do texto seguimos (o Doutor Gladstone Chaves de Melo e eu) a lição da edição *princeps*<sup>45</sup>. Modernizámos a grafia sempre que tal modernização não desvirtuasse a realização fonética da época da escrita. Fiéis a esse critério, mantivemos as formas alternantes que, como é sabido, representam realizações diferentes mas simultâneas, fenómeno comum em períodos de transição linguística. Não se estranhem, pois, grafias duplas do tipo de *embaixador / embaador*, *razão / rezão*, *depois / despois*, *assi / assim*, *conciência / consciência*, *pera / para*, etc. E por esse mesmo princípio mantivemos por vezes a grafia *vêm* para a terceira pessoa plural do indicativo presente de *ver*.

A inteligibilidade do texto não sofrerá com isso e o discurso manterá íntegro o seu sortilégio, não se perdendo nenhum dos efeitos estilísticos que o Autor tantas vezes quis deliberadamente obter com as modulações da língua que ele próprio falava.

---

<sup>45</sup> VIDA / DE DOM FREI BERTOLAMEV / dos Martyres da Ordé dos Pregadores / ARCEBISPO E SENHOR DE / BRAGA PRIMAS DAS ESPANHAS / Repartida em seis liuros com a soleni =/ dade de sua tresladação / Por Frei Luis Cacegas da mesma Ordé / & Cronista della na Prouincia de Portugal. / Reformada em estilo & ordem & ampliada / em sucessos & particularidades de nouo achadas / por Frej Luis de Sousa da mesma Or =/ dem & filho do conuento de / Bemfica. / / Impressa na notauel Villa de Viana a custa da mesma Villa por / / Niculao Carualho Impressor de S. Mg.<sup>de</sup> Anno 1619 [Os dizeres do frontispício aparecem enquadrados por uma bela gravura representando um pórtico a cujas colunas se encostam as figuras da Fé e da Esperança e em cujo tímpano se representa a Caridade. Na base, as armas de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires e, ao cimo da portada, a sua divisa *Ardere et lucere*].



A VIDA DE  
D. FREI BERTOLAMEU DOS MÁRTIRES



À CÂMARA E GOVERNO DA NOTÁVEL VILA DE VIANA  
E A TODA A MAIS NOBREZA E POVO DELA,

FREI LUÍS DE SOUSA S.

OFEREÇO a Vossas Mercês, neste livro, a vida do nosso, ou pera melhor dizer, do seu santo Arcebispo D. Frei Bertolameu dos Mártires. Assi o souberam Vossas Mercês amar em vida e venerar despois de morto, assi o souberam estimar vivo e abraçar-se com suas relíquias despois que seu espírito as deixou, que nos fazem enveja e, não sei se diga, vergonha, aos que, por irmandade de hábito e profissão, devíamos no mesmo aventajar-nos, quando estremos não fizéramos.

E não peço perdão aos meus de falar assi. Porque ninguém entre nós pode negar que sair hoje à luz esta memória de suas gloriosas obras se deve mais às instâncias de Vossas Mercês que a nossa diligência. Seja humildade ou pejo natural de celebrar cousas que tornam em louvor próprio, seja confiança sobeja ou generosidade de ânimos, queixa é antiga dos filhos desta Província sermos pouco cuidadosos em desenterrar, não só em ilustrar e levantar com meios e cores estudadas, as maravilhas de valor e santidade que Deus nela nos tem dado.

Sintindo este descuido, o devotíssimo Padre Fr. Luís de Granada começou, quarenta anos atrás e ainda em vida do Santo, a ir apontando algũas de suas virtudes e obras heróicas; mas desemparrou a vida a ele primeiro que ao Arcebispo, e ficaram entre os borrões as poucas que tinha notado. Desejou-se novo escritor por morte de ambos. Tomou



o negócio a peito pessoa digníssima, qual era o Bispo de Viseu, D. Frei António de Sousa, por letras, por engenho e eloquência, bem achado Homero para tal Aquiles. Porém foi desejo sem efeito, porque após os cuidados da prelacia foi salteado de infirmitades e logo da morte, ordinário termo delas. Daqui deceu o cargo e o cuidado ao Padre Fr. Luís Cácegas que, como Cronista que era da Província, foi solícito investigador e averiguador das cousas que havia do Santo e encheu delas um crecido volume no qual havia alguns anos que também estavam como enterradas, quando Vossas Mercês, no ano de 616, vendo passados vinte cinco depois de sua morte e seis depois da tresladação, começaram a instar e requerer, por não dizer espartar, os nossos Padres que não deixássemos perecer ùa memória de tanta honra nossa e glória de toda a Religião e do Reino. E porque se não dissesse que eram vozes sem obras ou vontade sem braços, não consintindo que de nossa parte se pusesse mais que mãos e cuidado, acudiram logo a Lisboa com o custo da impressão, liberal e efectivamente, e assi mostraram que não somente não devemos pôr em dúvida se é o Santo seu ou nosso, mas que a verdade é ser mais propriamente de Vossas Mercês que nosso.

Com estes penhores de verdadeira devação se deu por obrigado nosso Padre Provincial a mandar ver com prontidão o estado dos escritos do Padre Cácegas. E parecendo que o que estava feito não era tanto história formada como materiais juntos para se formar edificio de boa história, assentou e mandou que fosse eu o architecto e o alvener que de novo a traçasse e alevantasse. E havendo dous anos que ando com as mãos na obra, venho agora de seu mandado presentá-la a Vossas Mercês e juntamente reconhecer com as devidas graças que só a Vossas Mercês ficará devendo a nossa Religião em particular e o mundo em gèral todos os bens que desta lição nela e nele resultarem, que esperamos sejam muitos e muito grandes, polos famosos exemplos de virtude e santidade que por toda vão semeados. E pera que Vossas Mercês estimem isto mais e notem, com ânimo cristão e lembrado, como paga Deus qualquer ser-

viço que se Lhe faz em honra de Seus servos e da Religião, ordena Sua divina bondade que este que Vossas Mercês lhe fizeram, sem ter olho a outro fim mais que à maior glória do Santo que amam, torna tanto em interesse de seus autores que, sendo vida do Arcebispo, fica juntamente panegírico de Vossas Mercês e crónica desta vila, porque nela acharão Vossas Mercês descoberta e apurada a alta antiguidade do nome e fundação primeira desta vila e o ilustre tronco dos moradores dela, com a santidade e valor de três insignes Mártires, que com glorioso sangue regaram suas praças nos tempos da gentildade, antiquíssimos. Acharão as muitas mercês e favores que seus antepassados, por merecimento de obras e valor, alcançaram dos Reis pera esta vila, aventajando-a em diferentes tempos a outras grandes e nobres de Portugal, em preminência de título, em honra de lugar e assento nos autos públicos do Reino, e o que é mais, em crédito e confiança de governo, fiando dos naturais dela o cargo de a capitanearem em paz e em guerra. Aqui verão Vossas Mercês particularmente contada a santa e generosa determinação com que a nobreza e povo desta vila se opôs aos estados eclesiástico e secular da cidade de Braga, quando, com ânimo não menos pio e digno de ãa tal cidade, eficazmente pretendiam o corpo defunto de seu arcebispo e senhor. Aqui reconhecerão e terão sempre presentes as grandes despesas com que todos Vossas Mercês se empregaram em festejar sua tresladação, que foram excessos notáveis de amor, de liberalidade e magnificência. O que tudo estendidamente relatamos como parte principal desta história, bastante matéria pera dar a Vossas Mercês e a todos seus herdeiros e sucessores coroas de imortalidade em todo o tempo e lugar que se ela ler.

E contudo, sendo essas honras tão merecedoras de serem estimadas, fica-lhes a Vossas Mercês, em lugar de outra nova coroa e nova glória diante de todas as grandes vilas e cidades da Cristandade, o cuidado que tiveram de pagar com novo género de agradecimento a este grande português a escolha que fez de viver e morrer e ficar sepultado entre Vossas Mercês, levantando-lhe hoje no teatro do mundo ãa

famosa estátua: estátua pera Vossas Mercês e pera ele, composta de tal firmeza que vencerá em perpetuidade todos os mármore e bronzes da terra. Porque sendo memórias de muita glória para o Santo o rico edificio da sepultura, a sumptuosidade das festas, o amor e contendas por conservação de suas relíquias, e sendo as mesmas de grande nome pera Vossas Mercês e não menos importantes os titulos que possuem de antiguidade e nobreza, de honras e privilégios dos Reis, contudo, enquanto não subiam ao ponto que Vossas Mercês agora lhe souberam dar, eram ãas memórias quasi da mesma estofa que as pirâmides dos egípcios, as quais, com serem de tanto preço que se fizeram contar entre as célebres maravilhas do mundo, eram todavia memórias mudas e sem movimento, sujeitas a ruína e esquecimento e como mortas. Mas livro escrito é memória viva e estátua animada, com tantas línguas pera publicar essas grandezas como tem letras; com tantas asas pera voar e as fazer estimar por todos os fins da terra como tem folhas; com tanta vida, pola que recebe e renova em virtude da impressão, que fica fénix na isenção das injúrias do tempo e da idade. E tanto com maior certeza quanto nesta obra houve mais de religião e cristandade de parte de Vossas Mercês e menos de respeitos humanos.

Aquele Senhor que tal ânimo deu a Vossas Mercês lho conserve com grandes adiantamentos de bens e prosperidades de toda esta vila e povo, pera se empregarem sempre em maiores serviços seus.

Deste convento de S. Domingos de Viana, 7 de Maio, de 1619.

LIVRO I  
DA  
VIDA DE D. FREI BERTOLAMEU DOS MÁRTIRES  
  
da Ordem dos Pregadores  
Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Espanhas



## CAPÍTULO I

### *Do nascimento e criação de D. Fr. Bertolameu dos Mártires.*

Não se pode duvidar que há muitas províncias, cidades, casas e pessoas que Deus Nosso Senhor, por Suas misericórdias, favorece com mais particulares mercês, com maiores graças e prerrogativas que outras. É Senhor universal, é tudo Seu, do Seu dá e reparte como é servido. Assi o disse no Evangelho <sup>1</sup>, por boca do pai de famílias, aos que trabalhavam na vinha. Assi o tinha dito muito antes, falando de Jacob e seu irmão: que amara um e aborrecera outro <sup>2</sup>. São ocultos conselhos, abismo imenso de Sua incompreensível providência.

Temos bem claro exemplo no cuidado e protecção paternal com que a Divina Majestade olhou sempre a Igreja de Braga desde o dia que foi servido fundá-la com a pregação e doutrina do Glorioso Apóstolo e patrão de Espanha, Santiago, e regá-la com o sangue de seu primeiro prelado, S. Pedro de Rates (sobrenome do lugar do martírio), companheiro e discípulo dos mais amados do mesmo Apóstolo, dando-lhe por todas as idades esclarecidos e valerosos prelados, que com sua virtude e santidade estabeleceram aquela cadeira e primacia de Espanha, muitos dos quais estão hoje honrados por Santos pola Santa Madre Igreja de Roma, e

---

<sup>1</sup> Mt. 20, 15.

<sup>2</sup> Mal. 1, 2-3.

provendo-a em nossos tempos de um Arcebispo de tal valor que, não só foi poderoso pera reformar a religião descaída e emendar os costumes descompostos do clero e do povo e reduzir todas as leis divinas à sua antiga pureza em sua diocesi, mas ainda, na Igreja universal, foi de tanto peso seu voto e zelo, na grande ocasião do santo Concílio de Trento, que por voz e fama pública se lhe atribuem muitos decretos santos com que hoje a Cristandade se governa. Tal pera consigo de suas portas adentro que temos em sua vida, os humildes religiosos, um espelho de perfeição monástica; tal das portas afora, no governo de suas ovelhas, que todo prelado achará nele ùa regra e modelo vivo de perfeito ministério pastoral. Assi soube unir em um mesmo sujeito a pontifical grandeza com a humildade religiosa.

Este foi D. Fr. Bertolameu dos Mártires, cuja vida, com o divino favor, pretendo escrever.

E como a história seja mestra da vida e por tal se deva ler e estimar, não só pera passar o tempo ociosamente, estou persuadido que será esta de grande utilidade pera todos, bastante razão pera não pedirmos perdões, se a escrevermos um pouco mais estendidamente do que porventura permitem as leis da história. Mormente que, juntando-se ser religioso da Ordem que professamos, amigo e conhecido e português, deleita-se o ânimo e a pena corre de vontade, como em causa própria. Mas podem estar certos os leitores que não será parte este gosto e afeição, pera que sejamos atrevidos no contar.

Escrevemos entre muitos vivos que conheceram e trataram este Prelado; e os que o não viram nem trataram sabem suas cousas tão de perto que não podemos dizer nenhũa que não seja sabida de quasi todos, por narração mui fresca e certa dos que o alcançaram. E contudo fizemos em todas bastantes diligências; que, ainda que não andámos tantas terras como Políbio <sup>3</sup> de si afirma, dizendo-nos que foi reconhecer os Alpes pera poder ao certo e com juízo escre-

---

<sup>3</sup> Polybius, *Hist.*, III. 59. 6-8.



ver a jornada que por eles fez Aníbal passando a Itália, corremos pessoalmente todas as terras de Entre-Douro-e-Minho, em busca de pessoas de importância, de grande virtude e crédito, umas que o acompanharam, outras que o serviram de portas adentro e em cargos de sua relação e administração eclesiástica, só a fim de nos certificar de particularidades em que tínhamos dúvida, e nos confirmar nas cousas sabidas e alcançar outras de novo. Que, na verdade, escrever história com as partes que ela requiere é mais obra da Providência divina que de forças humanas. Porque, considerando o trabalho do escrever e os descontos que a escritura (inda que seja a mais acertada) tem por prêmio de juízos torcidos e muitas vezes errados de quem lê, se não houvera instinto do Céu que movera espíritos, fora impossível haver nenhum sisudo que se sojeitara a tamanha carga. Desta conta ficamos fora os religiosos, porque o que fazemos e o que não fazemos, tudo pende de obediência. E nesta confiança animosamente soltamos a vela.

Tenho que será cousa agradável e não desdirá com a obra trazermos a luz, neste princípio dela, ãa notável antiguidade da origem e fundação da igreja de Nossa Senhora dos Mártires, de Lisboa, que vulgarmente chamamos das Martens, visto como foi morada e freguesia dos pais do Arcebispo e a em que ele recebeu o primeiro ser de cristão, pelo santo bautismo, e donde quis tomar o apelido que por toda a vida conservou e amou,

Contam as histórias deste Reino que el-Rei D. Afonso Anriques, primeiro e mais antigo dos que nele contamos, depois de ter ganhado aos mouros a mor parte das terras de Portugal, de que eram senhores, quando herdou o Reino, havia por afronta sua possuírem Lisboa, que só por si era outro reino; e resolutu em a conquistar ou deixar a vida na empresa, juntou as forças do Reino e, quando menos era esperado, entra pola comarca de Lisboa, levando a ferro e fogo quanto se lhe opunha, e brevemente foi senhor de toda a terra até os muros da cidade. Era o campo que seguia a el-Rei mui desigual e mingoado pera o feito que levava na imaginação, se bem, pera o que então era Portugal, assaz



crecido. Mas aquele Senhor que tira e dá os reinos <sup>4</sup> como é servido lhe facilitou a empresa pelos meios que menos cuidava.

Não eram passados muitos dias depois de tomado o castelo de Sintra, quando amanhecem sobre a Roca um grosso número de velas que cobriam o mar. Mandadas reconhecer, soube que vinha nelas um bom exército composto de várias nações, franceses e alemães, ingleses e flamengos, que passavam à conquista da Terra Santa, gente bem armada e determinada a dar a vida pola honra da Fé. Era general da armada Guilherme, príncipe francês da Casa de Anju, bem celebrado nas histórias daquele tempo, por sobrenome Longa Espada. Pareceu a el-Rei e aos seus que lhes acudia o Céu com socorro. Manda-lhe dar conta do estado em que se achava e lembrar-lhe quão honroso emprego seria pera tão fermosa armada ajudar-lhe a ganhar aquela cidade; e pois iam em busca de infiéis tão longe de suas casas, não seria rezão deixar quietos aqueles, que tão perto delas faziam contínua guerra a seus irmãos, quanto mais que a conquista era fácil, como apertassem o lugar por duas partes, e a honra grande de poderem dizer lá na Síria que, antes de saltarem em terra, iam já conquistadores de infiéis.

Foi fácil de persuadir o valeroso cavaleiro. Entra no rio, lança sua gente em terra, fortifica-se da parte ocidental, por todo aquele teso, onde agora é o convento de S. Francisco, até sobre o mar. Começou-se um porfiado cerco. A desesperação criava forças e esforço nos cercados: defendiam-se e ofendiam denodadamente; morriam muitos de ambas as partes, e dos nossos, assi naturais como estrangeiros, como acometedores e mais expostos ao perigo que pelevavam de lugar descoberto, era sempre maior o número. Bendita morte que aos mortos passava em um momento a gozos eternos, laureados de glorioso sangue, e nos vivos acendia enveja e dobrava o ânimo! Mártires os chamavam os companheiros e por mártires os veneravam. E como a tais,

---

<sup>4</sup> Prov. 8. 15.

foi acordo juntamente d'ambos os campos dar-lhes memória e lugar sagrado dentro em seus alojamentos, na forma que o tempo permitia.

Começou el-Rei a igreja de S. Vicente. Fundaram os estrangeiros a de Nossa Senhora; chamaram-lhe dos Mártires, pera quem se fez, e a grande antiguidade foi corrompendo o nome de *Mártires* em *Martens*, e até a natureza do artículo trocou.

Nesta freguesia eram moradores Domingos Fernandes e Maria Correa, sua mulher, nacidos ambos no lugar da Verdella, termo da cidade, de gente boa e limpa. Viviam abastados de bens da terra e não tinham menos do Céu, porque eram muito virtuosos e devotos e dotados de ãa particular inclinação de partir do seu com os pobres. Esta singular virtude da caridade lhes quis Nosso Senhor pagar, polo muito que a estima, dando-lhes um filho tal que fosse estremo nela e honra e alegria deles.

No mês de Maio dos anos do Senhor de mil e quinhentos e catorze, reinando em Portugal el-Rei D. Manuel, único deste nome, e presidindo na Igreja de Deus o Papa Leão X, pariu Maria Correa um filho, que bautizaram na sua igreja e freguesia e chamaram Bertolameu. Naceu este minino com um notável sinal e bem ilustre pronóstico do que havia de ser dele ao diante. Tinha na mão direita, sobre as costas dela, naturalmente impressa ãa cruz, florida de quatro flores de liz nos quatro remates, como feitas de pincel, e da mesma forma que são as que usam os comendadores de Avis e as que andam nas divisas da nossa Ordem. Representava a carne, naquele debuxo, um calo duro e relevado de cor branca, ou um debrum que fica em ferida mal curada, e não era maior que ãa polegada, mas tão perfeita e distinta e bem proporcionada que bem mostrava ser obra do Autor da natureza.

Muitas vezes acontece honrar Deus com sinais anticipados os que tem escolhido pera serem insignes no mundo. Assi assinalou o nascimento de S. Carlos, Arcebispo de Milão, com ãa luz maravilhosa, que tornou em claro dia a noite que naceu no castelo de Arona, junto do lago Maior, em

Lombardia. Assi tinha assinalado, muitos séculos antes, o de S. Ambrósio, seu antecessor, c'o enxame de abelhas que o cobriu no berço. E nas Crónicas de nosso Padre S. Domingos é celebrada outra cruz que se achou, com pouca diferença desta, sobre o peito de Fr. Volando, religioso desta Ordem, na hora de sua morte.<sup>5</sup>

O que nós achamos de grande maravilha neste sinal e não menos louvor de quem o teve é que, vivendo 76 anos, o guardou e encobriu com tanto recato, que, quando chegou a falecer, ãa só pessoa era sabedora dele, que foi um cónego de Braga, que fora seu criado e cubiculário e rezara com ele alguns tempos e podia com esta ocasião ver-lhe as mãos e notar o sinal. E foi Deus servido que se achasse este padre em sua morte pera o revelar a D. Fr. Agostinho de Castro, arcebispo seu sucessor, e aos religiosos que com ele se acharam (como ao diante se dirá) e com dissimulação, tomando-lhe a mão, mostrá-lo a todos. E todos o estiveram notando e considerando com curiosidade as particularidades que temos referido, as quais contou despois miudamente a quem isto escrevia o mesmo D. Fr. Agostinho, em Braga, além do testemunho dos nossos religiosos. Mas esta maravilha me causa a mi outra maior que é ser tal a compostura e gravidade deste varão que não tevesse, em tantos anos de vida, mais que ãa só testemunha de ãa mão descoberta.

Outro successo houve, na criação deste minino, muito de notar, de que não fizéramos tanto caso, se os tempos não vieram despois a confirmar que foi cousa mais que ordinária e não carecente de mistério. Criava-o a mãe a seus peitos c'o cuidado de mãe, e mãe de grande virtude. Estava fugida da peste, que ardia em Lisboa, em um casal que tinham no lugar da Torrugem, limite do Oeiras, quasi três léguas da cidade. Era sobre tarde, tinha-o nos braços à porta do casal. Chegou um homem, no trajo, pobre mendicante, no semblante, estrangeiro, e pediu-lhe esmola. Enquanto lha

---

<sup>5</sup> Thomas de Cantimprato. *I. de apibus*, c. 25, & 6. Leandro Alberto, lib. 5 *aos varões ilustres da Ordem*. Castil. na *Cron. da Ordem*, I p., 1. I, c. 61.

mandava dar, foi cousa de espanto e que deu muito que cuidar à mãe e aos de casa, o que viram no minino: encarou no pobre todo risonho, todo alegre, debatendo-se pera ele e festejando-o com as mãozinhas, boca e olhos, como se fora um dos mais conhecidos de casa, e enquanto o pobre se não despediu, não desviou os olhos dele, nem deixou de o estar agasalhando com aquelas inocentes mostras, sendo assi que semelhantes vistas são o coco com que as amas assombram ou acalentam os mininos desta e ainda de maior idade. Dada a esmola, disse o pobre à mãe que criasse com muito cuidado aquele minino e, como fosse maior, o encaminhasse para as letras, porque lhe fazia saber que nelas seria eminente e, andando o tempo, viria a ser ùa grande cousa na Igreja de Deus. Despediu-se e o minino, como o perdeu de vista, virou pera a mãe, pendurando-se-lhe todo do pescoço, com outras tantas e mais festas; e foram elas tão extraordinárias e desacomumadas que a obrigaram a julgar que eram ùas significações e género de agradecimento da esmola que fizera ao pobre, de cuja vista tanto se agradara. Mas, se é licito fazer juízo, quem teve poder para fazer tais efeitos em ùa criança de peito e pronosticar tanto d'antemão cousa em que tão inteiro cumprimento vimos, mais devia ser que homem ordinário.

E se assi foi, como parece, já isto eram luzes do Céu e da graça que começavam a alumiar aquela alma. Saído das mantilhas, foi logo dando mostras de como Deus lha ia dispondo pera Si. Era grande o gosto que tinha de o levar em a igreja e nela a sua vida era andar de altar em altar, parando com atenção em cada imagem e reverenciando todas. Tornando pera casa, em aparecendo pobres, ele era o requerente da esmola, ele o que, com alvoroço e alegria, lha levava. E crescendo na idade, crecia juntamente na caridade e devação.

## CAPÍTULO II

*Como começou a aprender as primeiras letras  
e entrou no estudo de Gramática  
e tomou o hábito de S. Domingos.*

De muitos Santos lemos que o começaram a ser ainda no berço. Assi madrugou neste minino a inclinação às cousas da Religião e da Igreja. Inda não tinha idade pera entender e discernir, já assistia a ãa missa com tanto siso e com tanta quietação que dava que falar aos que o viam, mostrando na aplicação que não ignorava de todo o que ali via e ouvia. Em casa, apesar de idade tão tenra, de nenhũa cousa se deixava levar daquelas a que os mininos são afeiçoados. Os brincos, os jogos, os passatempos pueris trás que aquela idade corre sem pejo e ainda sem malícia, parecia que a natureza o criara isento da inclinação deles. Era vergonhoso e encolhido. Continuava na escola de ler e escrever a semana toda, sem se atrever a outro caminho, senão era quando a mãe piadosa o empregava em levar algũas esmo-las secretas a pessoas de respeito, o que ela muito de ordinário fazia, e com assaz liberalidade. Ao domingo e dias santos acudia à sua igreja das Martens e nela assistia toda a manhã, com alegria e espírito.

Pregavam naquela freguesia os religiosos de S. Domingos, via de contino aquele hábito, ouvia aquela doutrina, ia-se-lhe afeiçoando. Sabia já ler e escrever e ia descobrindo juízo e madureza. Como via os nossos religiosos na igreja, chegava-se a eles, acompanhava-os. A suas pregações estava

tão atento que os admirava sua prontidão. Se os encontrava na rua não podia dissimular a alegria que recebia em os ver. Notaram isto os religiosos, advertiram ao pai que ajudasse a boa inclinação do filho e não tardasse em o fazer estudar.

Dura jurisdição, por não dizer tirania, exercitam hoje muitos pais sobre as condições e natureza dos filhos. Em nascendo, já fazem a um clérigo, a outro frade, a outro soldado; de espreitar a inclinação e jeito que cada um tem pera as cousas não há tratar. Assi fica mau letrado o que fora bom sapateiro e não é bom soldado o que fora bom religioso. E daqui nace haver hoje tão poucos pais que se gabem de filhos amigos e obedientes; porque como todo seu intento foi fundado em lhes negociar pão temporal, com menos providência do espiritual, é permissão divina que paguem o erro com receberem deles temporalmente muita desconolação.

Não se fez assi com Bertolameu: logo foi mandado ao estudo. E logo mostrou quanto importa correr trás a boa inclinação. Inda não tinha perfeitos quinze anos, já era valente gramático. Tinha rara habilidade, junto com felicíssima memória. Não lhe faltava diligência e cuidado nacido da virtude. Que não alcançaria?

Para lhe suceder tudo melhor ajudava-se de um santo exercício. Tinha um avô velho e cego. Quando ia pola manhã pera casa do mestre (que naquele tempo tinham as letras mui poucos professores), guiava-o de caminho até à igreja das Martens, ouvia missa e deixava-o na igreja. Acabadas as horas da lição, tornava por ela e levava o seu velho pera casa. Com estas ajudas de custa estudava pera poder dizer já naquela idade: *Oculos fui caeco*<sup>1</sup>, «servi de olhos a um cego».

Era já bom latino. Acudia-lhe o Senhor com santas inspirações e estava resolute em buscar a Deus na religião. Detinha-o somente um pejo natural de acometer por si tamanho negócio. Entretanto continuava com grande afeição no nosso convento e com os religiosos. Assi andou alguns dias em contendas consigo, alegre com a determinação, triste porque

---

<sup>1</sup> Job., 29, 15.



a não acabava de executar. Até que um dia de S. Martinho do ano de mil e quinhentos e vinte e oito, achando-se no convento, sentiu em si um tão veemente impulso de acabar de deixar o mundo e romper por tudo que, não lhe podendo resistir, se foi ao prior e com poucas palavras, que sua modestia atalhava e deixava mal pronunciar, lhe descobriu sua tenção e desejos, pedindo perdão deles, como de um grande atrevimento.

Era o prior Fr. Jorze Vogado, mestre em Teologia, que muitos anos fora confessor e pregador d'el-Rei D. Manuel, docto e experimentado prelado. E ainda que entendeu do rosto e das palavras do moço, e do jeito e fervor com que as dizia, que vinha guiado do Espírito Santo, quis, como prudente, meter mais a mão nele e ver se lhe descobria algũa leviandade ou movimento pueril debaixo daquela composição. E depois de algũas perguntas que lhe fez de sua vida e costumes, pôs-lhe diante o rigor e austeridades da Ordem, declarando-lhe por extenso a obrigação do peixe contínuo e dos jejuns prolongados, as vigias cotidianas, o silêncio, a pobreza, o cilício perpétuo no vestido e na cama, tudo violências quebrantadoras de qualquer natureza mui robusta, quanto mais da de um minino que, além de o ser, representava preocupação fraquinha.

Assi como o prior lhe ia propondo estas cousas, assi lhe ia lendo no rosto as diferenças de efeitos que lhe causavam dentro na alma. Já se inflamava todo com a relação dos trabalhos, alvoroçando-se pera se ver com eles a braços; já se infriava e perdia as cores, com medo de ser enfeitado por fraco, ouvindo-se julgar por tal. Como teve lugar de responder:

— Padre, — disse — trabalhos busco e aborreço mimos. Por fugir de mimos que me sobejam e provar trabalhos que desejo, e sei que pera a salvação me são necessários, busco a religião. Não temo esses, nem me assombrarão outros maiores, que não há corpo fraco onde o coração é forte.

Edificado ficou o prior, não só satisfeito, do que achava no moço; chamou o mestre dos noviços e alguns padres outros que o examinassem na latinidade; acharam-lhe suficiência

e agudeza de engenho. Chegaram-se outros padres, que o conheciam, e informaram de suas partes. Tudo junto, foi causa de se determinar o prior em não atalhar aquele fervor nem perder a ocasião de um sujeito que, por onde quer que o tomava lhe enchia os olhos. Tomou-lhe os votos e logo no mesmo dia, depois de completas, lhe lançou o hábito, com tamanha consolação do noviço que não podia crer o que via.

A criação que nos tempos passados tinham os moços neste Reino era tão austera e tão conforme com as regras de prudência, que daí nacia saírem na guerra valentes e animosos, e na religião, sábios e penitentes.

Começou Fr. Bertolameu seu noviciado desassombradamente, porque a boa criação e o desejo que trazia de se ver em lugar onde pudesse fazer algũa cousa por Cristo, a quem todo se tinha em sua alma dedicado, lhe facilitavam o trabalho de maneira que não se contentava com os exercícios ordinários de mortificação e penitência, senão que a todos acrescentava algũa cousa. O seu jejum era mais estreito, a sua disciplina mais rigorosa e, se tinha lugar, mais prolongada, o silêncio, inviolável. Sempre furtava ao sono, ou pera dar aos livros de devação, ou pera ser o primeiro no oratório. E desde então começou o que depois usou por toda a vida, que era ter ùa escudela de água à cabeceira, pera se servir dela contra a força do sono. Nos exercícios mais humildes, o mais ligeiro e mais diligente; e sempre alegre em todos. Enfim, tal vida começou a fazer [com] quinze anos de idade como se tivera perdido muitos em vícios e costumes estragados no mundo e, aborrecido deles e desenganoado dele, se recolhera a fazer penitência e tomar vingança de si no derradeiro quartel da idade.

Muito se contentavam os religiosos, grandes pronósticos faziam de tão bons princípios; mas era delgado e de poucas carnes, e arreceavam que não poderia chegar com a obra onde o levava o ânimo. Não vivia o moço com menos cuidado, mas eram diferentes as causas. Da imbecilidade de sua natureza não desconfiava, porque conhecia suas forças e, assi, não afroxava nos exercícios. Desconfiava-o e fazia-o temer ùa profunda humildade com que avaliava tudo quanto



fazia por baixo e imperfeito, e não achava em si merecimento pera alcançar tamanho bem como ver-se professo. E quando o animava algũa esperança — que esta em nenhum estado desempara um coração afligido, fundando-se na virtude e boa condição do mestre e dos religiosos — affligia-o a dilação do tempo e persuadia-se que não corria noutros anos tão vagaroso o sol, nem soíam a ser os dias tão longos: efeitos próprios de esperanças dilatadas.

### CAPÍTULO III

#### *Como fez profissão e começou a estudar Artes e Teologia.*

Enfim, teve o ano fim e chegou Deus o noviço ao prazo que tanto desejava. Fez-lhe profissão o mesmo Fr. Jorze Vogado, aos vinte de Novembro do ano de mil quinhentos e vinte nove, sendo Provincial nesta Província Fr. Manuel Estaço, e Mestre Gèral da Ordem, Fr. Francisco de Ferrara. E não tinha dezasseis anos compridos, porque lhe faltava, pera os cumprir, o que há de Novembro até Maio.

O apelido que tomou na profissão foi do Vale, em memória de um avô seu, mais por vontade alhea, que pola sua. Usou dele algum tempo até que foi mais senhor de si e teve liberdade pera seguir aquilo que, sem encontrar as leis da observância, dizia mais com as de seu espirito. Foi caindo que, pera quem fugira do mundo como eie, o acertado era fugir também de tudo o que dele lhe podia fazer lembranças, e juntamente fugir de casa de seu pai e dos parentes. E a lição dos livros ensinava-o a considerar a obrigação grande que tinha ao lugar onde fora regenerado no sangue de Jesus Cristo, onde começara a ter nome e adopção de filho de Deus. Ponderando tudo com bom discurso, determinou arrimar-se aos seus Mártires e só do seu apelido usar, em reconhecimento dos beneficios grandes que na sua casa recebera. E pera mais prova que este só fora seu pensamento, achamos alguns sinais de sua mão nos livros do convento de Benfica, do tempo que nele foi prior (como adiante contará a

história), nos quais se chama das Martens, que é o nome que na voz comum tem a igreja de Nossa Senhora dos Mártires, onde foi bautizado.

Era quasi princípio de ano novo quando professou. Começava em S. Domingos de Lisboa curso de Artes. Entrou nele e estudou com tal cuidado que, em Lógica e Filosofia, não tinha igual entre todos seus condicípulos. Foi logo prosseguindo na Teologia Escolástica e Moral. Como tinha muito estudo e aplicação e o engenho era grande e passado já pela Lógica, que apura e adelgaça qualquer meã habilidade, bastaram poucos anos pera dar eminente letrado.

Disse muito estudo e temo que me repreendam os que sabem quão curto e quão limitado é o tempo que nesta Ordem há pera estudar. Que, na verdade, me não maravilha pouco que, sendo o principal instituto dela o exercício das Letras e prudentíssimo o instituidor, não haja cousa, na regra que nos deixou, que ao parecer de muitos não encontre e desfavoreça o mesmo exercício: o coro contínuo — e coro cantado! — e repartido pelas horas do dia e noite que mais quebrantam a humanidade: o jejum de sete meses; o peixe de todo o ano. Pesando-se tudo, parece que nem o mais aturado estudante desta Ordem pode dizer que estuda muito. Pois que diremos, se considerarmos que, sendo a força do estudo dos principantes dos dezasseis até os vinte cinco anos, não sejam isentos por essa razão de nenhũa das obrigações de casa de noviços, na qual, além das gêrais, há outras occupaões, que, se bem são todas em favor da observância, são em todo contrárias e distractivas do estudo.

Digo que estudava muito Fr. Bertolameu e não peço perdão de o ter dito; porque o verdadeiro estudo de filho e imitador de S. Domingos não é só a continuação sobre as postilas que se escrevem nas aulas e sobre os livros que para elas servem, mas é oração e contemplação; e quem a esta der muito tempo, por pouco que dê aos livros e às postilas, dá-lo-emos por grande estudante. Assi o entendia o glorioso Fundador nosso quando nos escrevia a lei no monte alto de seu espirito, recebida do Divino. E mandando-nos empregar no trabalho das Letras, que só per si é consumidor

da natureza, enchia a Regra de preceitos contra a vida e contra todo o gosto natural; e a razão é porque estes levantam a alma ao sobrenatural e avivam os desejos e amor do Céu e, onde isto há, todas as ciências se vêm por si. Que, na verdade, a ciência que de Deus tem o nome e pera serviço de Deus se aprende, quanto mais, quem a pretende saber, tiver de Deus, tanto mais alcançará dela. E bem claro nos mostra este Senhor, inda hoje, que foi traça de Sua providência a vida que professamos, porque com todas as ocupações, faltas e contrariedades que temos, mais que todas as outras Ordens da Igreja, pera chegarmos a ãa grande perfeição nas Letras, é contudo servido que floreça esta Religião com mais e maiores letrados, com mais e maiores pregadores, que muitas.

Sabemos de Fr. Bertolameu que, já de noviço puro, tinha começado a sentir o sabor deste divino maná da contemplação. E é certo que, crescendo na idade e nos anos da Religião, lhe acontecia o que está escrito: *Qui bibunt me, adhuc sitiunt*<sup>1</sup>, porque das poucas horas que tinha pera os livros de Teologia tomava parte pera os de devação, ãas vezes empregando-as com o devotíssimo Bernardo, outras com S. Boaventura, Taulero e Gerson, onde achava com que cevar sua alma de pasto celestial destoutra Teologia que, por mais alta e mais soberana, tem o nome de Mística, Teologia que não consiste em muito especular, senão em muito amar. E pera que não tivesse momento desocupado, era perpétuo morador da ceia e amigo de recolhimento. E quando as obrigações da comunidade ou obediência particular o levavam fora dela, sempre lia primeiro ãas palavras que tinha escritas em um papel pregado na porta, da banda de dentro, que eram: *Dirigantur, Domine, gressus mei ad custodiendas justificantes tuas*, que querem dizer: encaminhem-se, Senhor, meus passos pera guarda de vossa santa lei. E em todo tempo que por fora gastava, procurava andar sempre no interior muito recolhido. E pera não haver cousa que o distraísse, todo seu cuidado era trazer sempre a Deus diante

---

<sup>1</sup> Ecli., 24. 29.

dos olhos d'alma, considerando quanto Lhe devia pelo fazer cristão, pelo trazer à Religião, por lhe dar de Si conhecimento; e enlevado nestes pensamentos, não dava fé de muitas cousas que à vista dos olhos corporais se lhe ofereciam. E muitas vezes, com ímpeto do espírito, levantava os olhos ao Céu e como arrebetando dizia com grande affecto: *Te, Sanctum Dominum* (jaculatória que muito costumava) *in excelsis laudent omnes Angeli dicentes: Te decet laus et honor, Domine,* <sup>2</sup> querendo dizer: «Santo Deus, Santo Senhor, louvam-Vos todos os Anjos nas alturas, confessando que só a Vós se deve e só em Vós está bem empregada toda honra e louvor»; como Vos não hei-de louvar eu, Deus da minha alma, em todo lugar e tempo? E logo acrescentava: *Benedicam, ergo, Dominum in omni tempore* <sup>3</sup>: *benedic, anima mea, Domino et omnia quae intra me sunt nomini Santo eius* <sup>4</sup>. E o mais depressa que podia fazia volta a encerrar-se na cela.

Esta continuação e santo costume de trazer sempre a Deus presente na imaginação lhe tinha criado um intenso desejo de O agradar. Donde, algúas vezes, vinha a cair em ùa profunda malencolia, nacida de lhe parecer que fazia pouco em serviço de tão bom Senhor. E notando-lhe certo religioso um dia esta differença no rosto e perguntando-lhe a causa, como pessoa a quem Fr. Bertolameu dava conta de sua alma (porque per sua humildade não se fiava de si em nada), respondeu que a tristeza e desconsoiação que seu gesto representava era muito menos da que interiormente atribulava sua alma, e a rezão era ver o mal que correspondia com o muito que devia a Deus e considerar sua grande frieza e descuido, à vista de tantos e tão santos exemplos como tínhamos nos primeiros padres de nossa sagrada Ordem.

Com estes exercícios, que nunca largava da mão, saiu em breve tempo perfeito religioso e consumado teólogo.

---

<sup>2</sup> Ex Resp. in fest. Angelor.

<sup>3</sup> Sl., 33, 2.

<sup>4</sup> Sl., 102. 1.

## CAPÍTULO IV

*Como leu dous cursos de Artes e, depois, Teologia,  
e recebeu os graus de Presentado e Mestre.*

Quando começava a estudar a sagrada Teologia succedeu celebrar-se capítulo provincial em Guimarães, no ano de mil e quinhentos e trinta e dous. E foi mandado a ele por ãa das melhores habilidades da Ordem, pera defender ãas conclusões de Lógica. Nelas confirmou largamente a opinião que dele se tinha, porque respondeu aos argumentos com muita viveza de engenho e com ãa certa confiança que mais parecia leitor antigo que sustentante moderno.

Poucos anos depois, no primeiro capítulo que celebraram, entrando neste Reino o Padre Jerónimo de Padilha e os mais companheiros que com ele deceram de Castela, com título de reformadores, à petição d'el-Rei D. João, teve Fr. Bertolameu conclusões de Teologia.

Foi o capítulo em Lisboa. Houve grande concurso de todas as Religiões, como é de crer, à conta dos novos reformadores. Aqui se assinalou Fr. Bertolameu de maneira que honrou a Província e ganhou grande nome com os estrangeiros e naturais, com grande alegria e aplauso dos padres que o criaram, do que resultou declararem-no logo por leitor de Artes do Colégio de Lisboa, instituído por el-Rei D. Manuel, donde o mesmo leitor era colegial, sem preceder, pera o leitorado, pretensão nem diligência, nem ainda imaginação sua. Juntamente lhe foi mandado polos preladados que começasse

a exercitar o ofício de pregador apostólico, que é o fim dos estudos e trabalhos da Ordem.

Em ùa e outra cousa começou a entender, armando-se primeiro de dobradas horas de oração, como quem tinha experiência que se alcançava mais nela em pouco espaço que nos melhores cartapácios em muito. Pedia a Deus que lhe desse particular favor e ajuda pera fazer discípulos santos, mais que doutos, com a lição, e pera salvar almas, com a pregação. Assi, foi sempre o intento de seus sermões desterrar vícios e pecados, mostrando o dano e o perigo deles, e afeiçoar os corações a Deus. E como a palavra divina seja espada de fogo, e poderosissima, pera estes efeitos, se não bota os fios na boca do pregador (o que acontece quando ele se busca a si, mais que a Deus, pretendendo fazer alardo de letras e engenho, mais que converter almas), determinou trazer sempre diante dos olhos um espetador desta verdade, o qual achou nas duas palavras: *Ardere et lucere*<sup>1</sup>, em que Cristo, nosso Redentor, significou as obrigações do verdadeiro pregador evangélico, louvando ao glorioso Bautista e mostrando que quem tal houver de ser, primeiro há-de arder em fogo de amor divino e da salvação dos ouvintes, e depois alumiar com sua doutrina. Esta letra lançava em todos seus papéis e cartapácios e desta usou depois toda a vida por divisa, junto com a Cruz da Ordem. Esta foi a empresa que o Papa João XXII dizia que Deus dera à sagrada Ordem dos Pregadores, quando dela tirou juntos em um dia três religiosos, para se valer deles no governo da Igreja, e os honrou com capelos de cardeais, afirmando que pera este fim de arder e alumiar viera ao mundo.

Assi Fr. Bertolameu, todas as vezes que, sem notável falta da lição ou da pregação, podia achar-se com a comunidade no coro, aos divinos officios, tomava-o por recreação, enfeitando todas as dispensações de pregador e leitor. Ali era o inflamar-se em devação, ali o subir aos montes da eternidade per contemplação, não pera estudar pontos sotís

---

<sup>1</sup> Jo. 5, 35.



e ambiciosos que só deleitam as orelhas, mas pera poder com verdade usar da sua letra. Que assoalhar empresas morais só pera mostras de boa tenção e desdizerem a vida e as obras dela, é um género de mintir, e mintir por escrito, e em público, a que ninguém se atreve. E, para não cair nunca nesta falta, ajudava-se de outro meio, que era trazer escrita de sua mão, no rosto de uns cadernos de anotações de que se valia pera a pregação, esta sentença: *De estudo sem devação e de pregação sem preceder oração, pouco proveito se pode esperar.* E pera calificar a sentença e se exortar com a autoridade da pessoa de quem a recebera, acrescentava: «Lembra-te e aproveita-te do conselho de Fr. N...»

Assi, fazia muito fruto sua pregação, e do curso tirou discípulos aproveitados na Filosofia humana e na divina, de maneira que imediatamente foi pola obediência mandado ler outro, no convento da Batalha, pera onde era já mudado, por um breve apostólico, o Colégio que el-Rei D. Manuel fundara em S. Domingos de Lisboa.

Acabando este segundo curso, foi chamado a Lisboa polo Provincial Fr. Jerónimo de Padilha e de novo foi por ele mandado à Batalha, de conselho dos padres da Província, por leitor de Teologia. Anos lhe faltavam pera chegar aos trinta, quando começou esta lição. E antes de cumpridos trinta, lhe foi dado o grau de Presentado, no de mil e quinhentos e quarenta e dous, que responde ao justo com os vint'oitos de sua idade. Assi, achamos que foi leitor de Artes e Teologia mais de vinte anos contínuos, sem levantar mão. Onde havia agudeza de engenho com tantas outras boas calidades que temos apontado, fácil fica de entender quanto adiantaria nas letras, no descurso de tão estendido leitorado. Bem podemos assentar que não tinha igual em Espanha. Era em suas lições doctíssimo, agudo no que declarava, claro no que dictava. Ninguém mais profundamente ponderava as palavras do Angélico Doutor Santo Tomás. Ninguém com mais sutileza penetrava o sentido delas. No argumentar tinha particular graça e singular modéstia, porque tocava excelentemente o ponto da dificuldade, e prosseguia o argumento com muita delicadeza e conveniência, sem usar de brados.



No ano de mil e quinhentos e cincoenta e um, foi eleito pela Província por companheiro do Provincial Fr. Francisco de Bovadilha, pera irem ao capítulo gèral, que se celebrava em Santo Estêvão de Salamanca. Nele defendeu ùas conclusões públicas por esta Província, e argumentou em outras, e de maneira se houve em todas, que o Reverendíssimo Gèral, que era Fr. Francisco Romeu, lhe deu grau de Mestre; e nas palavras da patente que dele lhe mandou dar, declara bem a grande satisfação com que ficou de suas partes. A própria patente veio a nossas mãos. As palavras são as seguintes, em nossa linguagem:

«Vista a suficiência de vossa doutrina e a destreza de engenho que mostrastes nas públicas disputas que houve neste nosso capítulo gèral de Salamanca, confiando nós, Fr. Francisco Romeu Castellione, Mestre Gèral de toda a Ordem dos Pregadores, de vossa religião, inteira e sã doutrina, e de vossa observância e devação e zelo pera defenderdes a santa Fé católica, vos fazemos e criamos Doutor e Mestre em Santa Teologia, pera o qual grau fostes exposto e apresentado pola vossa Província, etc.».

Até 'qui são palavras da patente.

E logo em Junho do mesmo ano se ajuntou capítulo provincial em Lisboa, no qual foi eleito por *Difinidor* e aceitado seu magistério, persiguinto-o o mundo com honras multiplicadas e infiadas ùas após outras, a quem nenhũa buscava, nem queria dele.

Sofria Fr. Bertolameu as honras que lhe dava a sua Ordem, por ver que era estilo dela, mas bem se lhe enxergava que lhe serviam mais de carga que de alívio ou de gosto, porque tão pobre era a sua ceia como d'antes, tão fácil seu trato, tão humilde sua conversação: da mesma maneira continuava o coro e comunidades, o mesmo recolhimento guardava que ainda antes de Presentado. Só lhe acarretou de novo a dignidade ser buscado e importunado de partes, à

conta da fama que já corria de suas abalizadas letras, que era trabalho que muito o inquietava. E pouco tardou em o buscar outro, que qualquer grande sojeito tivera por boa ventura, e ele o julgou por tentação e adversidade.

Vivia neste tempo o Ifante D. Luís, príncipe de quem se não pode falar, por suas grandes partes, sem prólogos de muito louvor. Desejava fazer letrado ao senhor D. António, seu filho (que depois foi Prior do Crato) e pediu nomeadamente a Fr. Bertolameu pera lhe ler Teologia. Não se podia negar nada a tal príncipe, e menos em matéria de que resultava honra para a Ordem e pera o Mestre. Foi logo mandado pelos superiores a Évora, onde estava o discípulo.

Houve assaz envejosos desta honra, e Fr. Bertolameu a aceitou com notável mortificação de espírito, porque, como nele nenhũa cousa tinha entrada nem lugar mais que Deus, aborrecia cortes e todo concurso de gente. Todavia obedeceu como humilde súbdito, e serviu algum tempo estes príncipes, mas não nos constou em que ano começou nem quantos esteve com eles. O que sabemos é que estava violentado e como em prisão, conquanto o amavam e estimavam muito; e sempre sospirava polo canto da sua cela, como quem tinha experimentado que só no deserto da Religião goza vida segura e descansada quem estima e sabe conhecer o preço da verdadeira liberdade.

## CAPÍTULO V

*Como foi eleito em prior do convento  
de S. Domingos de Benfica e como se houve no cargo.*

Residia em Évora o Mestre Fr. Bertolameu, entendendo na lição que dava ao filho do Ifante, descuidado de nova mudança, quando foi apontado pera prior do convento de Benfica, onde foi eleito e aceitado com muita conformidade e alegria de todos os religiosos.

Não desagradou a eleição ao Ifante, antes a estimou, porque amava o aumento da Religião, e à conta dele fora fácil em cortar por seu gosto (que esta é a obrigação daqueles que Deus fez príncipes na República), quanto mais que via que só se lhe mudava o lugar e não o mestre.

Aos padres mais graves da Província foi em especial aceita a eleição, entre os quais o Mestre Fr. Luís de Granada, que então era Provincial, foi o que mais a festejou, que, como tão espiritual, havia que quadrava bem com ũa casa, que por todas as idades fora observantíssima, o governo de quem era espelho de observância.

Só o eleito não sofria ser lembrado pera cuidados de governo. E fez toda instância que cabia em humildade e comedimento de obediente religioso, por que sua eleição não fosse confirmada. Mas não lhe aproveitou nenhuma diligência, porque o Provincial por larga experiência sabia o que tinha nele e quão bem empregado estava o cargo, pelo que, tomada licença do Ifante e do discípulo, se veio a Benfica, onde temperando o tormento do governo, que muito o cansava,

com o gosto que recebia em ver como estava em seu ponto o rigor da observância, começou a entender na administração da casa.

E a primeira cousa foi tratar do espiritual, dando traças pera não descair o que achava em bom estado, antes melhorar, e procurando reformar até as cousas mui leves e prantar novas virtudes; e sobre todas acender nos corações dos súbditos um fogo ardente do divino amor, por meio da oração e contemplação, que são as escadas por onde ele se busca e traz do Céu. Mas porque é tempo perdido animar pera a batalha quem fica fora dela, e aconselhar virtude quem não é primeiro em segui-la, começou a empregar-se com estremado fervor nos espirituais exercícios — pera os quais aquele convento tem muito aparelho e ũa certa graça que parece comunicada do Céu, em virtude de muitos varões santos que nele floresceram e aí têm seus ossos, cujas obras digníssimas de luz vamos escrevendo e, se Deus for servido, não tardarão em se publicar — e assi começou como se para outra cousa não viera.

Assi, trabalhava, prelado, como se começara a ser súbdito: mais seguidor das comunidades, mais áspero no jejum, mais cuidadoso do silêncio, pobre em todo extremo, inimigo de sair da cela, muito mais, do convento; pouco sono, muita oração, missa cada dia, sem perder nenhuma senão com grande causa, e dita com cordial devação. Com este exemplo animava os fracos e acendia os animosos; não havia nenhum covarde e a observância regular andava em todo concerto de um bem temperado relógio.

Na criação dos noviços se esmerava Fr. Bertolameu com particular cuidado, porque — dizia ele e assi o deixou escrito — que dela dependia todo o bem ou mal das religiões. E trouxe-lhes logo pera mestre o Padre Fr. Simão das Chagas, varão de singular exemplo de virtude, que, por tal, foi depois mandado à Índia e, assistindo nos conventos e residências que a Ordem tem nas partes de Malaca, viveu e morreu tão santamente que dos cristãos e até dos gentios que dali navegam pera a China é particular avogado nas temerosas tempestades que naquela viagem são ordinárias,

como o temos escrito na terceira Parte da História desta Província, no título da Ilha de Solor. E com ser tal o mestre, não se descuidava ele, mas antes ajudava também e servia como de sobrerolda.

No verão, depois da oração de noa, e no inverno, depois de completas, mandava ordinariamente juntar os noviços em ãa capela da igreja, e precedendo ãa breve lição de algum livro devoto ou relação de algum caso e exemplo santo, fazia-lhes suas práticas, cujo fim era, depois de os afeiçoar à virtude e observância da Regra, fazer-lhes saboroso e familiar o exercício da oração; e eram elas tão devotas e cheias de fogo do Céu que o pegava àquelas varas tenras e almas inocentes, de maneira que as acompanhavam com muitas lágrimas e ardente suspiros. E um dia aconteceu passarem tanto adiante que, dizendo ele por fim de capítulo o verso costumado *Adiutorium nostrum*, etc., não houve entre todos quem tevesse a voz livre pera poder responder.

Encomendava-lhes muito a composição exterior, que é a marca do religioso, o recolhimento dos olhos, a gravidade do passo, a modéstia das palavras e conversação ordinária, e afirmava que pera compor tudo de um golpe era único remédio a oração em que tantas vezes lhes falava, e por isso o fazia; porque tinha por sem dúvida que se nela se ocupassem de verdade chegariam a gostar quão suave é o espírito do Senhor, e logo ficaria composto o homem interior. Donde resultaria um grande concerto e correspondência em todos os sentidos. Que debalde trabalhava por se mortificar de fora quem primeiro não mortificasse a raiz, que era o interior; e só aquela composição era verdadeira e durável, que procedia de alma composta. Que esta compusessem com a virtude da oração e continuação dela, que logo lhes dava tudo por feito, porque o que se alcançava por outros meios que não eram os do amor de Deus, era tudo forçado, era fantástico, e ãa espécie de hipocrisia ou virtude gentilica.

E por que estas novas prantas que ia criando pera os jardins do Céu não perdessem a frescura ou se torcessem, sendo apartadas da mão do hortelão (visto como os que iam professando era força buscarem estudo pera exercitarem

a pregação, que é o alvo de nosso instituto), por acudir a esta tentação, que é ordinária em noviços, e juntamente ao que mais importava, que era conservar a boa criação, determinou-se, como bom pai, a tomar por eles um grande trabalho, que foi ler-lhes um curso de Artes, oferecendo-se ao tormento que é desbastar a rudeza da mocidade e tolerar suas imperfeições. Assi, começou a ler terceiro curso, depois de leitor de Teologia, e Mestre nela, e prior, e com idade crecida, e sobre a obrigação que todavia lhe durava com o filho do Ifante.

Aventajou-se nisto o Ifante ao emperador Teodósio que, se bem, como sábio, sintiu a ausência do grande Arsénio, quando, deixada a corte, foguei pera o deserto, não mandou após ele os discípulos, que eram os príncipes, Honório e Arcádio, seus filhos; o que fez o Ifante, passando logo o senhor D. António ao convento de Benfica por que nem ele perdesse a doutrina de tal mestre, nem o convento o prior que buscara.

Mas tudo pode a verdadeira caridade. Com todas estas occupações podia e a todas satisfazia Fr. Bertolameu. E com elas ordinariamente se levantava à meia noite e, depois que rezava com a comunidade matinas, do officio pequeno de Nossa Senhora, recolhia-se a estudar até as três; e logo caminhava pera o coro e nele estava em oração até as quatro, diante do Santíssimo Sacramento. Esta era sua vida de todos os dias que não ocorriam festas, porque nos tais nunca faltava a matinas no coro, e como tudo quanto fazia era por Deus e pera Deus, e em tudo O trazia sempre presente, de ordinário andava como em êxtasi e enlevado n'Ele.

Fez um dia o officio das matinas da Santíssima Trindade, e ficou tão engolfado na consideração do mistério que, quando se recolheu, não atinava c'o dormitório; e, depois que o encaminharam, ia como cego, encostando-se e marrando polas paredes, sem saber onde estava nem acertar com a cela, e todavia repetindo sempre com muita suavidade a antífona *Ex quo omnia, per quem omnia, in quo omnia, ipsi gloria in saecula.*



Outras vezes, recolhendo-se de completas e matinas, abria a janela, pregava os olhos no céu, chamava pelo Senhor dele, com requebros e branduras amorosas, pronunciadas com tal afeito que não parecia menos senão que a alma se lhe ia atrás delas e que tinha o mesmo Senhor presente.

Algũas vezes foi ouvido cantar em voz baixa e sentida ãa letra pouco aparada no metro, mas no conceito bem significadora de qual andava seu espírito. Por isso a escrevemos. Dizia assi: *Levai-me, meu Jesu, desta terra, que não há, sem Vós, vida nela.*

Polo temporal do convento matava-se pouco, inda que não tinha descuido. Mas, persuadido e confiado que não podia Deus faltar a quem de verdade O servisse conforme a Suas divinas promessas, não fazia diligência por adquirir renda nem acrescentar a que a casa tinha; e do que havia de portas adentro era tão liberal que lhe aconteceu, em tempo de fome, acudindo muitos pobres à portaria, mandar repartir por eles o peixe que estava guisado e prestes pera o jantar da comunidade, dizendo que em tempos de necessidade, pera religiosos que professavam pobreza, bastavam ervas e fruita e que, se eles fossem verdadeiros filhos de S. Domingos em obras e exemplos, isso bastaria pera os seculares se desentranharem por lhe acudir. E na verdade não se enganava, porque acontecia virem ao convento amiúde os príncipes que então havia no Reino, e mais particularmente o Cardeal D. Henrique e o Ifante D. Luís, polo gosto que tinham de comunicar com o prior e, como sabiam a vida que ali se fazia, sempre lhe deixavam esmolas de dinheiro, que o bom prelado não entesourava, mas, porque eram anos de carestia e andava a terra cheia de pobres e gente sem remédio, mandava-o trocar em moeda miúda e, confiado na Providência divina, repartia francamente tudo por eles e consolava a todos.

## CAPÍTULO VI

*Como foi chamado da Rainha D. Caterina o Mestre Fr. Bertolameu e nomeado por Arcebispo de Braga, e da reposta que lhe deu.*

Andavam em competência com Fr. Bertolameu as honras e as dignidades: ele a aborrecê-las, elas a entrar-lhe por casa. Quem persuadira esta filosofia aos ambiciosos! Que é poderoso meio pera as alcançar o fugir delas! Levaram eles melhor vida e tevéramos no mundo mais quietação!

Vagou por este tempo o arcebispado de Braga, por falecimento de D. Fr. Baltezar Limpo, da Ordem de Nossa Senhora do Carmo. Governava estes Reinos a Rainha D. Caterina, por seu neto el-Rei D. Sebastião, que era minino. E como em tudo procedia com grande prudência e ânimo de acertar, e era a primeira prelacia que lhe tocava prover, desejava empregá-la em tal sujeito que, a juízo de todos, fosse dela digníssimo, e sua consciência ficasse satisfeita e segura.

Havia em todas as Religiões pessoas de virtude e letras. Não faltavam sacerdotes seculares que à virtude e letras ajuntavam merecimentos de sangue e serviços de pais e avós. Começou a ferver a cobiça e ambição, e entrar em batalha com a constância e inteireza da Rainha. E como os filhos do mundo são mais destros nas pretensões dele que os filhos da luz, eram os combates fortíssimos, porque não aparecia pretendente (que ainda então se tinha esse respeito às prelacias, que se não requeriam de praça) e tanto maior era a força quanto mais secretos os meios que se usavam. Eram



muitos os que aspiravam à prebenda, e nenhum tão desamparado de valias ou de esperanças que se não promettesse a vitória, e por ventura havia algum que já repartia cargos ou mandava fazer a mitra. Requeriam parentes, instavam amigos e aliados, uns com interesses manifestos, outros, incobertos.

Os pretendentes estavam escondidos, mas não descuidados, e querendo que se entendesse deles que viviam inocentes das culpas ou feitos da negociação.

Valia com a Rainha e era seu confessor o Mestre Fr. Luís de Granada, que, por suas grandes partes e provada virtude, foi sempre aceito aos Príncipes deste Reino, e era juntamente nosso Provincial nele. Como o vulgo em tudo arremessa seu voto, saiu dele e corria pola terra que a Rainha lhe dava o arcebispado.

Não é pera desprezar a voz do povo, que muitas vezes faz melhores eleições, inda que pareçam feitas a montão, do que são as dos príncipes, com muito acordo e conselheiros. Tudo cabia na pessoa do Provincial, o qual estava a este tempo em Santarém, maltratado de ùa queda que dera, com perigo, andando na visita da Província.

Chegou a fama pública, a Fr. Bertolameu, desta eleição e, por outra parte, que tinha melhora o que davam por eleito Como amigo, e amigo d'alma, estimou a nova da melhora e sintiu a outra. Tomou papel e tinta e escreveu-lhe logo, dando-lhe os parabens da saúde, mas nenhuns da mitra; antes lhe lembrava que instasse a Deus Nosso Senhor com apertadas orações que, pois lhe livrara o pé da queda, lho livrasse também da Braga com que o mundo o ameaçava, que a tinha por pior género de queda e por maior perigo.

Pouco tardou o Provincial em ser em Lisboa. Foi e veu ao Paço. Não havia quem duvidasse em ser ele o chamado e o eleito. E não falta quem afirme que assi foi, mas que enjeitou a honra com ânimo de varão apostólico; e é bom argumento sabermos de certo que foi ele quem nomeou o que na verdade veu a ser eleito, ao qual na idade, no cargo e na valia e na opinião dos homens fazia então conhecida ventagem.

Mandou-lhe a Rainha que, como confessor seu, a cuja conta estava descarregar-lhe a consciência, lhe apontasse pera aquela Igreja ãa pessoa tal que, pera diante, de Deus ficasse provida de pastor muito idóneo, sem outros respetos nem considerações quais lhe tinham as orelhas quebradas, e quebravam cada hora.

O Provincial, encomendando o negócio a Deus e ponderando de vagar com que pessoa satisfaria à tenção pia e sábia da Rainha, resolveu-se que não havia em todo o Reino outra como Fr. Bertolameu dos Mártires, prior de Benfica, e por tal lho propôs, afirmando que, em rezão de homem, e letrado, e virtuoso, e de valor, não achava quem melhor merecesse o cargo. O trabalho era contentar aos sátrapas, queria dizer, que parecesse bem a eleição aos senhores e aos nobres da corte, porque, como entre estes gèralmente se tem por melhor medida a do sangue ilustre e avoengos, até pera as cousas de Deus, que a da virtude, estava certo haverem de empeçar e levantar poeiras no que disto faltava a Fr. Bertolameu. Mas este ponto, dizia ele que tinha a desfeita na mão, visto como Cristo, Redentor nosso e cabeça da Sua Igreja, não se chamava sacerdote segundo a ordem de Aaron, senão segundo a de Melchisedech, pera nos insinar que as prelacias só per mercimentos pessoais e não per outro nenhum respeito se haviam de prover, e, logo quando a fundou, escolheu pera Príncipes dela homens que, pela mor parte, não eram de sangue ilustre, mostrando nisto que não há dependência de carne e sangue nos dões do Espírito Santo, que só trazem origem da pura graça de Deus e de Sua divina misericórdia; nem a deve haver na distribuição das dignidades eclesiásticas, as quais, pera perfeitamente administradas, pouco ou nada importa ser o ministro mais ou menos ilustre em gèração, quando o for em pureza de costumes e crédito de letras e entendimento; que não se podia duvidar que em sojeitos iguais por todas as mais partes devia precceder a nobreza, porque em toda a república são os nobres o mesmo que, no corpo humano, a cabeça e o coração; mas, havendo homem menos nobre que, no valor, se lhes aventajasse com tanta distância como

Fr. Bertolameu se aventajava a todos, antepor-lhe os mais ilustres, só por mais ilustres, seria fazer agravo ao valor, seria defraudar o arcebispado de um perfeito pastor, e seria faltar quem tinha o Reino a seu cargo da inteireza de sua obrigação, que era buscar-lhe o melhor.

Deu-se a Rainha por obrigada a informação tão resoluta e não tardou em chamar o apontado.

Entretanto não dormiam os pretendentes. E como se foi entendendo que já se não tratava do Mestre Fr. Luís de Granada, eram tantas e tão apertadas as diligências com que, por toda parte, importunavam e cansavam a Rainha que houve quem lhe ouviu dizer que pedia a Deus fizesse imortais os prelados de Portugal em todo o tempo de seu governo, por lhe não acontecer achar-se mais em semelhante conflito.

Acudiu Fr. Bertolameu ao Paço tão alheo da honra que o buscava que toda outra cousa fora mais fácil subir-lhe à imaginação. Declarou-lhe a Rainha em poucas palavras o pera que o chamara, dizendo que, pola boa informação e muita satisfação que tinha de sua pessoa e letras, lhe fazia mercê, em nome d'el-Rei seu neto, do arcebispado de Braga, confiando de sua virtude e prudência que faria nele muitos serviços a Nosso Senhor e a el-Rei.

Não se pode crer nem há palavras que bastantemente declarem o sobressalto, o enleio, o espanto, que recebeu a alma de Fr. Bertolameu com esta nova; parecia-lhe cousa tão nova e tão fora de caminho e, para a sua arte e modo de vida, tão despropositada que, polas muitas rezões que sentia em contrário, se lhe tolhia a fala, não dando lugar a sair ũas às outras, e de tudo se começou a afligir sobremaneira; e com sobeja angústia, de que seu rosto dava bem vivos penhores, se foi escusando e alegando com muita humildade todas as rezões que lhe ocorriam pera não merecer nem haver de aceitar tamanha honra: que como se havia de atrever a dar conta a Deus de tantas mil almas como havia naquela Igreja um pecador miserável que da sua se não atrevia a dá-la boa? Um pobre fradinho sem experiência, criado desde minino no deserto da Religião, como se havia

de buscar pera governo de tanto peso? Que tinha por grande cargo de consciência cuidar em tal, quanto mais aceitá-lo! E assi, pedia a Sua Alteza fosse servida de o escusar dele, porque, falando com o devido acatamento, por nenhum caso o aceitaria.

Replicou a Rainha que diferentes eram as informações de dele tinha, e dadas por pessoas que sabia lhe falavam verdade.

Aqui tomou Fr. Bertolameu um pouco de alento, parecendo-lhe que se ia convencendo a Rainha, e animosamente respondeu que de informações, por boas que fossem, não havia que fiar nem fazer caso; que muitos homens houvera no mundo de quem se tiveram informações e conceitos bem fundados e, na hora que se viram entronizados, logo foram outros; e, sendo ele mais fraco e mais pecador que todos, não duvidava acontecer-lhe pior que a todos. Quanto mais, que ninguém se conhecia melhor que a própria pessoa, se queria falar verdade, e ele de si sabia que lhe faltavam todas as partes necessárias pera o cargo.

Não valeu à Rainha responder-lhe também a esta razão e obrigá-lo com ũa brandura e termo benigníssimo como foi dizer-lhe que as mudanças dos que se trocavam nos cargos não era mudarem os tais condição e natureza, senão descobrirem a que as forças da ambição lhe faziam esconder, enquanto eram pretendentes; que dele, que nunca pretendia nada, não se podia cuidar tal, e portanto folgasse de servir a Deus no que lhe mandava, que, como bom religioso, tinha obrigação a fazê-lo, e com tanto mais deliberação e ânimo quanto as cousas eram mais contra seu gosto e natureza.

Cerrou-se o frade, arrimado a seu parecer, e, resolutivo em não querer nada do mundo, sentia pouco ficar havido por mau cortesão e descortês. Despediu-o a Rainha, ficando descontente do successo, mas não do homem. Antes, passando pola imaginação as respostas, a alteração que no rosto lhe viu, a humildade das palavras, a eficácia e ânsia com que as dizia, edificava-se tanto que já em seu conceito era merecedor de toda cousa grande. E logo mandou chamar o Pro-

vincial e lhe encarregou que o obrigasse por toda a via que pudesse, quando não bastassem razões, porque lhe afirmava que ela o tinha por digno do arcebispado só pelo que nele vira e ouvira, não já pela informação que ele, Provincial, lhe dera.

## CAPÍTULO VII

*Das diligências que o Provincial fez com o Mestre  
Fr. Bertolameu, pera que aceitasse o arcebispado,  
e do que ele lhe respondeu.*

Novo género de contenda temos em campo, espectáculo digno de um anfiteatro romano!

Até 'gora vimos a inteireza combatida da cobiça e ambição, e não fazia pouco em se defender. Agora entra em novas fadigas. Porque, no mesmo tempo que peleja com esses monstros, se dá por obrigada a fazer forças por levantar de terra a humildade e modéstia que a todo poder lhe resiste!

Mil parabéns dou a minha pátria e à corte de Portugal, que vejo nela os ambiciosos rebatidos, e um humilde rogado! E não só rogado, mas buscam-se valedores e terceiros pera que um pobre fradinho encantado queira sobir ao primeiro lugar das Espanhas! Obra digna que acontecesse no governo de quem era irmã de um Emperador, e tal, como foi Carlo V Máximo, de eterna memória.

Quem vira esta prática cá polas aldeas dos governos menores, pois que nos grandes já ninguém roga nem se deixa rogar! Cumprira-se sequer o que disse o poeta: *Extrema per illos Iustitia excedens terris, vestigia fecit!*<sup>1</sup> Viramos, polos campos das repúblicas pobres, a inteireza senhora de si, a manhosa ambição desvalida, a simples modéstia, senão rogada, ao menos honrada!

---

<sup>1</sup> Verg., G., II. 4734.

Tinha o Provincial a cargo persuadir a Fr. Bertolameu; viu-se com ele, meteu todas as velas de sua eloquência, que era tão grande como sabemos. Já o obrigava com o bem da República, já com a honra da Ordem; lembrava-lhe o respeito d'el-Rei, o gosto da Rainha, o serviço de Deus; não lhe ficou cousa por tentar, nem razão por dizer. Mas o verdadeiro humilde, como áspide a quem a natureza ensina tapar as orelhas por não ouvir a voz do encantador, armava-se, fechava-se contra a retórica também encantadora do seu Provincial, e com ãa só rezão rebatia todas as suas: que era juiz de sua alma e sabia de si, que não tinha suficiência pera governar as alheas; e quando o apertava e obrigava a sair desta santa teima, afligia-se e dizia, gemendo:

— Que é possível, Nosso Padre, que Vossa Paternidade, em quem sempre achei pai, e amigo, e bom prelado, se compeça tão pouco de um filho, e amigo, e súbdito seu que, a quem se não sabe dar a conselho com o governo de um convento de gente santa e observantíssima, como é o de Benfica (do qual Vossa Paternidade é boa testemunha quantas vezes e com quanta dor desta alma lhe tenho pedido absolvição), queira lançar às costas a maior e mais pesada prelacia do Reino? Diferente amizade, diferente officio de pai e prelado foi o de nosso Reverendíssimo Geral, Fr. Umberto de Romanis, pera com Fr. Alberto Magno, quando o Papa o quis fazer Bispo de Regensburg. Defendeu-o, emparou-o (bem sabe Vossa Paternidade a história) e como verdadeiro amigo escreveu-lhe que antes tomaria vê-lo levar morto em um ataúde, a enterrar, que posto em dignidade pontifical, metido entre rendas e carregado de senhorias. E se Vossa Paternidade se não doi de mim, ao menos devera lembrar-se que tomava sobre si e sobre sua consciência (quando eu aceitara este seu conselho, que Deus não permitirá) todos os defeitos e erros e desordens que estão certas de minha ignorância e inabilidade.

Era isto em Lisboa; sem dizer mais, despediu-se pera se tornar a Benfica. Mandou-lhe o Provincial que sem sua expressa licença se não saísse de Lisboa e entretanto tomasse bom conselho e falasse com seus amigos; que ele se faria



conhecer por prelado, já que não era crido nem conhecido por amigo de quem sempre o fora, e muito grande.

Bem entendeu Fr. Bertolameu, destas palavras, que diziam com outras que ouvira à Rainha na despedida, que se lhe aparelhava algum trabalho, mas a tudo se apostava, antes que arriscar-se a perder a quietação de sua alma. Violência, que o fizesse aceitar, não temia, porque considerava o Reino cheio de sujeitos meritísimos da dignidade, e muitos que folgariam com ela.

Passados dous dias tornou ao Provincial por licença pera se ir. Perguntou-lhe o Provincial de que bordo estava no que lhe aconselhara e se determinava conformar-se com o que estava bem a todos, e a ele só melhor que a todos.

Alterou-se Fr. Bertolameu com esta nova instância e quisera antes um grande castigo e penitência, qual se lhe representava que havia de ter por fim da contenda, que ouvir tal; e com grandes lástimas e desconsoação lhe pediu que o não quisesse forçar a ùa cousa pera a qual totalmente se sentia sem talento nem capacidade. Que não era novo recusarem e ainda enjeitarem grandes cargos os que tinham pera eles suficiência, quanto mais quem de todo carecia dela. Que bom exemplo nos deixara disso nosso Padre S. Domingos que, sendo quem era, no primeiro capitulo gèral que celebrou em Bolonha, pediu aos padres que fizessem eleição e o aliviassem do governo de ùa Ordem que havia pouco ele mesmo acabara de fundar e estava chea de santos e do seu espírito. Que, se um tão grande Santo, e tão favorecido de Deus, procurara descarregar-se em parte da administração de tal Ordem, como se atreveria um homem pecador e ignorante a pastorear tantos milhares de almas livres nas vontades, diferentes nos estados e, alguns, estragados na vida e porventura esquecidos da salvação.

— Com esse mesmo exemplo — respondeu o Provincial — quero convencer a Vossa Reverência e mostrar-lhe que favorece a minha rezão e condena a sua. Se nosso glorioso Padre trabalhou por renunciar o magistério da Ordem, não foi precisamente por escusar o trabalho de prelado e querer retirar-se a vida quieta, porque, se tal fora sua tenção, não



aceitara o officio de Inquisidor-gêral contra os hereges; ou, ao menos, pedira ao Papa absolvição dele, pois os trabalhos que levava, servindo-o, eram (como sabemos) intoleráveis, polos caminhos e perigos e afrontas a que, sem descansar, andava oferecido. O que o movia era querer trocar um trabalho pequeno por outro muitas vezes maior. Aquella sede insaciável, em que ardia, da salvação das almas, não se dava por satisfeita com o que trabalhava entre cristãos. Ouvira dizer que na Sírria havia gente innumerável que carecia do lume da fé e seria fácil de reduzir, se houvesse ministros que lhe levassem noticia do Santo Evangelho. Esse era o intento que o abalou. E, enfim, queria trocar a quietação de governar santos polo tormento e perigo de converter e salvar infieis. E quem traz o hábito de tal Santo em semelhantes obras o há-de imitar, sojeitando o entendimento ao parecer alheo e o corpo a todo trabalho, por serviço de Deus e bem do próximo. E se Vossa Reverência a isto se nega por não perder ãa hora do seu repouso, inda que seja repouso santo e religioso, mal pode dizer que o imita.

Procurava o prudente prelado escusar termos pesados com Fr. Bertolameu, e ia-lhe dando tempo pera se determinar, que sabia que era sisudo e amigo de sua Ordem. Mas ele sentia em seu ânimo fortes contrariedades pera admitir cargo que o havia de levar fora da cela e dos claustros da sua Ordem. Que, ainda que dava por rezão sua insuficiência e o peso de almas alheas, a mais cousas estendia o pensamento: considerava quantos laços estão armados na dignidade, nas pompas de casa e criados, no dinheiro, na mesa, na grandeza pontifical. Lembrava-lhe que buscara a Religião pera fugir ocasiões de perigos d'alma; e via que a mesma Religião era a que o vinha agora a precipitar nelas. Aqui perdia os estribos e, desconfiando de si, resolvia-se em dar a vida primeiro que o consentimento; e pedia a Nosso Senhor, com veementíssimo affecto, que fosse servido de lhe desviar esta carga, que havia por manifesta tentação, com que o inimigo pretendia derribá-lo.

## CAPÍTULO VIII

*Como o Provincial lhe pôs preceito que aceitasse o arcebispado e, obrigado da obediência, o aceitou.*

Passados alguns dias depois das últimas rezões que acabamos de contar que o Provincial teve com o Mestre Fr. Bertolameu, vendo que lhe tinha dado tempo bastante pera se aconselhar e resolver e que, pois não acudia, era sinal que se não decia de sua opinião, determinou usar das armas da Ordem.

Ûa segunda-feira, oito dias de Agosto do ano do Senhor de mil e quinhentos e cincoenta e oito, acabadas completas, manda tanger a capítulo e, juntos no coro (que aí quis que fosse) todos os religiosos que havia no convento, chama o Mestre Fr. Bertolameu e, tendo-o em pé, lhe fez ùa prática acomodada ao que determinava fazer, começando polas palavras de S. Paulo: *Christus non semetipsum clarificavit ut Pontifex fieret, sed qui loquutus est ad eum: Filius meus es tu, ego hodie genui te*<sup>1</sup>.

— Padre Mestre, dou a Vossa Reverência por exemplo a Cristo, nosso Salvador, o qual, só por obediência do Padre Eterno, aceitou, enquanto homem, o pontificado. A Rainha nossa senhora quer que Vossa Reverência aceite o arcebispado de Braga, no que faz mercê não somente a Vossa Reverência, mas a esta Província e a toda a nossa Ordem, e me

---

<sup>1</sup> Heb., 5, 5.

ordenou que obrigasse a Vossa Reverência com preceito. E como dos corações dos Reis se diz particularmente que estão na mão de Deus, temos todos rezão de cuidar (e de nos alegrar muito por isso, e Vossa Reverência mais que todos) que esta eleição é toda do Céu; e bom indício é sabermos todos quão descuidado Vossa Reverência vivia não só de a procurar ou desejar, mas ainda de a sonhar, pelo que, pois entra nesta dignidade não derribando muros nem saltando valados, senão pola estrada real e pola porta, chamado, buscado e rogado e, ultimamente, forçado pola obediência, Deus, que ordenou a entrada, disporá o processo e guardará a saída de toda culpa, ajudando a Vossa Reverência com Sua divina graça, pera que não somente tire daqui condenação, mas alcance nos céus o prémio; e não qualquer prémio, senão o que Ele tem prometido aos que bem administram semelhantes cargos e dão aos seus conservos a medida justa, no tempo conveniente. E assi como não é bem (segundo o nota nosso Padre Santo Tomás, declarando as palavras do Apóstolo que propus) que os discípulos de Cristo façam nenhum género de diligência por haver dignidades, também é conforme a boa rezão não nas recusarem, quando lhe são oferecidas e trazidas a casa, sem as pretenderem nem desejarem. Porque o primeiro é soberba e temeridade, e o segundo é teima e descortesia. E ùa cousa e outra, diz Nazianzeno <sup>2</sup> que é de gente nécia, porque quando Deus escolhe ùa pessoa pera algum cargo, ele se obriga a o ajudar. E a mesma obediência com que Vossa Reverência se sujeitar a seu superior lhe pagará Nosso Senhor ainda nesta vida, fazendo-o perfeito prelado e inspirando no coração de seus súbditos que também lhe tenham perfeita obediência. E, em virtude dela, mando a Vossa Reverência, como seu Provincial que sou, que sem me replicar faça logo sua vénia.

De boas rezões vinha Fr. Bertolameu armado, se houvera de ser ouvido, como inda esperava. A dor interior e a brevidade do tempo lhe tiraram o conselho e ataram a língua,

---

<sup>2</sup> Greg. Nazianz.

pera que obrasse a obediência. Levantou os olhos ao céu e dando um grande gemido, arrancado do íntimo das entranhas, que logo os olhos seguiram com lágrimas, prostrou-se todo por terra (é cerimónia de humildade que usam os nossos religiosos quando o prelado lhes quer notificar alguma obediência); o Provincial então, primeiro que tudo, o absolveu do priorado de Benfica e logo foi pronunciado o preceito e censura, na forma da Constituição da Ordem, concluindo que, em virtude da santa obediência, aceitasse o arcebispado.

À primeira palavra que o Provincial pronunciou do preceito, acudiu Fr. Bertolameu com estas que todos ouviram:

— Meu Senhor Jesu Cristo, não me desempareis.

E quando chegou a dizer «mando a Vossa Reverência que aceite», levantou a voz (como que tivera o laço na garganta e esperara o garrote) e disse:

— Deus seja comigo!

Bem representado temos aqui o que se escreve de outro Santo, também desta Ordem, que assi foi levado ao bispado, como se fora a ser martirizado. Foi Santo Antonino, Arcebispo de Florença. E segundo o que Fr. Bertolameu trabalhou por se livrar deste, antes e depois de se ver nele, é até que, a cabo de muitos anos, enfim o lançou dos ombros, não duvido que, se lho puseram em escolha, mais facilmente lançara mão do martírio.

Aceitou finalmente, à pura força de obediência, que é um dos três votos essenciaes e solenes de todo religioso que, sem pecado, se não podem quebrar. Digo que aceitou forçado da obediência, porque tinha lido que aquele é verdadeiro obediente que sempre está pronto e prestes pera obedecer sem dilação; que obedece de vontade e sem contradição, por mais que repugne o que se manda ao gosto, às comodidades e até ao entendimento; que obedece singelamente, sem estudar desvios, nem buscar escáfulas, nem lançar juizos ou pôr em balança os poderes de quem manda, ou a graveza do que se manda. Enfim, o verdadeiro obediente obedece universalmente em tudo, sem fazer exceção de cousa alta nem baixa, pequena ou grande. Que isto querem dizer as palavras do nosso santo Gèral Humberto, dizendo, entre outras, desta

virtude, que há-de ser *prompta sine dilatione, voluntaria sine contradictione, simplex sine discussione, universalis sine exceptione*.<sup>3</sup>

Letrado era, e muito letrado, Fr. Bertolameu, e bastantes armas lhe davam os livros pera se defender, mas esta doutrina, junta aos grandes escrúpulos que de contino o atormentavam nas matérias de sua obrigação, lhe atava as mãos, pera se não quietar com nada, representando-lhe vivamente na memória os exemplos que tinha lido, dos Santos obedientes: um que, por não replicar, regou muitos dias, e com muito trabalho, ùa árvore seca e de todo deseparada da natureza<sup>4</sup>; outro que, por obedecer, prantou as alfaces com a raiz para o céu e as folhas pera a terra<sup>5</sup>; outro que, sendo mandado acudir ao companheiro que ia arrebatado do rio furioso, entrou por ele sem medo nem ainda cuidado<sup>6</sup>. Logo lhe mostrava nestes casos o merecimento e poder da santa obediência, que o tevera pera vestir de nova frescura, em folha e flores, a árvore desesperada; fizera prender, contra natureza, as alfaces; e lageara as águas temerosas, para que o obediente corresse a pé enxuto por onde o companheiro se ia afogando. Enfim, esta força pôde somente acabar com ele o que não acabou nenhũa representação de comodidades ou interesses próprios, nem a honra que ele e os seus ficavam ganhando, nem a autoridade real, nem os rogos do Provincial e amigos.

Levantou-se Fr. Bertolameu arcebispo e, com a mesma humildade com que se tinha prostrado na vénia, pediu licença pera falar e começou desta maneira:

— A santa obediência busquei no princípio de minha vida pera me livrar por seu meio dos perigos do mundo; ela depois de velho me lança de si e me obriga com censuras que torne às ondas e às tempestades desse mesmo mundo;

---

<sup>3</sup> Humberto de Romanis, *Epistola de tribus votis substantialibus religionis*, c. 5.

<sup>4</sup> Hieron., in vitis patrum.

<sup>5</sup> Hist. S. Franc.

<sup>6</sup> Hist. S. Bened.

e quer que a crea eu e que tenha por bom e acertado o que me manda, quando assi me desempara. Grande poder, durissimo mandado, que haja de negar o meu entendimento e haver que será seguro e sadio pera mim o que sei que foi veneno, e veneno mortifero, pera muitos, melhores que eu. Digo, Padre nosso, que eu me someto à santa obediência e dela protesto que recebo esta prelacia, e não da mão de nenhum príncipe da terra. Porque a Deus tomo por testemunha que só o poder da minha Religião, que é poder seu, e nenhum outro do céu abaixo, me pudera obrigar. E assi, protesto diante de Vossa Paternidade e de todos estes padres que nisto seguirei o de que sou notado entre eles, de ser com demasia arrimado a meu parecer, que em nenhum tempo mudarei o estilo de vida que até 'gora segui e nela aprendi; nem me negarei de filho dela. E como tal desd'agora peço a Vossa Paternidade e, em seu nome, a todos os Padres Provinciais seus sucessores que, quando, visitando esta Província, chegarem a esses conventos lá vizinhos aonde me desterram, façam conta que têm outro um pouco mais adiante, onde eu estiver, pera o visitarem em todo rigor e pera me avisarem e reprenderem de minhas faltas. Confiança tenho em Deus não chegará nunca minha cegueira a tanto que os enjeite por mestres e censores; e desd'aqui me ofereço a toda pena, se acharem que despendo o património de Cristo fora do que é Sua santa vontade; não no gastarei em mimos ou comodidades de minha pessoa, não em faustos de casa e aparatos de criados; nem com ele enriquecerei meus parentes, como vão; nem o esconderei em tesouro, como avaro.

Respondeu o Provincial que a confiança que geralmente se tinha dele que o cumpriria assi e muito melhor do que o dizia o fizera arcebispo, mas que lhe pedia levasse na memória, de mistura com estes santos intentos, três cousas de que o queria advertir. Primeira, que fosse amigo de tomar conselho e não fiasse de seu parecer nem o seguisse, se não fosse em cousas averiguadas ou em decretos e mandados apostólicos. Segunda, que não fosse precipitado nem rigoroso em castigar, antes curasse untando e molificando e dissimulando muitas cousas; que não quisesse de todos vida

espiritual; porém que não permitisse pecado público ou escandaloso. Terceira, que não fosse fácil nem leve no trato, nas palavras, no semblante, de maneira que desse azo a o terem em pouco e lhe perderem o respeito; nem também fosse tão esquivo que suas ovelhas se estranhassem dele, mas guardasse em tudo ãa medida e peso conveniente ao officio, abai-xando com os pobres e pequeninos os pontos da severidade, e tendo por regra pera com todos trazer em balança igual grandeza de ânimo com humildade religiosa e brandura com gravidade.

A sustância destes três pontos escreveu logo de sua mão o humilde Arcebispo em um retalho de papel bem pequeno, que trazia no breviário como por registro, pera lhe serem sempre presentes aos olhos e à memória. E tanto lhe durou que nem na última idade o largou e, por sua morte, veio a nossas mãos, e nelas o tínhamos quando isto escrevíamos.



## CAPÍTULO IX

*Do que fez o Arcebispo depois de aceitar sua eleição  
e do que mais lhe succedeu até ser consagrado.*

Acabado o capítulo, saiu-se o eleito do coro e foi-se lançar diante do Santissimo Sacramento no altar de Jesu, pedindo-Lhe com piedoso affecto e profundíssima humiidade fosse servido alumiar-lhe o entendimento e dar-lhe graça pera se saber governar no officio que lhe encomendava sem offensa sua. Foi a oração larga, como pedia a ocasião.

Ao recolher pera a cela, ajuntou-se o convento a lhe dar os parabéns, os quais foram pera ele novo tormento, porque estava mais necessitado de consolação e ânimo. E como quem se achava em estado de emprazado pera entrar em batalha, começou desd'a hora que se houve por Arcebispo a correr tormenta de cuidados e escrúpulos que lhe não davam momento de repouso. Ocorria-lhe o que tinha lido nos santos, das grandes e precisas obrigações dos prelados; temia e tremia, e entrava em novo escrúpulo de ter aceitado. Já se reprimia, já fabricava montes de rezões pera não proceder sua eleição e todas, a seu parecer, mui justas. Alegrava-se um pouco; mas logo tornava a cair que era negócio fora de tempo e sem remédio; e entristecia-se mortalmente. Assi foi levando a noite e perdendo o sono da forte apreensão, e amanheceu com grande dor de cabeça; seguiu logo febre intensa, com agastamentos e desassossegos que deram em doença formada e perigosa.



Entretanto espalhou-se pola cidade a nova da eleição e das particularidades dela; e foi grande o espanto que causou, grande a matéria que deu a discursos e a conversações de murmuradores, julgando-se variamente dela. Mas, graças à virtude e ao preço que tem, até entre os seus inimigos, que os que mais rigorosas sentenças davam, que eram os opoentes, não achavam que tachar no eleito cousa que lhe tornasse em descrédito, converteu-se a cobiça em ódio, a ambição em raiva e desesperação. Notam ũa carta chea de atrevimentos e fazem-na dar em mão do Cardeal Ifante, que os príncipes são paredes brancas em que até os mais tristes negrinhos lançam suas riscas, e Deus o permite pera que se lembrem que são homens.

Diziam contra o eleito que era moço, sendo de quarenta e quatro anos vividos em estreita observância; que lhe faltava experiência, sendo a juízo de todos um dos mais famosos letrados que então se sabia; que lhe não sobejava sangue, como se c'ó sangue andara emparelhado entendimento e virtude. E eram caluniadores e apaixonados e apostados a rasgar cortesia.

Esta hei por ũa das maiores honras que Fr. Bertolameu teve nesta ocasião. Davam-lhe muita os que sem paixão falavam e muita mais os que sabiam de perto qual era sua vida. Mas em todos fez notável abalo, e até nos mal contentes amainou a raiva, quando se publicou a nova de sua doença e a causa dela.

Foi o mal crescendo e dando sinais temerosos. Alcançavam-se as febres ũa a outra com alteração no coração, indícios de humor venenoso, o tempo calmoso e de outono. Todos andavam no convento assombrados, ele só não temia, antes estava alegre. E houve quem lhe ouviu dizer que haveria por muito bem vinda a morte, porque o livraria de muitas ocasiões de poder ofender a Deus e desacreditar com isso a Ordem, de quem tanta honra tinha recebido. Mas o Senhor, que o guardava pera Lhe fazer grandes serviços e honrar com ele a Religião de Seu glorioso servo S. Domingos, foi servido que fosse aliviando e melhorando e, enfim, teve perfeita saúde. Porém, quando todo o convento lhe dava alegre-

mente os parabéns dela, tornou ele a suas primeiras malencolias e cuidados. E sintido do mal, que o fizera com ele a infirmitade em o não enterrar, afirmava que, a poder suceder sem ofensa de Deus, tomara de boa vontade haver quem lhe levantasse um falso testemunho na mais grave matéria e de maior infâmia da vida, pera que fosse ocasião de se remover sua eleição.

Como convaleceu, fizeram-se as diligências ordinárias pera se mandarem pedir as letras da confirmação a Roma; então soube que lhe carregavam sete mil cruzados de pensão e não faltou quem estranhou (e antes quis disso fazer peçonha) sofrer ele cortar-se-lhe tamanha parte da renda, que era um género de ficar título sem sustância e, por conseguinte, culpado de ãa ambiciosa vaidade. Cousa foi de que se não deu por achado, nem da culpa, nem da rezão dela; porque a culpa era falsa e bons indícios tinha dado no que lhe custou chegarem-no àquele estado; e da rezão não fez caso porque, como não estimava fazenda, se menos renda lhe deixaram, tão-pouco reparara nisso. Antes, se em tal duvidara, então pudera ser notado de cobiça, vício a sua natureza tão contrário que, podendo satisfazer-se da contia das pensões na hora que entrou em Braga, com fazer sobir os arrendamentos e crescer a renda, nem então, nem em vinte e três anos que foi prelado, tal quis consentir, como ao diante veremos. E todavia é certo que, depois que renunciou, cresceram as rendas quasi em dobro; fazia conta que pera si havia mister pouco, pera seus parentes, nada, e aos pobres, pera quem queria tudo (e não tinha outro gosto de ser arcebispo), bastava o que lhe deixavam.

Tornou-se logo pera o seu remanso amado da cela a Benfica, que então lhe parecia muito melhor assombrada, com o sintido que tinha de quão cedo a havia de perder, e representando-se-lhe d'antemão as saudades que ao diante lhe havia de fazer ver-se fora dela. Tornou a seus primeiros exercícios, assi os espirituais como o da lição dos noviços. E como estava desembaraçado do cargo de prior, continuava com mais assistência, e com a mesma acudia a todas as comunidades, como se não houvera diferença algũa dele

a qualquer religioso ordinário; e como o mais pequeno do convento, quando lhe cumpria ir à cidade, pedia companheiro e tomava o caminho a pé.

Aconteceu neste tempo mandar-lhe pedir a abadessa do mosteiro de Odivelas, da Ordem de S. Bernardo, quisesse ir lançar ãa bênção àquelas religiosas, que lhe tinham devação; e ao sábado que havia de ir, mandou-lhe a Lisboa, onde se achava, ãa mula. Aceitou o Arcebispo a ida, mas não a mula; tomou companheiro e foi a pé. E é ãa boa légua e meia de caminho! Quando se recolheu à hospedaria estavam duas camas feitas, e porque notou diferença nelas, na que viu aventajada, mandou lançar seu companheiro e ele tomou a que parecia mais pobre.

Ao domingo, como tinha licença pera entrar dentro com a procissão e ministros, como ali se costuma, não quis ir sem o companheiro, e ambos entraram. Era o companheiro o padre Fr. João da Cruz, de que nesta história faremos menção mais vezes, pelo muito que lhe queria o Arcebispo, como quem adivinhava quanto havia de montar na Ordem; neste tempo era professo novo.

Esteve o Arcebispo em Benfica, continuando com a lição dos seus noviços todo aquele inverno. Quando entrou o verão seguinte, do ano de mil e quinhentos e cincoenta e nove, começaram a continuar os fidalgos da corte em o visitar e conversar, de maneira que o cansavam e lhe tomavam o tempo de suas ocupações e estudo, que nunca deixava. Pelo que determinou mudar estância e se passou a Azeitão, ao antiquíssimo convento que ali tem a Ordem, e nele residiu até a vinda das letras que chegaram a Lisboa por Agosto seguinte, e foram despachadas em Roma, aos vinte e sete de Janeiro do mesmo ano, no dia que celebramos a festa do valeroso Arcebispo de Constantinopla, São João Crisóstomo.

## CAPÍTULO X

*Como foi consagrado o Arcebispo e partiu pera Braga,  
e da casa e companhia que levou.*

Com a chegada das letras apostólicas e confirmação de Sua Santidade, mandou o Arcebispo a Braga o Doutor Martim Salvador Aspilcueta, com poderes bastantes pera, em seu nome, tomar posse no eclesiástico e secular; e logo aos três dias de Setembro foi celebrada sua consagração no convento de S. Domingos de Lisboa, com muita alegria de todos os religiosos, notando-se que nele tomara o hábito e nele havia trinta anos professara, e que no mesmo dia, três de Setembro, em tempos antigos fora consagrado S. Gregório Papa, também constringido e forçado. Aos oito, que foi sexta-feira, dia da Natividade de Nossa Senhora, recebeu o pálio no altar de Jesu, da mesma igreja, de mão do Arcebispo de Lisboa, D. Fernando de Vasconcelos de Meneses.

Passava de um ano que Braga estava sem pastor e parecia razão não lhe tardar quem a tinha à sua conta. Fez-se prestes e, segundo se determinou, havia pouco que aprestar. O mais por que se deteve foram visitas de comprimento dos fidalgos da corte, e tomar licença e despedir-se da Rainha e do Cardeal Infante.

Um dia inteiro tomou pera Benfica, aonde se foi a pé e só com o padre Fr. João de Leiria. Abraçava todos aqueles religiosos e a cada um, com muita brandura e palavras de amor, pedia em particular o encomendassem a Deus, e até

com as fontes e arvoredos e com as paredes daquela devotíssima casa teve saudosos colóquios.

Aos 22 de Setembro partiu de Lisboa; acompanhou-o até a portaria toda a comunidade; ao despedir-se, ou fosse lembrando-se que à viva força deixava a casa e a companhia com que nela se criara, ou que daquela hora em diante entrava em cuidados tormentosos e cheios de perigo e desgostos, nos quais se lhe trocara a quietação e descuido santo com que tantos anos entre aqueles padres vivera, reconheceu a humanidade sua fraqueza e derramou muitas lágrimas, por mais força que fazia polas dissimular.

A casa e acompanhamento com que partiu fez tão pouco estrondo que não sabemos pessoa de importância que levasse consigo mais que o padre Fr. João de Leiria, a quem escolheu pera o levar por seu companheiro, a uso da Religião. Era religioso grave e observante, e tão antigo, que fora seu mestre de noviços no convento da Batalha, e por tal lhe reconheceu sempre superioridade e o respeitava como quando o tinha por prelado; e ainda depois de arcebispo tão prontamente lhe deferia que deu ocasião a se cuidar que o levara consigo pera ter a quem em alguma maneira desse obediência, a fim de conservar o merecimento em que se criara na Religião, governando-se em todo tempo por vontade alhea e tendo a sua morta; e afirmava-se que, no que tocava a sua pessoa e casa, lha tinha de secreto sojeita. E de Fr. João nos consta que procedeu neste lugar c'o mesmo rigor e austeridade em sua pessoa e obras que usava quando na Religião criava noviços. Mais levou consigo alguns religiosos da Ordem, que não podia estar sem eles, e seculares, poucos. A recâmara não passava de alguns livros, e não muitos, e ùa pobre cama da Ordem, sem cousa comprada de novo pera fazer aparato, ou ao menos pera um pouco de mais gasalhado e melhor tratamento de sua pessoa do que usava na Ordem.

Assi, fez brevemente o caminho; quando lhe disseram que estava em terras de sua diocesi, sobressaltou-se todo e apertou-se-lhe o coração. Sentem-se mais os perigos quando estamos perto deles. Vendo-se já metido no que tanto arre-

ceara, acudiu a Deus como se entrara em batalha, dizendo desconsoladamente com os olhos no céu:

— Meu Deus e Senhor, pois fostes servido que tão pesada carga se pusesse sobre ombros tão fracos, como Vós sabeis que os meus são, *dabis, Domine, servo tuo cor docile, ut populum tuum iudicare possit et discernere inter bonum et malum. Quis enim iudicare poterit populum istum, populum tuum multum?*<sup>1</sup> — pedindo, como outro Salamão, sabedoria pera acertar a julgar e governar bem seu povo.

A quantos achava polos caminhos, de tantos se sentia obrigado a dar conta, e a todos se havia por devedor. Alegravam-se todos com a vista do novo pastor, pelo que ouviam dizer de suas virtudes que a fama levou diante; despejavam-se os lugares pelo virem esperar aos caminhos por onde havia de passar, pera o verem e receberem sua benção. A todos agasalhava bem assombrado no gesto, indo assaz carregado no coração, e a todos pedia que o encomendassem a Deus.

Chegou a Braga dia de S. Francisco, quatro de Outubro, dia em que a Santa Igreja faz memória de outro arcebispo que, sem pretensão mas antes por particular revelação do céu, foi dado à cidade de Bolonha, em Itália, que foi S. Petrónio. De todos os estados foi recebido alegremente, que em terras pobres, e nas ricas também, é bem visto e parece muito gentil homem o prelado, e ainda qualquer governador secular, que entra com poucas bocas e pouco estado. Julga-se que partirá melhor com os naturais, quando houver menos gastadores de fora, que fará mais justiça e as mãos serão mais limpas.

Ao entrar na casa pontifical pareceu aos que o acompanhavam que se achava estranho; e assi foi, mas não de assombrado da magnificência dos paços, das pinturas, dos dourados (como eles cuidavam), que nada disto estimava, senão considerando de quantos prelados santos, e muito santos, haviam sido morada. E disse com um suspiro sentido:

---

<sup>1</sup> 3 Rs., 3. 9.



— *O domus antiqua, quam dispari domino dominaris!* <sup>2</sup>  
— E prosseguiu — Ó arcebispos santos que aqui vos agasalhastes! Ó arcebispo pecador que aqui te atreves a entrar!

Entrou polas fermosas salas que chamam da Rosa e de Hércules, e, nem quando entrou, fez caso delas, nem polo tempo adiante, porque nunca delas se quis servir, senão era quando, por algũa grande festa, convidava a jantar os que com ele assistiam no altar em dia de pontifical, ou a seus desembargadores, ou tinha hóspedes de fora.

Só da câmara em que se recolheu e do concerto dela mostrou contentar-se, porque era a seu modo e, por ordem sua, nesta forma: ãa cama sem nenhũa diferença das ordinárias da Ordem de S. Domingos, do feitio seguinte: três tábuas mal lavradas atravessadas sobre dous banquinhos do mesmo lavor. Sobre este leito (que na Ordem chamamos barra), lançado um enxergão de palha, e em cima seu colchão de lã, coberto com duas mantas brancas de pano grosso, que eram as mesmas que tirou do mosteiro e lhe serviram muitos anos despois. Estas faziam officio de lençoes mimosos e de emparo pera o frio, e entre mantas dormiu toda a vida, sem admitir nenhum género de linho, enquanto tinha saúde. Na cabeceira ãa tábua de pinho arrimada à parede, com um papel pregado, em que havia só estas duas letras, S. B., que, admitindo muitas significações, a que ele lhes dava teve em segredo até que tornou pera a Ordem e acaso a declarou, como adiante contará a história. <sup>3</sup>

Esta era a cama pontifical, sem outro paramento nem pavelhão, nem cortina, e era tão curta que, segundo sua estatura, de força havia de jazer encolhido, e tão estreita que não dava lugar de mudar sítio nem jazida. Junto da cabeceira, no chão, um vaso d'água, que era ãa escudela branca ordinária de Talaveira, que lhe servia de espertador contra o sono (costume seu desd'o tempo de noviço) pera não perder as horas de seus exercicios. Nas paredes não

---

<sup>2</sup> Cic., *Off.*, I, 39, 139.

<sup>3</sup> Liv. 5, cap. 16.

havia pano, nem armação, nem pinturas, nem painel. Só na porta se armou, da banda de fora, um pano azul grosso, por guarda dela, que pouco tempo a guardou, como adiante veremos.

A mesa que tinha pera escrever e estudar era como as que usamos na Ordem (é seu nome próprio *banca*, na figura e feitio); esta, sobre pouco pulida na sorte da madeira e lavor, estava de todo nua. Sobre ela um devoto crucifixo, a quem tal mesa ficava servindo mais de Calvário que de altar.

Ao longo da parede ãas estantes a uso fradesco, que diziam com a mesa na feição e pobreza. Poucos livros nelas, mas cartapácios muitos, e cadernos de sua mão escritos, argumento de seus estudos: uns de matérias que ditara, sendo leitor por tantos anos; e outros de notações que ia fazendo e tirando dos Padres e Santos antigos sobre diversos intentos. Do meio das estantes pendia um pequeno retábulo de Nossa Senhora do Rosário.

Com este retrato da sua cela, que nunca alterou enquanto viveu e foi prelado, temperava as vivas saudades que sempre o seguiam dela.



## CAPÍTULO XI

### *Como ordenou o Arcebispo sua vida em Braga.*

Desd'o dia que o Arcebispo se viu encarregado das obrigações de pastor desejou trazer sempre diante dos olhos um retrato de algum perfeito prelado, pera conforme a ele guiar suas obras e cuidados. Pera este fim fez grandes informações em Braga da vida e governo e modo de proceder de seus antecessores; e juntamente foi tirando dos livros dos santos Doutores e Padres antigos e apontando várias regras e documentos que reduziu a um volume a que deu título *Stimulus Pastorum*, o qual foi depois bem estimado entre os prelados de Itália, onde primeiro se publicou, como veremos em seu lugar.

Entretanto a ordem que tinha em sua vida era esta: levantava-se infalivelmente todos os dias às três horas da manhã e pera se espartar usava do remédio da água, que dissemos tinha sempre a cabeceira. Ocupava-se até pola manhã na lição da Sagrada Escritura e dos Santos, ou em escrever tratados de devação, que deixou escritos muitos. Rezava suas horas pola manhã cedo e sempre só, senão era quando, nesse dia, havia de pregar, porque então se ajudava de um capelão; às oito dizia sua missa ou a ouvia, e dava licença que entrassem a ela todos os negoceantes e requerentes que o buscavam.

Depois de missa dava audiência gèral, mandando entrar primeiro todas as mulheres que havia, e logo se recolhia com o desembargador pera a câmara em que dormia, a des-

pachar as petições e papéis que havia, pera os quais tinha outra mesa da mesma feição e ornato, que era a de seu estudo, com duas cadeiras chãs e ordinárias. Neste despacho entendia até horas de jantar, que pera ele, eram sempre as do meio dia.

À tarde mandava abrir as portas pera quem queria negociar com ele e, havendo papéis, despachava até se cerrar o dia. De ordinário, em se fazendo sinal nas igrejas às Avè-Marias, se recolhia e fechava em sua câmara e, largando todo género de negócio temporal, entendia em suas devações particulares; e a principal era oração e contemplação, seu pasto quotidiano e antigo. Assi se pagava e restaurava das ocupações do dia com dar a noite a Deus; e se lhe batiam com algum negócio forçado, logo se desembaraçava dele, dizendo: *Sufficit diei malitia sua*: que bastava ter gastado o dia todo em serviço do próximo e em negócios seculares e distractivos, pera tomar também ùa hora da noite pera si, pera pedir nela perdão a Deus de seus descuidos e ofensas de todo o dia e impetrar favor pera o seguinte; e muitas vezes era tal o ímpeto do espirito com que se recolhia que, em se fechando, se lhe ouviam altos gemidos. Este exercício tinha até junto das onze e então se agasalhava entre as pobres mantas.

O tratamento de sua pessoa e mesa, que agora diremos, não principiou em Braga: continuou em Braga o que tinha na Religião. O que espanta é que não afrouxou nunca um ponto do rigor com que entrou.

No vestido, como na cama, não admitia nenhum género de linho nem outro lenço; o hábito da Ordem não deixou nunca; as túnicas usou sempre de estamemha e vestidas a termos tão largos que acontecia perder-lhe a conta.

Quando estava na cidade tomava todos os dias ùa rigorosa e larga disciplina, logo despois das três horas, quando se levantava ante manhã. El porque sentia faltar-lhe esta mortificação, quando andava visitando por fora, que não tinha por lá a comodidade e segredo que convinha, da volta que fazia pera Braga, antes de entrar nela, costumava recolher-se uns dias no mosteiro de S. Frutuoso, da Ordem de

S. Francisco, Província da Piedade, que está fora dos muros, e ali se refazia do tempo perdido com estreitos jejuns e muitas disciplinas; e tal era a recreação que dava aos membros cansados do trabalho dos caminhos e descontos da visitação! Cilícios, usava em todo tempo, mas com segredo e cautela, que se lhe não entendessem, porque, a imaginar-se que os trazia, era sua natureza tão alhea de hipocresias que antes os não traria.

O mantimento cotidiano da sua mesa, os dias de carne (exceito as quartas-feiras que pera ele eram dias de peixe), era ãa só ração de vaca ou carneiro, e se lhe punham acaso algũa cousa mais deste ordinário, em a vendo, logo a mandava dar inteiramente aos pobres. Não comia peixe contínuo, como manda a regra de S. Domingos, por lho defenderem os médicos, respeito de certo achaque que tinha em ãa perna. Punham-lhe na mesa um copo de vinho que ordinariamente era medida de meio quartilho e, junto deste, outro, vazio, capaz de quantidade dobrada. Começando a jantar, lançava por sua mão, no vazio, ametade do vinho e acabava de o encher com água, e assi ia bebendo e lançando mais água, de maneira que, quando acabava a mesa, sempre ficava quasi meio daquela água avinhada e esta, com o vinho do mais pequeno, mandava ajuntar e dar a um pobre. Era isto devação que começou na Religião e não perdeu depois de arcebispo, nem por toda a vida.

E o mesmo fazia de tudo quanto pera comer lhe punham diante. A primeira cousa era apartar logo ametade pera os pobres, fazendo conta, quando se assentava à mesa, que tinha a Cristo por convidado. Pia e santa e verdadeira consideração, pois Ele nos prometeu que nos pobres O teríamos sempre presente, quando disse que a Ele fazíamos o que a eles fizéssemos. E pobres em nenhũa mesa faltarão, se houver quem os queira por hóspedes.

A copa ou aparador de estado, em que os vãos do mundo se revêem (e às vezes com fausto mintiroso, porque acontece serem mais as dívidas de seus donos do que val tudo o que nele enlea os olhos), era pera o Arcebispo ãa banca seca, da architectura das que contamos da sua câmara, sem

toalha, sem vaso, nem prato, nem peça outra de prata. A baixela mais lustrosa era louça branca de Talaveira, o mais, tudo estanho, que nem ũa colher de prata havia em toda a casa; por maneira que, um dia que houve de tomar ũa amendoada, se mandou buscar ũa colher fora de casa, emprestada. Pera os caminhos, quando visitava, mandava levar louça de pau.

Segundo isto, fácil fica de crer que não haveria guarda na parede, de reposteiro, nem outro pano que honrasse o aparador.

A estes religiosos jantares chamava cada dia um dos desembargadores de sua relação (creo que para lhes dar lição de temperança), começando polos mais antigos e correndo todos por ordem. Alguns tinham a honra por custosa, outros acudiam com gosto, polo que tinham de o verem e ouvirem, porque sobre a lição que sempre havia à mesa, movia questões de matérias curiosas, ou resolvia algum caso de consciência, ou dava doutrina de edificação, e sempre havia que aprender dele.

As quartas e sextas-feiras comia com seus capelães em refectório ou tinelo (como agora chamam, com nome italiano), com lição e silêncio, a uso monástico.

Dos jantares não desdiziam as ceas que, conforme a boa física, deviam ser mais leves. Nos dias de cea mandava que lhe deixassem em ũa câmara, junto da em que dormia, dous ovos com um pão e o vinho costumado e, se era jejum da Igreja ou da nossa regra, algũa fruta conforme ao tempo, sem pão. Esta cea ou colação ia demandar alta noite e dela muitas vezes não chegava a comer ametade, e muitas mais se achava, pola manhã, inteira e intacta, e assi havia de ir logo pera algum pobre. Para a hora da cea não chamava ninguém, nem queria assistência de criado pera ela, nem pera o descalçar, quando se deitava, nem pera o vestir, quando se levantava.

Rezão parece que não passemos daqui sem averiguar donde nacia esta estreiteza tão determinada que o Arcebispo usava consigo. Que fosse por escasseza de condição, não se pode tal cuidar de quem (como logo veremos) dava tudo

e nada entesourava. E a verdade é que nenhum avaro dá a outrem o que a si tira; e quem dá largo, seja donde for, já se isentou do nome de avaro. Que fosse pusilanimidade e um certo medo de despendar, que era a interpretação dos mais sutis caluniadores, menos aparência tem de verdade, porque bem sabido é que todo género de caça e aves e outros mantimentos que mais se usam nas mesas grandes, são em Braga baratíssimos e, quando deles quisera ter a sua cheia, não vinha a ser gasto considerável no cabo do ano. Segue-se logo, e bem provado fica, que a razão destes apertos era pura virtude de temperança e ãa determinação de não querer mudar ãa mínima do trato e costume santo da Religião, que, sendo nela de soberano merecimento, mantê-lo no meio da licença, e do poder, e da grandeza pontifical, e ser outro Tântalo por sua vontade e acinte, na maior abundância das cousas, e não pera guardar senão pera ter mais que repartir e espalhar entre pobres, é ãa virtude de tanto preço que não sei eu nenhum que se lhe iguale. E basta sabermos que este foi o estilo dos santos prelados da primitiva Igreja, Hílário, Martinho e Nicolau.

## CAPÍTULO XII

### *Da ordem que o Arcebispo deu na justiça eclesiástica e secular.*

Como quem já não era seu nem vivia para si, assi, sem tomar dias pera descansar nem tratar doutras matérias, procurou o Arcebispo, em chegando, entender no bom governo da justiça eclesiástica e secular.

Falou particularmente com todos os desembargadores e, metendo a mão em cada um, foi espreitando como estavam de letras, que qualidade de causas corriam nos auditórios, que cuidado havia nos julgadores, como despachavam e que expediente havia nos negócios. Por outra parte foi logo tomando estreitas informações, de pessoas de virtude e consciência, da vida e costumes de todos e como procedia cada um em sua obrigação. E por então não lhe pareceu que era bem alterar em nada o estado em que achava as cousas, por não perturbar a correnteza dos negócios e prover o necessário com maduro conselho. Somente afirmava em todas as práticas que as prebendas grandes e abadias rendosas haviam de ser dos que melhor conta dessem de seus officios; que por isso não trazia parentes nem criados, porque tudo o que era fruto do arcebispado havia de ser (como era rezão) pera galardão dos que bem servissem ao mesmo arcebispado.

Despois que viu e ouviu e tratou a todos e a cada um por si, sinalou dia pera ir à relação. Era a primeira vez, não faltou nenhum. Fez-lhes ãa prática muito considerada e da sua erudição, tomando por principio o verso do Salmo

*Si vere utique iustitiam loquimini, recte iudicate filii hominum* <sup>1</sup>. E lembrava-lhes que, como doutos e curiais, tinham obrigação de julgar conforme às leis, não nas torcendo nem estirando; e, como humanos, julgar com piedade, compadecendo-se daqueles a quem julgavam, pois eram homens como eles e não havia ninguém tão puro, enquanto vivemos, que se possa gloriar de viver sem culpas e fraquezas. Que, assi como os prelados são verdadeiros pais de seus súbditos, e como tais estão obrigados a lhes ter amor e procurar com todas suas forças que se inclinem ao bem, nem mais nem menos os desembargadores, os juizes, os visitadores, por serem ministros e estarem em lugar do prelado, ficavam com a mesma obrigação e deviam ter seu coração cheio do mesmo amor, pois o ofício que exercitam não é outro nem tem outro fim senão o mesmo prelado, que é encaminhar os súbditos pera Deus. Que o pai que de verdade ama o filho, quando mais asperamente usa com ele da vara, quantos golpes lhe dá em ódio da culpa por que lhos dá, tantos recebe nas mininas dos seus olhos, polo amor que lhe tem; assi, o ministro então seria qual convem se, quando castigasse o culpado, como manda a lei, lhe ficasse doendo a mão como a pai. Porque castigar sem amor estava perto de crueldade de algóz; já usar da espada da justiça com paixão era tirania e vingança; que ao juiz justo e recto nunca a clemência e brandura natural lhe tolheu a execução da justiça, somente temperava o rigor da pena. Por onde deviam notar o que o Angélico Doutor Santo Tomás diz sobre aquele lugar do Apocalipse, *Incipiam te euomere ex ore meo* <sup>2</sup>: lançar-te-ei de minha companhia como quem vomita. Que, consideradas as convulsões e agastamentos que o vômito causa no corpo humano, todo castigo rigoroso e a excomunhão de que ali fala particularmente (que é a maior pena do juízo eclesiástico) há-de ser decretada contra vontade e como à força, assinada com dificuldade, com lágrimas e dor do coração

---

<sup>1</sup> Sl., 57, 2.

<sup>2</sup> Ap., 3, 16.



fulminada, e com abalo de todos os membros e desconso-  
lação entranhável executada. Porque, na verdade, qualquer  
república e qualquer cidade é um corpo de todos seus mem-  
bros perfeitamente organizado: o príncipe ou prelado é  
cabeça, os juizes e governadores são mãos e braços. Nos  
mais membros se representam os súbditos. E, se no corpo  
se não corta o pé sem grande sentimento de todos os mais  
membros, e igualmente dos mais principais, doutrina-  
dos ficavam os que a seu cargo tinham julgar do que deviam fazer  
e com que respeito e mágoa, quando se oferecesse ocasião  
forçosa de cortar polos pequenos; e acrescentava que o bom  
julgador, pera proceder acertadamente, havia de imitar o  
bom cirurgião, que, antes de chegar a obrar com a navalha  
ou cautério contra o membro que se vai corrompendo, pri-  
meiro corre e aplica todos os remédios que a arte ensina,  
pera o reduzir a estado de saúde e, quando nada aproveita,  
então, vencido da força do mal, corta, então queima e no  
que lhe custa de sentimento chegar a essa crueldade mostra  
que é género de piedade o vir a ser cruel, porque o faz por  
salvar o resto do corpo e, com ele, a vida. Por onde, segundo  
sentença de Sêneca,<sup>3</sup> não seria pouco ditoso o julgador que  
de tal maneira procedesse que se persuadissem as partes,  
quando nas sentenças houvesse sobeja severidade, que não  
somente guardava as regras de rezão e justiça mas também  
as da humanidade, sentindo desgosto do rigor forçado. Que  
por certo tinha que, de todas as calamidades com que Deus  
castigava muitas províncias, a raiz principal era falta de  
justiça; e pela mesma rezão esperava grandes boas venturas  
e mercês do Senhor, naquela sua cidade, porque do que tinha  
alcançado das boas partes de todos e de cada um dos que  
assistiam naquele senado formava um juízo bem fundado  
que havia justiça inteira nos tribunais, pois achava neles  
muitas letras, estudo e ponderação, nenhũa cobiça, gente  
quieta, livre de contendas e paixões e, onde isto havia, não  
lhe ficava que desejar nem que encomendar senão era pedir-

---

<sup>3</sup> Sen. *Clem.*, III, 22.



-lhes que corresse[m] c'os negócios com tanto cuidado que não andasse a corte chea de partes nem houvesse queixa de feitos dilatados; e que, se de sua parte ou de seu poder era necessario algũa cousa pera bom efeito do que lhes encarregava, pedia a todos o advirtissem com zelo e com amor e com liberdade, porque ele de sua pessoa lhes prometia que em todas as cousas o haviam de achar pronto e prestes, não só como superior mas como companheiro: companheiro pera os ajudar e acudir em todas as matérias; superior pera ter muito particular cuidado de suas honras e acrescentamentos.

Eram as palavras do Arcebispo em todo tempo chãs e singelas, mas sabia-as propor com um termo tão grave que lhes dava alma, e ãa certa força que obrigava, e persuadia, e sojeitava. Tinham notado sua linguagem os desembargadores, em particular, e sua afabilidade e singeleza; viam na casa o pouco fausto com que vinha; olhavam pera um frade, em tudo pobre frade: na pessoa, na família, no trato, na profissão; e como todos nos levamos das primeiras informações, que são as aparências de fora, era avaliado conforme a elas e julgavam, o primeiro dia que o viram, que não tinham mais que um prelado titular. Mas depois que o ouviram na relação e foram vendo sua inteireza e generosidade, o pouco que estimava fazenda e o muito que honrava a virtude, começaram logo a formar novo conceito e conhecer nele o que o primeiro cônsul romano quis significar de si na oferta que levou a Delfos (era a oferta um bordão de pau mal lavrado e tosco, mas de tal artifício que encerrava e cobria outro, de ouro purissimo, dentro de si) <sup>4</sup> e foram entendendo que tinham valeroso prelado disfraçado em trajos de pobreza, peito e ânimo real debaixo de humilde presença.

---

<sup>4</sup> Tit. Liv., I, 56, 9.

## CAPÍTULO XIII

*Da ordem que deu o Arcebispo nas cousas da fazenda,  
e no serviço e meneio de sua casa.*

Dado assento no governo eclesiástico conforme ao que pedia o tempo, applicou-se ao temporal de suas rendas e casa, em que despendeu poucas horas, e deu ordem pera toda a vida, porque nela não fez mudança enquanto governou.

A arrecadação das rendas meteu em mão de pessoas de consciência e muita confiança, não de habilidade pera as levantar, nem de condição esquivada pera as cobrar com violência, nem de ânimo avaro pera as fechar e poupar. Pera tesoureiros do dinheiro buscou os mais afeiçoados aos pobres e a fazer esmolas.

O cileiro, que era a parte mais grossa de todo o rendimento do arcebispo, entregou a um pobre clérigo que levou consigo, passando de caminho polo convento da Batalha. E a ocasião de o levar foi esta: sendo leitor naquele convento, como atrás fica dito, foi um dia pregar a um lugar vizinho, que chamam a Barreira, e agasalhou-se em casa do cura. Estando nela, succedeu entrar um pobre homem mal ferido em ãa mão, a valer-se do cura. O cura, sem mais obrigação que de piedade e boa natureza, o recolheu e o teve em casa, provendo-o do necessário e curando-o muitas vezes por sua mão, até sarar. Notou o Arcebispo a caridade, que viu com seus olhos, e o que soube depois, perguntando polo ferido; e não lhe esqueceu quando passava pera Braga; perguntou por ele; achando-o vivo, tirou-o da miséria da

aldeia. A este entregou o cileiro e soube ele dar tal satisfação de si que o Arcebispo, andando o tempo, o fez cônego, rico e honrado.

A este modo era toda a mais família: pouca gente, mas toda de boa vida e costumes, e bem proporcionada com seu amo. E constava de três géneros de gente: religiosos da sua Ordem, escolhidos por ele; capelães, clérigos sisudos e graves; mancebos pera serviço vestidos de roupas compridas e encaminhados pera eclesiásticos. Não havia escudeiros, nem pagens, nem homens de capa e espada; oficiais de câmara e mesa, a uso de casas de grandes como ele era, que são camareiro, mordomos, estribeiro, trinchante, eram pera o Arcebispo matéria de riso.

Apresentou-se um dia diante dele um homem de boa pessoa e bem entrajado, dizendo que fora trinchante de seu antecessor e por tal merecia não lhe ser preferido outrem no lugar e, por destro no officio, pedia lhe desse o Arcebispo a praça em seu serviço. Respondeu-lhe o Arcebispo sem detença que trazia trinchantes. Reparando um pouco o requerente como espantado, porque sabia bem a casa que trazia, acudiu ele e, apontando nos dentes, disse-lhe que enquanto aqueles trinchantes durassem escusava outros; que buscasse sua vida.

Da mesma maneira escusou estribeiros. Todo o aparato da sua estrebaria era ùa mula só, de sua pessoa, e esta, de tão pouco estado, que de ordinário, por não comer a cevada ociosa, andava ocupada com as outras de serviço, acarretando o que era necessário pera provisão de casa.

Assi, quem via aquela família, via pintado um mosteiro de grande reformação. O vestido, as práticas, o trato de todos, representavam virtude e honestidade. Não havia jogar, nem jurar, nem dormir fora de casa. Se acaso em algum havia nota ou sospeita, por leve que fosse, de trato pouco honesto, logo era avisado, ou castigado, ou despedido, conforme à calidade da culpa; e tendo pera isto bastantes atalhas em casa, ele mesmo costumava a visitar as pousadas em pessoa, com ùa alenterna na mão, pera ver em que

entendiam, e se estavam recolhidos, e as portas da rua fechadas.

O meneio da casa e provimento dela estava à conta do padre Fr. João de Leiria, que administrava todo o temporal, com muita prudência, não excedendo, porém, um ponto das balizas e ordem que o Arcebispo tinha posto nas cousas. Sendo a gente de casa pouca e o gasto dela e de sua pessoa tão registrado como temos dito, inda que a renda fosse curta, de força havia de sobejar muito, no cabo do ano.

Consta-nos que importava ao todo a renda certa e sabida do Arcebispado pouco mais de vinte mil cruzados; destes, pagava de pensões seis mil cruzados ao Cardeal Ifante e quasi outros mil a diferentes pessoas; pagava de ordenados de sua relação e dos ministros de justiça secular e eclesiástica três mil e quinhentos cruzados; tudo o que ficava (a que havemos de ajuntar o rendimento de sua chancelaria, que, ainda que não era de cousa certa, sempre importava, uns anos por outros, mais de mil cruzados) era emprego de piedade metido nas mãos dos pobres, tirando ùa pequena porção com que alimentava sua pessoa e casa. E este, como era distribuído por pessoas de boa consciência e de mãos limpas (que nisto vai muito a dizer), abrangiam as rendas a tantos e lustravam tanto que alguns anos pareceram miraculosas.

Assim, começou, em chegando a Braga, a alargar a mão do que achou caído delas e acudir liberalmente a todas as necessidades que se lhe representavam, na cidade e fora dela, mandando remediar ùas com dinheiro, outras com trigo e centeo e pão amassado, segundo a cada ùa parecia mais conveniente; de maneira que mostrava um estremo de apcrto consigo e outro, de largueza, c'os pobres: estilo novo e não ouvido em nossos tempos, que confundia naqueles princípios os ânimos dos que olhavam suas cousas com curiosidade; e o que mais espantava era o gosto que mostrava em não querer nada pera si, nem pera os seus, nem pera outrem, senão só pera os pobres.

E aconteceu logo caso notável com que se penhorou bastante com os homens neste modo de proceder. Por fim de Janeiro, primeiro que teve em Braga, apresentaram-

-lhe ãas lampreas. Não faltou quem o advirtiu que era costume de seus antecessores, as primeiras lampreas que se pescavam, inviaem-nas à Rainha e, pera chegarem frescas e boas, buscavam um valente peão que, bem pago, corria com elas como em posta. Ouviu o conselho, mandou que se buscasse o correio, que se fizesse preço do porte e caminho; feito tudo, mandou vir diante as lampreas e o dinheiro que se montava ao caminheiro; e logo fez entregar tudo ao seu esmoler, com ordem que as lampreas se vendessem e o dinheiro delas, com o do correio, se desse aos pobres, acrescentando que a Rainha de Portugal tinha rendas e poder pera mandar comprar e levar lampreas, quando as quisesse, de muito mais longe; e tinha tanta virtude e caridade que não havia de achar sabor nas que lhe fossem de Braga à custa daqueles necessitados, por quem mandava repartir o dinheiro. Puseram-se as lampreas em venda; com serem as primeiras e primícia de prelado, negou-se aquele gosto, não quis tocar nelas, nem que servissem à Rainha, fazendo sacrificio dele e delas *in sinu pauperum*, no seio dos pobres; emprego aventajado à água da cisterna de Belém <sup>1</sup>.

História foi que não ficou em segredo e chegou às orelhas da Rainha que, como tão grande católica, a estimou e nela renovou o gosto da boa eleição que fizera do prelado.

---

<sup>1</sup> 2 Sam., 23, 15.

## CAPÍTULO XIV

*Do zelo e continuação com que pregava  
e como começou a visitar o arcebispado.*

No mesmo tempo que o Arcebispo ia dando ordem na administração da justiça e no temporal de sua casa e fazenda, não estava ocioso no que tocava ao espiritual de suas ovelhas. Era mestre na matéria de espírito, que a aprendera desde minino, e sabia bem quanto se aventaja com prevenir culpas, antes que se cometam; sabia que a melhor prevenção de todas pera ter mão nos homens que não caíam em grandes vícios é a palavra de Deus, palavra viva e eficaz <sup>1</sup>, que corta pelas entranhas e pela alma, como espada afiada e cortadora; que, das mãos à boca, faz trocar o sabor das cousas, desafeiçoa vontades e até nos entendimentos faz força.

Assi, começou logo a continuar o púlpito com tanto fervor como se só para este officio viera a Braga. Pregou todo aquele Advento e depois toda a Quaresma seguinte; e todas as festas principais de Cristo e de Nossa Senhora, que se achava na cidade, fazia o mesmo, e quasi todos os domingos; e colhia bom fruto deste trabalho, porque, como acreditava a doutrina com exemplo de vida perfeita, persuadia e acabava muito com os ouvintes.

O estilo de pregar era mui diferente do que usava na corte (o intento sempre nele foi o mesmo), deixou flores

---

<sup>1</sup> Heb., 4, 12.

de retórica, explicações agudas e conceitos levantados, que serviam lá pera orelhas delicadas e entendimentos mimosos, pera os penetrar e fazer efeito a doutrina medicinal, a modo de bom guisado; e entregou-se todo a termos chãos e doutrina clara que servisse pera todos, porque esta cumpria à maior parte dos ouvintes, armando-se a fazer guerra e desterrar do mundo aqueles três pestilenciais incêndios que o assolam, que S. João nos significou: *Omne quod est in mundo concupiscentia carnis est, et concupiscentia oculorum, et superbia vitae* <sup>2</sup>. Encarecia o dano que fazem nas almas e até na vida e nos corpos; exagerava as misérias e a brevidade da vida, o rigor da conta, os tormentos do inferno; acendia-se, exclamava de maneira que fazia temer e tremer o auditório. Outras vezes tratava da fermosura e dos bens da Glória e, como nela andava sempre enlevado, usava de uns termos tão próprios, tão suaves e tão sintidos que não havia peito tão de pedra que tevesse as lágrimas; e parecia que do fogo que ardia em sua alma pegava nos corações de todos nas chamas de saudades e desejos do Céu.

Com a entrada do ano novo determinou começar a visitar o arcebispado. Diziam-lhe os cónegos e desembargadores que era o tempo do inverno mui áspero naquelas partes, de muitas neves e frios intoleráveis, que lhe poderiam fazer dano irreparável na saúde; a isto respondia que o bom pastor não deixava de estar com suas ovelhas por medo de chuvas, nem frios, nem calmas, nem tempestades, porque antes então têm elas mais necessidade de sua companhia e mal cumpriria ele com o officio se, havendo dous anos que seu antecessor era falecido, e sendo provável haver necessidades nas ovelhas de Cristo, deixasse de lhes acudir por respeitos particulares de sua saúde ou de seu bom ou mau tratamento.

— *Qui observat ventos* — dizia — *non seminat, et qui considerat nubes, nunquam metet* <sup>3</sup>: Se o lavrador não houver de lavar nem semear senão com bom tempo, nunca semeará, nunca chegará a colher novidade.

---

<sup>2</sup> 1 Jo., 2, 16.

<sup>3</sup> Ecle., 11, 4.



Contra opinião de todos se entregou ao trabalho e sem nenhum receio, porque receava mais errar no que era sua obrigação.

Era fim de Janeiro, tempo ventoso e frigidíssimo; deixou o abrigo e chaminés dos seus paços e foi-se exprimentar os maus caminhos e piores gasalhados das aldeas. A ordem que levava em visitar era esta: no lugar que havia de ser visitado ele era o primeiro que de toda a família se levantava pela manhã cedo e gastava um grande espaço em oração, posto de joelhos, e algũas vezes com muitas lágrimas, pedindo a Deus favor e ajuda pera aquele acto de Seu serviço, em que havia de entender aquele dia; juntamente se aparelhava pera dizer missa, examinando sua consciência pera se confessar primeiro, e ãa cousa e outra fazia todos os dias, e em celebrar não faltava nenhum, salvo havendo justa causa, como adiante se dirá mais em particular; e a confissão era com tanto escrúpulo e tamanha pureza, como se cuidara que não havia de fazer outra e que era aquela a última de toda a vida; e com esta imaginação chegava a pôr em escrito, por cifras que só ele entendia, o número e calidade das culpas.

Consiguientemente dizia missa, e logo se assentava a crismar, e depois pregava doutrina acomodada à necessidade e capacidade dos ouvintes que achava; e neste género de proceder era incansável e ordem pera ele, infalível; e a quem lhe dizia que se obrigava a um trabalho incomportável respondia que a sua obrigação não era somente castigar culpas e reprender vícios, que é officio de visitador, mas procurar por todos os meios possíveis que seus súbditos guardassem a lei de Deus e trabalhar por lhes levantar os corações a Seu divino amor e afeioar-lhes as vontades à virtude que é officio de verdadeiro pastor das almas.

Acabada a pregação fazia pôr três mesas em lugares diferentes e, ele em ãa e dous visitadores que consigo trazia cada um na sua, visitavam todos três, juntamente a um tempo. E se o lugar era pequeno, ficava visitado em ãa só manhã; e ainda que em alguns lhe custava não acabar menos da ãa depois de meio dia, era contudo tamanha a



sede de acudir a sua obrigação que, se havia algum lugarinho perto, na mesma tarde se passava a ele e fazia o mesmo officio de pola manhã, pregando e crismando, e o visitava.

Como andava com tanta diligência, em poucos dias corria muita terra. Mas queixavam-se os seus que não podiam aturar a continuação do trabalho, dos caminhos, das invernadas. Ele só, com trabalhar mais que todos, sofria desassombradamente todas as incomodidades e nos caminhos, por fragosos e ásperos que fossem, era o primeiro que os acometia, pondo-se na dianteira.

Passavam um dia de um lugar pera outro. Salteou-os ãa chuva fria e importuna que os não largou na mor parte da jornada; e corria um vento agudo e desabrigado que os congelava. Tinha-se adiantado o Arcebispo, segundo seu costume, que era caminhar quasi sempre só, pera se ocupar com mais liberdade em suas contemplações; e ia fazendo matéria de tudo quanto via no campo e na serra pera louvar a Deus.

Ofereceu-se-lhe à vista, não longe do caminho, posto sobre um penedo alto e descuberto ao vento e à chuva, um minino pobre e bem mal reparado de roupa, que vigiava ãas ovelhinhas que ao longo andavam pastando. Notou o Arcebispo a estância, o tempo, a idade, o vestido, a paciência do pobrezinho; e viu juntamente que, ao pé do penedo, se abria ãa lapa que podia ser bastante abrigo pera o tempo. Movido de piedade, parou e chamou-o e disse-lhe que se decesse abaixo, pera a lapa, e fogisse da chuva, pois não tinha roupa bastante pera esperar.

— Isso não — respondeu o pastorinho — que, em deixando de estar alerta e com o olho aberto, vem logo o lobo e leva-me a ovelha, ou vem a raposa e mata-me o cordeiro.

— E que vai nisso? — disse o Arcebispo.

— A mi me vai muito — tornou ele —, que tenho pai em casa, que pelejará comigo; e tão bom dia se não forem mais que brados. Eu vigio o gado, ele me vigia a mim; mais val sofrer a chuva.

Não quis o Arcebispo dar mais passo, esperou que chegassem os de sua companhia, contou-lhes o que passara com o minino e acrescentou:

— E este esfarrapadinho inocente ensina a Fr. Bertolameu a ser arcebispo. Este me avisa que não deixe de acudir e visitar minhas ovelhas, por mais tempestades que fulmine o Céu. Que, se este, com tão pouco remédio pera as passar, todavia não foge delas, respeitando o mandado do pai mais que o seu descanso, que razão poderei eu dar se, por medo de adoecer ou padecer um pouco de frio, desemparrar as ovelhas, cujo cuidado e vigia Cristo fiou de mim quando me fez pastor delas?

Cerremos este capítulo com ùa monstruosidade que mostraram ao Arcebispo os moradores do lugar de Ruivães, seis léguas de Braga, nesta visitaçào. Era ùa árvore de tão desmesurada grandeza que dentro no tronco, que, da muita antiguidade, tinha aberto e oco, se armou ùa mesa e o Arcebispo se assentou a ela em ùa cadeira e, por memória, no mesmo sítio e assento visitou a freguesia, e tinha também lugar dentro a testemunha que vinha dizer seu dito. A ramada que de si lançava esta árvore era tão grossa e estendida que afirmavam chegava a dar todos os anos sessenta alqueires de boleta.

Bem podemos cuidar que seria tal pranta tão antiga como a terra que a criou, porque, tendo este género de árvores natureza de se criar e crescer mui devagar, não requeria (segundo parece) menos anos pera chegar a tamanho excesso.

Nas terras novas de Santa Cruz (que é o nome que lhe deram os devotos descobridores, e a cobiça humana o trocou em Brasil, respeito da madeira rendosa e estimada que produzem), sabemos que há matos e arvoredos que provavelmente competem com a criação do mundo, do que é argumento haver falta de cultivadores em gèral, e sobejarem no clima grandes e continuas humidades, que tolhem incêndios. E, conquanto se acham madeiras grossíssimas, de que os naturais fabricam grandes embarcações inteiriças que escusam os beneficios de breu e estopa, porque são de ùa só peça, mui poucas se acham (segundo o que daquelas províncias temos alcançado) que se possam comparar com esta só de Ruivães. Por onde fica bem provada a antiguidade que lhe damos.

## CAPÍTULO XV

*Do modo de proceder que o Arcebispo  
tinha nas visitasões.*

Tanto que o Arcebispo cerrava a visitação daquele dia que visitava, chamava os dous companheiros e confiriam todos três o que tinham achado e, do que resultava de tudo, fazia ele por sua mão um abreviado memorial em um caderno que sempre costumou levar consigo. E pera mais segredo e ser menos a escritura, aos nomes dos culpados ajuntava ãas cifras por onde se entendia na calidade das culpas de cada um.

Aos clérigos que achava de boa vida e boa fama, depois de apontar o nome e lugar em que moravam, sinalava-os com um círculo de campo branco; e nos que havia infâmia provada, eclipsava o círculo, fazendo-lhe o campo negro; se a infâmia era com defeito de prova, eclipsava o campo só pola metade; e se as testemunhas depunham ao costume algũa matéria de sospeição, sobre o círculo meado de branco e preto lançava um s.

Correndo o tempo, foi fazendo outro livro maior em que tinha repartido o arcebispado em comarcas, pola ordem do alfabeto e nele, reduzidas a breve leitura, grandes e compridas devassas, com os nomes dos delitos e delinquentes notados com as cifras acima ditas. E este levava quando tornava a visitar os mesmos lugares, mas tão arrecadado que pessoa nenhuma sabia o que continha.

Nesta primeira visita foi logo tomando em lembrança todos os beneficiados e sacerdotes de que achava boa informação, pera se poder servir deles a seu tempo, de curas d'almas. E depois da informação chamava-os, metia a mão neles, por ver o que podia esperar de cada um, e, segundo o que alcançava deles, assi era o título que ajuntava ao nome. A uns: parece varão de Deus; a outros: varão de clara fama; ou sabe letras; ou sabe pouco; ou nada sabe.

Também foi apontando ùa cousa muito essencial. E cuida que fazem hoje os prelados menos caso dela do que era rezão e obrigação. Deixaram os defuntos suas fazendas às igrejas com obrigações de missas e aniversários: uns deixando-os em mãos dos herdeiros, que chamam administradores das capelas, pera eles acudirem às igrejas com a parte do rendimento que em seus testamentos nomearam; outros, mais confiados e melhor aconselhados, entregando tudo aos párrocos. Com uns e outros vai o tempo e antiguidade causando grande descuido em muitas partes, que pera mortos (o provérbio o diz) que há poucos amigos. E creio eu são matérias estas em que os prelados maiores e menores hão-de achar mui pesada a justiça divina, quando delas fizerem pouco caso, não nas tratando com a miudeza e eficácia que fazia o Arcebispo; o qual foi fazendo roí de todas as obrigações e encargos de missas que achava em cada igreja, pera obrigar assi aos administradores como aos curas e reitores a cumprirem todos, porque, na verdade, os prelados maiores são eminentemente abades e curas e até sacristães de cada igrejinha, e não devem cuidar que cumprem bastantemente em cousa de tanta importância com dizer:— Li-o, encomendei-o ao cura. A mais estão obrigados.

E porque os santos antigos o entendiam assi e conheciam os montes de obrigações que carregam sobre os prelados até em cousas de que poucos se dão por achados nesta idade, fugiam as prelacias com a contumácia que hoje nos faz pasmar.

Neste título apontava o Arcebispo juntamente o que montava a renda de cada igreja; e estas memórias passou depois ao livro maior que atrás dizemos, e serviam-lhe

muito pera quando algum súbdito lhe pedia informação ou benefício, porque logo tinha à mão quem era o homem e o que pretendia. E assi, aconteceu que, reprimendo um dia a certo eclesiástico nobre, e querendo-se-lhe ele salvar na certa colheita dos que se sentem culpados, que é alegar enemizade, e dizendo que o Arcebispo a tinha com ele e, pelo mesmo caso, era em suas cousas sospeito, respondeu o Arcebispo com muita mansidão:

— Como pode ser que seja vosso enemigo e vos seja sospeito quem vos traz dentro no peito e sobre seu coração?

E logo tirou do caderno que trazia no seo e mostrou-lhe nele seu nome escrito. Com esta graça, e graça verdadeira (pois, se o trazia no rol dos culpados, e sobre o coração, também, como amoroso prelado, o trazia dentro nele, por ovelha sua que muito amava), tratou de sua cura e remédio; e foi grande princípio e esperança de saúde fazê-lo cair em que estava enfermo, porque logo admitiu os medicamentos necessários, e tornou em si, e sarou.

Aos curas que achava de boa vida e costumes, que faziam bem seu officio, honrava, e punha-os à sua mesa, e tinham nele sempre amigo certo.

Com os homens e molheres que achava embaraçados e em mau 'stado usava de um meio differentissimo do que hoje anda em costume — costume pernicioso e porventura fomentado polo enemigo comum, que procura acrecentar pecados e pecadores, e não ver nenhum emendado. Mandava aos abades e curas que, sendo os cómplices ambos solteiros, lhes fizessem perguntas se queriam casar e, vindo nisso, os recebessem logo, não havendo impedimento; e, em caso que não quisessem casar, de nenhũa maneira se lhes levasse pena pecuniária.

Aborreacia aquele ânimo limpissimo de cobiça toda a cousa que cheirava a interesse, e dizia que condenar sensualidades em pena de dinheiro era vendê-las, e ajuntar dinheiro, e não tirar o pecado. E polos efeitos o julgava.

Tinha averiguado que em tempo que havia semelhantes condemnações, como os culpados sabiam que todas as trovoadas de medos e ameaças haviam de parar em dinheiro,

armavam-se dele pera a entrada do visitador e viviam tão desafortadamente diante de seus olhos e, depois de ido, como dantes.

O remédio que dava era mandá-los evitar das igrejas e avisar cinco e seis léguas à roda que em nenhuma fossem admitidos aos officios divinos. Com medo da afronta e de serem apontados com o dedo, tornavam muitos em si: ou casavam ou se apartavam.

Quando acontecia não achar prova bastante pera usar deste meio, mandava-os vir diante de si um por um, e perguntava-lhes quanto havia que estavam emendados e fora do mau estado; se respondiam que estavam emendados, servia-se da repostas por confissão, pera os reprender asperamente de palavras, por então, e pera os evitar ao diante, quando houvesse fama que tornavam ao pecado; e não havia outra condenação. Foi remédio com que em seu tempo (porque nunca pôde acabar consigo aceitar dinheiro deste fogo de torpeza) apartou do vício muito número de gente cega e obstinada nele.

A mesma contradição sentia em si pera passar cartas de excomunhão, senão era em casos mui graves; e por isso não usava delas, nem contra os de mau estado que mandava evitar das igrejas. Dizia que lhe parecia cousa mui dura lançar, por sua vontade, fora dos rebanhos da Igreja (como se faz com a excomunhão) as ovelhas, quando, como pastor que era, tinha obrigação de procurar com todas suas forças por que nenhuma se lhe fosse deles; antes, visto o risco que corriam as que andavam fora, devia fazer toda diligência humanamente possível polas recolher e tornar a eles. E assi experimentava todas, primeiro que chegasse aos últimos remédios.

Achou comprehendido na visitação um homem poderoso e que, por sua caalidade, era razão ter-se-lhe respeito. Que faria o zeloso Prelado em caso que a doença pedia remédio apressado e as mēzinhas ordinárias não eram adequadas ao sojeito? Deu traça com que o culpado apparecesse diante dele a título de comprimento e cortesia. Como estiveram assentados em suas cadeiras e a casa despejada, levanta-se

da sua, põe-se de joelhos diante dele, com as mãos juntas, dizendo:

— Peço-vos, senhor, pelas chagas de Jesu Cristo, nosso bem, que vos queirais emendar do pecado de que estais visitado, que eu não hei-de proceder contra vós, assi porque tenho a prova por suspeitosa e forjada por inimigos, como porque fio da honra e entendimento que Deus vos deu que bastará este aviso de pai e amigo pera tornardes sobre vós e vos levantardes.

Não disse mais o Arcebispo. E o homem, atônito do que via e confuso do que ouvia, ficou de maneira atalhado que, sem saber nem poder dizer palavra, se alevantou e se foi pola porta fora. A seta ia no coração, e penetrou de maneira que mudou a vida. E afirmava despois que mais acabara com ele aquela profunda humildade e o zelo que de sua salvação enxergara no Arcebispo, que tinha por santo, que todos quantos castigos pudera executar nele.

## CAPÍTULO XVI

*De um notável caso que succedeu ao Arcebispo, visitando, e do cuidado e puntalidade com que acudia a todos os lugares e pessoas, assi a visitar como a crismar.*

Este santo zelo com que o Arcebispo começava a procurar o remédio das almas e o cuidado e amor paternal com que ia visitando e doutrinando a todas, sem perdoar a nenhum trabalho, quis o Senhor mostrar que lhe era aceito com o livrar de um perigo espantoso. E passou o caso desta maneira.

Como andava visitando e não lhe ficava lugar, por pobre que fosse, que pessoalmente não visitasse, foi forçado fazer noite em um tão desemparedado, como há muitos naquêle arcebispado, que em todo eie não havia mais que ũa só casa sobradada, a qual, como por maravilha ou excelência, chamavam a Torre. Todas as mais eram térreas, e de pedra em sosso, e cubertas de colmo, que as coava o vento e o sereno da noite, e nem da água do céu eram bem defendidas.

Assi, arremeteram os criados à Torre pera lhe fazerem aposento nela; mandou-os avisar que tal não fizessem; instaram, alegaram que tudo o mais eram choupanas ou palheiros, por não dizer pocilgas, sojeitos a toda injúria do tempo. Resolutamente mandou que em qualquer que quisessem ou lhes parecesse aparelhassem, como não fosse na Torre. Houveram de obedecer a seu amo, que era senhor de si e do que mandava. Alojaram-no na melhor, ou na menos má,



da aldea, ficando fazendo discursos sobre os efeitos da constante humildade do prelado que, por não se melhorar da companhia, deixara de aceitar a maior comodidade.

Era o tempo escuro e tormentoso. Eis que, alta noite, sentem um rumor extraordinário, como de um trovão continuado e, sabido pela manhã, era a Torre que naquela hora se veio redondamente ao chão, sem ficar pedra sobre pedra.

Caso temeroso! Louvaram os companheiros a Providência Divina, e o Arcebispo se confirmou e animou a não temer nada, nem deixar aldea por visitar, por triste e mal reparada que fosse, ainda que lhe custasse cansar-se e quebrantar-se muito.

Mas, se é lícito darmos nosso parecer, como é obrigação do officio que fazemos de historiador, digo que, podendo succeder acaso a ruína da Torre, parece rezão que, como cristãos e gente de discurso, lhe atribuamos fim mais alto. Se está entendido que não havia rezão pera o Arcebispo enjeitar o melhor gasalhado, pois todos os da companhia ou eram criados ou súbditos e assalariados, porque não confessaremos que a repugnância que fez foi verdadeira revelação e mostrar-lhe Deus o que havia de ser? Salvo se queremos dizer que nesse acidente natural quis o Senhor dar documento ao amo e aos criados: a ele pera que não mudasse da constância com que trabalhava; e a eles pera que seguissem sem queixa a tão bom amo.

Que, se julgamos por traça do Céu achar Santo Agostinho na praia do mar um minino que, com ãa concha, pretendia passar todas as águas do mar a ãa covinha que com a mão acabava de fazer na area, quando com seu entendimento queria penetrar as maravilhas da essência divina, que excedem toda capacidade humana e angélica, também podemos cuidar que não foi sem mistério o successo da Torre (ainda que naturalmente podia acontecer), vista a importância do trabalho que o Arcebispo emprendia e a resistência que achava em todos, e até nos criados; antes me persuado que já foi aviso do Céu o minino que contámos achado em cima do penedo à chuva e ao vento, provido de linguagem

espevitada e cheia de boa doutrina, melhor que de vestido; e, porque não devia penetrar, acudiu com o segundo da Torre.

Tinha o Arcebispo visitado os lugares de junto a Valença do Minho, tornou pera terra de Barcelos, distância de sete pera oito léguas de caminho. Estando aqui, achou pelos róis, que trazia consigo, das freguesias, que lhe ficara por visitar, na vigairaria de Valença, ùa igreja bem pequena (chamam-lhe Nogueira), ùa légua de Vila Nova de Cerveira. No mesmo ponto, fez volta pera lá, dizendo aos seus que cumpria desandar ùa jornada, porque lhe lembrara ùa diligência de importância que ficara por fazer.

Chegando à igreja, e bem moído e cansado, desculpou-se com os companheiros e declarou-lhes a causa da volta. Esta sintiram eles mais que o mesmo caminho, dizendo que, com mandar a um deles fazer aquela visitaçãõ, se pudera escusar a fadiga que sem rezãõ tomara e dera a todos. Entendeu o Arcebispo que vinham quebrantados e desgostosos e, não estando ele mais folgado, começou com brandura a consolá-los e consolar-se.

— Meus filhos, — dizia — eu sou fisico-mor de mil e quatrocentos hospitais, que são outras tantas freguesias que à minha conta tenho neste arcebispado. Pois quando nesta pequena, que é ùa delas, não haja mais que um só doente, parece-vos que me seria bem contado deixá-lo morrer sem pessoalmente o visitar, podendo-lhe acudir a tempo e sendo eu a isso obrigado? Bem é verdade que tenho provido cada hospital de seu fisico, que são os abades, reitores, vigários e curas, mas desses, como fisico-mor, sou eu o superintendente; e obrigado a saber se visitam eles os doentes e, se o não fizerem, sobre mim cai seu descuido. Por onde convém que vigie eu e seja sobrerrolda; e, sabendo eles que me hãõ-de achar consigo quando menos me esperarem, bastará pera andarem espertos, e eu fico ganhando saber como fazem seu officio e o que posso fiar deles.

Com estas rezões, que todo prelado maior deve com atenção considerar, lembrando-se que em nenhum governo há ministro diligente, se o que é cabeça é descuidado ou pouco vigilante, convenceu o Arcebispo e quietou seus com-

panheiros, pera se não desanimarem e se acharem apercebidos de sofrimento em outras ocasiões que cada hora se ofereciam em que o haviam bem mister. Porque, como se atravessasse um cabelo de obrigação de ofício, ele havia de cortar por tudo e satisfazer ao ofício. E eles, como já lhe sabiam a condição, prestavam paciência e obedeciam com silêncio, pola experiência que tinham que nenhum conselho em contrário admitia.

Como foi um dia que, estando já a cavallo e o fato de toda a companhia cntrouxado e carregado, chegou a ele um pobre homem com um minino pola mão e, dizendo que o trazia a crismar, no mesmo instante se apeou e mandou que descarregassem e aparelhassem pera administrar o sacramento. Chegaram-se os companheiros visitantes, que eram pessoas de muito respeito, lembraram que se perdia a jornada; alegaram os criados o trabalho e desconforto de todos por ãa só pessoa, e de tão pouca importância, como um pobrete; que era menos mal mandá-lo ir ao lugar pera onde caminhavam que deter-se ele. Não aproveitou nada, apearam-se todos, descarregaram, fizeram prestes, crismou o minino, dizendo que aquela ovelhinha requeria seu direito e ele era seu devedor; que nunca Deus quisesse que, por fugir a um pequeno trabalho, se lhe dilatasse um só momento a satisfação que estava obrigado e podia dar-lhe logo.

Isto que lhe aconteceu, estando inda na pousada, lhe sucedia de ordinário no meio das estradas, caminhando. E onde quer que o tomava quem pera este santo ministério vinha demandar, com toda a boa sombra do mundo, e sem nenhum pejo, parava e se apeava e mandava as partes consoladas. E os criados, por sentirem menos a detença e o desgosto que, sem réplica, tinham certo nestes encontros, levavam sempre lestes a arca do pontifical e tão desembaraçada do mais fato que, sem descarregar outra cousa, a tiravam com facilidade em qualquer ocasião. Outras vezes mandavam adiantar um da companhia com aviso que fizesse tornar pera o lugar onde haviam de parar quantos viessem em busca do Arcebispo, porque não fossem causa de se deterem e perderem o dia e as horas de caminhar.

## CAPÍTULO XVII

*Das diligências que fazia com os que ordenava  
e da devação e gravidade com que celebrava  
este sacramento.*

Bem tinha o Arcebispo entendido a muita falta que havia no arcebispado de ministros idóneos, que curassem tanto número de igrejas como nele havia, e no pouco que tinha visitado a alcançou mais de perto. E contudo, não era por isso fácil em admitir ordenantes.

Fácil era em fazer o officio das ordens, e em nenhum dos tempos do ano que a Igreja tem deputados pera elas deixava de as celebrar; e em qualquer lugar e igreja que se achasse as dava de boa vontade, e sempre por sua mão, sem mostrar que sentia o trabalho, que não é pequeno. Mas, nos exames dos que pretendiam ordenar-se, era tão escrupuloso que não se contentava com menos que examiná-los ele mesmo em todo rigor. E depois que lhe constava da suficiência, chamava dous desembargadores e com eles examinava as certidões que apresentavam, de suas terras, de vida e costumes, e a letra e sinais dos escrivães do crime que lhes corriam folha e davam fé de não serem comprehendidos em devassas, nem acusados de caso crime. Ultimamente, buscava o registro do seu livro secreto, que atrás dissemos era o epítome das visitasões, a ver se contra os tais resultava delas culpa. Havendo algũa, segundo a calidade dela, assi se havia com eles, fazendo-os abrir os olhos, ou com os reprimir, ou com

lhes dilatar as ordens tanto tempo, até que lhe constava da emenda.

E neste ponto era inexorável, porque não havia dobrar-se por rogos nem importunações, e muito menos por valias ou cartas de recomendação. E contra estas veio a armar-se polo tempo em diante de maneira que polo mesmo caso que o ordenante, chegado o tempo das ordens, acudia com favores ou qualquer género de intercessão, logo, ao menos por aquela vez, ficava como com sentença de inabilidade, excluído delas, posto que idóneo e suficiente fosse em tudo o mais.

Devia sentir o Arcebispo que quem se valia de rogadores pera negócio dependente de suficiência julgava mal da sua; ou era querer insinar os súbditos a trabalharem e merecerem por si, estando desenganados, que não haviam de ter com ele melhor valedor que merecimento próprio. Também se forrava de ãa contínua opressão que por toda parte acompanha os ministros de officio público, que são cartas de recomendação, as quais se deviam proibir, como as peitas, porque também impedem a justiça, acabando, por importunação e por número e por valia de quem as manda, o que as peitas negoceam por cubiça e por gosto.

Este sagrado sacramento das ordens celebrava o Arcebispo com ãa majestade tão grande que causava um religioso terror nos ânimos de todos. É ministério angélico o que nelas recebemos, os sacerdotes, e poder maior que o dos anjos: tudo se lhe deve.

A todos os que se ordenavam fazia em geral santas e devotas práticas, como foi costume dos Padres antigos, que sabiam a dignidade que davam e queriam que os ordenantes a conhecessem e estimassem polo que ela é e não polo fim de muitos, que é o pão que esperam ganhar.

Com os que ordenava de Epístola tinha particular tenção, ou fosse por ser a primeira ordem das sacras, e porta e entrada pera o sacerdócio, ou porque estavam ainda em tempo de entrarem em si e tomarem bom conselho, se se não sintiam com forças pera o estado que empreendiam. Qualquer que fosse a rezão, ele lhes carregava a mão com tais documentos e tão alta doutrina que os fazia temer e tremer.

A mesma autoridade tinha, quando administrava qualquer outro sacramento ou fazia pontifical. E se acertava fazer alguma prática a propósito do acto que tinha entre mãos, não havia nenhum dos que o viam e ouviam que se não sentisse mover dentro em seu ânimo a um grande acatamento e reverência. Na hora que punha a mitra parecia que tomava outro semblante e outro espírito, tal se mostrava no aspecto e no meneio e na eficácia das palavras; no que tanto mais admirava quanto, vestido em seu pobre hábito e fora daquele acto, onde não era conhecido por sua dignidade, ninguém o diferenciava de qualquer religioso ordinário, tão humilde era em suas palavras, tão desprezador de si mesmo, e tão pouco apontado no vestido, e nada pomposo em toda representação exterior.

O lugar nos amoesta que façamos lembrança de um bem fundado pensamento que o Arcebispo desejava pôr em obra em favor do estado eclesiástico. Dizia ele que pera os clérigos que ordenava estarem armados contra os vícios que o fervor da idade e ociosidade geram, e a licença e liberdade da vida acarream, seria cousa santa e honesta não se ordenarem sem constar serem destros em algum officio manual que não fosse vil e sórdido, pera que, quando se oferecesse ocasião de grande necessidade, pudessem ganhar de comer sem andarem com ignomínia pedindo esmola de porta em porta, que é muito maior baixeza que sustentar-se com o trabalho de suas mãos, pintando, ou iluminando, ou fazendo officio de broslador, ou de sirgheiro, que, além de remedear a vida quanto à sustentação, ganhavam livrar de ociosidade, mãe de todos os vícios e maldades, àqueles que se não davam às letras nem aos exercícios espirituais da oração e contemplação. E dava por rezão que o fim que tiveram os Padres antigos, que, com tantas maravilhas de santidade povoaram os desertos da Tebaida e da Palestina e os ermos da Cítia, quando se ocupavam o dia inteiro em tecer as suas alcofas e cestos e esteiras, não era só pera buscarem o alimento pera o corpo, mas pera estarem no espírito mais recolhidos, porque semelhantes occupaões, enquanto exercitam as forças corporais, divertem o pensamento das

cousas feas e indignas, e não lhe tolhem levantar-se às altas e divinas. E, pera prova, trazia na memória um decreto do Concílio Cartaginense IV<sup>1</sup>, que dispõe que não somente estudem letras os eclesiásticos, mas que também ajuntem com elas saberem algum honesto mister de mãos, e de subdiácono não seja ordenado quem lhe faltar esta calidade.

Persuadia o Arcebispo, mas não obrigava, a seus súbditos, visto ser cousa desusada nos tempos presentes. E, na verdade, mais policia parece, e maior limpeza, absterem-se as mãos sacerdotais de tudo o que é menos decente que o trato do altar, mas, contudo, não há muitos anos que em um convento de letras e letrados, situado no melhor e mais povoado sítio do Reino, era tão familiar aos religiosos o trabalho de mãos, que achamos um alvará dos Reis, pelo qual libertava de direitos as obras manuais que saíam a vender do tal convento. E havia nele muitos santos, cujas obras maravilhosas e de soberano espírito foram célebres na memória de nossos avós e ainda o serão na nossa, se o Senhor for servido dar-nos forças pera acabarmos de as desenterrar das sepulturas do esquecimento, como vamos fazendo.

---

<sup>1</sup> Cap. 51 e 52.



## CAPÍTULO XVIII

### *De algũas cousas que o Arcebispo ordenou em beneficio espiritual do arcebispado.*

Recolheu-se o Arcebispo brevemente à cidade, pera assistir nela a Quaresma, como era a primeira. E neste pouco tempo que andou fora, que devia ser pouco mais de um mês, correu muita terra e foi de importância o trabalho, porque viu por seus olhos e apaipou as grandes necessidades espirituais que pela mor parte dela havia: a falta de doutrina, tanto nos doutrinados como nos doutrinantes; muitos sacerdotes idiotas e pouco idóneos, alguns viciosos e, ainda assi, maus de contentar; alcançou que ainda acharem-se estes pera as igrejas era ventura, pelo sítio asperíssimo e nevoso de muitas delas. Por onde desculpava seus antecessores (respeito pouco usado nos que sucedem), mas não se queria desculpar a si. E esta era ãa das rezões por que mais se sentia obrigado a continuar em pregar e ensinar (como temos dito) nas visitasões que fazia, trabalhando por suprir com esta diligência as faltas que achava e fazer de sua parte tudo o que podia. Mas cobria-se-lhe o coração de melancolia, considerando o estendido districto do arcebispado que, segundo o que tinha andado dele, e o muito que lhe ficava por ver, era impossível podê-lo visitar pessoalmente todo, como determinava, por muito que aturasse o trabalho, senão repartido por anos. Contava por roí um número excessivo de freguesias, grande parte delas em terras não só trabalhosas, mas temerosas de subir e andar. Discorria que misé-



rias de ignorâncias, que monstros de maldades, que feras bravas de vícios criaria o inimigo comum e teria como de sua mão, nas serranias e picos do monte Gerês e da Gávia, nas matas e alturas das terras de Barroso e serra do Marão, muitas das quais nunca, em nenhum tempo, tinham visto rosto de prelado, e outras quasi nunca. Que, se ali ao perto e quasi nos olhos dos prelados achava muita gente tão agreste, tão inculta e selvática, no que cumpria a sua salvação, que havia assaz que sentir e que chorar, que seria nessoutros sítios mais remotos?

Então caía na conta de quanta rezão tevera nas forças e repugnâncias e extremos que fizera por escusar tamanha carga, quando o buscavam pera ela; e só isto o consolava, aliviando a tristeza que oprimia sua alma com a memória de que nunca dera consentimento nela. Aqui acudia a Deus com rios de lágrimas, pedindo-Lhe conselho e luz: conselho, pera acertar com remédio conveniente a tamanho desamparo, e poder encaminhar tantos milhares de almas pola estrada da verdade e da vida; luz celestial e poderosa, que desfizesse os cerrados nevoeiros da ignorância e barbaria, e os corações de todos com viva fé alumiasse, e com inteiro conhecimento dela.

Nunca o Senhor faltou a quem O busca, e mais em causa Sua, e por tais meios; merecem muito diante dele os bons desejos; antes ao passo da vontade anda o merecimento; e como todo bem procede do alto, por dados da mão de Deus podemos haver os meios que logo foi dando o Arcebispo pera conseguir os santos fins que pretendia.

O primeiro que apareceu, tão depressa feito como imaginado, foi assentar dentro em seus paços duas cátedras de Casos de Consciência, que liam dous religiosos da sua Ordem de S. Domingos. E pera que acudissem a ela estudantes de todo o arcebispado, consignou esmola certa de dinheiro aos pobres, que chegou à contia de duzentos mil reis por ano, mandando dar a cada um a cinco e a seis tostões por mês, e a alguns a sete, que, pera aquela terra e tempo, era bastante sustentação. E pera que não fosse sem fruto esta despesa, deu cargo a um sacerdote, homem de cuidado, que

fosse seu apontador, não só notando se acudiam à lição, mas informando-se de como viviam e se aproveitavam no estudo. E havendo defectuosos, mandava que fossem despedidos. Afora estes, que os mais eram das terras de Trá-los-Montes, mandava dar vestido e ração a filhos de cidadãos pobres de Braga que mostravam inclinação e habilidade pera as letras, pera que acudissem também.

A estas lições mandava que se achassem todos os curas que vinham negociar à cidade, e os que nela residiam, e todos os mais sacerdotes extravagantes, a fim que os que tinham estudado bem refrescassem a memória nas matérias, e os que estavam fracos nelas se aproveitassem e adiantassem.

E porque não faltasse lição e remédio de estudo aos que viviam em lugares distantes ou não tinham ocasião de vir à cidade, encomendou ao P. Fr. Diogo do Rosário, da Ordem de nosso Padre S. Domingos, varão docto e que fora seu condiscípulo, que traduzisse em linguagem portuguesa a Suma de Casos do Cardeal Caetano, Mestre Gèral que foi da mesma Ordem, por ser obra de muita autoridade e proveitosa. Fez a tradução o Padre Fr. Diogo e juntou-lhe algũas anotações pera maior clareza das matérias; e o Arcebispo a mandou à sua custa imprimir e distribuir por todo o arcebispado; e foi obra de muito fructo pera ele e pera outras partes, e deu ocasião e principio a muitos homens de clara erudição se disporem a escrever outras semelhantes, as quais todas fica em certo modo devendo a república cristã a este prelado.

São os livros espirituais uns pregadores mudos, que ensinam sem fastio, falam verdade sem respeito, repreendem sem pejo, amigos verdadeiros, conselheiros singelos.

Desejava o Arcebispo doutrinar a todos, repartir-se por todos e ser tudo a todos, como outro Paulo. Não podia um só corpo abranger a tantos, abrangia o espírito, com o qual, depois de encomendada a tradução que acabamos de contar, ordenou escrever de sua mão um douto, breve e fácil catecismo em que, por estilo chão e claro e acomodado à capacidade do povo, declarou em nossa linguagem os pontos principais e os mais necessários artigos da doutrina cristã; este mandava que os curas que não eram letrados fossem lendo

a seus fregueses na hora da estação e lhes ficasse em lugar de doutrina e pregação.

Após este livro lançou logo outro de uns sermões breves sobre as festas principais de Cristo e de Nossa Senhora, pera se lerem pola roda do ano, nos tais dias onde faltassem pregadores. O intento que levava era declarar o mistério de cada festa com termos suaves e muito inteligíveis, procurando levantar os ânimos de todos ao desprezo do mundo e amor dos bens eternos.

E como os exemplos dos Santos penetram e movem muito, não só as orelhas pias, mas aconteceu já homens devassos na vida e nos costumes tornarem sobre si e deixarem o mundo só com ouvirem um acto de penitência dos Santos do ermo, uns tostados do sol e do frio, outros consumidos de perpétuos jejuns e vigias, e outros quasi transformados em feras, na vivenda, no mantimento e até no gesto, sendo nas almas puros anjos, pediu ao mesmo religioso atrás referido, Fr. Diogo do Rosário, que fosse compondo em português as Vidas dos Santos que a Igreja celebra, pola ordem do calendário romano, o que ele fez com boa diligência. E este é o *Flos Santorum* impresso em Braga, que o Arcebispo mandou à sua custa imprimir pera utilidade universal.

Mas, com todos estes meios de a procurar, inda se não dava por satisfeito aquele insaciável zelo, como logo veremos.

## CAPÍTULO XIX

*Como o Arcebispo fundou o Colégio  
da Companhia de Jesu na sua cidade de Braga  
e das rezões que pera isso teve.*

Temos um inimigo muito velho, serpentino e artiloso; e como se perdeu, mui sábio em ajudar a perder almas. E ainda que, como leão esfaimado, busca sempre quem trague, não vai sempre bramindo nem ensaguentando as unhas e dentes infernais; torna-se muitas vezes cordeiro pera segurar grandes presas e tragar mais. Achava no Arcebispo combatente de força e esforço; não se lhe atreve arca por arca, como dizem; reveste-se de ãa extraordinária brandura e, por boca dos que se davam por mais seus afeiçoados, procura diverti-lo das obras começadas.

Entra um e outro, cada um cheio de compaixão de o verem aplicar-se a tantas cousas e tomar, só, o trabalho de muitos homens juntos: de dia, ouvir partes, negociar, despachar, pregar, visitar, crismar, dar ordens; de noite, velar, orar, meditar, contemplar, escrever livros; sobre tudo pouca e grosseira comida.

— Não temos — diziam — Arcebispo pera seis meses!

Foram-se a ele, por vezes, sem advirtirem que, com ânios singelos e palavras de amizade, faziam a causa de Satanás. E eram da gente mais grada da cidade! Afirmam-lhe que se mata com tanto e tão aturado trabalho, estando sempre entendendo em puro negócio, sem ter vaga ãa hora do dia pera descansar; que se mata a si e a todos os que naquela cidade tem já obrigado com suas obras santas a lhe terem

afeição de filhos; que tenha dó de si e deles e saiba que, por mais diligências que faça e reformas que intente, será impossível tirar abusos e arrancar vícios arreigados com anos, confirmados com posse e feitos quasi naturais com o costume; e, enfim, era tempo perdido cuidar de melhorar o mundo à custa de sua vida. Que o que devia fazer era, pera se aliviar do trabalho corporal, criar um bispo titular que o ajudasse segundo costume de todas as igrejas semelhantes; e, quanto ao mais, bastava deixar-se ir polo fio de seus antecessores de próximo: despender mais consigo e menos com filhos alheos e com tantas obras como emprendia, e viver e descansar.

Sintiu o Arcebispo estas linguagens e, como era santo, devia conhecer a raiz donde procediam. Resolutamente respondeu que em vão trabalharia quem lhe persuadissem descanso, enquanto lhe durasse a obrigação de que ãa vez se encarregara; que lhe não entregara Deus suas ovelhas só pera lhes ordenar leis como superior ocioso, nem pera as castigar como rigoroso juiz, nem menos pera se aproveitar e servir da lã, do leite e do sangue delas, como injusto senhor, senão pera buscar todos os meios e não lhe ficar pedra por mover, porque todas se salvassem; o que muito agradeceria aos que se davam por amigos seus seria aconselharem-no como faria mais e como trabalharia mais; que poupar o corpo, grangear descanso, apertar a bolsa, mal o poderia fazer, quando desejava sacrificar a vida ao serviço de seus súbditos.

Ao ponto de criar bispo não respondeu palavra, ou porque havia que a tudo tinha satisfeito com as que referimos, ou porque é grande certeza de cumprir bem as determinações não prometer nada. Tão puntual foi nesta que nunca, enquanto viveu, fez mudança nela.

Cai aqui bem o que dizia dele o Padre Fr. Estêvão Leitão, grande seu amigo e pessoa de grande virtude e autoridade nesta Ordem: que tomara a virtude como por raiva e teima, porque, assi como o homem que anda em ódio vai sempre crescendo no fel e rancor, assi ele cada hora se aventajava em obras santas. E dizia bem, porque parece que esta

contrariedade dos amigos lhe deu ocasião de sair mais cedo com o efeito e execução de um pensamento que trazia de fundar ãa Universidade naquela cidade (pensamento e obra real), quanto bastasse pera lhe fazer homens idóneos pera curas d'almas, porque considerava que a rezão de não estudarem muitos era falta de pão e remédio, pera poderem assistir nas Universidades remotas, mais que pobreza de engenhos; e estava certo que em tendo estudo em casa ou perto d'ela, e ajudando ele com suas esmoas, como fazia, era caminho aberto pera domesticar aqueles matos feros e espinhosos; era bom traçador e executor ardente das boas traças.

Floreciam por este tempo na cidade e Universidade de Coimbra os estudos de Gramática, Retórica e Filosofia, entre os Padres da Companhia de Jesus, a cujas mãos os havia passado el-Rei D. João, o terceiro, tirando-os das dos franceses que, mandados vir de Paris pelo mesmo Rei, os mantiveram alguns anos. Era de muita consideração o crédito de virtude e prudência com que esta Religião os exercitava, porque, tendo entre si mestres abalizados nestas letras que, por mais aprazíveis e dignas de serem sabidas de todo homem, lhe chamaram os antigos «humanas», traziam também mestres de todo género de virtude, criados no leite daqueles seus primeiros fundadores, varões célebres e dignos de grande louvor.

Entendeu o Arcebispo que aqui tinha junto tudo o que havia mister e desejava; mandou-lhes comunicar sua determinação. Acordaram fundar colégio com renda competente e obrigação de terem contínuas quatro classes de Gramática e Retórica e Curso de Artes.

E pera começarem logo, a passo igual, lição e edificio, consignou-lhes em suas rendas duzentos mil reis em cada um ano, certos e seguros, e anexou demais ao futuro colégio certas igrejas de bom rendimento com que, no mesmo ano de quinhentos e sessenta e um, se abriu a nova academia bracarense, e começou a dar flores e fruto, com grande espanto dos que, enganados de zelo piadoso, pretendiam abater os fervores santos do Arcebispo.

Foram acudindo de toda a província grande número de moços e recebendo a mor parte deles, do Arcebispo, o pão corporal, e todos o d'alma, em companhia das letras, pois de um e outro ele ficava sendo primeiro e principal ministro. Os proveitos que se têm seguido desta obra ficam faciles de crer, considerada a pobreza e rudeza de grande parte daquelas terras e a muita e boa diligência dos religiosos.

Foi primeiro reitor deste colégio, com felice pronóstico pera se esperarem venturosos aumentos, o Padre Inácio de Azevedo, irmão de D. Jerónimo de Azevedo, valeroso capitão na Índia Oriental, que, no tempo que isto se escrevia, era actualmente Governador d'ela. Este Padre, indo despois para a Província de Santa Cruz do Brasil por prelado da sua Religião, que nela dilatadamente florece, foi encontrado no mar de franceses levantados, heroges calvinistas, os quais, acometendo o navio em que ia, despois de entrado e rendido, a sangue frio, como dizem, o mataram, com trinta e nove companheiros da mesma Religião. E pera sinal que o faziam em ódio de nossa santa Fé, e particularmente do estado eclesiástico e religioso, e pera maior glória dos que padeciam pola verdade, perdoaram a vida a todos os mais seculares. Foi este successo no ano d 1570, em 15 de Julho.

Entraram em Braga com ele doze companheiros; começaram a entender em sua obrigação, e o Arcebispo em lhes edificar a casa com suma alegria.

E com esta occupação quietou um pouco seu ânimo, mas não pera repousar no que sabia que convinha a outras, porque, se a cidade e o comum do arcebispado ficava bem provido, havia outros lugares que pediam maior remédio e mais presente, como adiante contará a história.



## CAPÍTULO XX

*Do cuidado com que acudia aos pobres,  
e dos hospitais que ordenou na cidade pera doentes e sãos,  
e como agasalhava os eclesiásticos.*

Parecerá porventura a quem ler com cuidado o que vamos escrevendo deste prelado que quem andava tão ocupado nas cousas espirituais, não lhe poderia ficar tempo, nem ainda memória, pera o governo das temporais; e é engano, porque não se prezava de menos diligente e cuidadoso em acudir às necessidades corporais dos pobres do que o era em remedear as espirituais de todos.

Atrás fica dito como, tirado o pouco que despendia com sua casa e o que montavam os salários dos oficiais de justiça, tudo o mais se entesourava nas mãos dos pobres, que era o mesmo que passá-lo ao Céu por elas, como o dizia a Daciano o glorioso mártir S. Lourenço, em cujo dia isto vamos escrevendo. Agora é lugar de dizermos a ordem com que o fazia.

Nesta primeira visitação que fez, foi tomando estreita e miúda informação das necessidades mais precisas que havia em cada lugar, e os nomes dos necessitados, tanto gente recolhida, como mendicante das portas, fazia apontar com distinção das ideias e sexo e calidades, e a todos estes mandou vestir conforme ao estado de cada um e ao que mais lhe convinha; e foi um grande número, porque nos consta que no ano que corria a terça parte do arcebispado, chegavam a quatrocentas pessoas as que vestia.



Na cidade mandou tomar a rol todo género de pobres, assi das portas como envergonhados, e viúvas e donzelas honradas, com tanta diligência que não havia necessidade tão incoberta que andasse fora de seus memoriais. E porque receava ficar-lhe algũa por remedear, como se fora algum grande delito, encomendava a pessoas de confiança e virtuosas que, com todo resguardo e cuidado, procurassem saber se havia gente que antes quisesse padecer (como às vezes acontece), que manifestar-se, e logo lhe dessem aviso pera não lhe escapar o socorro. E ele, por outra parte, com o mesmo segredo, se informava se viviam virtuosamente e, como achava necessidade e virtude, logo entravam no rol e, conforme à calidade e família, lhes taxava a cantidade que haviam d'haver, de seu esmoler, de pão, carne e peixe, azeite e vinagre, pera cada semana; e o pão o mandava dar em grão. Aos de mais calidade ajuntava contia certa de dinheiro e alguns alquicres de pão na entrada de cada mês; e a todos se acudia com tanta puntualidade que nem no dia limitado havia falta, nem na taxa, alteração. Estes eram providos todos de vestido, e às mulheres mandava dar mantos pera não faltarem em ir à igreja; para o qual efeito tinha em casa peças de pano e sarjas, que mandava comprar por junto, como ao diante diremos. A muitos que moravam em casas alugadas mandava pagar os alugueres.

A esmola da porta que se dava a todos os pobres que a ela vinham era quartas e sextas-feiras, e era em dinheiro; e achava-se que passavam de mil pessoas as que de ordinário vinham a ela em cada um destes dias. Afora esta esmola, costumava o Arcebispo dar de sua mão outra a todos quantos lha pediam sem exceção de pessoa; e pera isso trazia na algibeira cantidade de vinteins em prata, que outra moeda nenhũa conhecia, nem lhe sabia a valia.

Outras esmolas fazia extraordinárias, a mosteiros pobres de frades e freiras, em que se despendia muito, por serem muito contínuas.

Nem se gastava menos no hospital gèral que instituiu e tomou à sua conta tanto que entrou em Braga, com enfer-

marias separadas de homens e mulheres, e abastadas de todo o necessário pera cura dos pobres.

Outro género de esmola inventou, que em parte merece este nome, porque abrangia a muitos pobres e, em parte, era virtude de hospitalidade dos Santos antigos tão estimada. Costumava dizer o Arcebispo que em sua casa só ele era o estranho, e os pobres eram os verdadeiros e naturais senhores dela.

Como acontecia virem a Braga muitos religiosos de todas as Ordens e outros eclesiásticos, ou a negociar ou de passagem, havia por afronta sua andarem por estalagens; ordenou-lhes em lugar cómodo da cidade um gasalhado provido e concertado de todo o necessário, com muita limpeza e ordem, em ùas boas casas que pera isso tomou; sinalou renda conveniente pera a fábrica e pera um homem casado, virtuoso e sisudo, que assistia nelas e tinha cuidado que andasse tudo apontado, de camas limpas e roupa lavada, e administrado de água e candeas, de modo que não faltasse nada pera bom gasalhado dos hóspedes; e o jantar e cea ia todos os dias da cozinha do Arcebispo. E guardava-se esta ordem: o assistente ou enfermeiro-mor deste (chamemos-lhe assi) hospital de sãos tinha a cargo, tanto que algum religioso entrava, dar aviso na despensa do Arcebispo, e o official dela o tomava a rol, e todos os dias, sem falência, lhe mandava a provisão necessária. E por muitos que concorressem, sempre havia pera todos, porque a ordem que tinha o official era mandar guisar na cozinha particular comida pera este hospital, e sempre com tanta abundância que nunca faltasse, se acertassem a vir muitos. E quando sobejava não era perdida, mas ganhada, porque sempre sobejavam pobres a quem se dava, e o mesmo se fazia dos sobejos da mesa dos hóspedes. Aqui não entrava secular nem enfermo; e os eclesiásticos pera quem se fundou o gasalhado tinham prazo limitado de certos dias, os quais passados, eram despedidos, porque a ocasião da pousada graciosa não o fosse de alguns perderem tempo e se deixarem andar na cidade ociosamente; mas, constando que havia necessidade de fazerem mais demora, com facilidade eram de novo admitidos e providos.

Além deste gasalhado havia outro particular dentro do paço, em que eram recebidos e aposentados três gêneros de gente: primeiro eram os abades, vigairos, reitores e curas da jurdição do Arcebispo, se vinham a negociar com ele ou com seu provisor negócios tocantes a suas igrejas, porque a estes tais convidava e recebia com alegria e com tanto gosto como se foram Anjos de Abraão, afirmando que os tinha em lugar de irmãos, e como tais os amava e estimava por serem seus coadjutores, sem cujo ministério e intervenção não podia fazer bem seu officio, nem cumprir com os encargos dele; e assi queria que a toda hora achassem suas portas abertas pera gasalhado, pera a audiência e pera tudo o que dele lhes cumprisse, como a verdadeiros irmãos.

O segundo género de hóspedes do paço eram os eclesiásticos que em algum tempo haviam sido seus familiares ou assistido em sua casa; mas estes também tinham dias limitados, se acertavam de vir a demandas, porque dizia o Arcebispo que não era bem nem ele o queria que avexassem partes e andassem distraídos à conta do pão certo; se não tinham demandas, nenhum termo lhes punha.

Os terceiros hóspedes eram os religiosos da sua Ordem, que pera estes, como pera filhos, havia aposento separado em que não entrava outra gente, com roupa particular, como se fora hospedaria de qualquer mosteiro nosso, e com ração certa pera seus criados e cavalgadas.

Desta maneira não ficava necessidade corporal, nem espiritual, nem pobre, nem pobreza, em toda a cidade e arcebispado, a que se não estendesse a fervente caridade do prelado e, com a ter feito tão gèral como parece, polo que temos dito, ainda a alargava mais em alguns casos extraordinários, que logo veremos, e em muitos outros que ao diante se contarão.

## CAPÍTULO XXI

*De algũas esmolas secretas que o Arcebispo fez  
em ocasiões que se lhe ofereceram.*

Estava ùa tarde o Arcebispo só, entrou o seu alfaiate, cõm ùa peça de crisé branca muito fina, pera lhe cortar uns hábitos, por ordem do Padre Fr. João de Leiria, que sentia não só serem velhos e gastados os que o Arcebispo trazia, mas já em algũas partes ramendados, como vestido que ainda trouxera de Benfica. Perguntou-lhe o Arcebispo se conhecia ùas mulheres que lhe nomeou por um rol: eram três donas honradas, virtuosas e pobres. E, dizendo que sabia delas, mandou-lhe que dissimuladamente levasse a crisé pera casa e logo cortasse deia três vasquinhas, e feitas, lhas levasse, sem descobrir quem as mandava, nem dar conta de nada a Fr. João.

Obedeceu o official, passaram-se alguns dias; houve Fr. João que era descuido culpável a tardança do fato; chamou-o pera o reprender; foi-lhe forçado revelar o segredo. Era muito notável o sentimento que o Arcebispo tinha de se lhe fazer qualquer peça de vestido nova pera sua pessoa: por humildade, havia tudo por mal empregado em si; e pola caridade, parecia-lhe que quanto punha em si tanto tirava aos pobres, pera os quais só queria tudo.

Mandou-lhe Fr. João de Leiria fazer hábitos sem lhe dar conta, nem preceder medida, e ordenou, porque arreaveava que os não quisesse vestir, que quem tinha cuidado da sua câmara, lhe tirasse os velhos, como estivesse deitado,

e em seu lugar deixasse os novos sem dizer nada. Quando se quis vestir, sentiu o peso e a diferença do fato desacostumada; caiu no engano e chamou depressa pelo cubiculário, queixou-se asperamente, como se lhe fora feito algum grande desserviço, e mandou-lhe que na mesma hora lhe tornasse ali os seus hábitos. Mas já não havia remédio, que Fr. João, acautelando-se com tempo, como sabia com quem o havia, na hora que houve à mão o fato velho, logo o mandou dar a um pobre. Disse-lhe o criado o que passava, quietou-se algum tanto, porém não deixou de ficar queixoso e dando suspiros.

Por dia de Páscoa, querendo ir pera a Sé às matinas da Ressurreição, pediu a capa; ao tempo que foi a cobri-la conheceu que era nova e disse com dissimulação a quem lha dava:

— Deixemos o vestido novo pera outro dia que me enfeite mais devagar; vamo-nos agora às matinas.

E tomou a capa velha.

Tornando pera casa, chamou um familiar que era seu esmoier secreto e pessoa de confiança, mandou-lhe que, com todo o segredo, levasse a capa nova, que era de um pano muito fino que naquele tempo chamavam contrai, a um cidadão nobre e velho e doente, dizendo-lhe de sua parte que fizesse dela um vestido, e lembrando-lhe que dos retalhos mandasse fazer barretinhos pera se valer do frio.

Notou Fr. João de Leiria a falta da capa, não achava rasto do furto, perguntou por ela a seu dono, que, com muita modéstia, lhe respondeu:

— Parece que a levaram alguns Anjos que andavam nus pera se cobrirem com ela, que vai grande frio.

Foram palavras formais do Arcebispo.

Oferece-se-me cuidar que este género de caridade era tão agradável ao Arcebispo, por ãa grande parte que nela se deixa ver de outra virtude que o mesmo Arcebispo sobremaneira amava, como parecerá ao diante polo discurso da história, que era mortificação da própria vontade.

É nossa natureza muito amiga de si e a experiência nos ensina que não há nenhũa tão mortificada que deixe de mos-

trar algum alvoroço pera ãa peça de vestido novo. Alegria e estima-se, ou seja pola novidade, ou pola honra e gasalhado que recebe o corpo; até os pensamentos e as esperanças renova um vestido novo. Donde naccu dizer o outro poeta de um que tomou por meio de fazer mal a outro dar-lhe um vestido rico, tendo por certo que com ele entraria em novos conselhos que fossem ocasião de se vir a perder: *Eutrapelus cuicumque nocere volebat, vestimenta dabat pretiosa. Beatus enim iam cum pulchris tunicis sumet nova consilia et spes.*<sup>1</sup> Assi tenho por certo que (como não há ninguém que, enquanto vivemos nesta carne mortal, seja de todo livre das paixões e movimentos d'ela, por mais enfreados e sojeitos que os traga à razão) queria o Arcebispo vencer, e pisar, e mortificar este gosto natural, quando lançava de si o vestido novo, visto como lhe não faltava possibilidade pera fazer no mesmo tempo esmola mais crecida, ficando-se com a roupa que havia mister.

Em prova deste discurso faz o que lhe aconteceu em outro tempo e em diferente ocasião que, por nos sair aqui a propósito, não dilataremos pera mais longe. Soube acaso que ãa mulher pobre e doente, a quem se mandava o comer da sua cozinha, tinha tão pobre cama que a maior força da doença lhe causava o frio que padecia (era no coração do inverno) por falta de roupa. No mesmo ponto chamou um mancebo dos que em casa criava pera clérigos e com elle dobrou um de dous cobertores que tinha na cama e, apertando-o com suas mãos, porque fizesse menos volume, lho pôs debaixo do mantéu e mandou que o levasse à enferma, com resguardo que os da família não dessem fé do que levava.

E aqui, é de considerar que, usando de piedade em cobrir e abrigar a pobre, estimou mais o frio que por essa causa ficava padecendo, pelo menos aquella noite e algũas mais, até os criados caírem na falta.

O mesmo respeito parece que teve em outro caso quasi semelhante. Defendia-lhe o vento e honrava a entrada da

---

<sup>1</sup> Horat. *Ep.*, I, 18, 31-33.

câmara ou cela em que sempre residia um pano azul, com título de guarda-porta, o qual nem era fino, nem muito de estimar, e nele se resolviam todas as tapeçarias daquele palácio pontifical! Entrou a desora ãa pobre velha tão mal enroupada, que, sem falar palavra, falava por ela a idade, o tempo e a necessidade, e pedia socorro apressado. Estava o Arcebispo só, não tinha homem de quem se valer; lançou olhos pola casa, não viu cousa que dar e viu-se obrigado a acudir: levanta-se, arrasta com suas mãos ãa arca; sobido nela, despregou a guarda-porta, dobrou-a, entregou-a à velha e mandou-lhe que se fosse depressa.

E é de notar que, provida a porta de nova guarda, e novo pano, logo proveu com eie outro pobre que se lhe pôs diante, necessitado de roupa. E desde então ficou pera sempre desarmada.



## CAPÍTULO XXII

*Da fala que D. Fr. Bernardo da Cruz,  
Bispo de S. Tomé, e o Mestre Fr. Luís de Granada  
fizeram ao Arcebispo, persuadindo-lhe  
que acrecentasse o estado de sua casa.*

Era na entrada do estio deste ano de mil e quinhentos e sessenta, quando o Mestre Fr. Luís de Granada, Provincial da nossa Ordem, entrou por Braga e por casa do Arcebispo; trazia consigo D. Fr. Bernardo da Cruz, religioso da mesma Ordem e Bispo de S. Tomé, que, renunciado o bispado, estava recolhido no mosteiro de Tibães e gozava da renda e título de Abade dele.

A causa pública desta vinda era, como vinha visitando os conventos de Entre-Douro-e-Minho, por razão de seu officio, ver de caminho o amigo, e tão amigo como fica entendido do que temos escrito; mas a secreta era outra, e muito diferente. Tinha chegado a Lisboa a estreiteza que corria em casa do Arcebispo, de portas adentro, o pouco fausto com que apparecia em público; e contavam-se as cousas em termos mais rigorosos, certo effeito da fama e condição de noveleiros, mormente em distância grande de lugares. À parcimónia chamavam escasseza; à ordem e registro e moderação do gasto, mera miséria; ao trabalho contínuo e santo, vileza e desautoridade; à humildade, baixeza e ânimo apoucado. Estas eram as cores com que a malícia pretendia desacreditar a virtude e pera persuadir e ser crida, fingindo compaixão das tachas que affirmava, sendo verdadeira raiva



das obras santas e boas que via e não podia sofrer no Arcebispo.

Por maneira que o Provincial, em quem vinham quebrar todas as ondas destas murmurações em figura de queixas, como que fora ele causa de ãa eleição avessa, se houve por obrigado a ir a Braga e ver por seus olhos o que lhe deziã. E porque tinha experiência que o Arcebispo não era fácil de troccer pera cousas que julgava menos convenientes, ou em algũa maneira encontradas com a pureza de sua consciência, passou por Tibães, deu conta de seu desenho ao Bispo e pediu lhe quisesse ser companheiro na jornada e no conselho que determinava dar ao Arcebispo.

Foi grande o alvoroço com que o bom Arcebispo os recebeu, alogrando-se de ver em sua casa duas tais pessoas, que a cada ãa por sua rezão estimava e venerava: ao Bispo, por sua dignidade e por criação e companhia que ambos tiveram na Ordem; ao Provincial, por seu cargo e grande respeito que sempre a sua pessoa e virtude tivera.

Esperou a família toda que houvesse estremos no gasalhado de tais hóspedes, e houve todos os que se podiam desejar de amor e boa sombra; mas a mesa não saiu dos limites ordinários: vaca e riso, como dizia um velho honrado do bom tempo. Só um pouco de carneiro se acrescentou por festa, e este em ãa só figura, quero dizer, assado.

Boa prática e santos discursos foram os mirrastes, e os alfitetes, e os doces que continuaram a mesa. Os postres, com que se concluiu, algũa fruíta pouca, do tempo. E foi boa parte do gasalhado o concerto e limpeza do serviço, toalhas alvas, estanho luzente e limpo, louça branca e fina, mas não da China.

Em tudo o que aqui viu notou o Provincial que não vinha enganado, mas pareceu-lhe a mesa de santo que tinha o que bastava pera sustentação, nada pera gula. Notou pouca família, mas em todos composição e modéstia que imitava a de seu amo. Foi vendo despois todos bem ocupados, uns com as mãos nos livros, outros com elas no comer e provimento dos pobres, nenhum perdendo o tempo ou ocioso. Soube de perto a largueza e boa ordem com que se repartia o rendi-

mento do arcebispado, a virtude provada dos ministros por quem corria (que onde esta falta é furo que desbarata e some montes de fazenda, com descrédito do prelado, se não for com mais mal).

Considerou a vida e tratamento do Arcebispo em nenhũa cousa menos austera de quando vivia encerrado nos claustros de Benfica, antes mais rigoroso, polo que acrescentava de grande e contínuo trabalho. Só aqui reparou um pouco, dando por calúnia e juízo errado tudo o mais que ouvira em Lisboa. E pareceu-lhe que seria bem reduzi-lo a um género de vida mais folgada e mais desabafada, com o qual alcançaria temperar-se a murmuração, acrescentar-se algũa cousa de estado e não se matar por suas próprias mãos quem tão digno era de vida e necessário pera aquella terra.

E estando ãa tarde todos três juntos em boa prática, tratando de cousas passadas, vieram dar no successo da eleição do Arcebispo. Doe-se ele, porque lhe tocaram em chaga que estava em carne viva, tanto ou mais que o primeiro dia. Lastimou-se e torceu-se, dizendo:

— Perdoe Deus ao amigo que, sendo amigo e cheo de virtude e caridade, assi se esqueceu de si e da boa amizade e da verdadeira caridade, que foi desenterrar um amigo de que ninguém se lembrava, pera ser lançado no fogo; e porque faltavam mãos que o lançassem, ele mesmo quis ser o ministro. E o pior é, senhor Bispo, — disse, virando-se pera ele — que não está longe quem isto fez. Presente está nosso Padre Provincial, que fez escudo da cabeça do amigo, por salvar a sua. Não me posso lembrar disto sem dor, nem referi-lo sem mágoa.

Acudiu o Bispo, desculpando o Provincial com muitas razões e, vendo ocasião pera o que traziam acordado, continuou, dizendo que quanto se fazia na terra, fossem quais fossem os meios e os princípios, tudo vinha traçado do Céu; que se faltara um provincial religioso e amigo pera o nomear, e ainda ãa Rainha e um Rei pera lhe dar a mitra, não faltara ãa luz do Céu pera o descobrir, como a S. Gregório, ou ãa pomba, como a S. Petrónio, ou outro meio, de muitos que as histórias contam; que, enfim, a mão de Deus não

estava hoje abreviada e, pois a sua eleição fora obra de mão de Deus, devia conformar-se com Ele e não usar da dignidade de maneira que desse a entender ao mundo (como já se ia notando) que a estimava pouco ou andava com ela desgostado e, como dizem, de brigas. Que isto dizia, porque nem a trabalhosa vida que se dava, nem o modo de sua família e acompanhamento conformava com a grandeza pontifical e Primacia de Espanha, em que o Deus pusera, fazendo-o sucessor de tantos e tão famosos arcebispos e, enfim, do grande filho do trovão, Santiago, primeiro fundador da igreja e primacia de Braga.

Aqui tomou a mão o Provincial e foi prossequindo no mesmo argumento, mostrando-lhe com vivas rezões que o Bispo apontara bem. E dizia que o seguir extremos sempre fora estranhado dos bons entendimentos; que faustos demasiados, nem os louvava, nem lhos persuadia, mas fazer-se respeitar com mais casa e melhores atavios e acompanhamento decente, não somente não encontrava a virtude, mas era cousa necessária; que os homens prudentes sempre costumaram conformar-se com os tempos em que viviam: quando o mundo todo era santo, na primitiva Igreja, podiam os prelados só com um bordão na mão governar reinos inteiros e fazer-se temer, como um Ambrósio do Emperador Teodósio, e um Martinho de Valentiniano; mas, em idade tão estragada e perdida como a presente, era forçado aproveitarem-se os prelados d'ambos os gládios, pera mostrarem também força e poder humano aos que, fiados em grossas rendas e em casas cheias de armas e criados, se deixavam estar encharcados no lodo das maldades, como em banhos suaves, à vista e olhos do mundo. Que fosse embora santo, e muito santo, de suas portas adentro e pera consigo, como fazia, que isso era o certo e ele lho não podia desaconselhar; mas fora de casa não era indecente, antes convinha muito, mostrar brio e ãa certa majestade de príncipe (pois ele o era na Igreja de Deus), que isto não era pedir-lhe novidades, senão lembrar-lhe que se acomodasse aos costumes que achava no mundo e ao que via usado em toda a Cristandade e na cabeça dela e dele, que era Roma, onde o poder humano

junto ao divino fazia venerável e respeitada a Suprema Cadeira; e por isso o Sumo Pontífice, que a regia, consintia que os cardeais e príncipes dela possuíssem muitos contos de renda, usassem baixelas d'ouro e prata, tivessem coches e ginetes, suas casas e palácios magníficos se autorizassem com sumptuosas architecturas e recâmaras cheias de sedas e brocados; porque, na verdade, estas cousas, de si, não encontravam a virtude e serviam de acrescentar majestade à Igreja. Que seguir e sentir o contrário disto era (se se havia de falar claro e como entre amigos) um querer ressuscitar velhices e impossibilidades que, por esquecidas e desusadas, eram meras novidades; e fazê-las ele e pretender mantê-las era ser singular e um género de fazer seita por si, fiando pertinazmente de sua opinião cousas de que o mundo já não estava capaz. E que, pois tinha presentes dous amigos que estimavam e tinham sua honra por própria, assentassem todos três ãa forma e ordem tal em sua vida e governo que, sem chegar a demasias, bastasse pera lhe grangear reverência, e autoridade, e estimação no povo.

Não passou daqui o Provincial, conjeiturando porventura do silêncio e atenção com que se via escutado do Arcebispo que o tinha persuadido. E parando, esperava a repostas.

## CAPÍTULO XXIII

### *Da resposta que deu o Arcebispo às rezões do Provincial.*

Estava o humilde Arcebispo com os olhos pregados no chão, ouvindo o Provincial com muita quietação e serenidade, fazendo conta que ouvia a seu prelado, porque o não respeitava então menos que quando era seu súbdito e frade particular. Como viu que acabara, deteve-se um pouco e então levantou os olhos e, com um termo grave e sentido, começou assi:

— De maneira que vejo dous prelados da Ordem de meu glorioso Padre S. Domingos, prelados santos e religiosos, convertidos hoje em Platões e Túlios, formando respúblicas gentílicas, com razões e preceitos em todo humanos; respúblicas até pera os mesmos gentios fundadas no ar, ou em sonhos e desejos somente, vistas nunca, nunca executadas; e isto pera me darem método no governo de república espiritual e cristã. Confesso que tomara ver esta linguagem em toda outra pessoa, antes que na boca dos que tanto me tocam. Que me faça respeitar dos pobres, gastando com minha pessoa e tirando aos mesmos pobres aquillo com que os posso remedear e manter? Que meta em ataviar criados e dourar baixelas e ornar paredes mortas o cabedal com que posso emparar a orfã, socorrer a viúva e vestir paredes vivas? Que empregue tempo e cuidado em aparato de mesa e mestres de cozinha, para que sobejem potagens que desbaratam a saúde, levam a fazenda e aos pobres não matam a fome?

Quem não vê que são isto preceitos gentílicos? Desse modo em vão trabalharam um Hilário, um Martinho, um Nicolau, por nos deixarem santos exemplos, governando suas igrejas no meio de cidades populosas, com tanta austeridade em suas pessoas e casas, como se moraram na maior pobreza do deserto. Logo, mal escreveram os Jerónimos, os Ambrósios, os Agostinhos; já não há fazer caso das regras de viver que nos decretaram os santos Concílios, regras dadas pelo Espírito Santo que neles assiste. E senão, mostre-me alguém na vida destes Padres, ou em escritos seus que posso eu, sendo mero despenseiro e não dono do património de Cristo, que é a renda eclesiástica, competir à conta dela com os príncipes seculares em pompa e faustos: cruzar-me-ei, se tal me mostrarem.

Mas se eu leio e acho em todos o contrário destas rezões, como hei-d' acabar comigo deixar-me vencer delas? Como as não hei-de haver por gentílicas? Os Santos a prègar pobreza e segui-la em tudo, e eu que me meta em faustos? Os Santos a persuadir-me humildade e meter-se debaixo dos pés de todos, e eu que mostre brios e oufania? Que esteja Cristo mandando aos discípulos que caminhem descalços e sem alforges, e Fr. Bertolameu, sucessor deles, que ande cercado de criados e com acompanhamento e estado de príncipe?

Não é isto, Padres Reverendíssimos, o que eu aprendi nas escolas. O Concilio Cartaginense IV, na regra que dá aos bispos, me ensina que seja a minha mesa pobre e as alfaías desta casa vis e de pouco preço; e, se quero autoridade, que a procure com merecimentos de vida e costumes. E S. Basílio que, por perfeito prelado e perfeito monge, mereceu o nome de Magno, me guia no recato que estamos obrigados a guardar na distribuição dos bens da Igreja, afirmando a Juliano, Emperador, que qualquer sacerdote que se ocupa em adquirir e guardar, ou se desmanda em gastar largo, não está sujeito a menos pena, pelo que mal gasta ou entesoura, que pelo que furta do altar; e enfim resolve que do altar furta-mos tudo o que aos pobres não damos. Não vai longe daqui o lume da Igreja, nosso Padre Santo Tomás. Todos sabemos

quão estreitas e quão limitadas são as taxas que põe à casa, à família e a todas as mais despesas dos prelados.

Comparemos agora esta doutrina com essoutras rezões, ponhamo-la com elas em balança, vê-las-emos ir por esses ares e desaparecer como fantásticas e sofisticas e sem nenhum peso. Que razão é que nos envergonhemos de querer ajudar o poder divino com o ouro, e com a prata, e com as mais valias da terra, quando cantamos dele que, pera confundir essas forças e mostrar quão pouco montam em sua presença, buscou e escolheu cousas mui fracas com que as desbarata. Se com fumos e vaidades (que outra cousa não é toda a potência humana) nos havemos de acreditar, os bispos, ulas partes que deixamos a Deus? Ulas partes que damos à virtude, quando os que melhor sintiram entre esses mesmos gentios, em todas as matérias e ocasiões à inteireza e valor do ânimo, atribuíram mais e dele fizeram mais conta que de todas as riquezas e bens corporais?

Olhemos pera eles e veremos a um dar graças à fortuna, quando lhe levou a fazenda com o naufrágio, porque ficava mais leve e desembaraçado pera se entregar à vida filosófica virtuosa <sup>1</sup>. Acharemos outro que enjeita as ofertas do soberbo Alexandre e se dá por pago, com que lhe não tolha os raios do sol que lhe tomava, chegando-se a vê-lo, e fez-lhe confessar tão crecida inveja àquele desprezo do mundo que afirmou que, a não ser Alexandre, só Diógenes quisera ser <sup>2</sup>. E outro houve que, tratando-se de ùa comodidade sua, fez dela tão pouco caso que respondeu: *Maior sum et ad maiora natus quam ut sim mancipium corporis mei*, sentença digna de um grande cristão <sup>3</sup>.

Resolvo-me, Padres Reverendíssimos, que, se as rendas desta minha igreja foram de tal qualidade que as pudéramos estirar quanto se pode estender a vontade, inda então houvera de cuidar muito no modo de as repartir; mas sendo assi,

---

<sup>1</sup> Diogenes Laertius, *De clarorum philosophorum vitis libri decem* VII, 1 (*Zeno*), 5.

<sup>2</sup> Plu., *Alex.*, 14, 2-5.

<sup>3</sup> Sêneca, *Phil.*



que são tão curtas que, se as despende comigo, não me fica que dar aos pobres e, se não dou a pobres, fico sendo senhor e proprietário, e não despenseiro, cousa que diretamente é contra a opinião dos Santos, digo chãmente e declaro que, se os meus prebendados desejam ouvir alvoradas de charamelas, e se os fidalgos de Braga querem ver passeios de ginetes fermosos e mulas gordas e anafadas, e nuvens de pajens, enfeitados e rugindo sedas, desenganem-se, que nunca me verão tão desatinado que despenda com ociosos aquilo com que posso dar vida a muitos pobres.

Soa-me dentro n'alma, Padres Reverendíssimos, e faz-me retinir ambos os ouvidos aquela voz que se conta foi ouvida do Céu, em tempo de Constantino Magno, quando, com santa liberalidade, começou a enriquecer a Igreja: *Grande nunc venenum in Ecclesia Dei effusum est*. E considerando a conveniência que tem com a doutrina que tantos anos antes nos escreveu S. Paulo: *Habentes autem alimenta et quibus tegamur, his contenti simus*<sup>4</sup>, confesso que não me atrevo nem posso acabar comigo despende nem um só real fora dos termos que devo à vida monástica que professei. Isto me lembra que prometi a Vossa Paternidade, Padre nosso Provincial, o dia que me obrigou com censuras a aceitar este cargo. Isto sei que posso fazer sem escrúpulo e com bom conselho dos Santos; não farei outra cousa enquanto tiver o juízo inteiro.

Aos usos e costumes do tempo presente, que Vossa Paternidade me alegou, às permissões e consentimentos que há de quem pode e sabe, respondo que tudo é santo, tudo louvável, e por tal o tenho. Mas também sei que não posso errar, seguindo o farol de Paulo e se, todavia, inda contra isto há que dizer e Vossa Paternidade entende que tenho perdido o norte neste governo, não está longe o remédio: Vossa Paternidade, que foi o meio de se me lançar esta Braga, que não trago só nos pés, como a trazem os cativos, mas também sobre o pescoço e no coração, pode, com ma fazer tirar,

---

<sup>4</sup> 1 Tim., 6, 8.



juntamente atalhar meus erros e usar comigo de grande misericórdia.

Assi concluiu o Arcebispo sua reposta, com um sossego e segurança de quem se sentia bem fundado e pronto pera mudar primeiro o estado que a determinação. Apercebia-se o Bispo pera replicar, como fora o que dera princípio à prática, mas entraram criados com recado que estava a pobre cea na mesa e assi se despartiram.

## CAPÍTULO XXIV

*Dos motivos que teve o Arcebispo pera fundar  
o Convento de Santa Cruz, da Ordem de S. Domingos,  
na insigne vila de Viana.*

Se a ida do Provincial a Braga não foi de momento pera a pretensão que levava, montou e foi bem a tempo pera o Arcebispo dar à execução um pensamento que havia dias o desvelava, bem diferente dos que o Provincial lhe persuadia, porque era ajuntar mais gasto em favor dos súbditos e, polo consequente, impossibilitar os de sua pessoa e casa.

Estivera o Arcebispo em Viana, vila das mais insignes deste Reino; considerara o estado e importância dela: terra cheia de gente rica e muito nobre, de grande trato e comércio, por ãa parte com as conquistas de Portugal, Ilhas e terras novas do Brasil; por outra, com França e Frandes, Inglaterra e Alemanha, donde e pera onde recebia do ordinário muitos géneros de mercadorias e despedia outras; pera os quais tratos traziam os moradores no mar grande número de naus e caravelas, com grossas despesas, a que respondiam iguais retornos e proveitos, que tinham a vila florentíssima e em estado de ãa nova Lisboa.

Pelo mesmo caso julgava que onde havia concurso de mercadorias e mercadores não faltaria a raiz de todos os males, que é a cubiça, cujo officio é procurar que todo homem deseje e procure melhorar-se, inda que seja com seu irmão, nas compras, nas vendas, nas pagas, nos preços, nos prazos, nas companhias, nas correspondências, nos direitos e tribu-

tos, nas entradas e saídas de alfândegas e, enfim, em todo género de trato e contrato; donde nace[m] mil enredos para as almas, com que o demónio procura embaraçar e, pouco a pouco, ir acarretando para sua jurisdição as que vê mais cuidadosas da salvação, que as descuidadas por aqui as tem a muitas amarras e, como destro piloto de tal navegação, sempre lhe vai lançando outras de novo; porque um pecado chama outro pecado, e estoutro vem logo acompanhado até criar devassidão e ficarem em estado de se darem por sem remédio. Miseravelíssimo estado que abre as portas de par em par a todo género de vício e apaga toda a memória do Céu e da eternidade.

Considerava de ãa parte as especulações, os escrúpulos, as delicadezas, com que os Santos Doutores tratam estas matérias, as distinções, discursos e considerações que fazem, de perdas, de proveitos, de danos, de interesses, de preços mais altos, mais baixos, rigurosos e menos rigurosos; a miudeza com que estão pesando e contrapesando cada ponto destes, porque em cada um não vai menos que condenação, se se passa dos termos devidos.

Via, por outra parte, que nenhũa cousa andava entre os homens do mundo menos lembrada que este género de justiça, e que iam de monte a monte, em uns, a ignorância e descuido de sua obrigação, em outros, a malícia e avareza sem respeito de equidade nem verdade, trabalhando todos em um só ponto, que era aventajar partidos e fazer proveitos.

Temia, como bom pai, e doía-se de poder haver algum mal, onde havia tanta ocasião. Ajuntava-se que não só Viana mas toda a terra de Entre-Douro-e-Minho é ãa feira contínua de comprar e vender, e embarcar, e mercadejar, a gente toda trabalhadora e negociadora da vida (que não é pequeno louvor, como se não passem os termos devidos).

Assi, entendia que cumpria e era muito necessário haver ãa escola em que se aprendesse a pureza destas matérias, e haver quem ensinasse, quem amoestasse, reprendesse e gritasse quando fosse tempo e, como ardia neste zelo, ainda que se tinha repartido em tantas despesas, queria cortar por si e tirar da boca para acudir a esta necessidade, o que havia

de ser edificando um mosteiro em que houvesse letrados e pregadores contínuos, que fizessem o officio que o Apóstolo aconselha em serviço dos próximos, que é o mesmo que temos dito.

Do lugar não duvidava, porque, sem embargo que não faltavam conselhos de pessoas com quem communicara o pensamento que fosse Braga, ele achava que só a Viana per-tencia, pelas razões referidas e pelo sitio e nobreza do lugar, membro importante do arcebispado.

Menos duvidava em haver de ser de sua Ordem, visto o instituto dela e a rezão da fundação. Só havia que cuidar se estava a Ordem em tempo pera accitar mais casas das que tinha. Assi, lhe dobrou o gosto a vinda do Provincial, pola ocasião de tratar desta obra e, na primeira hora que se acharam ambos sós, lhe deu conta do dissenho e da importância dele e do gosto que sua alma receberia com o ver executado. Apontou-lhe donde determinava dar-lhe renda que logo fosse servindo pera a fábrica, e juntamente pera sustentação dos que houvessem de assistir nela, e no trabalho da pregação e doutrina, que a passo igual queria que começasse. Oferecia de mais ãa porção que tiraria de suas rendas e serviria pera enquanto durassem as obras do edificio.

Tratado tudo com a miudeza e ponderação que o negocio requeria, só ãa dificuldade se oferecia ao Provincial, que havia pola maior de todas; e era se poderiam as rendas do Arcebispo suprir a tamanha carga. Não basta só ânimo pera empresas altas; é necessário sustância e cabedal. Da renda que oferecia perpétua estava satisfeito; o sitio aprovava e sobre tudo confessava por obra santa e convenientíssima, pera o bem espirital de toda a Província, a instituição do mosteiro; mas pera a despesa que requer tamanha fábrica como é um convento começado de novo desd'os fundamentos, sentia inconvenientes, vistas as despesas em que se tinha repartido: lições do paço, fundação do colégio da Companhia, obrigação dos hospitais e hospedarias, moradias aos estudantes pobres de cada mês, sobretudo as esmolmas contínuas de pão e dinheiro e vestido; que, se não eram muito grossas em contia, vinham a ser grossíssimas por número.

A esta dúvida satisfez o Arcebispo, dando-lhe conta donde, e como, e com que contia podia ajudar a obra, que era traça de muito atrás; e como trazia em pronto e como contadas polos dedos todas as despesas que fazia, e os ministros eram fiéis, e ele assistia em tudo, e não se perdia nem malgastava nada, mostrou que havia pera tudo e que podia sinalar até duzentos mil réis cada ano (que era o mesmo que dava aos Padres da Companhia), além da renda certa e estável, em que não havia dúvida; e que, podendo largar de si mais, segundo corresse os tempos, assi o faria, que, enfim, era obra de seu coração, polo intento e também por ser de sua Ordem. E, ultimamente, sorrindo-se, disse:

— E estes duzentos mil réis, nosso Padre Provincial, se os houvéramos de empregar em mais pajens e mais mulas, donde se pudera acudir a ãa cousa tão necessária e tanto do serviço de Deus, como Vossa Paternidade me confessa que esta é?

Assi, ficaram d'acordo e assentaram que se proporia a casa no capítulo provincial futuro, como é costume e, entretanto, escrevessem ambos à Rainha e aos senhores do conselho, pera se irem negoçando com tempo as licenças necessárias segundo os costumes deste Reino.

## CAPÍTULO XXV

*Do princípio que o Arcebispo deu à fundação  
do novo convento, das rendas que lhe applicou  
e obrigações que lhe pôs.*

Poucos dias depois se despediu o Mestre Fr. Luís de Granada, saudoso (como quem era tão espiritual) de ãa casa onde não havia outro trato nem exercício senão do Céu; e bem desenganado que deixava em Braga um retrato de quais nos pintam as histórias antigas os prelados da primitiva Igreja.

Não tardou o Arcebispo em propor ao governo e magistrados da vila de Viana o que tinha tratado com o Provincial e mandou a isso, logo na entrada de Novembro do mesmo ano, o Padre Fr. Henrique de Távora, religioso da sua Ordem, de quem ao diante faremos mais larga menção.

Eram vereadores Afonso de Barros Rego, que então servia de Juíz, e o Doutor António da Rocha, e Francisco da Rocha Barbosa; e procurador do concelho Teodósio Machado; e escrivão da Câmara Baltasar de Calheiros; os quais, depois de ouvirem a Fr. Henrique, juntos em câmara com todos os nobres da vila e gente da governança e povo, como é costume nos negócios de importância e tocantes à república, acordaram de comum consentimento que a fundação se aceitasse por cousa de muito serviço de Nosso Senhor e grande benefício espiritual pera a terra, reconhecendo-se por particularmente obrigados ao Arcebispo, e tendo-lhe muito em mercê lembrar-se daquela vila pera ãa obra tão essencial.

Desta aceitação se fez assento assinado por todos, de que levou Fr. Henrique o treslado, o qual anda no cartório

do convento e parece feito em doze de Novembro de mil e quinhentos e sessenta.

Tratou logo o Arcebispo de dar forma e firmeza na renda que tinha traçada pera sustentação do convento, segundo apontara ao Provincial. S. Salvador da Torre é ãa igreja e mosteiro de obra antiquíssima, situado nas ribeiras do Lima, em distância de légua e meia de Viana, e da mesma banda; achamos em um pergaminho da Torre do Tombo, escrito em latim bárbaro, que foi fundador dele o capitão D. Pelaio Emundez que, decendo das Astúrias a fazer guerra aos Mouros, por Entre-Douro-c-Minho até o mar, lhes tomou muitas vilas e lugares e, entre eles, um que havia nome Vilamou, no qual edificou um mosteiro e pôs abade e religiosos, e dotou de muitos bens. A antiguidade, pouco curiosa, não aponta era nem ano. E segue a escritura, dizendo que, passados largos anos, veio ao lugar um Ordonho, sacerdote da geração de D. Pelaio e, achando a igreja em ruína e o mosteiro despovoado, reedificou ãa cousa e outra, e trouxe de novo religiosos e consagrou a igreja, por mão do Bispo de Tui, e lhe pôs nome S. Salvador, aos oito dias antes das calendas de Setembro da era de César mil e cento e seis, que responde aos anos de Nosso Senhor Jesu Christo de mil e sessenta e oito. Com este nome andou o lugar e mosteiro na Ordem e governo dos abades de S. Bento grandes tempos, até vir a mãos de comendatários clérigos, a quem os Reis o davam, os quais logravam o grosso das rendas e sempre sustentavam alguns frades. Foi último comendatário D. Cristóvão d'Almeida, filho do Conde de Abrantes, D. João d'Almeida por cuja morte se anexou à câmara arcebispal de Braga, sendo arcebispo D. Fr. Baltasar Limpo.

Este mosteiro pareceu ao nosso Arcebispo que vinha mui a propósito, porque tinha renda competente (podia importar mil e quinhentos cruzados, uns anos por outros) e o sítio era de grande comodidade, pola vizinhança da vila e do rio, pera um dia de recreação dos que haviam de trabalhar toda a roda do ano em serviço do povo; e assi foi logo negoceando licença pera o desanexar da câmara arcebispal, primeiro na corte, por ser do padroado da Coroa, e depois em Roma,



donde tardaram as letras até fim do ano de 1562. E por Dezembro do mesmo ano, tomou posse dele o Padre Fr. Jerónimo Borges, primeiro vigairo do convento de Viana.

Por esta renda quis o Arcebispo que ficasse o convento obrigado, tanto que houvesse bastante número de religiosos, dar sermão na igreja matriz da vila, todos os domingos do ano e todas as festas de Cristo e de Nossa Senhora, e, juntamente, haver todos os dias ùa lição de Teologia Moral, que os religiosos iriam ler na mesma igreja, exceto nas vacações, que não seriam mais de quarenta dias. Com mais obrigação de mandarem todos os anos um pregador ao concelho de Coura, a pregar as Quaresmas polas freguesias do concelho, quais os naturais apontassem.

O primeiro princípio que se deu ao convento foi por mãos do Padre Fr. Estêvão Leitão, o qual, por ordem que lhe deixou o Arcebispo, partindo pera o Concílio, se foi a Viana, em Maio de 1561, com um alvará da Rainha D. Caterina, pera escolher sítio e tomar e comprar as casas que lhe parecesse, e aí esteve alguns meses, continuando em santos exercícios, pregando amiúde, visitando os enfermos e acudindo aos pobres com esmolos.

Sucedeu-lhe o Padre Fr. Jerónimo Borges, no ano seguinte de 1562, no qual foi aceitado o convento pola Província, no capítulo intermédio do Provincial Fr. Jerónimo d'Azambuja, aquele Azambuja cujos escritos, com nome de Oleastro, celebram com louvor todos os doutos da Cristandade.

E no de 1563, por Abril, se começaram abrir os aliceces e levantar as paredes do dormitório pequeno, na rua de Altamira, deixando outro sítio em que já estava metido cabedal, na rua da Rosa, por ser este de Altamira de melhor vista e mais sadio e descoberto ao Norte.

Neste edificio entendia o Padre Fr. Jerónimo Borges, e no espirital entendiam seus companheiros, com muito exemplo e consolação da terra. Liam sua lição de Casos na matriz, pregavam, confessavam, aconselhavam, estando sempre prontos e prestes em serviço de todos.

Mas o lugar nos amoesta que digamos algũa cousa do sítio e antiguidade e estado presente desta vila.

## CAPÍTULO XXVI

### *Do sitio e antiguidade e calidades da notável vila de Viana.*

VIANA, que vulgarmente se chama da Foz do Lima, pera differença de outra, Viana de Alentejo, que dizem de Alvito, é vila tão notável em grandes e várias calidades e por tantas vias aventajada a estoutra do mesmo nome e a outras grandes do Reino, que mais depressa lhe houveramos de consintir distincção, os que lemos as histórias do mundo, pera a differencarmos de Viana de Áustria ou de Viana de França, que não da que lhe fica tanto inferior como esta de Alentejo. E por esta razão pudéramos aconselhar aos moradores que, ou a nomeassem por Viana de Portugal, ou Viana, somente, sem outra adição, de maneira que, nomeando entre portuguezes Viana, singelamente, se entendera esta nossa de que ao presente tratamos, pela figura que os retóricos chamam antonomásia ou excelência, que é aquella pela qual em Itália, dizendo «a cidade», entendemos Roma e, entre os homens de letras, «o Filósofo» é Aristóteles, e «o Poeta» é Virgílio.

Esta vila teve nos tempos antigos mui diferente sitio daquele em que hoje a vemos. Era seu assento sobre um monte alto, que se levanta ao Norte dela, afastado do rio e do mar, sitio forte e sobranceiro, segundo naqueles tempos se buscava pera lugares de importância, respeito das guerras. Assi o afirma D. Fr. Prudêncio de Sandoval, Bispo

que foi de Tui e cronista da Majestade d'el-Rei D. Felipe III <sup>1</sup>. E o mesmo quer dar a entender, falando dela em seus versos, o Poeta Festo Rufo Avieno, de nação, godo, cujas obras escritas de mão e letra gótica afirma o mesmo cronista estarem hoje no famoso Mosteiro de S. Lourenço do Escorial. São os versos:

*Viana salo, qua glauca recumbit  
Hesperiae Oceano: Tyde hinc, atque Argua Calpe.  
Hinc Hispanus ager, tellus hinc dives Iberum.*

A descrição representa sítio levantado e senhoril sobre o mar de Espanha, e que não tocava no rio, como agora, pois dele nenhũa menção faz. As demarcações são tomadas poeticamente ao largo: *Tyde* é Tui; *Argua Calpe* chama à Serra d'Arga que aqui estende ãa ponta que vem fazer rosto ao mar sobre Viana, e esta é a que Ptolomeu, na *Geografia*, de Espanha, chama Promontório Avaro <sup>2</sup>; os nomes de *Calpe* e *Argua*, achamos também no pergaminho de que fazemos menção no capítulo antecedente, usando deles o autor na situação do mosteiro de S. Salvador, com pouca diferença do poeta e dizendo: *Ecclesia Sancti Salvatoris in ripa Limiae sub Alpe Tarragii et Arga*. Com que se fica acreditando bastante o poeta e o pergaminho um ao outro.

Assi, temos o sítio antigo de Viana, que D. Fr. Prudêncio, no lugar que citamos <sup>3</sup>, chama Viana, a velha. Do que tiramos duas bem provadas conclusões: primeira, que tem o lugar muito maior antiguidade da que communmente lhe dão suas lembranças e cartórios, que não chegam mais que a el-Rei D. Afonso III de Portugal, e, aqui, lha damos de mais de quatrocentos anos atrás; segunda, que não há que fazer

---

<sup>1</sup> *Antigüedad de la ciudad, y iglesia cathedral de Tuy, y de los Obispos que se save aya avido en ella*, fls. 44 v.45.

<sup>2</sup> Ptol., 1. 2 de *Europa*.

<sup>3</sup> *Antigüedad de la ciudad, y iglesia cathedral de Tuy...* Florian do Campo, 123. *Los cinco libros primeros de la Cronica General de España*. Medina del Campo, 1553, L. III, cap. 35.

caso de ãa dirivação, que anda no povo, do nome de Viana, fazendo dele duas dições e contando certo successo, que querem acreditar com o Príncipe, filho d'el-Rei D. Afonso, o qual, podendo haver acontecido, aqui não tem lugar, visto não dar el-Rei nome à vila, pois o tinha próprio e antiquíssimo, e o mesmo que a tradição vulgar quer que tevesse princípio no tal successo, em cuja relação não nos detemos, pelo havermos por cousa sem fundamento, por não dizer ridícula.

E, deixada por tal, mostraremos brevemente a mais alta antiguidade da vila e do nome, e logo a razão de se darem os moradores por tão obrigados a el-Rei D. Afonso, que só a ele referem tudo e não se alargam mais.

É de saber que, polos anos de Cristo de 260, imperando em Roma Valeriano, era Viana tão célebre e reputado lugar que veio a ela um Juiz ou Presidente, por nome Minérvio, fazer pesquisa contra os cristãos, por mandado do Emprecador. E foi esta a oitava perseguição das que teve a Igreja universal, e martirizou nela três valerosos Santos, honra de vianeses, cujos nomes eram Teófilo, Saturnino e Revocata. Assi o afirma D. Fr. Prudêncio <sup>4</sup> e alega autor gravíssimo, Lúcio Flávio Dextro, pessoa de tanta erudição e qualidade, que mereceu dedicar-lhe S. Jerónimo o seu *Livro dos escritores eclesiásticos*. Traz o Bispo as palavras formais de Dextro, que são as seguintes (e razão é que as estimemos muito): *Anno Domini 260, Octavo Kalend. Februarii Vianae in Gallecia, prope Tuden passi sunt Sancti Martyres Theophilus, Saturninus et Revocata, sub iudice Minervio in persecutione Imperatoris Valeriani.*

Estes mesmos mártires, assi juntos, traz o Martirologio Romano <sup>5</sup>, só com esta diferença, que põe *Idus*, onde Dextro tem *Kalendas*, o que, em Dextro, podia ser vício do escrevente. E não aponta nenhũa das particularidades que traz Dextro, mas, como as não encontra, ficam em seu vigor

---

<sup>4</sup> *Antiguedad de la ciudad, y iglesia cathedral...*, fl. 44.

<sup>5</sup> Martyrol. Rom., in mense Febr.

e autorizadas. Não faça dúvida dizer *in Gallecia*, porque antigamente Viana era do bispado de Tui e nas demarcações do tempo dos emperadores romanos, em que succedeu o mártírio, Galiza não só tomava parte de Entre-Douro-e-Minho, mas chegava até o Douro e aí fazia raia com a Lusitânia; como também se estendia Portugal, com nome de Lusitânia, muito adentro do que hoje é Castela, passando além de Mérida<sup>6</sup>. Com as sucessões dos reis que foram muitos anos depois, se alargaram e apertaram limites, segundo o que cada um tinha de mais ou menos poder, de mais ou menos ventura.

O que daqui se fica coligindo largamente é que lugar em que vinha assistir presidente em nome do Emperador não podia deixar de estar em posse de grandeza e prosperidade e como em tal, pera terror dos pequenos e de toda a Província, se faziam aquelas atrevidas e exemplares execuções, de grande glória pera os executados e felicidade pera a terra em que passavam. E se Viana já então possuía autoridade e o nome que hoje tem, bem se segue que ãa cousa e outra tinha, de muitos anos atrás. Porque ãa celebridade ilustre em fama e reputação não se vence em pouco tempo e, quando lha não concedamos de mais anos que duzentos, antes dos Mártires, já fica com a ventagem de mil e quinhentos de ancianidade na primeira fundação e no nome.

Mas de muito mais atrás lhe dá principio Florião do Campo, grave historiador espanhol<sup>7</sup>, dizendo que os Galos célticos, havendo tempos que senhoreavam as ribeiras do rio Guadiana, saíram delas trezentos e catorze anos antes do nascimento de Cristo, acompanhados dos Túrdulos andaluzes, contra as terras setentrionais da Lusitânia, e desta jornada foram fundando e povoando muitas colónias; e entre elas, o Porto, na boca do Douro e, passado o rio, a cidade

---

<sup>6</sup> Ptol. 1. 2 tab. 2 de *Europa*. Plin., lib. 4, c. 21, da *Hist. nat.* Fior do Campo 1, 3, ca. 35 *Hist. general de Espanha*.

<sup>7</sup> Floriar. do Campo, *Los cinco libros primeiros de la Cronica general de España*, l. III, cap. 34.

de Braga e, alguns anos depois, também Viana sobre o Lima. E como franceses lembrados de sua origem, que era na Gália Braccata (que depois se chamou Narbonense)<sup>8</sup>, deram os nomes a estas povoações. À do Porto deram o da sua Gália (donde muitos querem que saísse o nome de Portugal)<sup>9</sup>; à de Braga, aquele com que a sua província particular se diferenciava das outras de França, que era Braccata; e a Viana o da melhor cidade que na mesma província tinham, que era Viena, situada alterosamente sobre o rio Ródano, como então ficou Viana sobre o Lima.

E isto confirma o historiador com pareceres de pessoas doutas em antiguidades. E acrescenta que neste lugar vieram os fundadores em tamanha desavença que parou em guerra rota e muitas mortes, o que dá por causa da mudança do nome do rio, de Belon e Emínio (que ambos estes tinha primeiro) em *Lethes*, querendo os moradores antigos, que eram gregos, atribuir às águas do rio a discórdia, como fruto do esquecimento que, chegando a elas, beberam, da irmandade com que até 'li tinham procedido, porque *Lethes*, na língua grega, é o mesmo que esquecimento<sup>10</sup>.

Por este testemunho, que é de muita autoridade, temos Viana fundada em sítio e nome quasi trezentos anos antes do nascimento de Nosso Senhor Jesu Cristo. E porque não fique nenhum escrúpulo de se chamar Viana, com *a* intermédio, e não *e*, como a de França e a de Áustria, remeto os escrupulosos a Plínio e Ptolomeu (inda que a diferença é tão pouco considerável), os quais trazem ambos ãa Viana, com *a* intermédio, em Alemanha: Ptolomeu, no sítio da Récia; Plínio, nas terras dos Nóricos<sup>11</sup>. E esta têm muitos pola que hoje é Viana de Áustria.

Esta luz e nobreza de antiguidade tão alta se eclipsou na entrada fatal dos mouros e perda gèral de Espanha, assolando-a a corrente das armas vitoriosas dos bárbaros, como

---

<sup>8</sup> Florian do Campo, *op. cit.*, l. III, cap. 37.

<sup>9</sup> *Id.*, l. 3, cap. 36.

<sup>10</sup> André de Resende. *De antiquitatibus Lusitaniae*, I. II, fl. 77.

<sup>11</sup> Ptol., l. 2, tab. 5 da *Europa*; Plin. lib. 3, c. 23, da *Hist. nat.*

aconteceu a todas as maiores cidades do Reino. Mas bem podemos atribuir ao sangue dos seus Mártires a viveza e fermosura com que, depois de longos anos, ressuscitou.

Sepultada ou adormecida esteve em suas ruínas Viana, até o tempo d'el-Rei D. Afonso III de Portugal, que comumente chamamos Conde de Bolonha<sup>12</sup>, o qual, no ano do Senhor de mil e duzentos e sessenta e seis, a trouxe do monte ao baixo e ao longo do rio, onde agora está, sítio que então havia nome Átrio, que logo ficou apagado e trocado no antigo de Viana, e, sendo dantes apaulado e de muitas águas, enxugou com o edificio quanto bastou pera ficar sadio e ficarem fontes e poços pera comodidade.

Foi a obra d'el-Rei que, passando em romaria a Santiago, notou a foz do rio e, como havia andado muitas terras, conheceu a disposição que tinha pera, com o comércio do mar, ênobrecer um bom lugar. Todo homem ama os partos de seu entendimento e, às vezes, mais que os mesmos filhos; e esta é a causa de muitos se cegarem com suas cousas. Mostrou el-Rei que amava o seu juízo, engrandecendo e honrando a vila por todas as vias que podia. E o tempo descobriu logo que não somente se não enganara, mas que fora um antever de alto entendimento.

A primeira cousa que el-Rei fez foi mandar passar provisões de mercês e honras e privilégios, em particular pera todo o homem que acudisse a povoá-la, e em gèral pera o comum da vila. E, entre outros foros, lhes deu o de infanções, que é o mesmo de que gozam os cidadãos de Lisboa, e com muita rezão se jactam dele<sup>13</sup>; e prometeu-lhe que em nenhum tempo teriam outro senhor senão a el-Rei, ou à Rainha, ou seus filhos, o que foi causa de concorrer tanta gente nobre com suas mulheres e filhos, que podemos afirmar que são raros os apelidos do melhor do Reino que se não achem nela.

Deram os sucessores sinal deste bom sangue, aventajando-se em bons serviços com os Reis, com que alcançaram

---

<sup>12</sup> No foral da Torre do Tombo, ano 1266.

<sup>13</sup> Cabedo, *Decis.* p. 2, *Decis.* 197.



novas liberdades e honras, e o título de *Notável* pera a vila; e assento em cortes diante de grandes vilas, subindo-a do trezeno banco ao sétimo, e do sétimo ao quinto, que hoje possuem. E o que é de grande consideração que, nomeando os Reis particulares capitães-mores pera quasi todas as cidades, vilas e castelos do Reino, pera terem a cargo o governo militar, em ocasião de guerra, com Viana trocaram o estilo, fiando este officio dos naturais dela; e assi o servem os officiais que entram no governo da câmara e se comunica a todos. E com rezão, porque nos consta de memórias autênticas que foi fábrica dos mesmos naturais, e à custa de seu braço e fazendas, a cerca e muros que hoje tem, o que porventura se não sabe de outro nenhum lugar de Portugal.

E ficou murada a uso daqueles tempos, de boa cantaria, mas com circuito pequeno e ruas estreitas. Dilatou-se em arrabaldes, como a gente começou a navegar, porque foram grandes os interesses que tirou da navegação e mercancia, correndo com seus navios a todas as províncias do Norte e às ilhas e conquistas de Portugal.

Mas nenhum comércio lhes tem montado tanto como o das terras novas do Brasil, que vai em tamanho crescimento que, no tempo que isto escrevíamos, traziam no mar setenta navios de toda sorte, com que a terra está mocíça de riqueza, porque se estendem os proveitos a todos, sucedendo nos mais dos navios serem armadores e marinhagem tudo da mesma terra. E não parecerá isto muito a quem souber que, havendo oitenta barcas de pescadores naturais, cincoenta anos atrás, que se contentavam com o pão de cada dia, ganhado com pouco suor nas pescarias de perto e ao longo da costa, hoje não há nenhũa, deixando todos animosamente a pobreza das redes e a segurança das praias, polas esperanças e perigos do alto; e fica sendo grangeria pera os lugares vizinhos pobres, que acodem a prover o povo; como também o fazem todas as nações do Norte, trazendo-lhe grande cópia de mercadorias de toda sorte e muito pão, à conta do retorno que levam da grossura dos açúcares do Brasil, que não há esgotá-los, segundo os muitos que cada dia entram pola barra.



Faz a vila, de muros adentro e nos arrabaldes, dous mil e quinhentos fogos; no termo haverá outros dous mil. O território é estreito, e esse, atravessado de serras, mas em seu tanto fertilíssimo de tudo o que serve pera passar a vida humana com delícia. E não duvido que a fama tão celebrada polos Antigos do esquecimento que causavam as águas que esta vila goza do seu rio, que os Romanos chamavam *Oblivio*, do efeito que dele imaginaram (e Plínio e Ptolomeu, *Limia* <sup>14</sup>) nesta abundância e bondade de cousas teve sua origem, havendo os homens que era tal a terra que enfeitiçava os que ùa vez a gostavam e lhes roubava a memória de tudo, pera se não saberem sair mais dela.

Assi, conta Floro <sup>15</sup> que Décio Júnio, capitão romano conquistador da Lusitânia até as praias do oceano, chegando a este rio, quando os soldados souberam onde estavam, não havia homem que se atrevesse a passar, o que visto, lançou mão de ùa bandeira e passou-se com ela da outra banda e assi, quebrado o encantamento, persuadiu a passagem. São as palavras de Floro: *Decius Iunius Lusitaniam urbium expugnationibus usque ad Oceanum perdomuit et cum fluvium Oblivionem transire nollent, raptum signifero signum ipse tulit, et sic, ut transgrederentur persuasit.*

Os homens, ou sigam as armas ou as letras, ou se dêem à mercancia e navegação, em tudo provam bem, em gèral, agudos de engenhos, duros no trabalho, capazes, sisudos, amigos do bem comum e da conservação dele, moderados na vida e gasto ordinário; mas, nas ocasiões de honra, mais que liberais; esforçados e animosos, nos perigos; briosos em todo tempo e amigos de se fazer respeitar e conhecer por tais. Nas armas e nas ciências têm lançado homens de tanto valor e tantos em número que se fazem agravo no que têm por honra, que é não buscarem escritores que os façam no mundo celebrados. Todos os nobres exercitam a

---

<sup>14</sup> Luc. Flor. lib. 2. Ptol. 1. 2, na taboa. 2. de *Europa*. Plin. *Hist. nat.*, lib. 4, cap. 20.

<sup>15</sup> Luc. Flor. in *Epit.*, lib. 55, tit. Liv.

mercancia, a uso de Veneza e Génova, contra o costume das mais terras de Portugal, que os louvam e não os seguem, invejam a felicidade e bons sucessos do trato e não sabem imitar a indústria.

As molheres não vivem em ociosidade, mas são daquele humor que a Escritura gaba na que chama forte, applicadas ao governo de sua casa e a grangear com trabalho e indústria, das portas adentro, como os homens fora de casa. E, onde isto há, não faltam as mais virtudes de honestidade e concerto de vida. Assi, há matronas de muito preço e bom exemplo e tão inclinadas a encaminhar as filhas a serem molheres de casa e governo que, assi como em outras terras é ordinário, na tenra idade, mandá-las a casa das mes-tras com almofada e agulhas, assi nesta as vemos ir às escolas com papel e tinta, e aprender a ler e escrever e contar.

Como a gente é tal, a terra é bem governada, barata, limpa, bem provida, cheia de fontes trazidas com arte a lugares diferentes, pera comodidade dos vizinhos, e fabricadas custosamente. Há muitos edificios nobres, se bem são de arquitectura ordinária. Nas mais das casas, portais e janelas de pedraria, com suas rexas de ferro e seus braços e divisas sobre as entradas; dentro, concerto e policia em atavios e trajos, e alfaias. Os templos, como as casas, não têm excelências de arquitectura, mas riqueza de retábulos dourados e abundância de prata e ornamentos, e bom serviço, especialmente a matriz, que é acompanhada de grande número de clérigos, e autorizada com suas dignidades de arcepreste e cônegos. No edificio tem grandeza, e, nos officios divinos, grande solenidade e concurso de todos os estados de gente, grande devação e bom espírito.

Há dous mosteiros de freiras de grande observância, que cada um passa de cem religiosas, e outro recolhimento de molheres honradas pobres; mas não havia, ao tempo que o nosso Arcebispo ali foi, mais que um só convento de frades, e esse fora da vila um bom espaço, e de religiosos mais entregues à vida contemplativa que aos cuidados e trabalhos

da activa. É a Ordem de S. Francisco, a Província de S. António.

O rio dece acompanhado de ãa e outra margem de quintas frescas e casais rendosos, e lava os muros da vila da banda do Sul. Não traz muita força de águas, que é causa de abrir pouco em foz e ser a barra estreita e de pouco fundo; contudo é a melhor e mais segura e limpa de toda a costa, desde o Minho ao Tejo; e não a gabamos muito, porque, nesta distância havendo muitos rios, e alguns bem poderosos de águas, nem há porto bom nem barra sem perigo. Pera estarem seguros dos temporais os navios que entram, e haver juntamente comodidade na carga e descarga deles, corre ao longo do rio um grande e estendido cais de grossa cantaria, altamente fundado e terraplenado, com suas decidas de escadas e linguetas pera serviço de toda hora, obra de muito custo e de grande importância e nobreza pera a vila; e vai continuando rio abaixo até despegar dos muros e, depois de acompanhar um espaço a povoação, de fora, alarga contra o rio e logo recolhe outra vez para a terra, de maneira que faz em cima ãa boa praça; e, de esquina donde começa a recolher, lança um molde de forte muro, que corre água abaixo um bom espaço, arqueado como um braço, e assi fica fazendo um reduto capaz de grande número de navios, estância seguríssima de todos os ventos que aqui fazem dano, porque, além de poderem ficar dentro os navios em seco e com as proas em terra, ou metidos na vasa, ficam emparados dos ventos travessias que entram por cima da barra, com outro muro que abaixo, em distância competente, sai da vila contra o rio e faz frontaria com a praça que dizemos acima.

Guarda a boca do rio ãa força feita à moderna, com cinco grandes baluartes providos de boa artilharia e guarnição de soldados competente. Mas melhor a guardam os moradores da vila, sempre espertos e sempre prestes a tornarem por si.

A vila é cabeça de comarca e correição, com muitas vilas e concelhos sujeitos à jurdição do corregedor dela; e tem mais dous ministros reais, letrados: um que é provedor

da comarca e outro, juiz de fora, que administra justiça na vila e termo, e preside no governo da câmara.

A um tal lugar parece que faltava só, pera inteira nobreza, ãa companhia de pregadores que, como soldados e juntamente mercadores do Céu, esforçassem a devação, fizessem guerra aos vícios e abrissem lógea de mercadoria e trato celestial, onde tanto havia da terra.

## CAPÍTULO XXVII

### *Das occupações em que o Arcebispo empregou o restante deste ano.*

Dez meses havia que o Arcebispo residia em Braga, quando o deixou o Provincial, porque o Arcebispo entrou na cidade aos quatro de Outubro do ano passado de cinquenta e nove, e o Provincial foi-se na entrada de Agosto de quinhentos e sessenta. E neste breve termo, tinha ordenado e principiado tantas cousas que fora muito de louvar em qualquer outro prelado fazer ametade delas em muitos anos. E nele não nos espantam, porque quem é pouco preguiçoso, se ajunta com a diligência ser aturado nos negócios, brevemente arremata grandes cousas; que ordinariamente os que se queixam no mundo de falta de tempo, é porque o não empregam todo tão bem como devem: querem dar um à conversação dos amigos; outro ao sono, e não só ao medicinal e necessário (como se quem tem officio ou governo público não fora obrigado a vigiar tanto com os olhos como com o entendimento) e outro a outros passatempos; de sorte que justamente nos poderemos espantar como têm vida muitos ministros públicos, ou como é possível satisfazerem a sua obrigação; e não há dúvida que, ou o vêm a pagar os negócios e as partes (e daqui nascem tantas queixas no povo), ou a saúde corporal dos ministros; porque, como o negócio é forçado a pena de perderem o cargo, se querem ganhar com força de trabalho o tempo mal gastado, ou que deixaram perder, dão ocasião a gravíssimas indisposições.

O Arcebispo visitara ũa boa parte do arcebispado, vestira grande número de pobres, casara muitas orfãs, remediara outras necessidades, assentara cátedras, fundara hospitais de enfermos e hospedarias de sãos, ordenara o colégio da Companhia, cuja fábrica já ia correndo, tomara assento no convento de Viana e, alegrando a terra com tantos géneros de benefícios, não paravam entretanto os negócios ordinários, nem ele deixava de acudir aos que lhe tocavam, juntamente, pregando sempre e fazendo pontificais com a continuação que atrás referimos; e pera tudo tinha tempo; e a rezão era, porque não perdia nenhum, que o mesmo lhe acontecia no tempo que na fazenda. A pouca fazenda do Arcebispo, gastada com a ordem que ele sabia dar, é espanto a quanto ele abrangia; se houvera desconcertos, por muita e grossa que fora, a muito pouco alcançara.

Neste mesmo tempo não ficava festa de Cristo e de Nossa Senhora que faltasse, de vésperas e matinas, na Sé. Igualmente assistia a estas horas nos dias dos Apóstolos e dos Santos que foram arcebispos de Braga, e dos mais dos Santos de guarda; e muitas vezes lhe acontecia estar a elas em pé, no meio do coro, ajudando a cantar o cabido, e fazendo que não faltasse nada pera perfeita solenidade; e o que mais deve espantar a quem ler esta história é que, depois de cantadas estas horas na Sé, ao uso bracarense, que é próprio daquela igreja, rezava de novo em casa as mesmas, ao uso de sua Religião; e, sobre tanta ocupação, inda achava tempo pera estudar e escrever livros e tratados de devação, pera aproveitamento dos súbditos. Mas este era furtado ao descanso corporal e à necessidade da natureza, fazendo guerra ao sono e aos olhos com a água que sempre tinha à cabeceira só pera este efeito, como temos contado, e com outro remédio mais violento e menos tolerável pera quem tanto trabalhava, o qual era comendo e bebendo tão pouco que os membros cansados não recebiam suficiente alimento pera se sustentarem e juntamente comunicarem a humidade necessária ao cérebro, pera fazer sono comprido.

Sabemos dele (e é cousa digna de se ler com muita atenção e como obra prodigiosa em um príncipe da Igreja) que

muitas vezes padecia grandes sedes e, andando com a boca seca e afogueada, por nenhuma maneira queria satisfazer-se d'água; e dizendo-lhe os seus que atentavam nisso que matasse de todo a sede, visto o tempo demasiadamente calmoso e o dano que lhe poderia causar na saúde, não aproveitava nada. Respondia que bastava pouco a pouco acudir à necessidade e não ao gosto; e assi ficava ardendo em mais secura, porque a pouca água que tomava era provocadora de mais sede, como se deixa entender em boa filosofia.

Aos trabalhos do inverno, esta era a recreação que dava no verão; e tal é a diferença que há dos Santos aos que somos miseráveis pecadores, que o seu cansar e o seu folgar consiste em mui diferentes empregos do nosso.

Passava o Arcebispo o dia todo dando expediente aos negócios que se ofereciam, sem largar mão enquanto havia luz; mas, em se cerrando a noite, que se despedia deles e ficava só em sua câmara, pagava-se do peso do dia e do trabalho com um passatempo mal conhecido no mundo e, ao menos, buscado de poucos (e ainda mal que, se muitos o buscaram, fora melhor ao mundo): entregava-se a uma profunda contemplação das cousas divinas. Este era o seu refúgio e o seu descanso, aqui achava todos os gostos e de maneira se restaurava que esta hora lhe matava a fome e temperava a sede e lhe tornava suave todo o cansaço do dia. Soube dizer um gentio que nunca se achava menos só que quando estava só<sup>1</sup>. Quanto com mais rezão poderia dizer isto quem, na hora que assi estava, era sua conversação sobre as estrelas com tanta abundância de orvalhos da divina graça, que acontecia, em se recolhendo e pondo os olhos em um Crucifixo, ser tanto o ímpeto do espírito que, sem se poder reprimir, por mais força que fazia, arrebatava em suspiros, em gemidos e exclamações, que se ouviam longe, acompanhando-as com rios de lágrimas. Que, quando elas têm esta raiz, pouco fará quem desejar que saia o coração e a vida envolta nelas, pola suavidade que devem deixar.

---

<sup>1</sup> Cic., *Off.*, III, 1, 1.



E não se maravilhe ninguém da facilidade com que passava dos negócios à contemplação, porque desde a primeira idade tinha feito hábito neste santo exercício, de maneira que, sendo moço e de fraca compreensão, nele achava e ganhava forças para não somente poder aturar os rigores da Ordem, mas acrescentar a eles novas e particulares penitências. E este antigo costume lhe trazia a viola do espírito tão temperada sempre que, em qualquer conjunção que largava o negócio, logo a achava prestes para, sem detença, entoar as músicas da celestial Jerusalém e ficar absorto nos prazeres do divino ócio. E dizia ele que lhe tinha Deus feito esta mercê que, tanto que se recolhia à noite, assim lhe despejava a imaginação de todos os cuidados do dia, por grandes que fossem e muito importantes, como se, entrando ele na câmara, ficassem todos da banda de fora.

Outras vezes, se os negócios davam lugar, subia sobre tarde a um eirado que mandou fazer em sua casa das mais altas do paço e, como passarinho que, depois de andar todo o dia ocupado na fábrica de seu ninho, quando vai caindo o sol e a sombra dos montes crescendo, estende as asas pelo ar, dando suas voltas alegres e desenfadadas, que parece não bolear pena, ou, posto sobre um raminho, canta descansadamente, assim, alargando os olhos pelas serras e outeiros que do alto se descobriam, estendia os de sua alma às maiores alturas do céu, voava com a consideração, por aquelas eternas moradas, desabafava e, em voz baixa, entoava de quando em quando alegres hinos.

Desta maneira foi passando o ano de mil e quinhentos e sessenta; mas entrou o ano novo com novos e diferentes cuidados.

#### FIM DO PRIMEIRO LIVRO

LIVRO II  
DA  
VIDA DE D. FREI BERTOLAMEU DOS MÁRTIRES  
da Ordem dos Pregadores  
Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Espanhas



## CAPÍTULO I

*Como partiu o Arcebispo pera a cidade de Trento,  
ao santo Concilio, e da casa e acompanhamento  
que levou.*

Não havia mais que um ano e meio que o Arcebispo residia em Braga, tão bem ocupado em procurar o remédio de suas ovelhas no presente e prevenir o futuro, como no livro passado fica dito, quando nova ocasião lhe fez levantar mão de tudo.

Muitos anos havia que na corte romana se tinha acordado convocar-se concílio geral de toda a Cristandade, como único remédio pera as muitas desordens e abusos que, parte a malícia, parte a fragilidade humana, tinha introduzido nos membros mais sãos da Igreja; e sobretudo pera atalhar o fogo das heregias que abrasava Alemanha e Inglaterra e grande parte de França; e buscar-se meio de tornar ao grémio da Santa Madre Igreja as partes inficionadas, dando lugar aos dogmatistas e aos pertinazes e rebeldes pera virem disputar suas opiniões em praça livre e franca pera todos, como se tinha feito em tempos antigos com outros hereges. E estava escolhida e nomeada a cidade de Trento, por lugar seguro e mais acomodado de todos pera o tal efeito.

Deu princípio a esta santa obra o Papa Paulo III; proseguiu-a Júlio, também terceiro, enquanto viveu. Ocasões de guerra em Itália e em outras partes, entre os príncipes cristãos, e outros incidentes trabalhosos tolheram acabar-se <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Ilhescas, p. 2, lib. 6, cap. 31.

Veio a assentar-se na Cadeira de S. Pedro o Papa Pio IV, em 25 de Dezembro do ano de Cristo de mil e quinhentos e cincoenta e nove; e acudiu a Majestade Divina a Sua Igreja quietando os ânimos dos príncipes seculares com a paz tão desejada entre Espanha e França, que se assentou por meio do casamento d'el-Rei D. Felipe II com Isabel, filha de Henrique, Rei de França. Não deixou o Santo Pontífice passar tão boa ocasião e despachou suas bulas a todos os príncipes e prelados da Cristandade pera que os príncipes por seus embaxadores, os prelados pessoalmente, se achassem em Trento com toda a brevidade possível, a tratar do bem comum. Foram despachadas as letras apostólicas aos vinte nove de Novembro do ano de mil e quinhentos e sessenta, e publicadas e intimadas aos prelados deste Reino, na entrada do seguinte, de mil e quinhentos e sessenta e um.

Razões tinha o nosso Arcebispo bem suficientes pera poder furtar o corpo ao trabalho de tão comprida jornada. Actualmente estava em cura de um achaque de importância em ãa perna; e o largo districto de sua diocesi, que ainda não tinha visitado nem reconhecido todo, e o grande número de almas dele, em que havia muito a que acudir, pediam assistência pessoal de solícito pastor. Com tudo, pondo em balança o bem universal de toda a Cristandade com o particular de sua Igreja, e o espiritual de todos com o corporal seu, logo se resolveu em tomar o caminho com toda a pressa e se começou a fazer prestes. E porque não determinava com a novidade da jornada fazer novidade no estilo de vida que tinha começado, nem no aparato de sua pessoa e casa, a maior dilação que teve na partida foi o cuidado de acertar na forma do governo que havia de deixar; o qual pretendia que fosse tal que, faltando só sua pessoa, todo o mais meneio do arcebispado ficasse em pé e na mesma forma em que o levava até então entabulado. E, encomendando primeiro o negócio a Nosso Senhor, nomeou por governador do arcebispado o Padre Fr. João de Leiria, de quem atrás temos feito menção, e deu-lhe por companheiros pessoas de tão boas partes que seu zelo e escrúpulos ficaram bem satisfeitos.

Para sua companhia não quis mais gente que aquela que precisamente lhe era necessária. Primeiramente, porque de maneira estimava a dignidade pontifical que se não prezava menos da pobreza religiosa e bons costumes dos claustros em que se criara, levou pera seu companheiro, pera com ele se acompanhar ao uso monástico, o Padre Fr. Anrique de Távora, filho seu de profissão e criado em sua doutrina, no tempo que fora prior do Convento de Benfica. Este religioso, andando o tempo, foi Bispo de Cochim e depois eleito Arcebispo de Goa e Primaz da Índia Oriental. Pera secretário escolheu o Doutor Pero de Tavares, desembargador de sua relação, pessoa de muitas letras e virtude. Os mais companheiros eram um capelão e gente de serviço, seculares, cinco ou seis.

Com esta tão limitada família se pôs a caminho um Arcebispo de Braga, Arcebispo e senhor temporal da mesma cidade, e Primaz das Espanhas! E porque se veja quanto mais val a pessoa que os panos, onde há verdadeira virtude, com esta pobreza fez mais abalo naquele santo e universal ajuntamento da Cristandade que todos os que foram assombrando os caminhos com faustos e despesas extraordinárias, como a história o irá contando.

Saiu de Braga ãa segunda-feira, depois da Dominga da Paixão, em vinte e quatro de Março do ano de quinhentos e sessenta e um. Foi caminhando por sua diocese até junto a cidade de Bragança e, no último lugar de sua jurisdição, onde a divide um rio do bispado de Miranda, deixou a mula e caminhou um pedaço a pé e, chegando ao limite do arcebisado, virou pera onde lhe ficava a sua cidade e sua esposa, e, com os joelhos em terra e as mãos e olhos levantados ao Céu, fez ãa devota oração, pedindo a Deus, com grande afeito, fosse servido guardá-la e defendê-la de todo mal. E, acabando, com um entranhável suspiro, nas palavras com que Cristo, nosso Redentor, orou ao Padre Eterno, *Pater Sancte, ego oro pro eis, quos dedisti mihi, quia tui sunt, serva eos in nomine tuo* <sup>2</sup>, levantou-se e deitou-lhe ãa grande

---

<sup>2</sup> Jo. 17, 10-11.

bênção e concluiu, como fazendo-lhe reverência, com ãa profunda inclinação. A inflamação do rosto e as copiosas lágrimas que o banhavam, por muito que trabalhava reprimi-las, testemunhavam bem quão caro lhe custava este apartamento e o affecto de amor que acompanhava sua alma.

Que diferentemente dos que estamos no mundo julgam os Santos as cousas! Esta Braga por quem este servo de Deus faz extremos de saudades, como por verdadeira esposa sua que era, é aquella que no mesmo tempo lhe ouviam todos chamar braga e cadea sua de ferro, e a tinha por tão pesada que morria por se ver livre dela, como ao diante veremos! Quem dará solução nestes contrários? Era verdadeiro o amor e era verdadeiro o ódio. Amava-a por Deus, enquanto por Ele a tinha a seu cargo: *Et amore mulierum*<sup>3</sup> (como dizia David por Jónatas), pois lhe custava lágrimas sua ausência, sem haver cousa na vida que mais quisesse. Aborrecia-lhe, enquanto lhe parecia que o cuidado dela lhe tirava entregar-se todo a Deus. E se ãa vez fazia verdadeiras saudades por ela, no mesmo tempo as tinha verdadeiras da sua cela, com inflamados desejos de se ver solto da braga.

Acabado este amoroso e devoto acto, que os companheiros ajudaram com iguais lágrimas, senão com igual espírito, cavalgou o Arcebispo e, despedidos todos da pátria, seguiram seu caminho.

---

<sup>3</sup> 2 Sam. 1, 26.



## CAPÍTULO II

*Do que fez o Arcebispo, tanto que passou  
os limites do arcebispado.*

Poucos passos tinha dado o Arcebispo fora dos limites de sua Igreja, quando se sentiu salteado de novos cuidados ou novos escrúpulos nascidos do amor que ia crescendo a passo igual com os que dava caminhando; então lhe lembravam muitas cousas juntas: já se culpava, já se reprimia que pudera fazer mais ou dizer mais em serviço da esposa. E não quietou seu espírito até que, chegando a um lugar que chamam S. Martinho, três léguas de Bragança, passada a raia de Portugal, sem querer ir avante, parou e escreveu a carta que se segue ao governador do arcebispado, a qual lançamos aqui *de verbo ad verbum*, porquão vivamente descobre quais eram seus amores. E com ela despachou um mensageiro próprio.

### CARTA

«Muito Reverendo Padre meu:

«Graça e fortaleza lhe dê Nosso Senhor.

«Bem creio que ambos experimentamos quão verdadeiro seja um dito de Santo Agostinho, que diz que o amor do amigo presente não se sente senão quando a ausência o descobre; porque a continua vista e con-

versação do amigo não permite sentir aquilo que o apartamento força sentir; mas confio no Senhor, por amor do qual e no qual se fez este apartamento, que recompensará esta pena com Suas visitas e consolações espirituais. Que por mui certo tenho há-de ter Vossa Reverência agora mais lumes e conselhos de Deus nos negócios, e mais largueza de coração nos trabalhos. Tenha por mui certo que foi traça de Deus pera sua salvação tirá-lo do mosteiro pera esse ministério que agora tem. Lá, costumava servir ao Senhor em ordenar e trazer a direito o temporal do Mosteiro da Batalha; agora, quis o Senhor que fosse constituído sobre outra fazenda Sua maior e sobre isso fosse pai dos pobres e dos órfãos, emparo de muitas viúvas, remédio de muitos doentes e necessitados, cousa que Ele lá não podia experimentar. E porque Deus conhecia nele essa larga e benéfica condição, lhe quis pôr nas mãos matéria com que a pudesse exercitar. E juntamente se lembre pera sua consolação e esforço que, servindo agora nessa pesada carga, serve, não a mim, nem somente a Igreja de Braga, mas toda a Igreja universal e ao sagrado concílio, pois fica aí pera que eu possa a ele vir. Aí peleja contra luteranos, pois fica fazendo o que houvera de fazer quem vai pelejar contra eles.

«Se de algũa cousa deve ter saudade é das horas que gastava em oração mental, depois de matinas, no coro da Batalha, no qual se deixava ficar té as quatro. E a isto digo e amoesto que de todo não deixe este exercício; e ao menos ãa hora da noite ou de dia ocupe nisto, e muito mais agora, pois agora tem muito mais necessidade de Deus o alumiar, pera seu bem e pera bem de muitos.

Celebre os mais dos dias que puder e, antes disto, não se entremeta nos negócios. Quanto mais entra na velhice tanto é mais obrigado entrar dentro em si e cuidar na eternidade que esperamos; e depois de armado e fortalecido com santos pensamentos, seguramente sairá à guerra dos negócios temporais e os des-

pachará como lhe parecer mais serviço de Nosso Senhor. E antes que dê conclusão a qualquer negócio, breve e momentaneamente ponha os olhos em Deus e diga-lhe: *Doce me facere voluntatem tuam.*

«Entre os pobres, sobre todos, tenha cuidado dos doentes, que não podem andar pedindo, como lhe muitas vezes disse. Em toda cousa que tocar em parente ou amigo haja grande medo de si mesmo, porque nossa carne é raposa refalsada, e muitas vezes nos quer meter em cabeça que tal cousa será serviço de Deus, como quer que não seja senão inclinação da própria natureza carnal. E tenha por certa verdade ãa cousa que diz Santo Tomás, que quanto um homem tem melhor condição natural e mais piadosa, tanto tem mais necessidade de andar sobre si, porque não aconteça que debaixo de cor de piedade e humanidade faça cousa que despraza a Deus. E pois essa fazenda que feitoriza e mordomea é toda de Deus, que nem eu nem ele a herdámos nem ganhámos, convém na dispensação dela ter o olho posto somente em Deus; e grite quem gritar, e murmure quem murmurar, porque há fim a fim, ainda neste mundo *in fine canitur laus*. E gastando homem bem o de Deus, fica Deus servido e nossas almas salvas; e o mundo fica dizendo: dous frades a quem se encarregou a Igreja de Braga em tal era não se regeram polos parentes, pareceres e costumes deste maligno mundo, mas fizeram o que entendiam ser vontade de Deus e honra de sua Ordem.

«Porque não sei quando outro dia terei tempo pera lhe lembrar estas cousas, lhas escrevi agora, pera que guarde esta em memória de mim, lembrando-lhe que me criou na religião e fui o mais favorecido que ele tinha em casa de noviços pera que eu viesse à cruz deste arcebispado e agora lançasse a mesma cruz sobre seus ombros pera poder acudir à Igreja universal que está pera cair, confiando no Senhor que nos ajuntou em ãa cruz nos ajuntará em ãa glória. Amen.

«Esta acabei de escrever em um lugar que se chama S. Martinho, que é o primeiro passada a raia, três léguas de Bragança, hoje, 28 de Março de 1561.

*Vester in Domino*

*Fr. Bertolameu dos Mártires»*

### CAPÍTULO III

*Da ordem com que o Arcebispo caminhava  
e da que tinha em seu aposento,  
nos lugares onde parava.*

Algum tanto ficou o Arcebispo aliviado com a diligência desta carta e outras que escreveu e, despachado o mensageiro, tornou a prosseguir seu caminho, no qual guardava esta ordem, desde o dia que entrou por Castela até o que chegou a Trento.

Quando chegava ao lugar em que havia de fazer noite, se tinha informação que havia nele convento de S. Domingos ou de S. Francisco, deixava a mula e a companhia e, a pé com seu companheiro, como pobres frades, iam demandar o convento e deixava ordem aos seus que pousassem juntos onde achassem mais cómodo e, no dia seguinte, o esperassem à saída do lugar para tornarem todos ao caminho, com advertência que por nenhum caso dessem notícia de sua pessoa, nem dissessem serem de sua família. Em muitos conventos entrou com esta dissimulação e foi recebido e agasalhado como religioso ordinário (que era toda a recreação de sua alma), ainda que em alguns foi conhecido por quem era, ou por descuido dos criados, ou por outras ocasiões.

A primeira casa em que executou este santo engano foi a de S. Domingos da cidade de Çamora. Aqui teve o Domingo de Ramos e assistiu ao officio e viu algumas memórias antigas do glorioso S. Vicente Ferrer, santo da mesma ordem; e visitou o devoto Crucifixo que está no capítulo, do

qual saiu aquela temerosa voz dita ao visitador que vinha reformar o convento, começando a fazer o primeiro capítulo da visitação: *Rege eos in virga ferrea*. Ao outro dia, amanhecendo, tomou a bênção ao prelado e foi assaz consolado demandar os companheiros que o esperavam; e, continuando suas jornadas, chegou à cidade de Palência. Apeou-se à entrada com seu companheiro e juntos foram perguntando polo convento, a uso de frades pobres. Chegaram à portaria, chamaram à campainha; recolhidos dentro, foram à cela do prior e, prostrados por terra, com sua vénia feita, segundo o estilo da religião, lhe tomaram a bênção; mas não lhe sucedeu aqui a traça como esperava. Era o prior homem austero e puntual na observância da regra, perguntou-lhes pola licença de seus maiores pera andarem por reinos estranhos e mandou que a exhibissem. Ficou o Arcebispo atalhado, que não queria perder ãa noite de cea e cama de pobre, e foi embebendo tempo e estendendo a prática com rodeios e dissimulação, a ver se se descuidava o prior; mas havia-o com homem executivo que, vendo que não mostravam papéis, mandou que fossem os bons hóspedes separados e metidos cada um em sua cela, pera ver mais devagar o que devia fazer com eles. Aqui caíram em terra as traças e não tiveram mais lugar os fingimentos. Como ia a cousa de veras, arreceou o Arcebispo dar escândalo e, com grande mágoa de seu coração, se deu a conhecer, mas com igual alegria do religioso prelado, que não foi menos aprazível em o festejar com todos os súbditos daquela antiquíssima casa (que é das primeiras da nossa Ordem em Espanha) do que andara seco e pesado em o descobrir.

Por outras partes passou desconhecido porque, ou havia menos rigor nos prelados, ou o defendia a gravidade de sua pessoa; que, quando menos, eram julgados por Mestres em Teologia que caminhavam pera o santo Concílio, como cada dia iam passando outros. Assi lhe aconteceu que, entrando em outro convento da Ordem, que (segundo a via que levou, que temos apontada de sua mão, por dias e jornadas e léguas) devia ser S. Paulo de Burgos, inda que não foi conhecido na entrada por quem era, foi recebido e tratado com res-

peito devido a pessoa de importância, só por sua fisionomia e representação.

Pareceu-lhe o lugar acomodado para repousar um dia da pressa com que caminhava, fazendo conta de sair no seguinte sobre tarde. Jantou com a comunidade e, depois de graças, assentou-se na crasta, com o prior e padres, em boa conversação. Eis que chamam apressadamente à portaria; acode o porteiro, acha um homem empoadado e suado que, no jeito e traje, representava ser correio e com eficácia perguntava pelo Arcebispo de Braga, dizendo e afirmando que ali chegara e estava no convento. Não sabia que respondesse o porteiro, de embaraçado em ouvir ãa cousa a seu parecer tão nova; somente disse que verdade era que estavam em casa dous frades do hábito, portugueses, chegados do dia atrás. Não foi necessário mais; lança-se pela porta dentro, entra pela crasta e dá de rosto com o Arcebispo; conhecia-o, foi-se a ele e, pondo os joelhos em terra, tirou de ãa carta, beijou-a e disse que era d'el-Rei D. Sebastião, por cujo mandado fora despachado em seu seguimento, a toda diligência, e com a mesma pedia lhe desse reposta, para dar boa conta de si; e pôs-lhe a carta nas mãos. Grandemente ficou o prior sobressaltado, mas muito mais o Arcebispo, que sentiu no estremo ver-se privar de ãa hora de muito seu gosto, quais eram todas as que lhe representavam o seu estado antigo de pobre frade, de que tinha contínuas saudades: e tomando a carta disse:

— Ah, homem, porque me mataste? Perdoe-te Deus!

Acudiram logo os religiosos todos e, lançados aos pés do Arcebispo, lhe pediam as mãos para lhas beijar; e mais particularmente o prior, que se queixava, com palavras de humildade, do engano e, com as mesmas, pedia muitos perdões de sua pouca caridade, desculpando com o mesmo engano o pobre gasalhado e mau tratamento de quem tão diferente o merecia. O Arcebispo abraçava a todos e consolava o prior, afirmando-lhe que não tivera melhor noite nem melhor dia, em muitos da vida, que aquele, por se ver agasalhado com a facilidade e amor da sua Religião, e nisso o reconhecia por verdadeiro filho de nosso Padre S. Domin-



gos, e sempre viveria agradecido e obrigado àquela santa caridade e bom termo que ali achara. E porque o tratamento começava a ser outro, deu-se pressa a responder e, despachado o correio, deixou logo o convento.

Desta desgraça de Burgos — que por tal a teve o Arcebispo — se pagou logo à sua vontade em outros conventos; especialmente em um mui observante, que suspeito devia ser em um de dous lugares de Biscaia, Vitória ou S. Sebastião, que ambas têm casa da Ordem e em ambas entrou.

Chegou à portaria, só com seu companheiro, como costumava; foi recebido alegremente e, sem haver quem suspeitasse nem cuidasse quem seria, foi tratado em cama e mesa como verdadeiro religioso pobre, e não faltou frio, como em montanha. Sendo manhã, foi-se à cela do prior pedir licença e tomar-lhe a bênção pera se partir; rogou-lhe o prior que comesse primeiro algũa cousa, pois havia de caminhar, e a pé, que assi o julgava. Não aceitou o Arcebispo o almoço, e o caridoso prelado, com religiosa singeleza, fez instância que ao menos quisesse levar pera o caminho um par de pães e uns peixinhos do rio que lhe tinha mandado concertar, pera não irem em jejum. Não teve o Arcebispo mais saborosa iguaria em todo o caminho até Trento. Cheio de alegria, tirou de ùa faca da cinta e abriu um pão e meteu-lhe dentro os peixinhos que couberam e deu-o a seu companheiro; e logo fez o mesmo a outro pão e, atado em um lenço, pendurou-o no cinto. Contento com o alforge e fazendo conta que o recebia de esmola como pobre de Cristo, rendeu as graças por ele e polo mais gasalhado ao prior e religiosos, louvando-lhes muito a santa e bem assombrada hospitalidade que usavam com os humildes estrangeiros, e ficando em sua alma mui edificado dela e deles.

## CAPÍTULO IV

*Entra o Arcebispo por França, em seguimento  
de sua viagem, e chega à cidade de Trento.*

Não largou o Arcebispo em todo o caminho esta santa porfia, tendo por alívio dele ver-se de quando em quando pobre entre pobres, súbdito entre súbditos, desacompanhado de criados e esquecidas as senhorias, encantado na estreiteza de ãa humilde e mal composta cela. E sucedeu-lhe à medida do desejo, daqui em diante, porque nem havia rigor nos prelados, como em Palência, nem nos súbditos agudeza pera inquirir.

Entrou em França pola vila de S. João de Luz, caminho de Baiona, primeira cidade daquela parte da Aquitânia que hoje se chama Gasconha. Entrou no convento que ali há da nossa Ordem, da província que lá chamam de Tolosa, e não lhe faltou noite fria e mal ceada, como entrou com o disfarce costumado.

E logo teve outra semelhante em S. Severim, onde também achou convento da Ordem.

Passou pola cidade de Aux e chegou a Tolosa um dia pela manhã cedo, e ficou-se o dia todo, por não deixar depressa um lugar cheio de memórias gloriosas de nosso Padre S. Domingos. Aqui estão as relíquias daquele seu grande filho, o Doutor Angélico, Santo Tomás. E na igreja de S. Saturnino, primeiro bispo daquela cidade, estão os corpos de três sagrados Apóstolos, S. Felipe, e Santiago e S. Tadeu, com o de

S. Bernabé, em grandes caixas de prata, e os do grande mártir S. Jorze e do abade S. Gil. Ditosa cidade por tais depósitos, mas muito mais porque, afora estes, tem a sagrada Coroa de Cristo. Daqui se entra na provincia de Linguadoc.

Madrugou o Arcebispo e disse missa no altar de Santo Tomás e seguiu seu caminho. Passou por Carcassona, tão conhecida do tempo que o Padre S. Domingos andava em campo contra os Albigenses, com officio de Inquisidor-Gèral; mas não entrou no convento que ali há da Ordem, por não perder jornada, e foi dormir a Capistrano, lugar desviado duas léguas da grande cidade de Narbona. Daí passou à insigne vila de Brissiers e a Santuberi e a Lupian, onde se vai tomar vista do Mar Mediterrâneo; e logo à cidade de Mompelher, onde foi ver o mosteiro da Ordem que nela há, grande e magnifico nos tempos atrás, mas então posto por terra e com oito frades somente, onde dantes havia cem celas. Esta cidade foi ùa das que mais se corrompeu de heregia, de toda aquella provincia, e ainda havia nela pregadores da falsidade. Quasi no mesmo estado estavam a vila de Luneld e a cidade de Nimes, lugares vizinhos. Não custava pouco ao Arcebispo ver estas calamidades. Recreou-se seu espirito na vista de Avinhão, cidade limpa e sã de semelhante peste, como terra que é do Sumo Pontífice. Foi-se, a seu uso, ao convento que nela há da Ordem e o mesmo fez quatro léguas adiante, na cidade de Carpentras, que também é do Papa, e havia casa nossa.

Aqui começam as terras do Delfinado, provincia que anda no primogénito de França, e esta é a rezão por que communmente chamam os franceses Delfim o que os espanhóis chamamos Príncipe do Reino. É primeiro lugar Santa Eufêmia e o último Xamon, posto nas fraidas das altíssimas serras dos Alpes, contra Sabóia. Chegou o Arcebispo a ele em 6 de Maio e em todo o dia, desde Breanson a Xamon, jornada de 8 léguas, não cessou de nevar como se fora em Janeiro. Com tal dia passou o porto temeroso e mui nomeado de Mongeneura, que é ùa aldeia que faz coroa aos mais altos picos dos Alpes; e daqui se começa a decer pera o Piemonte,

que foi aos romanos parte dos povos taurinos <sup>1</sup>. E quadra-lhe bem o nome de Piemonte pola baixeza em que fica, comparada com os montes. A decida que há é tão íngreme que parece talhada a pique e, pera espantar mais, ordinariamente cuberta de neve; e é tão profunda que corre ùa légua e meia de ladeira contínua até um lugar que chamam Santa Susana. O meio que achou o engenho humano pera vadear este passo foi inventar ùa maneira de andores ou carretes sem rodas, que vão decendo ou caindo pelas serras abaixo, arrastados cada um por dous homens, que não sabeis se os chameis pilotos, se cocheiros, se cavalos, porque tudo é necessário que sejam nesta perigosa distância, e tudo são; e andam tão destros, facilitando o uso à marinhagem, que se vence todo perigo.

Em Santa Susana parou o Arcebispo a jantar e foi dormir a Xamon, caminhando sempre costa abaixo, mas já a cavalo, e serras menos agras. Há, de Xamon a Turim, cabeça do estado de Sabóia, onze léguas; e, de Turim a Brinsier, caminhando para Vercelli, cidade já de Lombardia, há oito léguas. É Brinsier terra fresca e fértil, talhada de muitos rios que brotam da montanha; e só nestas oito léguas se passam quatro barcas. E logo fenece o estado e se dá na Lombardia, ficando de Turim a Milão vinte três léguas.

Aos dez de Maio entrou o Arcebispo em Milão e descansou o dia seguinte, que foi o domingo antes da festa da Ascensão; e logo à segunda-feira das Ladaínhas foi passando a Cassan e a Pontóia e Hospedalete; e à quarta-feira entrou em Brexa, terra de venezeanos, e aqui teve a festa da Ascensão e, por ser o dia tal, não fez jornada.

Há nesta cidade dous conventos da Ordem; foi-se o Arcebispo com seu companheiro ao que lhe ficou mais à mão e foi o último de toda a jornada até Trento, em que se aproveitou desta sua recreação, do que depois lhe deu queixas o prior que então era, como adiante veremos.

Das vinte duas léguas que há de Brexa a Trento, andou à sexta e ao sábado as vinte, e ao domingo à tarde as duas

---

<sup>1</sup> Ptol., lib. 3, tab. 6, *Europae*.

que há de Calian a Trento; e por esta conta, correu em cincoenta e seis dias trezentas e trinta e duas léguas, que tantas há de Braga a Trento, pola estrada que levou; e estas caminhou em quarenta e nove jornadas, e foi a última de Calian a Trento, em dezoito de Maio.

Bem quisera recolher-se no convento da Ordem que ali há, mas trazia já sabido do caminho que seria desconvidade pera os religiosos, pola ocasião do Concilio; por isso o não tentou. Mandou diante a família que se fosse à primeira pousada que achassem, das comuns da cidade, e daí lhe tomassem casas; ele, sobre tarde, entrou a pé com seu companheiro, ou por não perder o costume daquela humildade religiosa, ou por estar desconhecido até ter aposento decente.

Foi cousa maravilhosa que, sem se saber como nem por que via, se divulgou em um momento por toda a cidade sua chegada, com as particularidades da dignidade e nome, por maneira que antes da noite, quando cuidou que mais encoberto estava, e começava e desempoar-se, se viu cercado de dous graves prelados, os quais, depois de lhe darem as boas vindas, deixadas palavras, entraram em obras, procurando cada um com toda instância levá-lo pera sua casa, que foi pera o Arcebispo entrar em nova jornada e novo trabalho; e tal foi a eficácia ou a importunação que, por não ficar havido por descortês, houve de obedecer e sair-se após eles. Eram ambos frades dominicos e ambos bispos: um de Modena, e chamava-se D. Fr. Egídio Fuscarario; o outro de Verona, por nome D. Fr. Jerónimo Trivisano. Coube a sorte ao de Modena, pessoa a que acompanhava grande fama de virtude e chamavam em sua igreja pai de pobres. Se o Arcebispo lhe soubera o título, este acabara com ele mais que todas as forças.

No dia seguinte teve casas e ficou livre.

## CAPÍTULO V

*Descreve-se o sítio da cidade de Trento.  
Visita o Arcebispo aos cardeais legados  
do santo Concílio. Recebe carta do Sumo Pontífice  
e escreve a Braga.*

Trento é ãa cidade situada na arraia de Alemanha contra Itália, em terras do condado de Tirol. Fica ao Norte de Itália, e Ptolomeu a conta por terra da mesma provincia, metendo-a na demarcação dela entre os povos cenomanos.<sup>1</sup> É lugar de bom edificio, bem assentado e bastecido de todo género de mantimentos e, no seu tamanho, nenhum dos grandes de Alemanha se lhe aventaja na comodidade de casas nobres e de bom aposento. Lava-lhe os muros o rio Adige, chamado *Athesis* dos Latinos, que corre contra Itália, crecido já de águas, e navegável, e vai entrar no Mar Adriático.

O sítio é sadio, inda que afogado de serras altíssimas que a rodeam, chamadas dos Antigos Alpes Tridentinos. Estes, com os ares frescos que vêm sobre as neves de que sempre no alto estão cobertas e por entre a espessura de arvoredo que as veste, temperam a quentura do sol do estio, que, no baxo, fere com força excessiva.

Para o efeito do Concílio não se podia escolher lugar mais a propósito, porque fica como em centro com Itália e Alemanha e não longe de França, e, pera segurança daquelles que, com capa de medo de jurdições poderosas coravam

---

<sup>1</sup> Ptol., lib. 6. tab. 6 *Europae*.

o pouco gosto que tinham de se acharem nesta santa junta, tinha por si não ser sojeito a nenhum rei nem outro potentado temeroso. O bispo é senhor da cidade no temporal, assi como administra o espiritual, e só como a supremos reconhece d'alguã maneira os Condes de Tirol, que são os Arquiduques de Áustria. No tempo do Concílio foi eleito em bispo dela o Cardeal Ludovico Madrucio, alemão.

Estavam por legados de Sua Santidade, na cidade, pera darem princípio ao santo Concílio e presidirem nele em seu nome, dous cardeais, que eram Hércules Gonzaga, da casa dos Duques de Mântua, Cardeal do título de Santa Maria a Nova, e Jerónimo Seripando, napolitano, do título de Santa Susana, e sintiam a tardança dos prelados, principalmente dos de Espanha, que julgavam haviam de ser os dianteiros, como província tão assinalada no serviço da Igreja e matérias de fé, e até então não era vindo nenhum, e os que se achavam em Trento eram de Itália e esses não passavam de dez; e quando souberam que dos últimos fins do Ocidente era chegado um arcebispo primaz, foi grande o contentamento que receberam, e muito maior quando o viram e ouviram, que foi logo no dia seguinte, porque o Arcebispo não quis tardar mais em ir dar a devida obediência a quem estava em lugar do supremo Pastor da Igreja e Vigário de Cristo nela. Eles o receberam com grandes honras e com extraordinárias mostras de amor e alegria, afirmando-lhe cada um por si que nenhũa nova podiam mandar a Sua Santidade de maior gosto que a de sua chegada àquele lugar, por ser o primeiro prelado espanhol que ali viam e ficarem cheios de esperanças que seu exemplo seria bastante pera dar calor a todos os mais se porem a caminho, cuja tardança tinha assaz desgostado a Sua Santidade. Avisaram logo os cardeais ao Papa da vinda do Arcebispo e ficaram dali em diante correndo com ele com muito respeito e cortesia, visitando-o com mimos e presentes.

Não foi menos estimada a nova em Roma e o Papa, em recebendo o aviso dos legados, mandou suas letras ao Arcebispo, pelas quais lhe agradecia e diligência e o trabalho do caminho e encarecia o gosto que recebera com sua vinda;



e aos legados encarregou eficazmente que no gasalhado e tratamento da pessoa do Arcebispo dessem testemunho em Trento do muito que ele a estimava em Roma. E foi ela parte pera Sua Santidade escrever de novo a todos os príncipes cristãos, estranhando-lhes a tardança dos prelados de suas terras, e obrigando-os com o exemplo do Arcebispo de Braga que, sendo o último de todos na distância das terras, fora o primeiro na obediência.

Entretanto era o Arcebispo visitado dos prelados que havia na cidade, que todos o buscavam com curiosidade, pola dignidade e pola fama que trazia de virtude e letras. Mas ele tinha o corpo com eles e o coração estava com suas ovelhas, em Braga; e dando só três dias a estes cumprimentos, quis logo tratar delas, mandando-lhes novas de si e fazendo novas lembranças aos que as tinham a cargo. Deste tempo achamos ãa carta de sua mão, que tresladamos aqui porque conforma com o que vamos escrevendo. Era pera o governador do arcebispado, Fr. João de Leiria, e dizia assi:

#### CARTA

«Muito Reverendo Padre:

«*Gratia et fortitudo ad salvandas gentes.* Bem sei que *de iure* devia esta ser de ãa mão de papel, mas, com licença de V. Reverência, remeti as miudezas de nossa jornada à pcna de Pedro Tavares. Abastará em soma dizer que o Senhor me fez muitas mercês em toda a jornada e chegada, porque, além da saúde, chegamos no mais oportuno tempo que se poderia cuidar. Estavam já havia um mês e meio, dous cardeais legados e alguns bispos de Itália, té nove ou dez, esperando por prelados de Espanha e França, e desconfiados e desconsolados pola tardança. Ora chegando eu subitamente, não esperado, e divulgando-se que era chegado um arcebispo primaz dos fins de Espanha, foi grande alegria nos legados e bispos, e na cidade (a qual ganha muito em concílio). E nos gasalhados e abraços



mostraram os cardeais legados bem este contentamento; e escreveram logo ao Papa minha vinda, afirmando que se lhe não podia escrever ao presente cousa de mais seu gosto, porque estava agastado de não virem os convocados.

«Eu cuidei que pudesse, agora, antes que se começasse o Concílio, chegar a Roma sobre os negócios, mas não o faço porque me afirmam (e eu o vejo) que ausentar-me em tal tempo será esfriar o Concílio, porque só em se dizer que está em Trento um arcebispo primaz do último Ocidente dá quentura e anima os mais.

«Entre os bispos de Itália, que aqui estão, dous são frades da Ordem e um deles grande letrado e santo. Há três dias que nos conhecemos e somos como que houvesse dez anos; e isto basta quanto ao de cá.

«Quanto ao de lá, confesso a V. Reverência que sempre ando temendo que leva mais desgostos e sensibores do que será pola bondade de Deus, pois julgando seu coração, largo e magnânimo, polo meu, pequenino e estreito, imagino se arde em fogos como eu. Mas, como digo, confio nas ajudas do Senhor e na fieldade dos coadjutores que há-de ser a carga menos pesada do que lhe parecia.

«Vossa Reverência me encomende a toda a casa e que encomendem a Deus este negócio; e mande-me novas como trabalha na vinha do Senhor. Encomendo-lhe muito o favor dos estudos e todos os padres de Viana, Companhia e S. Frutuoso, e todos os pobres, de que Deus o fez pai.

«*Dominus perpetuo servet te.*

«De Trento, a 22 de Maio de 1561.

*Tuus in Domino,  
Fr. Bertolameu dos Mártires»*

## CAPÍTULO VI

### *Da ida que o Arcebispo fez a Veneza e Pádua, e a ocasião dela.*

Estavam as cousas do Concílio tanto em flor, por mais diligências que o Sumo Pontífice com todo fervor fazia que, a parecer de todos, se julgava que passariam muitos meses primeiro que tevesse princípio. O Arcebispo, que não tinha natureza pera estar ocioso, quis aproveitar aquele tempo e empregar parte dele em ir ver a cidade e República de Veneza e visitar nela as muitas e grandes reliquias de Santos que a ilustram e, em Pádua, o nosso milagroso português Santo António, curiosidade (se o fora) bem lícita em quem se achava tão vizinho àquelas cidades; mas na verdade foi emprego de devação, que não se pode cuidar outra cousa de quem sobre dous meses de aturado caminho emprendia nova jornada.

Quinze dias havia que estava em Trento, quando tornou a sair, de caminho pera Veneza; e contamos nestes quinze dias o em que chegou e este em que partiu, que foi Domingo da Trindade. São, de Trento a Veneza, vinte e ùa léguas, contando nelas o que há de mar entre a terra e a cidade, a que damos ùa légua.

Quando foi à quarta-feira, foi o Arcebispo dizer missa em S. Marcos. Deteve-se alguns dias visitando os templos e conventos principais e as santas reliquias de que todos estão ricos: na igreja maior, o corpo do Evangelista S. Marcos, celebrado patrono da cidade; no mosteiro de Santa Cruz,

que é de freiras de S. Bento, da obediência do Patriarca, o corpo do famoso prelado Santo Atanásio. Viu mais os de S. Gregório Nazianzeno e do Santo Zacarias, pai do Precursor Bautista; e de Santa Bárbara e Santa Luzia e de muitos outros Santos e Santas, com que aquela cidade se pode haver por mais famosa que por todas as outras mundanas grandezas de que se jacta, pois, estando cercada das águas do mar, tem estoutra melhor e mais poderosa cerca de Santos, que é a de quem canta o psalmo *Montes in circuitu eius*.<sup>1</sup>

Deram novas ao Arcebispo, andando nesta santa ocupação, de ãa obra que a República tinha começado de pouco tempo, que era a casa das penitentes, invocação da Santa Madalena e contaram-lhe tantas excelências dela (como todo homem sabe dourar as cousas próprias ou da pátria), da grandeza, da fábrica e do governo e meneio dela, que o obrigaram a ir vê-la; e como deixava dado princípio a dous conventos, houve o tempo por bem empregado, pera ver e notar e se aproveitar desta curiosidade.

É a casa bem grande, e capaz, e qual convinha pera o número de molheres que já então encerrava, que, segundo diziam, eram trezentas e oitenta. O edificio, não custoso, mas bem entendido em toda a repartição e disposição de dormitórios, claustros, oficinas e casas dedicadas pera os exercícios em que se ocupavam. A parte principal de bom governo de portas a dentro é não haver hora de ociosidade. Há ãas grandes salas providas de instrumentos de quasi todos os officios de ãa bem ordenada e abastada república. Em todas trabalhavam muitas molheres, e algũas em misteres bem encontrados com a fraqueza feminil. Levaram ao Arcebispo a ver tudo e, entre outras, viu ãa câmara alta e mui espaçosa, onde havia juntas mais de cem molheres, todas ocupadas em officios mais próprios a sua natureza, ãas lavrando em suas almofadas, outras cosendo, outras fiando, outras tecendo panos, fitas, passamanes, outras fazendo botões e cousas a este modo; do que tudo resulta

---

<sup>1</sup> Sl., 124, 2.

ajudarem em ãa grande parte a despesa comum de sua sustentação.

Guiavam ao Arcebispo a abadessa ou regente e outra religiosa, cobertos os rostros com seus véus, pessoas bem graves na representação. Tanto que aqui chegaram, todas as que havia na casa soltaram os véus sobre os rostos e, suspendendo um pouco o trabalho, começaram a entoar um devoto hino com concerto de vozes e boa música, a qual acompanhavam com um certo espírito e toada tão sintida que pudera obrigar a devação qualquer peito, por frio que fora, quanto mais ao Arcebispo, que se pagou muito de um e outro officio.

Desta casa o levaram ao noviciado, que é um quarto separado do corpo do mosteiro, com seus dormitórios, refeitório e oratório, e tamanha máquina que representa outro mosteiro por si. Aqui houve muitas cousas que lhe fizeram nova devação. Via-se polas paredes, pintada, toda a história da conversão e penitência da seráfica Madalena, avogada da casa, em muitos painéis de mão excelente, que arrebatava os olhos. Nos hábitos vis e remendados das noviças se enxergava estrema pobreza, sem nenhum género de curiosidade, das que até nos ramendos sabe persuadir o inimigo pera o ser em tudo; no jeito, ãa profunda humildade e mortificação. Chegando o Arcebispo mais perto, onde estavam juntas, receberam-no com ãa música de vozes extraordinárias e muito aventajadas às da outra casa.

Os dormitórios de ãa e outra casa são feitos por tal ordem que, estando as religiosas retiradas cada ãa em seu particular recolhimento ou leito, sem se verem ãas às outras, podem ser vistas das preladas e zeladoras que as vigiam, passando somente polo meio do dormitório. As camas não são mais que enxergões e mantas: enxergões de palha e mantas de sacco.

Ia esta casa crescendo em reputação de maneira que affirmaram pessoas de crédito ao Arcebispo que tinha acontecido a muitas donzelas honradas e virtuosas menoscabarem falsamente sua fama, fingindo-se menos honestas, só a fim de alcançarem serem admitidas nela, porque este era o dote

que as fazia logo receber; assi, não duvidavam perder fama e honra com o mundo, à conta de a sustentarem com Deus e fugirem os perigos da vida e ocasiões de pecado, em que a ociosidade, liberdade, pobreza e orfandade faz cair muita gente.

Fazia conta o Arcebispo de dar volta por Pádua e mediu o tempo de maneira, com a detença de Veneza, que, quando foram 12 de Junho, estava em Pádua, e na casa do Santo, que a ela o levava, Santo seu compatriota e nacido como ele dentro em Lisboa, e assitiu às vésperas do seu dia e festa.

Foram as vésperas celebradas com toda a solenidade possível polo bispo e cabido; e o dia seguinte tornaram a fazer o officio da missa e, quando veio à tarde, ordenou-se ãa fermosa procissão em que se tiraram um grande número de corpos de prata, de homens e mulheres, que passavam de trinta, e muitas outras peças de prata de grande valia, vistoso espectáculo, e memórias pias de milagres obrados por meio do Santo, que ofereceram os interessados e deixaram pendurados em seu templo, como troféus de sua virtude e poder. Acompanhou o Arcebispo a procissão, cheio de devação, e com a mesma visitou depois as reliquias do Santo.

Está sua sepultura em meio de ãa rica capela, em um túmulo alto de jaspe. Ornam a capela e acompanham a sepultura muitas estátuas de finos mármore, lavradas por excellência, em testemunho de antigos milagres do Santo. Na sepultura se vêem, em partes, abertos uns pequenos furos, por onde se sente suavíssimo cheiro. Junto ao altar-mor parece o seu retrato em pintura, tirado polo natural: está gentilhomem e mancebo e representa grande estatura, carnes e corpulência.

Esta casa foi antigamente da invocação de Nossa Senhora; depois se chamou Santo António; agora ultimamente não se lhe sabe outro nome senão o mosteiro do Santo; e este é o nome com que em toda Itália é conhecido por excellência este bendito português. Quem nomea o Santo fica entendido que quer dizer e diz Santo António. Moram no convento grande número de religiosos, que deve ser à conta

dos estudos que há na cidade, como por devoção e honra do Santo; são franciscanos conventuais.

Quando entre eles se entendeu quem era o hóspede e que lhes vinha ajudar a celebrar a sua festa, quiseram também festejá-lo com toda sua possibilidade e foram-lhe mostrando o que na casa há de preço. Aqui viu encerrada em ãa grande custódia de prata o queixo inferior do Santo, com todos seus dentes. Mostraram-lhe em outra a ponta daquela língua, ministra de celestiais conceitos, que está hoje tão viva e vermelha como quando os pronunciava. Com a mesma veneração tinham noutra custódia um pedaço do casco da testa, em que pareciam inda alguns cabelos e, juntamente, um grande retalho do hábito, que é saco grosseiro e como um cilício.

## CAPÍTULO VII

*Torna o Arcebispo a Trento e escreve de novo  
a Braga algũas cartas, e dá-se conta da vida  
que fazia neste tempo.*

Dentro de quinze dias se achou o Arcebispo outra vez em Trento e, como tardava em se abrir o santo Concílio, voava ele com o espirito à sua Igreja, que sempre trazia impressa na alma, e ia escrevendo muitas cartas ao seu governador e a todos os mais ministros do governo secular e ecclesiástico, pera suprir por esta via o que corporalmente se lhe negava. Assi desabafava e satisfazia a seus desejos, que todos eram fundados em procurar o remédio das necessidades corporais dos pobres e das espirituais de todos.

É ãa carta retrato vivo de seu dono que, como seja verdade que *ex abundantia cordis os loquitur*<sup>1</sup>, mais ao justo manifestará a pena o que passa no coração, porque ordinário é declararem-se com mais facilidade os conceitos da alma, escrevendo, que falando. Assi, em todas as que temos do Arcebispo se vê e lê melhor o seu espirito do que o pode encarecer nossa linguagem. Ajunta-se que ficam em lugar de história na parte que avisam as causas da dilação do Concílio. Estas razões nos obrigam a trazermos duas neste lugar, tiradas dos originaes; e deixamos outras, por encurtar escriptura. Ambas são escritas ao governador do arcebispado, Fr. João de Leiria, e em tempos diferentes, donde se deixa

---

<sup>1</sup> Lc., 6, 45.

entender os muitos meses que o Arcebispo residiu ocioso em Trento, antes de se dar princípio ao Concílio. E porque é cousa certa desejarem os leitores saber que vida era em tal tempo a sua, ajuntamos um capitulo de carta que Fr. Anrique de Távora, companheiro do Arcebispo, escreveu ao reitor do novo Colégio de Braga, com que satisfazemos a esta curiosidade, porque, ainda que fala como por cifras, fica bem descifrada, cotejando o que quer significar com a vida passada do Arcebispo e com o que dela temos referido.

#### CARTA PRIMEIRA

«Muito Reverendo Padre meu:

«*Gratia et fortitudo.*

«Nesta não tenho mais que dizer senão que estamos com saúde e ainda não começa a tarefa do Concílio, pola tardança dos bispos de Castela, e polas tristes novas que cada dia vêm do reino de França, donde até'gora não temos esperança certa que venha algum bispo, polo reino em muitas partes estar corrupto e os hereges mui poderosos. O Papa, de sua parte, faz todo o possível e cada dia não faz senão mandar bispos daqueles que não têm conta com outro rei senão com ele.

«Acende-se tanto este fogo luterano que é muito pera temer não salte de lá algũa faísca, porque, de quanto tenho lido e por cá visto, estou resoluto que todo cristão que vive carnalmente e esquecido de sua salvação está isca mui seca ou pólvora pera se lhe pegar esta peçonhenta seita, porque toda ela está fundada em liberdade de luxúria e gula. Por esta via os pregadores desta seita trazem muitos pera si, porque pregam que todo cristão de qualquer estado que seja tenha molher, nem cuidem de obedecer aos preceitos que mandam confessar, jejuar, não comer carne. Suspeito muito que, se nessa terra se permitisse algum destes falsos evangelistas, ajuntariam muitos discípulos, pois vemos tantos que, com lhe pregarem o contrário disto,



todavia eles se fazem discípulos da liberdade carnal. E por isso muito torno a pedir a V. Reverência que se esforce muito e creça seu zelo em apagar o fogo da luxúria por esse arcebispado e de nenhũa cousa tenha tanto escrúpulo como de ser remisso nisso e por nenhũa outra cousa tema tanto o juízo de Deus, e preze-se muito de ganhar inimigos por esta via e excitar línguas contra si, porque padecer isto é sinal da eterna predes-tinação.

«No dar das Ordens encomendo a V. Reverência muito o rigor que lá ficou assentado, assi no exame do saber como da vida, e antes acrecente que afroxee; e bastará ao menos dar três vezes Ordens no ano, e ainda estas três vezes com parecer daquelas pes-soas, etc.

«Cubra lá V. R. este inverno muito bem os nus e não deça dos duzentos mil réis, nem dos das órfãs; ganhe o paraíso nestes poucos de dias que Deus lhe dá de trabalho e escreva-me o que nisto está feito e quão rico está, e novas dos vigários, como fazem seus officios.

«Porque não ponha aqui os nomes de tantas pessoas, lhe digo que de minha parte dê encomendas a todas as que lhe parecer que é rezão que as eu mande. Em particular me encomende ao cabido, quando for à Sé, e aos padres da Companhia, e ao Padre Fr. Estêvão Leitão, e ao Padre Fr. Gaspar Borges.

«Tenho-lhe escrito ũa sobre a moderação das esco-munhões que se tiram contra ladrõezinhos. Esqueceu-me de pôr que estivesse no conselho mais N. e N.

«Nosso Senhor o abraze com Seu fogo pera que abraze toda essa terra; e por mim lhe peça, que cá me dê ũa faísca, que bem necessária é.

«De Trento, aos 22 de Setembro de 1561.

Seu irmão,  
*o Arcebispo Primaz»*

## CARTA SEGUNDA

«Muito reverendo Padre meu:

«*Gratia et perseverantia!*

«Até o presente não é aberto o Concílio, ainda que já são juntos mais de cincoenta prelados, dos quais quatro são arcebispos, e o Patriarca de Jerusalém, além dos Legados Cardeais.

«Toda nossa detença é causada por França, que celebra um ajuntamento de bispos, no qual há alguns hereges, e cada dia temos ruins novas, e não há tomado assento se hão-de vir ou não; e isto nos faz aguardar, pera que V. R. saiba quantas lágrimas e orações hão mister estas cousas. Por isso vigie V. R. lá, pois o Senhor quis que ele agora fosse bispo na obrigação e sustancial do officio, ainda que não ponha mitra. E ainda que (como digo) está o mundo de mancira, cá, que convinha andarmos todos descalços e com cilícios, todavia, porque esse Reverendo Cabido me encomendou tanto que tevesse cá cuidado de defender a preminência dessa Igreja, lhe direi o que tenho nisto feito.

«Cá se alevantou dúvida se havia eu de preceder a todos os arcebispos não primazes e havia muitas razões por ãa parte e por outra; especialmente contra mim fazia que a minha primacia parecia litigiosa, pois não era dada sentença entre mim e Toledo, e outras razões. Finalmente a cousa foi remetida ao Papa, da parte do qual escreveu aqui um cardeal a um arcebispo mais antigo, com quem se tinha principalmente a diferença, que me desse o lugar; no qual muito ajudou diante do Papa o embaixador Lourenço Pires de Távora; de maneira que, por esse recado do Papa, me é dado lugar sobre todos os arcebispos e tenho o segundo lugar nos ajuntamentos que fazemos, nas vésperas e missas das festas, como hoje, na missa soleníssima dos defuntos; porque acima de mim não tenho mais que o Patriarca de Jerusalém. Pode dizer isto de minha parte ao Cabido, porque saibam que atento por sua

honra. Todavia de Roma vêm novas que o embaixador de Castela, sabido isto, não sei que contradições alega lá, diante do Papa, pera que este lugar que me dão não prejudique a Toledo; não sei que daqui resultará.

«Se V. R., quando esta ler, não tiver gastado polo menos os duzentos mil réis em cobrir pobres nestes frios que vão, hei-me de aqueixar muito dele e chamar-lhe mais apertado que ũa certa pessoa que calo. *Beatus qui intelligit super egenos et pauperes. In die mala* (convém a saber, da morte e do juízo) *liberabit eum Dominus*. Por amizades humanas não dê nada; por Jesu Cristo, muito. Já lhe escrevi que os gastos cá até 'gora vão de maneira que pode lá ser largo com os estudantes, pregadores e pobres. Ainda inda imos gastando do dinheiro que trouxemos de lá; Deus dará pera tudo.

«Confesso que me tem alargado um pouco o coração este santo Bispo de Modena, frade da nossa Ordem, que não chega sua renda a mil cruzados e dá em seu bispado mais esmoias que eu; e não sei de que se mantém. Creio que Deus faz milagres com estes liberais em Jesu Cristo. Ele me disse que pasmava como lhe abastava o que tinha.

«Por isso mande-me V. R. boas novas disto e quantas orfãs são casadas, porque, como digo, não quero que poupe nada dos duzentos mil réis das órfãs.

«Finalmente, porque V. R. não terá tempo, mande a um desses padres que me escreva ũa mão de papel de todas as miudezas, convém a saber, como vai o estudo dos Casos, e dos moços, das pregações, da frequência dos Sacramentos

«Vossa Reverência agradeça a Deus as mercês que lhe faz, que quantas cartas de lá vêm todas não falam outra cousa senão de quão bem Vossa Reverência tem mão no leme e de quão amado é dos de fora e dos de casa. E pois assi é, mostre a estes de casa sinais de agradecimento, porque grandes bens dizem dele. Tudo seja pera glória de Deus, cujo juízo temamos, não

curando das línguas dos maldizentes ou bendizentes, senão que a vontade de Nosso Senhor seja feita, e Sua justiça guardada, e os sacerdotes dessa terra sejam castos. Oh! Deus nos livre deste pego, quero dizer, da conta que havemos de dar, se formos injustamente piadosos!

«*Dominus repleat te, Pater mi, fervoribus caelestibus ad implendam suam voluntatem!*

«De Trento, aos 3 de Novembro de 1561.

*Vester in Domino,  
O Arcebispo Primaz»*

O capítulo da carta que prometemos, do companheiro do Arcebispo, Fr. Anrique de Távora, pera o Padre Inácio d'Azevedo, reitor do Colégio da Companhia de Jesu, de Braga, é a seguinte:

«Do Senhor Arcebispo digo que cada vez é mais santo e mortificado, e creio que nunca gastou tão bem o tempo; e se lá for, como esperamos em Deus, levará grande alforge pera si e pera suas ovelhas; e nunca viveu tão conforme a seus intentos como cá. Parece-me que, se por ele fosse, não deixaria este género de vida. Tem dado grande cheiro nesta terra e buscam-no tantos pobres como em Braga, e a todos satisfaz. Os prelados têm grande conceito deíe. Não quero parecer que louvo minhas cousas, posto que falo com quem o conhece. Ele e a casa todos ficam bem, Deus louvado.

«De Trento, a 3 de Novembro de 1561».

## CAPÍTULO VIII

*Dá-se princípio ao sagrado Concílio e encomenda-se ao Arcebispo o cargo de rever e censurar os livros e fazer novo catálogo deles.*

Abriu-se o Concílio um domingo, a 18 de Janeiro de mil e quinhentos e sessenta e dous, dia bem próprio pera tão santo e importante acto, porque nele celebra a Igreja a festa da Cadeira de S. Pedro em Roma.

Depois das cerimónias, estando com os Cardeais Legados todos os Padres juntos, antes de se proceder a outra cousa, postos todos de joelhos, com devação e humildade, se cantou a oração seguinte:

*Adsumus, Domine Sancte Spiritus, adsumus peccati quidem immanitate detenti, sed in nomine tuo specialiter aggregati. Veni ad nos, adesto nobis, dignare illabi cordibus nostris. Doce nos quid agamus, quo gradiamur ostende, qui efficiamus operare. Esto solus et suggestor et effector judiciorum nostrorum, qui solus cum Deo Patre et eius Filio nomen possides gloriosum. Non nos patiaris perturbatores esse justitiae, qui summe diligis aequitatem, ut sinistrum non nos ignorantiae trahat, non favor inflectat, non acceptio muneris, vel personae corrumpat. Sed junge nos tibi efficaciter solius tuae gratiae dono, ut simus in te unum et in nullo deviemus a vero, quatenus in nomine tuo collecti sic in cunctis teneamus cum pietate iustitiam, ut hic in nullo dissentiat a te sen-*

*tentia nostra et in futuro pro bene gestis consequamur  
praemia sempiterna, per Christum Dominum nostrum.  
Amen.*

Esta oração se repetia todas as vezes que os Padres se ajuntavam pera celebração de algum acto público de matérias do Concílio; e por essa rezão a tomou o Arcebispo por escrito e costumava rezá-la todas as vezes que se punha a estudar os pontos em que havia de dar parecer, e antes de votar, nas juntas; e pola mesma causa me pareceu que a não devíamos deixar fora desta escritura. Traduzida em nossa linguagem, diz assi:

«Aqui somos, Senhor Santo Spírito, em Vossa presença, na verdade alcançados de nossas culpas e da graveza delas anteparados, mas com tudo, só em Vosso nome e à Vossa conta aqui juntos. Vinde a nós, achai-Vos connosco, sede servido decer sobre nossas almas, insinai-nos que façamos, mostrai-nos pera onde e por onde caminhemos e sede Vós o que façais aquilo que é bem que nós obremos. Sede de nossas opiniões e juízos conselheiro secreto, e dos mesmos official e obreiro descoberto, Vós que só com Deus Padre e com Seu Filho possuís honra e nome glorioso. Vós, que no extremo amais a virtude e bondade, não sofráis que sejamos perturbadores da rezão e da justiça. Fazei que nos não leve o sestro da ignorância, que nos não troça favor nem amizade, nem nos corrompam dádivas nem valias, mas liai nossas almas em perfeita união convosco, por meio do divino dom de Vossa única graça, de maneira que sejamos todos um só corpo e ãa só cousa em Vós, e nem em um mínimo ponto nos desviemos da verdade, pera que, assi como de várias partes nos viemos aqui em Vosso nome ajuntar, de tal modo sigamos em tudo as leis da virtude e justiça, regulada por verdadeira religião e piedade, que em nenhum negócio discrepem nossas opiniões e decretos de Vossa santa vontade, e assi alcancemos ao diante, por mere-

cimento de boas obras, a glória e prémios eternos, por Cristo Nosso Senhor. Amen».

Não se fez mais este dia que dar-se por legitimamente aberto o santo e geral Concílio. E foi esta a primeira sessão dele, das do tempo do Papa Pio IV, mas décima sétima, contando as que precederam, em vida dos Papas Paulo e Pio tércios. Logo ficou nomeado dia pera a segunda, e lançada pera os vinte seis de Fevereiro.

Entretanto se tratava com grande calor, em juntas contínuas, que matérias convinha serem as primeiras, pera se irem logo estudando, disputando e discutindo. E pareceu que se começasse pola reformação dos livros que andavam espalhados por toda a Cristandade, uns de doutrina sospeitosa, outros claramente falsa, semente do inferno, cujo veneno pera os mal acautelados é mortífero, e pera todos danoso. Tinham os Sumos Pontífices com santo zelo acudido em Roma a este mal e usado de vários meios, que todos vencia o número grande de volumes e a danada curiosidade de seus autores. Por onde se acordou nesta sessão cometer-se o negócio a ãa junta de Padres escolhidos, pera o verem com madureza e fazerem relação ao santo Concílio. Isto é o que parece pelo texto da sessão. E consta-nos que foram nomeados pera esta junta Padres gravíssimos, como era havida a matéria por importantíssima e por tal fora a primeira de que se lançara mão.

Entre os deputados foi em segundo lugar o nosso Arcebispo. E, com não menos honra da Ordem dos Pregadores e da Província de Portugal, foi dado por secretário dela o Mestre Fr. Francisco Foreiro, de cujas letras e grandes partes havia entre aqueles Padres tal satisfação que se afirma que a mor parte do texto que hoje temos deste sagrado Concílio foi composição sua; e depois do Concílio acabado lhe cometeu o Papa a reformação do Breviário e Missal romano, em companhia de dous eminentes prelados e, juntamente, o cargo de comporem um mui escolhido catecismo, que é o romano, que anda impresso. Tornando pera esta Província, foi eleito Provincial e, com sua devação, zelo

e indústria, se edificou e dotou o convento que temos na vila de Almada, onde faleceu e está sepultado no capitulo. Da fama que por Itália deixou, achamos ãa honrada memória em ãa adição da Crónica dos Mestres Gêrais da nossa Ordem, que anda impressa e incorporada no Livro das Constituições dela, feita por Felix Castelfranco <sup>1</sup>. As palavras são as seguintes:

*Erantque illi praesto insignes Theologi, quorum unus fuit ille Forerius Lusitanus, qui deputationi ad censuram librorum secretarius in eodem Concilio datus indicis librorum ordinandi et in eam formam qua legitur edendi autor extitit. Cui etiam post Concilium a Summo Pontifice una cum duobus aliis e nostro Ordine assumptis antistitibus, Leonardo, scilicet Marino, Archiepiscopo Lancianensi, et Aegidio Fuscarario, Episcopo Mutinensi, Breviarium et Missale Romanum reformandi, Catechismumque selectissimum conficiendi cura commissa est. Quod munus ipsi fideliter executi sunt multis laboribus.*

Querem dizer:

«Assistiam-lhe teólogos insignes, dos quais era um aquele Foreiro Português, que foi dado por secretário no mesmo Concílio à junta que se ordenou pera a censura dos livros e feitio de um Index deles, o qual fez na forma que hoje se lê. E ao mesmo encomendou também o Papa, depois do Concílio, reformar o Breviário e Missal Romano, dando-lhe por companheiros dous prelados também da nossa Ordem, que foram Leonardo Marino, Arcebispo Lancianense, e Egídio Fuscarario, Bispo de Modena; e juntamente lhe mandou compor um Catecismo que fosse obra mui perfeita, o que tudo fizeram puntualmente, à custa de muito trabalho».

---

<sup>1</sup> In *Chro, Mag. gen. Praedicat.* per Fel. Cast. addit.



## CAPÍTULO IX

*Escreve o Arcebispo a Braga,  
encomendando os pobres.*

Fervia o trabalho e o estudo, continuavam juntas e não havia quasi hora ociosa pera o Arcebispo, mas na maior força dos cuidados não podia descuidar-se de Braga. E, se tinha algum momento descansado, com ela o gastava, escrevendo, lembrando, amoestando e dando traças, e todas encaminhadas em favor dos pobres, que parece que só estes o desvelavam, como se pode entender pelo teor da carta seguinte, que escreveu neste mesmo Fevereiro, ao seu governador do arcebispado, Fr. João de Leiria.

### CARTA

«Muito Reverendo Padre meu:

«*Gratia et fortitudo!*

«Poucos dias há que, por via de Roma, escrevi duas a Vossa Reverência, com muitas lembranças necessárias pera o regimento dessa Igreja, que cá ando colhendo, ouvindo muitos prudentes. Busque-as, não repito. Mas porque sospeito que esta será lá primeiro que elas, quero nesta repetir a substância de ãa das cartas, porque é cousa em que eu desejo desencarregar minha consciência e aparelhar-me pera a conta que hei-de dar da fazenda de Deus.

«Vossa Reverência me escreveu que apertava a mão pera os pobres, porque não sabia quantos seriam meus

gastos cá; portanto, quero nesta declarar o que tenho disto entendido e que queria que lá se fizesse.

«Digo que de quanto Vossa Reverência recebeu o ano de 1561 eu não quero mais que os dous mil cruzados que comigo trouxe e todo o mais minha vontade é que nada se entesoure, mas tudo se gaste em obras pias, em casamento de órfãs, assi na cidade como nas câmaras, e nos vestidos dos pobres, e nos estudantes e doentes, e outras miúdas esmolas; dos quais gastos fará Vossa Reverência caderno particular, se lhe não for trabalho, desde o primeiro dia deste ano de 1562. Seja desta maneira.

«Ainda que, praticando, assentávamos que podia cá gastar dous contos, digo que eu me ponho cá de maneira que me bastará um conto cada ano. E assi, digo que de quanto lhe devem dos anos passados e de quanto receber por todo este ano de 1562, deposite pera Trento um conto cada ano e daí pagará aos banqueiros, quando lhe presentarem minhas cédulas ou mo derem cá. E do que deste conto eu poupar, tenha-o Vossa Reverência guardado pera o que lhe escrever. O outro conto se reparta desta maneira: quatrocentos mil réis pera o edificio do Colégio e trezentos mil pera Viana, além dos duzentos mil que lhe ficaram deputados no outro conto que lá ficou repartido em cinco despesas, com o qual não quero que se bula nada; os trezentos mil réis que restam pera o dito conto se repartam em pobres e órfãs das câmaras. E tudo isto, como digo, é sem algum prejuízo do conto que ficou taxado pera estudantes, órfãs, vestidos e ordinárias. E peço-lhe por amor de Deus e encarrego-lhe a consciência que daqui não se tire um ceitil pera outro gasto, enquanto não houver outras despesas forçadas.

«E porque sei que os estipêndios dos Casos são poucos e gastam pouco, mando aqui ãa provisão a N., em que lhe encarrego isto, porque Vossa Reverência não pode entender em os buscar e examinar. E os que ele escolher e aprovar, Vossa Reverência com ele assen-

tará o estipêndio até dous cruzados por mês, de maneira que entre os estipêndios pera ouvir Casos e pera Artes se gastem os duzentos mil réis cada ano. Enquanto os Padres da Companhia não colhem Manzedo, mas tudo leva D. Tareja, necessário é que os sustentemos, digo os doze que aí estão. Isto digo, enquanto Vossa Reverência lhe não der os ditos mil cruzados que disse. Tudo o mais que sobejar de todas as despesas e gastos ordinários e extraordinários se reparta em obras pias, conforme a prudência de Vossa Reverência, sem entesourar nada; especialmente os doentes da cidade pobres sejam os primeiros providos, que esta é minha intenção, enquanto falar de obras pias e esmolas. E, entre os doentes, lhe encomendo muito os do hospital de Santiago, especialmente ãa mulher que havia dous anos que estava entrevada em um leito alto. Eu a tinha por namorada mas, como frio, não me lembrou quantas vezes escrevi a Vossa Reverência; por amor de mim lhe mande fazer mimos.

Bem suspeito que Vossa Reverência se enfastiará de tanto lhe repetir a diligência dos pobres, mas nisto me há-de perdoar; é meu officio, sou despenseiro da fazenda dos pobres. Não a herdei, não a ganhei, queria-a repartir como manda seu Senhor. E porque não convém encobrir nada a Vossa Reverência, saiba que todas as novas que vêm de Braga são boas, tirando acerca dos pobres, que me escrevem que vai a cousa mui apertada pera eles e também pera os dos Casos.

«Ora saiba certo que de quantos bispos há aqui de Espanha, que são muitos, nenhum tem menos gasto que eu. Ora se eu isto faço porque os pobres sejam largamente providos, como sofrerei ouvir o contrário? Se me eu contento com ãa pobre pensão, razão é que me entristeça não ouvindo o fruto do meu poupar. O Bispo de Coimbra tem vinte ou trinta pessoas em sua casa e eu estou mais contente com oito ou nove, pera que ouça de lá novas de muitas órfãs casadas e muitos pobres vestidos.

«O Padre Fr. Estêvão Leitão me escreveu quão largamente Vossa Reverência o fazia com ele e eu folgo; mas folgara que também Vossa Reverência fosse largo pera os Padres da Companhia, com tal condição que não passe de dar entre ambos por ano, digo a Viana e Colégio, mais de quatrocentos ou quinhentos mil réis além do dito, porque convém acudirmos às principais obrigações dos pobres e dos estudantes; e Vossa Reverência faça iguais nas mais esmolas pera seus edificios. E dando mais a Viana que ao Colégio, declaro ser contra minha vontade. Isto entendo, exceto se lá houver fome, porque, havendo fome, cessem todas e dê-me tudo em pão, pera que não pereçam os pobres.

«Bem creio que as rendas deste ano hão-de ser dificultosas de colher, especialmente as dos montes, mas Vossa Reverência irá fazendo pouco e pouco, como puder, conforme ao que nesta digo. E as dificuldades que porventura achar, comunique-as comigo.

«Vagando algũa vigairaria de câmara, que tenha mui pequena porção, acrecente-a Vossa Reverência, dando-a a algum benemérito.

«Já escrevi como o Concílio se abrira a dezoito de Janeiro; e agora começamos a fazer obra e já passou o tempo de repouso. Vossa Reverência, ainda que Nosso Senhor o fez magnânimo, bem sei que deseja minha tornada pera se ver desapressado dessa tempestade de negócios, mas sofra, não por amor de mim, mas por amor de sua mãe a Santa Igreja Católica, que tão espedaçada está nestes desditosos tempos.

«O nosso embaixador entrou aos sete deste Fevereiro e foi recebido com grande solenidade. E o Doutor Belchior Cornejo fez mui bem a oração por parte del-Rei.

«Nosso Senhor o cubra de Sua consolação e graça. Encomendas a todos os que aqui devera de nomear.

«De Trento, dia de Cinza de 1562.

Seu irmão,  
*O Arcebispo Primaz»*

## CAPÍTULO X

*Das pregações que o Arcebispo ordenou  
esta Quaresma, e da instância que fez  
por que se tratasse da reformação pessoal do clero,  
e da liberdade com que votou nela.*

Entrou a Quaresma deste ano de 1562 e, ainda que as ocupações que todos tinham eram grandes e contínuas, quis o Arcebispo que os menos ocupados também de sua parte ajudassem, animando ao trabalho e acendendo em devoção os que, com suor e fadiga contínua, cavavam na vinha do Senhor; e ordenou pera este efeito algũas pregações particulares dos Padres portuguezes que havia em Trento.

Tocou o primeiro domingo da Quaresma ao Padre Fr. Anrique de S. Jerónimo, aliás de Távora, seu companheiro, e foi ouvido por essa rezão de grande parte dos Padres do Concílio. O sermão foi tal que redundou em honra da Ordem e do Arcebispo, a quem se davam os parabéns por muitos prelados, dizendo que bem se parecia o filho com o pai e o discípulo com o mestre.

Não dissimulava o Arcebispo o contentamento que estas novas lhe davam pera dar graças a Deus, conforme ao que está escrito: *Filius sapiens laetificat patrem*<sup>1</sup>. E não era adulação, que os de melhor voto afirmavam que até aquele dia se não ouvira naquele sapientíssimo senado outro sermão tão perfeito em todas suas partes.

---

<sup>1</sup> Prov., 10, 1.

Logo pera a terceira sexta-feira convidou o Arcebispo muitos prelados italianos e de outras nações pera ouvirem o sermão da Vinha, do Padre Mestre Fr. Francisco Foreiro, de que falamos no Capítulo oitavo. Acudiram a ele todos os espanhóis, pola fama de suas letras e eloquência, que este dia ficou de novo acreditada com a obra e foi causa de o fazerem continuar na Quaresma do ano seguinte, com extraordinário concurso e aplauso, e com ùa clara confissão que andava em alto ponto, entre os portugueses, aquele santo ministério do púlpito.

Entretanto não se descansava em discorrer e ventilar em juntas quasi quotidianas as matérias que haviam de ser sojeito da futura sessão. Mas não eram as que o Arcebispo tinha assentado em seu ânimo que deviam ser as primeiras, porque lhe parecia que, como o fim principal daquela sagrada e gêral congregação era emendar o mundo e purificá-lo de vícios, convinha começar a obra pola parte mais grave dele, que era o eclesiástico, e pola melhor do eclesiástico, que eram os prelados; e daí passar às cousas de menos consideração e a tudo o mais que havia que remedear, e isto dizia que era proceder com ordem, e tudo o mais chamava prepóstero e desconcertado; mas achava votos contra si, que reformação em casa, inda que seja tomada com as próprias mãos, não é cousa saborosa e, como negócio em que os maiores e mais poderosos eram os mais interessados, dissimulavam todos e iam pegando doutras matérias, discutindo e difinindo, sem tratarem desta.

Porém o Arcebispo não mudou de ânimo e, tomando forças da mesma contrariedade, instava, rogava, persuadia e aconselhava, em público e em particular, que não gastassem em cousas de pouca importância ùa tão preciosa ocasião como tinham entre mãos pera grandes efeitos; que comessem logo polo que mais convinha, que era alimpar e apurar o ouro da Igreja, que era o estado eclesiástico, que estava escurecido com costumes depravados de dilícias e pompas, e com muitos vícios que daqui brotavam; que, reduzido isto a bom termo, então se procederia ao mais, com ordem, e seria fácil o remédio em tudo; que, pois eram todos médicos e pera

curar a Cristandade estavam ali juntos, curassem primeiro a si mesmos, que, em boa física, quando há mal no corpo, sempre é costume acudir primeiro aos membros mais nobres e, pois eles eram os principais do corpo da Cristandade, não perdessem tempo em curar o que menos importava; que assi persuadiriam eficazmente ao mundo, e aos hereges, e aos membros podres da Igreja que sofressem o ferro e o cauterio onde fosse necessário, sem poderem dizer: *Medice, cura te ipsum* <sup>2</sup>.

Venceu em fim que se entendesse neste ponto, em cabo de muitos dias que aporfiou; e tocando-lhe falar em ãa junta. fez ãa eloquentíssima invectiva cheia de doutrina e zelo cristão, contra o fausto e vaidades com que viviam alguns prelados e outros eclesiásticos (e nomeou a nação em que mais se enxergava esta superfluidade). E procedendo, queixava-se com grande espírito de se quererem defender com título de fazerem por esta via mais venerável e respeitada a dignidade; e mostrava que era tão digna de repreensão a desculpa como a mesma culpa, e que usavam dela por não ter outra nenhũa a que pudessem arrimar-se. Em fim provava e concluía com vivas rezões e força de exemplos que muito maior é a autoridade e respeito que nos prelados e príncipes da Igreja cria e grangea a virtude e zelo da honra de Deus e da salvação das almas que, todo o que podem mindigar e adquirir por vaidades e meios humanos.

Procedeu-se na matéria e propôs-se aos Padres em primeiro lugar se era razão que as pessoas dos cardeais fossem na reformação comprehendidas.

Era chegada neste tempo ordem e mandato de Sua Santidade que no votar dos prelados iguais em dignidade se tomasse a preferência da antiguidade em promoção de cada um, sem respeito de primacias, por evitar as dúvidas que ali e em Roma se tinham levantado por parte dos embaxadores e prelados castelhanos, sintidos do prejuizo que fazia à Cadeira toledana o favor que Sua Santidade, antes de se

---

<sup>2</sup> Lc., 4, 23.



abrir o Concílio, fizera ao Bracarense, quando mandou que fosse preferido em voto e lugar a todos os arcebispos, e particularmente a um que, por anterior em promoção, se lhe opunha, como se contém na sua carta do Capitulo VII deste Livro.

Começaram a votar os que por esta razão ficavam precedendo e um após outro, *nemine discrepante*, foram dizendo com a cortesia costumada que os Ilustríssimos e Reverendíssimos Cardeais não haviam mister reformados. Quando tocou dizer ao Arcebispo, disse assi, aproveitando-se das mesmas palavras e termo dos que tinham votado, mas com liberdade e espírito de varão apostólico:

— *Illustrissimi et Reverendissimi Cardinales indigent illustrissima et reverendissima reformatione.*

Palavras formais, que foram celebradas por toda a Cristandade com honra do Arcebispo, e o são inda hoje. E não tenho dúvida que, como o ouro e outras cousas boas que ganham fineza e valor com o tempo, serão mais estimadas quanto mais ao longe lembrarem, visto como o mundo cada dia se vai aventajando a si mesmo em criar nos que mandam ânímos mais imperiosos, e nos que obedecem espíritos mais cativos. Por isso vão postas como saíram da boca de quem as disse. A linguagem é: «Os Ilustríssimos e Reverendíssimos Cardeais hão mister ãa ilustríssima e reverendíssima reformação».

E logo, virando com muita segurança pera onde estavam os Cardeais Legados e fazendo ãa mui cortês inclinação, disse, com voz grave e sonora:

— Vossas Senhorias Ilustríssimas são as fontes donde todos os prelados bebemos, e portanto convém que esta água esteja mui limpa e pura.

Aquí se mostrou bem quanto poder tem reformar um homem primeiro em si o que pretende emendar nos outros. Como era pública e conhecida a muita religião e rigor de vida do Arcebispo, não somente não causou alteração esta liberdade nos Cardeais Legados, mas antes se afirma que ficaram muito edificados dela.



Pera todos os mais Padres foi matéria de gravíssimo espanto e a que nenhum se atrevera. E não os admirou menos a confiança com que se declarou e, sobretudo, verem suas palavras não só toleradas, mas bem recebidas dos cardeais.

## CAPÍTULO XI

*Trata-se da residência dos prelados e todos os mais  
eclesiásticos em seus benefícios; celebram os  
Legados ãa solene missa por mandado  
do Papa, e dá-se a rezão dela.*

Apontaram muitos Padres que, após a matéria da reforma pessoal dos eclesiásticos, entrasse logo em consulta a de residência nos benefícios, e pediram-no com instância, como cousa mui essencial. Foi ponto mui altercado e, porque das disputas se foi descobrindo que tocava em prejuízo das cabeças maiores, houve quem procurou suspendê-la e, nos modos com que ia correndo, trasluzia-se que ficaria sem decisão no presente Concílio.

Em um dia que mais apertadamente se ventilou, foram votando alguns Padres que se decretasse ãa pena certa pera os que fossem descuidados em residir. Outros, pera chegarem a dar na calidade da pena que se devia pronunciar contra os tais, foram discorrendo agudamente e procurando tirar a limpo de quem recebiam os bispos o poder que exercitavam e a jurdição que tinham, se de Cristo, se do Papa; e iam-se estendendo e gastando muito tempo, sem darem na resolução. Tomou o Arcebispo a mão, vendo consumida a tarde e, com muita quietação, como quem estava senhor da matéria:

— Não sei — disse — pera que nos cansamos e perdemos feitió em fazer distincções entre jurdição essencial ao officio de bispo, que é apacentar, insinar, pregar, consagrar, e entre jurdição judicial, pela qual julga, castiga, escomunga e

assolve; e em disputar de quem recebe o bispo imediatamente este poder e jurdição, pois todas estas questões e controvérsias, inda que tão doutamente tratadas, fazem mui pouco ao caso ou, por melhor dizer, não servem de nada pera averiguação do fim proposto, que é determinar-se pena contra os que não residirem. E pera este efeito basta convirmos todos na causa ablativa, que é o Papa, que pode tirar e suspender esse poder e jurdição, como faz quando priva um bispo de seu bispado. Porque, dado caso que o privado não perde então o poder ordenar e confirmar (posto que peca mortalmente se o fizer), nenhum poder de jurdição lhe fica, porque o Papa o pode suspender por culpas que cometer, assida jurdição essencial, como da judicial, ou a receba de Cristo, ou do mesmo Papa.

Com estas breves rezões teve fim a estendida disputa, quanto àquele ponto, ficando todos satisfeitos da sustância e clareza delas, junta com tanta brevidade. Mas não ficou assentado o que havia de importância no particular da residência. E depois foram-se metendo muitos dias em meio e passando a outras cousas, do que o Arcebispo recebia entranhável desgosto, porque como o negócio, se houvesse de ficar decretado com o rigor que era rezão, havia de cortar polo vivo da fazenda ou polo ócio e boa vida de muitos Padres dos mais autorizados e de mais qualidade que ali assistiam, ia já temendo (inda que não era em sua mão cuidar mal de ninguém) que o queriam deixar em silêncio.

Neste tempo, sendo já entrado o mês de Julho deste ano de 1562, tiveram os Legados carta do Sumo Pontífice, em que lhes mandava dessem graças a Nosso Senhor, com todo aquele santo ajuntamento, por ãa insigne vitória que dera a el-Rei de Portugal, dos mouros de Berberia que, tendo cercada por espaço de dous meses a vila de Mazegão, com todo o poder de África, em fim se levantaram, com perda de gente e de reputação.

Ordenaram os Legados, visto o aviso de Sua Santidade, celebrar ãa missa em pontifical, com toda a maior solenidade e, pera mais aumento dela e maior glória dos vencedores, mandaram compor de novo orações particulares pera se can-

tarem na missa; e assistiram a ela com todos os prelados que havia em Trento.

Teve a vitória muitas particularidades que a fizeram famosa e digna desta honra. Uma das que mais se celebravam então pela Cristandade era a força de gente que o Xarife Mulei Abdalá ajuntou para a empresa, que João Botero, diligente escritor italiano, afirma que foram duzentos mil homens. Dos nossos escritores, um que fala de vista e com miudeza e como homem de guerra sobe o número a poucos mais de cento e cinquenta mil<sup>1</sup>. Discorriam os homens de bom juízo o muito a que se obrigava um príncipe em tal acometimento, a honra que arriscava, não saindo com a empresa, rezões para fazer o último de potência (como fez) para não largar sem vitória, que todas redundavam em glória dos cercados e em confirmação de seu valor, os quais contra tamanho poder defenderam um lugar pequeno, posto em campo raso, pouco povoado de defensores, quando começou o cerco, e esses mal providos de mantimentos, antes mortos de fome e com a fortificação em que se trabalhava havia dias ainda imperfeita.

Está a Vila de Mazegão situada nas praias do Mar Atlântico, tão vizinha à cidade real de Marrocos que lhe fica como metida nos olhos. Não tem mais ajudas da natureza que ser fundada sobre uma pedra viva e ficar-lhe o mar livre, que bate nos muros e de maré cheia quasi a faz ilha, deixando-lhe nas cavas três braças de altura d'água.

Teve o Xarife a vitória por certa, quis dar a glória dela a Mulei Hamet, seu filho, moço de vinte anos, brioso e valente, mandou-o com o campo, dando-lhe por companheiro e conselheiro a el-rei de Dará, seu tio, e grande número de turcos e granadinos por soldados. Alojaram a meia légua do lugar, cobrindo-se os campos de gente como de um dilúvio, donde, trabalhando todo o exército, foram levantando e levando contra a fortaleza uma montanha de terra em que fundaram uma grande plataforma, como estiveram a tiro de

---

<sup>1</sup> João Botero nas *Relações de África*, p. I, lib. 3, f. 187. Agostinho de Gavy na *História do cerco*, c. 4.

canhão, e plantaram sua artilheria (eram vinte quatro peças as que vinham no exército: dez de bater e todas de desmesurada grandeza em que havia ãa que jogava pelouro de cinco palmos e meio de roda) <sup>2</sup>. Começou a bateria furiosíssima e à sombra dela se entendeu em lançar ãa grossa trincheira ao longo da cava, que acabaram com estranha brevidade, ficando todo o lugar valado e cerrado de mar a mar.

Não estavam os cercados ociosos. Era capitão-mor Rui de Sousa de Carvalho, em ausência de seu irmão Álvaro de Carvalho, proprietário do governo. Acudiu com diligência a remedear o que faltava da fortificação, trabalhando com toda a gente incansavelmente dia e noite; e, no mesmo tempo, fazia jogar toda artilheria contra os trabalhadores do campo, que, sem perder tiro, executava neles cruelíssima mortandade. E por mostrar ao cnemigo os ânimos que dentro havia, não havendo por então no lugar mais que seis cavalos, fez sair neles seis determinados cavaleiros que, esperando conjunção de maré vazia, acometeram e puseram em revolta o campo, descuidado de tal ousadia, e, matando muitos mouros antes de carregar força de gente, se recolheram em salvo; e tal foi o feito que obrigaram o enemigo a estar com cuidado e assentar dali em diante corpo de guarda ao longo d'água.

Soou entretanto no Reino a nova do cerco; e era de ver o alvoroço com que todo género de gente se lançava aos navios pera irem ser companheiros de seus naturais no perigo e no trabalho. Assi, chegavam cada dia muitos fidalgos, cavaleiros e soldados e muitos moços illustres, fugidos a seus pais e embarcados furtadamente; outros, não se contentando de servir somente com suas pessoas, levavam à sua custa navios cheios de soldadesca e munições; e não foram poucos os que isto fizeram. A Rainha D. Caterina, que governava o Reino, despachou com o primeiro aviso Álvaro de Carvalho, capitão da força, acompanhado de muita e boa gente, e trás ele alguns fidalgos de experiência e valor na guerra.

---

<sup>2</sup> Agostinho de Gavy na *História do cerco*, c. 4.

Neste tempo, não cessando o inimigo de continuar sua bateria contra o baluarte que havia por mais fraco e sabia que tinha a fortificação interior imperfeita, e lançando dentro na fortaleza muitos pelouros de espantosa grandeza, com que fazia muito dano, vinha juntamente cegando o fosso com terra e faxina, servindo na obra, além de gastadores e gente vil, todos os melhores do campo, de pé e de cavalo. Mas, como trabalhavam em lugar aberto e era povo confuso e amontoado, não se pode crer o estrago que faziam neles os arcabuzeiros e mosqueteiros de dentro, e as infinitas mortes que dava a nossa artilheria que, não cessando de jogar dia e noite, levava pelos ares corpos, pernas, braços, cabeças, os quais membros, com a mesma fúria que eram arrebatados, faziam officio de pelouros contra os vizinhos e companheiros; e foi tanto o dano e o pavor que um dia amanheceu a obra e até a artilharia desemparada.

Era conselho do Xarife apertar apressadamente com os cercados e procurar fazer-se senhor da praça antes de lhe entrar força de gente, porque, como homem de guerra, não ignorava que raramente se perde lugar que pode ser socorrido; e sabendo que a bateria que se dava ao baluarte não era de tanto efeito como imaginara, mandou voltar todo seu poder não só a entulhar a cava, como tinham começado, senão levantar ãa serra de terra que emparelhasse com a mor altura do baluarte; e não faltou successo ao desenho (tanto podem muitas mãos juntas).

Era infinito o povo, acudiam os alcaides e capitães, e até os cacizes, que entre eles têm o lugar de sacerdotes, e, pera espertarem ao trabalho, alvoraçavam a todos e prometiam que em esquadrão haviam de entrar por cima do baluarte; e por muitos milhares que caíam mortos que, ficando logo enterrados, ajudavam a crescer a obra, em fim, a puseram em estado que na altura igualou o baluarte, e na praça recebia cento e vinte homens em fileira.

Aqui começaram bravos e temerosos assaltos e houve de parte a parte grandes feitos e muitas mortes, peleijando-se pé a pé, à espada e lança varada, como em desafio ou batalha campal. Valia grandemente aos cercados a arti-

lheria dos traveses, que varejava os acometedores polos lados com maravilhosa continuação; o mesmo fazia toda a soldadesca que não tinha lugar no baluarte dos combates, com arcabuzes e mosquetes; mas convinha estar cobertos, porque em aparecendo, logo eram pescados com pelouro, seta ou pedra, que a gente vil que não jogava arcabuz, por não perder ocasião de ofender, usava de fundas a uso pastoril, e despediam nuvens de pedras tão espessas que aconteceu sair um homem ferido de duas e três, juntas, na cabeça.

E porque não ficasse nada por tentar ao inimigo, como estava abarbado com a muralha, começou a abrir ãa mina a grande pressa contra o baluarte dos combates. Foi sentido que se picava o muro; acudiram os engenheiros, fizeram suas diligências por atinar que caminho levava; logo contra-minaram, mas com imenso trabalho, por ser em rocha viva; enfim, encontraram-se com os de fora; houve briga debaixo da terra; foram os inimigos lançados fora com morte dos que trabalhavam e ficaram os cercados senhores da obra; mas pagaram logo este bom successo com um custoso desastre.

Pelejava-se com o inimigo no baluarte, que nos não dava hora de descanso, e estava o baluarte cheio de fidalgos e dos mais ardidos cavaleiros e soldados que havia no lugar, uns que pelejavam, outros que esperavam vagante de lugar, por morte ou feridas dos que aquelle dia acertaram ser dianteiros, senão quando se levanta dentre os pés um súbito incêndio com estrondo e labaredas, que parecia arrebentar algũa mina, e não ficou nenhum dos que se acharam perto que não fosse abrasado com muito perigo, e alguns ficaram sinalados pera toda a vida. E não coube melhor sorte aos mais afastados, porque, sendo empuxados os vizinhos, dos que se sintião arder, e estes carregando sobre os que lhe ficavam nas costas, que eram os mais afastados, foi força caírem muitos do baluarte abaixo, com novo género de perigo e feridas não menos custosas que as do fogo, pola altura do salto e peso das armas que todos vestiam.

Ocasionou-se o fogo de ãa cópia de alcanzias de pólvora e lanças de fogo, que estavam pera servirem aos defensores

no combate, e pegando acaso nelas fez temeroso efeito e todavia maior na representação que na sustância.

Como duravam os assaltos, imaginaram os nossos engenheiros aliviar os cercados abrindo ãa mina pelo entulho e serra sobre que pelejavam os inimigos; abriram-na com a comodidade da contramina, com que se lhes ganhou a mina que faziam ao baluarte, como atrás contamos. Deram-lhe fogo na mor força de um combate, estava a serra cuberta de mouros, foi o trovão e o fogo espantoso, voaram infinitos mouros. E com tudo, como não era em corpo sólido, foi a mina de menos eficácia; ficou ardendo a faxina e abateu a terra, de maneira que fez suspender os assaltos. Aproveitaram-se os cercados do tempo, reparando o baluarte com as defesas que a necessidade e a pressa aconselhava. Mas o inimigo, pronto em toda ocasião de ofender, em quanto os seus corriam com novo entulho pera encherem o que o fogo abatera, prantaram duas bombardas de través com que não só desbaratavam os reparos do baluarte mas feriam e matavam muita gente. Aqui se viu a destreza dos artilheiros de dentro ou a força que tem o prêmio: foram as promessas que os fidalgos lhes faziam de dinheiro e vestidos tão poderosas que embocaram ãa delas com morte dos que governavam ambas.

Mas tardou pouco a montanha em tornar a tanta e maior altura. E os alcaides, como ia correndo o tempo e sintiam o desgosto que o Xarife tinha da dilação, tornaram apertar com os assaltos com maior braveza que primeiro e, ainda que perdiam muita gente e da melhor, que estes são sempre os acometedores, também não tinham mortos muitos e bons soldados e alguns fidalgos e cavaleiros de muita conta.

Fizeram entretanto os engenheiros segunda mina contra o padraço de terra e, acompanhando-a de mais pólvora, teve melhor successo que a primeira: deu mais mortes e abai-xou muito mais o entulho. Porém, contra tamanho número de gente, nem o alívio era de dura nem as muitas mortes descobriam falta no serviço; e como tinham assentado não haver outro meio pera ganharem a praça senão entrando



o baluarte, com estranha brevidade se tornaram a igualar connosco e com terrível pertinácia acometer o baluarte.

Passava já de mês e meio que durava o cerco e, ou fosse vergonha do pouco que tinham feito, ou determinação secreta de se levantarem, se em breves dias não arrematavam a empresa, quando veio aos vinte três de Abril deram um assalto tão apertado, e aturado, e pelejado com tanta força e esforço, que pareceu estar toda a frol do campo junta sobre o baluarte e vir conjurada a não se apartar sem vitória. Mas não sabia o bárbaro em que dia pelejava, dia do glorioso mártir S. Jorze, avogado nas batalhas dos antigos portugueses, que nesta conjunção os favoreceu também de maneira que, depois de longa porfia, foram os inimigos rebatidos com bravo destroço e vergonha, e seguidos de grita e apupadas de todo o muro, às quais sucederam de noite músicas e folias, inda que aguadas com mortes e feridas de muitos e bons companheiros. E porque ficasse conhecido o favor do Santo, foi cousa averiguada que no mesmo dia em Lisboa se apelidou vitória pelos mininos das ruas, sem se saber causa nem rezão; parece que movia Deus àquela inocência a celebrar o favor que nos fazia em parte tão distante.

Ficaram os mouros por extremo quebrantados do successo deste dia e deram sinal em um triste e desacostumado silêncio com que passaram a noite, que nem ãa só voz se ouviu em toda ela entre tanta gente. E todavia, passados poucos dias e alguns successos de menos importância que deixamos, deram último combate, primeiro dia de Maio, no qual os turcos e granadinos, que sempre eram os dianteiros, pelejaram tão valente e denodadamente que foi o acometimento violentíssimo; em nenhum outro se viu a morte tão barata, nem a vida tão pouco estimada; caíam muitos de ambas as partes e de nenhũa se via lugar vazio, porque à competência havia muitos successores pera cada praça que a morte fazia vagar. Em todo o espaço que a briga durou, que foram muitas horas, não houve homem que fizesse pé atrás; o lugar que a cada um coube em sorte pera defender ou ofender, esse sustentou pelejando, ou cobriu morrendo. Ia o sol caindo e não havia braço que caísse ou mostrasse cansar; cerrava-se o dia, e a

briga cada vez mais quente e mais acesa, e parecia que por momentos refrescava. Enfim, como em último esforço, a noite deu fim ao combate e juntamente ao cerco, porque o inimigo, sem tentar mais a fortuna em feito de importância, levantou o campo e se tornou pera suas terras poucos dias depois.

Foi celebrada por toda a Cristandade, com o valor dos cercados, o ânimo e alvoroço com que os portugueses, por honra do Rei e da pátria, corriam a um lugar que tinha sobre si cento e cincoenta mil mouros, o qual passou tanto adiante que, polos muitos que cada dia entravam, começavam a dar mais pejo que socorro, e foi necessário mandar a Rainha D. Caterina, que governava o Reino, publicar que se não embarcasse ninguém sem sua especial licença; e porque não era bastante tal proibição, fez dar recado nas torres que não deixassem passar nenhum género de embarcação sem ordem sua.

Sucede estarmos tresiadando este feito, entrada de Janeiro deste ano de 1618, em conjunção que temos outro diante dos olhos, igual em brio e determinação generosa, se bem menos ajudada do sucesso; e confesso que me alivia o trabalho do escrever o gosto e porfia com que vejo, no coração do inverno, encherem-se navios, e navios pouco fortes, e não menos de dezassete, da gente melhor e mais grada do Reino e de moços nobilíssimos, tantos e tais que há embarcação, sem ser capitana nem almiranta, em que vão juntos muitos filhos primogénitos e herdeiros das casas de seus pais, cujos avós administraram os melhores cargos do Reino. E a empresa é buscar turcos, e turcos vitoriosos e tão soberbos que, andando desgarrados e correndo tormenta, tiveram ânimo para saltarem em terra firme de Espanha e assolarem lugares.

E não é justo deixarmos em silêncio que nos mostrou esta ocasião outro exemplo dos tempos mais antigos, sendo assi que houve fidalgo velho e de bons serviços que, com ser isento da jornada, pera o Rei ser melhor servido, se embarcou por soldado do filho mancebo e capitão. E isto baste, assi em sombra, pera dar matéria aos cronistas e pera abrir os

olhos a quem for tão mal advirtido ou tão pouco afeiçoado à sua pátria que, à vista de tais espíritos, não confessar que vive ainda nos portugueses aquele fogo de verdadeiro valor que por todas as idades os ilustrou. Muito quebrantam calamidades e infortúnios gèrais, mas o fogo cuberto de cinza dissimulado está, não apagado, e o ouro, sepultado na terra, a cor poderá algũa vez perder, e a fineza nunca. Assi o soube conhecer o Rei sábio e benigníssimo e o mandou agradecer aos vassalos, com palavras de muita honra e favor.

Mas temo-nos divertido muito; rezão é tornarmos ao santo Concílio.

## CAPÍTULO XII

*Torna o Arcebispo a instar que se proceda  
na matéria de residência; trata-se  
e torna-se a suspender.*

Era parecer do Arcebispo que a matéria de residência continha em si tamanha importância para bem das almas e honra da Igreja, que nenhuma merecia tratar-se mais fundamentalmente, nem resolver-se com mais consideração. E vendo os Padres embaraçados noutras, não no levava em paciência. Tornou a apertar vivamente e, como tinha tanta autoridade com todos, não duvidavam tornar-se a tratar dela, mas enterpunham ãa dificuldade os que vinham ao negócio pouco voluntários, a qual era se convinha para o estado presente das cousas da Cristandade pôr-se em praça e em disputa ãa questão que de força havia de preceder, a saber, de que direito era a obrigação de residência, se de direito divino, se do humano e positivo; e faziam medo com a determinação deste ponto, como que dependessem dele outros muito prejudiciais; e assi iam dissimulando e o tempo correndo.

Mas o Arcebispo, que não perdia de ânimo com nenhuma contradição, sendo seguido de sessenta e oito Padres, que eram quasi todos os espanhóis e alguns italianos e o Bispo de Paris, Eustáquio Du Bellay, com outros franceses, fez tantas instâncias e apertou com tanta veemência que se acabasse a matéria de residência e juntamente se averiguasse e determinasse de que direito era, que em fim, des-

pois de muitas juntas e de muitos recados e demandas e repostas, que houve de parte dos Legados a ele e aos companheiros, consintiram os Legados que se disputasse embora (mas sem tenção de a definirem como depois pareceu). Eram cabeças no requerimento o nosso Arcebispo e o de Granada, D. Pedro Guerreiro, e Gaspar Servantes, Bispo de Messina, em Sicília; mas o nosso era o capitão e a língua de todos e o que por todos, com urgentes rezões, mostrava que estavam obrigados a determinar claramente que a residência era *de iure diuino*, conforme à sólida e verdadeira doutrina do Angélico Doutor Santo Tomás, que ele confirmava com fortes argumentos e autoridades das Sagradas Letras. Era de ver aquela grande moderação e humildade tão profunda do Arcebispo em todo outro negócio, qual se tornava, em tratando dos de Deus: era fogo, era raio, era corisco. E quadrava-lhe bem o nome de *Boanerges*, pois era filho do trovão nos efeitos, como o era na sucessão da cadeira, assi abrasavam, assi feriam, assi penetravam suas palavras.

Na primeira consulta propôs desta maneira:

— Os bispos que pedimos que se trate logo sem mais dilações a matéria de residência, matéria importantíssima ao bem universal, e que requeremos que sem rebuço sé averigüe a verdade dela, fundamos nossa petição em direito, e de rigor de justiça instamos em nosso requerimento per duas rezões: primeira porque, em quanto pastores de nossas igrejas, pedimos declarações desta verdade como pessoas a quem não pode escusar a ignorância do direito divino, especialmente nas cousas que pertencem a nosso ofício pastoral; e pois somos pastores, queremos saber se nos manda Deus que residamos com nossas ovelhas. A segunda rezão que nos obriga é, em quanto somos procuradores de nossas igrejas parroquiais, desemparradas e órfãs de seus reitores, porque elas por nossas bocas se queixam de seus esposos que lhe não fazem aquele tratamento e companhia que, por rezão do ofício, estão obrigados; arrecadam o dote de suas rendas, e logo fogem e andam ausentes delas; e portanto pedem se declare que os tais esposos e pastores, visto entenderem

somente em se aproveitar do leite e lã das ovelhas e sem mais respeito desepararem o gado e as esposas, são quebrantadores do direito divino.

Foram estas rezões ditas pelo Arcebispo com tanta eficácia e pareceram a todos tão concluintes, que não duvidava ninguém de se dar naquele dia final decisão na matéria, mormente estando, como estavam, estudados os pontos e desbastadas as dificuldades por todos os Padres.

Mas o Cardeal de Mântua, como presidente e Legado que era, sem se entender que rezão o movia, mandou que por esta vez ficasse suspensa; e disse pera o Arcebispo, como era o principal requerente, que lhe parecesse bem ficar assi pera quando se tratasse do sacramento da Ordem, que era seu lugar próprio. Aqui não houve que replicar, mas ficaram aliviados, colegindo-se por todos daquele género de suspensão que os Legados se davam por convencidos, que não foi pequeno efeito, segundo o que nos princípios se temia. E assi se desfez a junta. Porém o Arcebispo, por lhe não ficar nada por fazer, determinou carregar inda a mão com ãa diligência de muita sustância.

Era teólogo polo Sumo Pontífice o Mestre Fr. Pedro de Soto, religioso da Ordem dos Pregadores, cujas letras eram tão conhecidas que o faziam bem merecedor da honra e lugar, e tal se tinha mostrado àquele senado em todas as consultas. Era velho, adoeceu gravemente; foi-se a ele o Arcebispo e, como sabia que *ex officio* tinha avisado a Sua Santidade do que sentia no caso, que era o mesmo que o Arcebispo, obrigou-o em consciência que, em quanto tinha forças, como por testamento, advertisse a Sua Santidade das cousas de importância tocantes ao cargo que lhe dera, e juntamente fizesse de novo lembrança mui de propósito da obrigação que entendia terem os prelados a residir em suas igrejas, lembrando-lhe o Arcebispo que era officio pera em vida e em morte, se Deus lha desse, digno de suas grandes partes e de sua passada vida. Creceu a enfermidade, sentiu o velho o chamamento divino, fez uns apontamentos pera Sua Santidade, com este prólogo:

«As cousas que me pareceu devia principalmente lembrar e propor a Vossa Santidade, nesta derradeira hora de minha vida, são as seguintes».

E logo abaixo dizia assi:

«Que primeiro que tudo, faça Vossa Santidade que não somente clara e abertamente se defina neste santo Concílio de que direito seja a residência dos bispos e mais ministros da Igreja; mas que se guarde com efeito infalível o que for definido, assi por Vossa Santidade como por todos os mais prelados. E porque mais claramente o diga, os cardeais sejam providos doutra parte e não tenham bispados».

## CAPÍTULO XIII

*Das diligências que o Arcebispo de novo fez por que se acabasse a matéria da residência e como, em fim, o alcançou.*

Não ficou o Arcebispo contente de ter, a parecer de todos, alcançado vitória, quando se lhe dilatava o lográ-la. Quanto mais que ainda, pelo sucedido, se podia conjecturar que como os grandes eram os que mais a arreceavam, porque vinham a perder mais nela, a dilação interposta seria a fim de ir esquecendo e ter algum desvio com que se largasse de todo.

Passaram dias, correram matérias, entrou a da Ordem, foi-se dando e tomando nela, e tinha seu lugar a residência, segundo lhe fora assinado polo cardeal presidente, mas não havia quem se atrevesse a abrir a boca nem falar (tanto dano faz nos conselhos estar suspeitada, não só entendida, a tenção de quem preside).

O Arcebispo, que notava tudo e não temia mais que a Deus, parecendo-lhe que tinha bastantemente esperado e cumprido com os termos de cortesia, resolveu-se em romper; e quando mais se tinha o negócio por sepultado, entra pelo aposento dos Legados, acompanhado do Arcebispo de Granada e de D. Martim Pérez de Ayala, Bispo de Segóvia e, com a confiança que lhe dava seu zelo, lembrou-lhes que convinha ao serviço de Deus concluir a causa suspendida, e o pedia a conjunção que tinham entre mãos, visto haver dias que se tratava do sacramento da Ordem. Não havia



já poder-lhe furtar o corpo. Responderam que assi se faria sem falta.

Amanheceu o dia seguinte, entram em congregação, propõem a causa, como prometeram, mas amontoando tantas dificuldades a se haver de entender por então nela e alegando ocupação de outras matérias urgentíssimas (que na verdade instavam), que em fim venceram, com cento e trinta e seis votos *de corpore Concilii*, que se tornasse a espaçar, mas com dia certo e preciso pera se lhe dar conclusão aos vinte e dous de Abril próximo.

Ficaram todos quietos, só o Arcebispo não pôde acabar consigo outro tanto e, sintindo entranhavelmente esta segunda suspensão, que vinha a ser de quasi três meses, que tanto havia daquele dia, que eram três de Fevereiro, aos vinte dous de Abril, arma-se de novo brio e, sem embargo de ter tantos contra si, opõe-se com estranho valor a todos; e contrariou a dilação com grande veemência de poderosos argumentos e eficazes razões, lembrando-lhes por remate, com palavras affectuosíssimas e mui sentidas, ponderassem que aquella sagrada junta, composta de todos os prelados da Cristandade, era um espectáculo do mundo posto na cidade de Trento como em ãa praça dele; e considerassem com os olhos da alma e do corpo o escândalo que receberiam, com mágoa e dor, os católicos e virtuosos, com riso e escárneo, os maus e hereges.

Aconteceu aqui, não o que se conta do outro eloquente de Atenas, de quem diziam que trazia as vontades e corações dos ouvintes dependurados de sua boca, mas verificou-se o dito do Psalmista: *Ignitum eloquium tuum vehementer*<sup>1</sup>. Era isto arraial de Deus, o negócio Seu, o Arcebispo santo. Saíam daquele peito e por aquella boca labaredas de eloquência divina que abrasavam corações, trocavam entendimentos. Assi se deceram e reclamaram logo juntamente cinquenta e oito votos e todos os mais se foram conformando com o parecer do Arcebispo, de modo que ficou assentado

---

<sup>1</sup> Sl., 118, 140.

que logo, sem mais dilação, e antes de se levantarem dos bancos, se disputasse e se definisse a questão.

Vendo o Arcebispo que acudia Deus a sua desconolação e que era tornada em vento a popa e mar bonança toda a fúria da tempestade, não quis perder tão boa ocasião e propôs de novo dous pontos muito essenciaes pera bom successo de todas as consultas e não menos da que tinham presente, se bem um pouco azedos e que feriam nos olhos a muitos (mas a verdade é isenta e seca e a poucos bem assombrada, como dizia o nosso D. Anrique de Meneses, o Roxo, que foi Viso-Rei da Índia, sendo notado de mal acondicionado). Era o primeiro que, tanto que os Padres que o santo Concílio deputasse pera decretarem os capítulos da residência os tevessem acabados, logo, sem lhes mudarem cousa algũa, fossem apresentados a Concílio e ao Espírito Santo, pera serem aprovados ou refutados. O segundo foi — e neste carregou mais a mão — que, nas consultas em que se tratasse de desterrar costumes danados do clero e curar doenças espirituais dele, não tevessem crédito, antes fossem havidos por votos sospeitos, todos aqueles que no tal costume ou enfermidade fossem de presente achados ou em algum tempo houvessem sido inficionados dela, porque uns ficavam manifestamente sospeitos, e dos outros presumia o direito que seriam faciles em recair ou tornar ao vômito. E acendendo-se em zelo, prosseguia dizendo:

— Como há-de caber em entendimentos bem assentados que, quando tratamos que ninguém tenha duas igrejas catredais, ouçamos e demos crédito ao que nos disserem os que no mesmo tempo estiverem de duas empossados? E, por consiguiente, como hão-de ser admitidos a consultas de residência os que não sabem que cousa é residir? Não é isto fazê-los juizes na mesma causa em que são partes? Se aqui houvera o zelo daqueles antigos e famosos Padres que celebraram o grande Concílio Niceno, castigados houveram estes de ser, não já ouvidos; e nós, polo contrário, tão longe estamos de os castigar que não só lhes não damos pena algũa, mas ainda consintimos que falem e dêem sua rezão, quando vão tão fora dela que apertam e fazem força porque não

cheguemos a resolver de que direito seja a residência dos pastores; e nos querem persuadir que nos contentemos com se constituir ãa leve pena aos que não residirem, certo sinal de quererem ficar em estado que nunca vejam dos olhos suas ovelhas. Oh, que pastores!

Enfim, começou-se a votar e, como o Arcebispo tinha estudado a matéria tantos dias, e mui de raiz, e vinha nela resoluto, foi ouvido com grande atenção, quando lhe tocou dizer. Entre outras muitas razões que apontou, dizia que, ainda que ãa verdade especulativa se possa dissimular por algum tempo, em nenhum modo se deve dissimular nem pode esconder a verdade moral, quando encerra em si algum preceito de Deus. Que isto é o que nos aconselha o Espírito Santo quando diz: *Altiora te ne quaesieris, quae tamen praecepit Deus illa cogita semper*<sup>1</sup>. Pelo que, se o que tratavam era *de iure diuino*, que é o mesmo que ser por Deus mandado (como largamente provava), algũa hora se devia declarar, porque doutra maneira embalde fora mandado. E se em algum tempo se havia de declarar, que tempo mais acomodado, que ocasião mais oportuna que a presente de tão santa congregação?

— De verdade — acrescentava — que, se os seculares duvidaram estarem *de iure diuino* obrigados a sustentar os ministros eclesiásticos e seus pastores, não houvera de haver descuido nem prigiça em nenhum de nós pera lhe declararmos e persuadirmos esta obrigação, nem houvera de ficar argumento que não usáramos, nem pedra que não bulíramos, por lha fazermos entender. Com que razão e com que consciência podemos logo deixar de declarar que também nós *de iure diuino* estamos obrigados a os apacentar? O que não pode ser sem residência. Sendo assi, que o rigor da justiça comutativa obriga igualmente ambas as partes.

Discutida largamente e apurada entre todos a matéria, foram nomeados pera fazerem o decreto o Cardeal de Lorena, Arcebispo de Reims, em França, o Cardeal Madrucio, eleito

---

<sup>1</sup> Ecli., 3, 22.

Bispo de Trento, Daniel Barbaro, eleito Patriarca de Aquileia, o Arcebispo de Braga e o de Granada, e Georgio Drascovicio, Bispo da cidade Cinco Igrejas, em Hungria, embaixador do Emperador enquanto Rei de Hungria, com outros onze Padres. Mas sobre o de Braga descarregaram os Legados todo o peso da obra, como em quem fôra dela o principal promotor e que nela mais souo.

Começou-se a escrever o decreto e, porque sobre a forma e palavras dele recreram dúvidas e diferenças entre os Padres, e pera concordarem foi necessário fazerem os Legados algũas juntas particulares, inda nisto foi de importância o meio do Arcebispo que, com sua prudência e polo muito que todos o respeitavam, os temperou e concertou; e finalmente, em ãa congregação gèral que se fez aos nove de Julho deste ano de sessenta e três, vieram todos os Padres conformemente, com grande alegria e júbilos d'alma do Arcebispo, que o decreto se publicasse assi como está inserto no Corpo do Concílio, na sessão vinte e três, que foi aos quinze do mesmo mês e ano, no primeiro capítulo dela.

## CAPÍTULO XIV

*Que contém ãa carta que o Arcebispo escreveu  
ao vigário do seu convento novo  
de Santa Cruz de Viana.*

Deste mês de Fevereiro de sessenta e três achamos ãa carta que o Arcebispo escreveu de Trento ao vigário do seu convento de Viana, Fr. Jerónimo Borges, que foi o primeiro que aquella casa teve, eleito no capítulo provincial de Santarém, celebrado por Outubro do ano passado de sessenta e dous, como fica apontado no Livro I. Pareceu-me digna deste lugar, porque quem a ler não poderá deixar de formar um alto conceito do incansável espirito do Arcebispo que, no meio de tão alterado mar de cuidados e contradições, como era o em que o vimos nos capítulos passados, não havia cousa que lhe tirasse a memória de sua Igreja, antes tinha tão presentes os particulares dela, como se nenhũa outra cousa o occupava.

### CARTA

«Muito Reverendo Padre:

«*Gratia et fortitudo ad salvandas gentes!*

«Vossa Reverência até agora não me quis fazer caridade de me mandar novas suas e de Viana. Por isso justo é que eu comece, pois sou o que ganhei em Vossa Reverência vir pera essa terra, com saber certo quanto não-de ganhar as almas dessa comarca com sua doutrina e conversação. E, além dos interesses no edificio espiritual, que é o principal, dizem-me que também

Vossa Reverência tem particular habilidade pera o edificio de pedra e cal. E por particular mercê de Deus tenho que os princípios dessa casa se entregassem a pessoa que, juntamente com o espírito e zelo de Deus, tenha engenho pera obras, porque daqui nacerá que o espírito de Deus temperará o engenho edificativo e não permitirá que seja supérfluo, mas que se edifique ãa casa que em algũa maneira cheire à santa pobreza e em algũa maneira se pareça com os edificios que desejavam nossos Padres antigos, e não consintirá que, indo eu de cá, me aconteça o que aconteceu a nosso Padre S. Domingos entrando em Bolonha, o qual, vendo que se começava um edificio pomposo, chorando, disse: *Adhuc me vivente palatia vobis aedificatis*. E por isso lhe peço por amor do Senhor que faça um edificio mui moderado e fuja muito do engenho e magnanimidade de Fr. Julião Romero, architecto de S. Gonçalo: *Haec omnia gentes inquirunt, vos autem non sic*.

«Se Vossa Reverência e eu queremos edificar por amor de Deus, assi convém que o façamos que não agravemos a Deus nem tenhamos de que dar conta donde nos parecia que ganhávamos coroa. Especialmente este edificio que se edifica com sangue de pobres, pois a renda que se pera isso applicou deputada estava pera os pobres. Confio em Vossa Reverência que o há-de fazer melhor do que eu desejo, que é que o edificio seja forte mas pobre, porque desta maneira Deus será servido e nós não pelejaremos.

«Se Vossa Reverência vir que Fr. João, com seu ânimo grandioso, quer exceder a mediocridade que Vossa Reverência julgar que bastaria e eu pretendo e desejo, ponha-se forte contra ele e, em quanto eu não vou, apele para mim, porque despois que eu lá for bem nos entenderemos ambos. E porque saiba que o Padre Fr. João em algũa maneira é suspeito neste caso de edificio magnifico, lembre-lhe que desde minino se criou debaixo das abóbadas da Batalha, pelo que tem a imaginativa inficionada toda e transformada em

arquitecturas magnificas. Mas Vossa Reverência e eu somos filhos de Pedrógão: *Non alta aedificia sapientes, sed humilibus consentientes et adhaerentes. Hactenus de aedificio carnali.* O espiritual é o que sobre tudo encomendo a Vossa Reverência: *Et ultra laborem verbi praedicando et legendo speculatorem te do Viennensibus.* Quero dizer que não haja vício sabido na terra de que não faça sabedor ao Padre Fr. João, em quanto eu lá não estou.

«Se, por sua amoestação o não puder curar, tome este trabalho por amor de mim. E os clérigos que forem negligentes de vir à lição dos Casos, os denuncie ao Padre Fr. João e ao vigário da comarca, pera que nisso ponham algum remédio, e faça ter muita diligência na lição, e procure que o Padre que lhes ler (e o melhor seria fazê-lo Vossa Reverência às vezes) lhes entremeta algũas exortações do que toca à obrigação sacerdotal e pastoral; e por isso fará grande serviço a Nosso Senhor e a mim caridade conversar com esses clérigos, pera que, ganhando-lhes o coração, recebam melhor seus conselhos. E dos que vir que têm algum espírito e confiar que têm virtude desenganada, faça-me um rol pera me dar quando lá for, dando esperanças aos bons que lhes não faltará minha ajuda e favor naquilo que eu puder.

«As Madres de Santa Ana são tais que, sem eu as encomendar, elas por si se encomendam a qualquer servo de Deus. Vossa Reverência as console muito e as confesse por si e por quem lhe parecer, e da minha parte dê ãa grande bênção à Madre Abadessa e à sua santa companhia.

«Nesta hora recebi ãa carta de Portugal em que me nomeavam os companheiros que Vossa Reverência tinha, convém a saber, o Padre Fr. António Grego, do qual, por juro da antiga amizade, confio que há-de trabalhar por três em todos os exercícios espirituais e medicinais dessa gente; e um padre que saiu agora do Colégio pera ler Casos, que se chama Fr. Francisco



do Espírito Santo, do qual tenho boa informação. *Saluta eos ardentem corde meo et ore tuo.*

«Também me dizem que está aí o meu mimoso Fr. João da Cruz, ao qual diga que boa seja sua vinda, se não for preguiçoso e se não se descuidar dos próximos, procurando somente sua devação. E por isso rogo e mando a Vossa Reverência que o faça pregar por essas aldeas todos os domingos e festas, e o faça ouvir confissões não somente dos leigos, mas também ajude a confessar as religiosas. Se houver algũa pouco devota, metam-lha na mão pera que a poder de lágrimas e ameaças a afervore.

«E porque creio que ainda aí estará o apóstolo de Coira, Fr. Reginaldo de Melo, *videat ut ministerium suum impleat*, que eu me tenho descarregado de Coira e lha tenho lançado às costas, e que ele há-de dar conta a Deus dela. E além disso, os domingos e festas que estiver em Viana, vá por esses lugarinhos a fazer doutrina e confessar.

«De cá, ao presente, não há muitas novas que lhe mandar, senão que as cousas da reformação vão de vagar, porque nossos pecados parem muitos impedimentos. Desde dezassete de Abril, em que se celebrou a sexta sessão, até'gora se não fez outra; está lançada a sétima pera quinze de Julho. Esperamos em Nosso Senhor que nela sairemos com algũa cousa pera bem da Crisandade. Temos tratado a matéria *de Ordine et residentia*. Agora falam os teólogos na *de matrimonio; orandum est!*

«E Vossa Reverência, com os seus, não cesse lá de importunar a Deus com ferventes orações, porque se estas não têm mão nele, *perimus*. Encomendo também este negócio do sagrado Concílio às Madres e a toda essa terra. E, não havendo mais que dizer, *Dominus te perpetuo servet et adimpleat suo spiritu.*

«De Trento, vinte de Fevereiro de 1563.

O Arcebispo Primaz».



## CAPÍTULO XV

*Trata-se em ãa congregação sobre a provisão dos benefícios eclesiásticos curados; alcança o Arcebispo que se decrete em favor dos prelados.*

Tais eram as mostras que o Arcebispo tinha dado de suas letras e juntamente de seu zelo, em todas as consultas e congregações e actos públicos, e em conselhos e juntas particulares, agora propondo e apontando como sábio prelado, agora votando com liberdade de varão apostólico, só com os olhos em Deus e em Seu maior serviço e glória, sem nenhum respeito humano, agora praticando e definindo como douto e resoluto mestre, que de todos era igualmente estimado e amado; e gèralmente diziam que a melhor escola que podia haver no mundo era a sua, porque, se o consideravam como puro religioso domínico, viam que sua vida era qual podia ser a do mais austero e mais reformado seguidor da observância monástica; se em quanto prelado, não representava menos que um dos mais rigurosos da primitiva Igreja, no trato de sua pessoa, mesa, casa e família; se como letrado, achavam sua doutrina segura, certa e clara, suas advertências, informações, dúvidas e conselhos cheios de puro zelo do bem comum e honra da Igreja.

Assi, foi um dos prelados a quem por todas as vias mais honrou a fama neste sagrado ajuntamento da Cristandade e cada hora se ofereciam cousas que mais o acreditavam; que fora fazer um grande volume se quiséramos prosseguir

todas, mas acrescentaremos só ùa sobre as que temos apontado, a qual lhe deu grande honra.

Entrando em consulta a matéria da Ordem, ùa das principais cousas que os mais dos prelados apontaram e pediram com instância foi que se buscasse meio pera tirarem do mundo um pernicioso costume que por muitas partes altamente estava arreigado, no modo de prover as igrejas curadas, que era darem-nas os senhores dos padroados a quem lhes dava gosto, sem escolha de partes nem mais razão que a de seu poder. O que com mais energia instou no negócio entre todos os Padres foi o Arcebispo, queixando-se com grande acrimónia, em público e em secreto, e a toda hora, de se darem pastores pera curar almas, sem consideração nem respeito ao bem espiritual delas, sem haver quem fosse à mão aos que tinham a culpa; e pedia a todos quisessem acudir a tamanho desamparo, que era tal e ia tanto nele que, ainda que noutra cousa não empregassem muitos dias, a todos convinha espertar os engenhos e afiar os entendimentos por lhe acharcm remédio. Que, se queriam atalhar um grande abismo de pecados e perdição de almas (único fim que ali os tinha congregados), importava dar-se um meio eficaz, com o qual o santo Concílio obrigasse e constrangesse os prelados e possuidores dos padroados que de nenhũa maneira conferissem benefício curado em ministro que não fosse idóneo. E que o melhor termo pera os enfrear seria assentar e mandar que não pudessem dar os tais benefícios e beneplácito, como faziam, senão por lei de razão e justiça, provendo-os per concurso e opposição e prova de merecimentos, como já então se usava nos bispados de Burgos e Palência. Neste argumento fez um dia um largo discurso, estando todos os Padres juntos e, depois de muitas razões, acendendo-se em zelo dizia:

— Ai e muitas vezes ai, gravíssimos Padres, que vejo e sei que se dão hoje as igrejas parroquiais como quem dá hortas ou quintas. E daí vem que não temos quem insine, quem confesse, nem quem pregue frutuosamente. Por isso ninguém estuda, ninguém trabalha por saber, e gèralmente se tem por erro gastar tempo, vida e fazenda nas Univer-

sidades, quando basta servir ociosamente ao bispo ou a seu parente, sem mais cansar nem saber, pera gozar rendas de grandes beneficios, quando val mais a ignorância com poucas onças de favor, que a ciência e boas letras com grandes pesos de merecimento.

E como é possível que cumpra um prelado em sua diocese o que o Apóstolo encomenda (*Praedica verbum, argue, obsecra, increpa*<sup>1</sup>) se não tiver polas paróquias ministros suficientes que o ajudem? Que aproveitará ser o bispo tão sábio e tão santo como um S. Martinho, se os párocos forem inábeis e destruidores? Quem poderá ouvir sem mágoa e sem horror esta pestilencial palavra (e não falta a quem caiba na boca) que o Papa é senhor, não dispenseiro, dos beneficios, e que os pode dar como quizer e a quem quizer? Proposição é esta tão prejudicial às almas como em si falsíssima. E não a poderá aprovar senão quem for tão desalinado que com pertinácia queira defender outra tão falsa e tão errada como ela, qual é que não vai nada, nem se deve fazer caso que se salvem ou se condenem as almas, sendo assi que, se a este tal preguntardes qual de dous médicos buscará pera se curar a si ou a um hospital de doentes, havendo de ser o salário e custo igual, um esperimentado e docto ou um idiota que nunca tomou pulso, está certo que se rirá de vós, se lhe pedirdes reposta.

De mim, afirmo, e assi o declaro aqui, diante da Igreja de Deus, que se a isto se não dá remédio, eu me não atrevo nem posso governar proveitosamente minha Igreja, e ser-me-á necessário tornar-me pera o canto da minha cela por não ver por meus olhos, como dizia Agar por Ismael<sup>2</sup>, morrer o minino à pura sede; nem torne a topar o que não há muito tempo me passou por estas mãos.

Na sede vacante proxime passada provi de pastor, qual convinha, ãa igreja de muitas ovelhas. Soube um lobo que pertencia aos conclavistas, veio-se pola posta a Roma, bus-

---

<sup>1</sup> 2 Tim., 4, 2.

<sup>2</sup> Gn., 21.16.

cou meios, não lhe faltaram, impetrou o benefício, saltou no rebanho; a destruição que fez inda hoje a gemo e choro. E não me diga ninguém que deminuirá na autoridade e esplendor da Cúria Romana faltar-lhe semelhante império sobre os benefícios, que antes afirmo que só essa falta lhe dobrará ãa cousa e outra. Porque esta consequência é certa: o Papa procura e trabalha pola salvação das almas, logo acrecenta a honra da Cúria Romana; e não digo só a espiritual, senão a temporal tão bem. E prova-se, porque se as parróquias estiverem providas de bons rectores, com maior firmeza perseverarão os parroquianos na obediência da Sé Apostólica e, pelo consequente, ficarão mais longe do perigo das heregias. Por onde o que importa é que não seja cura de almas senão quem passar por exame e aprovação de homens de ciência e consciência e que tenham juramento de guardarem justiça aos mais beneméritos, pera que, onde houver opposição e concurso, seja preferido o mais digno, não o mais valido.

Levou o Arcebispo após si a maior parte dos Padres, mas, como o negócio tocava, ao que parecia, na jurdição da Suprema Cadeira, não se deu por decidido naquele dia, e ordenaram os Legados remetê-lo ao Papa e ouvir seu parecer pera afinal determinação.

Assi se levantaram os Padres, e o Arcebispo, por lhe não ficar nada por fazer em ponto de tanta importância, visto como ia por consulta a Sua Santidade, foi-se a casa do embaixador de Portugal que no Concílio assistia, que era D. Fernão Martins Mascarenhas, e obrigou-o, dando-lhe conta do que era passado, a escrever com toda instância a Sua Santidade e ao embaixador que por el-Rei D. Sebastião residia em Roma, que já então era D. Álvaro de Castro, que sucedeu a Lourenço Pires de Távora. E porque fique dito o fim que houve na matéria, inda que foi muitos dias depois, é de saber que, chegando a Roma, o Papa a mandou ver e estudar em ãa junta de Cardeais, dos quais foi julgada por abominável proposição a que continha, que o Papa era senhor e não dispenseiro dos benefícios, proposição inventada e asserta por mestres mintirosos, amigos de lisongear os

Sumos Pontífices. E acrecentaram estas palavras em sua reposta:

«Beatíssimo Padre: desta fonte, como do cavalo troiano, saíram tantos desconcertos e tão graves doenças que, com pestilencial contágio, têm inficionada e enferma grande parte da Cristandade.»

Este aviso veio a Trento e quasi juntamente outro do nosso embaixador, bem conforme a ele, porque escreveu que, fazendo lembrança a Sua Santidade, lhe respondera per oráculo de sua boca e palavra: *Providetur quod proviso Papae non valeat, nisi Episcopo approbante electum*: Ordenar-se-á que não seja valioso o provimento que fizer o Papa, se o bispo não aprovar o eleito.

Este decreto se veio a publicar, com grande honra e crédito do Arcebispo, por dia de S. Martinho do mesmo ano, na Sessão vinte e quatro, que durou todo o dia e grande parte da noite. E ficou determinado e definido pelo Concílio não se darem igrejas curadas senão per concurso e exame de letrados ajuramentados, que era o mesmo que o Arcebispo pediu. E assi se chamava despois a Sessão Preclarissima.

## CAPÍTULO XVI

*Apontam-se outras cousas particulares que os Padres do santo Concílio mandaram decretar por conselho e à instância do Arcebispo.*

Notícia temos de outras particularidades que no santo Concílio ficaram decretadas, que não são menos em favor e melhor serviço das Igrejas, as quais foram aconselhadas pelo Arcebispo e se devem à sua boa traça e diligência. Guardamo-las, por serem cousas mais miúdas, pera irem juntas neste capítulo, inda que foram bem divididas em tempo.

E começando pola que foi última, porque seguiu imediatamente a que deixamos contada no capítulo próximo, é de saber que era cousa muito usada antes do Concílio quem queria segurar sucessão do benefício que possuía, pera depois de seus dias, em parente ou amigo, impetrar do Sumo Pontífice a graça, que, pola mesma rezão, tinha nome de expectativa ou mandato *de providendo*. Considerou o Arcebispo que, se tais mandatos permaneciam, ficava perdido todo o feitio do decreto dos exames e oposições. Mostrou-o, provou-o, e pediu se decretasse que não tivesse mais lugar na corte romana este género de graça. Todavia houve alguns votos que se não devia tirar totalmente, pola parte que era em favor dos pobres. A isto replicou que, ficando qualquer porta aberta, logo os ricos haviam de ter manha pera se servirem também dela, fingindo-se pobres; e os pobres haviam de usar de fraude, fazendo-se mais pobres. Quanto mais que, pera os pobres, bastavam esmolos de dinheiro,

e pão, e vestido, mas dar benefícios por esmola era cousa de todo ponto injusta, porque nenhũa rezão nem direito permitia que os benefícios eclesiásticos, que são devidos aos que melhor os merecem por estudo, e letras, e virtude, se dessem a pobres muitas vezes pouco idóneos pera eles, só por serem pobres, ficando excluídos os beneméritos. E assi, cumpria que totalmente se acabasse este nome de expectativas, e não somente ficasse apagado pera sempre, mas que, pera dele se extinguir a memória, se dessem desde logo por nulas todas as que estivessem concedidas. Assi se aceitou e ficou decretado, no Capitulo dezanove da Sessão vigéssima quarta <sup>1</sup>.

O mesmo successo teve antes destes em ùa traça que lhe deu muito cuidado, de como se poderiam obrigar as dignidades e prebendados das cathedrais a fazerem menos feitas em suas igrejas e obrigações, porque assim como da ausência dos curas nas paróquias redundava grande detrimento no remédio e governo das ovelhas, assi a dos prebendados e dignidades deminuía na autoridade das cathedrais, ficando elas ermas e deseparadas, e eles andando por quintas, em caças e passatempos. Comunicou o Arcebispo a traça com alguns prelados espanhóis, amigos e prudentes. Como teve seu parecer, pediu que no Capitulo terceiro da reformação da Ordem, Sessão vinte ùa, onde diz o decreto que nas cathedrais onde faltarem distribuições ou forem curtas, se reparta neias a terceira parte das prebendas, se mandasse acrescentar que o mesmo se fizesse nas rendas das dignidades que andassem ausentes, pera que asi não ficassem logrando ociosamente os bens da Igreja. Não vinham nisto muitos Padres, e o que não puderam encontrar com razões, desviaram-no com dilações.

Passou aquela sessão. Quando entrou a seguinte <sup>2</sup>, antes de se tratar doutra cousa, tornou a propor o caso com tanta força de argumentos que todos em fim se conformaram com ele e logo se mandou acrescentar assi como o apontara, dizen-

---

<sup>1</sup> Sess. 24, cap. 19, in decreto reform.

<sup>2</sup> Sess. 22, cap. 3. de Reform.



do-lhe os mais dos Padres, ao sair da congregação, que à sua conta e por lhe darem gosto se deixaram vencer.

Quasi o mesmo, e em mais fortes termos, aconteceu ao Arcebispo em outro ponto do mesmo sacramento da Ordem. Tinham os Padres quasi todos uniformemente votado e concluído que nenhum eclesiástico nem regular pudesse ser ordenado em sacerdote com menos idade de trinta anos, e assi o mandavam escrever no Capitulo doze da reformação da Ordem, Sessão vigéssima tércia. Levantou-se o Arcebispo, e só ele se opôs contra todos e impugnou a limitação, alegando em fim de muitas razões de justiça e necessidade, que um dos maiores trabalhos que padecia no governo de sua diocesi era buscar sacerdotes pera as igrejas que provia, porque as que estavam à sua conta curadas passavam de mil e trezentas, e que se a este passo tinham crecido o povo, e a devação, e edificios polas outras partes da Cristandade, estava espantado como os prelados que ali eram presentes consintiam em tal; mormente que as vidas hoje eram muito mais curtas que tantos centenares de anos atrás quantos havia que passara o Concílio Toledano IV, com quem se queriam conformar, que foi celebrado no de Cristo de seiscentos e trinta e três. Então, vidas largas e povo estreito, agora tudo ao revés; afirmava que havia por impossível poderem-se governar, se se não encurtava muito o prazo dos trinta anos.

Era gente junta em nome do Senhor, não votavam por respeitos humanos, nem defendiam por teima suas opiniões; em ouvindo cousa que quadrava com a boa razão, sojeitavam seu juízo, sem haver que perdia nenhum de sua reputação, quando mudavam parecer, ainda que fosse a dito de um só. Assi succedeu nesta controvérsia, deixando-se os Padres vencer das boas razões do Arcebispo. Deceram dos trinta anos aos vinte cinco; e assi ficou decretado <sup>3</sup>.

Não é bem que nos fique por dizer a facilidade com que reduziu a seu parecer aquele sagrado senado em outra maté-

---

<sup>3</sup> Sess. 23, cap. 12, de *refor. Ord.*



ria separada das ordinárias do Concílio, e também quasi vencida. Os Padres Capuchinhos, da Ordem do Patriarca S. Francisco, que em Itália chamam *Escapuchinos*, pediram no Concílio e solicitaram com grande cuidado que se lhes mandasse entregar o selo geral da Ordem; e alegavam por si que procediam daqueles primeiros e mais antigos Padres Claustrais, entre os quais o Santo fundara e dera princípio à sua Ordem, e guardavam hoje a regra naquela mesma forma e rigor em que a guardaram os primeiros Padres. E acrescentavam que de todas as outras Províncias que no mundo tinham o nome franciscano, a sua era a mais reformada e de mais austera vida, pelo que, como a filhos primogénitos e que em nada degeneravam da primeira criação de seu bom pai, lhes era devido de justiça terem em seu poder o selo de toda a Ordem; porque, sendo verdade, como era, que em um capítulo generalissimo que se celebrou em Roma no ano de 1517, foi tirado o selo aos Padres Claustrais, pelas muitas dispensações que contra a primeira regra tinham admitido, e foi dado aos Padres da Observância, e entre eles ficou desde então pera cá, pela mesma razão pertencia agora a eles, Escapuchinos, vista a reformação e rigor que professavam, com que estavam diante de todos os Claustrais e Observantes, como era notório. Estavam os Padres não só inclinados a estas razões, mas persuadidos delas.

Acodiu o Arcebispo por parte da Observância e disse que em Portugal conhecia e tratara muito familiarmente duas distintas Províncias de religiosos Franciscanos Observantes, cujos nomes eram da Piedade, ãa, e a outra da Arrábida, e ambas tinham muitos conventos, e sabia que em ambas florescia a perfeita observância, com tanta aspereza de vida e bom exemplo, que não cria lhe podia fazer vantagem outra nenhũa da Ordem, por estremos de austeridades que guardasse, do que eram boas testemunhas todos os preiados portugueses que em Trento assistiam. Por onde, se a causa se havia de vencer por mais reformação, não era justo tirar-se aos Padres da Observância o selo, quando, além de estarem iguais na reformação com os Escapuchinos (se não estivessem adiante), tinham por si a posse dele,

em que viviam tantos anos havia, e desta não podiam ser esbulhados sem deméritos. Este honroso testemunho foi de tanta força, pola autoridade da pessoa do Arcebispo, que o deu, e polo que em si continha, que no mesmo ponto tomou o negócio outra cor, e mandaram os Padres que ficasse no estado em que estava, e não houvesse novidade.

## CAPÍTULO XVII

*Ajuntam-se os prelados e mestres da Ordem dos Pregadores com o Arcebispo, a celebrar a festa do Padre S. Domingos na sua casa de Trento, e dá-se conta dos prelados portugueses*

Era principio de Agosto deste ano de 563 e passava de um ano e meio que o Concílio durava. Ia acalmando a fúria dos negócios e davam já lugar de algum alívio aos Padres.

Achou-se o Arcebispo com a maior parte dos da sua Ordem aos quatro deste mês, no convento de Trento, pera cantarem as vésperas e solenizarem a festa do seu glorioso Patriarca S. Domingos. Entre muitas cousas dignas de louvor que os varões prudentes do Concílio consideravam no Arcebispo era ãa o grande amor que tinha a sua Ordem, e o muito que se prezava do hábito dela, e o caso que fazia de todos os religiosos dele, que nesta ocasião concorreram em Trento, tratando-os e conversando tão doméstica e particularmente como se foram seus naturais, e ainda da mesma criação.

E foi fermosa esquadra a que aqui se ajuntou de todas as partes da Cristandade, em serviço da Santa Igreja, pera esta guerra espiritual do sagrado Concílio. Eram seis arcebispos, a saber: o de Génova, dous de Naxo, em Grécia, o Lancianense, o Surrentino e o nosso Bracarense. Eram mais dezessete bispos e vint'oito mestres em Teologia, com o

Mestre Gêral da Ordem, Fr. Vicente Justiniano, por que lhes não faltasse capitão de casa.

A todos precedia o Bracarense, por primaz e por mais antigo na consagração e pálio; e contudo, assi se havia com todos, assi os metia na alma, como se fora o mínimo deles. Pediu-lhe o Gêral que, assi como precedia a todos, quisesse também autorizar a festa, fazendo o officio e presidindo aquelles dous dias no convento, como immediato prelado, pera o que lhe cometia suas vezes. Aceitou o Arcebispo o cargo. E logo fez o officio às primeiras vésperas, fazendo seu companheiro, Fr. Anrique de Távora, o de cantor do coro, e ajuntando-se à estante todos os mais arcebispos e bispos e mestres.

Foi um dos mais fermosos espectáculos que nesta idade se viram, e é bem de crer que receberia o santo Patriarca particular glória accidental no Céu, vendo tantos e tão honrados filhos celebrando seus louvores com psalmos e música sagrada, e que eram os mesmos que, por outra parte, com estudo, letras e ciência, naquele exército sagrado da Igreja, estavam opostos aos hereges, contra quem o Santo foi primeiro Inquisidor Gêral, e armados em defesa da Fé, como os companheiros de Gedeon<sup>1</sup>, de trombetas de santa doutrina e luzes de verdades católicas e, sendo diferentes em línguas e nações, ãa só fé e um só espirito era o de todos.

Levou após si os olhos de quantos se acharam na festa a grave continência e majestade com que o Arcebispo fez o officio, que nisto não tinha igual. Depois de vésperas, como prelado de casa, convidou a todos os que foram presentes pera o dia seguinte, e a outros prelados muitos, e todos comeram juntos no refeitório, e o Arcebispo fez o gasto de jantar e cea. Foi banquete de sábios: abastança sem demasia, concerto sem delicadeza, pera satisfação e não repleção, pera sinal de alegria religiosa, não de faustos nem vaidade. Cantou a missa da festa o Arcebispo e, à tarde, fez o officio das segundas vésperas. E porque não parecesse aos seus religiosos que perdera com a grandeza pontifical a lembrança

---

<sup>1</sup> Jz., 7, 18.

dos costumes e ordinário rezar da Ordem, pouco depois de completas mandou tanger a matinas da festa da Transfiguração, às quais assistiram todos os convidados, só pelo acompanharem.

Advirta-se que naqueles tempos fazia a Ordem a festa de nosso Padre S. Domingos aos cinco do mês, dia de Nossa Senhora das Neves, que foi o em que faleceu, e não no antecedente, como agora costumamos.

Como o Arcebispo chamou mais convidados que os de sua Ordem, razão parece que fiquem nomeados os portugueses, pera que viva sua memória com ele nesta sua História, assi como o acompanharam nesta solenidade e nos trabalhos e assistência do Concílio.

Estes foram dous bispos, porque de Portugal não havia outros prelados no Concílio. Um, D. João Soares, que, com o título de Bispo de Coimbra, tinha também os de Conde de Arganil e senhor da Vila de Coxas, e por estes se houve por obrigado a aparecer no Concílio com fausto de príncipe secular, o qual representou com esplendor e magnificência notável. E porque se visse que fora isto força do estado, mais que de ânimo vão, passada a ocasião do Concílio, se pôs em caminho, a visitar os Lugares Santos de Jerusalém, recompensando com a moderação de peregrino, voluntária, as superfluidades de senhor, forçadas. Foi eminentíssimo no ministério do púlpito; tanto que os maiores pregadores de seu tempo lhe reconheciam aventagem e, como a segundo Demóstenes, o veneravam. Era religioso da Ordem dos Eremitas do Padre Santo Agostinho.

E da mesma foi o segundo convidado, D. Fr. Gaspar do Casal, Bispo de Leiria, nacido na vila de Santarém, de sangue nobre, que ele com excelência de virtudes e letras mui semelhantes às de seu Padre Santo Agostinho fez nobilíssimo. Foi mestre do Príncipe D. João, pai d'el-Rei D. Sebastião, depois Bispo de Leiria; viveu muitos anos e, quasi vinte depois do Concílio, passou pera a Igreja de Coimbra, muito aventajada em qualidade e renda à de Leiria.

Estes dous prelados, com o nosso Bracarense, deram grande honra naquele sagrado ajuntamento a sua pátria.

Testimunhou-o a voz pública com um elogio que em seu favor correu pola Cristandade, que, com termo lacónico, descobriu elegantemente a excelência de cada um: *multa paucis, pauca multis, multa multis*. Querem dizer: muito em pouco, pouco em muito, muito em muito. A primeira parte se dava ao de Braga, porque, com admirável clareza e sutileza, resumia em breves razões altas sentenças. A segunda disseram polo Conimbricense, pola extraordinária corrente de suavíssima eloquência com que acompanhava o que queria dizer, a qual era tal que tudo em comparação dela vinha a desaparecer ou parecer pouco. A D. Fr. Gaspar acomodavam a última parte, e com bom juízo, porque igualmente era estremado na agudeza e sustância de conceitos, pera suspender os entendimentos, e na excelência de os dispor, pera deleitar as orelhas.

Foram mais companheiros na festa e na mesa dous sacerdotes seculares, ambos pessoas insignes. Um, D. Jorge de Ataíde, filho do primeiro Conde da Castanheira, que assistiu no Concílio por curiosidade virtuosa e não por obrigação, e procedeu de maneira que, nas relações imprecisas defé, anda nomeado com título de Reverendíssimo, título episcopal, como pronóstico do que pouco depois teve da Igreja de Viseu.

Outro foi o Doutor Diogo de Paiva d'Andrada que, indo por teólogo d'el-Rei D. Sebastião, se fez amar e respeitar de todos os Padres do Concílio, por suas grandes letras, aviso e prudência, de que fazem ilustre testemunho os escritos que deixou em língua latina e vulgar.

Não se pode passar em silêncio, pois falamos de letrados da Ordem de S. Domingos que se acharam nesta junta, o ilustre Mestre Fr. Luís de Soto-maior, que acompanhava a D. Jorze de Ataíde como seu teólogo, mas porque não podemos falar dele dignamente na brevidade de estilo que seguimos, juntaremos aqui duas letras que em seu louvor se publicaram neste Reino, de todos gèralmente bem recebidas: ãa em sua vida (que acontece a poucos), esculpida em bronze; outra na morte, entalhada em mármore; aquela por um amigo junta a seu retrato; esta por acordo de toda ãa

insigne academia sobre sua sepultura. E consta-nos que em  
nenhũa teve voto nem ambição.

A primeira tinha por título *Divae aeternitati sacrum*.  
E seguia assi.

*Ludovico Sotto Maiori ex familia Praedicatorum in  
Academia Conimbricensi litterarum sacrarum professori  
emerito, inter omnes sui temporis Doctori celeberrimo,  
qui doctrinam, pietatem, religionem et omnium virtutum  
ornamenta cum claritudine generis conjungens dubium  
reddit, quo magis excellat; Emmanuel Sousa Coutignus,  
ut cujus fama omnes Europae, Asiaeque fines divino-  
rum prope scriptorum voluminibus, tanquam alis per-  
vagatur, faciei quoque cognitio attingat et suis ipse  
oculis indulgeat quod in animo insculpsit amor, hunc  
typum vice statuæ amico optime merito septuagesimum  
sexto aetatis annum percurrenti in aenea tabula  
aeternitatem aemulaturus incidi curavit. Petrus Perret  
sculptor Regis fecit anno 1602.*

A linguagem portuguesa é:

«Memória consagrada a santa eternidade. Este  
retrato em lugar de estátua fez esculpir em bronze  
Manuel de Sousa Coutinho, em honra e memória de  
Fr. Luís de Soto-maior, da Ordem dos Pregadores,  
Lente jubilado das Sagradas Escrituras na Universi-  
dade de Coimbra, em idade de 76 anos, e o mais célebre  
Doutor nelas, de todos os de seu tempo, que, juntando  
com a nobreza do sangue doutrina, piedade, religião  
e todos os mais arreios de virtudes, faz duvidar em  
qual seja mais insigne; e foi o fim, assi pera que o  
amigo, a quem se acha obrigado e que por meio de seus  
divinos escritos, como com asas, voa por todas as ter-  
ras de Europa e Ásia, chegue por conhecimento de  
rosto aonde por fama tem chegado; como também pera  
alegrar a vista com o mesmo objecto que traz dentro

na alma e desejoso de o fazer competir com a eternidade. Fez a obra Pedro Pereto, escultor d'el-Rei, no ano de 1602».

A segunda letra é do epitáfio que a Universidade de Coimbra lhe mandou esculpir na sepultura, agradecida à doutrina de tal mestre, continuada por espaço de quasi cincoenta anos; e é a seguinte:

*Magnus Theologus, vir caelo dignus Frater Ludovicus Sotto-maior, Dominicanus, fidei vehemens assertor in utraque Germania et Anglia. Primarius Conimbriciae divinorum librorum interpret longe illustris et emeritus; moriens ipsa die et hora qua Spiritus Sanctus corda repleverat Apostolorum, suae mortis divinus vivam sanctitatis imaginem expressit, quam vivens sibi paraverat Deum sequendo. Tandem hic situs est anno 1610, suae aetatis 84.*

Em português quer dizer:

«O grande teólogo, varão do Céu digno, Fr. Luís de Soto-maior, da Ordem de S. Domingos, valeroso defensor da Fé em ãa e outra Alemanha e no Reino de Inglaterra, famoso Lente de Prima da Escritura Sagrada, em Coimbra, e jubilado nela, tendo alcançado e publicado primeiro o tempo de sua morte e vindo a falecer no mesmo dia e hora em que o Espírito Santo deceu sobre os Apóstolos, deixou-nos, morrendo, um vivo retrato de santidade, qual em vida soube adquirir e sustentar, seguindo e servindo a Deus. Em fim, foi aqui sepultado no ano de mil e seiscentos e dez, e de sua idade oitenta e quatro».



## CAPÍTULO XVIII

### *Parte o Arcebispo, de Trento pera Roma e chega a Bolonha.*

Tinha o Arcebispo determinado não se recolher pera Espanha sem ver Roma, e beijar o pé a Sua Santidade, e juntamente comunicar-lhe alguns negócios importantes de sua consciência e de sua Igreja. E andava espreitando tempo e ocasião com que, sem faltar à causa comum, pudesse acudir à sua particular, de maneira que lhe não fosse forçado deter-se depois de acabado o Concilio. Ofereceu-se-lhe como a pudera desejar e lançou mão dela. E foi o caso que, estando intimada a sessão vinte quatro pera quinze de Setembro deste ano de 63, procederam cousas que a fizeram transferir pera os onze de Novembro. As matérias que se haviam de averiguar nela estavam largamente estudadas e discutidas, porque eram aquelas de que já temos dado notícia.

Fez conta que tinha dous meses do outono vagos, determinou aproveitá-los. No restante de Agosto e até meado Setembro foi acudindo a juntas particulares em que se ventilavam e votavam as cláusulas e nota dos capítulos de cousas decretadas e, vendo que estavam no cabo, pôs-se ao caminho, em companhia do Cardeal de Lorena, seu grande afeiçoado que, como fazia a mesma jornada, obrigou o Arcebispo a irem juntos.

Sairam de Trento em 18 de Setembro, aproveitando-se do rio água abaixo quasi vinte léguas, quinze a Verona e cinco a um lugar que chamam a Abadia. AQUI tomaram

coches. Meteu o Cardeal consigo ao Arcebispo e a outros três bispos franceses. Agradável jornada e companhia pera o Arcebispo, em quanto não chegavam a povoado, porque os franceses, alegres e devotos, faziam leve o trabalho do caminhar, cantando psalmos e hinos. Mas não era assi nas vilas e lugares grandes, porque eram contínuos e extraordinários os recebimentos, festas e acompanhamentos que por todo o caminho se faziam ao Cardeal, assi por sua dignidade como por ser tio d'el-Rei de França. E não podem os italianos encobrir ãa notável inclinação que têm aos franceses, não por muito amor (que nunca Itália recebeu deles boas obras), senão a respeito ou despeito de espanhóis. Por razão da companhia acudiam também ao Arcebispo cerimónias e cumprimentos das pessoas que os faziam ao Cardeal, cousa abominável pera a sua arte e quietação. E já ia traçando desfazer a companhia no primeiro lugar em que, sem parecer descortês, lhe pudesse furtar o corpo.

Assi passaram a Rovigo, e de Rovigo a Ferrara. Saiu o Duque em coche um bom espaço da cidade a receber o Cardeal e meteu-se com ele, deixando o seu coche; e assi caminharam até os paços do Duque. Aqui houve o Arcebispo que era tempo de escapar às inquietações e cerimónias que tão enfasiado o traziam e, com toda cortesia, pediu licença ao Cardeal e Duque pera seguir sua viagem a seu modo. Não queria o Duque por nenhum caso consentir em tal licença e fazia-se-lhe de mal perder tal hóspede; apertou de novo com ele por todos os meios com que os príncipes sabem obrigar e vencer, mas o Arcebispo cortou por tudo e despediu-se, ajudado do Cardeal que, em francês, advertiu o Duque da condição do Arcebispo, e assi o deixou ir contra seu gosto. Saltou o Arcebispo do coche como quem sai de prisão e, tomando consigo seu companheiro, sós e a pé, se foi ao convento da Ordem que ali há.

Entrando como pobres frades hóspedes, foi tomar a bênção ao prior, fazendo sua vênia com toda humildade e ia-se logrando de seu costumado fingimento, mas durou-lhe pouco, porque o descobriu um religioso do mesmo convento que o conhecia de Trento. Como foi força confessar a verdade,

com mágoa sua, veio com o prior a partidos que o tratasse como a qualquer dos frades assinados no convento e com a mesma igualdade em tudo, porque, havendo de ser outra cousa, não se deteria ãa hora. Aqui desabafou e repousou um pouco seu espírito, mas não foi igual o alívio que deu ao corpo porque, em vingança das honras recebidas, o castigou com ãa larga disciplina.

O dia seguinte, que era o de S. Mateus, madrugou e disse missa e, pera poder vingar as oito léguas que há até Bolonha, saiu com a primeira luz, desejando entrar a boa hora naquele convento, cabeça de toda a Ordem dos Pregadores e depositário das santas relíquias do fundador dela. E, pera o poder fazer desconhecido e caminhar mais desembaraçado, tinha mandado diante sua família da tarde atrás.

O alvoroço que o Arcebispo levava pera chegar a tomar a bênção a nosso glorioso Padre lhe deu tais asas que, antes de vésperas, estava na sua igreja. Feita oração diante do Santíssimo Sacramento, foi-se logo à capela e sepultura do Santo. Aqui, prostrado por terra com sua vénia e os olhos rebentando em lágrimas de alegria e devação por se ver em tal lugar, lhe pediu a bênção. E logo começou a entrar em mentais colóquios, quais era rezão tevesse com pai tão santo um filho que, com ser santo, sintia de si tão baixamente que se havia polo mais indigno e maior pecador de toda a família. Levantava os olhos àquele bom pai, discorria pola eminência de suas virtudes; via-o tão pobre que nunca teve cela própria; tão humilde que nunca puderam os Papas acabar com ele que aceitasse dignidade algũa; tão penitente que os seus caminhos eram a pé, e com pés descalços, polas mais ásperas serras; tão compassivo que não duvidava vender-se por libertar um cativo. Abaixava os olhos, punha-os em si: pera pobre via-se rico, e muito rico; pera humilde, via-se arcebispo, e primaz; pera penitente, ia cercado de criados, e todos a cavalo e sem sentir falta; e pera piadoso, considerava que comiam e vestiam ele e eles, morrendo de fome e frio muitos pobres de Cristo. Aqui se confundia e envergonhava, representando-se-lhe que lhe dizia o Santo: *Si pater ego sum, ubi*

*est honor meus?* <sup>1</sup> *Vae, filii desertores!* <sup>2</sup> E parecendo-lhe que de filho de tal pai não trazia ali mais que o nome e o hábito, pedia muitos perdões de qual se imaginava; entre tanto testemunhavam os olhos com lágrimas em fio a dor que na alma lhe ficava e dizia, com Santo Antão: *Hei mihi, quia falso monachi nomen gero!* <sup>3</sup> Logo lhe acodia um penimento que como um ar fresco serenava seu espírito, trazendo-lhe à memória a santidade da casa em que estava, a brandura do pai que a ela vinha buscar, seu amor pera os filhos e suas santas promessas; de que concebia ãa súbita confiança que algũa hora se havia de ver solto das prisões da dignidade, do estado e da renda, da família, e reduzido ao canto de ãa pobre cela onde pudesse ser pobre entre pobres, súbdito entre súbditos, entregar-se todo a um só cuidado de imitar de verdade a seu santo pai. Esta esperança, que o desejo aceso afigurava já posta em obra, lhe adoçava as lágrimas, de sorte que já eram lágrimas de gosto e tais, que não quisera nunca enxugá-las.

Assi estava engolfado e quasi enlevado, quando sentiu estrondo na Porta das Graças e logo viu muitos religiosos que alegremente vinham pera ele e, prostrados por terra, lhe pediam as mãos pera lhas beijarem, e outros, sem esperarem licença, lhe faziam força. Pareceu-lhe novidade, porque não podia crer que antes de visto fosse conhecido, e ficou por extremo descontente e sobressaltado, e muito mais quando ouviu a um deles, que era o prior:

— Desta vez, Ilustríssimo Bracarense — é o termo italiano —, não quer Deus que Vossa Senhoria nos engane, como noutro tempo em Brexa. E assi, é razão que, entrando um tão famoso filho em casa de seu pai, seja honrado e festejado e servido dos que também somos filhos do mesmo pai e indignos irmãos de Vossa Senhoria.

---

<sup>1</sup> Mal., 1, 6.

<sup>2</sup> Is., 30, 1.

<sup>3</sup> Hyeron, in *Vita Pauli Eremitae*.

Queria todavia o Arcebispo levar adiante a dissimulação, dando a entender que se enganavam com ele; mas já não havia lugar de artifício, porque o prior era o mesmo que o agasalhou no nosso convento de Brexa, quando passava de Milão pera Trento, e conheceu-o logo; e, por outra parte, estava já no convento um criado do Cardeal de Lorena, com recado ao prior que o avisava de quem tinha em casa.

Deceu então a seus protestos acostumados de quando se via descoberto, tirando por concerto que se não havia de alterar nada com ele. Foi fácil o prior na capitulação, porque o Cardeal o mandou juntamente advirtir como o havia de tratar pera o terem contente.

A esta hora fez-se sinal a vésperas; foi-se o Arcebispo ao coro, seguido de todos os religiosos, que não houve nenhum tão impedido que deixasse de acudir a ele, só pelo verem, porque, pelo que tinham ouvido de suas virtudes e partes a todos os que deciam de Trento, a cada um parecia que viam entre si um daqueles primeiros companheiros de seu grande Patriarca, ou algum dos santos prelados da primitiva Igreja.

Não há palavras que declarem bem a consolação espiritual que o Arcebispo sentia, vendo-se na casa que aquele grande Abraão tanto amara, tocando as lágimas que lhe serviam de cama, o chão que regara com lágrimas e com sangue. E dizia consigo: *Non est hic aliud, nisi domus Dei et porta Caeli*<sup>4</sup>. Estendia os olhos pola fermosura daquele coro (havia nele mais de duzentos religiosos), representava-se-lhe um espectáculo das hierarquias celestiais. Edificava-se das veneráveis cãs dos velhos. Os moços, com sua tenra idade e rostos angélicos, lhe faziam devação. A composição dos mancebos e a modéstia de todos mostrava bem serem criados ao bafo de tal pai.

Todos o buscavam com os olhos, quando sem nota podiam, pera o conhecerem, e ele em todos e em cada um pregava

---

<sup>4</sup> Gn. 28, 17.

os seus, parecendo-lhe que nenhum havia ali a quem não pudesse ter muita inveja; e, se lhe fora licito trocar a mitra com aquele estado, logo ali a deixara.

Acabadas vésperas, recolheu-se a ãa cela aonde o levaram, que havia bem mister descansar do muito e apressado caminhar daquele dia.

## CAPÍTULO XIX

*Visita às reliquias do convento e as do mosteiro  
das freiras de Santa Inês; torna ao convento,  
entra em casa de noviços e faz-lhes  
ũa prática espiritual.*

No dia seguinte levantou-se o Arcebispo cedo e, com grandes júbilos de sua alma, disse missa na capela de nosso Padre.

Depois de missa foi-lhe o prior mostrando as cousas notáveis do convento. Na sacristia mostrou-lhe a cabeça do glorioso Padre metida em um rico e bem lavrado relicário de prata. Não se sabe que razão houve pera a apartarem do corpo. Costumam, no dia da sua festa, levarem-na em procissão pola cidade, com grande solenidade e concurso de povo, por ser o Santo padroeiro dela. Tomou-a o Arcebispo em suas mãos, pô-la sobre os olhos, beijou-a e abraçou-se com ela com tal afeito que parecia a queria meter na alma. Mostraram-lhe, entre outras peças da sacristia, um *Livro de Esdras*, de letra de mão, de que há tradição ser escrito pola do mesmo autor; e a vista dele dá grande testemunho de sua antiguidade.

Tornaram à igreja, que é ãa casa descompassadamente grande; a invocação é de S. Petrónio, bispo da mesma cidade e mártir. A sepultura de nosso Padre tem sua capela particular, onde está mui venerada de toda a cidade. É um muiemento de alabastro, entalhado todo à roda de figuras de relevo, de perfeita escultura, que são memórias de milagres seus, assentado sobre um grande altar.

No pé deste altar parece um arquete de mármore, no qual lhe disseram que estavam os ossos de ãa Margarita, portuguesa da Terceira Ordem, que por devação do Santo, deixada a pátria e a cidade de Lisboa onde nacera, se fora viver a Bolonha; tinha sua morada em ãa lapa pouco distante da cidade e a vida que fazia era mais de espirito angélico que de corpo humano, e por tal lhe deram aquele lugar na morte. Não tardará em sair a luz sua história, em companhia dos varões illustres portugueses desta Ordem, e achar-se-á na Parte Segunda, título das freiras terceiras, trabalho e obra do autor desta.

Visitou depois o mosteiro de freiras da invocação de Santa Inês, fundado por nosso Padre, e viu nele o breviário que servia ao Santo quando caminhava, que em nenhum outro tempo usava dele, porque, estando nos conventos, nunca faltava do coro a nenhũa hora.

Não passe nenhum filho de tal pai por este ponto sem se compungir ou confundir, que isto não é parábola ou remoque escuro (usemos do termo português).

Mostraram-lhe também um troço do bordão que usava, e outras reliquias; e visitou as sepulturas de três religiosas que naquela casa floreceram em grandes virtudes e por tais estão veneradas e havidas por santas. A todas três lançou nosso Padre o hábito e lhes fez profissão. Como não seriam santas com tal bênção? Os nomes são: Diana de Andalo, primeira fundadora do mosteiro, e Cecília, e Amanda.

Tornou o Arcebispo pera o convento e pediu ao prior que lhe mostrasse a casa de noviços. Entrou dentro, acudiram todos ao oratório e chegaram a tomar-lhe a bênção; e ele, com entranhas de pai, foi abraçando a cada um.

Neste passo se sentiu subitamente abalado de um desejo de consolar e animar aquela santa inocência, como noutro tempo soía fazer aos seus noviços de Benfica; e pedindo licença ao prior, assentou-se com eles no oratório e, assistindo o mesmo prior e muitos dos padres mais graves com alvoroço pera o ouvirem, começou ãa prática de estilo chão e acomodado pera aquelas idades, mas cheia de fervoroso espírito; e foi a primeira parte declarar-lhes com breve



prólogo a tenção com que entrava a vê-los e falar-lhes, que não era dar doutrina, que fora ignorância, não só confiança demasiada, entre padres tão doutos e tão santos como os daquela casa, tomar ele officio de mestre; que somente o o trazia ali gosto espiritual e a consolação que sentia em se ver na criação dos filhos de tão santo pai e onde ele, com seu corpo defunto, estava comunicando alento e vigor de vida e, com frios ossos, acendendo fogo de devação; e desejava dizer-lhes o muito que deviam a Deus polos tirar do mar tempestuoso do mundo pera o remanso da Religião e pera aquella casa.

Prossiguindo, discorria por todos os estados do mundo, por todas as idades dos que nele viviam, e pelas occupações e cuidados de cada um, e em tudo descobria tantos descontos, tantos trabalhos e desconsoações que claramente mostrava não ser outra cousa a vida secular senão um abismo de tormentos e misérias, e chamar-se com razão vale de lágrimas, porque ajuntava com as que todos, nascendo, choramos, as contínuas dos poucos anos que durava a vida e, a essas, outras, no fim dela, que fazia mais magoadas o medo da morte e a vergonha do tempo mal vivido; e se havia quem risse e quem se alegrasse, era mentira, era fingimento e máscara de mostras falsas pera disfarçar amarguras verdadeiras; e quem estas não sentia, esse era mais miserável, porque tanto maior e mais perigoso era o mal quanto menos sentimento tinha dele quem o padecia, sendo como era a vida do pecador, segundo doutrina de um Santo <sup>1</sup>, ãa horrenda quimera, um desaventurado composto que, constando de três partes, ãa delas era nada, e as outras duas piores que nada. Um nada éramos antes de criados, e outros dous nada que o pecador ajuntava à natureza que lhe foi dada, que são pecados e as penalidades por eles merecidas, porque o pecado, sendo em si nada, punha aos homens no mais triste e mais abatido estado que podia ser, e os obrigava a condenação e pena eterna, que é o terceiro nada, e muito

---

<sup>1</sup> Bernardo.

pior nada que os outros, conforme as palavras do Salvador: *Bonum erat ei, si natus non fuisset homo ille* <sup>2</sup>, melhor lhe fora se tal homem não nacera; e fora somente nada.

Por onde a verdade era que só se podiam chamar no mundo bem-aventurados os que, fugindo pera o deserto da Religião, tratavam de segurar aquele *unum* que só é necessário, que é o Reino do Céu, pera o qual fomos criados de nada; e muito mais bem-aventurados eles, pois logravam os bens e quietação da casa do Senhor antes de terem experiência dos males que havia fora dela, e isto em companhia do sepulcro e ossos santíssimos de nosso glorioso Patriarca, sítio bendito e solar verdadeiro do nosso morgado e nobreza, onde não era possível esquecer-se um religioso de si com tal espectador, nem perder o caminho com tal guia.

Que, se a Escritura Sagrada dizia que os ossos de Eliseu profetizaram, porque depois de sepultados fizeram milagres dignos de sua profecia e de varão profético <sup>3</sup>, não duvidava que aqueles virginais ossos fizessem raros e maravilhosos efeitos em sua alma, dignos de tão grande profeta, cuja vida toda não fora outra cousa senão um perene sacrificio em serviço de Deus e salvação dos próximos e, depois de morto, como outro José que não consintiu apartarem-se seus ossos da companhia da sua família <sup>4</sup>, estava com eles fazendo em vivas memórias officio de mestre, amoestando-os juntamente da morte e da vida, dos trabalhos e do descanso, da batalha e do triunfo, das misérias da terra e das riquezas e alegrias do Céu.

Aqui levantava a voz com aquelas palavras: *Attendite ad petram, unde excisi estis; attendite ad Abraham patrem vestrum* <sup>5</sup>. E pedia-lhes que, caindo bem na conta desta grande felicidade do lugar em que estavam, no qual, se lhe fora lícito, de boa vontade os acompanhara e tornara a ser noviço com eles, não deixassem passar hora nenhũa da vida,

---

<sup>2</sup> Mt., 26, 24.

<sup>3</sup> Ecli., 48, 14-15.

<sup>4</sup> Gn., 50, 24.

<sup>5</sup> Is., 51, 1.

nem ainda momento, sem levantarem os corações a Deus com as graças e louvores que por ela lhe deviam, e pola mesma razão se esforçassem a correr com grande valor o caminho da virtude e, conformando-se com a pedreira de que eram cortados e lavrados e com o grande Abraão, de que eram filhos, tevessem por certo que, assi como ali, com o bafo de suas santas relíquias, os amimava e animava, também lá do Céu, no meio das celestiais delicias que possuía, se não podia descuidar deles, antes os estava chamando e convidando a irem povoar com ele a triunfante Jerusalém<sup>6</sup> de cujos muros a cantaria eram pedras preciosas, as portas eram guarnecidas e cubertas de pérolas, nas praças se pisava ouro; o dia lá não conhecia noite, nem o verão inverno nem a vida, fim; dia, verão, vida, tudo era eterno e sem termo.

Deste ponto se foi engolfando em um discurso dos bens da glória, dando tais novas e fazendo dela e deles tamanhos encarecimentos e saudades, como se já passara sobre as estrelas ou tivera visto o que referia. E os brandos corações dos moços, suspensos e pendurados de sua boca, como com música excelente, davam sinal do que sintiam, derretendo-se em suaves lágrimas e ardentes desejos e amor do Céu; e o prior e os padres estavam admirados da eficácia das palavras, da força que faziam na alma e como penetravam e abrasavam.

Acabou, encomendando-lhes não perdessem da memória aqueles bens, e dele a tevessem em seus rosários, pera que chegasse a ser companheiro seu em os gozar.

Deixados os noviços, teve o Arcebispo recado do seu secretário que era entrado na cidade o Cardeal de Lorena, polo que determinou partir-se logo; e pediu licença ao prior pera o fazer, acabando de comer.

---

<sup>1</sup> Aug., l. 1, c. 24 et 25.

## CAPITULO XX

*Passa o Arcebispo de Bolonha a Florença e a Sena,  
e segue seu caminho a Roma.*

Mais dias fazia conta o Arcebispo dar a este santo convento, polo estremo de recreação que seu espirito nele sentia, mas o receio que tinha aos favores do Cardeal, que estava certo não no deixaria gozar daquela quietação, o fez apressar e cortar por seu gosto. Mandou aos seus que o viessem buscar e, despedido do prior e padres, levando-os todos e toda a casa na alma, tomou o caminho de Florença, aonde chegou aos vinte e quatro de Setembro.

Logo ao entrar na cidade se pôs a pé, em sua costumada penitência, e foi com seu companheiro demandar o convento da Ordem, que é do título de S. Marcos. Entrou na igreja e, estando em oração diante do altar e reliquias de Santo Antonino, alegre de se ver na casa daquele insigne arcebispo, cuja vida e obras tinha proposto imitar a todo seu poder, como já começara em aceitar forçado a dignidade que tinha, e como o imitava no hábito e profissão dominica, chegou um criado dar-lhe rebate que não tardaria em entrar o Cardeal de Lorena, porque havia novas que vinha a meia posta; e o Grão-Duque ia já fora da cidade esperá-lo com toda sua corte e três cardeais consigo, que eram o Cardeal Pacheco e Santa Fior e o de Médicis, seu filho.

Muito a seu pesar se levantou o Arcebispo e, sem fazer detença, se pôs a cavalo e deixou o convento e a cidade, por escapar às honras e travessuras cortesãs do amigo, que

sintia como verdadeiras persiguições; e não tinha andado muito quando viram que vinha já chegando polo caminho de Bolonha; daqui o mandou visitar polo secretário, mandando-lhe dizer, com termo portuguez, que boa prol lhe fizesse tanta festa e tanta corte, que ele lhe ia fugindo a rédea solta.

Ao outro dia chegou à cidade de Sena, pátria da Seráfica Caterina, religiosa da nossa Ordem, da terceira regra, mas entrou logo nas suas costas o Cardeal, acompanhado de guarda de arcabuzeiros e gente de cavalo, soando pífaros, e atambores, e trombetas bastardas. Quis o Arcebispo ver sua entrada e pôs-se de parte, donde visse sem ser visto, e mandou-lhe dizer que naquela forma se costumavam em sua terra levar arrecadados os delinquentes de concelho em concelho; que por isso fogia de sua companhia; que bem se aviara se o acompanhá-lo lhe havia de custar ir preso e levado por gente de guerra, de cidade em cidade; e logo se apartou antes que carregasse mais gente. E a pé se foi a um convento, de dous que ali há da Ordem.

É costume em Itália, nas terras em que há dous conventos, agasalharem os hóspedes aos meses, pera que seja igual a caridade e a despesa. Não tocava recebê-lo a este, e o prior se mandava escusar; contudo, replicando que era um Mestre que vinha do Concílio e passava a Roma, foi admitido; era sobre tarde, foi chamado pera a caridade da cea. Achou-se com um pão e dous ovos cozidos, duros e pouco quentes, esplêndido e mimoso banquete pera quem só estes buscava.

Chama-se esta casa de Santo Espírito e está nela parte do corpo de Santa Caterina (que por isso a buscou o Arcebispo). Mostrou-lhe o prior, no dia seguinte, a cabeça da Santa e a cadea de ferro com que se disciplinava três vezes no dia, e depois lhe ficava servindo de cilício, cingindo-a.

Visitou também a sepultura do Santo Fr. Ambrósio Sancedónio, que na Ordem chamamos Santo Ambrósio de Sena, por cujos merecimentos tem Nosso Senhor obrado naquela cidade grande número de milagres e está nela mui venerado.

Inflamado em devação destas memórias, retirou-se a ùa capela e aparelhava-se pera dizer missa. Entretanto entrou o Cardeal polo convento, que adivinhava a cea e a noite que

o Arcebispo teria levado e, chamado o prior, perguntou-lhe se entrara algum frade da Ordem, espanhol, hóspede. Respondeu o prior o que era, que da tarde d'antes eram entrados dous, que diziam ser espanhóis e virem do Concílio, e um deles Mestre em Teologia. Finava-se o francês de riso vendo quão inocente e enganado estava o pobre prior, e quão bem se sabia o Arcebispo contrafazer pera levar má vida; e foi-lhe dizendo quem era em dignidade e renda, e ajuntando louvores de sua virtude e letras, com que o frade ficou espantado e confuso; e dali se foi logo onde estava o Arcebispo e, queixando-se do engano, lançado a seus pés, pedia-lhe perdões de sua pouca caridade e da culpa alhea. E não se consolava com o Arcebispo lhe afirmar que lhe estava mui obrigado polo tratamento daquela noite, porque por ele o havia por verdadeiro filho de S. Domingos, e o estimara mais que todos os mimos que pudera ter em companhia do Cardeal de Lorena, a quem perdoasse Deus a desconolação que lhe dava em lhe tirar o gosto doutra tal noite.

O Cardeal não esperou mais no convento, por fugir às queixas do Arcebispo. E o Arcebispo também, vendo-se descuberto, se despediu acabada a missa, e seguiu seu caminho a Roma, com determinação de alargar tanto o passo que pudesse entrar primeiro que o Cardeal, e anticipar na cidade os penosos acintes que sem remédio lhe fazia, como quem se tinha apostado a ser sua trombeta em toda aquela jornada, ãas vezes estorvando-lhe a quietação que buscava nos mosteiros, como temos visto, outras em ir contando maravilhas de suas partes e fazendo largos encómios delas a todos os senhores com quem se encontrava.

E soube-se depois que neste officio foi continuando até Roma, com muitos cardeais amigos que o esperavam e festejaram em suas quintas e casas de campo, antes de entrar na cidade, aos quais contava com grande festa as travessuras que lhe viera fazendo e a pena que o Arcebispo recebia de lhe ele tolher as fomes a que armava com seus disfraces.

## CAPÍTULO XXI

*Chega o Arcebispo a Roma, leva-o o embaixador  
com artificio a sua casa. Passa-se pera o convento  
da Minerva, donde, por mandado de Sua Santidade,  
torna pera casa do embaixador.*

Dia de S. Miguel, vinte nove de Setembro, pela manhã, chegou o Arcebispo à vista de Roma. Tanto que descobriu a cidade, apeou-se com todos os seus, pôs os joelhos em terra e, cheio de alegria e devoção em seu espírito, começou a dizer:

— Salve, ó mãe nossa! Salve, ó mãe santa, escola da Religião Cristã, coluna e fundamento da verdade, donde sai a luz que alumia o mundo e o conhecimento do Sumo Bem! Deus te guarde, fermosa cidade, depositária fidelíssima dos sagrados corpos dos Príncipes de toda a Igreja Católica, S. Pedro e S. Paulo, que com seu sangue derramado por tuas praças em honra de Jesu Cristo te fizeram mais illustre do que o eras por tantos e tão famosos emperadores e por aqueles que te deram o nome! Ó sete montes sagrados, ar sai dessas aras e edefícios benditos, que, recreando esta alma, ma enche de esperanças, que acharei em vós alívio da carga que tanto me oprime e que só me traz a vós!

E acabando, com um suspiro e com os olhos no céu, virou pera os companheiros e fez-lhes ùa devota prática, lembrando-lhes o respeito e reverência com que se haviam de haver na cidade e tratar os lugares santos dela. E conquanto havia inda um bom espaço de caminho por andar, foi-se com todos



a pé e, andando, ia continuando a prática que começara e dizia:

— Entramos, filhos, nesta famosa cidade, cabeça da Cristandade, fonte de toda doutrina e santidade, donde o mundo todo tira decretos da Fé e da Religião que professamos e exemplos de virtude, corte comum de todos os Católicos e gèral hospedaria de estrangeiros. Aqui reside o Vigário de Cristo e sucessor de S. Pedro, príncipe supremo e cabeça da Igreja. Aqui o Colégio dos Cardeais, com grandes prelados e altas dignidades. Aqui achareis a cada passo muitas cousas que vos façam devação e vos edifiquem muito. Porém, como os que nela moram e tratam não são anjos per natureza, nem confirmados em graça, mas são homens e filhos de Adão, confesso-vos que pode haver descuidos e fraquezas humanas, assi como é certo que há muita virtude e muita santidade. Peço-vos muito, meus filhos, que dos bens vos aproveiteis, e os males, se alguns encontrardes, nem vos escandalizem nem vos façam cair.

Destes muros adentro é terra santa toda a que pisamos, de sorte que podeis crer que não pondes pé que não seja sobre cinzas de Mártires. E disto não duvideis, que lido tenho haverem padecido nela por Cristo trezentos mil mártires. Que número será o dos Santos confessores? Qual será o das Virgens? Infinitos devem ser.

Em toda parte é grande mal ofender àquele Senhor que nos criou; aqui, onde tantas cousas obrigam a servi-Lo, seria a culpa dobrada. Descalçar os sapatos mandava Deus a Moisés, avisando-o que assi convinha, porque estava em terra santa. O que vos encomendo e o que a todos nos convém é grande aparelho de devação e pureza da alma, que este é o verdadeiro descalçar dos sapatos, pera visitardes os lugares pios e estações santas, e alcançardes as muitas e grandes indulgências que nelas se ganham, e assi agradecermos todos a Nosso Senhor a grande mercê que nos tem feito em nos trazer de tão longe e com saúde à vista destes santuários.

Estas e outras palavras bem dignas de seu espírito lhes ia dizendo, mas, vendo-se já perto da cidade, adiantou-se com



seu companheiro e apertou o passo por entrar mais dissimulado.

Era embaixador de Portugal em Roma, como atrás dissemos, D. Álvaro de Castro, e estava avisado da vinda do Arcebispo àquela corte, e do dia que saíra de Trento, e do caminho e diligência que trazia. E lançando boa conta esperava que poderia ser entrar naquele dia. Desejava ir buscá-lo ao caminho, e acompanhá-lo, e trazê-lo a sua casa, assi por obrigação e honra de seu cargo, como pola pessoa e dignidade do Arcebispo, e não menos polo grande nome que tinha diante de Sua Santidade e de toda aquela corte, em que estava aventajado a todos os prelados do Concílio, sem fazer agravo a nenhum, de que resultava grande honra a este Reino. Assi, determinou ter espias nas estradas e, ou fosse pola medida que tinha tomado ao caminho e ao tempo, ou acaso, despediu aquela manhã dous criados a cavallo, com ordem que saíssem pola porta e caminho de Sena um bom espaço e, se o encontrassem, um voltasse logo em toda diligência a dar-lhe a nova, e o outro ficasse com ele, procurando entretê-lo pera lhe dar tempo de poder sair a recebê-lo com todo o acompanhamento e aparato que a tal pessoa se devia.

Ambos o toparam sem dar fé de quem era, porque ainda que o tiveram bem conhecido de rosto, bastante razão era pera o desconhecem o modo em que o viram.

Passando adiante deram com gente junta; era a família do Arcebispo; perguntaram novas de quem buscavam. Um lhes deu as com que ficaram satisfeitos, pera voltarem ambos a rédea solta, a ver se o podiam inda alcançar. Mas ele já neste tempo estava na igreja de S. Pedro em Vaticano, visitando com quietação e alegria as reliquias dos Santos Apóstolos.

Disse logo missa e depois recolheu-se na mesma capela, vendo-a mais desviada do concurso da gente, pera esperar um criado que do caminho despachara ao prior do convento da Minerva, com cartas do Gêral da Ordem, Fr. Vicente Justiniano, e suas, pera se lhe despejar a hospedaria pera seu aposento.

Soube o embaixador dos seus como tinha o Arcebispo na cidade e, não sendo já tempo pera outra cousa, mandou a toda pressa quantos tinha em casa que, repartidos por todas as ruas, lho descobrissem. Dous que foram mais advir-tidos deram ambos juntamente com ele, onde cuidou que mais escondido estava; e de parte do embaixador lhe disse-ram tudo o que em boa cortesia era devido pera o obrigarem a querer ir-se pera ele e aceitar sua casa, referindo-lhe as diligências que desde antemanhã tinha feito, pera ter tempo de o ir buscar ao caminho.

Sabia-se o Arcebispo defender e estava sintido do pouco que lhe valera a madrugada; não houve cousa que o mo-vesse. Levaram-no então por manha. Disseram-lhe que a Minerva era longe e se fazia tarde pera esperar ali; que, se devia ir pera lá, que eles o guiariam e acompanhariam. Porfiaram tanto que, à pura força, o tiraram da igreja (que acabam muito os importunos) e parece que adivinhava o que havia de ser. Foram atravessando de ùa em outra rua, e ele lembrando-lhes sempre a promessa. Em fim, deram com ele em casa do embaixador.

Quando o tiveram à porta disseram-lhe que estava perto da Minerva, mas que seria melhor esperar ali o recado que lá tinha mandado. Entretanto foi avisado o embaixador e saiu à rua e, levando-o nos braços, dizia:

— Como se compadece, senhor Arcebispo, que faça tan-tas diligências por fugir dos portugueses quem tantas e tão grandes tem feito polos honrar. Olhe Vossa Senhoria que a rezão quer que ou não faça tanto por nós ou seja mais humano e se dê melhor connosco.

Não havia cousa que o dobrasse, sintido do engano dos criados, mas o embaixador soube dizer tantas cousas e era tão cortês e bem entendido que, em fim, acabou com ele ficar a jantar, porém com condição que depois lhe não faria mais força e o deixaria ir pera os frades.

Assi, comeram ambos com particular gosto do embaixa-dor, que sobre mesa começou de novo a provar todos os meios e lanços de bom cortesão pera o persuadir a lhe não fazer

tamanho agravo, como seria saber-se naquela corte que, depois de estar em sua casa, fora buscar outra estalagem. Mas era tempo perdido, que o Arcebispo valeu-se da palavra dada e levantou-se, como fugindo.

Foi-se no mesmo tempo o embaixador ao sacro Palácio e fez sua queixa ao Papa, contando tudo o que tinha passado com o Arcebispo, e pedindo de mercê que Sua Santidade lhe mandasse que não alojasse noutra parte senão em sua casa. Sobre tarde foi à Minerva visitá-lo e tornou-lhe a fazer suas instâncias com novas razões e apertados encarecimentos. Querendo-se despedir, desesperado já de o poder vencer, entrou o físico-mor do Papa pelo convento, e disse ao Arcebispo, depois de lhe significar o gosto que Sua Santidade tinha de sua vinda, que juntamente lhe mandava, sob pena de santa obediência, se saísse logo daquele mosteiro e fosse ser seu hóspede no sacro Palácio e, não se contentando deste aposento, em tal caso se haveria por satisfeito com que se fosse pera casa do embaixador de Portugal.

Afligiu-se notavelmente o Arcebispo com este recado e quis começar a interpretá-lo por espécie e favor e honra que Sua Santidade lhe queria fazer, e não por mandado expresso. Mas acudiu o escrúpulo que sempre o acompanhava de cair em culpa e, em fim, por fogir à desobediência, escolheu por mais humildade, já que havia de deixar os seus frades, ir com o embaixador, ficando eles sintidíssimos de perderem tal companhia, e tanto mais quanto viam as honras extraordinárias que Sua Santidade lhe fazia, de que estavam sobremaneira admirados.

## CAPÍTULO XXII

*Como o Papa mandou chamar o Arcebispo,  
e das honras que lhe fez, e de algũas particularidades  
que teve com ele, e da facilidade e amor  
com que o tratava.*

No mesmo dia sobre tarde fez sua entrada o Cardeal de Lorena, que foi recebido como tal pessoa com grande pompa, polos dous cardeais sobrinhos de Sua Santidade, Borromeu e Altemps, os quais o foram buscar fora da cidade e o levaram ao sacro Palácio, onde foi aposentado.

Como o francês vinha tão afeiçoado ao Arcebispo, na primeira audiência que teve de Sua Santidade gastou tempo em lhe dar conta de sua pessoa e partes, acreditando-as não menos do que vinha fazendo polo caminho; e ainda disse mais, porque afirmava que tudo era nele em supremo grau: a virtude, letras, zelo, observância religiosa; eleição acertada em apontar, eficácia em persuadir, liberdade santa no votar; de feição que não havia poder-se discernir em qual se esmerava mais. Depois lhe foi particularizando o amor que tinha ao seu estado monástico e àquela pobreza e vida humilde, e o que trabalhava por incubrir a dignidade só a fim de ser pouco respeitado e maltratado. E não calou as travessuras com que o perseguia, fazendo-o conhecer por quem era quando mais dissimulado estava.

Tudo folgava o Papa de ouvir e, como tinha outras informações gèrais de sua pessoa por cartas de Portugal, d'el-Rei D. Sebastião e do Cardeal D. Anrique, e as que lhe manda-

vam os Cardeais Legados quotidianamente do Concílio, das razões e voto que dava em todas as matérias, estava-lhe por extremo afeiçoado e havia-se por obrigado a lhe fazer mercê e honra. E com o grande desejo que tinha de o ver, logo à sexta-feira seguinte, terceiro dia depois de chegado, lhe mandou que o fosse ver.

Foi o Arcebispo só com seu companheiro, e a pé. Recebeu-o Sua Santidade todo risonho e alegre, e com honras mui diferentes das costumadas com outros prelados de igual dignidade. Beijou-lhe o Arcebispo o pé com muita humildade e gravidade. Ao levantar, inclinou-se Sua Santidade como que o queria abraçar ou ajudar a levantar; e mandou-o assentar e cobrir.

Pediu-lhe o Arcebispo licença pera entrar sua família e ver a Sua Santidade. Deu-lha e entraram, que estavam já na antecâmara em companhia do embaxador.

Saídos eles, fez o Papa sinal que despejassem todos os mais que havia na casa e ficou só com o Arcebispo, e deteve-o um grande espaço, perguntando-lhe muitas cousas com estranha afabilidade. Como o Arcebispo teve lugar de falar, tratou logo de se absolver da obediência com que Sua Santidade o fizera hóspede do embaxador, afirmando que não se atrevia a sofrer tanto rugido de sedas como tinha em seu aposento, nem tantos mimos como lhe punham na mesa; que era frade e não sabia viver sem frades; que fosse Sua Santidade servido dar-lhe licença pera se tornar à Minerva levantando-lhe o preceito.

Ria o Papa da eficácia e ânsia com que o Arcebispo requeria e, rindo, dissimulava e mudava o propósito, mas, vendo que não deixava o requerimento e todavia apertava com instância, disse que lhe outorgava a graça, como fosse sem prejuízo de terceiro, que era o embaxador, e a razão pedia que fosse primeiro ouvido e, consintindo ele, havia a obediência por alevantada.

A este tempo entrava pela câmara o embaxador, em companhia do Cardeal de Lorena. E o Papa, tanto que os agasalhou com as cortesias costumadas, disse em voz baixa pera o embaxador:

— Vós não consintais e, se o quereis ter contente, não lhe deis a comer mais que dous ovos duros.

Entendeu o embaxador o que podia ser e, como estimava ter o Arcebispo em sua casa tanto como ele desejava fogir dela, disse alto que não consintia e protestava que se lhe faria agravo.

Finalmente, despedidos do Papa, tomou-o no coche e tornou-o a levar consigo, e em sua casa o teve todo o tempo que residiu em Roma.

No dia seguinte visitou o Arcebispo as sete igrejas; e daí em diante quasi todos os dias era chamado de Sua Santidade, e ãs vezes o mandava ficar a jantar, outras convidava-o pera o dia seguinte, mostrando particular gosto de tratar com ele.

E foi crescendo esta facilidade e favor, de sorte que deu em ãa mui estreita familiaridade; e tal, que chegou o Arcebispo a adverti-lo de cousas importantes ao bem comum da Igreja e a seu officio pastoral, das quais contaremos algũas.

Apontava-lhe o Arcebispo com ãa liberdade humilde erros e abusos que havia em partes da Cristandade, no governo eclesiástico e, com peito de varão apostólico, amoestava-o que convinha não tardar com o remédio, que pera isso o tinha Deus posto naquele lugar supremo, pera vigiar e acudir a tudo que, se se descuidasse, quanto era maior a honra tanto seria a conta mais estreita.

Tinha o Papa um entendimento mui vivo e dócil, e era naturalmente brando e bem inclinado; ouvia-o com atenção e, como se conversara com um igual seu, ãs vezes lhe dava descargos, outras lhe pedia conselho, ou remetia o remédio das cousas ao Concílio, agradecendo-lhe sempre as lembranças. E como enxergava em todas profundo juízo de quem lhas fazia, ia formando maior conceito cada dia do homem, maravilhado de ver que em tão pobres hábitos e tão humildes palavras estivesse escondida ãa tamanha luz de zelo, de virtude, de prudência.

Despois das matérias públicas, não se descuidou o Arcebispo das particulares suas e de sua Igreja; e, conforme aos tempos e propósitos em que se achava com Sua Santidade,

se ia descarregando de seus escrúpulos, pedindo licenças, remédios e auxílios do poder supremo, de que convinha estar provido pera muitos casos e desconcertos que tinha notado em sua diocese ocorrerem a cada passo; e quem vivia no cabo do mundo não podia com cada cousa recorrer à Sé Apostólica. E o Papa, como tinha já tanta satisfação dele, em acabando o Arcebispo de propor o caso ou necessidade e declarar sua petição, logo lhe concedia tudo; e algũas vezes lhe dizia, com bondade e candidez de príncipe:

— Não sei que é isto, Bracarense, que vos não posso negar nada.

E em certo negócio lhe respondeu ùa vez:

— Isso que me pedis, até hoje o não tenho concedido a ninguém, mas a vós não no posso negar. *Fiat*.

E outra, pedindo-lhe licença o Arcebispo pera lhe falar em ùa matéria, disse:

— Podeis falar agora e à tarde, antes de comer, e depois de comer, e todas quantas vezes quizerdes, porque sempre vos ouvirei de boa vontade.

Levou-o um dia consigo passeando até o jardim famoso dos Papas, que chamam Belveder, e mostrando-lhe as obras que se iam fazendo, disse-lhe sorrindo, como quem lhe sabia já o humor, porque não fazia lá na sua Braga uns paços como aqueles.

— Santíssimo Padre — respondeu o Arcebispo —, não é de minha condição ocupar-me em edificios que o tempo gasta.

Não ignorava o Papa que havia de ser esta a reposta; e contudo tornou a instar e disse:

— Pois que vos parece destas minhas obras?

Então, com maior energia, respondeu:

— O que me parece, Santíssimo Padre, é que não devia curar Vossa Santidade de fábricas que cedo ou tarde hão-de acabar e cair. E o que digo delas é que, de tudo isto, pouco e muito pouco, e nada; e do edificio temporal das igrejas seja mais do que se faz; mas no espirital, aí sim, que é rezão ponha Vossa Santidade toda a força e meta todo o cabedal de seus poderes.

E por não ficar com escrúpulo de dizer pouco onde via despesa grossa e mal empregada, foi carregando a mão e ajuntando razões, às quais o Papa com sua brandura acudiu com estas palavras:

— Pois que há-de ser? Quereis que deixemos a obra imperfeita? Eu, na verdade, não fui autor d'ela, que não sou amigo de gastar dinheiro em vaidades; achei-a começada, folgarei de a acabar, que também não tenho outros passatempos em que me ocupe.



## CAPÍTULO XXIII

*Como advirtiu o Arcebispo a Sua Santidade de ũa sem-rezão que naquela corte se usava com os bispos; e Sua Santidade a remediou logo.*

Desejavam os Padres do Concílio, e procuraram com grande cuidado, achar algum meio eficaz e poderoso pera atalhar os muitos inconvenientes que se seguiam dos matrimónios clandestinos. Ventilado o negócio, quiseram antes de última resolução consultar a Sua Santidade e pareceu bem que fosse por meio do Cardeal de Lorena e do Arcebispo, pois iam a Roma e levavam a cargo outras matérias que os Legados lhes tinham cometido.

Depois que o Papa os ouviu, mandou fazer ũa junta de cardeais e bispos em sua presença, pera resolver a causa. Juntaram-se os chamados no dia e hora assinada.

Entrando diante de Sua Santidade, assentaram-se os cardeais em seus lugares; ficaram os bispos em pé e as cabeças descobertas.

Foi o Arcebispo dos chamados. Deu seu voto, resumindo toda a matéria em breves razões tão sustanciais e tão doutramente apontadas que deixou a todos admirados. Mas ficou mui descontente, não levando em paciência ver muitos bispos velhos e honrados postos em pé e desbarretados, e assistirem assi algũas horas que a junta durou, quando os cardeais estavam bem assentados e cubertos. Pareceu-lhe acto feo (não só desarrezoado) pera corte romana, e indigno da Igreja

de Deus, e estranhou-o mais por ser a primeira junta em que se tinha achado.

Logo em saindo, se apartou com o Cardeal de Lorena pera descobrir que ânimo tinha no caso. Achou-o bastante desgostado e os bispos franceses que trouxera consigo, que todos foram presentes, sintidíssimos. Pediu então ao Cardeal que ele, como pessoa de tanta autoridade, dissesse a Sua Santidade o que entendia. Mas não no pôde persuadir, porque nas cortes o medo de desagradar ao príncipe, inda que os males sejam patentes, faz mudas todas as línguas: as que os não gabam cuidam que fazem auto de virtude, porque não falta quem os louve, encontrando o entendimeno.

Foi-se o Arcebispo pera casa carregadíssimo com o escrúpulo de haver de ficar em silêncio cousa a seu parecer tão errada, mas, determinado em não sair de Roma sem se descarregar dele, avisou logo ao Cardeal que, pois não queria advirtir a Sua Santidade, tão pouco lhe significasse nada do que ambos passaram, porque não era bem que estivesse prevenido, se Deus deparasse algũa boa ocasião pera o que ele, Arcebispo, determinava fazer.

Resoluto o Arcebispo em dizer ao Papa seu parecer com aquela confiança que a pureza de sua tenção lhe dava, quis primeiro dar conta ao Cardeal Alexandrino, Fr. Miguel Gilerio, que depois foi Papa Pio V. Este o descontentou mais que o de Lorena, porque o desenganou, afirmando-lhe que seria tempo perdido, por ser o costume fundado em antiguidade de muitos anos. E replicando o Arcebispo que todavia estava em propósito de provar a mão e dizer o que sentia, com a mesma resolução lhe tornou com palavras formais:

— *Dices, sed nihil perficies* (Direis, mas nada acabareis).

Passados poucos dias, eis que manda o Papa intimar outra junta como a passada, de cardeais e bispos, e recado ao Arcebispo pera se achar nela. Veo-lhe a ocasião como a pudera pintar e, pola não perder, porque a junta havia de ser à tarde, foi-se aquela manhã a palácio. Entrou logo, que pera ele não havia porta fechada nem detença. Falou a Sua Santidade em algũas matérias das que trazia a cargo, de Trento; apontou nelas o que entendia, com advertências

importantes pera se poder dar fim com brevidade ao Concílio, como Sua Santidade desejava.

Agradeceu-lhas Sua Santidade e mostrou tanta satisfação delas que lhas pediu por escrito, prometendo de não tardar em as dar à execução, porquão acertadas lhe pareciam; e com este gosto continuou dizendo-lhe que em todo caso queria que da volta que fizesse pera Espanha, acabado o Concílio, tornasse a Roma. Não diferiu o Arcebispo a este ponto, mas foi prosseguindo nas cousas do Concílio e, pera tomar chegada ao seu escrúpulo, pegou dos pontos da reformação e, depois de encarecer quanto importava pera haver bom successo nela começar a cortar pelas pessoas e casas maiores e de mais dignidade, louvou-lhe com palavras graves e nada lisonjeiras um costume mui acertado que Sua Santidade tinha introduzido de pouco tempo, contra outro que, por errado, extinguiu, o qual, pelo uso e antiguidade, se não estranhava já naquela corte.

— Mas, Santíssimo Padre — acrescentou o Arcebispo —, ùa obra tão santa e de tanta justiça não tem inda sua perfeição. Que, se Vossa Santidade tirou e não consente que os bispos que assistem à sua mesa estejam em pé e descubertos, como em tempos atrás se sofria, que mais razão há pera estarem da mesma forma nas juntas e congregações que se têm diante de Vossa Santidade, como notei nesta última, que durou três ou quatro horas, e todas estiveram em pé quantos bispos foram presentes e com os barretes na mão? Juntando-se outra desigualdade, que pera o meu entendimento faz o caso mais indigno, a qual foi ver no mesmo tempo os cardeais bem assentados e suas cabeças cubertas! Se os bispos, enquanto bispos, são superiores aos cardeais enquanto somente cardeais (porque já deixamos declarado no Concílio que os bispos têm o primeiro lugar da Igreja), em que justiça caberá que os cardeais, que é ùa dignidade instituída somente por autoridade e conselho humano, sejam aventajados, diante de Vossa Santidade, nas honras do barrete e assento, aos bispos, que foram criados por autoridade divina pelo mesmo Cristo, Senhor Nosso, e sucederam no lugar dos Santos Apóstolos? Que razão pode aprovar que, onde os cardeais estão

com tanta honra, fiquem os bispos sem nenhũa, humilhados, e abatidos, e afrontados? Beatíssimo Padre, os bispos, enquanto bispos, são vossos irmãos; como tais hão-de ser tratados.

Ouviu o Papa tudo com atenção, como costumava ouvir o Arcebispo, e no cabo deu-lhe por resposta que o costume era antigo, não invenção sua, assi o usavam seus antecessores, e os bispos não no estranhavam. Como havia ele de fazer novidade em cousa que o tempo tinha tão assentada e corrente?

Não se acovardou o Arcebispo e replicou assim:

— Vossa Santidade, por sua grandeza e benignidade, me tem dado licença que lhe fale livremente nas cousas; nesta estou vendo que, pola pessoa que representa na terra, me manda que com dobrada liberdade me declare, pois a causa é toda de Deus e, se o eu não fizesse, seria grande culpa minha.

Beatíssimo Padre, falando com o devido acatamento e com a verdade e zelo que sou obrigado a esta Santa Sede, isso é claramente *dominari in clero*<sup>1</sup>, cousa que o Apóstolo S. Pedro, cujo sucessor é Vossa Santidade e o será longos e felices anos, não aprova na sua Canónica.

Fora, fora, com essas velhices. E senão dê-me Vossa Santidade licença pera perguntar: se Vossa Santidade assistira no Santo Concílio, que termo havia de mandar ter com os bispos? Não haviam de estar assentados? Claro está que si. Pois não é argumento que convence, de maior a menor? Se lá houveram de estar assentados em acto tão público e congregação universal aos olhos do mundo todo, não é muito mais rezão e justiça que se assentem cá, em ùa particular que Vossa Santidade faz? Parece certo que não tem isto réplica nem dúvida.

Fizeram tanta impressão estas razões no peito do Papa, assi, por sua natureza, inclinada a todo bem e justiça, como pola força delas, que se deu por persuadido e mostrou agra-

---

<sup>1</sup> 1 Ped., 5, 3.

decer o aviso, porque, entrando o Cardeal de Lorena, depois de ido o Arcebispo, deu-lhe Sua Santidade conta de toda a prática e perguntou-lhe seu parecer, o qual foi em confirmação do do Arcebispo, e acrescentando que falara como letrado e como zeloso da honra de Deus e da dignidade episcopal.

Chegou a hora da junta que, como fica dito, estava notificada para a mesma tarde. Entraram os chamados e Sua Santidade, antes de propor a matéria em que se havia de votar, fez uma concertada prática bem digna de um príncipe prudente e temente a Deus, qual ele era, dizendo entre outras cousas que a maior infelicidade que podia acontecer a qualquer governador de uma república era faltar nos súbditos zelo ou confiança para o advertirem e aconselharem, porque não basta, para acertar, haver bom entendimento e bons desejos em quem governa; que muitas vezes succede os que estão de fora, e a quem as cousas não tocam, caírem melhor nos particulares delas que aqueles que com muito conselho e consideração as manejam. Que isto dizia, porque fora advertido de uma sem-razão que corria na corte, que na verdade não ignorava que o era, mas, por estar confirmada com tantos anos que quasi passava por lei, e parecer, por uma parte, que redundava em aumento da majestade da Suprema Cadeira e, por outra, que, sendo permitida de seus antecessores, tão sábios e tão santos pontífices, era um género de demasiada confiança querer ele só emendá-la, a consintira e deixara passar até aquella hora. Mas que eram tão boas as razões de quem o advertira, que fora o Arcebispo de Braga que presente estava, que logo a queria remedear. E declarando-se de todo, mandou aos bispos que se assentassem e, como estiveram assentados, fez sinal que se cobrissem. E assim procedeu e acabou a junta; e ficou para sempre desterrada a mal considerada cerimónia antiga, com grande honra do Arcebispo para em todo tempo que dela se fizer memória.

Todos os bispos que se acharam na junta, em especial os franceses, que eram novos nos costumes da corte e levavam pior aquele, esperaram o Arcebispo na sala, e não se fartavam de lhe dar graças, engrandecendo a obra como

verdadeiramente heróica, e admirados sobremaneira da liberdade que usava e muito mais do fruto que viam seguir dela.

Chegou-se também a ele o Cardeal Alexandrino e, dando-lhe os parabéns, dizia:

— Quem poderá agora com Monsenhor Bracarense, que está vitorioso?

## CAPÍTULO XXIV

*Das honras que o Papa fazia ao Arcebispo e de outra advertência que o Arcebispo lhe fez.*

Convidava o Papa algũas vezes ao Arcebispo a jantar, ãas vezes só, outras em companhia do Cardeal de Lorena, e por mimo e honra particular mandava que ele lhe lançasse a toalha, quando lavava as mãos, antes e depois de comer.

Um dia o mandou chamar para certo negócio em que se gastou a manhã toda, depois mandou-lhe que se ficasse a comer com ele.

O modo era que se punha outra mesa um pouco afastada da de Sua Santidade e nesta comia o Arcebispo. Desta vez mandou Sua Santidade que lha pegassem com a sua, que o queria ter muito junto de si e ouvi-lo de perto. E quasi em todo o tempo que durou a mesa não tratou doutra cousa senão louvar e engrandecer os portugueses, encarecendo aos assistentes seu esforço e valentia e a famosa vitória que no ano atrás haviam alcançado dos mouros de África, no cerco de Mazegão, de que mostrava tevera particular gosto; e dizia que tinha por certo não ser menos liberal o céu de Portugal em criar excelentes engenhos e profundos juízos para todo género de letras e ciências que de ânimos generosos pera as armas. E que bem se vira o exemplo naquele ano, no qual em um mesmo tempo, uns sustentando valerosamente o ímpeto de toda África junta, à viva força de braço e armas corporais fizeram retirar e dar as costas o rei infiel de Marrocos, vencido e desbaratado com grande glória de Portugal

e do nome cristão; outros, com não menos honra e valor, assistiam no arraial de Deus em Trento, ajudando com armas espirituais de consumada ciência e trabalhando com estudo contínuo, por darem perfeita vitória à Igreja Católica, contra os hereges, seus capitais inimigos. Mas que se não espantava, quando punha os olhos nos reis por quem eram governados e a quem serviam, que por todas as idades tinham mostrado tão alto valor nas armas, tanta virtude e zelo na fé, que não era fácil de averiguar em qual se aventajavam mais.

Daqui tomou o Arcebispo ocasião pera se espraiair em um eloquente panegírico dos príncipes que então havia neste Reino, encarecendo com verdade o zelo do serviço de Deus e o amor do culto divino que já resplandecia nos oito anos de idade del-Rei D. Sebastião, o sábio e acertado governo da Rainha D. Caterina, sua avó, que o criava, a grande religião e heróicas virtudes do Cardeal Infante D. Anrique, e a particular afeição que tinha ao serviço da Santa Sede Apostólica.

— Basta — respondeu Sua Santidade — que são príncipes de Portugal, e com esta só palavra fica entendido tudo o que em muitas se não pode bem significar, tão santos, tão devotos, tão amigos de conservarem a Fé em sua pureza e de a dilatarem foram sempre seus pais e avós. E esta é ùa das excelências que um varão douto e bem versado nas antiguidades notava nesse vosso Reino. Em quatro (dizia ele) que achava era Portugal único, cada ùa muito de estimar e todas provadas polos livros. Primeira, que de toda Espanha e França e dos mais reinos cristãos da Europa fora o primeiro que recebera a santa Fé. Segunda, que, depois de recebida, nunca mais a largara nem perdera, antes a conservara sempre tão inteira e pura que nenhũa nação do mundo a zelava nem defendera nunca com mais constância. Terceira, que não houve gente que a mais longes terras levasse a pregação do Evangelho. E a última, a que se não sabia, que jamais portugueses se houvessem levantado ou tomado armas contra seu rei legítimo. E do que mais particularmente dizeis do Cardeal D. Anrique sou eu boa testemunha, que, sendo



cardeal, corri com ele em muitos negócios e experimentei em todos o que dele afirmais e ainda hoje, neste estado, lhe enxergo a mesma inclinação e bondade nos que se oferecem.

Era manjar d'alma o que o Arcebispo tinha nestas práticas, muito mais saboroso pera ele que todos os que vinham à mesa. E desejando mostrar-se grato a tantos favores de Sua Santidade, pareceu-lhe que tinha bastante matéria no grande número de vasos de prata que ali via, considerando que havia prato que podia ser casamento de ùa órfã, e outro que podia bem vestir muitos pobres, e notando com mágoa que só o ouro dos dourados, que já estava perdido, pudera matar a fome a muitos miseráveis a quem tomava a noite sem cea, e às vezes sem jantar.

Era esta sua ordinária teima e invectiva contra os bispos que se serviam com prata; e não admitia a desculpa que davam que era serviço que durava toda a vida e gasto feito por ùa vez e, na hora da morte, ficava pera satisfação de criados e dívidas miúdas, que sempre havia nas casas grandes. E afirmava que não podia haver razão que abonasse tamanha sem-justiça como era, em terras cheas de pobreza e de necessidades de próximos urgentísimas, resplandecerem os aparadores do prelado com aquela riqueza ociosa. Sabia ele como já o Pontífice tinha notícia desta sua paixão, fez conta que pequeno remoque bastaria pera quem estava advir-tido e tinha o engenho esperto. E, tomando ocasião de um fermoso vaso dourado que veio à mesa:

— Temos — disse — em Portugal um género de baixela que, com ser barro, se aventaja tanto à prata em graça e limpeza, que aconselhara eu a todos os príncipes (se um pobre frade pode fiar de si dar conselho) que não usaram outro serviço e desterraram de suas mesas a prata. Chamamos-lhe em Portugal procelanas, vêm da Índia, fazem-se na China. É o barro tão fino e transparente que as brancas deixam atrás os cristais e alabastros, e as que são variadas de azul enleam os olhos representando ùa composição de alabastro e safiras. O que têm de quebradiço recompensam com a barateza. Podem-se estimar dos maiores príncipes por delícia e curiosidade, e por tal se têm em Portugal.

Não passou por alto ao Papa o tiro do Arcebispo e bem notou onde apontava com a tenção; e, dissimulando, disse-lhe que tevesse lembrança, quando se visse em Portugal, de dizer ao Cardeal Infante, seu amigo, lhe mandasse destas porcelanas que, como as tevesse, daria de mão à prata.

Contou o Arcebispo esta história ao embaixador, que teve cuidado de avisar ao Cardeal; e dentro de poucos dias estavam em Roma grande número de porcelanas de toda sorte, com que Sua Santidade mostrou muito gosto, e partiu com cardeais e outras pessoas, e ficou com serviço bastante pera muitos dias.

## CAPÍTULO XXV

*Apresenta o Arcebispo a Sua Santidade apontamentos de reformação das pessoas dos prelados maiores, e dá-se conta da familiaridade que teve com alguns em Roma, e como era estimado deles.*

Desd'o tempo que no Concílio se começou a tratar da reformação pessoal dos eclesiásticos, foi opinião constante do Arcebispo que, pera ser de efeito e dura, havia de ser universal, começando polas cabeças, que eram os Cardeais, e daí, decendo por todos os prelados, porque então se poderia com muito ânimo e justiça cortar polos membros inferiores. E foi fazendo com consideração e muito estudo uns apontamentos contra as demasias de gastos e faustos desnecessários de suas pessoas e casas, e dando meios e traças pera se cercearem, com razões cheias de zelo e verdade cristã, parte das quais tinha declarado em Trento, a primeira vez que na matéria se votou, como atrás fizemos menção.

Estes mostrou em Roma a muitos cardeais e depois, pera inteira satisfação de sua consciência, procurou que Sua Santidade os quisesse ver. E um dia que teve licença sua lhos leu, e Sua Santidade os ouviu muito devagar e mostrou satisfazer-se deles, dizendo-lhe em confirmação do que sentia que soubesse de certo estava determinado a cortar e reformar em sua pessoa, casa e família, e no que tocava ao officio pontifical supremo, tudo o que lhe parecesse razão e sua consciência lhe dictasse.

E entrando pola casa o Cardeal Carlos Borromeu, Arcebispo de Milão, seu sobrinho, chamou-o e, tomando-o pola mão, disse pera o Arcebispo:

— Bracarense, aqui vo-lo entrego, este há-de ser o primeiro que me haveis de reformar.

E não o disse a surdo, que, segundo a boa natureza deste santo Cardeal e a estreita amizade que travou com o Arcebispo desde o dia que entrou em Roma, se tivera necessidade de reformação, ninguém de melhor vontade a aceitara do Arcebispo que ele.

Assi, a ele primeiro que a todos comunicou o Arcebispo as traças da reformação e o Cardeal as aprovou muito e, lendo nelas o fervor de espírito e amor de Deus e da Igreja, do autor, se lhe afeiçoava cada vez mais, e assi o acatava e reverenciava como fizera a um dos prelados da primitiva Igreja; e eram bons penhores disto que, sendo anexa a todo poder e mando impaciência de companhia, em lugar de se ressentir dos favores que o Pontífice lhe fazia, e de o ver tirar oráculos e passar portarias em negócios seus e alheos, enxergava-se-lhe em obras e palavras levar gosto de que Sua Santidade o estimasse e honrasse. E acontecia-lhe metê-lo consigo no aposento que tinha em palácio, e comunicar-lhe e despachar com ele todos os negócios importantes que por sua mão corriam. E outras vezes dava-lhe conta de sua alma, e de sua vida e exercícios, que já então eram de santo, pedindo-lhe lições e regras pera se dar a Deus de todo ponto, e gastando nisto muitas horas. Crecia o amor com a comunicação, porque cada dia ia descobrindo um no outro cousas que os obrigavam a se amarem mais.

Três vezes convidou este Cardeal o Arcebispo a jantar nos poucos dias que se deteve em Roma, não por curiosidade nem ostentação, mas só pera tratar com ele matérias de espírito, e receber lições de como se governaria no meio de tantos negócios como manejava (que eram todos os da Cristandade), sem ofensa de Deus, sem agravo dos próximos, sem prejuízo da consciência, e sem perder de seu recolhimento.

Admirava-se o Arcebispo e edificava-se juntamente de ver a religião e abalizada virtude que achava em um cardeal mancebo, nobre, rico, que, posto na maior grandeza e na mor liberdade que o mundo podia dar, cobria com a púrpura cilícios, penitência, aspereza, exercícios de oração e contemplação, e um espírito tão puro, que se lhe representava um anacoreta dos mui perfeitos da Tebaida. E, alegre de o ver tal, animava-o e exortava-o a mais perfeição, lembrando-lhe quão fermoso esmalte faz a verdadeira virtude no ouro da maior dignidade e do sangue mais illustre.

— Realça — dizia — a púrpura, toma novo lustre a nobreza. Que, se essa virtude, só per si, é mais fermosa que o ouro mais fino e como sol lança de si raios de luz que a fazem amar e estimar, que scrá sendo tão bem acompanhada?

Era isto dar asas a quem por si corria. E todavia se afirma que não foi pequena parte pera este Santo chegar aos estremos de perfeição a que despois sobiu a doutrina que recebeu na conversação do Arcebispo. E não parecerá atrevida esta linguagem a quem com atenção ler fã carta do mesmo Santo para o Arcebispo, que adiante poremos em outro propósito <sup>1</sup>.

Quasi todos os mais cardeais que havia na corte procuravam conhecer e tratar de perto o Arcebispo; muitos o convidaram e festejaram em suas casas, e todos lhe faziam honras e cortesias com excesso, sem embargo de sabermos que era ele o que gritava por reformação em suas pessoas e casas. Tanto valia o conceito que tinham de sua virtude, que não podiam acabar consigo torcerem-lhe o rosto ou estranharem-se com ele.

O Cardeal Alexandrino se lhe afeioou na primeira vista, ambos de um hábito, ambos espirituais e reformados. Facilmente se juntam os que se acham entre si semelhantes, como diz o provérbio. Muito o respeitava e muito folgava de o tratar, mas como o tempo de sua estada em Roma foi tão curto

---

<sup>1</sup> Livro V, cap. XXIV.

que não passou de dezessete dias, só um teve pera se lograr dele; no qual, achando-o em boa ocasião, lançou mão dela e levou-o a jantar consigo no seu aposento que também tinha no sacro Palácio.

Outro Cardeal lhe mostrava grande benevolência e, ou fosse querer-lhe fazer honra ou mostrar grandeza, convidou-o um dia, e deu-lhe um esplêndido banquete, em número e variedade e preço de iguarias. E sobre mesa, outro não menos rico de vista de peças peregrinas em curiosidade e valia, de que tinha a casa cheia: estátuas antigas de mármore finos, lavradas por excelentes artífices, pinturas de mãos insignes, medalhas de todos os metais, de emperadores, cônsules e capitães, das que mais celebradas são dos estudiosos de antigualhas. Em cada cousa fazia o Cardeal ãa crónica, notando, gabando, encarecendo e revolvendo antiguidades. No cabo, depois de cansado, e contente de lhe parecer que tinha o Arcebispo pasmado com aquele tesouro, que ele por tal estimava ou venerava, disse-lhe o Arcebispo:

— Parece-me, Senhor, que já em espírito via o Apóstolo estes mármore e estas curiosidades quando, escrevendo a Timóteo, disse: *a veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur* <sup>2</sup>. Deixarão os homens de ouvir as verdades que importa saberem pera sua salvação e entregar-se-ão a celebrar patranhas e fábulas dos gentios.

---

<sup>2</sup> 2 Tim., 4, 4.

## CAPÍTULO XXVI

*De algũas graças de importância que Sua Santidade  
concedeu ao Arcebispo em favor de partes.*

Quanto estas honras eram maiores tanto mais violentado se sentia o Arcebispo em Roma. Tinha as honras por carga; e o ver-se mimoso e festejado em casa alheia por cativo. Assim, procurava dar fim aos negócios encomendados do Concílio e aos particulares de sua Igreja, mas por não ser molesto, ainda que tinha as licenças largas e estava os mais dos dias com Sua Santidade, ia-se despachando pouco a pouco, e tratando das cousas por estilo de bom cortesão, segundo se ofereciam as ocasiões.

Foi um dia à tarde ao Castelo de Sant'Angelo, onde soube que o Pontífice fora jantar com o Cardeal de Lorena e outros cardeais, e deixou-se estar na sala enquanto estavam recolhidos. Saiu Sua Santidade para fora, viu o Arcebispo e disse-lhe:

— Bracarense, como não viestes hoje ser meu hóspede?

Respondeu o Arcebispo rindo:

— *Quia non fui vocatus ad nuptias.*

Tornou o Pontífice com muita afabilidade (palavras formais):

— Não vos aceito a escusa, porque eu vos hei por convidado contínuo. Vinde jantar comigo todos os dias, sempre, sempre.

Estando depois ouvindo o Arcebispo, chegaram-se uns requerentes, com esperança que em dia alegre e diante de

tão honrados hóspedes, teria sua causa bom despacho; e fizeram sua instância. O caso era que viviam de representar comédias, as quais Sua Santidade tinha proibido porque se iam desmandando em histórias lascivas e passos pouco honestos; e havia dias que requeriam nova licença, sem lhes defirir.

Disse-lhes o Papa benignamente que os remetia ao Bracarense que presente estava, que com ele corressem e, se ele desse licença, representassem embora.

Foram-se cheios de alegria, mas durou-lhes pouco, porque, informando-se em casa do embaixador da condição do Arcebispo, tais novas acharam que não se atreveram com ele, e houveram por melhor partido guardar o requerimento pera outro tempo, temendo mais dano do que padeciam.

Melhor sucedeu a uns espanhóis que havia dias continuavam na corte sobre dispensações matrimoniais. Estava Sua Santidade resoluto não dispensar em segundo grau de consanguinidade. Estes não pretendiam outro. Tinha-se declarado com eles por algũas vezes e, sendo desenganados e despedidos, como eram de tão longe e não tinham o remédio em outra parte, deixavam-se estar, esperando algũa boa hora. E todas as vezes que Sua Santidade saía fora não perdiam ponto: apareciam-lhe, lançavam-se por terra, diziam suas lástimas, mas nada lhes valia.

Um dia que o Arcebispo comeu com Sua Santidade em companhia do Cardeal de Lorena, deceu Sua Santidade com ambos abaixo pera mostrar ao Cardeal as obras que se faziam em Belveder. E sobre elas travou de novo e teve graças com o Arcebispo, que todavia não queria aprovar despesas de pedra e cal, e chãmente o dizia. Teveram rebate os espanhóis que Sua Santidade andava fora, acudiram todos juntos. Põem-se de joelhos e, voz em grita, começam a pedir misericórdia. Enfadou-se o Papa, mandou que dessem recado ao governador que os fizesse lançar nas gaiés. Não tinha o Arcebispo notícia do que havia precedido, pareceu-lhe crueza o que via, ficou cheio de espanto e compaixão e, não podendo acabar consigo ter silêncio em tal passo, sem meter tempo em meio, chegou-se a Sua Santidade e, com toda humildade:



— Beatíssimo Padre — disse —, isto são ovelhinhas de que Vossa Santidade é pastor. Se no pastor acharem as ovelhas esquivança, quem lhes há-de valer, onde não-de achar brandura? Aqui se há-de enxergar o sofrimento, aqui o amor de pai. Não consinta Vossa Santidade que se vão de sua presença desconsolados. Bem se disse: *Patientia lenietur princeps et lingua mollis confringet duritiam*<sup>1</sup>.

Virou o Papa pera ele todo trocado e, como corrido da cólera que mostrara, disse sorrindo-se:

— Bracarense, eu vo-los remeto e vos dou minha autoridade em seu despacho. Lá vos avinde com eles e com vossa consciência, que sobre ela descarrego a minha.

E pondo os olhos nos requerentes, que estavam finados de medo, disse-lhes:

— Acudi ao Bracarense, que ele vos despachará.

Assi foram aviados brevemente e com novo género de dispensação, que foi penitência no corpo e nenhũa na bolsa. Viu o Arcebispo as petições e os casos de cada um com consideração, e no dia seguinte disse a Sua Santidade que os podia mandar dispensar com penitência de assistirem certos domingos à porta de suas igrejas, pés descalços, e cabeças descubertas, e velas acesas nas mãos, enquanto se cantasse a missa do dia.

Mandou Sua Santidade que nesta forma fossem despachados e assi se declarasse nas bulas, sem mudar nem alterar cousa das que o Arcebispo apontou. E ainda que os impetrantes tomaram antes satisfazer a pena com dinheiro, pera o que vinham apercebidos, e fazendo-se-lhes de mal a penitência e vergonha pública, intentaram recurso. Em fim, como não viram outro remédio, aceitaram suas letras que lhe foram expedidas por portarias do Arcebispo.

Publicou-se pola corte a valia do Arcebispo com o exemplo dos casos referidos. Iam-se a ele todos os necessitados, pediam-lhe sua intercessão. Como era tão piadoso, quando entrava em palácio, levava após si mais partes

---

<sup>1</sup> Prov., 25, 15.

que os mesmos datários. E ainda que se assombrava com se ver buscado e estimado das gentes, que já lhe parecia género de vaidade e tentação, não lhe sofria sua condição lançar de si os que representavam pobreza, e se o que pediam era cousa em que não sentia escrúpulo, intercedia por eles com muita eficácia. E era cousa de ver o gosto e brandura com que o Papa se deixava vencer de suas razões. Em ouvindo ao Arcebispo que sem escrúpulo podia conceder a graça, no mesmo ponto, com a boca cheia de riso, respondia:

— Pois assi vos parece, nós somos contentes. *Fiat*.

E estava já tão notória e corrente na cidade esta privança do Arcebispo, que bastava mostrar-se portaria sua do oráculo que alcançava de Sua Santidade (chamam em Roma oráculos às resoluções ou mandatos que os Pontífices dão de palavra, usando melhor do vocábulo do que faziam no tempo da gentildade, que significavam com ele as mintirosas repostas do inferno), digo que bastava sua portaria pera se passarem logo as bulas na Dataria, tão sem escrúpulo como se fora de mão de qualquer dos sobrinhos do Papa.

Com a mesma prontidão acudia a outras obras pias, como lhe constava não haver nelas escrúpulo, inda que os suplicantes não fossem pobres.

Entre estas teve lugar a expedição das letras da igreja de Manzedo, que, como atrás fica dito, tinha unido ao Colégio dos Padres da Companhia de Jesu, de Braga, as quais pediu a Sua Santidade lhe mandasse despachar de graça. E Sua Santidade lho outorgou alegremente, repitindo com muita graça *Omnia gratis, omnia gratis*, que quer dizer: tudo de graça, tudo de graça. E soube-se que houveram de custar aos Padres, conforme às taxas da Dataria, mais de mil e quatrocentos cruzados, se faltara este favor.

## CAPÍTULO XXVII

*Pede o Arcebispo a Sua Santidade que lhe aceite renúnciação do arcebispado; não lha aceitando, pede-lhe algũas graças de importância pera bom governo de sua Igreja e alcança todas.*

Vendo o Arcebispo como tinha lançado bastantes fundamentos pera poder intentar qualquer grande requerimento com Sua Santidade, sem receio de ficar frustrado, pareceu-lhe tempo de não dilatar mais a cabeça de todos os que a Roma o levaram e que só lhe tirava o sono.

Foi-se ãa manhã a Sua Santidade e, depois de tratar algũas cousas de menos sustância, falou-lhe desta maneira:

— Até'gora, Santíssimo Padre, tratei de negócios comuns, ora do Concílio, ora de partes, ora da minha Igreja. Agora, Senhor, é tempo de tratar de mim. Que razão é, pois por singular mercê e favor de Vossa Santidade valeu a tantos e em tantas cousas o meio de minha intercessão, a mim me não falte em ãa só que pretendo. É ãa só, e em si muito pequena, se bem pera mim é a maior e de mais estima que de presente pode haver na terra. Porque, se as cousas são grandes ou pequenas segundo a medida do desejo com que se buscam, não só é grande esta, mas grandíssima. É tal, Senhor, que a esperança dela me sustenta a vida e me facilitou o caminho de Portugal a Trento, e de Trento a esta cidade, e essa só me detém nela até hoje. Mas dou muitas graças a Deus que, sendo pera mim tamanha como digo, é tão fácil e tão livre de escrúpulos pera Vossa Santidade,

que, sem estirar as leis nem alterar o curso das cousas, e ainda sem nenhum género de dispensação, me pode fazer assinalada mercê. Que mor dita pera um príncipe que poder enriquecer muito, e a pouco custo, os súbditos que ama? Assi, venho persuadido e confiado que levarei destes pés toda minha consolação.

Escutava o Pontífice com silêncio e estava suspenso, esperando onde ia parar a novidade e eficácia destes preâmbulos. E o Arcebispo, prosseguindo:

— Eu, Senhor, — dizia — entrei na Religião minino, criei-me nela sem nenhum conhecimento do mundo nem do governo dele. Não sei por que mau fado meu (falemos um dia como seculares) me foram tirar dos claustros e de sobre os livros, e pera arcebispo, eleição tão fora de razão e de caminho, que, todas as vezes que nela cuido, tenho grande lástima das consciências dos que me elegeram, e muito maior da minha, e de mim que a aceitei. Bem é verdade que me alivia muito a resistência que fiz e ãa lembrança que, se aceitei, foi forçado e compelido por obediência de prelado, que o era meu. Mitra me puseram na cabeça, e o peso do monte Apenino inteiro sobre o coração. Isto foi o que senti o primeiro dia; mas o que passa dentro em mim, depois que fui vendo e conhecendo de perto a carga que tomei nestes ombros, o que depende de mim, o de que me obriguci a dar conta a Deus e a Vossa Santidade, não sei como o deciare, senão for com dizer que bem e acertadamente fez o outro monge que antes escolheu fogir da Religião que arriscar-se a ser prelado <sup>1</sup>. Que sirvam as igrejas e as governem aqueles que pera isso têm talento e experiência, tal seja minha vida; mas que se busquem pera elas homens sem nenhũa destas partes é grande temeridade dos eleitores e igual risco dos eleitos. Não é a mesma cousa letras de Teologia e ciência de governar. ãa e outra cousa se aprende, e não se sabe senão o que se aprende e estuda. A minha Teologia estudei com cuidado, dela saberei dar conta. Do que

---

<sup>1</sup> Cassiano, Coll. 20, Cap. I.

não aprendi, como hei-de querer ser mestre? Em matérias de governo confesso chãmente e declaro-me, Beatíssimo Padre, e descarrego-me com Vossa Santidade que sou idiota e de todo ignorante e, conhecendo-me por tal, aqui, nas mãos de Vossa Santidade, deponho a mitra e lhe encarrego a consciência que a ponha sobre melhor cabeça. E, pois Vossa Santidade tem aceitado meu parecer em cousas de muita importância, obrigação tem de cuidar que o não enganarei nesta, que está tanto à sua conta como todas as mais; e eu, ainda que sou parte, digo nela como nas outras, livremente, o que sinto.

Quisera-o o Papa atalhar, tanto que lhe alcançou a tenção, mas ia o Arcebispo tão enlevado no que dizia e falando tanto da alma, que o foi sofrendo; e enfim, não pôde mais esperar e cortou a prática secamente, havendo que era género de culpa e consentimento em tal matéria ouvir razões nela; e assi o desenganou que nunca, enquanto vivesse, lhe consentiria largar a Igreja; que a governasse com o cuidado e diligência que fazia, e não tratasse doutra cousa.

Replicava o Arcebispo e começava apontar novos inconvenientes, mas o Papa, por lhe não dar mais orelhas, como em cousa fora de toda razão, cerrou com sentença de golpe e mandou-lhe por obediência que naquele particular lhe não falasse mais palavra.

Apartou-se o Arcebispo desconsolado, e ficou o Papa igualmente confuso e compungido de sua linguagem e humildade, e notando por maravilha prodigiosa a pouca estima que fazia de si, do estado, da renda e dignidade, cousas tão prezadas no mundo e tão cegamente buscadas de todos.

Desd'aquella hora foi logo o Arcebispo imaginando não parar mais em Roma e dar as costas a favores e honras que, valendo-lhe pera negócios alheos, nos próprios lhe não eram de proveito. Apontou brevemente em um papel algũas cousas que lhe pareceu seria bem levar negoçadas, sobre as que já tinha despachado, pera melhor governo de sua diocesi. Com este memorial tornou ao Papa dizendo que, pois Sua Santidade não fora servido de livrar de tamanha carga a quem era tão pouco pera ela, lhe fizesse mercê de lhe con-

ceder algũas graças que tinha imaginado poderiam ser meio de a levar com mais alento e menos escrúpulos de consciência.

Mandou-lhe Sua Santidade ler o memorial e esteve-o ouvindo até o cabo, edificado de ver que nenhũa cousa pedia nem propunha que cheirasse a carne e sangue. Tudo eram lanços pera bem das almas e em favor dos pobres. E dizia ele que este nome de pobres quadrava mui ao justo à maior parte dos seus diocesanos, porque, ainda que não eram dos que pediam por portas, eram tantos em número que, morando por montanhas e serras asperíssimas, ainda assi era a terra estreita pera eles e viviam com trabalho e muito miseravelmente.

Não fez o santo Pontífice dũvida em nenhũa cousa das que lhe pediu, sendo muitas. Algũas diremos pera que se veja a confiança que dele fazia.

Concedeu-lhe que pudesse absolver no foro da consciência de certos casos reservados à Sé Apostólica, e dispensar em alguns impedimentos ocultos de consanguinidade, e de crime, e de parentesco espiritual, como se não pudessem provar no foro litigioso, e em primeiro grau nos impedimentos por afinidade; mas tudo no foro interior somente. E porque acontecia ser necessário ele ou seus ministros mandarem algũas vezes aos eclesiásticos com pena de suspensão das Ordens, e alguns, depois de incorridos na pena, celebravam ou por inadvertência ou por ignorância crassa, ou por serem pouco versados em semelhantes matérias, por onde, *ipso facto*, ficavam irregulares e, polo conseguinte, sojeitos a pedir a dispensação ao Papa, porque esta ninguém senão ele a podia dar, concedeu-lhe Sua Santidade que pudesse dispensar neste ponto, que foi ãa graça mui desacostumada, e que o Arcebispo estimou sobremaneira, pera remédio de sacerdotes idiotas e pobres, aos quais o ir a Roma e o mandar era igualmente dificultoso, e a muitos impossível.

Usava ele depois deste poder em favor dos delinquentes, mas com tal aviso e dissimulação que nunca se lhe entendeu que o tinha. Assi, as censuras em seu tempo eram temidas

(como é razão entre gente católica) e os transgressores eram remediados como filhos.

Alcançou mais de Sua Santidade que, procedendo contra ele qualquer juiz eclesiástico com censuras, por casos que muitas vezes sucedem com as religiões militares, e regulares, e colégios e outras comunidades que têm seus conservadores imediatos ao Papa, logo pudesse absolver-se delas, *in utroque foro*, por qualquer confessor que escolhesse.

Com a mesma facilidade impetrou um jubileu pleníssimo perpétuo pera todos os que se confessassem e comungassem em seu arcebispado em cinco festas do ano ou em seus oitavários. As festas eram: Natal, Páscoa, Pentecoste, Assunção de Nossa Senhora e Dia de Todos os Santos. Esta indulgência pediu e alcançou despois pera o arcebispado de Lisboa o Cardeal D. Anrique, sendo prelado dele.

Não falta quem afirme que ofereceu o Papa ao Arcebispo dispensação graciosa pera usar roxete e murça e que ele a enjeitou polo amor que tinha ao hábito de S. Domingos, a quem se confessava devedor de tudo o que tinha de letras e dignidade.

## CAPÍTULO XXVIII

*Despede-se do Pontífice pera tornar pera Trento.*

*Contam-se alguns favores particulares  
que Sua Santidade lhe fez na despedida.*

*Sai de Roma e chega a Assis.*

Doze dias havia que o Arcebispo estava em Roma e pareciam-lhe outros tantos anos. E como tinha arrematado os negócios que o levaram a ela, inda que no principal ficara o feitiço perdido, picava-o já o escrúpulo de estar ausente do lugar da batalha e do trabalho, digo de Trento, onde podia ser de proveito e, sobretudo, ardia em saudades da sua liberdade e vida monástica ordinária, desejando ver-se já onde tomasse vingança de tanta vaidade e tanta delícia como cursara em Roma.

Antes de dizer nada a Sua Santidade pediu-lhe licença pera correr as sete igrejas, e juntamente ãa indulgência plenária pera si e pera os seus, que lhes fosse ocasião de cumprir a devação com mais fruto espiritual. Deu-lha Sua Santidade e, por lhe fazer mais favor, mandou que lhe fossem mostradas todas as reliquias que há nestas igrejas, que, se as houvera de ver no tempo que é costume mostrarem-se, havia mister esperar quasi um ano.

Visitou o Arcebispo as igrejas em companhia do Cardeal de Lorena, começando de S. Pedro em Vaticano e acabando em S. Paulo fora dos muros. E logo no dia seguinte foi ao Papa, pediu-lhe licença e sua santa bênção pera se tornar



ao Concílio. Era presente o Cardeal de Lorena, que também andava de caminho, e queria que tornassem juntos.

A sua instância, respondeu Sua Santidade ao Arcebispo que seria bem esperasse polo amigo e companheiro com que viera. Repliou o Arcebispo que não se atrevia com tal companhia e, cobrindo com razão cortesã e verdadeira as que mais o obrigavam, como atrás contamos, acrescentou que o Cardeal caminhava em ãa mula que voava como águia e a sua não na podia aturar.

— Não seja essa a dúvida — tornou o Papa — . Eu vos darei ãa mula que também é águia. Deixai-vos estar.

Assi o despediu e, logo à tarde, lhe levou um estribeiro a mula. Era russa pomba, e mui bem feita e bem merecedora do nome de Águia que sempre lhe ficou, porque, na verdade, no passeio não tinha igual, e por tal, quando Sua Santidade fazia caminho fora de Roma, não cavalgava noutra.

Passados dous dias, tornou a Sua Santidade com algũas razões que havia de novo, por onde lhe convinha tomar a dianteira ao Cardeal e não tardar, mas não lhe valeram.

Ao outro dia que tornou a instar, disse-lhe:

— Bracarense, em todo caso me tornai a ver pola manhã, que ainda temos que falar.

E em fim, polo contentar, disse que lhe dava licença, mas quando o Arcebispo foi, sobre tarde, pera lhe beijar o pé, por última despedida, achou-se enganado, porque Sua Santidade, com a sua boa sombra costumada:

— Inda — disse — vos não hei por despedido de todo, inda vos quero tornar a ver pola manhã, com vosso companheiro, que há cousas que convém comunicarmos juntos pera ficar mais quieto.

Na manhã seguinte, saiu o Papa de sua câmara, acompanhado de toda a corte, e foi visitar o Cardeal de Lorena ao seu aposento, que era dentro no sacro Palácio, como temos contado. Foi honra pública, e desacostumada, e feita com muita solenidade. E com ele esteve largo tempo, sem ficar dentro, de todos os que o acompanharam, mais que o Arcebispo. E esta tarde gastou Sua Santidade quasi toda com o Arcebispo, e ultimamente lhe lançou a bênção, e o despediu

com tantos abraços e significações de verdadeira afeição que se deixou bem entender que o fora a que até ali lhe mostrara; e antes que de todo o largasse, tirou um anel do dedo e disse-lhe que o levasse em seu nome e em penhor de amor e lembrança.

Aos dezesscis de Outubro, dia imediato ao em que se despediu do Pontifice, foi pola manhã cedo dizer missa a Nossa Senhora do Populo, mosteiro da Ordem de Santo Agostinho, onde está a sepultura do famoso Cardeal português D. Jorze da Costa, natural do lugar de Alpedrinha, na Beira, de cujo valor e autoridade temos notáveis memórias neste Reino, do tempo dos Reis D. Afonso V e D. João II, que suas Crônicas contam e as histórias pontificais apontam.

Dita missa, seguiu os seus que tinha mandado diante, e foi tal a madrugada e o bom picar que foi dormir a Burgheto, que são nove léguas de Roma, na estrada de Nossa Senhora de Loreto, cuja santa casa quis visitar antes de sair de Itália.

A segunda jornada andou outras nove léguas a Espoleto, que o gosto de se ver livre de Roma lhe fazia apertar o passo de maneira que a Águia levava assas.

O terceiro dia passou a jantar a Montefalcon, onde viu o corpo de Santa Clara, chamada de Montefalcon, a diferença da grande discípula do Patriarca S. Francisco.

Faleceu esta Santa no ano de mil e trezentos e oito, e está hoje tão inteira em todos seus membros como o dia que faleceu, e assi lhe meneam os braços e levantam as mãos e lhas abrem e cerram, como a ãa pessoa viva. Maravilhas que obra o Senhor em Seus Santos!

Daqui caminhou pera Assis, pátria do glorioso S. Francisco, e chegou às três horas da tarde, visitando de caminho a célebre casa da Porciúncula, que fica de Assis obra de ãa milha de distância. Antes de entrar na cidade se apeou, não esquecido do estilo costumado e, com seu companheiro, se foi a um mosteiro dos quatro que os Padres Menores têm nela e, com humildade, pediu gasalhado por amor de Deus pera dous religiosos que passavam seu caminho, só por aquela noite.

Mandou-o recolher o guardião e agasalhar com toda a caridade que nesta seráfica Ordem florece, como morgado em que não pode haver quebra, deixado por seu Santo fundador, que quis que seus filhos não possuíssem nada pera saberem dar tudo e ser senhores de tudo; que só é verdadeiro senhor da fazenda quem a sabe dar e repartir. Escravos são dela os que a fecham e entesouram. Foi levado ao refeitório com alegria de todos, e com a mesma lhe poseram diante tudo o que havia em casa, que eram uns ovos, e ervas, da horta, e algũa fruita do tempo.

Aqui se achou o Arcebispo em seu centro, e bem vingado das superfluidades de Roma, tanto na mesa como na cama. A mesa foi qual temos dito, a pedir por boca, como dizem, pera o que vinha desejando. A cama, inda que lha deram como as do convento, e em boa cela, bastante pera passar o frio da noite, que já se fazia sentir bem rigoroso, teve muita vantagem à cea, porque, lembrando-se dos exercicios em que naquela casa e igreja passava noites inteiras o seráfico Pai dela, não pôde acabar consigo, fua só que ali havia de ter, passá-la em cela e entre mantas. Isto sabemos que a levou toda no coro, inda que cansado de três dias de caminho.

Do que mais passou não houve testemunhas, mas bem é de crer que quem fugia do repouso do leito e abrigo da cela, em noite fria e em casa santa, seria pera ferir fogo de ardente oração, depois de larga disciplina, que é excelente meio pera adoçar o espirito e afervorar a oração, pois sabemos que este era seu costume todas as vezes que tinha lugar a propósito, como este era.

Desejava exclamar, à vista deste exemplo, contra o medo que nesta idade temos à penitência e a um pouco mais de trabalho, mas não me atrevo a dizer nada, quando a vida deste religioso varão dá vozes e brada tão alto que não podem nenhuns escritos igualar-se com elas, inda que saíram do estudo de um Crisóstomo. E, na verdade, o certo é que *qui Moysem non audiunt neque siquis ex mortuis resurgat, audient*<sup>1</sup>. Quero dizer que quem não tiver respeito e tornar

---

<sup>1</sup> Lc., 16, 31.

em si com um acto de tanta edificação como este e outros muitos que nesta história nos oferece o Arcebispo, de verdadeiro religioso, menos o terá a nossas exclamações. Somente cerraremos este capítulo com dizer que se o escrever vidas de Santos e ler por elas, não há-de servir pera nos compungir e emendar, ocioso é o tempo da lição e muito mais ocioso o trabalho da escritura. Que os Santos não hão mister a glória de nossa pena, só querem a de Deus e estimarão muito a que a Deus daremos, se à sua imitação composermos nossas vidas, que pera isso querem que se escrevam as suas.

## CAPÍTULO XXIX

*Parte o Arcebispo de Assis, passa a Nossa Senhora do Loreto e entra em Trento.*

Com o aparelho que acabamos de contar de noite tão bem gastada, disse o Arcebispo sua missa sobre o corpo do seráfico Santo. Que missa seria em tal lugar e com tal prevenção! Disse-a de madrugada, e depois dela lhe mostraram o convento e as relíquias que há nele.

É o edifício forte e fundado de paredes grossas e dobradas, que querem arremedar fortaleza belicosa, mais que casa de penitência. Dos quatro que há na cidade só este é de claustrais e nele se guarda a preciosa relíquia do corpo do Santo. Tem fermosa vista sobre a grande várzea que chamam Vale Espletino, maravilhoso em frescura e fertilidade, que toda se descobre dos eirados.

Visitou o Arcebispo a igreja de S. Damião, que é fora da cidade. Nesta igreja falou o Crucifixo ao Santo e lhe disse as palavras que se escrevem em sua Crônica: *Vade, repara domum meam*. Palavras que todos seus filhos devem trazer escritas no coração, havendo que não foram menos ditas aos filhos que ao pai, nem obrigam menos a eles do que a ele obrigaram.

O Crucifixo se guarda no mosteiro de Santa Clara e aí o viu o Arcebispo; e viu mais dous hábitos que lhe mostraram, do Santo, um deles de um burel como picote, outro de lã mais grosseira, da cor do pano que usam nas capas os religiosos de S. Jerónimo.

Mostraram-lhe o cilício do Santo e o de Santa Clara, e os breviários de ambos; e o couro ensanguentado que o Santo trazia sobre o lado aberto, e ãa corneta de marfim que o Soldão do Egipto deu ao Santo quando foi pregar à sua corte, a qual lhe servia de convocar os infiéis à pregação; e ãas tabuletas com que fazia sinal de silêncio pera ser ouvido; memórias bem dignas de estima e veneração. Juntamente lhe mostraram uns sapatos que o Santo usava depois que Cristo Nosso Senhor lhe imprimiu Suas santas chagas.

Daqui foi o Arcebispo em três dias a Loreto, passando Forli, Macerata e Recanate, três cidades episcopais.

Em Macerata achou o Cardeal de Trento, que andava apercebendo festas e representações pera o Cardeal de Lorena, que esperava, bem antevistas do Arcebispo que, por fogir delas, lhe furtou o corpo e se adiantou.

Neste ditoso lugar do Loreto está hoje aquela milagrosa câmara em que a Virgem Maria Nossa Senhora naceu, e foi visitada do Anjo, e concebeu em suas puríssimas e virginais entranhas o Filho de Deus. Foi trazida a este sítio por mãos de Anjos que de Nazaré a passaram a Dalmácia, hoje dita Esclavônia, junto a ãa pequena aldea chamada Tersactum, ribeiras do Mar Adriático, da jurdição de outro lugar pouco maior, que se dizia Flumen <sup>1</sup>. Depois, no ano de 1294, a 10 de Dezembro, no pontificado de Bonifácio VIII, apareceu em Itália, nesta comarca de Recanate, posta em meio de ãa defesa de certa mulher chamada Laureta. Daqui fez terceira mudança (segredos do Céu!) pera outro sítio de um outeiro, que era herdade de dous irmãos, onde esteve algum tempo, mas, crescendo a devação na província e as esmolas e ofertas na santa casa, creceu também a cobiça e descompôs a irmandade dos donos da terra, vindo em discórdia sobre a partilha do que se oferecia. Não podiam agradar brigas àquela Senhora, por cujo meio veio a mesma paz dos Céus à terra. Quando menos o cuidaram foram despojados do precioso tesouro e foi levada polos Anjos ao lugar em que

---

<sup>1</sup> Petrus Canisius. . 1 c. 25 de *Maria Virgine*.

de presente a vemos, que então era estrada real, e em meio dela ficou assentada, ãa légua de Recanate, caminho de Ancona. E aqui conserva o nome do primeiro posto que tomou em Itália, chamando-se de Loreto.

São as paredes de ladrilho assentado com barro; o tecto, de abóbada de berço. Na parede da entrada tem ãa pequena janela. Em outra se vê aberta ãa estreita cantareira, com ãa tábua no lugar do cântaro e outra no meio. Tecto e paredes mostram que foram guarnecidas de barro. Tem dentro quinze pés de largura e outros tantos de comprimento, contados estes até o altar, que sobe três degraus, e assi fica sendo mais comprida que larga, todo o espaço que tomam os degraus e o corpo do altar. No meio do altar se faz umvão que se vê todo chapeado de prata, topo e lados, e esculpidas algúas figuras de relevo, com letras que nomeam os autores da obra. E tem por resguardo grades de ferro largas, cubertas de ãa rede de fio d'arame, miúda, que dá bastante vista do que há dentro.

A imagem da Senhora está posta em alto, de estatura ao parecer de quatro palmos, na cor, morena, e com o Minino Jesu nos braços. A matéria de que é feita não se comprende. Ardem diante oito alâmpadas de prata. É grande e contínuo o concurso de devotos a visitá-la.

Madrugou o Arcebispo, de Recanate, e chegou cedo (que não há mais de ãa légua em meio) e celebrou na santa casa com um extremo de alegria espiritual e, se não tirara por ele a obrigação do Concílio, mais devagar se lograra dela. Mas, como se não havia de deter quanto lhe pedia a vontade, acabada a missa, prosseguiu seu caminho na volta da famosa cidade de Ravena, e daí a Ferrara, e aos catorze dias depois de partido de Roma entrou em Mântua, aonde quis ir, por dizer missa na sepultura do Cardeal Hércules Gonzaga, um dos Legados que achou em Trento quando ali chegou, como em seu lugar fica dito, e era falecido de Maio do mesmo ano.

E ainda no mesmo dia foi dormir a Vila Franca, e dous dias depois, no último de Outubro, pola manhã, chegou a Trento. E como não era em sua mão poupar-se, visitou logo



os Legados e, à tarde, não quis faltar às vésperas dos Santos, que se celebravam em pontifical, com assistência de muitos prelados.

Foi sua vinda festejada de todos e, acabadas vésperas, se vieram juntos a ele dar-lhe a boa vinda, ajuntando grandes graças e abraços pelo que já sabiam que trazia negociado com Sua Santidade em ordem a se dar brevemente remate ao Concílio. Sobretudo não acabavam de levantar até as estrelas a obrigação que todos reconheciam a sua liberdade com que lhes deixava franqueada diante de Sua Santidade a honra dos assentos e barrete. Assi, se antes da ida o amavam, agora de novo o queriam meter na alma.

Logo lhe deram conta como pera o dia seguinte estava assentado lerem-se em congregação gèral os capítulos da reformação que antes de sua ida se tinham consultado e mandado escrever, pera se ver se havia que emendar na forma e nota deles. E disse um prelado por graça:

— O Senhor Bracarense, como vem tão favorecido de Sua Santidade, haver-se-á já agora mais brandamente conosco e não nos quererá matar com suas reformações.

Ao que tomou a mão o Bispo de Módena, como amigo íntimo que era do Arcebispo, dizendo:

— Amanhã veremos que mudança fez nele Roma, e quanto valeu a Sua Santidade a águia que lhe deu pera o trazer cá.

Na mesma noite viu o Arcebispo com cuidado o treslado dos capítulos (porque a todos prelados se deram cópias) e, cotejados com as lembranças que tinha das consultas que sobre eles haviam precedido, achou algũas trocadas e diferentes.

Quando ao outro dia foram todos os Padres juntos, como lhe coube falar, disse com a sua costumada isenção que, no papel que lhe fora dado, notava muitas cousas diferentes das resoluções que antes de sua partida se haviam tomado em todas as consultas; e que, além desta diferença, achava nas margens algũas grosas que encontravam a sustância dos capítulos. E sobre tudo discorreu de novo, como se então se começara a tratar a matéria, refutando as grosas e o que trazia alteração, com razões tão pias, tão sentenciosas



e bem fundadas que a todos parecia que falava Deus por ele. E não era de espantar, pois em todas falava ele pela honra de Deus. Por remate, acrescentou:

— Fora, fora com tais grosas que corrompem e destroem o texto! Fora com mudanças! Sejam sempre os mesmos.

Foi seu parecer seguido de tantos, que não houve que fazer senão reduzir-se tudo ao ponto que primeiro fora proposto por ele e aceitado por todos no tempo atrás, e na ocasião presente tornou a apontar.

E assi se concluiu, com duzentos e seis votos *de corpore Concilii*, a satisfação de todos e mui particular contentamento do Arcebispo, cujo havia sido todo o peso do trabalho.

## CAPÍTULO XXX

*Dos prelados com que o Arcebispo teve amizade em Trento e das particularidades que passou com alguns deles.*

Era o Arcebispo naturalmente severo no aspeito e, pola filosofia que a religião ensina, muito composto. Daqui vinha julgarem-no por esquivo e seco os que o não tratavam de perto.

Assi, nos princípios do Concílio, era menos buscado, enganando-se os mais dos prelados com o que faziam crer as aparências de fora. E era este o maior beneficio que lhe podiam fazer, porque nenhũa cousa conformava mais com sua natureza que a vida solitária. Vivia só consigo e com os seus livros, e assi se dava por bem acompanhado. Mas depois que lhe foram caindo na arte e viram que, conversado, era tudo brandura e humildade, que a todos metia na alma e com facilidade dava conta de seus conceitos e disenhos, era sua casa tão frequentada de todos os que havia em Trento que lhe não davam ũa hora de repouso. Achavam nele grandes letras e ciência sem inchação, profundo juízo com afabilidade. Isto ganhava as vontades de maneira que parecia andavam a competência a quem se daria mais com ele e o grangearia com maiores mostras de amizade. Uns continuavam com visitas e cerimónias de cumprimentos, outros lhe mandavam mimos que lhes vinham de suas terras, outros lhe comunicavam relações de novas e sucessos de várias partes, que é um género de passatempo de que se pagam muito os estrangeiros.

Dos prelados da Ordem de S. Domingos não há pera que façamos menção, porque estes eram com ele como irmãos e ele se havia com todos como irmão menor. Mas dous se aventajavam em o respeitar como pai. Um era o Bispo de Modena, de que atrás fizemos menção, o qual desd'o primeiro dia se lhe entregou todo. Era varão espiritual e grande esmoler, simbolizavam ambos, estava certa a união. O outro, D. Fr. Jerónimo Colusuarino, Bispo Canadiense, de nação húngaro, teólogo famoso e incansável perseguidor de hereges.

Este prelado não só vivia entre hereges, mas tinha muitos parentes que o eram, e de uns e outros era sobremaneira odiado, porque os atava e convencia com disputas e pregações. E como não sabiam que responder, *stridebant dentibus*<sup>1</sup>, rangiam e quebravam os dentes com raiva, como os Judeus antigamente contra Santo Estêvão, e desejavam beber-lhe o sangue: os parentes, importunando-o que apostatasse da Ordem e da Fé; os que o não eram, armando-lhe pera o matarem. E uns e outros procuravam que não viesse ao Concílio, pola experiência que tinham dos fios de sua língua e espírito, mas o bom prelado rompeu por tudo, veio e assistiu em Trento, e ajudou valerosamente com suas letras e não menos com exemplo de vida, por ser tal, fazia o Arcebispo muito caso de seu voto em todas as matérias, e tinha-o por companheiro inseparável. Este Bispo veio a falecer em Trento e o Arcebispo o acompanhou como bom irmão e amigo na última hora, animando-o e consolando-o; e afirmava depois que lhe fizeram muita enveja os sinais de predestinação que nele vira.

O Cardeal de Mântua, Hércules Gonzaga, Legado que presidia no Concílio, como dissemos, quando o Arcebispo entrou a primeira vez em Trento, era um príncipe sábio e brando e de gentis condições. Como o Arcebispo chegou tantos meses antes de começar a obra pera que se juntavam, teve o Cardeal lugar e ocasião pera o conversar devagar e, como foi metendo a mão nele, não se pode crer a afeição que lhe cobrou. Assi, enquanto não recreceram negócios, estavam

---

<sup>1</sup> Act., 7, 54.

ordinariamente juntos, tratando d'antemão do que convinha remediar-se naquela santa junta e doutras matérias não menos importantes.

Mas, sobre todos, se assinalou em honrar e estimar ao Arcebispo o Cardeal Carlos de Lorena, Arcebispo de Reims, grande senhor em França e mui chegado em sangue à casa real. E mostrou-o bastantemente nas ocasiões que se ofereceram no Concílio e na jornada que temos contado de Roma. Porém, se a comunicação de importantes segredos é a última prova de verdadeira amizade entre os amigos, nem esta ficou por dar de parte do Cardeal, porque com estranha confiança lhe comunicava o íntimo de sua alma.

Sucedeu um dia dar-lhe conta o Arcebispo de seus estudos, e particularmente de um livro que ia compondo da vida espiritual e contemplativa, do qual dizia que devia a mor parte ao grande doutor francês S. Bernardo, de quem era devotíssimo. São os franceses grandes amigos de tudo o seu, muito unidos em acudir em polos naturais e a cada um lhe parece que tem parte na glória de qualquer particular de sua pátria. Assim, estimou o Cardeal este dito do Arcebispo como se fora cousa nova (sendo assim que há poucos escritos de que se possa colher tanta abundância e suavidade de espírito, como são os deste Santo). E como se em honra sua mui particular resultara a que o Arcebispo tão justamente dava ao Santo, disse-lhe que, por último e maior penhor do que o amava, lhe queria dar parte de um segredo que tocava ao mesmo Santo, o qual era de qualidade que até aquela hora o não comunicara a pessoa viva, nem determinava comunicar enquanto vivesse e, fazendo outros encarecimentos do que cumpria não se descobrir, visto o estado das cousas de França naquele tempo, foi-lhe contando a tresladação que por suas mãos fizera, havia pouco mais de dous anos, das veneráveis relíquias do Santo, a qual, segundo sua relação, passou desta maneira.

Desejava o Sumo Pontífice que não faltassem no Concílio os prelados de França, e particularmente os abades de Claraval e Cister, pessoas ambos de grande eminência em letras. Por outra parte, como estava tão atado e crecido

o fogo das heregias no Reino, arreceava, e todos os zelosos o temiam, que, ausentando-se os prelados católicos de suas Igrejas, não só se desenfreassem mais os hereges em seus erros, mas que se alargassem com diabólica ousadia a profanar os templos e relíquias dos Santos, como já tinham começado a fazer por algũas partes. No qual caso os templos que mais arriscados estavam a qualquer insulto eram o da Ordem de S. Bernardo, por estarem todos desviados de povoado, que o das cidades inda tinham mais remédio na virtude e brio de alguns católicos que lhes podiam valer. Assi se veio a tomar um meio pera se acudir a este justo receio e não faltarem os prelados ao Concílio. E foi que mandou Sua Santidade se posessem em cobro as relíquias dos Santos por toda parte em que parecesse estarem com perigo, e particularmente escreveu e mandou ao Cardeal de Lorena que pessoalmente fosse à Abadia de Claraval e com todo segredo tirasse o corpo de seu Santo Fundador e o levasse à cidade de Avinhão com a segurança e decência que era razão.

Amanheceu o Cardeal um dia no mosteiro, com pouca gente, dissimulado e como que passava de caminho. Deu conta ao Abade do que vinha fazer e com que ordem. Não sabia de si parte o pobre monge, de sobressaltado e perplexo, mas muito mais o ficaram os súbditos quando, juntos em capítulo e posta primeiro ãa obediência de guardarem segredo, lhes foi declarado que dentro de poucas horas ficariam despojados do amado tesouro de seu Santo Padre. Procurou o prelado consolá-los lembrando-lhes que não era sem ordem do Céu aquela obra (como nenhũa passava na terra sem vir traçada do alto) e bastava ser do Sumo Pontífice pera a terem por tal, a quem ficavam em obrigação polo cuidado com que Sua Santidade prevenia à perversidade dos hereges; que se a malícia andava já entre eles tão refinada que, sendo nacidos e criados dentro em França, perderam o respeito, em Turs, a S. Martinho, glória e coluna daquele reino, e, em Poitiers, a S. Hilário, e em outros lugares a S. Boaventura e a Santo Ireneu e a outros Santos, descobrindo impiamente seus corpos, por tantos séculos de seus maiores venerados, e espalhando polos campos as relíquias

de uns e queimando as de outros, fazendo mártires, depois de mortos, os que muito desejaram sê-lo em vida, não podiam duvidar os filhos de S. Bernardo ser grande misericórdia de Deus porem-se em estado, as do mesmo Santo, que ficassem seguras de semelhante injúria, mormente quando estavam entre aqueles montes ermos, sem nenhum género de defesa nem reparo; se bastava reparo contra a fúria infernal daqueles a quem nem as fortes muralhas de Poitiers, nem o numeroso povo de Turs, tão afeiçoado e obrigado a seu Santo padroeiro, puderam resistir. Que daria Deus paz, melhorariam os tempos, tornariam os cegos hugonotos à luz, ou pelo meio do santo Concílio, que estava a ponto de começar, ou por força de armas, que já estavam em campo com seu rei vestido nelas, e na hora que o reino tornasse a seu antigo sossego, tornariam eles também o cobrar o que agora era bem que largassem, pera o possuírem depois com inteira segurança.

Mal consola um desconsolado! Eram tantas as lágrimas com que o Abade acompanhava estas razões que, tendo muita força a sustância delas pera abonar a determinação e mandato de Sua Santidade, assi as recebiam os monges como se viram o mosteiro entrado dos mesmos hugonotos. Assi estavam confusos, assi assombrados, considerando que, se foram roubados de inimigos, deram o sangue e a vida primeiro que dessem o santo depósito, que fora bastante consolação de bons filhos, mas ver-se saquear por amigos e largar a posse do presente por esperanças do futuro, nenhum havia que o levasse em paciência. E deram bom exemplo de religião e obediência, consistindo no que em todo lhes encontrava o gosto e entendimento.

Seguiram ao Cardeal e ao Abade ao lugar da sepultura; lançaram-se por terra em oração com tal pranto que não devia ser maior o de seus antigos e primeiros padres, quando nela encerraram o Santo. Abriu-se a sepultura, e era esta a primeira vez que se bulia nela depois de sepultado o Santo havia quatrocentos e oito anos, porque ele faleceu no de mil e cento e cincoenta e três, e esta tresladação foi no de mil e quinhentos e sessenta e um, a vinte de Maio. Achou-se o

corpo metido em ãa caixa de chumbo, envolto em três grandes lençois que dobravam um sobre outro das ilhargas, pés e cabeça, tudo o que sobejava de cada parte, que era muito. Estes estavam sãos, alvos e incorruptos, como o primeiro dia que ali começaram a servir. Tirados os lençois, apareceu o corpo cosido todo em um couro muito apertado e justo, salvo a cabeça; saía dele ãa fragrância de cheiro suavissimo. Tinha lançada ao pescoço ãa cruz de pau pendurada de ãa fita, que lhe ficava sobre os peitos e, entalhada nela, esta letra: *Fasciculus myrrhae dilectus meus mihi, inter ubera mea commorabitur*. Estava com o corpo ãa caixinha com relíquias que se declarava nela serem do Apóstolo S. Tadeu, que lhas mandara de Roma seu devoto discípulo, o Papa Eugénio III. Achou-se juntamente o sinete que o Santo usava. Era de cobre, com sua empresa e letra aberta à roda. A empresa era ãa harpa. A letra: *Quid erit in Patria?*

Tiraram-se doutra sepultura as relíquias de S. Malaquias, monge da mesma Ordem, Bispo Conertense, em Irlanda, que mereceu ter por cronista a S. Bernardo.

Como o Cardeal teve em seu poder todas as relíquias que na casa havia, passou-se com elas a um lugar vizinho e dali as levou à cidade de Avinhão, com grossa guarda de soldados católicos, acompanhado, pera decência do tesouro santo, de dezasseis bispos e dos Abades de Claraval e Cister. E soube tão bem disfraçar a razão da jornada, que em toda a companhia de ninguém foi entendida, excepto dos Abades, os quais também, sem mais outra pessoa que o Cardeal, foram presentes à entrega que se fez das relíquias ao governador, que tinha ordem do Papa pera as receber e guardar em lugar secreto e seguro.

## CAPÍTULO XXXI

*Dá-se fim ao santo Concílio. Sai o Arcebispo de Trento pera Portugal e chega a S. Maximino, em França.*

Aos vinte cinco de Novembro deste ano de sessenta e três se juntaram todos os prelados que havia em Trento em casa do Cardeal Moron, que era o mais antigo dos Legados, pera consultarem se seria bem dar-se por concluído o santo Concílio, visto como estava tomado assento em todas as dificuldades que na parte católica se ofereciam, e não haver que fazer nas que podia haver de parte dos hereges, pois em quasi dous anos que eram corridos despois de aberto o Concílio, sendo antes e despois por muitas vezes chamados, amoestados e requeridos, com oferta de toda segurança, não haviam acudido.

Acordaram que pera se tomar final resolução houvesse junta gèral pera os quatro de Dezembro. E juntos neste dia, de consentimento de todos, se houve o sagrado Concílio por findo. E feitas as cerimónias costumadas e dadas graças a Nosso Senhor, se deu licença aos prelados pera cada um se poder ir pera suas terras.

O Arcebispo, que nenhũa cousa mais desejava, não fez mais detença que enquanto acabou de assinar os decretos, e deu lugar a visitasões de prelados, que eram tantas que lhe tiravam o tempo pera ele fazer as de sua obrigação. Foi cousa de ver o amor, a cortesia e saudades com que se despediam dele, claros indícios da opinião em que todos o tinham.



Particularmente o Cardeal de Lorena fazia estremos de sentimento que, como impróprios em grandes senhores, espantaram mais. Dizia que pera ũa só cousa lhe servia muito aquela divisão, e era pera sentir menos a divisão da vida quando a esse ponto chegasse, porque não tinha dúvida que seria fácil de sofrer a quem tinha forças pera ficar vivo, perdendo pera sempre a vista e conversação de tal amigo. É que o muito que lhe custava este apartamento havia de ser parte pera trabalhar por ser santo, pera que assí como se acharam juntos em serviço da Igreja Militante, chegasse a ter com ele a mesma união na Triunfante, *in multitudine et plenitudine sanctorum*.

O Bispo de Modena não deixou o Arcebispo até o meter no barco, onde já estava o embaixador de Portugal esperando por ele, com o Bispo de Leiria e todos os mais portugueses que residiam em Trento, salvo o Bispo de Coimbra, que tomou outro caminho.

Aos oito de Dezembro fizeram vela polo rio abaixo até à cidade de Verona e dali, por terra, a Milão, onde o Arcebispo se foi aposentar no convento da Ordem de S. Domingos, que chamam de Santo Eustórgio, pera visitar nele a sepultura do insigne mártir S. Pedro de Verona, religioso da mesma Ordem e primeiro inquisidor-gêral de Lombardia.

Nesta cidade visitou também os sepulcros do famoso prelado e grande doutor da Igreja Santo Ambrósio e do Beato Fr. Amadeu, portugueses.

O de Santo Ambrósio se guarda em um mosteiro de religiosos que tem o nome do mesmo Santo, debaixo do altar da capela-mor, a qual têm à sua conta sacerdotes seculares, celebrando igualmente nela os divinos officios também os regulares. Na sacristia dos frades se mostra um bordão do Santo e um copo de pau, por onde bebia, encaixado agora, por devação, em outro de prata.

O corpo do Beato Amadeu jaz no coro de Nossa Senhora da Paz, mosteiro da Ordem de S. Francisco, que ele seguiu, onde se mandou sepultar ao pé da estante. Cobre-se com ũa tábua levadiça pera se poder mostrar aos devotos. É celebrado seu nome em toda Itália e ũa recolecta mui reformada que

fundou no ano de 1460, que chamam dos Amadeus, e há dela muitos conventos. Sua vida anda escrita por vários autores e é bem de ver e notar o caminho por onde o levou Deus a ser santo. Foi irmão de Diogo da Silva, primeiro Conde de Portalegre, filhos ambos de Rui Gomes da Silva e de D. Isabel de Meneses, filha de D. Pedro de Meneses, primeiro capitão de Ceita.

De Milão, foi o Arcebispo a Pavia, deixando o caminho direito de Génova, por ver a casa onde é tradição que está o corpo do grande lume da Igreja, Santo Agostinho, sem se saber lugar certo.

A igreja é comum a dous mosteiros contíguos a ela, ambos da regra e nome do mesmo Santo, com esta diferença, que um é de Cónegos Regrantes e outro dos Eremitas; e todos se juntam no mesmo coro às horas e officios divinos, e só no ministério do altar se alternam às semanas.

Daqui tornou a demandar o embaixador e mais companhia a Génova, passando por Tertona, onde o bispo o visitou com frutas da terra e mimos pera o mar. Em Génova entrou o Arcebispo dia do Apóstolo S. Tomé, aposentou-se com sua família no mosteiro da Ordem, que é de Santa Maria do Castelo. E aqui esteve até dia de Natal, e por ordem do Senado daquela República lhe foi mostrado o prato em que Cristo Senhor Nosso comeu o cordeiro pascoal, na última cea.

É peça de preço inestimável, polo serviço em que serviu e pola matéria, que é fina esmeralda, e como tal se guarda na Sé, fechado com doze chaves que estão em poder doutros tantos cidadãos principais. É aberto e largo por cima e vai deminuindo e estreitando no pé, faz seis divisões ou cantos de oitavado e tem duas asas; e em boa estimativa será capaz de mais de meio alqueire de trigo. Esta riquíssima joia é tradição que foi d'el-rei Salamão.

Em Génova embarcou, a primeira oitava de Natal, princípio do ano de 1564, com toda a companhia, fazendo viagem a Nissa, em bergantins, onde visitaram o Duque de Saboia, filho da Infante de Portugal D. Breiziz, que naquele lugar está enterrada. E o Arcebispo teve cuidado de fazer officio de

piedade e de bom português, visitando com um resposno sua sepultura.

De Nissa entraram no Reino de França, por Antibó e Frejus e Holuco, terras da Proença, e passaram à cidade de S. Maximino, onde o Arcebispo pousou no mosteiro de S. Domingos que ali há.

É mosteiro rico e sumptuoso à maravilha. Tem estudos públicos e criam-se e aprendem nele como pupilos muitos mininos filhos de senhores principais do Reino, polo muito crédito e autoridade do convento, que é senhor do temporal da cidade; e os Reis de França, por lhe fazerem honra, têm o título de priores dele e põem de sua mão o prior que o governa, por breve do Papa Bonifácio VIII. Estas grandezas lhe procedem todas da preciosa relíquia que em si tem, do corpo da gloriosa Madalena, que neste lugar veio dar a alma ao Criador, sendo inda vivo e presente a seu felice trânsito S. Maximino, de quem a cidade tomou o nome.

Quasi ao meio da igreja está ùa capela soterrânea em que se guarda com muita veneração e recado a cabeça da gloriosa Santa. Têm os governadores da cidade ùa chave, e outra anda no depósito do convento. Mostrou-se ao Arcebispo, com outras muitas relíquias que estão juntas. Está a santa cabeça engastada em um grande meio corpo de prata e, sendo já pura caveira, e seca, inda hoje conserva na testa, sobre a sobrancelha do olho esquerdo, tanta carne, tostada já e denegrida da antiguidade, quanta é tradição que tocaram os dous dedos de Cristo, quando lhe apareceu ressucitado e lhe disse: *Noli me tangere*. É a caveira muito maior que as ordinárias dos homens d'agora. E tirando por ela e por ùa cana do braço, que também se mostra, a proporção do corpo todo, devia ser bem agigantado. O restante de seus ossos dizem estar metido no vão do altar-mor, em ùa caixa de prata.

Vêm-se mais nesta capela uns túmulos levantados, em que jazem corpos de alguns Santos, convém a saber, o de S. Maximino, que foi um dos 72 discípulos e de Jerusalém foi lançado com as santas irmãs Maria e Marta e, vindo parar a estas partes, foi o primeiro Bispo de Aix, ou Aquense,

como chamam os latinos, seis léguas distante de S. Maximino; e o corpo do cego Sidónio, cego de nascimento, a quem Cristo deu vista; e o de Santa Marcela, criada de Santa Marta; e o de Santa Susana, que o mesmo Senhor curou de ãa aleijão tal das costas que se não endireitava.

Assombravam-se os judeus com tantos e tamanhos testemunhos juntos da Divindade que negavam; desterraram-nos pera os acabarem ou pera os não verem e se cegarem mais. Todos têm seus moimentos distintos, mas, pera consolação dos fiéis, ficaram de fora as cabeças em seus relicários de prata, ao modo que está o da Madalena, e se mostram aos devotos.

Após estas reliquias, mostraram os religiosos ao Arcebispo duas âmbulas, ãa de cristal, em que se vê ãa grande madexa de cabelos muito louros e grossos e, ao que se pode julgar, bem compridos, porque estão retorcidos e com voltas dadas, como se faz às madexas de fio d'ouro. A âmbula é redonda e lisa e está tapada com ãa prancheta de prata, cravada e rebatida no cristal de maneira que se não pode abrir facilmente. A outra é pequena e de um vidro grosso, e parece cheia té o meio de ãa terra de cor entre parda e cinzenta e como de vasa de rio. Esta terra foi a que Santa Madalena colheu ao pé da Cruz, banhada e envolta no preciosíssimo sangue do Redentor, e por tal está venerada, com prova de efeitos milagrosos, porque todos os anos, infalivelmente no dia de sexta-feira da semana santa, tanto que começa o officio da Paixão, começa esta terra a ferver em movimento contínuo, e à vista de todos se mostra ser verdadeiro sangue. Acabado o officio, acaba juntamente o fervor e, ficando em quietação, fica também com sua primeira cor, como acima dizemos.

Esta relação teve o Arcebispo polos religiosos de grande e cordial consolação pera todo fiel. E a mesma tinha ouvido, alguns anos antes, de boca do Mestre Fr. Jorze de Santiago, religioso nosso, Inquisidor de Lisboa e depois Bispo das Ilhas dos Açores, o qual, indo pera o Concílio, quando a primeira vez se começou, que foi no ano de 1545, se achou nesta casa por tal dia e viu por seus olhos o milagre.

A três léguas de S. Maximino está a lapa em que a Santa fez penitência por espaço de trinta anos, em trato contínuo com o Céu, e conversação dos Anjos, e perpétua ausência do povoado, senão foi o dia em que o Senhor a chamou pera Si, que então, por ordem Sua, foi buscar o santo Bispo Maximino e a Igreja.

Está aberta a lapa em um asperíssimo rochedo, e pegado a ela temos um mosteirinho situado entre aqueles penedos calvos, que faz grande devação aos que visitam a santa lapa. Não chegou a ela o Arcebispo, porque lho estorvou o rigor do inverno, com força de neve que cobria tudo e, juntamente, a pressa que traziam o embaixador e os mais companheiros, cuja companhia não podia largar, por terras tão perigosas.

## CAPÍTULO XXXII

*Do que succedeu ao Arcebispo depois que partiu  
de S. Maximino até que entrou em Espanha  
e chegou a Nossa Senhora de Monserrate.*

De S. Maximino foram no dia seguinte dormir a Aix, onde conheceu ao Arcebispo um clérigo que estivera no Concílio. Este avisou logo ao cabido com tal relação da pessoa e partes do Arcebispo que o mandaram visitar com muita cortesia e cumprimentos, e com um presente de cousas de comer, conforme ao tempo.

E sendo noite, se vieram pera ele todos os músicos e capela da sé, acompanhados de diversos instrumentos, e gastaram um bom espaço da noite, cantando concertada e suavemente muitos motetes e versos dos Psalmos, que foi singular recreação pera o Arcebispo, porque havia boas vozes e todos mui destros; e alegrava-se de ouvir cânticos do Senhor em terra da qual, com pouco escrúpulo, se podia cuidar que era alhea de nossa santa Fé. E este parece que devia ser o motivo por que quizeram mostrar sua habilidade, declarando-se por católicos e festejando aos que tinham por tais.

Há doze léguas de Aix a Avinhão, aonde chegaram a dormir, dia de Reis. E foram com magnificência hospedados polo Bispo de Fermo, Vice-Legado de Sua Santidade, e polo governador da gente de guerra.

Está assentada esta cidade sobre as ribeiras do rio Ródano, bem fortalecida de baluartes, e muralha, e bastante presidio de soldados. É terra própria da Igreja Romana, e

muito estimada dos Sumos Pontífices, e já foi assento seu em tempos antigos, por discurso de 74 anos; e duram inda hoje os paços em que moravam, casa de bom edifício.

Não é pera ficar em silêncio, pera glória da Fé, o que o Vice-Legado contou aqui aos hóspedes, dizendo que de ãa cidade daquela comarca fora a Trento, pera se achar no Concilio, um bispo conhecido e havido por rebelde e obstinado herege, e levara consigo outro tão fino e tão perverso como ele, só a fim de buscarem ambos que notar e caluniar nos católicos; e, com este ânimo incuberto, conversavam com todos e entravam nas juntas. Mas foi o Senhor servido que de lobos tornaram cordeiros, e não só cordeiros, mas também valerosos mastins e guardadores dos rebanhos católicos, porque o primeiro era então o maior perseguidor de hugonotos que havia em toda a Província, e o mais célebre pregador dela em favor da Fé e dos católicos.

E ambos confessavam publicamente que a razão que os fizera cair na conta de seus erros fora ver e considerar o modo que aqueles Padres tinham em proceder nas matérias que consultavam, o cuidado e trabalho com que as estudavam, discutiam e ventilavam; como se enxergava que não havia outro fim em todos mais que descobrir e averiguar verdades e acertar com o ponto delas, não sustentando opiniões com pertinácia nem com ostentação de letras; propondo, argumentando, definindo sem fingimento, sem dóbreses, sem enganos nem cavilações; com quanta facilidade se rendiam todos ao melhor parecer e se sojeitavam logo sem réplica ao que por mais votos era determinado; e finalmente, com quanto juízo se ponderava e examinava não só na sustância, mas ainda na nota e nas palavras, o que havia de ficar decretado. Das quais considerações ficaram persuadidos e convencidos que verdadeiramente assistia naquela sagrada congregação o Espírito Santo, e na Igreja Católica a pureza da Fé, e tudo o que era fora dela era devaneo, e mintira, e maldade.

De Avinhão vieram correndo as mesmas cidades e polos mesmos passos que o Arcebispo levara à ida, passando a Nimes e Luneld, e Mompelher, três boas cidades em cópia



de povo e bons edificios, mas pouco melhoradas no estado da fé de quando à ida por elas passou.

Em Nimes acharam um governador católico que d'algũa maneira tinha amansado a fúria dos hereges, quanto aos insultos somente, que no mais quasi a mesma devassidão reinava; e viu-se bem no que agora contaremos.

Deram, ao sair do lugar, em ãa grande cruz de mármore, que todavia ficou em pé, apesar dos hugonotos e, fazendo todos ao passar sua inclinação com as cabeças descubertas, ãa pobre e esfarrapada mulher que o notou os começou a praguejar e maldizer em voz alta e, o que é mais de rir (mas antes pera chorar), repreendendo-os e fazendo-se pregadora da maldita heregia. Ficavam atrás o Padre Fr. Anrique de Távora e o secretário Pero de Tavares e, quando entenderam as razões da miserável, ao emparelhar com a cruz, viraram com mais devação, inclinando-se profundamente e com toda reverência ao sinal de nossa Redenção. Não se pode crer a raiva em que a herege ficou ardendo e multiplicando, a brados, novos opróbrios contra a piedade.

Passadas estas terras e outras, até Brissiers, quiseram todos seguir o caminho mais breve pera Espanha e acabar de sair de França; e deixando a estrada que leva a S. Sebastião, que foi a que o Arcebispo seguiu à ida pera o Concílio, tomaram a de Barcelona, sobre a mão esquerda, e vieram a Narbona.

Nesta cidade se apartou o embaixador e tomou a posta, e o Arcebispo, com a mais companhia, se foi na volta de Barcelona, por suas jornadas, passando por Salsas e Perpilhão, famosas forças de Catalunha e fronteiras de Espanha com França, onde não entrou por haver peste. E passou a Serra dos Perineos, polo passo que chamam Portus, passo temeroso, por assaltos de ladrões e vandoleiros, e veio à antiga e nobre cidade de Girona.

Visitou o Arcebispo a sé; mostraram-lhe os cónegos algũas peças ricas e, entre elas, ãa de grande estima, pola antiguidade e memória de quem a deu. Era ãa taça d'ouro de pé alto. E diz o Arcebispo, em ãa relação que temos de sua mão, de toda esta jornada, que a teve nas mãos, e escas-



samente podia com ela. São palavras suas. A tradição é que foi dádiva do emperador Carlos Magno, oferecida àquela igreja.

O retábolo da capela-mor, diz a mesma relação que é todo de prata e insigne, pola obra não menos que pola matéria; e o altar, em roda, chapeado de lâminas de prata e ornado de figuras de prata e ouro.

Em dezenove de Janeiro, véspera de S. Sebastião, chegaram a Barcelona, cabeça de Catalunha, posta nas praias do Mar Mediterrâneo, obra da antiga Cartago, por meio da nobre família dos Barcas, que lhe comunicou o nome <sup>1</sup>.

É cousa digna de ponderação que, andando nesta conjunção coahada a terra de salteadores, e sendo certos e contínuos em dous passos que há na mesma jornada, antes de chegar à cidade, tanto que no mesmo dia que o Arcebispo passou houve passageiros roubados, e não poucos, ele e sua companhia não toparam cousa que lhes desse moléstia.

Em Barcelona descansaram o dia de S. Sebastião e o seguinte e, ao terceiro, saíram da cidade, depois de comer, e foram dormir a Marturel, pera poderem ao outro dia chegar cedo à devotíssima casa de Nossa Senhora de Monserrate.

---

<sup>1</sup> Flor. do Campo; Auson. poeta; Hieron.; Paulus.

## CAPÍTULO XXXIII

*Visita o Arcebispo a devotíssima casa  
de Nossa Senhora de Monserrate. Passa a Aragão.  
Conta-se o que lhe succedeu até chegar a Çaragoça.*

Entrou o Arcebispo no mosteiro com sua família e foi recebido amorosa e alegremente de todos os religiosos.

Desta casa, do sítio dela, de seus princípios e das maravilhas que nela obra o Céu, não se pode dizer pouco, pois andam livros inteiros de suas grandezas, e ainda não dizem todas. E nós, como vamos de caminho e com outro intento, bastará dizermos do sítio e da devação com que é frequentado das gentes, o que Isaías disse por outro nome.

E o Arcebispo foi o primeiro que o lembrou e referiu, quando, posto no mais alto da serra, alargou a vista pelos montes que lhe ficam à roda, os quais, sendo bem altos, parecem a quem olha de cima pequenos outeirinhos, tanto se impina sobre eles a serra do mosteiro: *Erit praeparatus mons Domus Domini in vertice montium et elevabitur super colles et fluent ad eum omnes gentes*<sup>1</sup>.

Parece que se pôs a natureza a criar ou a pintar por passatempo um grande castelo roqueiro, muito crespo de torres e baluartes, fundado sobre a coroa de ãa serra, e levantou sobre montes altíssimos que aqui faz a terra outro monte talhado a pique por toda a parte, como obra feita

---

<sup>1</sup> Is., 2, 2.

à mão e com conselho mais que acaso, e tão determinado em se ir às nuvens que do lugar de baixo, donde se começa a subir, até o mosteiro, há ãa boa légua de costa contínua. E cabe-lhe bem o nome de Monte Serrado ou fechado, se o quisermos tomar neste sentido, pola forma piramidal com que crece junto e apinhado sobre a serra, dado que a razão de lhe chamarem serrado os naturais procede da abertura que faz no alto, como se com serra fora dividido, pera dar lugar à igreja e mosteiro.

A igreja é pequena e de obra antiga, mas muito devota e cheia de ãa certa majestade, que faz recolher o entendimento e obriga a atenção. Tem pouca luz de fora e, por muita que tenha de um grande número de alâmpadas de prata que ardem diante da Senhora, sempre fica escura. Assi como o ar é ocupado de alâmpadas, são as paredes em roda tomadas de círios de cera que, segundo são grandes, melhor diríamos mastos que círios; e tal há que se afirma ter em si cem arrobas de cera. Os vazios entre alâmpadas e círios enchem cadeias, bragas, argolas, correntes e travessas de ferro, pedaços de calavres, retratos de naus, ãas em pintura, outras em relevo, ofertas de naufragantes e cativos, e outros argumentos de várias necessidades, e do remédio que nelas se alcançou por meio desta Senhora <sup>2</sup>.

A imagem é pequena e morena, mas nesta cor e tamanho tem ãa gravidade e um peso que move muito, em lhe pondo os olhos, e faz devação.

E, por que tudo quadre, os monges de S. Bento, cuja é a casa e convento, são gente que vive em notável observância.

Aqui quis o Arcebispo dar algum alívio ao espírito, como deu em Barcelona ao cansaço corporal de tantas e tão aturadas jornadas. Viu a casa toda, subiu às ermidas que, seguindo a comparação que começamos, se há-de considerar ficarem assentadas sobre os curucheus das torres, que é altura medonha, donde dizem que, em dias claros, se descobre a ilha de Malhorca, distância de sessenta léguas. As ermidas são

---

<sup>2</sup> Gaspar Barreiros, na sua *Chorographia*, fol. 116, v.

treze, todas mui bem ornadas e com bom aposento em cada ùa pera ermitães. Não vira o Arcebispo em sua vida outro sítio pera a sua arte tão bem assombrado e bem se lhe enxergava santa enveja aos moradores dele, nas saudades que fazia, estendendo os olhos por aqueles picos e rochedos a outros montes mais altos e mais fermosos (montes da eternidade), que sempre trazia diante dos olhos d'alma; e não era em sua mão apartar a vista destes, pola lembrança alegre que lhe faziam dos outros.

Algũas horas gastou com os solitários moradores do alto em devotos colóquios, que fora dita e edificação nossa se nos ficaram escritos assi como passaram. Em fim, despedindo-se, dizia:

— Ah, ditosos Padres, que possuíis e conheceis tão bela estância, em vida, já alevantados do mundo tamanho espaço e com tantos passos menos pera o Céu! Isto, Padres meus, é já um conversar na pátria, ùa prelibação da glória e um começar a reinar. Bem sei eu quem trocara polo ermo destes penedos e pola secura deles muito concurso de povo e muita frescura de fontes; e não fizera muito, que tudo o al é sonho de enfermos comparado com o descanso e quietação disto.

E, abaixando os olhos pera onde ficava o mosteiro, acrescentava:

— Bem pudereis vós, Senhora, receber também entre os pesos de ferro que pendem em Vossa presença outra braga, que pode ser nenhũa dessas nem todas juntas afligiram tanto aos que as arrastavam entre infiéis, como esta lastima e desconsola, entre Cristãos, a um pobre que por Vós chama e em Vós espera.

Acudiam lágrimas a estas últimas palavras, mudou propósito polas dissimular e por não entenderem os religiosos que falava de si.

Passados três dias, que ao Arcebispo pareceram bem curtos, tornou a seu caminho pola estrada de Çaragoça. Em Cerveira entrou no convento de S. Domingos e visitou a cela em que morava S. Vicente Ferrer, quando lhe apareceu nosso glorioso Patriarca e de parte de Deus lhe disse o que em sua História se escreve.

Em Belpuche, doze léguas de Monserrate, depois de estar quieto na pousada, entrou já de noite el-Rei D. Felipe II, que acabara de fazer cortes em Monçón àqueles três Reinos em que se comprende a coroa de Aragão, e passava a Barcelona. Vinha em sua companhia Rui Gomes da Silva, Príncipe de Ebulli que, pola nobreza de seu sangue e polas grandes partes que nele ajuntou a natureza, de valor, aviso e prudência, chegou a ter o primeiro lugar de valia diante de um Rei independente e senhor de si e, enfim, sapientíssimo, e nele se soube conservar enquanto viveu, e deixou fundada a casa e ducado de Pastrana, com grossas rendas e título de Grande, sem embargo de ser nacido em reino estranho, como então era, pera com o resto de Espanha, Portugaí, e criado em assaz estreiteza de vida, criação dos bons e do bom tempo de Portugal.

Tal é o poder dos reis, que são deuses da terra, e tanto pode um bom entendimento, se acerta a topar com quem o conheça e saiba estimar! Que do fino diamante ninguém faz tanto caso como o bom lapidário, nem da pederneira tira grandes faíscas de fogos se não o fuzil de aço fino. A natureza nunca foi avara em criar grandes talentos, mas falta muitas vezes em dar ao mundo quem os entenda; e esta é a causa de morrerem inda hoje Cipiões polas estalagens (como dizia um bom velho antigo).

Como a português e valido, foi-lhe logo dado rebate polos aposentadores reais que estava no lugar o Arcebispo de Braga, de quem tanta fama corria, polas relações do Concílio. Avisou a el-Rei, que não tardou em mostrar que sabia estimar a virtude, e mandou-o visitar, que foi o mesmo que querer vê-lo.

Dera o Arcebispo muito por escusar este encontro, que bastantemente vinha enfastiado de honras e favores de príncipes, e do maior príncipe de todos, que era o Papa, mas já não havia fugir-lhe. Foi a Sua Majestade.

Deceu Rui Gomes à rua com outros senhores da corte a recebê-lo e levá-lo a Sua Majestade, que o recebeu com todas as honras e gasalhados devidos a grande prelado, e

prelado estrangeiro, e que já, por informação de seus ministros, tinha em grande conta.

Não quis o Arcebispo que lhe passasse ociosamente o pouco espaço que durou a visita, que foi pouco mais de um quarto de hora, e lembrou a el-Rei a obrigação que tinha, pois a suas instâncias e braço se devia o bom successo de ãa obra tanto da honra de Deus e bem universal da Igreja Católica como fora o sagrado Concílio, três vezes começado e em seu tempo concluído, de ser Sua Majestade o primeiro e mais rigoroso zelador dos santos decretos que nele ficavam acordados, para o que convinha que nem quisesse dispensação do Papa em nenhũa parte deles, inda que muito lhe tocasse, nem desse favor pera se dispensar com outrem; que o que estava assentado tudo era santo, e necessário, e bem ordenado; desordenar-se-ia e descompor-se-ia, se os reis, com o poder do respeito que a Sé Apostólica com muita razão lhes tem, por via de dispensações, os fizessem alterar.

Despedido d'el-Rei, achou a Rui Gomes, que o tornou a acompanhar, fazendo-lhe muita força porque fosse seu hóspede. Escusou-se o Arcebispo com sua humildade e com a razão que tinha à mão de serem todos hóspedes e por tão pouco espaço como de ãa só noite. Não lhe valia nada. Enfim, foi força contentá-lo em parte com aceitar passar-se pera ãa boa casa que, enquanto se deteve com el-Rei, lhe mandara tomar d'aposento.

Foi matéria de graça pera Rui Gomes o que não é razão ficar por escrever, porque não foi graça nem descuido no Arcebispo. Não pôde o religioso prelado acabar consigo falar por Majestade a um rei da terra, conquanto houve poucos reis no mundo que tão bem se representassem dignos dela. Parecia-lhe que fazia agravo à Divina, que sempre trazia presente na alma, se communicasse aquele tão alto título a quem era terra. Assi, dizia despois, falando nestas vistas, que a Majestade só Deus a tinha; e pera os reis, enquanto estavam em lugar mais alto que os outros homens, sendo todos iguais em serem mortais, terrenos e caducos, assaz era ãa Alteza, como em Portugal se costumava. E bem se sabia, da humildade e modéstia do Arcebispo, que não interveio aqui

ponto de vaidade, como a do outro grego que, por honra e ciúmes da sua filosofia, se atreveu a reprender Alexandre de aceitar as adorações da corte persiana <sup>3</sup>.

De Belpuche foi o Arcebispo à cidade de Lérida, que é Universidade do Reino de Catalunha. E no dia seguinte entrou por Aragão e, por Fraga, veio a Burjularós, onde há um passo de terra montanhosa e despovoada, certa guarida de ladrões e vandoleiros.

Entrando pola vila, mandou guiar pera ãa casa de pou-sadas, que chamavam *de la Santa*, nome com que era conhecida a casa e a dona dela, polo raro termo com que procedia.

É cousa averiguada que tudo o que esta molher gran-geava naquele cansado e humilde officio, depois de ãa mode-rada porção que tirava pera sustentação sua e de ãa mãe velha que tinha, entrevada, despendia com pobres e doentes do lugar e do termo e comarca; e quando corria bem o ganho, abrangia aos presos da cadeia pública de Çaragoça.

Não podia saber mal o jantar ao Arcebispo em tal casa, onde achava caridade e amor de pobres, combinação com sua natureza e, assi, trazia alvoroço pera entrar nela, quando foi informado do que temos dito.

Houve curiosidade nos da companhia pera quererem especular que razão podia obrigar a ãa mulher que, segundo o nome e obras, devia ser espiritual e devota, a ocupar-se em um ministério tão distractivo e em parte sórdido. Per-guntada, respondeu com humildes palavras e composição de bom espírito que lhe não ficara, por morte de seu pai, mais fazenda que aquela casa, com o móvel e alfaias que serviam pera hospedar passageiros; com o que lhe rendiam se man-tinha a si e a sua mãe, que, por enfermidade, estava inútil de pés e mãos, e o que sobejava não empregava mal; e, se quisesse desfazer-se daqule cabedal, vendido, lhe valeria tão pouco que ficariam sem remédio de vida. E esta era a causa que a fazia suportar aquele trabalho.

---

<sup>3</sup> Calisteno, *apud Plu., Alex.*, 54, 3.



Aiguns anos depois, succedeu a quem isto escrevia que, vindo de Roma, no ano de 571, pelo mês de Outubro, com outros dous religiosos, um da sua Ordem Domínica e outro da Mercê, com mais vinte quatro companheiros a cavallo, estando recolhidos todos em ãa venda que chamam de Santa Luzia, foram de súbito saiteados de oitenta vandoleiros e, sem poderem fazer defesa, foram despojados de quanto traziam. E o abrigo que depois tiveram foi ir-se demandar a pousada *de la Santa*, a qual, quando os viu, como ãa santa recebeu e consolou a todos, primeiro com palavras que parecim saídas de peito em que Deus morava, e depois com boa cea e boas camas, e bastante provisão pera as cavalgadas, sendo o número dos roubados vinte sete, e outras tantas cavalgadas, além de muitos moços que as governavam. Ao outro dia que se quiseram partir, lhes tinha prestes o almoço com tão boa sombra que a petição que sobre ele fez foi de muitos perdões, por se não achar em tempo e com largueza de poder acudir a cada um com ajuda de custa pera o caminho, como fora seu gosto naquela adversidade. Particularmente com os religiosos se mostrou mais lastimada, pola impossibilidade em que estava de socorrer com algum dinheiro, e rogava-lhes que se deixassem estar até lhes vir provimento de algũa parte, que entretanto lhes não faltaria cama e mesa de graça, que era o que abrangia o estado presente de suas forças e fazenda.

Esta breve digressão é digna de perdão, visto ser feita por agradecimento, e em memória de virtude, e paga de beneficio recebido, e em prova da informação que foi dada ao Arcebispo.

Ao primciro de Fevereiro passou o Arcebispo o rio Ebro e entrou em Çaragoça, cabeça do Reino de Aragão.



## CAPÍTULO XXXIV

*Do que succedeu ao Arcebispo depois que partiu  
de Çaragoça, até chegar a Salamanca  
e entrar em Portugal, e terras de sua Diocesi.*

Esteve o Arcebispo em Çaragoça a véspera e o dia de Nossa Senhora das Candeas, agasalhou-se no convento de S. Domingos, mas não nos consta se foi só e pelo modo que usava quando ia pera o Concílio, se com toda sua família. O que posso sospeitar é que devia vir ainda de companhia com o Bispo de Leiria e com os mais padres com que partiu de Trento, como atrás referimos. E a razão desta sospeita é que no itinerário que temos da mão do Arcebispo, fazendo menção de como se apartou o embaixador, não faz nenhuma de apartamento d'outros companheiros, donde infiro que ainda aqui vinham juntos e assi deviam entrar por Castela. E ajuda o discurso a necessidade que naqueles tempos havia de se ajuntarem os caminhantes e fazerem corpo como em cáfila, respeito dos hereges, por França, e dos vandoleiros, por Catalunha e Aragão. Só ao entrar dos lugares era necessário haver divisão de cada um com sua família, pera se poderem aposentar com comodidade, como a gente era tanta.

Faz o Arcebispo lembrança no seu itinerário da excelência do edificio do nosso convento de Çaragoça, e particularmente do dormitório, o qual diz estar por tal graça edificado que, estendendo-se ao longo do Ebro, todas quantas celas tem ficam gozando do rio, e as janelas sobre ele. A architectura é que todo o dormitório é ãa grande sala real, na qual saem

muitas portas da banda que faz testa ao rio, e cada porta é servintia pera quatro celas, duas altas e duas baixas, e todas com a vista no rio, sem poderem ter outra.

Aqui visitou a famosa igreja que chamam del Pilar, porque se guarda nela o pilar ou coluna sobre o qual é tradição que a Virgem Nossa Senhora apareceu ao Apóstolo Santiago, e está neia o altar em que o Santo celebrou. Esta se tem pola mais antiga igreja de Espanha e a primeira que no mundo se levantou em honra da Mãe de Deus.

Outra há nesta cidade também mui antiga e igual na devação do povo, que é da Santa portuguesa, virgem e mártir, gloriosa Engrácia. Era filha, esta Santa, de um senhor que naquele tempo mandava tudo na Lusitânia. A grande antiguidade escureceu todas as mais particularidades do sangue, do nascimento, do nome e mais partes do pai e do lugar onde era seu assento; somente sabemos que era português e mandava a filha, moça e donzela, a França, a um capitão que tinha a seu cargo ãa parte da Gália Narbonense, nas ribeiras do Ródano, com quem a tinha desposada. Mas tinha-lhe o Céu guardados outros mais venturosos desposórios.

Tanto que a donzela soube em Portugal, pola fama que corria por toda Espanha, o estrago que fazia nos cristãos de Çaragoça Daciano, Presidente de Espanha polo Emperador Diocleciano, mostrou-se fácil pera as vodas, a que nunca até então dera consentimento voluntário; e a razão era porque, sendo por Çaragoça a estrada que havia de levar, dava-lhe no coração que se lhe abria por ali outra muito certa pera se poder livrar do esposo mortal a quem seu pai a mandava, e consagrar a pureza virginal ao Eterno por meio do martírio. Alegre em sua alma com este pensamento, se pôs ao caminho e, na hora que entrou por Çaragoça, mandou guiar à casa de Daciano.

Era conjunção que estava em audiência pública. Apresenta-se diante dele, reprende-o com linguagem e sembrante senhoril, chama-lhe juiz injusto, escravo vil do inferno, lobo do sangue humano e cruel ministro de vãos e cruelíssimos emperadores. Bastava pouco pera quem de seu andava feito carneiro. Deixou-se de paiavras, manda-a cruelmente açou-

tar diante de todos os que a vinham acompanhando, que eram dezoito honrados cavaleiros, e arrastar pola cidade como a blasfema, porque pusera boca nos emperadores. Não parando aqui os tormentos, acudiram os seus cavaleiros, tachando ao Presidente mostrar-se valente com ãa tenra donzela, quando tinha diante homens, e que professavam a mesma Fé por que ela padecia. Foi lançaço de valor, corridos de não provarem por obras o que podiam ver com os olhos. E não lhes tardou o prêmio, que foram logo todos dezoito, um trás outro, degolados, com cordial consolação da Santa, de ver que já ia sua companhia diante esperá-la ao Céu.

Provou novas artes o tirano, meteu tempo em meio, tentou afagos, lançou ferros; como viu que nada bastava pera dobrar a constância, mandou-lhe arrancar as unhas, atezar os peitos, pregar a cabeça com um prego até o cérebro. E, podendo ainda com mais a paciência santa do que sabia inventar a ira infernal, tornam-se a revezar potros, garfos e pentens de ferro, até que não houve parte nos santos membros em que se pudesse a vida sustentar. E assi se foi a bendita alma juntar com o Divino Esposo.

Viram-se Anjos, ao tempo que os fiéis a sepultavam, vestidos em dalmáticas carmesins, uns com tochas acesas nas mãos, outros com turíbulos de cheirosos perfumes, suprindo, ao que parece, no officio da sepultura aquilo em que os homens faltavam, polo medo e crueza da persiguição.

Esta igreja tem por baixo outra soterrânea, em que se vêm muitos sepulcros de mártires, alumiados com muitas alâmpadas contínuas e, como tudo é santo, causam maravilhosa impressão nos ânimos dos que decem abaixo.

Ambas estão à conta de religiosos de S. Jerónimo, que aqui têm nobilíssimo convento, obra d'el-Rei D. Fernando, o Católico.

Ao outro dia depois da Purificação tornou o Arcebispo ao caminho e, tanto que entrou em Castela, determinado em caminhar direito pera a sua Igreja, deixou à mão esquerda a estrada de Madrid e tomou a de Castela-a-Velha, por Almagar e Osma, na volta de Medina del Campo e Salamanca.

De Osma troceu três léguas por vir ver Caleruega, pátria e nacimiento de nosso glorioso Padre S. Domingos.

Este é o que em nossas lendas se chama Calaroga. Foi antigamente lugar de importância, em que tinham seu assento muitos nobres do Reino, quais eram os pais e parentes do Santo. Vai o tempo trocando e dando voltas a tudo. É hoje ãa vileta em que nenhum rasto há do que foi; aldea nos edificios e moradores, tinha até cem vizinhos, tudo lavradores, gente boa e devotíssima do seu Santo. Tem um só mosteiro da Ordem e este é de freiras, insigne por reformação, e a ele pertence toda a jurdição spiritual e temporal do lugar.

Há três igrejas: ãa, antiquíssima, em que foi bautizado nosso Padre, que é a freguesia da invocação de S. Sebastião; a segunda é a do mosteiro; e junto dela, sem haver mais de cincoenta palmos de distância, está a terceira, edificada no próprio sítio e solar das casas dos pais do Santo, no meio da qual há ãa capela, que dizem fica no mesmo lugar em que ele naceu; e na capela-mor, à mão esquerda, debaixo de um arco cerrado de grades de ferro, se guarda a pia em que foi bautizado, passada aqui de S. Sebastião, donde a mandou tirar el-Rei D. Felipe, que Deus guarde, e levar a Valhedolid pera ser nela bautizado, como foi, o Príncipe D. Felipe Domínico Vitório, que Deus faça tão santo como com este piíssimo acto lhe quis pronosticar Sua Majestade.

De Caleruega passou o Arcebispo a Aranda do Douro, boa vila do bispado de Osma, onde achou um convento de S. Domingos, edificado de novo e começado por mãos do grande religioso Fr. Pedro de Soto, e por mandado do Bispo de Osma D. Pedro da Costa, famoso prelado português que, como em fábrica sua, escolheu a capela-mor pera seu enterro.

Deste prelado aponta o Arcebispo em seu itinerário algũas excelências que não parece razão ficarem em silêncio, visto serem de português, e apontadas por tal cronista, que na narração dá indícios de ãa santa enveja delas.

Fora, primeiro, Bispo do Porto e depois, levado a Castela, foi promovido à Igreja de Lião e, ultimamente, teve esta de Osma, na qual, achando-a falta de doutrina, edificou logo um colégio de fábrica excelente pera clérigos, com

lições de Filosofia e Teologia e Cânones. E porque lhe não faltasse nada, comprou-lhe dous mil cruzados de renda e doou-lhe algũas peças de grande valia, ùas pera comprarem mais renda e outras pera ficarem na casa, por honra e autoridade. Entre as quais havia ùa cruz peitoral que afirmavam valia a pedraria dela vinte mil cruzados.

Em Aranda dotou largamente o convento que temos dito. Libertou seus súbditos de certo tributo antigo que pagavam à Coroa, comprando-o com dinheiro junto, contia que passou de doze mil cruzados. Os casamentos de donzelas, as esmolas, os ornamentos que dava às igrejas, não tinham número. Por maneira que havia vinte anos que era falecido quando o Arcebispo ali aportou e vivia seu nome na memória e na boca de todos, com louvor e saudade, agradecendo tarde o que porventura não estimavam quanto era razão, quando o tinham presente, conforme ao dito do outro: *Virtutem incolumem odimus, sublatam ex oculis quaerimus invidi* <sup>1</sup>.

De Aranda foi o Arcebispo dormir a Penhafiel, onde, com sua dissimulação antiga, só com seu companheiro, e a pé, foi pedir humildemente pousada ao convento da Ordem que ali há. E passou a noite à sua vontade, porque foi hóspede pobre e leve.

Na capela-mor desta casa, à mão esquerda, está um moimento alto em que jaz a santa matrona D. Joana d'Aça, mãe de nosso glorioso Padre S. Domingos.

Daqui passou em duas jornadas a Medina del Campo, onde se deteve três dias, mandando vestir a familia. Em outras duas jornadas foi de Medina a Salamanca. Nesta cidade tem a nossa Ordem um insigne convento, povoado sempre de sojeitos grandes em virtude e letras, como está posto sobre o monte de ùa Universidade florentíssima em todo género de ciência. Chama-se de Santo Estêvão, tem grossas rendas e grande número de religiosos, com quem as despnde.

Entrou o Arcebispo por ele como fez polo de Penhafiel, mas não lhe succedeu tão bem. Deu-se recado ao prior que

---

<sup>1</sup> Hor., O., III, 24, 31-32.

eram dous religiosos portugueses que vinham do Concílio. Entendeu que seriam Mestres; mandou a três da casa que os fossem receber e agasalhar. Eram Fr. Fernando de Hontiveros e Fr. João de la Penha e Fr. Pedro de Sotomaior. Trouxeram-nos pera o claustro com caridade e cortesia, em quanto se aparelhavam celas. Perguntou o Arcebispo, logo por se acautelar, se estava ainda ali um religioso de Lisboa, que se chamava Fr. Gaspar Leitão. Responderam que em casa o tinha e começaram-lhe a perguntar com grande alvoroço polas cousas do Concílio, e sobretudo por novas do Arcebispo de Braga, se viria por aquela cidade, que seria dita poderem ver tal pessoa, acrescentando que ele era quem a fama apregoava por Aquiles daquela santa guerra, honra de Espanha e da sua Religião, e maior de Portugal, donde era prelado e natural.

Reparou o Arcebispo um pouco e ficou triste. Desejava encobrir-se e temia ser descortês com padres tão graves; lançou brevemente suas contas, que não lhe estava bem continuar no fingimento, pois estava em casa quem lho não deixaria levar adiante, que era o mesmo religioso por quem perguntara, que o conhecia tão bem como quem fora seu aluno e em sua doutrina criado, no tempo de prior do convento de Benficia. E com assaz dor de coração, respondeu, como arrebrandando, estas palavras:

— Ah, Padres meus, que querem Vossas Reverências a esse homem? Eu sou esse malaventurado.

Não se pode bastantemente significar o espanto, a alegria, o alvoroço, que a novidade repentina e não esperada causou em todos. Assi o creram como se toda sua vida o trataram e conheceram, certo sinal de quão bem o acreditavam o sembrante e mostras exteriores. Arremessam-se todos a lhe tomar as mãos e beijar-lhas. Mandam, correndo, recado ao prior; revolve-se o convento, acode a comunidade inteira; não podiam crer terem de suas portas adentro e diante dos olhos tão grande hóspede, olhavam-no com espanto, acatavam-no como a santo.

Quando foi hora de completas, acudiu a elas e tomou lugar no coro esquerdo. Pediu-lhe o prior que fizesse a confis-



são, parecendo-lhe termo de cortesia. Respondeu com modéstia, mas gravemente:

— *Ad Episcopum non pertinet, nisi solum benedicere* — querendo dizer que ali não tocava mais ao bispo que lançar a bênção, como fez antes da *Salve*.

Tatou logo de se despedir, pera caminhar no dia seguinte, porque o gosto que tinha de se ver em clausura e entre os seus frades se lhe aguava com as honras e mimos que lhe faziam. Todavia, rogos e instâncias do prior o deteveram dous dias, nos quais alcançaram também que desse ordens, como as deu, a muitos religiosos no oratório da casa de noviços, e fez o officio com tanta gravidade e devação que admirou muito a todos os Padres. Que, na verdade, inda que nas palavras e trato comum era toda a humildade do mundo, contudo, na hora que celebrava qualquer acto pontifical, representava ãa majestade tão extraordinária que tanto nos mui conhecidos como nos estranhos causava terror e acatamento.

Não consintiu que viessem ministros de fora pera lhe assistirem no officio. Ministraram os frades, e ele os instruiu nas cerimónias, e ia advirtindo a cada ministro do que havia de fazer no que lhe tocava. Assi, com ser tudo rezado, não acabou menos das três horas da tarde.

Foi também causa de dilação o costume que o Arcebispo tinha, e aqui não perdeu, de fazer particular amoestação a cada Ordem que dava, encarecendo aos ordenantes a alteza da dignidade e o grande peso da obrigação que sobre si tomavam.

Teve cargo da cela e gasalhado do Arcebispo o Padre Fr. Gaspar Leitão, e ãa noite que teve lugar, mostrou a alguns padres o pelote que vestia um prelado que assi os assombrara com autoridade, o qual os não assombrou menos, porque, na calidade do pano era do mais grosseiro que na Ordem se dá pera interiores, e no estado, não só velho e consumido do uso, mas em partes remendado, e em tudo mostrava que devia ser o mesmo que ainda recebera na Ordem, quando nela vivia. E o que mais é, provava por boas conjeituras serem os remendos lançados por mão do mesmo Arcebispo.

Assi, não viam cousa nele que não edificasse, que não espantasse, do que naceu cobrarem-lhe todos naquele breve tempo tal afeição que, quando se houve de ir, não ficou nenhum a quem não custasse muito sua partida.

Partiu de Salamanca aos 21 de Fevereiro, depois de comer, e aos 23 doi dormir a Freixo-de-Espada-Cinta, primeiro lugar do arcebispado de Braga.

## FIM DO SEGUNDO LIVRO





LIVRO III  
DA  
VIDA DE D. FR. BERTOLAMEU DOS MÁRTIRES  
  
da Ordem dos Pregadores  
Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Espanhas



## CAPÍTULO I

*Entra o Arcebispo em Portugal, chega à sua cidade de Braga. Conta-se o amor com que foi recebido e o que logo fez.*

Não sei que doçura encerra em si este nome da pátria que, vendo entrar o Arcebispo nela, assi nos alegre escrevendo, como se com ele fôramos peregrinando e com ele tornáramos triunfando. Promete a pátria descanso, quietação, paz e alegria, mas é miserável condição a dos que governam, por mais que a doure a ambição.

Entrou o Arcebispo na pátria e em sua casa e, ao parecer, tomou porto seguro pera recreação e alívio de bem trabalhados três anos. E sucede tanto ao revés que quasi não contará outra cousa este terceiro Livro senão trabalhos, inquietações e tempestades de contendas e desgostos seus que, se não tiveram por si a Deus, por cuja honra o Arcebispo pelejava e padecia, nem se pudera esperar vitória, nem cuidar de sair deles com vida.

Bem disse um filósofo: *Difficile est esse probum!*<sup>1</sup> Grão trabalho e custosa cousa é fazer homem o que deve, porque, havendo d'haver justiça, desarreigar vícios, emendar vidas, tão bom mártir será um prelado entre os seus que não terá necessidade de ir buscar a palma e a coroa a Marrocos!

Entrou o Arcebispo em terras de Portugal por diferente caminho do que levou quando as deixou. Então foi por Bra-

---

<sup>1</sup> Plutarchus in *Convivio septem sap.*

gança entrar em Çamora; agora veio por Salamanca e Alvi-  
teguidino dar em Freixo-de-Espada-Cinta, como dissemos, em  
vinte três de Fevereiro deste ano de 1564.

Tanto que entrou pola raia, apeou-se com todos os seus,  
pôs-se de joelhos, e com alegria deu graças a Nosso Senhor  
polo levar e trazer são e salvo, com toda sua companhia,  
sem desastre nem doença, em cabo de três anos, que tantos  
havia começara a jornada, e quasi ao justo os cumpriu o dia  
que chegou a Braga, como ao diante veremos. E porque a  
vila de Freixo é já de sua jurdição, como dissemos, antes  
de entrar nos limites dela foi caminhando com toda a família  
um bom pedaço a pé.

E quando lhe disseram que estava já em terra do arce-  
bispado, parou um pouco e, todo cheio de nova alegria, sau-  
dou sua amada Igreja com ãa profunda inclinação e, com  
os olhos banhados em devotas lágrimas, lhe lançou ãa grande  
bênção. E tornando à memória as saudades com que em outra  
semelhante paragem se despedira dela, de novo, com os  
olhos pregados no céu e os joelhos em terra, fez oração ao  
Senhor, rendendo-Lhe as graças de Iha deixar tornar a ver  
com paz e saúde e, antes de se levantar, lhe lançou outra  
bênção, dizendo com grande afeito:

— Deus te salve, *formosa mea, columba mea, immaculata  
mea, amica mea et soror mea* <sup>2</sup>. *Ostende mihi faciem tuam,  
sonet vox tua in auribus meis. Vox enim tua dulcis et facies  
tua decora!* <sup>3</sup>

E logo dali foi visitando todas as igrejas que havia no  
caminho, pregando e crismando, segundo seu antigo costume,  
com tanta quietação e vagar, como se então saíra de Braga  
muito descansado. Acudiam por toda parte a vê-lo e tomar-  
-lhe a bênção com grande amor e reverência que todos lhe  
tinham.

Quando em Braga se soube de sua vinda, e que andava  
já no arcebispado, foi estranho o alvoroço com que a nova

---

<sup>2</sup> Cant. 2, 10.

<sup>3</sup> Cant. 2, 14.

se festejou por todo género de gente, porque a saudade e sentimento que lhes causou sua ida foi grande, creceu o amor com a ausência, e o gosto de o verem em casa não cabia nos peitos. Assentaram fazer-lhe um solene recebimento e aperceberam pera ele muitas cousas.

Entre tanto vinha o Arcebispo correndo suas igrejas e, como em cada uma se detinha visitando, quando esteve junto de Braga era já quarta semana da Quaresma e, porque teve notícia das festas que lhe tinham prestes, antecipou-se e entrou de noite, em um dia da mesma semana. Assi, veio a cumprir justamente os três anos de sua ausência, se lançarmos a conta de Quaresma a Quaresma, porque ele partiu ãa segunda-feira da Dominga da Paixão, três anos antes, como contamos no princípio do segundo Livro, e entrou agora, quasi na véspera da mesma Dominga. E logo nela apareceu na sé e no púlpito, como se tivera tomado muitos dias de folga, depois de jornada tão comprida.

Foi o concurso do povo, assi da cidade como do termo, tão extraordinário que era a igreja pequena, abafavam-se e não cabiam. Todos o queriam ver, e ouvir, e receber de perto sua bênção, e significar-lhe cada um per si, ao menos com os olhos e sembrante, o contentamento de o terem consigo. Pagava-lhes ele na mesma moeda e assi lho declarou, com palavras cheas de afeição paternaí, no primeiro conceito que levantou sobre o tema do sermão, que foi o princípio da Epístola que se cantou na missa: *Christus assistens Pontifex futurorum bonorum per amplius et perfectius tabernaculum non manu factum, id est, non huius creationis, neque per sanguinem hircorum, aut vitulorum, sed per proprium sanguinem introiuit semel in Sancta aeterna redemptione inuenta, etc.*<sup>4</sup>.

E procedendo adiante, como trazia nos olhos fazer cumprir e guardar com puntualidade os santos decretos do Concílio, não quis perder a ocasião que as palavras de S. Paulo lhe ofereciam pera o manifestar aos ouvintes. E, continuando

---

<sup>4</sup> Heb., 9, 11-12.

na explicação delas, discorria assi: Que sendo, como era, o próprio bispado de Cristo o ajuntamento dos escolhidos que hão-de ir ao Céu, por essa razão não tomaria posse dele perfeita senão no dia do juízo, antes do qual dia, e até ele, vai o bispado sempre em crescimento, assi como crece o número dos que se salvam. Donde inferia que os bispos, aos quais Deus pôs no lugar dos Apóstolos pera pregarem por todo o mundo o Santo Evangelho, devem cuidar que também eles a seu modo são bispos da cidade do Céu, e que são por Deus escolhidos, e por Ele postos em tal dignidade e officio pera que quanto em sua mão for trabalhem por chegarem os homens a ser cidadãos desta santa cidade, e familiares da casa de Deus, e a todo seu poder e com todas suas forças procurem que se aumente cada vez mais o número de tão honrado povo. Polo que não deviam haver os bispos que cumpriam bastantemente com sua obrigação, trabalhando por manter em paz e quietação e prosperidade suas ovelhas, quanto à vida e bens temporais somente (porque esse é o fim e intento dos reis da terra e de todos os mais governadores das repúblicas seculares), senão fazendo toda diligência e sacrificando a vida, se fosse necessário, pola salvação das almas, que são as que principalmente estão à conta dos prelados; e tanto à sua conta que, quando com boas razões e brandura, com conselhos e amoestações não puderem acabar com os súbditos que em sua vida e costumes procedam com aqueia limpeza e pureza que é bem resplandeça nos que pretendem ser moradores do Céu, em tal caso estão obrigados a usar de força e constrangê-los.

E não era inconveniente poder-se cuidar que, segundo a posse que muitas almas desenfreadamente dão de si ao pecado e ao inferno, seria perdido ou duvidoso o feitio que com elas usassem. Porque ainda que succedesse ficar-lhes baidado seu trabalho, nunca ficaria perdido o merecimento dos bons e santos intentos, que o galardão, onde a justiça é verdadeira, não se mede polos fruticos da seara, senão polo cuidado e diligência que em semear pôs o lavrador. Por onde S. Paulo não diz *plus omnibus profui*, senão *abundantius illis omnibus laboravi*, que quer dizer: «fiz de minha

parte mais que todos». Porque Deus não paga a obra dos pregadores pela medida do sucesso que dela resulta, senão pela tenção e eficácia com que trabalham e pregam, visto como a razão pede que não mereçamos com aquilo que depende da vontade e juízo alheo, que é o sucesso, senão só com o que é nosso próprio, como é o bom zelo e desejo de acertar em serviço do próximo.

E porque ele, visto o grande amor que todos lhe mostravam e o alvoroço e alegria com que festejavam sua vinda, e principalmente por razão do officio pastoral que tinha, se sentia obrigado a procurar com novas forças e muito de propósito o bem e remédio e salvação de todos, e esta em grande parte dependia da guarda inviolável dos saudáveis decretos que no santo Concílio, com assistência do Espírito Santo, toda a Igreja Católica juntamente acordara, fazia saber a todos que determinava introduzir logo o uso e prática deles, e fazê-los guardar puntualmente, esperando na misericórdia de Deus e no bom ânimo e devação que no rosto e olhos de cada um enxergava, que resultariam desta diligência tão crecidos bens espirituais naquela cidade e arcebispado, que ele ficasse havido por homem agradecido ao que confessava dever-lhes e, juntamente, bom executor do cargo que Deus lhe dera; e eles correndo com alegria polo caminho certo e seguro de sua salvação.

No domingo seguinte, que foi de Ramos, também pregou, e logo à quinta-feira fez solenemente aquela cerimónia santa a que deu principio Cristo, nosso Redentor, quando quis instituir o diviníssimo Sacramento do altar e ordenar em sacerdotes seu sagrados Apóstolos.

E passou desta maneira: mandou vestir doze pobres e, posta fua mesa na sua sala, assentou-os a ela e, depois de os servir um espaço, pondo a cada um per sua mão o primeiro prato, assentou-se à mesa e comeu juntamente com eles. Como acabaram de jantar, levou-os consigo à sé e na capela-mor, à vista do povo todo, lhes lavou os pés, o que fez com tanta devação e lágrimas que não houve peito tão duro que se não confundisse e tornasse de cera. E como tudo naquele dia e hora ajudava, foi cousa de grande edificação



e pranto gèral com que a igreja inteira acompanhou a seu pastor.

Após o lavatório subiu-se ao púlpito e pregou o Mandato com um espirito tão abrasado e tamanho fervor que em todos renovou a compunção e as lágrimas.

Esta cerimónia fazia despois todos os anos, e aos doze pobres, além do vestido e jantar, mandava dar na mão certa esmola em dinheiro.

## CAPÍTULO II

*Começa o Arcebispo a dar cumprimento  
aos decretos do santo Concílio, pola fundação  
do seminário e contribuições pera ele;  
e escreve a Sua Santidade em favor do clero.*

Passada a Páscoa, ajuntou o Arcebispo o cabido e cleresia e propôs-lhe a obrigação que todos tinham de ganharem por mão a todas as igrejas do Reino na execução do santo Concílio Tridentino.

E porque a determinação que mais redundava em proveito geral era a que mandava fundar seminários pera se criarem desde mininos os que, depois de criados em santa doutrina, poderiam idoneamente servir as igrejas, aconselhou que fosse esta a primeira cousa em que entendessem, e pediu-lhe encarecidamente que liberal e alegremente acudissem todos à obra, em que o merecimento havia de ser de todos, não pondo dúvidas nem levantando litígios na contribuição que tocasse a cada um, e que ele queria ser o primeiro a dar a sua parte.

Era matéria de largar fazenda; não havia pessoa a quem se fizesse fácil. Houve contradições e alterações e queixas, porque muitos alegavam que suas prebendas eram tão ténues que por nenhum caso eram capazes de partilha, por pequena que fosse. Outros faziam dificuldade em haverem de fazer contribuição desd'ó tempo que o breve foi passado; porque, tanto que no Concílio se acordou a fundação dos seminários, logo o Papa passou suas letras pera se lhe dar cumprimento. E os que estavam de melhor ânimo na matéria consintiam na contribuição presente e pera o diante, mas não tinham

por tolerável haverem de pagar do que tinham comido e, como a contia era já crecida, não havia nenhum que viesse em desembolsar cousa algũa.

Os capitulares da sé moviam outra dúvida que parecia principio de litígio e que revolveria só per si todo o negócio. Queixavam-se agramente de que, além da contia com que haviam de acudir das prebendas que consistiam em frutos, se lhes mandava também que pagassem *pro rata*, daquela porção que quotidianamente recebiam na sé, em dinheiro de contado, afirmando com eficazes razões que não só era rigoroso e exorbitante tal mandado, mas contra todo o direito e razão, vistas as obrigações contínuas da sé, e o peso gravíssimo da assistência tão aturada e trabalhosa, que mais merecia acrecentamento que não diminuição daquela pobreza que, quasi como esmola e um género de gratificação, se lhes dava na mão. Quanto mais que queriam mostrar, e pera isso pediam tempo e lugar, que era contra a tenção das letras apostólicas, as quais mandavam fazer a taxa e contribuição de frutos, e não do que era meramente estipêndio.

Quanto pode um bom entendimento! Assi os soube levar o Arcebispo que tornou em paz e bonança toda a tormenta de contradicções que já estava armada, dando-se por satisfeitos com se temperar o rigor do breve em dous pontos: primeiro, que dos anos corridos se não pagasse nada; segundo, que os que tinham sua prebenda naquela moeda que recebiam quotidiana na sé, sem outro nenhum fruto, não pagassem mais que ametade da parte que, por razão da taxa do breve, lhes tocava, e isto em caso que o Papa não consentisse em ficarem isentos de toda, como parecia justo. E ofereceu-se a escrever logo a Roma e pedir a Sua Santidade que assi fosse servido, que foi acabar de quietar tudo, como já sabiam o muito crédito que tinha com o Papa.

A carta ajuntaremos aqui, assi como a achamos entre os papéis que à nossa mão vieram, do Arcebispo, porque declara o bom ânimo com que acudiu a favorecer o clero, e a muita prudência com que juntamente pôs em efeito e correnteza este importante decreto. E não irá traduzida, porque já fica declarado o que contém.

Beatissime Pater:

Post faelicium pedum oscula.

Cum Tridentinae Synodi decretum Sanctitatisque tuae motum proprium de puerorum collegio ac seminario extruendo, iuxta id quod eadem Sanctitas tua praeceperat, diligenter exequi et obire curarem, non defuerunt contradictiones, variaequae obiectae dubitationes, quibus tam Capitulum, quam Clerus huius Dioecesis institutum opus impedire et interpellare contenderunt. Quoniam autem Deo gratius et acceptius me facturum credidi, si rem ad exitum perducerem, quam si eius difficiles aliquos nodos inuolutos adhuc, et implicatos relinquerem: controuersias omnes ad hunc modum dirimendas censi.

Licet in eo motu proprio, qui Sanctitatis tuae nomine ad nos missus est, iuberetur, ut ad collegium conficiendum, pecuniae ab eo tempore soluerentur, quo debita portio ex omnibus huius Dioecesis redditibus pendenda, a me praefinita esset. Constitui tamen, pecuniae, quae ad superiores annos spectabat, exactione supersedere, eamque tantum cogere, quae ad praesentem annum attinebat, qui die Sancti Ioannis Baptistae proxime elapso incepit; ita tamen, ut statim significarem, me supplici animo a Sanctitate tua efflagitaturum, ut hanc superiorum annorum pensionem Clero remitteret, beneuoleque condonaret. Quo audito qui antea tumultuari videbantur, conquierunt, moderatiusque et placatius onus sibi impositum tolerarunt. Ultra hoc etiam huius ciuitatis Braccharae Capitulum, caeterique eiusdem Dioecesis Capitulares Conuentus ad huiusmodi tributo vendicare nituntur redditus iure et instituto Pontificio sibi in singulos dies dari solitos. Autumant enim et affirmant huiusmodi redditus non fructuum nomine, sed diurni stipendii esse appellandos; ideoque iuxta rectam iuris normam nihil ex his ad communem hanc collationem, Collegiique alimenta decerpenda; ita intelligen-

*dum, ita explicandum, tam decretum Sacrae Synodi, quam motum proprium Sanctitatis tuae. Unde interpretationem sacrae Synodi, quae totam dubitationem explicat, Sanctitati tuae ut vero Arbitro et disceptatori deferendam duxi, ut Beatitudinis tuae iussu, quid in re ancipiti sentiendum, quid sequendum, nobis praescribatur. Interim stante dubitatione nihil ex his quotidianis redditibus detrahendum esse constitui. Quod aequum iudicavi habita huius civitatis Capitularium ratione, qui ex praebendis suis nullos solidos annuosque fructus colligunt, cum quid quid emolumenti praebendae reddunt, id totum in illos quotidianos redditus conferatur.*

*Accedit, quod hac mercede iidem Capitulares dignissimi sunt propter grauissimum laborem sine intermissione in templo maximo sustinent cum magno Diuini cultus incremento. Quibus de causis, quodque praebendae ipsae tenues parumque, fructuosae sint, cum eisdem deliberavi Sanctitatem tuam summopere rogare, ut si alendo Collegio partem tamen aliquam ex quotidianis illis pecuniis debere praescindi visum fuerit, hanc veniam det gratiamque tribuat Beatitudo tua civitatis huius Capitularibus, ne ultra dimidiam partem eius summae quae singulis pro rata obuenerit, pensitare cogantur. Et quoniam hac inita ratione pacem obtinimus, caeperuntque omnes tam e clero, quam e Capitulo quod cuique obtigit libenter pendere, unde facili negotio opus collegii perficietur, Sanctitatem tuam, quanta possum animi vi et contentione maxima, coram Deo optimo maximo obsecro, et obtestor, ut his rebus ita providere et consulere velit, ut et Clero satisfiat, et omnes absque tumultu et offensione laborioso ponderi sese subjiciant.*

*Expedit etiam, Beatissime Pater, cum Sanctitas tua praedicti motus proprii ad nos missi verbis approbauerit iam atque confirmauerit taxationem pro redditibus huius Dioecesis a me factam, in qua iustas aliquas et honestas admisi declarationes et modificationes ab uniuerso Clero tunc temporis; expedit, inquam, ut Sanctitas tua eas*

*pro expressis habens, eodem similiter motu proprio denuo confirmare et approbare dignetur. Idque ego et meo et omnium nomine, quantum enixe possum, supplico et peto. Etc.*

Rendidos os ânimos de todos com estes bons meios, aceitaram conformemente começarem logo a contribuir. Era a contribuição a dous por cento das rendas de todos os benefícios do arcebispado. E o Arcebispo, pera mais os convencer, além de mandar entregar com efeito a parte que lhe tocava pagar de suas rendas, applicou pera a obra trezentos cruzados da sua mesa arcebispal. E logo fez pôr mãos à obra com tal diligência que este foi o primeiro seminário que em Portugal, e porventura em toda Espanha, se edificou.

Obrava aqui o espírito do Arcebispo e aquela sede insaciável em que ardia de aproveitar aos próximos.

Assi, aconteceu que dentro de seis meses houve aposento capaz pera sessenta colegiais. E não tardou o Arcebispo em os fazer povoar de muitos moços de bom natural escolhidos de todo o arcebispado, que como boas prantas em viçoso jardim criadas à mão de cuidadoso hortelão, foram dando singulares fruitos e provendo as igrejas de ministros letrados e virtuosos, que foi o efeito que o bom juízo do Arcebispo anteviu, sendo ele o primeiro que no Concílio moveu a prática dos seminários, e a continou e persuadiu até que alcançou ficar por decreto <sup>1</sup>.

Mas não achou tanta facilidade em outro decreto não menos pio, que logo diremos, pera que o trabalho e contradição lhe acrescentasse merecimento e glória diante de Deus.

---

<sup>1</sup> Cap. 18. Sess. 23.

### CAPÍTULO III

*Como o Arcebispo começou a visitar as igrejas  
da jurisdição do cabido, que eram todas as da cidade,  
e da grande contradição que achou.*

Para mais clarezza do que temos que tratar neste capítulo é de saber que em tempos antigos toda a jurisdição assi espiritual como temporal do arcebispado de Braga, e toda a administração das rendas e frutos dele, eram comuns entre os arcebispos e cabido, e indivisamente se governava tudo. Correram os anos, creceu a malícia, começou a haver diferenças e demandas que passaram, como é ordinário, a grandes contendas e desgostos. Enfim, pera quietação vieram a partidos e compuseram-se nesta forma:

Que as rendas se repartissem igualmente entre o Arcebispo e cabido e, quanto à jurisdição, a temporal fosse toda, *in solidum*, do Arcebispo, mas a espiritual, o cabido a tevesse e exercitasse em todas as freguesias, capelas e ermidas da cidade, e sobre as igrejas de S. João de Souto e Santiago, sem o Arcebispo se poder entrometer nela em nenhum tempo. E todas as mais igrejas do arcebispado ficassem da jurisdição do Arcebispo, sem o cabido entender jamais com elas.

Este acordo apaziguou discórdias presentes, mas deixou semente pera levantar outras maiores polo tempo adiante, porque, em virtude do concerto, nomeava o cabido visitantes que visitavam o clero e os seculares da cidade; e o pastor, que o era em obrigação e nome, ficava sem conhecimento de suas ovelhas, e sem poder entender qual era

a vida dos eclesiásticos, dos ricos, dos poderosos da cidade. E estava claro que, havendo neste género de gente vícios e culpas, de que a liberdade e a riqueza são fonte certa, nunca poderiam ter emenda, pois a eleição dos que as haviam de syndicar pendia do arbítrio dos mesmos que muitas vezes eram mais culpados.

Assi, havia males públicos e sem remédio, não faltando visitas contínuas de cada ano. E era o mal maior, porque sendo em pessoas grandes e posto como em praça pública, por ser na cabeça do arcebispado, os que vinham à cidade levavam pera suas casas exemplo de muito escândalo: os maus pera serem piores, e os bons pera cairem facilmente. Donde nacia serem de pouco efeito as visitações dos outros lugares, que a malícia sabe fazer seus silogismos e qualquer, comprehendido em culpa, por grave que fosse, achava parceiros ricos e nobres, e às vezes com mais publicidade, e tomava armas das culpas alheas contra o castigo e reprehensão. E os mesmos visitantes se queixavam entre si:

— De que serve provar forças com os pequeninos e pobres, quando há grandes em dignidade, sangue e renda que a olhos do prelado vivem e repousam atolados no lodo do pecado, e entram e saem anos sem emenda e sem remédio?

Esta era a pedra em que topavam e se magoavam todos os prelados, entrando nesta Igreja. Muitos, levados do bom zelo que acompanha os princípios dos cargos, desejaram arrombá-la e desfazê-la, consideraram as dificuldades, desconfiaram, e não passaram de bons desejos. Outros chegaram a acometer, mas acharam tal resistência no primeiro assalto que não se atreveram ao segundo. Vieram a entrar filhos e irmãos de reis na prelacia; prometiam-se a vitória com as costas quentes no poder real. Mostraram mais brio e fizeram tão pouco que tudo serviu de fortalecer mais a auto-ridade do cabido e lançar mais âncoras em sua posse.

Considerava tudo o nosso Arcebispo e chegava-lhe à alma ver chagas podres e já contagiosas dentro dos muros em que vivia e, sendo ele o cirurgião verdadeiro delas, achar-se



com as mãos atadas pera as curar. A obrigação, polo cargo diretamente sua, mas impedida com as capitulações indiscretas dos antecessores. Com tudo, fiado em Deus, que só tinha diante dos olhos, e em um decreto do sagrado Concílio que não somente dá licença aos bispos que visitem todas e quaisquer igrejas de suas diocesis, mas manda e obriga-os que lhes não fique nenhũa por visitar em cada um ano, começou animosamente o negócio.

Acabada de assentar a fábrica e taxas das contribuições do seminário, sem meter tempo em meio, mandou significar ao cabido que escusassem nomear visitadores pera a cidade, porque ele, em cumprimento dos decretos do santo Concílio, a que estava mais obrigado que às composições e assentos de seus antecessores, começaria a visitar suas ovelhas, cuja jurdição nenhum prelado podia ceder a outrem em prejuízo de seus sucessores. E nomeou dia.

Não há palavras que possam bem declarar as poeiras, as gritas, os estrondos, que levantou em todo género de gente esta determinação. Uns, acudindo pola autoridade e honra do cabido; outros, polo que suas consciências lhe faziam temer, que tinham o Arcebispo por rigoroso; todos, pola posse e antiguidade de estarem senhores de si e da melhor parte do arcebispado.

Amanheceu o dia nomeado; aparece o Arcebispo na sé com mesa posta e escrivão consigo, e meirinho convocando testemunhas. Estava o cabido e clero todo da cidade feito em um corpo, gente poderosa, docta e muito curial, e muita em número, aparelhados pera resistirem segundo se vissem acometer.

Acudiram logo, requerendo ao Arcebispo com toda solemnidade de Direito que se não entremettesse a visitar a cidade que era jurdição do cabido, nem lhes perturbasse a posse em que estavam, de tempo imemorial, ajuntando seus protestos e todos os mais pontos que se usam em semelhantes autos.

Respondeu o Arcebispo com toda moderação poucas palavras; e tanto mais constante quanto mais brando se mostrava, foi continuando e perguntando testemunhas.

Replicou-se por parte do cabido e, como o Arcebispo não desistiu, foi-se ateando deste dia em diante a mais guerreada demanda e de mais trances e recontros que houve em muitos anos neste Reino, como a história o irá contando em seus lugares.

## CAPÍTULO IV

*Procede o Arcebispo na visitação começada;  
dá vista aos estudos, e hospitais, e às obras do seminário.  
Toma razão das esmolas do tempo de sua ausência.  
Visita rigorosamente sua família  
e dá forma na visitação do arcebispado.*

Não levantou mão o Arcebispo da visitação, correndo todas as igrejas da cidade, e visitando todo género e estado de gente secular e eclesiástica, até a ter cerrada. Acudiam-lhe cada dia e em cada igreja novas reclamações e atentados do cabido; dava sua reposta sem nenhũa alteração, e proseguia na obra. Ardiam em fogo de cólera e raiva (que este é o fruto ordinário dos litígios) os prebendados e quasi toda a cidade; ele, tão quieto (e todavia firme em seu propósito) que podia dizer: *In medio ignis non sum aestatus.*

E, como se não fora parte em negócio tão pesado, andava, nas horas que lhe vagavam, dando vista: ora ao Colégio da Companhia, que estava no cabo quanto à fábrica e continuava com diligência nas lições de sua obrigação; alegrava-se de ver as aulas cheias, aqui de principiantes, ali de provectoros, outros já no curso das Artes e em estado de começarem a dar fruto e serem de serviço naquella sua república que tão necessitada achara; agradecia aos mestres o trabalho, encomendava-lhes novo cuidado. Outras vezes passava ao seminário. Apertava com os aparelhadores da obra, com os officiais e superintendentes que metessem gente, crecesse o edificio, luzisse a despesa. Já acudia ao hospital dos pobres enfermos, já à hospedaria dos eclesiásticos, fazendo estreitas informações da cura que se fazia a uns, do provimento que

tinham os outros. Logo entendia com os estudantes pobres, se recebiam puntualmente suas esmolas de cada mês, se estudavam, se viviam bem.

Nenhã abelha se viu mais solícita em jardim cheio de flores, por colher de todas com que aperfeiçoar o artificio de seus favos, do que o Arcebispo andava em todas as cousas de sua obrigação e em cada ùa, como se nenhã outra estivera à sua conta, tão miúda e particularmente as tratava. E como os pobres eram os seus mais queridos filhos, quis saber o cuidado que deles se tivera nos anos de sua ausência: dos que se vestiram na cidade e em todo o arcebispado; das órfãs que se casaram nos lugares de sua obrigação, pera as quais deixara contia de dinheiro certa e separada; das viúvas e envergonhadas que se visitaram com esmolas.

E isto fazia, não pera pedir conta estreita das rendas, com termo avaro e desconfiado, que esta não tomou nunca nem a mandcu tomar, porque os ministros de que se servia eram tais que não havia nem podia haver deles desconfiança. Que este é o verdadeiro método de bom governo com que nos bons tempos se regia o mundo: muita diligência por achar um bom ministro; achado, fiar dele tudo. Hoje vai tudo tanto ao revés que o primeiro contra quem se acautelam os governadores das repúblicas é o mesmo que acabaram de eleger pera o cargo. E é grão caso que na hora que lhes deram o cargo, nessa mesma o têm já por suspeito (e ainda mal, porque muitas vezes lhes sobeja razão; mas a culpa é mais dos eleitores que do eleito).

Era o Arcebispo senhor de si e do que fazia e mandava; queria que os ministros fossem ministros, não amos nem pedagogos; que todos dele dependessem, ele de nenhum senão da razão e da verdade. Queria saber como se procedera no passado pera melhorar o presente, se fosse necessário, e remediar tudo com igualdade, e como bom pai que ama igualmente os filhos, sem preferência nem diferença de uns a outros.

E confiando tanto dos depositários de suas rendas, como temos dito, porque sabia serem fiéis em alto grau, só na

distribuição que faziam com os pobres se mostrava desconfiado, arreceando sempre que, ou seria mais curta do que ele mandava, ou menos contínua do que desejava. E a este fim lhes fazia amiúde particulares lembranças, afirmando que toda a esmola que dava, por restituição a havia, não por esmola, porque os pobres que a recebiam eram os proprietários dos bens e rendas da sua igreja, e dar-lhos era tornar o seu a seu dono.

Não se esquecia neste tempo do edificio do seu convento de Viana, procurava saber como corria, não só no que era pedra e cal, mas nas obrigações que assentara com o Provincial, nas lições de Casos, nas pregações da vila e do termo e comarca, e fazia apertadas diligências com o vigário que nele presidia, advirtindo-o e amoestando-o que era obrigação de contrato a que tinham aqueles religiosos, além da que lhes corria por sua religião. E, alegre com as boas informações que lhe vinham, mandava por retorno grossas esmolos com que a fábrica ia muito adiante. E a casa agasalhava já muitos religiosos, sojeitos de importância em virtude e letras, com que estava acreditada, e a terra bem satisfeita.

Cerrada a visita da cidade, determinou o Arcebispo sair a visitar o arcebispado, mas quis primeiro fazer ãa diligência que me persuado deve ser ordinária entre os preladados todos que, como lêem em S. Paulo que quer pera bispos homens que saibam bem governar suas casas, não podem ser descuidados em procurar que sua família seja exemplo de virtude ao povo. E o meio disto é que, pois visitam as casas e vidas alheas, comecem primeiro por sua casa e pola vida dos que têm de portas adentro; e quanto estes lhe tocam mais que os outros tanto seja mais estreita a inquirição do procedimento de cada um, e mais rigoroso o castigo dos culpados.

Esta diligência fez o Arcebispo per sua pessoa, com toda a família, exactissimamente. Do que de lá resultou não nos chegou cousa que possamos pôr em memória, mas sabemos que deste dia em diante, todos os anos, a primeira visita em que punha mão era esta, e castigava os que achava comprehendidos conforme as culpas, reprimendo uns e despedindo

outros de seu serviço. A segunda era a da cidade, a que este ano deu princípio, como dissemos. A terceira, a do corpo do arcebispo.

E porque entendia quanto importam os olhos do pastor cujo é o gado, pera saúde e remédio verdadeiro dele, assentou, inda que muito lhe custasse da saúde e da quietação, visitar pessoalmente todas suas ovelhas. E pera o poder fazer, como a diocesi é tão larga e espalhada, ordenou parti-la em três comarcas ou districtos, dando poucas menos de quinhentas freguesias a cada districto, e tantas assentou que poderia visitar cada ano. E saiu-lhe tão acertada a traça que por ela se governou em quanto assistiu no arcebispo, contentando-se com dar vista a todas suas ovelhas cada três anos ãa vez. A qual vista de três a três anos, como era de olhos próprios posta em balança com a que podia dar cada ano per passos e diligência de mercenários, era de tanto mais efeito quanta é a vantagem que tem o bom pastor ao mercenário em tudo o que toca ao bem das ovelhas.

Acrecentava-se que o Arcebispo, como tocamos atrás, da vista que dava, depois dos remédios d'alma que sabia procurar como pai, e pai muito amoroso, deixava remediadas todas as necessidades corporais, que era um meio excelente pera obrarem as mezinhas espirituais.

Um só inconveniente havia nesta dilação dos três anos, que era poderem falecer muitos mininos sem o sacramento santo da confirmação. Este ponto tratou de vagar em Trento, com prelados e outras pessoas de letras, e com seu parecer se resolveu em crismar os mininos, inda que fossem de peito, porque não succedesse falecer nenhum sem crisma, pois não há dúvida que os que morrem crismados têm glória aventajada por virtude deste sacramento, como afirma nosso Padre Santo Tomás <sup>1</sup>. E pera não acontecer tomarem duas vezes a crisma, mandou que no livro dos bautizados houvesse título de crismados, quando fossem dos que ainda não tevessem uso de razão.

---

<sup>1</sup> 3, p. q. 72, ar. 8.

## CAPÍTULO V

*Da jornada que o Arcebispo fez a visitar as terras de Barroso, e de um caso milagroso que nela succedeu.*

Tem o arcebispado de Braga muitas igrejas entre montanhas e serras fragosíssimas, como se pode entender do que atrás deixamos escrito. Mas as que estão nas terras que chamam de Barroso têm um sítio tão intratável de serras e penedias, quasi sempre cubertas de neve, de picos que se vão às nuvens, de brenhas temerosas, de vales profundíssimos e passos perigosos, que mais parecem morada de feras e salvagens que de homens capazes de razão e juízo. E com tudo são muitas as igrejas e muito em número o povo que se cria por aquelas matas, como formigas em formigueiros.

Por tal terra como esta determinou o Arcebispo começar este ano a visitação de fora; que, como estava resolute em andar tudo pessoalmente, quis começar polo mais dificultoso, julgando, antes tendo por certo, que haveria em tal posto grande necessidade de sua presença e tão espessas matas de ignorância como havia de arvoredo agreste; e não se enganava, como depois mostrou a experiência.

Na hora que publicou a jornada não houve homem dos que lhe podiam dar conselho que lha não encontrasse com muitas razões, afirmando todos a lha que era género de tentar a Deus polos perigos certos a que se oferecia a si e a todos os seus, em terra sempre invernosa, sempre cheia de neve, onde até na força do verão havia tempestades de

ventos frios de cruelíssimo inverno, riscos manifestos nas subidas das serras, serras tão íngremes que por muitas partes era forçado ir a pé e talvez valer das mãos, maior risco nas decidas ou precipícios dos vales que, só de olhar pera o baixo, se perdia a vista, tremiam as carnes, pasmava o ânimo, e todo o encarecimento ficava curto, falando de longe, pera o que havia de achar de perto. Sobre tudo terra pobre, estéril, falta de mantimentos e muito mais de gasalhados e, em fim, tal que nunca nenhum prelado se atrevera a subir a ela senão fora o grande S. Giraldo (se se pode dar crédito a ãa tradição que de tempos antiquíssimos anda naquela gente) e que, todavia, lhe custara a vida, acabando aí seus santos dias.

Não resiste a palma ao peso nem o diamante ao martelo com mais fortaleza do que o Arcebispo se armava de consciência contra todas as dificuldades; antes, quanto mais lhas exageravam mais lhe acendiam o desejo de se ver já com elas a braços e como em desafio. E parecendo-lhe tudo pouco, a troco do merecimento que esperava ganhar com Deus em acudir a ovelhas tão desemparradas ou perdidas, mandou fazer prestes e nomeou dia e, em fim, partiu, contra parecer de todos, alegremente.

Entrando pola terra, começou a visitar polas fraldas dos montes e polo menos fragoso. E logo foi vendo que se os que lhe estorvavam a ida falavam verdade no que diziam da qualidade do sítio, muito mais ao certo lhe adivinhara seu coração o miserável estado que achava nas almas e consciências da pobre gente. Podemos bem dizer que não havia cristandade mais que no nome.

Correu a voz pola serra da vinda do Arcebispo. Abalou-se toda, foi o alvoroço e alegria sem medida. Juntavam-se a recebê-lo polos caminhos com suas danças e folias rudes, que era o extremo de festa que podiam fazer. E, porque não fossem julgados por menos agrestes que os seus matos, nas cantigas que entoavam entre as voltas e saltos dos bailes, publicaram logo a quanto chegava o que sabiam do Céu e da Fé.



Ua dizia assi: *Benta seja a Santa Trindade, irmã de Nossa Senhora!* Este mote, com grosas igualmente desparatadas, repetiam muitas vezes, havendo que grangeavam com música santa um prelado que trazia fama de santo, e mostravam fineza de cristandade.

Que faria um prelado pio e zeloso neste passo? Fina-vam-se de riso todos os seus. Ele, qual o outro prudente e afligido de quem o poeta canta *Spem vultu simulat, premit altum corde dolorem*,<sup>1</sup> fingia sembrante alegre, porque con-vinha pera contentar e assi ganhar e remediar aquela rudeza, mas em seu coração chorava lágrimas de sangue, vendo tanto desemparo no gêral, que não era menos nos particulares, como logo foi descobrindo.

Encontrou a um caminhando; chamou-o, perguntou-lhe quantos eram os mandamentos da Lei de Deus; respondeu espivitadamente que eram dez; mandando-lhe que os decla- rasse, foi a reposta levantar as mãos ambas e alargar os dedos, fazendo conta que em mostrar o número nos dez dedos estava a ciência, e nenhũa outra cousa soube o pobre dizer. Daqui se pode inferir qual estava tudo.

Começou o Arcebispo a fazer seu officio com grande piedade, officio de verdadeiro pastor e pai. Como com mininos, assi estava com eles, assi lhes fazia a doutrina, pregava, crismava, rogava, animava e amimava, mais do que reprendia. Porque a gente de seu natural era inclinada ao bem e, dos males que havia, os mais procediam de falta de mestres, poucos de malícia.

Bem sentia o inimigo infernal que lhe havia de dar muita perda esta jornada, e por isso trabalhou pola estorvar por meio de conselhos piadosos, como atrás contamos, que a cada canto sabe criar procuradores de sua maldade sem se dar a conhecer. E, raivoso do successo, determinou-se em guerra descuberta.

Andava já o Arcebispo no mais trabalhoso da serra. E passava um dia de Covas de Barroso pera onde chamam as Alturas ou o Salto; era o caminho ãa vereda muito estreita

---

<sup>1</sup> Virg., I *Aened.*

e costa arriba, por ãa serra íngreme e altíssima, e de ãa e outra banda quasi como talhada a pique, e os vales tão fundos que metiam medo. Caminhavam todos infiados um atrás outro e com assaz pavor e, como dizem, com o Credo na boca. Diante iam sete azêmalas de carga que levavam camas e mantimento, como se fazia conta que era o caminho por deserto. Seguiam os criados e família e os visitantes, que ajudavam e sempre acompanhavam o Arcebispo. Na rectaguarda, um espaço atrás, ficava o Arcebispo, acompanhado somente de alguns de pé, que nunca o largavam.

Era este o costume do Arcebispo. Como saía pola manhã da pousada, chamava um capelão com quem ia rezando as Horas menores. Acabadas, despedia-o, dizendo:

— Agora recolhamo-nos com Deus.

E ãas vezes deixava-se ficar detrás de todos, outras, se o tempo era áspero de ágoas ou frios, tomava a dianteira e logo fazia o que dezia, servindo-lhe quantas cousas via polo caminho de ocasião pera acender e levantar o espírito em alta contemplação em que de ordinário ia tão engolfado que pouco ou nada sentia o trabalho, por larga que fosse a jornada. Com os braços cruzados e os olhos no céu, e as rédeas da mula lançadas em banda, caminhava muitas léguas sem dar fé de nada, e às vezes por passos bem perigosos. E guarda Deus com tanto cuidado os pés dos que trazem os olhos e coração n'Ele (segundo o que tem prometido<sup>2</sup>) que afirmavam os que o serviam, espantados da postura e enlevamento em que sempre ia, que nunca viram cair nem menos tropeçar ou embicar a mula em que caminhava.

Na ordem que temos dito iam caminhando devagar e com trabalho, senão quando, ao tempo que iam no mais alto da costa, e quasi vencendo o cabeça do monte, resvala ãa das azêmalas de carga e, em resvalando, tudo foi um resvalar e ir em tombos pola costa abaixo. Ia nesta paragem o carreiro ou vereda que seguiam, em voitas; vinham abaixo as outras azêmalas; dá sobre elas a que vinha em tombos, com o ímpeto que trazia derriba a primeira que encontrou, esta

---

<sup>2</sup> Sl., 90, 11-12.

leva outra, e outra a que se seguia. Assi se foram encontrando, empuxando e derribando, até darem nos que vinham a cavallo, que sem remédio, como não havia nenhum pera se desviarem, vieram quasi todos a terra, dando voltas sobre os penedos.

Foi grande a grita que o sobressalto e o perigo fez levantar a todos, chamando em altas vozes polo nome de Jesu e de Nossa Senhora, dando-se por acabados e havendo que não parariam senão no fundo do vale feitos em pedaços. Foi tal o alarido que o Arcebispo, inda que vinha muito atrás, o ouviu claramente, como crecia o eco entre os vales e concavidades da serra. Entendendo o que poderia ser, mandou aos de pé que o acompanhavam fossem correndo acudir, e ele apeou-se e, derribando-se em terra, com as mãos e olhos levantados ao Céu:

— Ah, Senhor! — disse — como permitis que sejam perturbados passos tanto de Vosso serviço, como Vós sabeis que estes são? Que dirão os que tanto fizeram polos estorvar, ficando descansados e quietos em suas casas? E como se atreverão estes a passar adiante e acompanhar-me, se os não guardais?

Sem dizer mais, esteve em silêncio orando quasi meia hora; e, tornando a cavalgar, disse alegremente ao que lhe tinha a mula de rédea:

— Seja Deus pera sempre louvado! Ninguém perigou.

Entretanto os caídos se tinham alevantado e os de pé carregado de novo as azêmelas; e, juntos todos, acharam que em tão evidente perigo nenhum dano se recebera; e ainda que alguns deram muitas voltas sobre penedos agudos e troncos de árvores, onde só o peso e a força da queda era bastante pera matar, nem cavalgadura nem homem ficou ferido, nem maltratado, excepto um só que estroncou um pé, cousa muito leve. Assi, davam todos o caso por milagroso e tornaram a caminhar até ganharem o alto da serra e ficaram na estrada larga.

Como foram em cima, pararam, juntaram-se, davam-se os parabéns uns aos outros de se verem saivos, como se naquêle dia naceram outra vez; e assi davam a Deus graças

sem fim. Mas entraram em cuidado do que seria de seu amo, e logo alguns tornaram polos mesmos passos em sua busca, temerosos de semelhante successo ao em que se viram. Porém, logo ficaram desassombrados e pararam, que o viram de longe, que vinha pouco a pouco sobindo e, quando chegou a eles, antes que ninguém falasse, levantou as mãos ao Céu e, com rosto ledó e risonho, disse:

— Seja o Senhor louvado, que ninguém perigou!

Ficaram todos atônitos, olhando uns pera os outros, de ouvirem o que lhes dizia, sabendo certo que ele os não vira cair; e quando bem lhe chegasse o rumor e a grita, era impossível ter notícia do successo e de como cada um ficara, se não fosse por revelação.

E então assentavam que quem estando ausente e longe do perigo alcançara que o haviam passado sem dano, esse mesmo, por seus merecimentos, lhes negocara com Deus o remédio e livramento. E cuidando despois devagar na calidade do sítio em que caíram, na violência da queda e no estado em que se viram e, trás isto, nas palavras do Arcebispo, achavam no caso dous milagres: o primeiro escaparem todos sãos e salvos, e sem lezão nenhũa; o segundo havê-lo adivinhado o Arcebispo, estando longe, como se fora presente.

E, se houvera neles curiosidade pera fazerem autenticar ambas as maravilhas, como houve juízo pera as notarem, pudéramos dar este successo por tão milagroso como muitos dos que se contam nas canonizações dos grandes Santos antigos. Mas, ficando entre todos praticado e conhecido por tal, tiveram cuidado de dissimular, respeito de seu amo, a quem sabiam que com nehũa cousa podiam desgostar tanto, segundo sua grande humildade, como com falarem ou fazerem caso de matéria que redundasse em louvor seu.

## CAPÍTULO VI

*Procede na visitação até a concluir. Dá-se conta  
doutros desemparos que achou e da traça que deu  
pera remédio de toda a Serra.*

Neste limite das Alturas, que com muita razão possui tal nome, pola eminência que tem sobre as mais serras de Barroso, há no alto largueza e descampado, e muitas terras lavradas e frutíferas e, pelo conseguinte, abundância de moradores com suas igrejas.

Na primeira em que o Arcebispo aqui entrou, como tinham já recado os fregueses, que sempre mandava diante, estavam todos juntos esperando sua vinda, que festejaram pelo estilo dos outros lugares, mas com mais espanto, porque nem os muito velhos se lembravam verem naquele lugar tanta gente de cavalo junta. O mais que em muitos anos acontecia era chegar ali um visitador, clérigo pobre e mal acompanhado, mandado polos arcebispos, que nem tais como este achavam que se atrevessem com o trabalho daquelas serras. Disse o Arcebispo missa, pregou, crismou. Choravam de prazer: uns o ouviam com as mãos levantadas, outros postos de joelhos, todos pasmados, quando o viram em pontifical.

Foi correndo outras freguesias; de todas o vinham buscar muito antes: uns a saber quando os havia de visitar, pera estarem prestes e juntos; outros acudiam em magotes só a vê-lo. E não se contentavam de o verem ãa vez; iam e tornavam muitas. Ele recebia a todos com a boca cheia de riso, agasalhando-os de palavra e obra, como a filhos d'alma.

O desempero e pobreza que achou nas igrejas dizia bem com o que havia nas almas e doutrina. O menos era estarem mal fechadas de portas e frestas, e mal reparadas de dentro e de fora. Havia algũas que em três meses não tinham missa; a causa era que nenhum cura aturava nelas por ser a vivenda intolerável e, se alguns perseveravam, eram tão rudes como seus fregueses, que aceitavam a estância por lhes faltar cómodo em melhor sitio, por sua insuficiência. Quasi todas tão desbaratadas de ornamentos que se não podia celebrar nelas sem notável irreverência, como ele o testimunha em ãa carta que sobre a matéria escreveu ao Papa, como ao diante veremos. Os cálices quasi todos eram de chumbo e, quando viu tantos, começou por aqui a recolhê-los até que livrou o arcebispado desta indecência. Os mais fundiu per suas mãos e deu traça pera serem todos de prata.

Em doença grande e antiga, se o médico é sábio e amigo, não se dá pressa na cura, que males velhos hão mister tempo e espaço pera obrarem os medicamentos. Assentava-se o Arcebispo por aquelas penedias, entre suas ovelhas feito verdadeiro pastor, instruía muito devagar aqueles entendimentos silvestres, com ãa estranha paciência, mas com igual suavidade de espírito que o Pai de Misericórdias lhe comunicava em obra tão pia. Não se fartava de lhes pregar e dar a entender a doutrina cristã. Logo mandava vir os pobres (e todos o eram); a uns acudia com dinheiro na mão pera remedear suas necessidades logo; a outros tomava em roí pera os mandar vestir.

Nenhũa igreja de todo este districto lhe ficou por ver e, visitando todas como visitou mais de assento e sobre mão do que costumava por outras partes, magoava-se tanto da barbaria de costumes e cegueira em que viviam, que chorava não ter vindo ali o primeiro dia que conheceu Braga. O que de presente fazia era encomendá-los a Deus em contínua oração, e pedir-lhe remédio pera scara tamanha, tão afogada de más ervas e tão falta de bons obreiros. Acudiu o Senhor piadoso e ofereceu-lhe traça que bem pareceu polo sucesso inspirada do Espírito Santo.

Considerou que, levando dali os moços que houvesse de bom jeito, e fazendo-os criar domesticamente ao seu bafo e no estudo, poderia adoçar aquele natural montezinho e sáfaro, e sairiam tais que prestassem pera curas e mestres de seus naturais, porque não havia dúvida que folgariam de tornar pera os parentes e pera os penedos que conheciam por pátria, sem medo das neves e rigores de que os estranhos fogiam. Como o imaginou assi o pôs por obra, e assi lhe sucedeu depois.

Mandou logo levar muitos pera a cidade e recolhê-los em sua casa e vesti-los. Deu-lhes por reitor um sacerdote virtuoso e sisudo, que os criava em toda modéstia e virtude: iam ao estudo, comiam em refeitório, providos e sustentados à custa do Arcebispo; aprendiam, cresciam na idade e nas letras. Como eram bastantemente instruídos, ordenava-os em sacerdotes, provia-os nas igrejas e curados dos seus lugares. E, porque não faltasse nada, vestia-os decentemente e mandava-os contentes e honrados.

Para a dificuldade que havia que vencer com estes pobres, que era a falta de património, sem o qual não podiam ser ordenados, conforme às regras dos santos cânones, estava o bom prelado muito d'antemão prevenido de particular dispensação que em Roma, com outras muitas, impetrou do Papa, pera lhe não faltar nada no bom governo e necessidades de sua Igreja, como deixamos contado.

Não é razão que se nos passe em silêncio o que aconteceu ao Arcebispo em um lugar desta visitaçào, pera acabarem de entender os que esta história lerem qual era a terra em tudo, e quantas as desconvidades a que este prelado se quis sojeitar, só por não faltar um ponto em aproveitar e ajudar suas ovelhas. Como via a necessidade que havia de doutrinhar esta gente, muito de propósito, por se deter com eles, esquecia-se de si. E sucedeu acabar tão tarde em ùa igreja que, quando houve de passar a outra, a meio caminho se cerrou a noite em um despovoado e paragem tal que, com muito trabalho, pôde chegar a ùa pobre casa ou cabana em que foi forçado parar, na qual não havia mais gente que ùa



velha pobríssima, nem mais gasalhado pera a cea que ãa panelinha no lar entre dous tições.

Fazia-se tarde, a provisão não vinha, que sobreveo chuva e vento, além de ser o caminho por si agro e detençoso. Estavam todos sintidos e agastados e, mais que todos, o que trazia a carga o governo da família, que não sabia parte de si, de desconsolado polo que via padecer ao Arcebispo e a toda a companhia. Entendeu o Arcebispo o desgosto, que já nenhum o dissimulava. E como ele tinha feito tanto hábito de mortificação que, em semelhantes ocasiões, parecia insensível, quando mais afligidos estavam, perguntou com muita graça à velha hóspera que era o que tinha ao fogo e se partiria com ele da sua cea. Respondeu a pobre com a obra, por não parecer que negava: trouxe correndo ãa escudela bem tismada, entornou nela um pouco de caldo, que era água tal, e algũas folhas de couve que, sem outra mistura nem mais adubos, coziã na panela.

Tomou-a o Arcebispo, lançou-lhe a bênção, comeu as folhas, bebeu o caldo sem pão nem outro género de vianda, que de tudo estava erma a boa pousada. Afirmou que nunca cousa mais saborosa comera e, se fosse caso que a provisão não chegasse aquela noite, ele estava consolado e se dava por satisfeito.

Bebeu Artaxerxes nas mãos grosseiras do lavrador a água que lhe ofereceu, jurou que lhe soubera melhor que se a bebera polo ouro e cristais dos seus aparadores<sup>1</sup>. Não cansam os escritores gentios de celebrar o dito e a obra por um extremo de realeza, e benignidade, e ânimo agradecido, e eu não acho nela mais que vaidade e um artificio de dar matéria a lisonjeiros, de que as cortes andam cheias, pera fazerem seus empregos. Quanto há mais que estimar na mortificação e humildade de um príncipe da Igreja, que assí se paga de cea tão desabrida, por desassombrar e aliviar os seus! Que, se lhe não soube bem, que maior bondade? E se a achou tanto de seu gosto, como eu creio, pois ele

---

<sup>1</sup> Plutar., *Apophit.*



o afirmou (sabemos que se não fingia, nem era caçador de vãs glórias), que maior confiança no Céu?

Razão é que tenhamos por certo que quem deu sustância ao bolo de Elias pera quarenta dias de caminho daria sabor àquelas couves pera recrearem membros cansados em jornada de zelo igual, inda que de menos léguas.

Esta ida de Barroso foi ocasião ao Arcebispo de dar princípio de execução a um pensamento que de muito atrás o atormentava, o qual pede maior prólogo porque, assi como era de grande importância, foi origem de muitas tempestades de demandas e desgostos que contra ele se levantaram, e correram por todo o Reino, e chegaram até Roma, como veremos no capítulo seguinte.

## CAPÍTULO VII

### *Começa o Arcebispo a visitar as igrejas das Ordens Militares, em cumprimento dos decretos do santo Concílio.*

Justíssimo e santíssimo é o decreto em que o sagrado Concílio Tridentino não somente encomenda aos bispos que visitem todas e quaisquer igrejas de suas diocesis, mas obriga-os a isso em consciência, sem reserva nem exceção de privilégios, graças ou indultos, por antigos e autorizados que sejam<sup>1</sup>; porque, sendo assi que nos tempos antigos os nobres e os valerosos se prezavam de enriquecer as igrejas e partir com elas liberalmente do que com seu braço, e à custa do sangue ganhavam, veio depois outra idade avara e cobiçosa em que qualquer homem, pobre ou rico que fosse, mais nobre ou menos nobre, em se vendo possuidor das rendas da igreja, assi se descuidava do concerto e ornato dela, assi tratava e lograva as rendas, como se ãa cousa e outra foram vinha ou casal herdado de pai e avós, e ele proprietário e não usufrutuário, como na verdade é todo homem que possui renda eclesiástica. E como proprietários se atreviam a fazer repugnância ao bispo, se acudia pola igreja descomposta e mal tratada. Aconselhados com brandura, enjeitavam conselho; obrigados com força, contraminavam o mandato. Logo, queixas a seus juizes, litígios, inibitórias, confusões; de sorte que os prelados, de cansados, vinham a largar as causas e ficavam padecendo as igrejas cujas eram as rendas.

---

<sup>1</sup> Sess. 7, c. 7 e 8.

Para remédio deste desempero acudiu o santo Concílio com o saudável decreto que apontamos. Mas ofereciam-se ao Arcebispo montes de dificuldades muito duras de vencer, e mais pesadas que as que já lhe davam assaz de inquietação com o cabido. Porque estava claro que entrava em guerra descuberta com quasi a maior parte do Reino e com toda a nobreza dele, cujas rendas principais constam de igrejas e comendas, pelo que, tanto que chegou do Concílio, mandou estudar o caso por pessoas de ciência e consciência, e bem curiais, pedindo-lhes que particularmente considerassem a quanto e em que grau lhe obrigava a consciência, contrape-sados todos os inconvenientes certos e sabidos.

E ele também tomou a cargo revolver por sua parte os livros e, encomendando primeiro o negócio a Nosso Senhor, com um puro desejo de acertar no que mais Seu serviço fosse, em fim se resolveu, depois de longo estudo com as pessoas que consultou, que tinha obrigação precisa em consciência de visitar todas as igrejas de seu arcebispado, sem exceção de nenhũa, por isenta e privilegiada que fosse, porque todas estavam à sua conta, e sobre sua alma carregaria o descuido que nelas houvesse, como de supremo e mais verdadeiro administrador, e como a tal lhe pediria Deus conta delas.

Tomada esta resolução, pareceu-lhe que devia dar conta dela na sua relação, e assi o fez pouco antes de partir para as terras de Barroso.

Muito antigo é nos conselhos públicos haver pouca gente que encontre as propostas, mormente se quem propõe é príncipe ou tem poder supremo. Nace isto de ùa certa fraqueza e abatimento de ânimos que reina no mundo, não se atrevendo ninguém a desgostar a quem manda, ou de terem respeito os conselheiros a seu particular mais que ao bem público e do príncipe; porque como as propostas descobrem logo a tenção nos termos e no jeito delas, os que se têm por mestres no trato do mundo mais se cansam em enfeitar linguagem para as abonar e dar por acertadas que em cuidar se o são. Temem perder lugar na graça do príncipe não conformando com ele, sojeitam o entendimento à pretensão e a verdade ao negócio. E desta fonte têm brotado grandes males

que ainda hoje têm vivas as lágrimas nos olhos de muitos, sem esperança de as verem nunca enxutas.

Não era assi nos ministros do Arcebispo que, além de serem homens escolhidos em virtude e prudência, sabiam que o haviam com presidente com quem só a verdade e boa razão tinham lugar. Com saberem que a matéria vinha resoluta, não se pode crer quão desenganadamente e sem nenhum rebuço nem rodeio lhe declararam seu parecer, afirmando que acometia temeridade cheia de brigas e trabalhos, dos quais por remate ficaria com os braços quebrados, e tempo e feito perdido. Que não se havia de cuidar que as determinações do santo Concílio, inda que obrigassem aos prelados na conciência, ficavam fora das regras de prudência. Que quem estas passasse, por executar ao pé da letra e em todo rigor, poderia ser ficar havido por diligente, mas não escaparia da nota de inconsiderado. Porque primeiro se deviam considerar os meios e fins das empresas, e ver o que delas podia resultar, que acometer nenhũa, por quanto vale mais sobrestar com siso antes de começar que retirar depois com vergonha.

— Que nós — dizia um deles — não condenamos querer Vossa Senhoria sojeitar à visita episcopal todas as igrejas dos padroados e Ordens Militares. Santo e pio é tal intento e mui justo que entendam os comendadores que têm as igrejas e as rendas delas em encomenda e como feitores delas, e não em propriedades e como senhores e, conhecendo este título, sirvam e ornem e afermoseem as igrejas do que é verdadeiro património delas; e o que restar, isso gozem eles embora, que não lhes concedem mais os Sumos Pontífices. Mas pera chegar isto a efeito temos um mar no meio, tão largo e tão perigoso que mais certo é nele o naufrágio que boa saída. Quatro Religiões Militares temos em Portugal. De algũas delas há muitas igrejas nesta diocesi. As três têm por cabeça quem o é do Reino, que é o mesmo Rei. Quem poderá com elas? Que os ministros com quem havemos de litigar jogam de armas de ambas as mãos, usam do poder e jurdição eclesiástica em quanto lhes está bem (que também a têm como nós) e, quando lhes parece, acolhem-se à

real. A outra, que é a de S. João de Malta, não é menos poderosa, porque os comendadores dela, pola parte que têm de mais religiosos, hão que são de casa e immediatos ao Sumo Pontífice, e não querem reconhecer por cá nenhum superior; e pola que são soldados, partem pior com suas igrejas; devem cuidar que assaz têm feito por elas no sangue que lhe custaram. E se os advirtimos, inda que seja com toda modéstia, são homens assomados, briosos e brigosos, perdem o respeito, rasgam a cortesia e depois, no litigar, são contumacíssimos.

Pois as igrejas que são anexas a mosteiros e colégios têm outro género de armas, outros baluartes de defesa na modéstia e brandura que sabem usar, com que se fazem mais inexpunháveis que todas. E, sendo assi, que homem sisudo há-de haver que não sinta ver a Vossa Senhoria embaraçado em litígios com colégios, com mosteiros, com soldados, com poderosos, com validos, com fidaigos e, em fim, com o mesmo Rei e com todo o Reino? Quem há-de cuidar que, por muito que todos trabalhemos e nos matemos, há Vossa Senhoria de tirar daqui fruto? O fruto serão desgostos, ódios, guerra. Dura cousa é aconselhar contra determinação tomada e a quem não pede conselho, mas é o caso tão temeroso, e Vossa Senhoria tão amigo de acertar em todos, e tão pouco arrimado a seu parecer, que não hei que falamos fora de tempo.

Ajunta-se ter Vossa Senhoria começado ãa causa tão nova e tão árdua como é a que já corre com o cabido que não é acerto dar-lhe companheiros, e tantos, na queixa; que muitos queixosos juntos, inda que de parte de cada um haja pouca razão, abalam muito e fazem muito. Pelo que tudo sintimos e assi o pedimos a Vossa Senhoria que, ou deponha de todo este pensamento, ou ao menos espere o successo do negócio do cabido, e vá sucessivamente e pouco a pouco vencendo um e um, lembrado da comparação com que o outro Rei persuadia a seus filhos em propósito diferente, que não diz mal com o que temos entre mãos. Para quebrar um feixe de setas juntas não basta um gigante; ãa por ãa sobeja um minino.

Ouviu o Arcebispo atentamente, como costumava, o que o desembargador disse, que os mais dos companheiros com o semblante e meneio mostraram aprovar, mas serviu tudo de ficar mais animado em sua determinação, porque notou que todas as razões tiravam a fins e respeitos humanos e, como estava persuadido que o negócio lhe tocava na alma, respondeu com poucas palavras e desassombradamente que nunca Deus quisesse que, por temores do mundo, deixasse de fazer o que sua consciência lhe ditava; que de pouca fé seria notado pera com o mesmo Deus, se largasse causa tanto Sua, e que eles julgavam por justa e santa, por medo de desagradar aos príncipes e aos poderosos, ou por isso arrecesse desassossegos e ainda afrontas. E ajuntava com Bernardo:

— *Si bona fuerit causa pugnae, exitus malus esse non poterit* <sup>2</sup>. Que a causa seja justa bem se prova, pois é autor dela o Espírito Santo, que inspirou aos Padres do Concílio que a decretassem. Que me obrigue em consciência, ninguém o duvida. Como não confiarei, logo, que me há Deus de ajudar no que acometer por Seu serviço, não por ambição, não por cobiça de mais mando ou mais jurisdição? Nenhūas impossibilidades me deterão, nenhūas carrancas me assombrarão; e de todas as pendenças me dou por vencedor, porque, tendo sentença por mim, que maior triunfo? E, sendo contra mim, inda ganho mais, que é ficar livre dos trabalhos, dos caminhos, das aflições que por essas igrejas havia de tomar e juntamente aliviando estes ombros dessa parte do arcebispado, e esta alma de ũa nuvem de escrúpulos que por elas me atormentam.

Isto era passado antes da ida de Barroso. Chegando lá, achou algūas igrejas de S. João e, como ia determinado no que havia de fazer, entrou nelas, visitou-as e, achando-as desbaratadas e pobrissimas de tudo o que pertencia ao culto divino, fez socresto nos frutitos da comenda e mandou-as ornamentar do necessário, com moderação de quem não pretendia escandalizar, senão remedear, e em algūas pōs curas e vigários.

---

<sup>2</sup> *Ad milites Templi*, cap. 2.

O mesmo fez em outras da Ordem e hábito de Cristo. E como começou por estas, assi foi procedendo por toda a parte, sem aceitação nem exceção de pessoa, colégio nem mosteiro, com gèral espanto de toda a terra, que não estava acostumada a ver tão grandiosos espíritos, mas com grandes bênções de todos os bons.

## CAPÍTULO VIII

*Das grandes contradições e contendas  
que se levantaram contra o Arcebispo  
por razão destas visitas, e como se houve nelas.*

Não se pode crer as marulhadas de litígios, de queixas, de dúvidas e controvérsias que por todo o Reino se moveram contra o Arcebispo.

Por cada igreja destas em que entrava ganhava um inimigo no que a tinha à sua conta, e muitos inimigos nos parentes e aliados deste. Logo seguiam protestos, requerimentos e demandas pera diante dos conservadores de cada Ordem.

Ele desabafadamente respondia e acudia a tudo; e quando de fora se lhe tinha lástima, não faltando quem cuidava que estaria afogado com a máquina de tantos negócios, vivia em tanto repouso que de nenhum de seus acostumados exercícios perdia ãa hora. Como estava bem fundado, quando creciam mais as tormentas e eram *mirabiles elationes maris*, todas lhe tornava em calma o que segue: *mirabilis in altis Dominus* <sup>1</sup>.

Nesta confiança, posta a proa a todo trabalho, procedia adiante. Multiplicavam os conservadores requerimentos, fulminavam inibitórias e excomunhões; nada lhe descompunha o passo ou afroxava a constância. De sua boca se não ouviu

---

<sup>1</sup> Sl. 92, 4.



nunca palavra colérica ou sintida, por mais importunos que fossem os autos judiciais, por mais descorteses que fossem os libelos e processos. Assi litigava como se não fora parte em nada. Contra as excomunhões estava armado de particular breve do Papa (como acima tocamos) que impetrou em Roma com outras graças semelhantes, como quem já então determinava o que agora fazia, e antevia o que agora passava. E polo breve se assolvia de todas.

Entretanto escrevia a todos os tribunais do Reino e a todos os juizes apostólicos, e a el-Rei e aos de seu conselho, justificando o que fazia com razões tão vivas, tão eficazes e pias, que, juntas à autoridade que sua pessoa tinha com todos, faziam maravilhosos feitos.

O número maior das causas corria diante do conservador das Ordens, que era então o Bispo de Angra e das Ilhas dos Açores D. Manuel de Almada. Estas levavam seu curso ordinário. Mas o comendador de S. João, cujas rendas o Arcebispo socrestara, procedia com termos descompostos e tão azedamente (como estes religiosos se têm por mais privilegiados que todos e se prezam de menos sofridos), que o Arcebispo se determinou a dar conta ao Papa do que passava e, depois de ãa larga informação das muitas igrejas que em seu arcebispado pretendiam isenção do ordinário, e do estado lastimoso em que as tinham os que as desfrutavam, ajunta as palavras seguintes, que tiramos da própria carta que achamos escrita em português:

«Sendo tantas as igrejas e benefícios que reconhecem dependência de outras cabeças, como tenho apontado, seguia-se ficar esta diocesi, quanto às visitasões, um corpo monstruoso. Porque cada cabeça destas pretendia ser o prelado em seu benefício, e ser senhor do que toca à visitação que é nossa, como dos frutos que são seus. Por onde tanto são mais de louvar por santos e saudáveis os decretos do sagrado Concílio que tiram estes monstros do mundo, em cujo cumprimento vou visitando todas as igrejas.

Mas entrando nas que são da administração da Religião de S. João de Jerusalém, afirmo a Vossa Santidade que o não pude fazer sem grande dor de meu coração. Porque nestes benefícios, como até agora não admitiam visitasões do ordinário, em virtude de seus privilégios, tão pouco caso se faz do que pertence ao culto e ornato das igrejas, que somente a autoridade do santo Concilio pode dar remédio a tanto descuido e negligência. Ao qual todavia não querem confessar sojeição nem estes religiosos, nem seus conservadores».

Até 'qui são palavras da carta. Por esta e outras que o Arcebispo escreveu ao Papa, que era inda Pio IV, com quem estava tão bem acreditado como parece das honras que lhe fez em Roma, lhe mandou Sua Santidade dous breves de favor extraordinário, um para inibir o conservador da Ordem de S. João e se levar a causa a Roma nos termos em que corria, da qual faremos ao diante particular menção e do fim que teve; outro, pera poder socrestar as rendas da comenda de Poiares, que também é da mesma Religião, e então era de um bailio dela. E não tardou a execução, e nela sucedeu um caso bem notável que a história em seu lugar contará.

Entre tanto ia o Arcebispo prosseguindo sua visitação não perdendo dia por deixar cumprido com um terço das igrejas do arcebispado, como era sua traça. E como tratava do remédio das almas, logo conseguintemente acudia às necessidades corporais dos pobres, repartindo por eles suas esmo-las como era seu costume e fazendo seus róis (segundo atrás tocamos), pera vestir a uns e conhecer a outros. E porque todos os trabalhos se juntassem em ũa monção, não lhe faltavam neste tempo encontros doutro género com senhores grandes do Reino. Eram em matérias de padroado.

Gozam muitos senhores em Portugal de privilégios antigos dos Sumos Pontífices, polos quais têm faculdade de nomearem ministros em muitas igrejas; nomeados, apresentam-se aos prelados e os preiados são obrigados a aceitá-los, como sejam idóneos.

Mas oferecem-se cada dia particularidades que causam grandes contendas; ũas vezes pretendendo os padroeiros que todos seus nomeados, suficientes e insuficientes, sejam admitidos, como é ordinário quererem os senhores satisfazer o criado com aquilo que lhe podem dar, sem lembrança da inabilidade ou com lembrança doutros respeitos, que não têm lugar nos que sabem. Outras vezes há contrastes por razão da posse do padroado, escurecendo a antiguidade do tempo os títulos da apresentação ou por outros inconvenientes.

Por ũa e outra via houve queixas e desgostos assaz entre o Arcebispo e padroeiros, porque quanto à primeira, em havendo falta de suficiência nos apresentados, era tempo perdido cuidar-se que os havia de passar, por mais valias que acarretassem. Levantavam-lhe logo os queixosos que queria as igrejas pera seus criados, corriam litígios, quebrantavam-se e quebrantavam-no até que o tempo os vinha a desgastar, e acabavam de entender que não morava no Arcebispo mais que zelo santo sem mistura de cobiça, porque na hora que havia sojeitos com as partes que convinhão, logo lhes dava sua provisão sem dilacões nem extorsões.

No direito dos padroados havia mais trabalho, porque o Arcebispo de nenhũa maneira sabia ceder um ponto de sua jurdição, ou fosse adquirida por razão de posse, ou prescrição, ou propriedade; como era cousa em que intervinha qualquer género de escrúpulo, não havia força que o dobrasse. Vinham cartas d'ei-Rei e dos príncipes, rogos de senhores e validos; nada o levava. Avisavam-no os amigos que era havido por desumano, e contumaz, e pouco cortês em querer usar com todos o mesmo rigor; aconselhavam-no que ao menos com os grandes se mostrasse mais tratável. Cerrava as orelhas e despedia a todos com ũa só reposta: que quem não queria razão não merecia favor.

E se acertavam a sentenciar-se estas mesmas causas contra ele, nenhum género de pesadume sentia, antes se lhe enxergava contentamento notável; porque como sua pretensão não era fundada em interesse, senão só na obrigação do officio, alegrava-se na alegria do próximo, porque a todos amava, e alegrava-se por se ver juridicamente descarregado.

E pode tanto um procedimento assi livre e desinteressado até com os inimigos, na hora que chega a ser entendido, que, achando grandes e odiosas demandas sobre estas matérias, continuadas longos anos por seus antecessores, ele as acabou todas só com a satisfação que de si dava às partes, e não por melhor litigante.

Um dos adversários mais duros e mais poderosos era o Visconde de Ponte de Lima, que tem seu estado no arcebispado; este se lhe rendeu polos meios que dissemos, tão de coração que não somente ficaram de todo acabadas intrincadíssimas demandas que corriam, mas tinha-lhe o Visconde tal respeito que, se acertava achar-se em algum lugar onde o Arcebispo vinha visitar, ele era o primeiro que saía ao caminho a recebê-lo, e lhe pedia e tomava a bênção com cortesia e humildade cristã.

Assi veio a compor outros negócios e diferenças pesadas, em diferentes matérias, com gente teimosa e desenfreada, porque não havia ninguém tão vencido da paixão que, tarde ou cedo, se não viesse a sojeitar ao bom termo e razão com que o Arcebispo se governava em tudo.

## CAPÍTULO IX

*Como se houve com algũas pessoas poderosas  
que achou em visitação comprehendidas.*

Parece-me que quem com atenção tiver lido o que até aqui escrevemos da vida que o Arcebispo fazia, e ponderar bem os cuidados do espirito e trabalhos do corpo, em que a toda a hora se ocupava, mais se espantará de como podia sofrer cargo tão pesado, que da ânsia que tinha polo lançar de si.

Que, na verdade, polos que com semelhante zelo se governam nas prelacias, se deve entender o que diz o Apóstolo: *Qui episcopatum desiderat, bonum opus desiderat*. Pois todo o emprego deste prelado não só era em obras santas e boas, mas em obras de tormento e martírio contínuo.

O estado em que o Arcebispo se achava por aquele tempo em terras e lugares de importância era haver pecados públicos e escandalosos, e em pessoas nobres e poderosas, que é o que maiores males causa nas repúblicas, porque o vicio na gente nobre é vicio posto a cavallo e entronizado; que, em lugar de ser estranhado e aborrecido, se faz honrar e respeitar, e deste exemplo nace o estrago e perdição de muitos. Que maior desconsolação pera olhos de um prelado puro e honestíssimo, que ver torpezas e devassidões não só desenfreadas, mas autorizadas?

Ajuntava-se que muitos daqueles em que estas faltavam tinham uns entendimentos tão cativos e tão feitos a viver entre elas sem pejo nem asco algum, que eram os primeiros que

murmuravam da diligência que o Arcebispo punha pelas emendar; e em todas as casas, em todas as praças, onde se juntavam em conversações, a governar o mundo e desgovernar ou infernar suas almas, o primeiro syndicado e mais agramente notado era o Arcebispo: já o caluniavam de amigo de novidades, em querer desarreigar vícios que sempre houvera no mundo, apertar e sinalar-se com os nobres, curar culpas envelhecidas e quasi tornadas com o costume em natureza; já, polo vituperarem, punham no céu outros prelados que, sendo bons e virtuosos, dissimulavam muitas; que não era só mais sábio e melhor que todos; que não podia bem governar quem não sabia dissimular. Daqui passavam ao intento de visitar a cidade e cabido (que era matéria altercada já por todo o Reino), à liberdade com que cortava polos padroados, pelas comendas e comendadores; tachavam-no de presuntuoso, altivo e atrevido. Por maneira que em tudo o que devia ser estimado seu governo, pera terem remédio os males públicos, era roído destas harpias, sem lhe deixarem osso são.

Não se escondia nada ao Arcebispo. Do que era contra sua pessoa não fazia caso; o que era contra a honra de Deus e em dano das almas, isto só o affligia e lhe tirava o gosto da vida. Assi o mostrou em alguns casos que iremos contando, em parte dos quais não achamos sinalado lugar nem tempo certo, nas memórias que nos vieram à mão, sendo os sucessos certíssimos; e creio devia ser a causa, porque no tempo que se apontavam, como eram acontecidos de fresco e havia respeito em não nomear as partes, temia-se por ventura que também pelas circunstâncias de lugar e tempo se viessem a coagir as pessoas.

Constou-lhe, andando em visitação, que em certo lugar havia um homem nobre de sangue, rico e poderoso de fazenda que, de muitos anos atrás, não fazia vida com sua mulher, e estava em mau estado com outra, a olhos e face do mundo, e ao desaforamento da vida ajuntava ãa soberba luciferina e prezar-se de forças e esforço, de maneira que não temia a Deus e era temido de todos. De visitadores não fazia caso, e os arcebispos passados nunca lhe puderam achar remédio.

A este tal mandou o Arcebispo chamar a sua casa e lhe fez ùa prática com razões tão pesadas e palavras tão ásperas, que pareceu que as estudara como antídoto composto de brio e valor contra a soberba e valentia; afeou-lhe o escândalo de tantos anos, o fedor da culpa em que jazia, sem se sentir, mais como selvagem que homem racional; a afronta que fazia a seu sangue, o perigoso estado em que estava e, por remate, lançando fogo de zelo polos olhos e por todo o rosto, mandou-lhe, sopena de escomunhão maior, que dentro de tempo certo, que logo lhe limitou, lançasse fora a má conversação e trocasse a vida, com apercebimento que, se o não fazia, nem o havia de assolver, nem consintir que fosse admitido aos officios divinos em nenhuma igreja do arcebispado.

— E então — acrescentou — vivireis de todo como herege ou como mouro.

Fez o Arcebispo seu officio falando. Quis Deus provar se o fazia tão bem ouvindo. Houve-se o valente por afrontado, não só por reprimido; vazou-se em palavras soltas e descompostas contra o prelado, e saiu-se pola porta fora furioso e ardendo de braveza, misturando queixas com ameaças, que não satisfaria com menos ao pouco respeito que a sua pessoa e calidade tevera, que com lhe tirar a vida.

Ouvia-o o Arcebispo e oferecia a Deus o que ouvia, em sacrificio não só por si, mas muito mais cordialmente polo mesmo furioso, havendo dele grande lástima em seu coração.

E que não acabaria um tal sacrificio? Muitos exemplos temos de quanto Deus estima orações por inimigos e persiguidores. Esta teve tal poder, que não passaram muitos dias que este temeroso leão se veio aos pés do Arcebispo feito um cordeiro, pedindo com verdadeira humildade perdão de suas culpas, e pondo-se em suas mãos rendido e pronto pera tudo o que lhe quisesse mandar. O Arcebispo o recebeu com entranhas de pai, abraçou-o, fez-lhe festa como a outro pródigo e, com ùa leve penitência, o assolveu.

Cantemos eternamente as misericórdias do Senhor!

Passado pouco tempo, succedeu que, tendo cumprido puntualmente sua penitência, veio a adoecer e faleceu, recebidos



primeiro todos os Sacramentos da Igreja, com muita devoção e lágrimas, e com grandes sinais de predestinação.

Quasi semelhante a este foi outro caso que lhe aconteceu com um fidalgo do Conselho d'el-Rei, homem ilustre e rico. Achou-o compreendido na visitação. Deu traça como viesse a sua presença. Como estiveram sós, perguntou-lhe como se chamava. Respondeu que Foão da Silva (tinha o Arcebispo costume de usar derivações); devia ser o nome Gastão, ou Tristão, ou semelhante, e disse-lhe com muita severidade:

— Cabrão da Silva vos chamarei eu, que não merecem outro nome vossas obras e a devassidão com que viveis; ingrato a Deus que vos deu nome, renda e honra, e ãa matrona tão santa por molher que, não foram suas orações, já estívereis nas profundezas do inferno. Onde está o entendimento? Ulo ser e autoridade de fidalgo? Que sejais ãa infâmia de toda esta comarca, e não entendais o estado em que estais? Que passe um ano e outro ano e não tenhais respeito a Deus e a vosso prelado, pera entrardes um dia em vós? Não sabeis vós que se eu escrever duas regras a el-Rei sobre vossos desconcertos, que sereis duramente castigado e ficareis inábil pera nunca em vossa vida terdes lugar diante dele?

Sintiu-o o Arcebispo penetrado e compungido, porque o sembrante dava certos penhores do que lhe passava na alma; mudou os termos, deceu a conselhos e palavras brandas e sentenciosas. Acabou de o render de maneira que se lhe arremessou aos pés e, com o rosto banhado em lágrimas, lhe pediu que como pai perdoasse seus erros, e como médico curasse sua alma, que a dor que nela sentia dava por fiança da emenda.

O Arcebispo o levou nos braços e, com muita cortesia e amor, o despediu sem outra penitência. E a vida que daquela hora em diante fez o bom fidalgo foi tanto outra que testemunhou bem a força das palavras do Arcebispo e a virtude da divina graça.



## CAPÍTULO X

*Como se houve com alguns ministros da Justiça secular em casos de visitação e imunidade da Igreja.*

Juizes de fora são ministros que el-Rei põe nas vilas maiores e de muito povo pera bom expediente da justiça. O nome *de fora* passa já em título, dado que nos princípios foi só pera se diferençarem dos juizes ordinários das vilas pequenas e de menos calidade, nas quais são eleitos do corpo do povo e polo mesmo povo.

Estes são idiotas e anuais, servem sem estipêndio presente e sem esperança de prêmio futuro. Vivem livres da sojeição de residência particular, mas não de castigo, se são compreendidos em culpa. Os de fora são letrados, o serviço é trienal, levam salário da fazenda real e vão sobindo a cargos maiores, segundo a calidade do serviço e a conta que dão é em residência estreita, que se lhes toma, por ministros superiores. E acontece chegarem por seus degraus e merecimentos aos maiores officios que no Reino estão deputados pera este género de letras.

Visitando o Arcebispo ãa vila das que se governam por estes ministros de fora, achou que publicamente vivia mal o que ali assistia, e com tanto despejo e liberdade, que a justiça das partes pendia do arbitrio de quem lhe trazia o juízo e alma infernada, e vinha a ser governada a terra per ãa molher infame. Como a quem tal fazia assi o tratou o Arcebispo. Mandou-o notificar que apparecesse diante dele

e, como o teve presente, disse-lhe, com voz e rosto crime (palavras formais):

— Vós sois um grande ladrão!

Não ouvira em sua vida o juiz palavra semelhante (que as verdades poucas vezes se dizem e menos vezes se ouvem), ficou atônito e corrido; e disse ao Arcebispo que devia olhar que afrontava um ministro d'el-Rei e official público da Justiça.

— Eu vos provarei — tornou o Arcebispo — que sois ladrão público da Justiça; vós estais publicamente amancebado com foã, que nisto não há dúvida, que me consta juridicamente por autos e ditos de testemunhas contestes e legais; e quem há mister algũa cousa de vós e de vosso officio, boa ou má, justa ou injusta, com ela se negocea e vós assinais o que ela manda, e assi roubais a justiça às partes; e isto é ser ladrão.

Após esta consequência, carregou-lhe a mão com ãa grave repreensão, lembrando-lhe de caminho que abrisse os olhos, porque sua vida e remédio não dependia mais que de fazer bem seu officio; no que lhe quis significar (o que foi grande parte da emenda) que avisaria a el-Rei; e pouco bastava em semelhante matéria pera logo ser excluído do serviço real e, por consequente, ficar perdido. Mas, pera fazer de todo a cura perfeita, mandou logo lançar da vila a miserável molher e o juiz tornou sobre si.

Andava o Arcebispo occupado nesta visitação que, poio que podemos coligir, era ainda no districto das terras que chamam de Trá-los-Montes, quando foi avisado que, na vila de Chaves, o ouvidor dela entrara violentamente em ãa igreja e tirara dela à força um delinquente (têm nome de ouvidores os ministros de justiça maiores, que os senhores particulares põem nas terras de seus estados). E foi o caso que o ouvidor desta vila quis prender um homiziado em flagrante delito, escapou-lhe por pés, meteu-se na igreja. O ouvidor, que lhe ia no alcance, desatinado com a paixão de o ver posto em salvo e do crime que deixava cometido, achando já a igreja fechada, manda vir machados; ele, por sua mão, porque não houve outrem que se atrevesse, fere

nas portas sagradas (e cessam coriscos! quantos desatinos nos sofreis, bom Deus!), fende, racha, arromba e entra dentro, desaferra dos altares o delinquente, leva-o preso e lança-o carregado de ferros no fundo da cadeia pública.

Na mesma hora que o Arcebispo foi sabedor do que passava deixou tudo o que fazia em aberto e, posto a caminho, não corre mais depressa o pastor à nova do lobo que lhe salteou o curral do que ele apertou o passo e atropelou as léguas que havia em meio, que não eram poucas.

Chegando à vila, devassou do caso judicialmente e, tanto que lhe constou da verdade, manda juntar todo o clero e cruzes da terra, ordena ãa procissão, as cruzes cubertas de negro e o clero entoando em voz baixa e sintida o psalmo *Quare fremuerunt gentes*, etc., ele no couce; e manda guiar pera a igreja violada.

A novidade da procissão, o espectáculo de tristeza, fez terror no povo, despejou as casas, levou após si toda a terra. Sobiu-se o Arcebispo no púlpito, fez ãa pregação ao propósito, de palavras e sentenças cheias de sentimento, e imediatamente fulminou sentença de escomunhão maior contra o ouvidor, declarando-o por público escomungado. E no mesmo dia despachou mandados por todo o arcebispado que não fosse admitido aos officios divinos em nenhũa igreja nem mosteiro.

E, porque tardava em tornar o preso à igreja, agravou as censuras e pôs interdito. Aqui não houve mais dilação, tornaram o preso; e o ouvidor, como católico cristão, pediu com humildade perdão e licença pera ser assolto e reconciliado, afirmando que zelo de justiça e não desprezo da igreja o fizera atrevido. A desculpa era verdadeira, mas, como o caso foi público e escandaloso, custou-lhe, entre outras penitências e condenações que teve, estar um domingo toda a manhã, em quanto duraram os officios divinos, com o machado às costas com que fez o insulto e com a cabeça descuberta, à porta da mesma igreja que violara.

Nestes contrastes de jurdição com as justças e ministros seculares tinha o Arcebispo ãa liberdade verdadeiramente apostólica e escrevia cartas gravíssimas a el-Rei e aos Con-

selhos, pera o que tinha especial talento; e a resolução de todas era que, ou Sua Alteza lhe deixasse conservar inteiramente a imunidade eclesiástica, que em sua consagração com solene juramento prometera guardar, ou provesse o arcebispado em outrem, porque desde logo lhe fazia livre renunciação dele.

Era mui notório que aquela isenção de palavras determinadas e secas saía de um peito pio, e religioso, e nada altivo; defiria-lhe el-Rei com muita brandura, tratando-o sempre com honra e cortesia e não lhe negando cousa de quantas lhe pedia.

## CAPÍTULO XI

*Recolhe-se o Arcebispo pera Braga. Dá-se conta  
do em que entendeu até o fim deste ano,  
e do que passou com ũa dignidade da sé,  
a noite de Natal.*

Era fim de Outubro, tinha o Arcebispo trabalhado muito e entrava o tempo riguroso de águas e frio. Quis este ano recolher-se pera a cidade mais cedo, por ser a primeira visita despois do Concílio.

Veio apear-se, segundo seu costume antigo, ao mosteiro de S. Fructuoso, da Ordem de S. Francisco. Dali despediu toda a companhia e criados que se fossem descansar de tantos dias de caminho, que o haviam bem mister. Ele ficou-se só, pera se refazer também, não do trabalho corporal, que este lhe não lembrava, mas do que julgava ter perdido das delícias do espírito com a ocupação contínua dos negócios. Então se tomava conta das noites que se lhe passaram sem tomar disciplina, polo concurso da gente e estreiteza dos gasalhados, e pagava-se largamente com penitências dobradas. Gastava em oração muitas horas, polas que não pudera nela empregar com a fadiga dos caminhos, de sorte que, quando dava licença aos seus pera se recrearem, só a si se tinha por indigno de descanso. Senão é que os varões perfeitos então perdem o sentimento dos trabalhos, quando se vêm cercados de sentimentos do espírito, que estes desfazem aquele e são como ũa viração fresca e suave em dia calmoso e afogueado.

Passados alguns dias, entrou na cidade, onde primeiro que tudo quis ver os seus encomendados, filhos dos penedos de Barroso, hóspedes de sua casa. Achou um enxame de moço-zinhos bem vestidos e feitos estudantes, e não desairosos, já com jeito e cores de corte. Alcgrou-se grandemente, vendo a boa pranta que tinha junta pera passar ao seminário, como o edificio estivesse enxuto e em estado de se poder habitar.

Polos filhos se lembrou dos pais e parentes pobres, que trazia em rol, e tratou logo com o Padre Frei João de Leiria de mandar pano por todas as igrejas que deixava visitadas, pera ficarem cubertos os mais necessitados pera o inverno, que este costume de mandar o vestido trás a visita não perdeu nunca, como fica apontado no que temos escrito. Nem lho perturbou ãa grande multidão de requerimentos que o esperavam de todos os comendadores, colégios e mosteiros, cujas igrejas visitara, que se iam multiplicando segundo os termos e estilos dos juízos onde se litigava, e estes esperavam e davam ânimo ao cabido pera com mais força instar nos seus.

Entrou o Advento, começou a continuar o officio da pregação com tanta assistência e cuidado, como se estivera desassombrado de toda outra ocupação. E não deixava por isso de acudir a todas as particularidades do governo público, porque, como tinha lido tantos anos e era muito visto nos Padres, custava-lhe pouco o trabalho do púlpito, inda que fosse entre gente mui aguda e aparelhada a tachar, qual então estava todo gênero de ouvinte que entrava na sé, que poucos e mui contados eram os que não tinham por própria a causa que corria sobre a visitação da cidade, inda que fossem dos mais pios e mais religiosos.

Dana estâmagos todo litígio e cria má vontade nos litigantes, que este é o fruto primeiro das demandas. Fácil é de crer que não seria o Arcebispo ouvido de todos com gosto, e muito menos dos que tevessem as consciências inficionadas de algũa doença das que costumam sair em visitação. Que a estes tais, como não duvidavam estarem patentes ao Arcebispo suas vidas, cada palavra do púlpito devia ser ãa seta de fogo pregada no coração; porque assi como aos que pade-

cem enfermidade de dores, qualquer rumor que se faça na casa, inda que longe deles, lhes agrava a dor, a palmada que se dá na mesa ou na cadeira, o cavallo que passa pola rua, tudo lhes causa novo sentimento, e assi gritam, como se realmente cada cousa daquelas caíra sobre o lugar leso, nem mais nem menos acontece a ãa consciência que anda cativa da culpa.

Mas o Arcebispo era tão prudente e sabia tão bem usar o santo ministério da pregação que, ainda que tinha noticia de tudo o que passava na cidade, nunca pregava particularmente contra ninguém, porque procurava aproveitar, não escandalizar, ganhar almas, não endurecê-las, que é o fim do pregador zeloso.

Os vícios públicos reprimia em gèral com tanta veemência que não era d'espantar quem se sentia comprehendido em algum tomar a reprehensão por si e ainda temer que seria o Arcebispo fácil em decer a remédios pesados e desacostumados, se não aproveitassem aqueles brandos e ordinários, como logo viram por experiência, e em pessoa de assaz autoridade.

Na noite de Natal, que dava princípio ao ano de nossa Redenção, de mil e quinhentos sessenta e cinco, entrava o Arcebispo no tesouro da sé pera se revestir e dizer missa em pontifical; viu que começara a fazer o mesmo pera cantar o Evangelho, em sua companhia, ãa das dignidades a quem tocava; chegou-se a ele o Arcebispo e disse-lhe à oreilha que escusasse o revestir-se, que cumpria não ir aquella noite ao altar. Queimou-se logo e levantou a voz, perguntando que razão podia haver pera ele perder o lugar e honra que de direito lhe pertencia. O Arcebispo, com muito repouso:

— A razão — respondeu —, ninguém melhor que vós a sabe.

Aqui se acendeu em queixas e formou agravos, dizendo que, pois era afrontado em público, tiraria estromentos da força e requereria sua justiça. Repliou o Arcebispo que disso podia fazer o que lhe parecesse, como não tratasse de sobir em sua companhia ao altar. Tornou sobre si o padre, moderou a linguagem, fez novas instâncias e aporfiou, por

ver se podia salvar o desar de o fazerem depor os ornamentos sagrados que começara a vestir. Foi por demais, que o Arcebispo não se deixava levar facilmente. Pediu-lhe então licença pera o mandar citar e tratar de seu direito. E saiu-se corrido e ardendo em raiva.

E não foi menos a de todos os que tomavam mal as visitas da cidade, vendo tal fruto da primeira.

Fora este prebendado comprehendido na visitação que o Arcebispo (como dissemos) fez na cidade. Acudira-lhe com os meios devidos à calidade da pessoa e necessários à emenda. Quando tornou de fora soube que não foram de efeito, antes tinha a ocasião do mal de portas a dentro, e vivia com a mesma liberdade que dantes. Julgou que convinham remédios mais violentos e o dia não era pera dissimular culpa tão fea.

Não foi lerdo o queixoso em tirar sua carta citatória do Desembargo do Paço. Citou o Arcebispo pera diante dos corregedores da Corte e corria a causa em Lisboa.

Entretanto o Arcebispo, como sua tenção era remediar o súbdito e não publicar por audiências suas culpas, constando-lhe que todavia duravam, sem embargo de reprehensão tão pública, determinou abreviar a cura por termos mais poderosos. Toma papel e tinta, escreve a el-Rei tudo o que passava e era passado, pedindo em conclusão que Sua Alteza fosse servido de mandar ir a Braga o corregedor de Ponte de Lima, pera lhe tirar da cidade quem era ocasião da queixa e do escândalo.

Não passaram muitos dias, quando aparece em Braga o corregedor com ordem del-Rei pera seguir a que o Arcebispo lhe desse. E, advirtido do que havia de fazer, usou tal manha e dissimulação que, depois de estar muitos dias na cidade, em fim houve às mãos a Helena desta guerra, e a prendeu e fez levar daí muitas léguas, notificada com graves penas que nem tornasse a Braga, nem do lugar em que ficava saísse.

Feita esta diligência, mandou o Arcebispo escrever a Luís Guerra, seu agente em Lisboa, que não acudisse mais à demanda, antes se deixasse vencer e pagasse as custas. Bem



podéramos nomear a pessoa, polo valor e honra da emenda, porque caiu tão bem na conta do muito que devia por esta cura ao Arcebispo, que nunca despois lhe saía da casa. E porque não rompamos ao diante o fio da história tornando a esta matéria, será bem dizermos logo como procedeu no restante da vida.

Assi ficou este homem reconhecido da mercê que Deus lhe fizera polas mãos de seu prelado, como quem recebera vista estando cego, e vida estando morto. E tanto lhe durou o agradecimento e lembrança que, quando muitos anos despois soube que, largando o arcebispado, se recolhia em Viana, foi dos primeiros que o foram buscar àquela vila e, oferecendo-lhe sua pessoa e fazenda, dizia, e não sem lágrimas, que pouco faria em dar a fazenda a quem sabia que devia a alma.

Passados alguns dias, sucedeu adoecer gravemente e da doença perder a vista. Inda assi cego, se meteu em ãas andas e tornou a visitar o Arcebispo, afirmando que não tinha mais alívio, nas trevas em que vivia, que em quanto com ele falava. Consolava-o o Arcebispo com aquela sua grande caridade, considerando e engrandecendo os conselhos incompreensíveis da Providência Divina em comunicar tanta luz a ãa alma a quem tirava de todo a corporal, e despedia-o animado pera sentir menos esta e adiantar na outra.

## CAPÍTULO XII

*Visita o Arcebispo segunda vez a cidade de Braga.*

*Torna à visitação de fora.*

*Conta-se como remedeou alguns culpados.*

Entrou o ano de sessenta e cinco com mais esta demanda sobre tantas outras e com novos contrastes e sucessos, com que o Senhor ia apurando o valor de Seu servo, mas nenhum foi parte pera que se esquecesse da visitação da cidade, a qual começou, como foi tempo, fazendo primeiro a de sua família com muita inteireza.

Tornaram logo a acudir protestos e requerimentos do cabido; respondeu, como costumava, suavemente, e foi continuando com sua constância.

Passada a Quaresma, que ocupou nos exercícios públicos de sua obrigação e costume, e com os de oração e penitências contínuas, como atrás contámos, deixou a cidade, como se fora pera ele estância de ociosidade, e tornou a continuar pessoalmente a visitação do arcebispado.

Temos nela um successo bem estravagante e tal como os que se escrevem dos mais abalizados Santos antigos. Tomara eu ter tanto espirito que lhe soubera dar a luz que merece.

A maior circunstância que dele temos é que foi no lugar de Parada, termo da vila de Murça. Visitando aqui, soube juridicamente que o hóspede, vigário do lugar, em cuja casa estava aposentado, tinha mau trato com certa molher, de que já havia escândalo.

Não curam os médicos sempre de ãa mesma maneira nem com ãa só medicina todas as doenças, porque é neces-

sário variar as curas conforme a variedade dos sojeitos. E aqui, como em hóspede e benfeitor, requeria-se ãa de mais artifício e que lastimasse menos, mas que fosse eficaz. Cuidou-a o Arcebispo e, parecendo-lhe que a tinha achada, não na quis dilatar.

Quando se quis recolher disse ao clérigo que, como todos estivessem recolhidos e a casa quieta, fosse ao seu aposento, que tinha que falar com ele. Ficou o pobre homem assombrado e, como a consciência o arguia, o menos que temia era prisão. Mas, como já não havia escapar, animou-se e obedeceu.

Era alta noite, achou o Arcebispo com a capa cuberta, pareceu-lhe novidade, e maior quando viu, depois de entrado, que o Arcebispo cerrava por sua mão a porta e o mandava assentar. Estando assi todo embaraçado com o que esperava e temia, senão quando o Arcebispo deixa cair a capa e, ficando nu da cinta pera cima, lança-se de joelhas diante do hóspede e começa a ferir-se com cruéis e despiadados açoutes de ãa grossa diciplina.

Estava o homem tão fora de si, à vista daquele espectáculo, como se totalmente o desemparraram todas as operações de corpo e alma: sem movimento e sem conselho, e sem se saber determinar no que faria, estava pasmado no que via.

Entre tanto foi o santo prelado continuando a disciplina acompanhada de dous rios de lágrimas. Depois que gastou nela um bom espaço, levanta os olhos e, com as mãos juntas e a eficácia que se pode entender de tal postura, pede-lhe que emende a vida e atalhe a infâmia e que, em princípio de paga do muito que a Deus tinha ofendido, lhe oferecia por ele aqueles açoutes e lágrimas que via.

Mui de pedra fora quem se não movera com tal obra e tais palavras. Entrou em si, e é bom argumento de que recebeu inteira saúde sabermos que foi ele o publicador da cura (que da boca do médico claro está que nunca a pudéramos saber), e ninguém gaba a física senão quem dela sintiu proveito.

Diferente foi a que o Arcebispo usou também desta vez com outro sacerdote, em doença semelhante, mas mais antiga, e todavia com bom efeito.

Passava de um lugar pera outro um dia pela manhã cedo. Oferece-se-lhe à vista um minino que, com muita pressa e afadigado, polo mesmo caminho que ele levava, vinha caminhando contra o lugar de que acabava de sair.

Não sei que notou ou que podia notar nele. Chama-o, pergunta-lhe pera onde vai tão de manhã, assi apressurado. Respondendo que pera o lugar que apparecia, donde ele saíra, segundou o Arcebispo perguntando que ia lá fazer ou buscar. Responde que o mandava seu pai, porque soubera que ia o Arcebispo visitar aquela manhã. Perguntando quem era o pai, não soube a inocência acautelar-se nem esconder nada, declarou simplesmente o nome e estado, donde ficou entendido e descoberto ser o abade da mesma igreja e lugar pera onde iam.

Quem pesar bem este successo e muitos outros do Arcebispo achará em todos tanto do Céu que temo fazermos-lhe agravo, se os dermos por acontecidos a caso. E assi me persuado que concorria Deus com ele, pera lhe facilitar os meios nas obras que fazia, visto como nenhũa outra tenção o levava a elas, senão a glória e honra do mesmo Deus.

Quem se lembrar o que contámos do descuido com que o Arcebispo caminhava, de todas as cousas da terra com os olhos e mente sempre arrebatada no Céu, de nenhũa maneira poderá ter por acidente deter-se em perguntas e repostas com um minino.

Era o Arcebispo mansíssimo por condição natural e muito mais por hábito de virtude; não chegava a remédios violentos senão muito forçado e se, pera acudir a todos os males, houvera por bantante meio padecer ele só, bem se deixa entender do caso passado que lhe fora muito fácil, porque a sua oração, os jejuns e penitências de Braga e S. Fructuoso, que temos contado, que outro fim lhe podemos dar, senão ser tudo cortar por si, pera que os súbditos compusessem as almas e consciências de maneira que lhe não fosse necessário cortar por eles?

Assi lhe deparou Deus este inocentinho pera que pudesse salvar o pai sem aspereza. Como o ouviu, mandou a um capelão que o tomasse nas ancas e prosseguiu seu caminho.

Chegando ao lugar, foi-se apeiar à igreja. Esperava-o o abade nela; sai a recebê-lo. Não tardou o Arcebispo no que convinha. Mostrou-lhe o minino e perguntou-lhe se o conhecia.

Ficou o pobre homem sem cor no rosto nem sangue nas veas, que todo acudiu ao coração com o sobressaito de ver o filho em companhia do Arcebispo e, de confuso e corrido, ficou mudo. Tomou a mão o Arcebispo e disse-lhe:

— Já que sois pai, insinai-o bem e sabei-lhe dar vida, e não ofendais mais a Deus.

Não lhe deu mais repreensão nem outro castigo, nem foi necessário; que este, com ser leve, obrou bastantemente, ou por ser público ou pola virtude de quem o deu.

Em outro lugar, soube que certa molher vivia mal e, considerando que meio teria pera a reprender sem escândalo do marido, mandou vir ambos ante si e disse ao marido:

— Sou informado que dais má vida a vossa molher e que a tratais asperamente, contra o que deveis às leis do santo matrimônio. Mandei chamar a ela, pera saber se me falaram verdade, e a vós, pera vos lembrar a obrigação que tendes de viver em paz e em serviço de Deus.

E chamando a molher à parte:

— Ando — disse — buscando invenções pera vos avisar e obrigar que emendeis vossa má vida antes que a ira de Deus caia sobre vós. Emendai-vos, não tardeis, porque não venhais a perder corpo e alma juntamente.

## CAPÍTULO XIII

*Como se havia em casos que não admitiam remédio público e do meio que deu pera a reformation que neste tempo se começou da Ordem de S. Bento.*

Com a ocasião do caso último do capítulo precedente, ficamos obrigados a dizer algũa cousa da grande aflicção que o Arcebispo padecia nestas visitações, empeçando cada hora em casos que o chegavam a estado de se não saber dar a conselho, ora pola calidade dos casos, ora pola calidade das pessoas denunciadas e, outras vezes, por defeito de prova, com indícios mui urgentes.

E, com ser tão letrado como sabemos e andar acompanhado nas visitas de homens de grande erudição e prudência, com quem se aconselhava e despachava, algũas vezes se achava metido em um labirinto de perplexidades, em que não tinha outro remédio senão desabafar com Deus em gemidos e lágrimas, sospirando pola sua quietação antiga e pedindo-lhe de todo o coração o aliviasse algum dia do peso da prelacia.

Por ùa parte parecia-lhe que devia mais às leis de caridade, como pai, que às de justiça, como juiz; por outra, sentia-se obrigado a remedear os males. Logo se achava com as mãos atadas da natureza deles, porque alguns eram de calidade que nem como próximo podia avisar, nem como pai, reprender, nem como juiz, castigar. E quando lhe roía as entranhas o zelo da honra de Deus, obrigando-o a desem-

bainhar a espada do maior rigor, fazia-o anteparar com muita prudência e cautela a honra e fama das partes.

Entalado nestes apertos, cansava o juízo por inventar meios e traças acomodadas pera remediar os males, salvar as almas, sem queixa fundada da parte dos súbditos nem falta de sua obrigação. E, conforme aos tempos e à calidade dos males e estado das pessoas, assi seguia ou trocava os caminhos, não faltando em nada do que seu espírito lhe dictava por necessário, nem largando nenhum necessitado, por desesperado e incurável que parecesse.

Valia-se muito de dar avisos secretos e por terceiras pessoas, com rodeos e resguardo, e fazia fruto. Mas, quando não bastavam, não desconfiava, remitia muitas cousas à força da palavra divina, acomodando suas pregações à natureza dos ouvintes e os conceitos delas à calidade das culpas que havia.

E, dando doutrina em comum, penetrava os corações dos culpados tanto ao vivo, que era cousa certa e averiguada que se apartavam muitos, por este meio, dos pecados. Tais palavras lhe punha Deus na boca e tal força nas palavras, que não abalava somente, mas tornava de cera os mais duros e mais emperrados corações. Assi, visto no púlpito, era um relâmpago e, ouvido, um trovão.

E aconteceu um dia que, pregando contra certo vício, um ouvinte que nele estava secretamente culpado sentiu ãa tão forte impressão na alma com a linguagem e sentenças que como raios lha penetravam, que se persuadiu que devia ter noticia de sua vida e que só contra ele pregava e nele apontava. E tanto se foi inquietando com este pensamento, que arreceou ser notado dos circunstantes, e tomou por remédio levantar-se e sair-se da igreja.

Outro caso semelhante a este sucedeu alguns anos depois, pregando o Arcebispo na cidade do Porto, que a história contará em seu lugar, o qual muita gente julgou por milagroso. E não se pode duvidar que assiste Deus aos que em palavra e obra são pregadores apostólicos, e lhes comunica o que hão-de dizer e pregar. Que se por sua boca advirtiu aos discípulos que se não cansassem em fazer discursos sobre

o que responderiam, quando se achassem diante dos tiranos, que mais cruéis tiranos das vidas e almas humanas que os vícios e pecados? Diante destes e contra estes andam em guerra contínua os prelados e pregadores zelosos e, como forem tais, certo têm o socorro do Céu.

Assi, era nomeado o Arcebispo em toda Espanha por grande mestre do governo pastoral, e por tal o veio buscar neste tempo o Padre Frei Pedro Zorrilha, varão eminente na Ordem do Patriarca São Bento, em Castela, vindo a este Reino a reformar os mosteiros de sua Ordem e ordenar nova congregação reformada, à instância del-Rei D. Sebastião e com grandes poderes do Papa.

E antes de pôr mão em nada, se viu devagar com o Arcebispo e, usando de seu conselho, introduziu a observância com muita facilidade, e sem nenhũa extorção, muito a sabor dos religiosos e com inteira satisfação del-Rei.

A traça foi suavíssima. Propôs aos religiosos a obrigação que tinham de guardarem a regra de seu santo Patriarca na pureza em que ele a deixou escrita, e lançando fora as dispensações e larguezas com que a tinha deslustrado a malícia dos tempos e a fraqueza humana. Mas porque Deus se não queria servido de gente forçada, senão voluntária e alegre, tão pouco ele usaria de força com ninguém. Os que se sintissem com forças e espírito pera se atreverem com aquele santo rigor antigo começassem com ele, reformador, alegremente nova vida, pera nova honra e glória de sua Ordem. Mas que não desmaiassem os que não fiassem de si tanto, que também daria ordem pera ficarem consolados e dentro de sua Religião, separando-lhes casas, onde com leis fáceis e toleráveis passassem a vida. Por isso chãmente e sem rebuço declarasse e escolhesse cada um o que melhor lhe estivesse.

Este bom termo pôde tanto que muitos tiraram forças de fraqueza e se abraçaram animosamente com a austeridade antiga e nela perseveraram. E, separados os pusilânimes (que todavia houve alguns, como são maus de trocar costumes froxos e liberdades envelhecidas, os quais em poucos anos



se extinguiram e acabaram), de caída e desmaiada que estava a Ordem, quasi de súbito a vimos levantada e vigorosa, e de sorte foi tornando em si que está hoje ãa das mais religiosas e observantes do Reino. Mas a traça foi parto do entendimento do nosso Arcebispo.

## CAPITULO XIV

*Dos breves que o Papa despachou em favor do Arcebispo. E do fim que teve a demanda que com ele trazia o cabido.*

Chegaram a Roma, na entrada deste ano de 1565, as novas das contendas em que ardia o arcebispado de Braga com seu prelado, e entraram de tropel juntamente por muitas vias. Ūas cartas dos que se tinham por agravados nas visitas das igrejas, que começavam a queixar-se pera terem os caminhos mais correntes pera quando suas cousas fossem à suprema Cadeira, onde todas as eclesiásticas vão parar. Outras, por grande papelada do cabido e capitulares que, como ricos e juntamente curiais, não perdoavam a gasto nem escritura, procurando abonar sua causa com o Sumo Pontífice e com todos seus ministros, ajuntando palavras e termos pesados, em que a paixão arrebenta sem cuidar, e pera fazerem corpo, não se esquecendo de acumular as queixas de todos os mosteiros, colégios, e comendadores, e outros particulares que contra o Arcebispo litigavam. Porque era conselho, se não pudessem derribá-lo do crédito e autoridade que tinha em Roma, com a razão de seu agravo e com a força dele, ajudarem-se de tanto número de queixas e queixas, que com a multidão o arrombassem. Porque um clamor gèral é de grande efeito e ao menos obriga a crer que não é totalmente sem fundamento.

O Arcebispo também não estava mudo. Avisava o Papa largamente, mas com toda moderação, das causas e origem

destas tempestades, mostrando como todas nasciam de ũa só raiz, que era querer eie pôr em prática as santas determinações do sagrado Concílio de Trento, e não levarem os homens em paciência desapossarem-nos dos costumes errados em que viviam, contra leis divinas e humanas.

Ajudava-se de cartas do Cardeal Ifante, a quem, como a príncipe tão pio e legado que era *de latere* de Sua Santidade neste Reino, dava conta de todas suas cousas, e pedia parecer nelas, e que o desse ao Papa, o qual era inda neste tempo Pio IV, que tão de perto e com tantas experiências tinha penetrado o ânimo e santos intentos do Arcebispo, como referimos na jornada do Concílio e estada de Roma. E, doendo-se do trabalho de tão bom ministro, que sabia lidar por causa não sua, lastimou-se em seu ânimo e desejou aliviá-lo, e fazia-o algũas vezes por mão do Cardeal Borromeu, seu sobrinho, como se verá de ũa carta sua, escrita neste tempo, que em outro propósito trazemos adiante. Assi, mandou despachar um breve ao Cardeal Ifante, no qual lhe encomenda procure por algum bom meio concertá-lo com o seu cabido e, em caso que não venham a composição, lhe comete como a juiz a decisão da contenda. São letras apostólicas e testemunho gravíssimo em favor do Arcebispo. Parece obrigação não perdermos palavras dele e é o seguinte, tresladado do original.

*Pius Papa IV. Cardinali Portugaliae Infanti, etc.*

*Dilecte fili noster, salutem et apostolicam benedictionem. Tuum de venerabili fratre Archiepiscopo Braccarensi testimonium, pro summa fide, quam tibi merito habemus, tanti apud nos ponderis fuit, ut siquid de eo opinionis incommoda in animo nostro insedisset, eam statim deposituri fuerimus. Verum in Concilio suam is adeo probitatem, religionem, devotionem nobis probavit, ut honorificentissimum de eo Praelato iudicium fecerimus, quod nullius querelae immutare poterunt. Quin etiam id magnopere confirmatum fuit, postquam audivimus, quanta cura et diligentia ipsius Concilii decreta exequi aggressus sit. Quia tamen omni eum molestia carere vellemus, cupimus, si fieri poterit, controversias*

*inter ipsum et nonnullos de ejus capitulo exortas aliqua probabili ratione componi. Sed si inter eos non convenit, eas, sicut ipsi quoque scripsimus, tibi ut nostro et Sedis Apostolicae Legato cognoscendas, vel amice componendas, vel pro ut aequum et justum fuerit adjudicandas finiendasque harum litterarum auctoritate mandamus.*

*Datum Romae apud Sanctum Petrum die 28 Martii 1565. Pontificatus nostri anno sexto.*

Em nossa linguagem diz assi:

«O Papa Pio IV ao Cardeai Ifante de Portugal, etc.

«Amado filho nosso, saúde e apostólica bênção. Foi de tanto peso pera connosco a informação que nos mandastes das cousas de nosso venerável irmão o Arcebispo de Braga, polo muito crédito que com razão damos a todas as vossas, que, se dele tevéramos concebido algũa opinião menos boa, logo a mudáramos com tal testemunho. Mas tal satisfação nos deu ele, no tempo que residiu no Concílio, de sua bondade, e religião, e devação, que o ficámos tendo em grande conta, e com tamanho conceito de sua honra e virtude, que o não poderão alterar queixumes de ninguém. E este se acrecentou e confirmou depois que soubemos o grande cuidado e diligência com que faz executar os decretos do mesmo Concílio. E assi, porque folgaríamos que não houvesse cousa que o molestasse, desejamos que se busque algum meio com que se quietem, se puder ser, as diferenças que entre ele e alguns dos seus capitulares andam movidas. Mas em caso que não venham em acordo, por virtude e autoridade destas letras, vos cometemos o conhecimento delas, como a legado nosso e da Santa Sé Apostólica (e assi lho escrevemos a ele) pera que tenham fim, ou por amigável composição ou por determinação de sentença, como justiça for.

«Dada em Roma em S. Pedro, a 28 de Março de 1565, no ano sexto de nosso pontificado».

No mesmo tempo mandou Sua Santidade ao Arcebispo outros dous breves de que atrás fizemos menção. Um, de licença e autoridade pera secrestar as rendas da comenda de Poiares, da Religião de São João de Malta; outro, pera inibir o conservador da mesma Religião na causa que diante dele corria sobre o secresto que o Arcebispo fez nas terras de Barroso, dos fruitos das igrejas de São João, que achou necessitadas, como atrás tocamos. E veio juntamente mandado avocatório e compulsório pera irem todos os autos a Roma e lá correr a causa.

Este segundo breve consolou muito ao Arcebispo, polo demasiado fervor e atrevimento com que o conservador usava de seu poder. E pera não falarmos mais nele, é de saber que, levados a Roma os autos, durou a causa alguns anos e, em final, se sentenceou em favor do Arcebispo, e gastou o comendador mais em sua teima do que lhe houvera de custar o repaio de suas igrejas a todo sabor do Arcebispo, como depois veio a fazer.

Também daremos razão do efeito que fez o breve que deixamos tresladado e traduzido, e do fim que teve a controvérsia do cabido; porque, se houvermos de guardar cada incidente pera seu próprio ano, cortar-se-á muito amiúde a história, que é embarçar a narração das cousas maiores e dar desgostos a quem lê.

Tanto que o Cardeal Ifante teve o breve em suas mãos, escreveu ao Arcebispo e cabido, pedindo-lhes cuidassem em algum bom meio de concerto e lho comunicassem, pera que ele de sua parte ajudasse como amigo, e favorecesse como legado. E se quisessem pôr em suas mãos toda a diferença e decerem-se de demandas, como parecia mais conveniente entre gente que professava religião e letras, ele faria de maneira que entendessem os amava e estimava a honra e quietação de todos. Mas, ou fosse porque os capitulares o haviam por inclinado ao Arcebispo, ou porque fiavam demasiado de sua justiça, nem o quiseram aceitar por juiz árbitro, nem os pôde quietar como comissário.

Correu a causa muito devagar com variedade de sucesos e alguns termos desabridos, porque chegou o cabido a

intentar suspeição ao Arcebispo, e escreveu-se e juntou-se ao processo. E serviu só de ocasião de mais desgostos, levando os capitulares por ela, além da mágoa de não prevalecerem, ùa boa repreensão, per palavras, do santíssimo Papa Pio V, que sucedeu no pontificado a Pio IV, as quais formalmente dizem assi: *Non erubuerunt, tanquam suspectum recusare venerabilem fratrem nostrum Bartholomaeum Archiepiscopum Braccarensem, etc.* A linguagem é: «não tiveram pejo de recusarem, como a sospeito, a nosso venerável irmão D. Bertolameu, Arcebispo de Braga».

Em fim foi Deus servido que tevesse fim tão porfiada guerra acabando em ùa concórdia suavíssima de grande honra pera o Arcebispo, e bem digna do valor e letras de tão grave cabido. Acordaram e ficou por assento perpétuo e irrevogável que o Arcebispo visitasse per sua pessoa o clero da cidade, e nomeasse pera a visitação dos leigos dous capitulares quais lhe parecessem, os quais dariam conta a ele, Arcebispo, do que nela achassem.

Este fim teve um negócio que não só por dificultoso, mas por impossível era julgado de todos, ficando um pobre fradinho sem casa, nem criados, nem autoridade ou pompa mundana, enfrornado em ùa pouca de estamenha velha, com ùa vitória, que nunca pôde alcançar nenhum de seus antecessores, gravíssimos prelados, e, alguns deles, filhos e irmãos de reis. Certo argumento que o brio e autoridade do pastor eclesiástico não pende de majestade e representações aparatosas da terra (quando se acabará de entender esta verdade no mundo?), senão só de virtude sólida, que, onde esta há, faz Deus que sobeje em sustância maior peso de respeito e reverência, que todo o que os vãos da terra acham nos fumos e aparências de seus faustos, conforme ao que canta o psalmo: *Non in fortitudine equi voluntatem habebit, neque in tibiis viri beneplacitum erit ei. Beneplacitum est Domino super timentes se, etc.*<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Sl. 146, 10-11.

## CAPÍTULO XV

*De um notável encontro que o Arcebispo teve  
com um bailio de S. João de Malta, e do maravilhoso  
exemplo de humildade e santidade  
com que o venceu e quietou.*

Quando chegaram ao Arcebispo os despachos de Roma, de que no capítulo atrás tratamos, andava visitando a comarca de Vila Real. Do lugar em que o tomaram deu resposta às cartas que juntamente teve do Cardeal Infante, pondo-se de boa vontade em suas mãos e arbitrio no que tocava à causa do cabido; e não largou a visitação, que tinha por negócio mais principal.

Poiares é lugar desta comarca e cabeça de ãa grande comenda de São João, cujas igrejas tinha sabido, no ano antes, que estavam tão mal paradas, como as que remedeara em Barroso. E porque fazia conta de as visitar este, e o comendador era bailio, que é dignidade eminente naquela Religião, quis estar prevenido, pera o que fosse necessário, de maior poder, e impetrou o breve que dissemos, o qual lhe chegou na melhor conjunção que pudera ser, porque se achava pegado com o lugar.

Foi-se logo a ele e, visitando as igrejas, achou verdadeiro tudo o que delas lhe tinham dito. Notou o que seria necessário pera ficarem com decência. Isso deixou provido em visitação e, pera que tevesse efeito, secrestou, em virtude do breve de Sua Santidade, todas as rendas da comenda, com declaração que com elas se não acudisse ao comendador, em todo nem parte, sem primeiro satisfazer a tudo o que deixava ordenado e declarado pera cada igreja; e foi prosseguindo seu ministério e passando a outros lugares.

Estava em um lugar da freguesia que chamam de Gaiafura, pouca distância de Poiães. Levantou-se um dia pela manhã cedo, segundo seu costume, e começava a rezar o officio divino; eis que entra o bailio assombrando a terra com cavalos, e peonagem, e armas, e com sua pessoa que, ainda que nas cãs representava idade madura, era robusto e temeroso de aspeito, verde na disposição e forças, e a cóiera que trazia o fazia feroz. Apeou-se na casa em que o Arcebispo estava, mandou que lhe dessem recado que lhe queria falar.

Nunca o Arcebispo se achou mais em si, nem com mais segurança; respondeu que esperasse. Tornou o bailio a segundar, depois de esperar um bom espaço; segundou o Arcebispo com o mesmo.

Não sei neste passo de qual me espante mais, se da fraqueza do que vinha fulminando braveza e ameaças, vendo-se tratado como um pobre homem e desprezada sua pompa, se do brio de um religioso por extremo humilde que, conhecendo a pessoa que o buscava e a paixão com que vinha, lhe teve a porta e o fez esperar na sala.

Aqui cabe ao justo o que ele costumava dizer em casos semelhantes: que estes soberbaços eram sua relé, como do falcão neblí a garça que mais alto voa. E não no dizia sem razão, porque com nenhum se encontrou que deixasse de o amansar e fazer à sua mão, como temos visto no que fica atrás em alguns casos, e ao diante o veremos em outros.

Mas isto entendia, não polos meios que usa o mundo de melhor braço e maior poder (que então fora pouco de estimar a vitória), senão atropelando-os e fazendo-os entrar em si à pura força de verdades mostradas ao olho, com repouso e sofrimento santo, que modifica e converte corações de bronze.

E se algũas vezes lançava palavras ou fazia obras que à primeira face representassem arrogância, era pai e juntamente médico, e médico experimentado: conhecia os sojeitos e as doenças; sabia onde convinha fomentar e onde cauterizar: mas o ânimo sempre era de sarar, não de scandalizar.

Assi, entrando o bailio, que mandou entrar como cerrou o breviário, usou doutro termo inda menos saboroso que o



da detença na sala (enxergou-lhe nos olhos afogueados a peçonha que trazia no coração, pareceu-lhe necessário antídoto ou triaga de grande eficácia); perguntou-lhe quem era e, respondendo que o bailio, tornou como outro muito mais áspero, dizendo com voz grave e sonora, e lembrado de suas derivações:

— O bailio não sois vós, senão o vadio; vadio e descuidado nas cousas de vossa obrigação e consciência. E onde se sofre que, sendo o vosso officio defenderdes dos infiéis as igrejas todas, tenhais em estado as que vos são mais particularmente encomendadas, que falta pouco pera parecerem de infiéis saqueadas? Arriscardes a vida por Deus na guerra e serdes com Ele descortês na paz não são cousas que entre si digam bem. Se as não concertais com guardar o decoro que deveis aos seus altares, nem sois soldado de Cristo, nem religioso de São João, nem trazeis esse hábito mais que pera comerdes a renda; e isso é serdes senhor absoluto e dissoluto do que vos foi dado em administração, pera o logrardes com caridade e temor de Deus, e não em propriedade, pera o dissipardes e deixardes perder como casal herdado de vossos avós.

Não tinha bem acabado estas razões o Arcebispo, quando o bailio, que abafava de cólera e raiva polo que ouvia sobre a que já trazia, e se lhe acrescentara com a detença, solta a língua em ãa corrente e fúria de palavras feas e indignas, repetidas com tanto desentoamento que scandalizou a quantos o ouviram.

Só o Arcebispo não recebeu alteração nem mudou semblante, que os santos então triunfam, quando o mundo cuida que triunfa deles. E levantou-se pera dizer missa com ânimo pronto a ouvir outro tanto e muito mais despois dela, se durasse a paixão e soitura, bem como outro monte Olimpo que nenhum tempo invernososo nem tormenta, por grande que seja, chega a toldar-lhe a serenidade do céu que goza na mor altura. E foi tanta a paz de sua alma no meio desta tempestade que, dizendo-lhe os companheiros sintidos e afrontados (eram montes baixos) que devia prender e castigar o bailio, respondeu:

— Prender não, mas encomendá-lo-ei muito a Nosso Senhor nesta missa que vou dizer, pera que conheça sua culpa.

Sobiu o Arcebispo ao altar e chegou-se o bailio a ouvir a missa tão cego da cólera como viera, e muito mais, porque o exercício das paixões não nas abate, mas aviva-as.

Acabou a missa. E não tinha o Arcebispo bem acabado de tirar os ornamentos sagrados, eis que à vista de todos e pasmando todos, lança-se-lhe aos pés aquele tigre encarilhado, confessa seu erro, pede perdão.

(Louvem-Vos os anjos, Deus dos exércitos, quão inteiramente cumpris o que prometestes a quem Vos serve! *Super aspidem et basiliscum ambulabis, conculcabis leonem et draconem* <sup>1</sup>).

Levantou-se o Arcebispo e abraçou-o com tanto amor e boa sombra, como se toda a vida se amaram e conversaram. Confessou-lhe o bailio que naquela missa o convertera Nosso Senhor e lhe abrira os olhos d'alma, pera ver seu erro e desatino, em conhecimento do qual estava pronto e prestes pera logo prover as igrejas assi e da maneira que lhe tinha ordenado na visitação, e ainda com aventagem. E sobre tudo cumpriria a penitência que fosse servido dar-lhe.

Assi foi a reconciliação tão verdadeira que o Arcebispo, reconhecendo o poder divino que obrava, lhe levantou logo o secresto. E o bailio se partiu cheo de confusão e arrependimento do que por ele passara, não cessando de dar graças a Deus que o alumiará. E aos companheiros, que iam atónitos de ver tornar tão cordeiro quem tão leão viera, afirmava que fizera Deus por ele manifesto milagre polo meio da missa e oração do Arcebispo; e não se fartava de publicar e encarecer sua santidade. E dentro de breves dias ornou e reparou as igrejas a todo contentamento do Arcebispo.

Caso bem digno de ser havido por milagre evidente, como foi outro que logo contaremos, que não espantará menos.

---

<sup>1</sup> Sl. 90, 13.

## CAPÍTULO XVI

*Do estranho meio que usou pera reduzir um abade  
que vivia mal havia muitos anos.*

Muitos anos havia que nenhum arcebispo de Braga, nem ministro seu, visitava ãa igreja de sua obrigação situada na raia de Galiza. E a razão era porque o abade, homem de grossa fazenda, e devasso, e perdido na vida, como não determinava mudar costume, valia-se do poder e dinheiro pera escusar a conta que temia.

Trazia espias polas igrejas vizinhas e, como tinha aviso que andavam visitadores perto, a pouco custo trazia gente armada de Galiza (que disso lhe servia o sítio) e com ela e com doze filhos de que era pai, todos homens feitos, e robustos, e atrevidos, como varas de tal tronco, fazia-se forte na igreja. Quando chegavam os visitadores, achavam-no encastelado e não haviam por mau partido poder-se tornar em paz, porque o abade não admitia rogos, nem dava por amoestações; e de tudo o que eram termos eclesiásticos, monitórios, escomunhões, fazia tão pouco caso como se vivera entre os mais danados hereges. E sofria-se isto entre gente católica, e em Portugal, tantos anos havia quantos se deixam entender do número e idade dos filhos que temos dito!

Guardava-se esta empresa pera o nosso domador dos monstros, que assi lhe doía a perdição desta ovelha que determinou arriscar a vida pola ganhar e trazer do deserto, onde já andava entre as unhas dos lobos infernais, e pouco faltava pera lhe acabarem de beber o sangue. E foi a traça tal que

ninguém senão Dom Bertolameu dera nela, e ninguém senão ele se atrevera a executá-la.

Foi visitando até chegar aos lugares mais próximos; ali se informou do caminho e distância que havia até a igreja do levantado e achou que o bom homem, com a nova de sua vinda, tinha junto seu presídio costumado e, com portas trancadas, esperava, apostado a tolher a entrada a todo género de visitador, inda que fosse à pessoa dele, Arcebispo.

Levantou-se ãa manhã cedo resoluto no que tinha consigo assentado, depois de largas horas de oração. E, mandando aos seus que se não bulissem sem verem recado seu com certo sinal que lhes deixou, toma seu companheiro, um religioso da Ordem, que sempre trazia consigo, e, ambos a pé, suas capas às costas e bordões nas mãos, a uso monástico, põe-se em caminho a acometer um esquadrão de desalmados. Santa e apostólica confiança!

Era a terra fragosa, os membros debilitados de jejuns e penitências contínuas, sintiram esta do caminho por desacostumada. Chegou a casa do abade assaz quebrantado. Antes que chegasse, colheu ãa vergõntea do pé de ãa árvore e, com ela na mão, bateu à porta.

Acuriram os que estavam de guarda, deram rebate ao abade. Como soube que eram dous frades sós e a pé, sem receber alteração, porque não via gente de cavalo nem arcabuzeiros, como fazia conta que o Arcebispo traria, quando se atrevesse a buscá-lo, quis pessoalmente ver o que queriam e abriu a porta.

Quando o Arcebispo viu e conheceu que tinha diante de si a ovelha perdida, cheio de boa esperança em sua alma, disse-lhe todo risonho e alegre:

— Sabeis, filho, a que venho cá? Venho-vos açoutar com esta varinha. Mas, a falar verdade, eu e meu companheiro vimos cansados e com boa fome; se tendes algũa cousa que nos dar de comer, comamos e deixemo-nos de mais, que é tarde.

Não há palavras que possam encarecer nem declarar o sobressalto que o homem recebeu quando conheceu que tinha o Arcebispo em casa; ficou como homem tomado de

acidente de apoplexia, que está vivo e não sabe se vive, tão atalhado e tão sem conselho que não sabia formar ãa só palavra.

Em fim era chegada a hora em que Deus, por Suas misericórdias, queria dar saúde ao paralítico de trinta e oito anos. E não obraram menos com os muros de ferro daquela alma, em que o diabo estava encastelado, tantos tempos havia, as brandas palavras do Arcebispo, do que antigamente tiveram força com os de Hiericó os brados do capitão Josué. Maravilhosas palavras, sobre-humano efeito!

Deixa-se cair aos pés do bom pastor, abraça-se com a terra, chora, suspira, geme e não fala; porque o muito que naquela hora sente e deseja dizer, não basta ãa só língua e ãa só boca a publicá-lo; e, se quer começar algũa cousa, a confusão atalha, a vergonha emudece.

Com júbilos d'alma solenizava o Arcebispo o poder da mão divina, vendo tão bons princípios nesta conquista. Que quando madeiro verde começa a estilar água na chaminé, sinal é que se vai tomando do fogo.

Os filhos e família que enchiam a casa estavam fora de si com o que viam; lágrimas, humildade, brandura, não era lingoagem de que naquela casa houvesse notícia.

Entretanto, fazendo-se força o penitente, e como arrebatando, arrancou estas palavras do peito:

— Pai, pequei contra Deus e contra vós.

E tomando um pouco mais de alento, com um grande suspiro, prossiguiu:

— De todo coração peço perdão de minhas culpas, gravíssimas e enormíssimas culpas, e das entranhas prometo emenda.

Não passou daqui, porque os saluços amiudavam tanto que lhe tomavam o fôlego, e o coração lhe batia no peito com tanto ímpeto que parecia querer saltar fora. Mas falavam bastante os olhos, feitos dous rios de água. Não estavam enxutos neste tempo os do Arcebispo, antes, acompanhando lágrimas com lágrimas, levantou o humilde penitente e, lançando-lhe os braços sobre o pescoço e apertando-os com amor de pai, segurou-lhe o perdão da parte de Deus e da sua;

e, mão por mão, entraram ambos pera dentro. E o Arcebispo mandou logo recado aos de sua companhia pera que lhe viessem ajudar a festejar a vitória do Céu.

Em tanto pôs-se a mesa, chegou-se o Arcebispo a ela, assentou junto consigo o filho de novo achado, e comeu com tanta alegria que a todos a dava com sua vista.

Vieram os companheiros, esteve de vagar, visitou a igreja e fregueses, que tudo estava mato bravio (tão pouco conhecimento havia já de Deus), pregou, crismou, repartiu esmolas, ficou a terra outra.

E o abade, causa e cabeça de todo o mal, se sojeitou a tudo o que o Arcebispo lhe mandou e ordenou, e o cumpriu tão puntualmente que o Arcebispo não só se deu por satisfeito, mas ficou correndo com ele em amizade.

Divulgou-se a fama deste feito e foi celebrado por todo o Reino como um dos grandes daquele primeiro tempo da santa Igreja e dos santos mui antigos. E como os bispos são sucessores dos Apóstolos e devem ser imitadores de sua virtude e espírito, não faltava quem o comparasse ao que fez o grande santo, apóstolo e evangelista João, quando foi correndo à serra, em busca do discípulo, e o tirou de entre os salteadores com quem andava, feito tal como eles, e o tornou a sua doutrina e o salvou.

## CAPÍTULO XVII

*Da caridade que usou com dous sacerdotes estrangeiros; e da traça com que remediou duas pessoas que não procediam bem na vida.*

Estou vendo que acerta a passar os olhos por esta história algũa pessoa das que têm à sua conta almas alheas (aconselhara eu a todas que a não leram por acerto ou a caso, senão que a tiveram sempre diante dos olhos, como espelho, ou à cabeceira da cama, como agasalhava Alexandre a *Iliada* do seu Homero); estou vendo, como digo, que estima e lê com admiração os dous casos que acabamos de contar. Mas, torcendo o rosto e lançando compassos de prudência humana, julga-os ambos por temerários, mais que valerosos, e escolhera antes largar o cargo que pôr a cabeça em arbítrio de um furioso ou desalmado e, em fim, gaba o successo e não o acometimento.

Não duvido responder a quem tal discurso fizer que julga mal, mas que escolhe bem. Julga mal, porque não pode merecer nome de temeridade aquilo que um prelado acomete em proveito espiritual do súbdito, sem outro nenhum fim, e negociando primeiro com Deus por meio de muita oração, jejum e disciplina, que nisto sabemos era contínuo o Arcebispo; e quem assi proceder animosamente se pode abalançar a mais certos perigos. Mas digo que escolhe bem se, largando o cargo, escolher como fez Dom Bertolameu; quero dizer: buscar ãa cela estreita e pobre, e não outro cargo mais quieto ou mais rendoso.

E tornando a nossa história, foi o Arcebispo passando a outros lugares e, como não deixava perder nenhuma ocasião que de salvar almas se lhe oferecia, porque isso era só o que buscava, não passaram muitos dias que teve em que se empregar, como logo diremos, dando primeiro o lugar a um acto de caridade que usou com uns peregrinos que encontrou em um destes lugares.

Eram sacerdotes e pobres, de nação italianos, e passavam em romaria a Santiago. Mandou-os ir à casa onde se agasalhava, e avisar aos seus que havia de ter hóspedes. Entendeu Pedro de Freixo, seu aposentador, por quem o dizia, chegou-se a ele e disse-lhe que, se não eram mais que os peregrinos, ele os agasalharia em outra casa e em outra mesa, e bem a seu gosto.

— Não se tratam assi — respondeu o Arcebispo — sacerdotes, e estrangeiros, e pobres.

E como foi hora, mandou-os vir, assentou-os na cabeceira da mesa junto consigo e, como se cada um dos pobres fora a pessoa de Cristo, assi se fez seu trinchante, partindo com eles de tudo o que lhe punham diante. E mostrou que achara particular gosto naquele jantar, não só porque partia com pobres, que esse era seu cotidiano exercício, mas porque via pobres na sua mesa e com eles comia. Assi, trazia sempre na boca que, de sua casa e de quanto nela havia, os verdadeiros e naturais senhores eram os pobres, e ele só, nela, o estrangeiro. Que eles comiam o que de razão e justiça era seu, e ele só comia o alheio. Foram os peregrinos seu caminho. Ficou o Arcebispo entendendo em sua obrigação.

Havia neste arcebispado ãa pessoa de muita qualidade, da qual não pudemos alcançar o nome, nem o estado, nem o lugar certo de sua morada, que tudo calaram os relatores do caso. Vivia mal e o mau costume tinha-o tão cativo (que é grande mal fazer hábito no pecado) que, ainda que a nobreza e o entendimento lhe faziam força pera se conhecer e receber com bom ânimo os avisos do Arcebispo, passavam os anos inteiros em bons propósitos e nunca chegava ãa hora de sair da culpa.



Devia ajudar a vivenda do monte, que, na verdade, a vida solitária é vida de extremos: ou faz anjos ou demónios. Obrigou-o com sua autoridade o Arcebispo que se fosse morar à cidade, esperando que, ou a conversação de gente grave e religiosa o tornaria ao caminho da honra e da virtude, ou traria sobre ele tantas espias e tanta vigilância em sua vida que, de corrido e apertado, acabasse de deixar a vileza do vício. Respondeu o sucesso às esperanças. Foi Nosso Senhor servido que caiu na conta, e emendou a vida, e perseverou na emenda.

Bem podíamos acomodar a este prelado, à vista de tantas e tão engenhosas traças de salvar pecadores, o nome que a Igreja dá a nosso Padre S. Domingos. Chama-lhe *Magnus animarum oeconomus*. É o termo grego mais significativo do que a nossa lingoagem pode especificar. Vem a responder entre nós um grande mordomo de almas. É o officio do bom mordomo feitorizar de maneira a fazenda que se lhe entrega, que saia de suas mãos aproveitada e melhorada. E, sendo assi, justamente arma ao filho o nome que damos ao pai; o qual mereceu tão bem, que a nenhũa alma faltava, e pera todas achava invenções de remédio, até depois de esgotada toda a física ordinária.

Achou em certo lugar um clérigo honrado, descuidado em suas obrigações e entregue sem rédea ao vício da gula e ao que o mundo chama levar boa vida. Mandou-o vir diante de si, perguntou-lhe como se chamava e, respondendo que Foão de Benavides:

— Melhor — disse — vos acertara com o nome, segundo a vida que fazeis, quem vos chamara de *Bene bibis et male vivis*. Quanto melhor parecera, padre meu, pois sois sacerdote que se dissera de vós que tínheis esse nome ao revés, e que éreis de *Bene vivis et male bibis*. Trocai-o, por amor de mim, e saiba eu, quando por aqui tornar, que estais trocado em tudo.

Assi sabia dourar piloras de verdades amargosas com derivações engraçadas que, se eram ocasião de riso, também davam azo à emenda. E esta fez efeito de castigo e aproveitou ao reprimido. Pode ser que temeu outro mais pesado.

## CAPÍTULO XVIII

*Recolhe-se o Arcebispo pera a cidade e põe em ordem  
ajuntar sínodo provincial. Visita o seu convento  
de Viana; dá principio e nome à igreja.*

Com a visitação destes dous anos de sessenta e quatro e sessenta e cinco, acabou o Arcebispo de correr e conhecer pessoalmente por ùa vez todas as igrejas, sem ficar nenhũa, o que se há-de entender juntando com a diligência destes anos a que tinha feito no pouco tempo que residiu antes da jornada do Concílio.

Feito tão heróico, que podemos afirmar não haver fama nem lembrança que nos diga outro tanto de nenhum antecessor seu; e tão importante pera o bem dos súbditos quanta é a diferença que faz a obra do dono da fazenda à do mercenário. E tanto é mais de louvar quanto nos consta que se servia o Arcebispo de ministros sábios e de virtude mui provada, sobre cujas consciências pudera seguramente descansar. Que, onde isto falta, falta será de juízo o prelado que não for mui desconfiado em cometer suas vezes e dar poderes.

Veio-se o Arcebispo pera a cidade, acabada a visitação, por fim de Outubro deste ano de 1565. E, sobre os cuidados ordinários que nunca largava, começou a entrar de novo em outros de muita importância. Lembrou-se que, pera inteiro cumprimento das determinações do santo Concílio Tridentino, tinha obrigação de ajuntar sínodo provincial, pera se acabarem de extirpar por ùa vez de toda a província os erros

antigos e todos os desconcertos que se tinham enxerido e tomado posse nas cousas eclesiásticas, e introduzir em seu lugar os assentos do sagrado Concílio, e fazê-los guardar universalmente. E, parecendo-lhe que o não devia dilatar, escreveu logo aos bispos de sua província quisessem assentar no tempo que melhor lhes estivesse, pera se juntarem na cidade de Braga e darem principio a obra tão santa e que a todos obrigava.

De acordo de todos ficou assentado que se achariam em Braga juntos pera a entrada de Setembro do ano seguinte de 1566. Pareceu ao Arcebispo este tempo mais acomodado pera tal congregação, porque lhe não tomava os meses principais de visitar, que eram até fim de Agosto. E, sucedendo haver dilações neia, entraria polo inverno e nunca poderia durar tanto que lhe viesse a tolher o verão do ano adiante.

Com tal determinação, entrando Janeiro de mil e quinhentos e sessenta e seis, logo despois dos Reis, saiu de Braga caminho de Viana. E ainda que era tempo de começar a segunda volta ao arcebispado e havia de dar vista às igrejas que visitara antes da jornada do Concílio, não achamos lembrança se foi em ordem de visitação este caminho de Viana. O que sabemos é que foi recebido de toda a nobreza e povo da vila com gêral alegria e muitas festas, e mais particularmente dos seus frades, que o veneravam já então como pai e como santo.

Aqui se deteve alguns dias com grande gosto polo que levava de se ver entre religiosos, em coro contínuo e vida que lhe representava celestial e aquela antiga em que se criara, que não podia perder da memória.

Não era inda neste tempo começada a igreja; pareceu aos religiosos que se lhe desse principio com a presença do Arcebispo. E assentaram dia solene aos vinte dous de Janeiro, festa do mártir S. Vicente; e, em quanto se apercebia o necessário pera a solenidade, fez o Arcebispo outra de exéquias do Papa Pio IV, seu grande amigo, que aqui teve nova de ser falecido na entrada de Dezembro passado, de mil e quinhentos e sessenta e cinco. Celebrou-as na igreja matriz, em véspera de S. Sebastião.

E, chegando o dia de S. Vicente, juntou na matriz ãa solene procissão de todo o clero da vila, e ele no couce, em pontifical, acompanhado de todo o povo, caminhou pera o convento. Levavam junto dele quatro religiosos nossos um andor bem ornado, em que ia ãa fermosa pedra quadrada que devia levar esculpidas as armas, e nome do fundador, e o tempo da fundação que se começava. Solenizavam a procissão todo género de festas e instrumentos de música costumados. Nesta ordem chegaram ao convento. Disse o Arcebispo missa em pontifical e também pregou.

Ultimamente, levando os religiosos a pedra onde estavam abertos os aliceceos pera a capela-mor, chegou o Arcebispo, benzeu-a com muitas benções e cerimónias, que a Santa Igreja manda usar em semelhantes actos e, pondo-lhe as mãos, lançou-a no fundamento e deu nome, à igreja e convento, de Santa Cruz. A grande devação que tinha a este divino sinal de nossa redenção foi causa do nome e confirmou-o com ãa fermosa relíquia que tinha da Vera Cruz, que logo deixou ao convento.

Com estes favores do Arcebispo e com esmolos grossas que cada dia mandava, foi crescendo a obra, de sorte que no ano de 1571, por Agosto, em dia de nosso Padre S. Domingos, se disse a primeira missa na capela-mor, a qual cantou o Padre Frei João de Leiria, de quem tantas vezes falamos atrás. E, por particular benfeitor deste convento e de todo o arcebispado, que tantos anos governou, é razão que digamos aqui como quatro anos depois, no de 75, em Maio, faleceu em Braga, cheio de anos e merecimentos pera com Deus e com os homens, e os religiosos agradecidos o foram buscar e enterraram à porta do coro.

## CAPÍTULO XIX

### *Celebra-se o sínodo provincial em Braga.*

Não tenho dúvida que começou o Arcebispo este ano a visitação de fora muito mais temporã que nos passados, porque também convinha recolher-se mais cedo, pera agasalhar os hóspedes e dar princípio ao sínodo.

Tem a província bracarense quatro bispados sufragâneos: Coimbra, Porto, Viseu e Miranda. Eram prelados Dom Frei João Soares, de Coimbra, o mesmo de quem atrás contamos que assistiu ao Concílio em Trento; Dom Rodrigo Pinheiro, do Porto; Dom António Pinheiro, de Miranda; Viseu estava nesta conjunção sem pastor.

Entraram em Braga por fim de Agosto deste ano de mil e quinhentos e sessenta e seis, a tempo que também o Arcebispo era chegado de pouco. Deram princípio ao sínodo em 8 de Setembro, dia solene da Natividade de Nossa Senhora.

Apontou o Arcebispo com seu acostumado zelo muitas cousas que de longe trazia cuidadas, assi pera reformação dos costumes como pera melhor serviço e governo das igrejas, em que mostrou bem o lume de sua doutrina e santidade.

Os companheiros eram muito letrados e prudentes. Fizeram-se constituições muitas e mui bem ordenadas, segundo pedia o tempo e o estado das cousas; e polas muitas que se ofereciam e pera haver tempo de se estudarem e considerarem todas com madureza, durou a junta sete meses. E este é o quarto sínodo ou concílio provincial bracarense, dos que andam impressos.

Publicado que foi o sínodo (veio a publicar-se em primeiros de Abril do ano seguinte de mil e quinhentos e sessenta e sete), o mesmo Arcebispo, de seu moto próprio, sem lho pedir nem requerer ninguém, apelou em nome do clero pera a Santa Sé Apostólica de algũa parte dos estatutos dele, cousa que deu ocasião a se fazerem muitos discursos, trabalhando os homens por atinar com vários juízos na tenção que o moveu.

A alguns parecia que fora lanço artificioso pera dar a entender que não fora ele autor daquilo de que apelava. Outros fundavam mais o negócio e diziam que a apelação dos pontos rigurosos era a fim de que, quando fossem aprovados e admitidos em Roma (onde se não mataria polos fazer revogar), menos se lhe estranhasse depois o apertar com inteireza na guarda deles, como estava certo havia de fazer.

E na verdade uns e outros julgavam temerariamente, porque, quanto ao primeiro, o Arcebispo não sabia negociar com dobrezes, nem em toda sua vida foi granjeador d'isto que chamam aura popular, quero dizer, graça e estimação do mundo; e, quanto aos segundos, mostras tinha dado, em todas as matérias, que bastava tocarem-lhe qualquer cousa na consciência, pera sem medo nem respeito de ninguém as fazer executar e cumprir à risca.

O que eu afirmaria é que, assi como era livre e isento no votar, assi, depois de vencido em votos, não faria repugnância aos companheiros, por lhes tirar a ocasião de cuidarem dele que queria, estando em sua casa, mandar a via em tudo e ser seguido como superior (como seja género de descortesia ser teimoso com hóspedes). E não tenho dúvida que, no mesmo auto, estranhou por indignas e ásperas as ordenações de que apelou, e juntamente lhes fez a saber d'antemão que havia de apelar delas. Assi, no primeiro, ficou satisfazendo ao dictame do seu entendimento e consciência e, no segundo, ao decoro dos companheiros.

Mandou logo fazer tresiado do sínodo e despachou um a Roma, ao seu agente, pera se apresentar ao Papa, com o termo da apelação acostado.

Este sínodo foi mui encontrado em Roma e teve outras dificuldades de importância, que causaram dilatar-se a confirmação. E, porque estas sucederam polos anos adiante, será bem darmos-lhe em outro lugar particular capítulo.

Aproveitou-se o Arcebispo de tão boa ocasião como foi a desta junta, pera fazer novas constituições e regras de bom governo pera a sua relação e auditórios, anulando muitas antigas e desnecessárias, reformando e melhorando outras, pera mais fácil e abreviada decisão das causas. Também fez apontar muitas dúvidas que o concurso dos negócios e prática dos litigantes ia levantando sobre pontos principais do sagrado Concílio Tridentino, pera pedir declaração delas a Sua Santidade, a quem só pertencia mandá-la dar.

Despedidos os hóspedes e acabadas estas cousas, como não sabia descansar, voltou o ânimo às ocupações ordinárias e suas visitas, que ia o mês de Abril muito adiante e havia de entender com o segundo terço do arcebispado, que visitara quando chegou do Concílio, no ano de 1564.

## CAPÍTULO XX

*De dous casos notáveis que sucederam ao Arcebispo,  
andando em visitação.*

Juressus chamaram os antigos ãa serra altíssima e igualmente fragosa do districto deste arcebispado, que hoje chamam os naturais Monte Gerês; terra pobre e, por razão da grande aspereza, em muitas partes despovoada e tão alheia do trato humano, que cria ussos, e porcos monteses, e todo género de veação em abundância.

Visitando o Arcebispo as igrejas desta serra, chegou um dia a ãa que chamam S. Martinho do Campo, assentada conforme ao nome, em meio de ãa várzea bem estendida, mas erma e desemparada de toda companhia de gente.

Caminhava o Arcebispo com grande companhia, porque como temos contado atrás, levava sempre consigo dous visitadores que, juntamente com ele, visitavam cada igreja, pera poder vencer o grande número de igrejas que havia. Cada visitador tinha seu escrivão, e uns e outros seu fato e criados. Acompanhava-se mais o Arcebispo de seus capelães e outros criados, afora homens de estribeira e outros, que entendiam em outros serviços, de sorte que ordinariamente eram número de vinte pessoas e mais.

E, ou fosse descuido de quem tinha a cargo negociar o provimento necessário pera tanta gente, ou que se esperou do sítio mais abastança, faziam-se horas de comer e não havia cousa de que lançar mão.



Começaram alguns a agastar-se e a queixar-se, porque, sobre não haver ali nada, o lugar mais vizinho era mui distante, que, se lá quisessem mandar, nem pera a cea poderia vir cousa a tempo, quanto mais que esse de mais perto era ãa aldeia de quatro casas, tão pobre que nem ãa boroa se acharia nela por muito dinheiro (boroa chamam por estas terras o pão de milho, que é mantimento ordinário da gente pobre) e, sobre tudo, os poucos moradores dela andavam polo monte, homens e molheres, ocupados todos em seus serviços, como gente que eram de trabalho, e na guarda dos gados. Não faltavam outros mais desconfiados a quem a fome arrancava palavras mais pesadas.

Que era forte cousa — deziã — andarem todo o ano atravessando serras onde nunca prelado pusera pé, buscando igreijinhas de quatro pastores, mais salvagens que os ussos com quem se criavam, com quem era perdido o tempo e o trabalho. Que padecer, como faziam cada dia, calmas, frios, ventos, chuvas, neves, dormindo em palheiros e às vezes ao sereno, assaz de mal era, mas buscar despovoados acinte pera morrer de fome era ãa crueza, um não ter dó dos criados e à custa alhea exercitar santimónias, pois pera a sua mesa vinha o provimento diante, e só os que o seguiam haviam de ficar a beneficio da ventura, pendendo do mal ou do bem das terras estériles e desaventuradas por onde se vinham embrenhar.

Entendeu o Arcebispo a queixa e, sabendo que não era menos a falta que havia pera sua pessoa, cheio de confiança em Deus, com rosto alegre e risonho:

— Gente — dizia — de pouca fé, porque duvidais? Ânimo, ânimo, meus filhos! Não haja ninguém que desmaie. Trabalhadores sois da vinha do Senhor, pois me acompanhais e ajudais; tão bom pai de famílias não pode faltar aos seus jornaleiros. Eu confio em Sua divina providência que, por mais dificuldades que o tempo e o sítio ameacem, inda hoje vos há-de sobejar, e nem o jantar haveis de perder.

Mal se quieta povo faminto. Tão seguramente falava o Arcebispo como se já vira o mantimento presente. Tão desconfiados e tristes estavam os seus que nada os esforçava.

Passava de meio-dia, eram dias de Maio e tinham caminhado toda a manhã; apertava a necessidade; senão quando, levantando os olhos, vêm cobrir-se os rochedos, de ãa e outra parte, de homens e mulheres que se vinham arremessando pelas costas abaixo, a quem mais podia correr contra a igreja; e notam que todos vêm carregados. Chegando mais perto, começam a divisar que uns traziam das suas boroas, outros, vasilhas de vinho, outros, cabras montesas e quartos de veado; nenhum vinha com as mãos vazias, e todos à porfia queriam ser primeiros em se lhe aceitar sua oferta.

Acudiu tanto povo que se encheu a várzea, foi tanta a comida que faltou quem a gastasse, ainda depois de cheios os pobres. Parece que tocou Deus os corações destes montanhesees que, acudindo à visitação e vista de seu prelado, adivinhassem a necessidade em que estava e lhe acudissem com o remédio.

Aqui visitou o Arcebispo, pregou, e crismou, e deixou suas esmolos, como costumava. Este sucesso contavam depois os companheiros, com espanto da confiança com que o Arcebispo os certificara do não esperado jantar, e pasmados da abundância dele.

Mas não tardou muito tempo que viram outro que fez esquecer o presente, porque, na verdade, foi bem claro milagre. Passou desta maneira.

Andava o Arcebispo visitando em terra de Montelongo (não pudemos averiguar se foi neste ano, se no seguinte) e, porque não esperavam por ele, por ser esta visitação da obrigação da igreja de Guimarães e não sua, achou tudo desprovido e em estado que, chegando a horas de jantar a certo lugar, e em dias de peixe, não se achou em todo eie mais que ãa pescada seca e dous ovos e, a força de importunação, alcançaram de ãa pobre velha ãa boroa, e não grande, que vendeu, como a peso de dinheiro, por sessenta réis.

Ê de saber que fora este ano gèralmente estéril e com grande excesso, em toda a terra de Entre-Douro-e-Minho, e começavam a entrar as fomes, que depois foram em crescimento, e vieram parar em peste e ar corruto, que correu todo o Reino com infinito dano.

Estava afligido o Arcebispo por conta dos seus, que eram entre todos vinte duas pessoas, e tinham madrugado aquela manhã, e estavam moídos do trabalho do caminho comprido, e bem necessitados. E ainda que igualmente faltava pera sua pessoa, porque era acabado o alforge, não sentia por sua conta nada, só dos seus se lastimava e doía-se também dos pobres do lugar, que já lhe tinham posto cerco à porta.

Em fim assentou-se à mesa com ùa extraordinária alegria de um movimento súbito; e ele mesmo a benzeu e começou a comer. Assentaram-se juntamente os continos de sua mesa que, vendo o bom ar do Arcebispo, fizeram o melhor rosto que podiam, por lhe darem gosto, e começaram a lançar mão do que havia.

Maravilhas do Senhor! Tal foi a virtude e o sabor que Deus Nosso Senhor foi servido pôr naquelas pobres iguarias, que se não podiam ver fartos delas e foram comendo como enlevados, sem cair no que passava, até se sintirem bem satisfeitos.

E, levantados, entraram os companheiros da segunda mesa e acharam que comer com tal abastança que houve pera todos largamente, e pera os da pousada, e ainda houve sobejos pera os pobres.

O hóspede da casa, como foi o que mais sentiu a falta, por ser em sua casa, foi também o que mais notou o sucesso daquela mesa e, assombrado do que vira, tinha-o por verdadeiro milagre. Mas o Arcebispo, lançando-o em graça, disse pera Pedro de Freixo, que era o que trazia a carga o serviço da sua mesa e aposento:

— Pedro de Freixo, desta maneira e com estas pobrezas me dai sempre de comer, que eu vos afirmo que há muito tempo que não jantei tão bem, nem achei tanto gosto no que comi.

Assi o disse o Arcebispo e o mesmo confessaram todos. Mas queixo-me deles como ingratos, que, conhecendo ùa maravilha tão fora das leis da natureza e prodígio averiguado, não fizeram nele tal diligência que ficasse em estado de nos poder servir hoje, pera pretendermos e fundarmos a canonização de quem merecia a Deus favores tão raros.

## CAPÍTULO XXI

### *Remedeia o Arcebispo a um clérigo facinoroso.*

Foi informado o Arcebispo que um clérigo deste arcebispado tinha chegado a tanto extremo de estragado e facinoroso que, por se segurar do braço eclesiástico e secular, que de um e outro era buscado por vários insultos de que estava culpado em ambos os foros, tinha tomado por remédio lançar-se ao monte e andar feito salteador de caminhos.

Cortava-lhe as entranhas, como a bom pastor, a perda desta ovelha, o miserável estado daquela alma, e até do trabalho corporal que passava tinha lástima. Lembrava-se do bom pastor do Evangelho, que não se contentou com menos que deixar o rebanho todo pola ovelha perdida, e revolver os matos e charnecas pola achar, e, depois de achada, trazê-la sobre seus ombros; e havia que lhe não corria a ele menos obrigação, pois estava à sua conta ovelha tão arriscada.

Discorria com o entendimento como lhe daria alcance, cansava o juízo buscando meios e inventando traças. Em fim veio a satisfazer-se de ãa, e não tardou em a pôr por obra. Escreve de sua mão ãa carta ao clérigo, cuja sustância era pedir-lhe que se visse com ele o mais brevemente que ser pudesse, que a carta lhe mandava por seguro e salvo conduto. Assina-a e, por inteligências que se buscaram, fez que se desse em mão do encartado.

Ficou o pobre homem cercado de um mar de perplexidades. Obrigava-o a ir o trabalho e medos em que vivia e a esperança que concebia das palavras do Arcebispo; detinha-o

ũa vergonha com que o inimigo o espantava depois que lha tinha feito perder de todo, fazendo-o infame por tantas vias, de com que rosto se havia de atrever tamanho pecador a aparecer diante de um prelado santo. Assi vacilando, valeu-lhe ũa luz da divina graça que lhe amanheceu na alma e o fez resolver na melhor parte.

A primeira noite que teve lugar apareceu diante do Arcebispo. Não era conhecido, deu sinais, referiu a carta. Quando o Arcebispo caiu nele, cerra por sua mão a porta, fecha-se com ele e, mandando-o assentar em ũa cadeira, lança-se de joelhos diante dele e, com vivas e santas razões, começa-lhe a abrir os olhos, mostrando-lhe o perigo em que trazia ũa vida curta, fraca e miserável, e o maior perigo e mais pera temer de sua alma, polos desatinos passados e por outros que cada hora cometia de novo, levado da força que lhe fazia a necessidade.

Pcde-lhe com as lágrimas nos olhos e com um afeito entra-nhável que de si mesmo se compadeça, de sua vida e de sua alma; e folgue também de fazer a vontade a seu prelado que, como pai amoroso e magoado da perdição do filho, o buscara, e estava prestes pera lhe dar perdão das culpas passadas, e remédio pera o diante, se de coração quisesse tornar sobre si.

Quis Nosso Senhor pagar o zelo e ardente caridade do pai com a conversão do filho. Assi lhe alumiou naquele ponto a alma que, caindo na graveza de seus delitos e representando-se-lhe a fealdade deles, não só ficou compungido, mas atónito e pasmado de ver e entender o muito que Deus lhe tinha sofrido e o pouco que queria dele, por seu prelado posto a seus pés.

Rendido a tamanhas enchentes de misericórdia, começa a estilar óleo aquele penedo duríssimo e, derretendo-se em lágrimas de verdadeira contrição, lança-se por terra repetindo muitas vezes:

— Pequei, misericórdia!

Desd'aquela hora ficou em casa do Arcebispo, de público e desaforado pecador, de ladrão e vandoleiro, convertido em verdadeiro penitente. Mandou-o logo vestir o Arcebispo

e comia com seus capelães. E procedeu com tão bom exemplo e perseverança na vida nova que, além do lugar de familiar e contino de casa em que ficou, lhe fazia o Arcebispo particulares favores pela constância que lhe enxergava na emenda.

Mas este gosto, que foi muito de sua alma, porque só dos fais se pagava, teve logo seu desconto com cousa que muito sintiu, inda que em matéria muito diferente. Ordenando-o Deus assi, pera acrescentar novos merecimentos a Seu servo e ir apurando sempre mais aquele ouro fino de suas virtudes, como logo diremos.

## CAPÍTULO XXII

*Do aviso que teve de Roma sobre o traslado  
do sínodo que mandou ao Papa  
e do que sobre isso fez.*

Atrás fica dito como o Arcebispo, tanto que acabou o sínodo provincial, enviou logo a Roma um traslado dele para se apresentar ao Papa.

Passados alguns meses, teve recado do seu agente, que o levara a Sua Santidade e que, por seu mandado, se cometera o exame dele a um bispo estrangeiro que andava na Corte. Foi cousa esta que malencolizou e deu muito que sentir Ao Arcebispo, considerando onde vinha parar o trabalho de sete meses, de quatro prelados sábios, e zelosos, e acompanhados de muitos homens de grandes letras e estudo.

Ajuntava-se ter nova certa que todos os que litigavam contra ele, em Portugal e em Roma, de mão comum e a todo poder, solicitavam por seus requerentes e faziam extraordinárias diligências por que fosse reprovado o sínodo: uns, por verem com isso desacreditado o Arcebispo, outros, só por lhe darem pesar, e muitos, com receio das novas constituições.

Depois de cuidar muitos dias no que faria, resolveu-se em manifestar livremente ao Papa o que no caso sentia, e deixar o mais à disposição divina. Era tempo de se recolher para a cidade. Veio-se a ela, e a primeira cousa que fez foi escrever a Sua Santidade. Zelo, brio e mágoa notaram a carta, que é a que se segue, tirada do original *de verbo ad verbum*.

*Beatissime Pater.*

*Post faelicium pedum oscula.*

*Celebrato nostro Prouinciali Concilio Braccarensi mox illud ad Sanctitatem vestram Apostolica censura examinandum ac repurgandum misimus. Et cum certa relatione nobis constaret ipsum sub trutina quorundam Cardinalium ex Sanctitatis vestrae commissione manere ac proinde Apostolicam sententiam de eius approbatione, vel reprobatione, correctione, expunctione expectaremus; repente mihi et comprouincialibus meis praesentatum est rescriptum quodam, per quod Sanctitas vestra committit examen dicti concilii Episcopo Cameracensi.*

*Quo nuntio turbatus sum et obstupui, utpote mihi antea penitus incredibili. Quis enim possibile putaret, tempore feruentissimi (totius Ecclesiae iudicio) ad Ecclesiae reformationem Pastoris, tale Breue in manifestam Synodorum prouincialium exautorationem, ne dicam vilipendium emanaturum? Quapropter aliud credere non possum, nisi quod per callidissimam subreptionem et obreptionem (ut non semel accidit) praedictum rescriptum impetratum sit. Nam si sic futurum est, ut tota autoritas et utilitas Prouincialium Conciliorum, ob clamores hostium reformationis, tandem ad unius Episcopi alterius Prouinciae arbitrium reducenda ac resolueda est; quid inconsultius, aut inanius, quam Synodos Prouinciales cogere et reformationi Prouincialium abusum operam dare.*

*Profecto, Sanctissime Pater, omnes deponemus animum et desperatione perculsi dicemus. Actum est de autoritate et de sperata utilitate Prouincialium Synodorum. Sine causa Tridentinum Concilium ea restauranda decreuit. Accendatur igitur zelus tuus et tollatur de medio tam graue hujus Prouinciae omniumque piorum scandalum et dissolutorum exultatio, iam laetantium et tripudiantium de eneruata ac conculcata autoritate et grauitate Prouincialium Synodorum.*



*Absterge maculam hanc a tempore tui Pontificatus; et nostri Concilii expurgationem ad tuam limam reuoca; sub ea expurgetur, mutiletur, et si dignum est, in totum abrogetur, et in nihilum redigatur. Tanquam enim de Coelo allatam (ut par est) tuam censuram qualemcunque excipiemus. Alioquin, ut iam apud nos dicitur, haec Synodus fuit post antiquas prima et erit ultima. Non enim expediens ac utile nostrae Prouinciae censemus litibus interminatis nostra defendere decreta.*

*Paucis uerbis ac filiali fiducia dixi, quae censeo de hoc negotio, clementissime Pater, parce ausui.*

Esta é a carta; e o sentido português o seguinte:

«Beatíssimo Padre.

«Depois de beijar os pés de Vossa Santidade.

«Tanto que concluímos o sínodo desta província de Braga, logo o enviámos a Vossa Santidade pera ser visto e emendado por essa Vossa Sede Apostólica e soubemos que ficava entregue, por mandado de Vossa Santidade, o exame dele a certos cardeais, por onde estávamos esperando a sentença apostólica, de aprovação ou reprovação, de emenda ou anulação, quando, subitamente, chega a minhas mãos e dos bispos meus companheiros um rescrito de Vossa Santidade pelo qual Vossa Santidade comete a censura do dito concílio ao Bispo de Cambray.

«Nova foi esta que me perturbou e fez pasmar, como cousa que por nenhum caso pudera crer noutro tempo. E quem havia de cuidar que seria possível passar-se tal breve em manifesto descrédito, por não dizer desprezo e abatimento, dos sínodos provinciais, em tempo que Deus nos deu um pastor o mais afervorado na reformação de Sua Igreja de quantos ela teve, a juízo de toda a Cristandade, muitos anos há? Pelo que não me posso persuadir a outra cousa, senão que este rescrito foi negoceado por algũa grande malícia de enganosa

e não entendida subrepcão e obrepcão, como tem acontecido muitas vezes. Porque, se há-de ser assi, que polas gritas e porfias dos inimigos da virtude e reformação, há-de vir a cair em mãos e alvidrio de um bispo de outra província a autoridade e utilidade dos concílios da nossa, não sei mor desacordo, nem tempo mais mal gastado que fazer juntas provinciais e matarmo-nos por reformação de abusos e desordens.

«Em verdade, Santíssimo Padre, que será isto parte pera nos perdermos todos de ânimo e, caindo em desesperação, darmos por acabada a reputação dos sínodos e dizermos a ãa voz que já não há pera que fazer caso dos proveitos que deles esperávamos e que, sem razão nem propósito, os mandou de novo introduzir o Concílio Tridentino. Mas não seja assi, Padre Santíssimo, tome fogo e acenda-se vosso santo zelo, tire-se do mundo tão grave escândalo que por ãa parte ofende a esta província e todas as orelhas pias, e por outra enche de alegria à gente de vida estragada, que já triunfa e salta de prazer, vendo caída e atropelada a gravidade e respeito dos sínodos provinciais.

«Tire Vossa Santidade esta nódoa dos tempos de seu pontificado, tornando aos seus olhos e à lima de seu juízo a revista e correição do nosso concílio; daí saia emendado, cortado e espedaçado, daí venha de todo anulado, venha feito em pó. Porque a censura de Vossa Santidade, qualquer que ela for, aceitaremos, como é razão, por vinda do Céu. Doutra maneira, não tenho dúvida senão que este sínodo, assi como foi o primeiro depois dos antigos, será também o derradeiro, como já entre nós se pratica. Porque não cumpre nem está bem a esta província defender nossos decretos com demandas sem fim.

«Com brevidade e confiança de filho, tenho dito o que entendo deste negócio; do atrevimento peço perdão. Nosso Senhor, etc.».

Foram as razões desta carta tão poderosas que, lendo-as Sua Santidade, na mesma hora ordenou nova comissão e mandou que se examinasse o sínodo na congregação dos cardeais deputados pera a declaração do sagrado Concílio Tridentino. Então se opposeram de praça contra muitos decretos dele o agente d'el-Rei e os procuradores dos cabidos e de todo o clero da província bracarense; vieram com embargos, levantaram dúvidas e houve tantas outras controvérsias que se dilatou o despacho até o ano de setenta e um e, em fim, veio aprovado e confirmado pola boa diligência do Cardeal Alexandrino, Frei Miguel Bonelo, frade nosso e sobrinho do Papa, e com grande glória do Arcebispo, a quem só se deve, desd'a primeira penada que nele se deu em Braga até o final despacho em Roma.

## CAPÍTULO XXIII

*Das esmolas que fazia em anos de esterilidade;  
e do rigor que usava consigo  
pera ter mais que dar.*

Houve neste ano de sessenta e sete esterilidade apertada por todas as terras de além-Douro. E como tinham precedido outros anos fracos, começou a sentir-se muita falta e encher-se a cidade de gente miserável que andava polas portas buscando seu remédio. Porque muitos que dantes lavravam seu pedaço de terra, como lhes faltava a manutenção, foram primeiro vendendo as pobres alfaias, depois o gado e, no cabo, consumido tudo, não tendo de que sustentar-se nem com que beneficiar as terras, largavam a casa, corriam à cidade e ao prelado, de quem sabiam que estava com os braços e com os cileiros abertos pera receber e prover a todos com paternal amor.

E na verdade bem se enxergou a misericórdia Divina com seu povo, nestes dez ou doze anos que correram até o de 76, porque, descarregando neles, por Seus ocultos juízos, sobre as terras de Portugal, do arco de Sua justa ira, duas cruelísimas setas de fome e peste, abriu juntamente ãa fonte de caridade no peito do Arcebispo que, num e noutra trabalho, foi único refúgio e consolação de todos, e deu vida a um número quasi infinito.

Nestes primeiros anos que a necessidade não era inda tão gèral nem tão urgente, além da esmola ordinária de dinheiro que se dava à porta do paço, mandava repartir pão

amassado, por todos. Juntavam-se em um pátio à vista donde ele comia. Ali lhes ensinava um sacerdote a doutrina cristã, e logo o mesmo distribuía o pão, e havia muitos dias em que se gastavam cada dia quinze alqueires.

Depois que foi crescendo a falta e a fama desta piedade, eram os pobres tantos que havia dias de quarenta alqueires de pão cozido, de esmola. E o Arcebispo, por acudir a todos, mandou suspender os pagamentos e consinações de dinheiro que dava de suas rendas para a fábrica do colégio da Companhia e do seu convento de Viana, dizendo que convinha acudir às paredes vivas com as rendas pontificais, rendas mais propriamente dos pobres que do prelado; e advertia que, entretanto, ou cessassem as obras naquela contia ou se apertassem também os religiosos e fizessem abstinência, quando a fazia o povo todo com a inclemência dos tempos.

Com estas esmolas e com as gêrais e contínuas que temos dito, que espalhava por todo o arcebispado, visitando, e com as particulares e secretas que repartia na cidade, fazia muito tolerável o trabalho da fome em sua diocese. E vendo que, toda via, se padecia muito no povo, estreitava cada vez mais o gasto de sua pessoa e da sua mesa, com ser assaz temperada em todo tempo, parecendo-lhe pouca justiça haver nela abastança, quando em todas havia mingua.

Foi disto boa testemunha o Padre Luís Gonçalves, da Companhia de Jesus, irmão de Martim Gonçalves da Câmara. Este padre, sendo mestre d'el-Rei D. Sebastião e pessoa tão grave por sua religião e letras, um dia que foi hóspede do Arcebispo, em que havia muitos convidados, e todos gente de qualidade, não achou mais, além da vaca e fruta, que um pouco de carneiro assado. E acontecendo vir sobre mesa ãa caixa de confeitos, chegou-a o Arcebispo ao Padre Luís Gonçalves, dizendo:

— Coma Vossa Reverência, que é manifestamente doente; eu também comera, que me fazem proveito ao estômago, mas, pois vejo que não tocam neles outros velhos que honram esta mesa, mau exemplo daria o Arcebispo se se mostrasse amigo de doces.

Dizia sempre que em mesa de bispo não havia de aparecer cousa demasiada. E, sendo advirtido um dia que alguns ociosos motcjavam da pobreza com que agasalhava os hóspedes um arcebispo de tanta autoridade e renda, respondeu com severidade e sentimento:

— Inda não cheguei a tamanha doudice que me parecesse a minha mesa de prelado reformado, antes tenho por certo que, se me entrara pola porta S. Martinho ou S. Nicolau e viram a minha mesa, me houveram de estranhar as superfluidades dela e dar-me muitas reprehensões.

Com este juízo que fazia de suas cousas, todas as vezes que haviam de comer com ele os que lhe assistiam no altar, quando celebrava em pontifical, e os seus desembargadores (que então consintia que houvesse mais largueza na mesa), toda via pedia o rol das iguarias que se ordenavam na cozinha e confiadamente riscava o que lhe parecia demasiado.

E porque não fosse diferente consigo em tudo o mais, do que era na mesa, é cousa certa que, indo caminho em tempo de inverno e chegando à pousada todo molhado e passado da água, como lhe sucedesse, ao tirar das botas, sair ãa em pedaços, com muita confiança a mandou enxugar e tomar a rotura com uns pontos. Mas, como foi enxuta ao fogo, ficou crestada e os pontos arrebentaram e, assi, se serviu dela alguns dias. E chegando onde havia oficiais, mandava que de novo lha acomodassem ou remendassem. Quando lhe afirmaram que não tinha concerto, então houve de largar ambas, mandando-as dar a um pobre com dinheiro pera as consertar.

Dizia ele que assi como por prelado se sentia obrigado a não fazer demasia, assi, por frade que era, tinha escrúpulo de gastar mais consigo que aquilo que um religioso pobre precisamente não escusava.

O que resultava de contas tão estreitas não era entesourar o que com elas poupava, senão ter mais que dar aos pobres; e daqui nacia aquela santa pertinácia que por toda a vida guardou, com que, da pobre pitança que lhe punham na mesa, havia de partir ao justo meio por meio com os pobres, fazendo conta que era pouco de agradecer a esmoia

que se dá do que sobeja e que seria mais meritória a que tirava da boca. E não fazia isto só em sua casa, mas, se a caso acertava a comer em mesa alhea, mais tempo gastava em cortar pera os pobres que pera si. Do primeiro temos dito bastantemente nos livros atrás; do segundo diremos logo.

## CAPÍTULO XXIV

*Do cuidado que tinha dos pobres  
comendo em mesa alhea.*

Era muito aceito ao Arcebispo o Doutor Gregório Rodrigues, desembargador de sua relação, pola muita virtude e rara erudição que nele havia. Dizia missa nova um sobrinho seu, filho de sua irmã. Quis festejar o dia como era razão, apercebeu um banquete esplêndido; convidou muitos desembargadores e outros eclesiásticos pera a missa e pera a mesa.

Soubes-o o Arcebispo, quis honrar a festa e o missa-cantante; convidou-se pera ela e quis que fosse o jantar assim como estava aparelhado, dentro nos paços, e foi um dos que comeram à mesa.

Houve na mesa muita polícia, e grande abundância, e diversidade de manjares. Começou o Arcebispo a comer, e não achava sabor no que comia, porque considerava que do alheo, se bem podia comer, não era razão fazer esmola e a repartição que tinha em costume.

Com este escrúpulo esteve desgostado e pensativo até quasi meia mesa. Mas, não se podendo mais ter, chamou um dos que serviam e mandou dizer ao Doutor Gregório Rodrigues que a regra de corte era um convidado poder convidar outro e, porque estava longe quem ele pudera trazer, lhe pedia licença pera do seu prato o convidar.

Respondeu o doutor que antes receberia nisso mercê, que tudo o que ali vinha era de Sua Senhoria e dos seus convidados que já sabia quem eram.



Então ficou desassombrado e, dando-se por livre do escrúpulo, começou a comer e fazer prato pera os pobres; e, com o gosto da partilha, comia algũa cousa e não sentia durar a mesa, polo interesse que resultava aos pobres.

Costume foi este tão contínuo no Arcebispo, que achamos por fama que até dos xaropes e purgas, quando estava enfermo, fazia as mesmas partilhas e, se lhas reprovavam, sentia-o e pedia que buscassem algum doente a quem servissem. Ordinário é facilitar o costume a natureza, e então fica desculpado o que pudera parecer excesso, mormente sendo a matéria de virtude. Com tudo não damos deste mais certeza que a voz e tradição comum, porque nas memórias que nos vieram às mãos, donde tomamos o que vamos escrevendo, não há nenhũa que tal aponte, oferecendo-se boa ocasião no banquete referido e em outro jantar que também ficou em lembrança, pelas muitas testemunhas que nele houve, deste cuidado do Arcebispo, cujo successo foi o seguinte.

Achou se um dia em Amarante, no nosso convento e casa de S. Gonçalo, e jantava com a comunidade no refeitório. Notaram os religiosos que não comia bocado, embebido todo em cortar e apartar pera os pobres quanto lhe punham diante; e pararam todos, sem lançar mão de nada, esperando que o Arcebispo começasse a comer.

Advirtiu o prior na cortesia dos frades, mandou dizer ao Arcebispo, polo irmão que servia, que, pois honrava a mesa da Ordem com sua presença, fosse servido de agasalhar os religiosos comendo algũa cousa da pobreza que havia, pera que eles também comessem, que por sua causa estavam parados.

Ouvindo o Arcebispo este recado, levantou a voz e disse:

— Diga-me ao padre prior que diz Frei Bertolameu dos Mártires que, se ele fora arcebispo de Braga, ainda comera menos e repartira mais com os pobres de Cristo, do que come e reparte com eles quem agora é arcebispo de Braga.

E toda via foi necessário, pera que comesse algũa cousa, segundar o prior com outra instância.

## CAPÍTULO XXV

*Da reposta que o Arcebispo deu  
a quem lhe persuadia que fizesse esmolas grossas  
e alargasse a mão com seus parentes.*

Já em tempos muito antigos houve quem notou um mau estilo do mundo, que é fazermos pouco caso da virtude e virtuosos em quanto os temos presentes; sospiramos por eles depois que nos faltam.

Em tamanho excesso de liberalidade como foi a do Arcebispo, não faltaram caluniadores agudos, daqueles que de ãa légua enxergam arestas nos olhos do próximo, que notavam nele pontos de escasseza.

Uns diziam que suas esmolas, se bem eram muitas em número, que o não podiam negar, eram em contia tão miúdas que entretinham, não fartavam, tapavam a boca, não matabam a fome, curavam, mas não davam saúde perfeita, querendo significar por tacha de ânimo curto e mesquinho não se alargar nelas, principalmente com pessoas que podia de ãa vez tirar de miséria com ãa dádiva grossa. Outros faziam-se mui de casa e haviam que era baixeza e um género de esquivança mui desumana não fazer muito em seus parentes, quando eram pobres; e atreviam-se a ler de cadeira regras de Teologia e caridade a quem era mestre dela.

Advirtiam ao Arcebispo de tudo os que pera isso tinham entrada e licença; e ele, com muita paciência e mansidão, ouvia e folgava de estar à conta com eles, como outro Job, dando sua razão a pesados amoestadores.

Aos primeiros respondia que as rendas do arcebisado ele as tinha por fazenda própria de todos e de cada um dos

pobres moradores dele; e, sendo assi, sem razão faria se, por salvar em claro a necessidade de alguns, pondo-os em estado que ficassem fartos e descansados, fizesse tanta falta a outros que ficassem morrendo à fome. E não devia fazer pendor nesta consideração serem aqueles aventajados em sangue e calidades, e estoutros da mais vil escória do povo, porque sendo, como eram, todos filhos, nem os baixos se haviam de deixar perecer por humildes e pequeninos, nem os grandes, por mais nobres, se haviam de fartar a não poder mais. Que ainda tiveram algũa justiça, se as rendas que possuía foram tão crecidas que houvera nelas com que encher a uns e tingir levemente a outros. Mas, sendo tão curtas como todos sabiam, pera o muito a que convinha acudir, a boa Teologia mandava que nenhum filho se defraudasse do que fosse seu; e o aperto dos tempos pedia que se tratasse de sustentar todos, e não fartar a uns e deixar perecer outros.

— Quanto mais — dizia o Arcebispo — quem se adianta a dar conselho sem ser rogado tem obrigação de lançar boas contas sopena de ficar senteneado por duas vezes ignorante. Veja, quem quer de mim esmolas grossas, onde lançamos o que havia de empregar nelas. Se me mostrarem que o poupo pera fazer tesouro ou que o fôrro pera acrecentar estado e pompa, se me disserem que edifico quintas pera recreação, que alargo aposentos, que me despendo em dourados e pinturas, que alevanto criados, que enriqueço parentes, em tal caso confessarei que sobeja razão a quem me culpar. Mas se Deus foi servido por Suas misericórdias dar-nos ânimo de não gastarmos desatinadamente essa pouca renda que fiou de nossas mãos, e ela não chega nem pode suprir a maior emprego que aquele que fazemos, injustamente nos julga quem outra cousa quer de nós.

E não são menos desarrezoados os que me querem muito caridoso pera com meus parentes, no meio das necessidades que desejam remedeadas e eu vejo que convém remedear. Se meus parentes se queixam que lhes dou pouco, lembrem-se que naceram pobres e que assaz faço em os sustentar, igualando-os com os pobres do arcebispado, aos quais devo mais, por seu prelado e pastor, que a eles, por seu parente e amigo.

Aventajá-los ou enriquecê-los, isso não farei nunca, em quanto tiver o juízo inteiro. Desatino é respeitar mais a carne e o sangue que a Lei de Deus. Maior desatino negocear pena e inferno pera a minha alma, pera que o corpo de meu parente tenha glória e paraíso neste mundo, nem ainda no outro. A lei divina é o de Deus a Deus e o de César a César.

Do casal que herdei de meu pai posso dispor à minha vontade. Enriquecer o meu sangue com o alheo, que são os bens da Igreja, deputados somente pera obras pias, não sei Teologia que o aconselhe nem consinta.

Condição tinha bem liberal em nome e obras o Papa Clemente IV. Não lhe faltava riqueza nem poder pera dispensar consigo nela. E com tudo, de duas filhas que teve, havidas de legítimo matrimónio, a ùa fez religiosa, com dote de trinta cruzados, e a outra casou com um igual seu; e havendo que se alargara demasiado em trezentos cruzados que lhe deu de casamento, logo lhe fez lembrança que em toda a vida não esperasse mais dele. Dizia este santo pontífice que o Papa não tinha parentes <sup>1</sup>. E se isto parecia a quem, sem detrimento da Igreja, poia grandeza dela, podia honrar e levantar em renda e estado aos seus, quanto mais releva aos prelados menores, de pouco cabedal e muitas obrigações, que um pão que damos mais ao parente, logo se enxerga na falta que faz aos pobres.

Assi filosofava e discorria o Arcebispo, e com apostólica constância o executava. E não em menos grau que com sua própria irmã Sor Caterina do Spírito Santo, religiosa de muito merecimento, no nosso mosteiro da Rosa, de Lisboa, que, sendo molher enferma e sem outro emparo no mundo, nunca pôde haver dele mais que seis mil réis de tença; e tantos afirmava o Arcebispo que mandava se gastassem menos na sua mesa cada ano, pera se quietar e cuidar que lhos dava com boa consciência. E pagava-lho Deus (bem-aventurado quem só em Ele fia), porque ordenou que, sem torcer um fio dela, ficassem seus parentes ricos e acrecentados, como veremos no capítulo seguinte.

---

<sup>1</sup> Ilhescas, p. I na *Vida de Clemente IV.*

## CAPÍTULO XXVI

*Vagam as alcaidarias-mores da cidade  
de Braga e Ervededo; provê nelas o Arcebispo  
a Francisco Vaz Telo, seu parente.*

O nome e officio de alcaide-mor é cousa mui antiga neste Reino, introduzido e usado em todas as cidades, e vilas grandes, e fortalezas dele, desde o tempo que se foi libertando do jugo dos mouros que tantos anos oprimiram Espanha. O nome é bárbaro, a significação, «capitão»; e o officio é ser cabeça e presidente no ministério da guerra. Porque a primeira cousa que os reis faziam em tomando qualquer lugar aos mouros era nomear pessoa de valor e confiança que o governasse, vigiasse e defendesse. E como os bárbaros que sustentavam as terras fronteiras usavam do nome de alcaides, aquella idade pouco atilada servia-se também, nas suas, do nome dos inimigos. E este persevera hoje sem nenhuma differença do cargo e nome mais que na palavra «mor», a qual se acrescentou pera distincção do alcaide pequeno, que nos primeiros tempos era como substituto ou tenente e capitão do castelo, por nomeação e provimento do alcaide-mor, pera servir em sua ausência; e correndo o tempo ficou em género de officio na república, e usa de vara, e tem lugar em muitas cousas como membro de Justiça.

Em todos estes lugares há certos direitos que são como propinas ou precalços que, de costume antigo, pertencem aos alcaides-mores, que fazem o título, além de honroso, também rendoso, em fias partes mais e outras menos, segundo a calidade e sitio das terras.

No arcebispado de Braga há duas alcaidias-mores que os arcebispos, como senhores temporais das terras, provêm nas pessoas que lhes parece, provimento que dura em vida do possuidor e não passa ao herdeiro senão por nova mercê. É ãa da cidade de Braga e outra do mui antigo couto de Ervededo; a primeira de mais calidade e menos proveito, a segunda menos autorizada, mas bem rendosa.

Ambas vieram a vagar em diferentes tempos, depois do Arcebispo entrar em Braga, ordenando-o assi Deus pera que, sem tirar nada dos bens eclesiásticos, tevesse com que favorecer seu sangue.

Tinha o Arcebispo consigo um parente a quem, além da razão do parentesco, amava e estimava muito, polas boas partes que nele havia; chamava-se Francisco Vaz, filho de António Vaz, capitão da carreira da Mina e sobrinho do patrão-mor Simão Vaz. Assi nos constou por ãa carta do Arcebispo pera a Rainha D. Caterina, quando governava este Reino, escrita em Braga, em 17 de Fevereiro de 1561, na qual lhe pede mande ver em justiça os requerimentos de pai e filho, e chama ao António Vaz, capitão perpétuo da carreira da Mina, e afirma ter serviço de quarenta anos. E, declarando que são seus parentes, ajunta que não é sua tenção valer-lhes com favor, isenção natural do Arcebispo, mas juntamente confiança na justiça dos encomendados.

Esta carta nos foi comunicada da Torre do Tombo, que é o cartório gèral do Reino, polo Licenciado Gaspar Álvares de Lousada Machado, que mais vezes nomearemos ao diante, porque lhe deve esta história muitos particulares e antiguidades que já estavam enterradas, e tenho por acertada a sentença *Obnoxii profecto animi est deprehendi in furto malle, quam mutuam reddere*<sup>1</sup>, que é o mesmo que dizer: «de ânimo cativo e baixo querer antes ser tomado com o furto nas mãos que tornar o seu a seu dono». Acho em algũas lembranças, Francisco Vaz com apelido de Telo, de que a carta não faz menção.

---

<sup>1</sup> Plínio, in prologo *Nat. Hist.*

Tardava-lhe a remuneração da terra, acudiu a do Céu.

Vagou a alcaidaria-mor de Braga, deu-lha o Arcebispo e, ainda que a renda era curta pera sustentar família de mulher e filhos, foi pairando e remedeando-se com prudência, polo escrúpulo que o Arcebispo fazia de despender largo dos bens eclesiásticos com gente sua; até que vagou a alcaidaria-mor do couto de Ervededo, que rendia setecentos mil réis, e o Arcebispo lha deu a título de casamento pera ãa filha. Mas, com os olhos nos pobres do arcebispado, pôs-lhe condição que dentro de termo preciso lhe presentaria um letrado leigo, de quem ele, Arcebispo, se contentasse, pera poder servir na sua relação, e serviria oito anos sem estipêndio. No que fazia conta que tanto lhe tomava da renda pera os pobres quanto montava o estipêndio; mas em outras informações achamos que sobre esta condição lhe não dava inda mais que ametade da renda, vista a grossura dela, o que facilmente me faz crer o rigor que com sua irmã usava. Porém os merecimentos de tão justo despenseiro supriam onde estreitava a justiça.

Depois houve D. Joana Correa, filha de Francisco Vaz, toda a renda *in solidum*, casando com Lopo Soares, secretário do Estado, vencidas algũas dificuldades que naceram da condição referida. E D. Lianor Correa, sua irmã, ficou com a alcaidaria-mor de Braga, dando-lha o Arcebispo pera seu casamento, e casou com o Doutor Bertolameu Rodrigues Lucas, corregedor do crime da Corte, em Lisboa. A terceira filha, D. Luísa de Lacerda, por última, não ficou desemparrada: casou com Fernão de Castro, alcaide-mor de Melgaço e senhor do reguengo de Freitas, junto a Guimarães.

Dos filhos, o mais velho, Pero Vaz Correa, foi servir el-Rei à Índia e, vindo a seus requerimentos, faleceu na viagem, e deixou um filho, que é Duarte Correa de Sousa, escrivão da Câmara de Sua Majestade. Ao segundo, que seguiu as letras, foi o Arcebispo provendo em benefícios, como começou a ser idóneo no serviço da Igreja, até o fazer cónego na sé de Braga donde subiu a bispo de Ceita e, ultimamente, de Portalegre, com nome de D. Diogo Correa e fama de bom prelado.

Assi proveu o Arcebispo ao seu modo pai e filhos, sem deminuição nem fraude das rendas da Igreja, que havia por fazenda alheia e não sua; e por isso foi Deus servido que ficassem ricos e adiantados no mundo.

E porque tratamos de parentes do Arcebispo, será bem que fique aqui dito como lhe não ficaram outros; e duas irmãs que só teve, ãa foi religiosa, de que falamos no capítulo precedente, outra casou e não deixou gèração.



## CAPÍTULO XXVII

*Como se ouve o Arcebispo com ũa pessoa ferida  
de peste que pedia confissão.*

Somos chegados a termos com esta história que a não podemos prosseguir por sucessos distintos e continuados de cada ano, como fizemos até o de sessenta e sete, porque nem em todos aconteceram cousas dignas de memória, nem isto são anais de reino, que sempre dão algũa ocasião de escrever. E as histórias dos santos é forçado levarem diferente ordem de narração, visto como aqueles que foram presentes às obras heróicas que fizeram, e de quem nós as recebemos, não tiveram tanta curiosidade que notassem em todas ano e dia, como já me tenho queixado em algũa parte destes escritos, e por ventura não estendiam os pensamentos a que poderia vir tempo que alguém as pedisse pera lhes procurar vida e memória, como agora fazemos.

Assi, não foi sem trabalho o que até aqui fomos tecendo com ũa pouca de ordem, alcançando os tempos de alguns sucessos por conjeituras e como adivinhando. E de boa verdade nos empregámos neste cuidado, porque conhecemos quanto é mais saborosa e se faz mais estimar a história que vai digerida por anos e ainda por dias, se pudera ser.

Daqui em diante iremos sobressaltando anos, mas sempre faremos diligência por dar algũa certeza ou luz do tempo em que cairem as cousas que contarmos

Deixámos o Arcebispo em Braga, contra o fim do ano de sessenta e sete, depois de visitado o segundo terço do

arcebispado, na segunda volta que tinha começado no ano atrás; e daí fomos infiando alguns sucessos, que sabidamente foi seu lugar a cidade, se bem faltamos na averiguação precisa que não pudemos alcançar do tempo em que aconteceram; e por ocasião destes continuamos outros, como dependentes deles; mas foi causa principal não lhe sintirmos lugar mais a propósito em tudo o que nos resta por escrever.

No ano seguinte de 1568, acabou esta segunda carreira de todo o arcebispado, visitando o último terço. E nesta contínua roda de trabalho entendeu regularmente, andando quasi sempre polo arcebispado, sem se poupar nem descansar, se não era nos tempos de Advento e Quaresma, que os prelados têm obrigação de assistir em suas catedrais. E sabido que guardou esta ordem em todos os vinte três anos de sua prelacia, como algũas vezes temos tocado, não há pera que irmos trás ele e cansarmos também.

E passaremos a um acto de piedade que usou com ũa enferma que, se lhe não dermos nome de mais que extraordinária diremos pouco. É tão sobida de ponto que entre as mui heróicas merece contada. E sucedeu na entrada do ano de setenta, pola razão que logo diremos.

Foi o ano de 1568 infelicíssimo pera este Reino, porque nele teve princípio o crueííssimo fogo de peste que o correu e abrasou todo com mortandade de infinitas gentes.

Passava de quarenta anos que a cidade de Lisboa gozava de ũa corrente contínua de tempos benignos e salutiferos, quando, no princípio deste, havendo precedido grande e des acostumada força de águas todo o inverno, e sobrevindo espessas névoas, que no sítio, de si humidíssimo, são prejudiciais, começaram a sentir-se gèralmente erisipulas e carbúnculos com febres de má calidade que, dando em ũa casa, se pegavam e corriam por todas; logo se foram descobrindo forças de maior veneno em pintas e inchaços, com mortes arrebatadas.

Não era o mal de todo conhecido, davam-se outras causas à violência dos accidentes e ao acabar repentino, e não faltava quem, com medo de se ver desemparado da companhia ou lançado dela, ou dissimulava ou negava. Assi se veio a soltar

em contágio e ar corruto com tal fúria que, fazendo efeitos de fogo ardente, podemos dizer que deixou aquela cidade assolada.

Dava-se a razão deste mal, entre os que medem todas as cousas aos palmos humanos, que nos viera de Veneza, envolto em mercadorias. Rasteiros discursos! Não duvido que passa e pode passar por estes meios de uns lugares a outros, em tanta e em maior distância, e que são acertadas as diligências e guarda dos lugares inficionados, como o estivera Veneza antes de Lisboa. Mas, os que somos cristãos e que damos a Deus e a Sua providência (como é razão) todo o governo e poder das cousas humanas, a princípio mais alto devemos referir açoutes tão horrendos. Na mercadoria de pecados é certíssima a peste e todos os outros males.

Saiam-se os que podiam da terra e, como levavam já o mal consigo, nos lugares de ar puro e sadio faziam efeitos de pólvora, que faz mais força onde acha maior resistência. Era tão violento que tudo abrasava. Assi foi lavrando por todo o Reino, de sorte que quasi não ficou isento de contágio. E, como ia caminhando ao passo dos que o levavam consigo de uns lugares a outros, os que mais distantes estavam de Lisboa foram os que mais tarde o sintiram. Quando chegou a além-Douro era já por fim do ano de sessenta e nove e princípio de setenta.

Em Viana, como em lugar de mais comércio, deu juntamente em casas diferentes; ateou-se o fogo, revolveu-se a terra, tratou cada um de fogir, que não há outro meio de escapar, se se toma com cedo.

Deste se quis valer ãa dona, das nobres da vila, mas não foi tão a tempo como devera, porque levava já faíscas no seio sem as entender. Meteu-se em um barco, foi-se rio arriba. Antes de chegar a Ponte de Lima lavraram as faíscas, levantaram labaredas, sente-se a pobre senhora ferida. Desembarca junto de Ponte de Lima, mete-se na primeira casa que achou de um lavrador.

Era discreta e boa cristã, acudiu logo aos remédios da alma, que sempre devem ser os primeiros em quem deseja

segurar os do corpo. Mandou fazer diligência por confessor. É o mal da peste sempre temeroso, mas nos princípios só o medo basta pera matar. Não achou quem lhe valesse, nem à alma nem ao corpo. O desamparo, o lugar, o pavor, a força do veneno, iam consumindo, por momentos, a fraca candeia da vida (que menos inimigos bastam contra um corpo humano). Entrou em artigo de morte.

Foi sua ventura que andava o Arcebispo na mesma conjunção visitando por aqueles montes, e não longe do em que se achava a enferma. Como era o primeiro rebate, foi grande a inquietação nos vizinhos e revolta por toda a terra, e chegou ao Arcebispo. No mesmo ponto que o piadoso prelado teve informação do que passava, sem meter tempo em meio, deixou tudo, sai de casa e põe-se a caminho pera ir confessar a ferida.

Atravessaram-se os de casa com rogos e algũas pessoas nobres da terra que com ele se achavam, com protestos e requerimentos, que fazia temeridade em oferecer sua pessoa a tão manifesto perigo e nela todo o bem do arcebispado, que de sua vida dependia. Nada o detinha, caminhava e apertava o passo por chegar a tempo, e de todos, com ãa só razão, se defendia:

— Sou seu pastor, é ovelha minha, pede confissão em artigo de morte, não há quem vá, eu sou obrigado a ir. Não posso deixar de ir, nem deixarei de ir.

Fosse honra, ou vergonha, ou amor de tão bom amo, resolveu-se um de seus capelães tomar sobre si o perigo; foi correndo, pôs-se diante do Arcebispo, pediu-lhe licença e a bênção pera entrar em seu lugar. Como ele viu que havia confessor, tornou-se.

Não falta quem afirme que o Arcebispo a confessou. Mas, na verdade, onde a determinação foi tão verdadeira e constante, não lhe fica devendo nada a última execução da obra. E não se pode duvidar que teve o merecimento, pera com Deus, do bom pastor que põe a vida polas ovelhas, segundo as palavras do devotissimo Bernardo: *Quantum vis, tantum mereris et quantum crescit tua bona voluntas, tantum*

*crescit meritum tuum* <sup>1</sup>, «crece o merecimento à medida de  
ũa boa vontade e quanto quereis, tanto mereceis».

Faleceu a enferma, mas confessada, pola boa diligência  
do prelado, senão foi por sua pessoa. O marido levantou  
ũa ermida no lugar em que foi enterrada. E ainda que as  
pedras dela fossem de natureza de bronze, não perpetuaram  
tanto a memória da defunta como a terá viva o animoso e  
apostólico feito do Arcebispo.

---

<sup>1</sup> Bernardo, in *Opusc. de inter. hom.*, cap. 8.

## CAPÍTULO XXVIII

*Recolhe-se o Arcebispo em Braga, sabendo  
que havia nela peste declarada; e assiste na cidade  
em quanto durou.*

Atrevia-se o Arcebispo a visitar de inverno, pelo muito que tinha que correr e porque o costume lhe fazia já toleráveis todas as inclemências do tempo, e toda via se passavam melhor por estas terras de céu mais benigno, como vizinhas ao mar.

Ia já de volta pera Braga, e assaz lastimado do estado em que ficava Viana, e do caso que quasi tivera entre mãos, quando lhe chegou recado da cidade de rebates, e mal declarado nela, e medo tão crecido, que os moradores a despejavam, a quem mais podia. Cercado de nova aflição, deu pressa a caminhar com ânimo de acudir com sua pessoa e presença aos súbditos, e foi-se ao mosteiro de S. Fructuoso, seu refúgio e recreação antiga nos remates das visitações compridas, não pera se deter como costumava, mas pera se informar com certeza do que passava.

Tanto que na cidade se soube de sua chegada e da tenção com que vinha, fizeram junta a gente principal que ainda havia, com os officiaes do governo eclesiástico e secular, e acordaram irem todos a S. Fructuoso e impedir, como bons vassallos, a entrada do Arcebispo. Mas não foram tão diligentes na execução do acordo como o foi o Arcebispo no que também consigo tinha tomado.

Encontram-no, que vinha a pé, com o rosto na cidade, com a mesma confiança e ânimo com que a pudera ir demandar no tempo de mais perfeita saúde.

Apearam-se, vão-se a ele, protestam como vassallos, requerem como filhos, rogam como amigos, que por nenhum caso queira acometer entrar na cidade, onde a contágio era descuberta e o ar inficionado e mais perigoso pera quem ia de fora: Que é tentar a Deus entrar em tal conjunção, sendo assi que sua pessoa viva e sã era de mais importância pera o bem de todos, em qualquer parte que estivesse, que não dentro na cidade com risco de adoecer ou de morrer, que qualquer destas cousas que acontecesse seria assolar-se de todo a terra e o arcebispado.

Mostrou o Arcebispo estimar a boa vontade e zelo que mostravam de sua saúde e, dando-lhes os agradecimentos, respondeu que todas as razões que alegavam pera lhe estorvarem os passos que ia dando, essas mesmas o obrigavam a apressá-los. Se o mal era declarado, se tão forte e impetuoso que os pais fegiam dos filhos e os filhos dos pais, pelo mesmo caso cumpria acudir ele, que tinha obrigação de socorrer a todos, e não desemparar a nenhum. Se sua pessoa era de importância, como diziam, com os necessitados o havia de mostrar, e isto havia de ser assistindo com eles no trabalho e no perigo. Que não era bom capitão quem se punha em salvo quando os soldados pelejavam; nem bom pastor quem lhe sofria o coração ver de outeiro o perigo das ovelhas. Nem seria amigo verdadeiro do pastor quem em tal tempo lhe aconselhasse fazer falta em seu ofício.

Assi lhes ia dizendo e caminhando com muita quietação e boa sombra, e com a mesma se foi meter em seus paços.

Em chegando, começou logo a entender no remédio dos enfermos e preservação dos sãos. O primeiro foi ordenar ũa casa grande e capaz, fora da cidade, onde chamam a Defesa Nova, lugar desabafado e sadio, pera recolher e curar os feridos, com médico, cirurgião e barbeiro, continos e assistentes, e com ministros e servidores pera o governo e sustentação de todos. Esta fazia prover com abundância de todo o necessário e até mimos sobejavam.

Pera o espirital mandou dous sacerdotes com ordem de o avisarem de tudo o que vissem ser necessário no espirital e temporal, dando-lhes, por mais encomendados e em cabeceira de rol, os pobres mais desamparados.

Na cidade nomeou por guarda da saúde ãa pessoa de virtude e cuidado, a que deu ministros que lhe assistissem, uns pera vigiarem e correrem a terra, e saberem dos que adoeciam, e tolherem a comunicação dos vizinhos; outros pera levarem fora da cidade os enfermos e enterrarem os que faleciam. E estes serviam despois de tirarem o fato inficionado e purificarem as casas. Levaram-se logo todos os feridos com seu fato à casa que dissemos, que chamaram da saúde, e o foi pera muitos. Apartaram-se a outro lugar os impedidos, por comunicação dos enfermos.

Visitava o Arcebispo todos e cada dia, tomando informação dos médicos do estado de cada um, e do que convinha peda terem saúde, e dos oficiais se faltava algũa cousa.

Quem se não havia de animar com tal enfermeiro? Afirma-se que trazia todos os sintidos tão roubados deste só cuidado que de si se não lembrava; e em todo o tempo que durou o trabalho na cidade, não pôde acabar consigo tomar ãa hora pera cortar o cabelo. E fazendo-lhe lembrança um familiar, respondeu estas palavras:

— Quando a esposa padece, agravo lhe faríamos se me não esquecesse de mim. Deixai-ma ver sã, e logo me vereis enfeitado.

E porque se averiguava que toda a enfermidade presente procedera de comunicação de gente de fora, mandou fazer rigurosa guarda nas portas da cidade dos lugares inficionados. E pera atalhar a corrupção do ar, encomendou aos do governo algũas particularidades de importância que foram fazer grandes fogueiras por todas as praças e ruas, meter gado na cidade e purificá-la de imundícias.

Com esta boa ordem, e com ele assistir em tudo com sua vigilância, e sem nenhum resguardo extraordinário de sua pessoa, *odoratus est Dominus sacrificium* (que sacrifício foi verdadeiro o que fez de sua pessoa nesta ocasião), e foi



o mal muito menos do que se temia e do que penetrou por outras cidades do Reino.

E particularmente montou sua assistência pera não padecerem os pobres, nem se despejar a cidade e continuarem os officios divinos em todas as igrejas, e ainda que os mais dos cónegos e dignidades da sé se saíram, com tudo não houve cura d'almas que, à vista de tai exemplo como tinham no prelado, deixasse seus fregueses.

Mas ao longe soou mais a fama deste valor. Falava-se nele por todo o Reino como em ùa cousa prodigiosa; já ficava atrás tudo o que dantes espantava, a pobreza própria, o dar tudo aos pobres sem reserva de nada pera si, nem pera os seus, o trabalhar polas almas, a oração, os jejuns, a penitência. Porque na verdade, como a conservação da vida é cousa tão natural e o ser liberal dela encontra todo entendimento, gèrava nos ânimos dos homens um novo espanto o desprezo que viam fazer dela ao Arcebispo. E estimava-se a obra como moeda dos tempos mui antigos, que se desconhece por haver muitos que não corre, mas preza-se e entesoura-se, não só pola valia do metal aventajado, senão por causa estranha e rara no mundo, e polo preço e veneração da antiguidade, como o contará o capítulo seguinte.

## CAPÍTULO XXIX

*Mandam el-Rei D. Sebastião e o Cardeal Ifante  
ao Arcebispo que se saia de Braga por razão  
da peste; escusa-se o Arcebispo e continua  
em sua assistência.*

Chegou à Corte a fama da valerosa determinação com que o Arcebispo se fez enfermeiro de seus súbditos, encerrando-se com eles e governando-os com o amor que temos contado. E como é ordinário pasmarem todos os homens em quem faz cousa a que ninguém se atreve, celebrava-se a obra com espanto em todas as conversações, e com o mesmo a levaram os fidalgos a el-Rei (parece que não havia então de quem se contasse outro tanto).

Era el-Rei generosissimo de ânimo, soube-a estimar no que merecia (não tinha então perfeitos dezessete anos) e, julgando por muito digno de vida quem tão pouco caso fazia dela, escreveu-lhe que se saísse da cidade e em sua pessoa tivesse todo resguardo e que lhe agradeceria compri-lo assi, porque das vidas como a sua tinha ele muito gosto, e seu reino necessidade. No mesmo argumento lhe escreveu o Cardeal Ifante D. Anrique, senão que se alargava mais com ele em palavras de muita honra e amor.

Os originaes destas cartas não chegaram a nossas mãos, só alcançámos o da reposta que o Arcebispo deu à carta do Cardeal, com a qual se fica entendendo bastantemente a sustância de ambas e suprimindo a falta que nos fazem.

Juntamente coligimos dela o tempo em que foram escritas e que toda via durava o trabalho em Braga polo mês de Março de 1570. Por todas estas razões nos pareceu tresladrá-la aqui.

#### CARTA

*«Vera et aeterna celsitudo.*

«No primeiro deste mês recebi ãa carta de Vossa Alteza e confesso que assi me alegrou o grande sinal de amor que Vossa Alteza me mostra com fazer caso de minha vida e saúde, como grandemente me lastima o espírito ver que me manda cousa que eu, segundo Deus e minha consciência, não posso cumprir sem desobedecer e ofender ao mesmo Deus. Com nenhũa outra me consolo senão com ter por certo que, se Vossa Alteza se achara hoje nesta terra e vira polo miúdo o que nela passa e quantos escândalos, desemparos, desmaios e desconsoações há de se temer que me posso ausentar, com mil censuras me obrigara, ainda que eu não quisesa, a estar nela.

«No princípio de Fevereiro faleceram algũas pessoas sem se saber de quê e, posto que nesta terra era cousa não ouvida nem conhecida este mal, toda via não faltaram alguns receios e conjeituras de ser peste. Mas quando, aos 10 do mesmo mês, o Doutor Lourenço Vieira, cristão velho, bom físico, letrado e experimentado, se resolveu e declarou que alguns doentes que havia eram feridos do mal, foi cousa espantosa o alvoroço e desacordo que houve nesta cidade, aquele dia e o seguinte.

«Subitamente se saíram as duas partes dos moradores, como que fogiram de morte certa, e os que ficaram tudo foi gente pobre, e alguns, muito poucos, do governo. E ainda estes se detêm com vergonha de me verem; e assi eles, como todos os mais pobres (que todos os desta terra comumente são pobres), se não desmaiam,

é por me verem nela e entenderem que no que convém assi à cura dos doentes e remédio deles, como ao dos sãos, não lhes há-de faltar o necessário nesta casa, em quanto eu puder.

«As dignidades da sé, todos se ausentaram, e a maior parte dos cônegos. Estes que ficaram, que fazem o officio divino, arreceio que, se me virem sair, todos se ausentem e fique a sé sem haver quem a sirva.

«Além destas razões, o açoute do Senhor vai brando até 'gora. E há três dias que não adoece ninguém. Os mortos até 'gora são vinte mininos, onze molheres e três homens. Na casa da saúde estão catorze feridos, e haverá vint'oito convalescentes, que já se começam a erguer. E assi estes como os impedidos se poseram todos em ùa defesa fora da cidade, em casas que lhe fizemos, onde são curados e sustentados com toda caridade possível. E se me agora virem ausentar, temo que morram de puro medo, além do mau exemplo que com isto darei aos outros bispos e reitores. Porque não faltam abades que me escrevem e prometem que, por meu exemplo, inda que a peste venha a suas freguesias, as não desampararão, antes esperarão a pé quedo e se deixarão morrer entre seus fregueses.

«Pelo que peço a Vossa Alteza me faça mercê não tão somente de me não obrigar a sair desta cidade, mas ainda de me haver d'el-Rei nosso senhor licença pera ficar nela e cumprir com minha obrigação, porque não posso acabar outra cousa com minha consciência.

«Nosso Senhor a vida e real estado de Vossa Alteza conserve em toda a verdadeira prosperidade.

«Em Braga, 4 de Março de 1570.

Capelão e servo de Vossa Alteza  
*O Arcebispo Primaz»*

Do tempo em que esta carta se escreveu podemos formar um argumento bem eficaz da grande conta que el-Rei e os

príncipes que então havia faziam da pessoa do Arcebispo, porque pola narrativa consta que o mal se descobriu aos 10 de Fevereiro e, quando chegou a nova ao Arcebispo, devia ser já aos 12, dado que andava perto, pois o avisavam da cidade despejada e dando-lhe dous dias de detença em S. Fructuoso, parece que entrou na cidade aos 14. Se houve tanta curiosidade em Braga que no mesmo dia se escrevesse à Corte sua entrada, bem eram necessários sete dias pera chegarem as cartas, os quais, juntos com catorze, fazem vinte e um dias do mês de Fevereiro.

No breve termo que resta até o primeiro de Março, que foi quando o Arcebispo recebeu as cartas, foi forçado que tudo se fizesse repentinamente, determinar-se o que se havia de escrever, mandarem-se fazer as cartas polos secretários, e partir o correio, e caminhar com estravagante pressa, visto não haver postas pera esta parte.

Assi, parece bem ao claro que, do muito que foi sentido o perigo do Arcebispo, naceu a extraordinária diligência com que el-Rei e o Ifante quizeram que fosse advirtido se desviasse dele. Honra grande e desacostumada, mas bem merecida.

## CAPÍTULO XXX

*Como se havia nestes tempos, na arrecadação  
e distribuição de suas rendas,  
e como cessou a peste.*

Gastou muito o Arcebispo de suas rendas, no tempo que durou este mal até de todo se extinguir. Porque os salários dos que serviam eram grandes e, com a pressa e aperto, não se podia ter conta, nem peso, nem medida no que se dava; perdiam-se muitas cousas de comida e de mezinhas, todas custosas; outras se furtavam (que até à vista da morte faz a cobiça seu officio); sobre tudo a condição do prelado, que só pera consigo queria taxa, com os necessitados não sabia ter nenhũa.

Nos outros anos mandava que lhe não sobejasse nada nem houvesse poupado no cabo de cada um nem um só real; agora, que o povo e todos padeciam, com grande afouteza mandava que se empenhassem as rendas, que se pedisse emprestado e todo o meio se usasse, por que não percessem por sua culpa suas ovelhas.

E com tudo é muito de notar que não era em sua mão consintir que suas rendas se alevantassem à conta das esterilidades e apertos do tempo. Porque havia que tudo quanto os rendeiros lhe pagassem de mais, tanto sairia das costas ou do sangue dos pobres, ora fosse com oppressões na arrecadação, ora com porem o preço caro a todos os frutos.

E assi, queria e mandava que em tudo se guardasse moderação; os seus tesoureiros, com os arrendadores, não

lhes pondo as rendas tão altas que se perdessem ou fossem necessárias, pera a cobrança, prisões e avexações, que muito aborrecia, por razão de fazenda; e juntamente vigiava que os arrendadores não fossem tiranos com os lavradores, fazendo sobre isso estreitas diligências e perguntando ele mesmo, em ocasiões, o como se haviam; e se lhe chegava que algum rendeiro fazia extorsão às partes, logo lhe mandava tirar a renda.

Desta maneira enfreava cobiças, crueldades, queixas, e suas rendas eram arrecadadas com suavidade. E isso que delas lhe ficava livre, depois de pagas as obrigações e consinações que atrás contamos, que tudo se repartia em esmolal (e podemos dizer que tornava aos mesmos que o davam), como era havido sem violência e sem lágrimas nem moléstia de ninguém, era fazenda, como dizem, de bênção, e abrangia tanto que suas esmolal, pola corrente contínua, eram havidas por miraculosas; e alguns casos tocaremos ao diante que darão disso manifestos indícios.

Demandas, não sofria que se fizessem por sua parte em nenhũa matéria; e as que mais sentia eram sobre arrecadação de fazenda. Quando em algũas consintia, era por força de escrúpulo da conservação da posse e direitos da Igreja, que lhe lembrava solenemente jurara de guardar, e não podia deixar de os defender, sem prejuízo e agravo de seus sucessores.

Mas qualquer que a causa fosse e qualquer o juízo, mandava a seus requerentes e procuradores que cortassem todo género de dilação que pudesse causar moléstia às partes e, se os feitos se avocavam à Corte, até aos juizes escrevia, não que os sentenciassem em seu favor, que isso pouca ou nenhũa pena lhe dava, mas que os despachassem com brevidade, porque as pessoas com quem litigava escusassem despesa e trabalho, andando muito tempo fora de suas casas.

Não podia deixar de fazer grandes efeitos fazenda tão bem adquirida. Assi salvou muitas vidas, e se tem por averiguado que ardera a terra, se lhe não valera sua liberalidade e diligência. Tais são os juízos do mundo, que todo o crédito dá aos olhos, e só polo que vê califica as cousas. Não se

pode negar que valeriam muito as boas ordens, o provimento largo e a tempo e todo o mais cuidado temporal do Arcebispo, pera anteparar tamanho mal, mas quem conheceu a este prelado ou quem tiver notícia de sua vida, agravo lhe fará, se não subir com a consideração a pontos muito mais altos.

Quem, na bela paz, a hora que tinha de seu gastava toda inteira com Deus, quem, na força e importunação dos negócios ordinários do governo, toda a noite empregava em oração, que faria em tempo de guerra tão arriscada, em tempo de negócios não temporais, senão onde o litígio era de vidas e almas?

Cousa sabida é, e sem dúvida, que nesta conjunção, depois de dar todo o dia ao benefício material dos enfermos, também lhe dava toda a noite com o espiritual, tomando tão pouco espaço pera o descanso corporal, que a isto podemos também atribuir o andar tão alheo e esquecido de si como atrás dissemos.

Então negoceava outros antídotos mais poderosos, remédios de sãos e enfermos, que era clamar ao Céu por perdão de pecados, dobrando todos os exercícios antigos, pois eram dobradas as necessidades: as lágrimas agora mais vivas e mais contínuas, a oração mais afervorada, os jejuns, as disciplinas em tempo e rigor aventajadas. O sacrifício celestial da missa celebrava com um novo afeito e devação tão entranhável que estas foram na verdade as mezinhas e as diligências que serenaram o tempo, purificaram o ar, deram saúde e, enfim, lançaram de todo fora a contágio. E foi Braga ùa das cidades do Reino em quem a peste menos cruzou executou.

Que, se as mãos de Moisés levantadas eram as que davam vitória ao povo que pelejava com os inimigos, como não seria poderosa pera matar as chamas pestilenciais a oração de um prelado santo oferecida ao Pai Eterno, no meio delas, e unida com aquela puríssima Hóstia do Cordeiro que veio salvar o mundo de todos os males?

#### FIM DO TERCEIRO LIVRO





LIVRO IV  
DA  
VIDA DE DOM FREI BERTOLAMEU DOS MÁRTIRES  
da Ordem dos Pregadores  
Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Espanhas



## CAPÍTULO I

*Despacha el-Rei D. Sebastião ãa alçada  
pera as comarcas da Beira e além-Douro  
com ordem de entrar em Braga.  
Opõe-se o Arcebispo; revoga-se a ordem.*

Cessou o açoute do Céu pola misericórdia do Senhor, que nunca nos castiga quanto merecemos; desimpediu-se a cidade, acudiram os moradores, que andavam polos montes, a povoar suas casas. Tornou o Arcebispo aos cuidados antigos e a continuar com a corrente dos negócios e governo. E porque lhe não faltasse cruz e tribulação que sempre o trouxesse exercitado, logo se foram oferecendo matérias ãas trás outras, que lhe deram muita inquietação afinando seu valor e paciência. Parece que trocou Deus com ele as mãos, e foi género de contrato comutar-lhe noutras penas, em que só ele fosse o afligido e lastimado, a fúria e fogo da peste que assolava o povo.

É costume muito antigo em Portugal mandarem os reis alçadas polo Reino segundo as ocasiões dos tempos. Chama-mos alçadas uns tribunais ou casas de justiça que constam de presidente e companhia, e autoridade de ministros, os quais, em forma de Relação, descorrem por todos os povos com poderes reais, como em visita gèral, a desfazer agravos, castigar insultos, tolher forças e humilhar poderosos que mal usam de sua grandeza.

Duas juntamente achamos que despachou el-Rei D. Sebastião, depois de tomar o cetro, e ambas bem autorizadas:

ũa pera as terras de Alentejo e Algarve, de que foi presidente Fernão da Silveira, craveiro da Ordem de Cristo; e outra pera as comarcas da Estremadura, Beira e além-Douro; desta deu a presidência a D. Pedro da Cunha, capitão-mor da gente de ordenança da cidade de Lisboa, e, por companheiros, cinco desembargadores, que foram os Doutores Diogo Rodrigues Cardoso, Miguel de Cabedo, Rui de Matos de Noronha, Rui Brandão, Lourenço Correa.

Consta-nos que foram despachadas as provisões e regimentos que levaram, em vint'oito de Janeiro deste mesmo ano, em que vamos continuando, de 1570, estando el-Rei em Évora.

Esta alçada foi ocasião de muito desgosto ao Arcebispo e muita despesa. E passou desta maneira.

Teve o Arcebispo aviso que, no regimento que D. Pedro levava, havia ordem expressa de entrar exercitando seu ofício em todas as terras da jurisdição da Igreja de Braga, e também na mesma cidade. Quis informar-se mais ao certo como o pedia negócio de tanta importância e tão novo. E havia tempo, em quanto a alçada ia correndo outras terras, quando subitamente se viu certificado, por obra, do que tinha sabido de palavras; vindo-lhe recado de seus vassallos do couto de Dornelas que o presidente o mandara devassar, tomando conhecimento de causas e procedendo no couto da Igreja como em qualquer outra terra realenga.

Foi cousa esta que em grande extremo o atormentou, representando-se-lhe muitas cousas que avivavam a dor, porque sentia quebrar-se em seu tempo um privilégio que a todos seus antecessores tinham guardado inviolavelmente os reis passados como privilégio que juntamente era contrato. E intentá-lo um rei moço, ativo e voluntário, que seria duro de tornar atrás no que ũa vez emprendia, representava o negócio sem remédio.

Fazia-lhe guerra o tentador, que não perde ocasião (e somos de carne e sangue) com o gosto que teriam seus êmulos, de que a terra estava cheia, vendo-o pouco respitado, e como triunfariam de sua pobreza e desautoridade, que pareciam causa de agravo tão novo. Tormenta era pera des-

compor qualquer peito que fora menos fundado que o do Arcebispo, que todavia o achou tanto em si que determinou fazer guerra e não sofrê-la, não só não perder, mas tirar interesses pera sua pessoa sem ver minguia em sua Igreja, em quanto ele a governasse.

A primeira cousa que fez foi fulminar gravíssimas censuras contra o presidente e todos os que no couto entrassem ou houvessem entrado em forma de superiores, e com elas mandou ministros de autoridade e diligência.

O couto de Dornelas é em terra de Barroso. Foi em tempos mui antigos património do conde D. Vizoi Vizois, irmão de Santa Senhorinha de Basto, a quem o Conde D. Pedro, illustríssimo escritor das gerações deste Reino, no livro que delas nos deixou, no título 22, chama D. Gonçoi<sup>1</sup>. Um seu decendente, do apelido dos Sousas, fez dele doação à Igreja de Braga, em cujo cartório anda hoje viva, segundo nos fez relação o Licenciado Gaspar Álvares Lousada Machado, grande investigador de antiguidades, que por tal tem hoje a cargo a reformação dos padroados desta Coroa, o qual afirma viu a doação e a lançou por sua mão nos livros que, por mandado daquele cabido, ordenou de leitura nova.

A segunda diligência que o Arcebispo fez foi despedir pera a Corte um desembargador de sua relação, dos de mais confiança e melhores letras. Era o Doutor António Francisco. Por ele escreveu a el-Rei, com a sua costumada isenção, lembrando-lhe que Sua Alteza não tinha mais superioridade na cidade de Braga e nos mais lugares da jurdição temporal daquela Igreja que o que era apelação nos casos crimes; toda a mais soberania, de mero e misto império, era da sua Igreja, sem nenhum outro reconhecimento à Coroa.

E, segundo isto, tinha gravíssima razão de queixa, e Sua Alteza nenhũa razão de mandar entrar nela e neles a alçada de D. Pedro da Cunha, que era usurpar direito alheio, fazer força e agravo à Igreja, que tinha valedor mais poderoso que todos os reis da terra, que era o mesmo Deus, que, pelo terem assi entendido os reis passados, nunca em nenhum

---

<sup>1</sup> *Nobiliário do Conde D. Pedro*, tit. 22. dos Sousas.

tempo intentaram semelhante violência. Reis santos e tão apostados a guardar inteira justiça que el-Rei D. João o III, de santa e gloriosa memória, avô de Sua Alteza, em ùa jornada de devoção que fizera, querendo ver e honrar a cidade de Braga, quando chegara a entrar nos limites dela, mandara a todas as justiças que acompanhavam sua real pessoa cessassem na execução de seus officios, e até as insínias deles, que são as varas, pusessem de parte, e se ficara servindo dos ministros bracarenses; que estes tinha Sua Alteza obrigação de imitar, conservando em suas honras e favores a primacia de Espanha que Deus lhe pusera em seu Reino. Quanto mais que a Igreja de Braga, neste caso, não tratava de favor, nem pedia mercê; justiça só queria, e esta era Sua Alteza obrigado a fazer-lha como a qualquer vassalo, mandando cumprir e guardar os contratos solenemente celebrados entre ela e os reis seus antecessores, de que enviava os treslados, polos quais se acharia que a jurdição temporal que a Igreja possuía em Braga lhe fora dada por el-Rei D. Afonso o V, não graciosamente, senão em troca e escãimbo de grossas rendas próprias que lhe largou pera a Coroa, como foram os direitos e rendimento da alfândega de Viana e grande número de moradas de casas em Lisboa, no primeiro e principal sítio da cidade, que era na rua Nova dos Ferros.

Que os contratos igualam os contraentes na obrigação do comprimento deles e Sua Alteza, pois gozava as rendas, devia comprir este, que não só tinha força de contrato, mas de pura venda, e venda de fazenda grossa e de muita sustância, dada por ùa cousa aérea e de nenhum tomo, qual era a honra da jurdição daquela cidade e de alguns outros lugares, na temporalidade; da qual os arcebispos, na verdade, não tiravam senão trabalho espirital e corporal, e muito gasto de sua fazenda em buscar e sustentar ùa relação (qual ele Arcebispo a mantinha) de homens tão letrados e tão inteiros e provados em toda virtude, que era outro Areópago, com vantagem ao de Atenas.

Que, por tanto, esperava de Sua Alteza, e assi lho pedia com todo encarecimento, da parte de Deus, e daquela Igreja, e também da sua (que como capelão seu merecia ser ouvido),

mandasse a D. Pedro se saísse logo do seu couro de Dornelas, e ao diante não entendesse com nenhũa terra da jurdição da Igreja, e muito menos com a cidade de Braga; e, em caso que Sua Alteza tevesse de novo algũa razão em contrário, fosse servido mandar suspender a força e pôr o negócio em justiça diante de legítimo juiz, que era o Arcebispo de Santiago, em Compostela, nomeado nos breves apostólicos que autorizavam os contratos pera decidir as dúvidas que em algum tempo neles recrecessem.

Mas quando Sua Alteza não viesse neste meio tão conforme a todo direito divino e humano, ele, Arcebispo, sem embargo de não alcançar tão pequeno e justo favor, oferecia a Sua Alteza dous bons serviços juntos: primeiro, tirar-lhe de Braga quem fechasse as portas a suas alçadas; segundo, largar-lhe a mitra, pera Sua Alteza poder honrar com ela outro capelão que melhor a merecesse. E, pera não haver dilação, inviava com o Doutor António Francisco poder bastante pera logo em seu nome a renunciar.

E que se toda via valessem tão pouco diante de Sua Alteza os respeitos devidos à primacia de Espanha, que nem serviços nem razões lhe quisesse aceitar, nem mandar atalhar o agravo que lhe fazia, ele protestava de tomar o caminho de Roma, inda que fosse a pé e com um pau na mão, a requerer sua justiça diante do supremo tribunal da Igreja, onde os pobres eram ouvidos, e também se julgavam e reprendiam os reis e príncipes do mundo.

Estas eram as razões da carta.

Amava el-Rei ao Arcebispo, e respeitava-o polo que sabia de sua virtude e zelo; não lhe quis dar desgosto, atento que nem havia caso que pedisse entrada de braço real em Braga nem nos lugares dependentes de lá, polo bom governo e justiça que o Arcebispo fazia guardar, nem parecia razão dar ocasião de queixa a um prelado tão acreditado por toda parte. Assi, lhe respondeu que se não desconsolasse, que, polo respeito que tinha a sua pessoa e partes, e à justiça, e paz em que era informado mantinha aquela cidade e suas terras, folgaria de lhe dar gosto e satisfação. E logo mandou escre-



ver a D. Pedro se não entremettesse mais em nenhũa parte da jurdição do Arcebispo.

Com a carta veio juntamente um alvará d'el-Rei, cujo teor era que, por fazer mercê ao Arcebispo, e havendo respeito a sua pessoa e virtude, e por lho ele pedir, mandava ao presidente não entendesse nos coutos da Igreja de Braga, nem na jurdição de sua cidade; e, se algũa obra tevesse começada, a dava por inválida e de nenhum vigor nem efeito.

Era vindo recado ao Arcebispo que o presidente não obedecera às censuras e tratava de as agravar, quando teve a carta e alvará d'el-Rei, do qual se aproveitou pera escusar contendas, mas fazendo primeiro ùa diligência mui essencial e digna de sua inteireza, que foi, tanto que o leu, mandar chamar dous notários e, diante deles, reclamá-lo, declarando que o não aceitava na parte que el-Rei dizia por lhe fazer mercê, senão em quanto por consciência era obrigado desistir da força em seu nome e por seu mandado começada, e não lhe fazer nenhũa de novo.

Assi, não entrou em Braga, em todo o tempo que o Arcebispo a governou nenhum ministro de justiça real, senão foi com ordem e a requerimento do mesmo Arcebispo. Mas não tardou outro género de torvação que, se não foi tão pesada, teve poder pera o tirar fora de casa e de sua diocesi.

## CAPÍTULO II

*Como se ouve em ãa causa de jurdição eclesiástica  
encontrada por ministros reais seculares.*

É boa parte da renda da mesa arcebispal, na Igreja de Braga, ãa certa contia de pão e outros fruitos que pagam muitos diocesanos, de tempo antiquíssimo, a que chamam votos, sobre a arrecadação dos quais sempre houve litígios e, nesta conjunção, como todo o arcebispado ardia em contendas de tantas maneiras como temos contado, vieram a parar em desgostos.

Pera se entender a demanda e a causa dela será necessário desenrolarmos ãa bem notável antiguidade que, visto pedi-la o lugar, contá-la-emos com a brevidade possível.

Aquele grande brío com que o Ifante D. Pelaio começou a fazer guerra aos mouros e restaurar os reinos de Espanha perdidos por el-Rei D. Rodrigo, seu tio, veio a falhar em alguns de seus sucessores com tanto extremo que, a troco de lograrem com menos cuidados o pouco que tinham cobrado, consintiram em ãa vergonhosa paz, dando aos bárbaros páreas de seu próprio sangue, que eram cem donzelas em cada um ano.

Foi primeiro pagador deste infelice tributo el-Rei Mauregato. Mas sucedendo no Reino de Leão, a que também então se referia tudo o que se tinha tirado aos mouros das terras altas de Galiza e Portugal, D. Ramiro I (ou Ranimiro, como algũas escrituras lhe chamam), junto dos anos do Senhor de 834, entrou com o novo rei novo espírito nos vassalos.

Era príncipe valeroso. Determinam dar as vidas antes que as filhas. Assí o dão por repostas aos messageiros do rei mouro que as pedia, que era Abderramen, segundo dos que com este nome reinaram em Córdova, o qual não tardou em ajuntar um poderosíssimo exército e entrar pelas terras de Ramiro, assolando quanto encontrava; mas não achou longe o bom rei, que, apercebido desd'o dia que tomara o ceiro, o veio encontrar no lugar onde agora é a vila de Clavijo, não longe da cidade de Calahorra.

Afrontados os campos, deu-se a batalha, pelejou-se valerosa e porfiadamente, mas deu a vitória aos mouros o número de combatentes, que com muitas partes traziam maior, e fez dano aos nossos o descostume em que estavam das armas.

Vendo-se el-Rei perdido foi-se retirando o melhor que pôde a um monte vizinho, que naquele tempo chamavam Clavijo. Ali foi recolhendo os seus e fortificando-se quanto o tempo e o sítio consintia. Cercavam-no os bárbaros, que alagavam os campos e cubriam os montes com a multidão de gentes e, com gritas e algazaras, significavam o gosto da vitória presente e antecipavam o que esperavam ter, em amanhecendo, com tomarem às mãos os que haviam escapado da batalha.

Bem se deixa entender qual estaria o ânimo de D. Ramiro, entre vassallos destroçados e muitos feridos, todos desanimados e ouvindo o que passava entre os inimigos. Era alta noite, começava a descansar um pouco do grande trabalho do dia. Eis que lhe aparece, naquele manso roubo dos sentidos, um cavaleiro, armado de todas armas, sobre um fermoso cavalo, armas brancas e cavalo branco, na direita ãa espada nua, na esquerda um guião branco atravessado de cruz vermelha; e, com voz clara e distinta, lhe manda que, amanhecendo, acometa os mouros, que lhe assegura a vitória; e, porque não duvide dela, saiba que ele, que o diz, é o Apóstolo Santiago, patrão e protector de Espanha, e naquela postura em que o via será em seu favor na batalha. Era visão do Céu, encheu de luz à alma, e obrigou o entendimento.

Espertou cheio de celestial confiança, chama os seus, conta-lhes a visão, parece que com a relação comunicava

juntamente valor, esforço, determinação e esperança de vitória. Corre a voz polo monte, alvoroça e alenta a todos; já não havia peito desmaiado, já lhes parecia que tardava o sol e o dia. Não era bem manhã, ordenam seus esquadrões, começam a decer do monte a passo cheio, em demanda do inimigo.

Espantam-se os mouros da novidade e do ânimo em gente vencida. Deviam cuidar que era efeito de desesperação, e prontamente esperavam arrematar a vitória; senão quando, à vista de ambos os campos, se apresenta de nossa parte um cavaleiro que, só, enchia o campo, com tão conhecidos sinais de ser o mesmo que se tinha prometido a el-Rei, que, não duvidando ninguém da pessoa, levantaram os do monte, todos juntamente, ãa voz que foi ferir nas nuvens, dizendo *Santiago*, ou fosse significado que conheciam seu valedor, ou pedindo-lhe cumprimento da palavra.

Arremetem juntamente a toda fúria dos cavalos, desapparece o campo, ferem nos mouros. Foi o primeiro a romper a batalha, e a ensanguentar a espada o santo alferes-mor, despregando um fermoso estandarte com a devise do sinal de nossa salvação em cor de sangue; donde crecia tanto ânimo nos acometedores, e tanto pavor nos acometidos que, em pouco espaço, se conheceu e gritou de nossa parte a vitória.

Foram os mouros desbaratados, tomados os arraiais e, com o ímpeto e seguimento da vitória, entrada e tomada a cidade de Calahorra que estava por eles. Foi tal o destroço que se afirma correram sangue todos os rios vizinhos, e foram os mortos setenta mil mouros; em fim, vitória do Céu.

Deste dia em diante ficou em Espanha o costume de romper as batalhas com o nome de Santiago na boca, e chamando por ele. E desta vitória naceu dar-se el-Rei D. Ramiro por tão obrigado ao Santo, que acordou com todos os grandes e com o povo que ali se achou oferecer-lhe um serviço perpétuo que foi de cada geira de terra ãa medida do melhor fruto dela. Da qual oferta mandou fazer escritura pública, logo depois da vitória, dentro na mesma cidade de Calahorra.

Trazem-na muitos escritores antigos e dos modernos D. Mauro Castella Ferrer na *História de Santiago*<sup>1</sup>. Nós traremos somente as palavras que tocam ao voto que formalmente são as seguintes:

*Statuimus ergo per totam Hispaniam, ac in uniuersis partibus Hispaniarum, quascunque Deus sub Apostoli Iacobi nomine dignaretur a Sarracenis liberare uouimus obseruandum. Quatenus de uno quoque iugo bouum singulae mensurae de meliori fruge ad modum primitiarum et de uino similiter ad victum Canonice in Ecclesia Beati Iacobi commorantium annuatim ministris eius Ecclesiae in perpetuum persoluantur.*

Querem dizer: «Assi que, determinamos e votamos, pera que se cumpra e guarde por toda Espanha e em todas as partes dela que Deus for servido livrar dos mouros em nome do Apóstolo Santiago, que se paguem em cada um ano pera sempre aos ministros da Igreja do bem-aventurado Santiago, por cada jugada de bois ãa medida dos melhores fruitos, a modo de primícias, assim do pão como do vinho, pera a mesa dos cônegos que nela residirem.»

Conclui a escritura com palavras dignas de se saberem: *Facta scriptura consolationis, donationis, oblationis huius in ciuitate Calaforra noto die octauo Calendas Iunii era 872:* «Foi feita esta escritura de consolação, doação e oferta na cidade de Calahorra, dia sabido, aos oito antes das Calendas de Junho da era de César oitocentos setenta e dous», que responde na nossa conta aos vinte e quatro de Maio dos anos do Senhor oitocentos e trinta e quatro.

Esta é toda a razão e princípio da renda que na Igreja de Braga chamam votos.

Fica-nos agora por dizer a razão que há pera se pagarem à Igreja de Braga os votos feitos a Santiago e à sua Igreja. É de saber que, depois que se dividiram as províncias de Espanha em reinos e coroas diferentes, não ficou tão corrente

---

<sup>1</sup> J. Mauro, *Hist. de S. Tiago*, c. 8, l. 3; o Bispo de Tui D. Lucas, c. 49, e 50; o Arcebispo de Toledo D. Rodrigo Ximenes, l. 4, c. 13; Rei D. Alonso el sabio, *Hist. gèral de Espanha*, p. 3, c. 11.

em Portugal a arrecadação do que pertencia desta renda a Compostela, porque, como em Reino estranho e jurisdição alheia, não podiam os ministros de Compostela executar os devedores com a sua liberdade que em Galiza.

Resultou daqui virem-se a compor os prelados de ãa e outra Igreja e fazerem escãimbo e troca de rendas. O de Santiago largou os votos que lhe tocavam no arcebispado de Braga; o de Braga outra fazenda que possuía em Galiza. Assi ficaram pertencendo os votos de Santiago à mesa arcebispa de Braga com a mesma razão e fundamento que foram prometidos ao Santo tantos anos antes.

Mas alguns herdeiros destas fazendas (tornando a infiar aqui a nossa história) não o queriam ser da obrigação e paga dos votos com que as tinham recebido de seus maiores e, sendo requeridos pera pagar, polos officiais eclesiásticos, recusavam responder em seu juízo (é género de furtar o corpo aos pagamentos de pouca dúvida a declinação do juízo); alegavam que a matéria era secular. E porque todavia se procedia contra eles com censuras, acudiram a valer-se do braço real e do poder de um juiz que chamam dos feitos da Coroa, ao qual costumam recorrer todos os que litigam contra poder eclesiástico, quando acham que toma mais larga jurisdição do que lhe compete ou do que cumpre aos litigantes.

Este juiz é constituído polos reis pera assistir às queixas dos vassallos e, achando que recebem força da jurisdição eclesiástica, mantê-los e conservá-los na real, para o que não usa de seu arbitrio, mas tem leis certas por onde se governa, promulgadas polos reis entre ãa e outra jurisdição pera meio de paz e concórdia. E daí tem o nome (chamam-lhe concordata). Mas é mofina do tempo: parece nome aplicado per contrário sentido, pela figura que os retóricos chamam antífrasi, porque em nenhũas vemos maiores contendas, nem menos conformidade. E razão fora que cortaram por si os seculares e, quando houvera de quebrar o direito por algũa parte, ficara melhorada nos partidos a Igreja.

Diga embora o gentio que por reinar se pode fazer força à justiça, como soam aquelas palavras tão sabidas: *Quod si*

*ius violandum est, imperii gratia violandum est* <sup>2</sup>. Mas o cristão deve dizer e querer que se percam antes os impérios que perder-se ou quebrar-se um ponto do direito da Igreja. Que nunca ganhará mais o mundo que quando arriscar e perder muito porque a Igreja não perca nada.

Deste tal juiz se valeram os que não queriam pagar. Ele sentenciou em favor dos seculares. Passou a cousa adiante, chegou a haver segunda sentença, declarando os juizes que na matéria dos votos não tinham os seculares obrigação de responder no juizo eclesiástico, e quem os quisesse demandar no juizo secular os demandasse.

Muitos anos havia que a questão corria com mui altercadas e porfiadas contendias. Apertou-se mais nesta conjunção, em que os muitos émulos que o Arcebispo tinha ganhado com a execução do sagrado Concílio Tridentino, como atrás fica dito, desejavam vê-lo abafado com negócios e contra-dições e, por ventura, assopravam de secreto este fogo, e alentavam ou ajudavam os litigantes. E em fim puderam tanto que se pronunciou terceira sentença, a qual, tirada do processo em nome d'el-Rei, confirmava as sentenças dadas no caso, e mandava que se guardassem e executassem.

Com tudo, os officiaes do Arcebispo não deixavam de proceder com censuras contra os desobedientes em pagar ou virem dar razão de si em seu juizo e, passando a diante, evitavam-nos das igrejas, o que foi causa de se tirarem novos estormentos de agravo pera o mesmo juiz da Coroa na Casa e Corte da Suplicação. E, porque tornando as partes a seu sabor providas, não desistiam nem abrandavam os ministros eclesiásticos, começou-se a tratar entre os reais de se ajudarem contra o Arcebispo dos meios que o mundo tem inventado em suas leis pera se fazerem obedecer dos eclesiásticos; tiram-lhes o serviço e a manança, e afirmam que não é isto violência, e chegam a desnaturá-los e mandá-los sair fora do Reino, como incapazes das rendas e dignidades que nele possuem. Mas quiseram primeiro dar conta a el-Rei do que determinavam.

---

<sup>2</sup> Suetónio, *Tranq in Julio*, c. 30 ex Eurip. *Graeco*.



Sabido por Sua Alteza o que passava, mandou suspender tudo até ouvir de novo ao Arcebispo. Escreveu-lhe ãa carta bem digna de príncipe tão pio e tão benigno, qual ele era com todos os ministros da Igreja. Nela lhe encomendava que mandasse a seus officiaes que, na matéria dos votos, onde se não tratasse da propriedade deles, se conformassem com a sentença última que no caso fora dada, não escomungando nem evitando das igrejas os que recusassem o juízo eclesiástico e que, tendo a isso algũa dúvida ou outra cousa em contrário, a mandasse alegar na mesa do Desembargo do Paço, onde lhe mandaria fazer todo cumprimento de justiça, e lhe agradeceria muito cumpri-lo assi.

Tinha o Arcebispo sentido muito a sentença, mas temperava o desgosto com fazer conta que era dada em juízo incompetente, e que lhe não obrigava a consciência; porém, quando viu esta carta, ficou posto em cerco como quem conhecia a natureza dos príncipes, que suas palavras, quando mais brandas e mais mimosas, querem que sejam leis pera os vassallos, e seus rogos, mandados. Cuidando no que faria, pareceu-lhe que pedia o negócio ser tratado pessoalmente. Soube que vinha el-Rei a Coimbra; não tardou em se pôr a caminho.



### CAPÍTULO III

*Vem o Arcebispo a Coimbra. Fala a el-Rei,  
e prega-lhe por seu mandado;  
e compõem a contenda da jurdição  
na matéria dos votos.*

Entrou o Arcebispo em Coimbra nos primeiros meses do ano de setenta e um, e foi-se agasalhar no nosso convento de S. Domingos. E saiu-lhe acertada a jornada, porque el-Rei folgou de ver e conhecer um prelado de quem se contavam estremos de virtude, e assi o mostrou nas honras com que o recebeu.

Despois de lhe dar gratas audiências e esperança que em seu requerimento se daria todo bom meio, mandou-lhe dizer um dia que folgaria de lhe ouvir ãa pregação.

Foi o lugar o mosteiro de Santa Clara, insigne por antiguidade e polo depósito santo, que guarda, do corpo da Rainha D. Isabel, moíher d'el-Rei D. Dinis, que por excelência chamamos em Portugal a Rainha Santa. O Evangelho foi o do centurião, que se cantou esse dia; o sermão e doutrina conformou com o auditório e com o tempo, que nem aqui quis perder a ocasião de aproveitar, mais que de agradar.

Engrandeceu primeiro com levantados conceitos a fé deste capitão, e despois igualou com ela a fé dos portuguezes, recopilando suas famosas vitórias alcançadas, ãas em África, outras na Índia, com valor mais que humano, de inimigos poderosíssimos em forças, em esforço e em número, e encarecendo nelas a fé com que se arriscaram ao fogo, ao ferro

e à morte certa; o ânimo intrépido com que furaram o oceano por tantas mil léguas, experimentaram novos mares, descobriram novas estrelas, penetraram novos climas e, em fim, abriram caminho pera suas naus desd'o último Ocidente aos reinos donde o sol nasce, de que não tinham conhecimento mais que por fama; navegação tão temerosa, tão cheia de perigos, de monstros, de mortes, que de desatinada e louca lhe foi posto o nome polos estrangeiros, porque, ou não acharam palavras que iguallassem o louvor que merecia, ou não se atreveram a encubrir a inveja que lhes fazia a inestimável glória, a infinita riqueza, os triunfos e vitórias que por meio dela alcançou este pequeno Reino <sup>1</sup>.

Daqui fez ãa digressão sobre a fraqueza da natureza humana em não poder resistir a ãa certa complacência e vanglória, que resulta dos feitos valerosos, àqueles que os acabam, e não pára só neles, senão que também passa aos decedentes e parentes.

— Mas esta vanglória — dizia ele —, licença vos dou pera vos reverdes e vos pavoneardes nela, que não merece o nome de vã, nem eu a tenho por fantástica, por ser, como é, fundada em altas proezas e heróico valor com que o rei é servido, a pátria honrada, dilatada a Fé, e Deus glorificado. Em fim é ãa glória que anda na cabeça e no entendimento, que é seu lugar próprio. Mas ãa vanglória, que hoje vejo devassamente introduzida ou entronizada em Portugal, de pompas, de gastos e estados que nunca usaram vossos avós, nem vos fazem melhores nem mais honrados; de invenções de trajos que vos trazem os membros empresados, cativos e aleijados, que tevéreis merecimento se por penitência os sofrêreis; de golodices e superfluidades nas mesas, que efeminam os ânimos e enfraquecem os corpos. Esta digo eu que não só é vanglória, mas a mesma vaidade oca, e imaginária, e vazia de toda sustância e, em fim, não tem assento na cabeça nem no entendimento. O lugar que tem declara bastantemente quem ela é; e o que vos sei afirmar é que, se

---

<sup>1</sup> Paulus Jovius *Hist. sui temp.* 1. 12, *insana navigat. Atlantic. praeter vecti.*

por aqui caminhais, vireis a ver aquilo de que já um poeta se queixava dos romanos (não folgueis de o ser nisto), e dizia:

*Aetas parentum peior auis tulit  
Nos nequiores, mox daturos  
Progeniem vitiosiore.*

Quero dizer que venham a ser tais os filhos que destas demasias e dissoluções nacerem, que vos envergonheis muito deles.

Carregou a mão o Arcebispo neste ponto, porque era o sojeito gèral de todos os pregadores daquele tempo. E el-Rei notou e estimou o discurso, como quem já então procurava atalhar com leis e premáticas as desordens que sem freio iam crescendo na matéria.

Poucos dias se deteve o Arcebispo em Coimbra, porque não sabia viver ausente de suas ovelhas. E sua presença foi de importância, pera el-Rei lhe mandar passar provisões favoráveis, com que tornou satisfeito do trabalho da jornada, sem embargo que, na relação deste successo, não foi nossa tenção louvar a vitória que alcançou contra os litigantes e seus fomentadores, que por aquela via cuidaram pôr-lhe o crédito em balança com o Rei, senão mostrarmos quantos gêneros de trabalhos padeceu por cumprir inteiramente com a obrigação de seu officio.

---

<sup>2</sup> Horat., l. 3, ode 6.

## CAPÍTULO IV

*Pretende um sacerdote infamar o Arcebispo  
diante do Sumo Pontífice. Mostra-se o Arcebispo  
sem culpa, e perdoa ao sacerdote.*

Parece que, como a outro Job, ia o inimigo tomando o pulso ao nosso Arcebispo e, como o achou firme e robusto nos dous casos passados que, segundo vimos, lhe foram ocasião de honras e favores, pediu licença a Deus pera o ferir de mais perto.

Tomou por instrumento certo beneficiado de Braga a quem, por algũas boas partes de que era dotado, tratara o Arcebispo um tempo familiarmente e com respeito, e depois se esquivou com ele polo comprender em algũas leviandades, e o lançou de si. Achou o demónio o sojeito disposto, vomitou nele toda a peçonha do inferno, atijando o fogo da paixão e a sede da vingança que abrasava e cegava o miserável, de sorte que se não contentou com menos que desterrar-se da pátria, ir-se a Roma, lançar-se aos pés do Papa e fazer solene acusação contra seu prelado, e por escrito.

E porque tudo se parecesse com a raiz donde nacia, que era o espírito de mintira, não tratou de dizer cousas que pudessem ter sombra ou semelhança de verdade. Tudo quanto ajuntou foram falsidades patentes e claras. De duas faremos memória, pera que delas fiquem julgadas as mais. Ūa era que celebrara o sínodo provincial violentamente, valendo-se de gente armada, com que guarnecera as portas da cidade de Braga. A outra, como dependência desta, que obrigara

com força muitos clérigos a renunciarem contra vontade seus benefícios.

Foi avisado o Arcebispo do que passava em Roma, com o traslado dos capítulos e nome do autor. Conheceu a mão donde lhe vinha o tiro; armou-se com o escudo de paciência e, dando primeiro graças ao Senhor pela ocasião que lhe dava de merecer, como quem de todo estava resignado em Suas santas mãos, determinou desd'a hora que teve a nova não se lhe passar dia sem fazer particular oração polo mesmo que fora instrumento da vexação.

Mas toda via a carne fazia seu officio; andava malencolizado e desgostoso. Acudiam pessoas graves e consolá-lo; e um dia, dependendo um dos mais familiares muitas palavras em afeiar a treição e maldade de tão manifesta e falsa calúnia, disse-lhe o Arcebispo com ãa paz significadora da muita que na alma lhe ficava:

— Muito há que tenho entendido que a principal renda dos que somos prelados não são os dízimos e primícias que colhemos dos fiéis, senão as murmurações e perseguições que padecemos dos homens, esquecidos de sua salvação. Das línguas destes faz Deus rosetas, como dizia a nossa seráfica Santa Caterina de Sena, que nos põe nas disciplinas, a uns, pera castigo de culpas, a outros, pera matéria de merecimento. Agudas são, que fazem saltar o sangue vivo de dentro do coração.

Mas tais são as pensões com que os santos Apóstolos da mão de Cristo receberam a prelacias do mundo: afrontas, injúrias, cruces, e nada diferentes daquela com que o mesmo Cristo a recebeu do Padre Eterno, segundo Suas palavras: *Et ego dispono vobis, sicut disposuit mihi Pater meus, regnum* <sup>1</sup>.

Pois se o Senhor me fez tamanha mercê, que quis Lhe succedesse eu no officio, sendo indignissimo dele, forçado é aceitá-lo com as mesmas pensões. Que toda a herança manda a lei que passe com seu encargo. Confio eu no mesmo Senhor

---

<sup>1</sup> Lc., 22, 29.

que me dará paciência polos merecimentos da que Ele teve na cruz, pera que estas rosetas se tornem em rosas, cujo cheiro Lhe seja suave e accito sacrificio por meus pecados.

Com esta conformidade e sofrimento levava o Arcebispo o trabalho presente. Mas como a denunciação era de culpas tão graves como falsas, pareceu a todos os amigos que devia dar descarga delas ao Papa, e satisfação do procedimento que tivera no sínodo.

Formaram-se autos com informação jurídica e testemunhas contestes de pessoas graves, que foram presentes no tempo do sínodo; e provou-se largamente que o Arcebispo, na celebração dele, procedera com toda paz e suavidade, sem força nem extorsão que se fizesse nem intentasse a pessoa algũa, e em tudo seguira puntualmente as determinações do santo Concilio Tridentino.

Estes mandou a Roma, e foram apresentados ao Papa, e mandados ver por ele. Era Pio V, de santa memória. Quando se lhe fez relação do que continham, deu em resposta estas palavras:

— *Si delator est in urbe, quaeratur et suspendatur.*

Querem dizer: «se o malsim anda na cidade, busquem-no e seja enforcado».

Mas ele andou prevenido e ligeiro, mudou trajos e desapareceu.

Em resposta destes descargos teve o Arcebispo um breve de Sua Santidade com palavras de muita honra e amor, que pudéramos guardar pera elogio de sua sepultura. Depois de o consolar da calúnia, chamava-o venturoso, pois era perseguido por fazer justiça e verdade e, animando-o a continuar em seu zelo e prosseguir no bom modo de governo que levava, encomendava-lhe que valerosamente e com toda confiança guerresse as guerras do Senhor dos exércitos.

Fogido de Roma, o denunciador tornou-se a Portugal como quem sabia que da condição do Arcebispo não tinha que temer. Mas como o negócio foi público e muito soado, tanto que chegou à Corte de Portugal, mandou el-Rei D. Sebastião que fosse desnaturado e desterrado do Reino, o que foi permissão divina pera aumento de glória e merecimento de

seu servo, porque o pobre clérigo, vendo-se por toda parte desamparado de remédio, soube buscar o certo, que foi aparecer um dia, à vista de toda a cidade de Braga, lançado aos pés do Arcebispo, pedindo com lágrimas misericórdia e perdão de sua culpa.

Mostrou o Arcebispo que era pastor e que era pai. Levantou-o, abraçou-o e chorou com ele, tão compadecido de sua miséria e trabalhos, como se nunca dele houvera recebido agravo. E não só lhe deu perdão, mas consolou-o com palavras de cordial afeito, a que seguiram obras (que onde estas faltam é fraco testemunho o de razões bem assentadas). E as obras foram negociar-lhe perdão com o Papa e com el-Rei, do qual lhe resultou diante deles novo louvor e nova glória, edificando-se muito mais do desacostumado género de vingança, que tomava de suas injúrias, do que se tinham escandalizado da sem-razão delas.

Assi parou em alegre bonança ãa tormenta medonha. Mas não parou o enemigo, nem tardou em levantar outra com muitas vantagens, mais perigosa, de que se fará particular capitulo, depois que contarmos a praga que caiu sobre as terras de Portugal, de ãa apertada fome, e os interesses que dela tirou o Arcebispo.

## CAPÍTULO V

*Da grande fome que sobreveio nas comarcas  
de Tra-los-Montes e Antre-Douro-e-Minho,  
e do cuidado e largueza com que o Arcebispo  
acudiu aos pobres.*

Achamos nas memórias antigas que, no ano de mil e quinhentos e setenta e quatro, houve nas terras de além-Douro, gèral esterilidade em todos os frutos, que foi causa de venderem os pobres tudo o que tinham de seu, pera sustentarem seus filhinhos e, depois que não houve que vender nem que comer, desempararem as casas e irem-se à ventura, peregrinando e lazerando; e aconteceu morrerem muitos polas estradas.

Sintia-se mais o mal, como corria o tempo e como se iam acabando de comer esses poucos frutos que se tinham colhido. Assi, quando entrou o ano seguinte de setenta e cinco, era já tão crecida e tão gèral a fome, que se vendia um alqueire de milho por um cruzado, e quem o achava neste preço havia-o por boa ventura; e quem o dava, por boa caridade.

A necessidade, que até os brutos ensina a buscar sua conservação, guiava os atribulados filhos ao bafo do pai, as ovelhas ao pastor, e acudiam todos a Braga, e era tamanho o número, que enchiam as praças e as ruas.

Afirma-se que se juntavam na entrada deste ano à porta do paço, à esmola, muito poucos menos de três mil pobres. A todos mandava o Arcebispo dar de comer, cada dia, por esta ordem.



Tocava-se um sino a horas de jantar. Acodiam ao rebate todos os que havia na cidade. Reccolhidos nos pátios do paço, cerravam-se as portas e lançavam-nos por ãa que sai ao jardim. Para chegarem a esta, passavam primeiro três e, em cada ãa, achavam seu esmoler, e recebiam diferente género de esmola. Na primeira os estava esperando o bom velho Frei João de Leiria, de quem tantas vezes temos feito menção, como outro Abraão no fervor da calma; e de um grande sacco, que tinha diante, de moeda de cobre, dava a cada um conforme a sua necessidade, a qual se julgava pola família que o seguia. Na segunda porta assistia outro venerável sacerdote rodeado de montes de pão amassado, que, conformando-se com a companhia que cada um trazia, distribuía mais ou menos pães. Na terceira havia outro ministro, que ia repartindo por todos carne, caldo e couves, de muitos caldeirões que junto de si tinha.

Estas esmolas, como levavam esta ordem, davam-se com muita quietação e com um extremo de consolação e contentamento do grande pai das companhas, que as mandava dar; o qual, de ãa janela, fazia officio de sobrerrola; e se acertava a vir algum pobre de novo, ou fora de horas, ele era o que chamava os ministros e os advirtia pera que não ficasse desconsolado.

Não se acabava a caridade com o dia; também à noite tinha suas esmolas, que as vinham demandar muitos homens nobres disfraçados que, dando-se a conhecer ao Padre Frei João de Leiria, recebiam cada um, com o segredo e decoro, a quantidade de pão que haviam mister pera suas famílias.

Além desta esmola secreta, havia outra pública, que se dava no primeiro dia de cada semana por um rol. Esta era em grão, e a gente de menos porte, a quatro alqueires, e a três, e a menos, segundo eram as casas que já tinham sua taxa.

Durou este grande gasto até a novidade e colheita deste ano de mil e quinhentos e setenta e cinco, que Deus foi servido mandar bem abundante.

É bem que declaremos como pôde o Arcebispo suprir a tamanha despesa, estando claro que em suas rendas havia de ter grande quebra, pois a falta era gèral.

Supriu o Arcebispo com a providência d'outro Josef. Porque, vista a esterilidade da novidade de setenta e quatro, ficou entendendo o aperto que haviam de padecer os pobres até a seguinte, e mandou logo muito dinheiro a diferentes partes do Reino, a empregar em trigo, e centeio, e milho; e com o que recolheu de suas rendas, ficou com bastante provisão pera vencer o trabalho.

Neste ano houve muitos ricos que, como sambexugas, engrossaram do sangue dos pobres, enchendo de prata os cileiros que vazavam de pão. Mas o Arcebispo, depois de esgotar a bolsa no emprego do pão comprado, e depois de sumido este e todo o mais que procedera de suas rendas, pediu emprestado, e empenhou-se como pai piadoso, com um ânimo tão determinado que, se fora necessário dar o sangue dos braços por não padecerem os filhos, com a mesma facilidade abrira as veias, que vazava a bolsa.

E não será razão que fique por contar um caso em que o mostrou bem claro. Vinha um dia de fora da cidade a cavalo, e entrava pola porta de Santiago; viu, passando, ùa roda de gente que cercava um homem que no chão estava estirado; parou e ouviu que diziam os circunstantes que estava quasi sem pulso, e pera espirar, e que a doença parecia falta de mantimento.

No mesmo ponto se apeou e, como se em lhe morrer aquele perdera todo o fruto de sua providência, fá-lo tomar em braços dos criados e levar à sua hospedaria, que era perto.

Tentaram lançar-lhe pola boca algũa sustância; tinha já os dentes tão fechados que com ùa faca lhos não podiam abrir. Mandou o Arcebispo vir o seu médico, provaram-se beneficios, foram tantos que tornou em si. E toda via não se atreveu a largá-lo o bom prelado até que, por dito do médico, se certificou que estava fora de perigo. Que mais pudera fazer um pai muito mavioso com um filho único e muito merecedor de ser amado?

Não deve parecer a ninguém, à vista deste caso, que pomos em risco o crédito da história, se contarmos outro que como verdadeiro milagre foi notado e publicado naquele tempo em Braga e por muitas outras partes. Não tomava contas o Arcebispo, como atrás dissemos, a seus tesoureiros, de receita e despesa, porque, quando lhe dava o cargo, já eram marcados por fidelísimos e de virtude provada. A que somente tomava era se se proviam os pobres ou se ficava algum por prover; e neste ponto nunca acabava de se satisfazer, multiplicando nele estreitíssimas diligências. E pera este fim mandava que os que tinham à sua conta os cileiros recebessem por conta, e com ela despendessem, fazendo particular declaração de quanto recebiam, e como, e quando, e a quem o davam. E estas contas e despesas folgava muito de ver, pola razão que temos dito, e porque não queria que, em quanto havia necessidades que remedear, acertassem por ventura os seus a lhe querer poupar algũa cousa pera o diante, com desconfiada providência.

É cousa certa que, tirado a limpo o pão que nesta ocasião se recolheu, assi das rendas como das compras que dissemos, e o que se despendeu, resultaram por conta fiel e verdadeira, gastados além de tudo o que se encileirou, passante de mil e quinhentos alqueires.

Maravilha é de Deus, que por Sua deve confundir e abrir os olhos aos ricos do mundo, notando que, assi como crecem os bens a quem liberalmente os reparte com os necessitados, assi se perdem e mingnam nas mãos paralíticas do avarento, ou pelo menos do sucessor. Porque o provérvio *de male quaesitis non gaudet tertius haeres* (que é o mesmo que dizer: o mal ganhado não chega a terceiro herdeiro) com razão o podemos estender ao mal e avaramente poupado, que a palavra latina tudo compreende.

## CAPÍTULO VI

*De ãa notável afronta que se fez ao Arcebispo;  
e do valor com que se portou nela*

Ora, santo Arcebispo, chegados somos a tempo, que, em lugar de coroa da verdadeira honra e glória que estais merecendo por tantos milhares de almas, que confessam deverem-vos a vida que vivem (milagres de vossa providência e liberalidade), entre esses mesmos homens (quem tal cuidara!) haveis de ser sindicado e reprimido! E vós, que sois prelado, e pastor, e juiz, haveis de ser chamado a juízo e residência, em tribunal de seculares, e súbditos, e ovelhas vossas, onde vos hão-de ler um livro de toda vossa vida e não só da vossa, senão de vossos pais, e avós, e parentes, e não por certo do que eles nem vós mal fizestes, senão do que nunca cuidastes nem sonhastes. Livro que, ainda que falso e mentiroso, vos há-de tocar no mais vivo da alma. Fogo é que há-de penetrar o ouro de vossas virtudes até no centro, e descobrir-nos os quilates mais secretos dele.

Não duvido que eram pedras de fino toque as que até 'gora o acreditaram, mas em fim tocavam na superfície. Lá no íntimo quer hoje o mundo provar quem sois, se sois cidade forte, coluna de aço, muro de bronze<sup>1</sup>, como vos tendes mostrado em tantos transe e como a santa Igreja chama aos varões apostólicos de vossa profissão; em oca-

---

<sup>1</sup> Jer., 1, 18

sião estamos que tudo vos é necessário pera escudo da nova tentação que vos espera, tentação forjada nas oficinas do inferno, e tal, que até a quem a escreve descompõe e faz desviar da estrada, e do estilo, e leis da história.

E tornando a ela; visitava o Arcebispo em um lugar da sua diocese e, procedendo em seu ofício, repreendeu e castigou com a sua costumada inteireza alguns compreendidos na visitação, castigo de pai piadoso que, quando toma a vara na mão, é pera encaminhar, não pera escandalizar.

Mas eram filhos de Belial, que tais são os homens devassos e desalmados, escravos soltos do diabo, seus algozes em carne, que o servem de graça e remam em cadeia. Acertadamente disse quem lhes chamou anjos de Satanás <sup>2</sup>.

Ardem em ira e ódio, blasfemam do prelado, assentam em tomar vingança; esperaram a noite, fizeram corpo de gente e juntam-se na rua onde o Arcebispo estava aposentado, defronte das suas janelas e, soando primeiro instrumentos pera espertar os de casa e a vizinhança, começaram a vazar pelas bocas malditas todas infâmias e impropérios que a raiva, e a paixão, e a perversa natureza lhes insinava, não deixando cousa por dizer de quantas ùa língua afiada em todo género de maldade podia inventar, e compor, e mintir contra o mais vil e mais mal acostumado homem do mundo.

Eram horas que o Santo estava com seus visitantes e oficiais entendendo na reformação e serviço dos súbditos e despachando papéis. Ouvía tudo e, sem levantar mão do que tinha diante, nem fazer movimento algum, se deixou ir continuando com tanta paz e sossego como se ouvira ùa música de bem acordadas vozes e suave harmonia. Arrebetavam os companheiros de paixão e escândalo de tão desafortada insolência e, por outra parte, pasmavam da invençível paciência e da serenidade com que o Arcebispo se estava ouvindo acusar e condenar.

Passou-se grande espaço, multiplicando e repetindo os da rua seus desatinos, e o Arcebispo sofrendo e calando de dentro, como à competência.

---

<sup>2</sup> Chrisost., *ho. I ad pop. Ant.*

Quando viram que se não fazia caso deles, porque não sentiam rumor nem inquietação em casa, que era o que pretendiam, comendo-se de nova raiva e abrasados em fúria (que não há cousa que mais quebrante ânimos e línguas serpentinas que largar-lhes o campo com silêncio), levantaram grandes apupadas e, voz em grita, chamaram-lhe de herege luterano. Aqui se alterou aquela profunda humildade e, levantando o rosto, disse:

— Isso não, herege não, nem luterano, bendito seja o Senhor Deus.

E voltando para os seus:

— Irmãos — disse —, estes examinam da parte de Deus minha paciência. E assi como não fora prudência vangloriar-me, se me chamaram santo, que fora louvar-me do que em mim não há, também não é razão escandalizar-me das injúrias e testemunhos falsos que ouvistes, antes é obrigação de cristão sofrê-los, e dissimulá-los, e calar, por exercício de virtude e matéria de merecimento. Mas em ponto de heregia, que toca à honra de Deus, não há-d'haver sofrimento. Assi nos aconselha São Jerónimo que ninguém dissimule em tal caso. Quer dizer que logo responda e acuda por sua Fé e, se necessário for, prove sua inocência para ser por católico conhecido. E quando os doutores põem em questão se é um homem senhor de sua honra para se poder infamar ou confessar de si alguma culpa que não cometeu, por escapar tormentos presentes, a primeira conclusão é que não pode tomar sobre si, inda que veja a morte certa diante dos olhos, infâmia de heregia. Mas roguemos a Deus por eles, que isto nos manda Nosso Senhor Jesu Cristo em Seu santo Evangelho.

E posto de joelhos, fez devota oração pelos que o acabavam de afrontar com tanta exorbitância.

Sintiram-se então por toda a rua abrir portas e janelas, e soar vozes dos vizinhos, que acudiam pola honra de Deus e de seu prelado e, abominando o que ouviram, diziam a brados que o Arcebispo era virtuoso e santo, e eles falsos e fementidos, sem alma e sem vergonha.

A este pregão de louvor acudiu o Santo com muita pressa, como verdadeiro humilde e, levantando-se, disse:

— Uns e outros mentem porque, pola graça de Deus, não sou luterano e, por minha grande culpa, não sou virtuoso e muito menos santo.

Assi acabou de se confundir o inimigo do género humano e, desesperado de poder amolgar um sofrimento de tamanha firmeza tecido, se foi lançar nas profundezas dos fogos eternos.

## CAPÍTULO VII

*Fazem-se diligências pola justiça secular  
contra os culpados; atalha-os o Arcebispo  
e tolhe o castigo dos presos.*

É tão feio e enorme o caso que acabamos de contar que não duvido compará-lo com outro, que quasi no mesmo tempo aconteceu ao glorioso Cardeal e Arcebispo de Milão S. Carlos; só com esta differença, que a S. Carlos desacataram os seus, dentro em sua cidade e palácio de Milão, e a Dom Frei Bertolameu fora de Braga; a S. Carlos, com instrumento da terra, que foi um arcabuz com que lhe fizeram tiro, a Dom Frei Bertolameu com instrumento infernal qual é ãa má língua.

Este foi tanto mais perigoso, quanto val mais a alma que o corpo, quanto é de maior estima a honra que a vida. Mas como combinavam em serem grandes defensores da honra de Deus, e entre si muito amigos, assi combinaram em ficarem ambos livres (caso milagroso e raro) um, do pelouro do arcabuz, que não penetrou nem feriu, dando em lugar que pudera logo matar; o outro, do veneno das línguas que, fazendo sua bateria nas orelhas, nenhũa impressão fez na alma, que buscava.

Amanheceu o dia seguinte, publicou-se o insulto, com dor e espanto de toda a terra, que em todo este arcebispado é o comum da gente grandemente pio e afeiçoado a seus preladados; e só era alívio saber-se publicamente que o autor do excesso, inda que rico e poderoso no lugar, não era natural dele.



Não tardou quem tinha a cargo a justiça da terra em tirar devassa, tanto pelo respeito devido ao Arcebispo, como por obrigação de officio, conforme às leis do Reino, que assi o dispõem em caso de assuada e género de motim como este foi. E pronunciou logo à prisão alguns dos culpados, e com a mesma diligência deu sobre eles e os lançou na cadeia.

Veio à noticia do Arcebispo o que passava, por dito de quem por ventura cuidou que levava alvitre de gosto; e na mesma hora mandou pedir ao juiz que não quisesse ir com a devassa por diante.

Pareceu ao juiz que se contentaria o Arcebispo com que, nos que tinha colhido, se desse exemplo aos mais, e com isso ficasse tudo acabado. Foi-se a ele e disse-lhe que, pois não queria que a devassa passasse adiante, visse o que seria bem fazer dos que já tinha presos, que razão era serem exemplarmente castigados.

Agradeceu o Arcebispo a cortesia e bom termo, e acrescentou que na escola de Cristo não se aprendia dar mal por mal, mas antes perdoar as injúrias de todo coração, e ainda fazer bem aos autores delas. E por tanto o que só queria dos presos era que se arrependessem da culpa que contra Deus cometeram, pera que fosse servido perdoar-lha, que ele de sua parte plenissimamente lhes perdoava, e a ele, juiz, podia que, por sua conta, nem aos presos avexasse, nem contra os soltos procedesse, alegando que a obrigação do cristão era deixar os castigos à conta de Deus, o qual diz de Si: *Mea est ultio ego retribuam eis*:<sup>1</sup> «A vingança é minha, eu lhes darei o pago»; e quem se adianta a tomar vingança comete espécie de idolatria, qual é usurpar a jurdição divina.

Foi-se o juiz cheio de admiração de um tal ânimo, e o Arcebispo saiu a continuar em seu officio com a mesma vigilância e cuidado que soía, tão desassombrado e tão quieto, que nenhũa diferença se lhe sentia nas palavras nem no semblante, do que antes era. Visitava, crismava, pregava, com tanto fervor e tão cheio de espirito, que parecia lho

---

<sup>1</sup> Dt. 32. 35.

comunicava Deus de novo. Não havia hora nenhuma no dia em que se lhe enxergasse desgosto ou sentimento, senão que notavelmente o achavam todos mais humano, mais afável e benigno, que foi sinal claríssimo de que lhe mandou Nosso Senhor esta tentação para aumento de graça e maior coroa, porque não somente não afracou no curso de seus santos exercícios, mas a olhos vistos cresceram nele todas as virtudes.

Espalhou-se pelo Reino a fama deste sucesso. Mandou el-Rei ao corregedor da comarca que fizesse nova diligência e castigasse com rigor os culpados. Em o sabendo o Arcebispo, houve que perdia a honra, se algum dos que o agravaram padecesse a mais leve pena do mundo, porque julgava que tanto perdia de merecimento em sua coroa, quanto tivesse de trabalho quem lha negoçeara; e tanto fez que acabou com o corregedor que não bolisse nem falasse no negócio.

Em fim ficaram sem nenhum castigo da justiça da terra homens tão facinorosos, e o que puderam ter tomou inda sobre si o Arcebispo por um novo modo de padecer, porque foi tanta a guerra que muita gente lhe dava, de fora com cartas e de casa com práticas e instâncias de cada hora, que deixasse proceder contra eles, que podemos dizer que em os livrar pagou por eles. E por ventura foi este para o Arcebispo maior tormento que o principal da injúria, pois chegavam a dizer que era um insensível, que não sentia afrontas.

Parece que quis o Senhor que esperimentasse também o trabalho que o santo Job passou com as impertinências de seus amigos e consoladores. Dizia a uns e escrevia a outros que não quisessem com suas razões pesadas aguar-lhe o gosto que levava daquela mercê de Deus, que eles chamavam afronta; que antes pedia se alegrassem com ele todos os que bem lhe queriam. Porque na verdade achava que padecer fome, sede, pobreza, mortes de parentes, pais e amigos, perdas de saúde e fazenda, nem propriamente eram trabalhos, nem mereciam nome de persiguições, porque ũas são cousas naturais, outras sucedem a caso e, enfim, são desastres que acontecem a muitos ou a todos. Mas isto de ser aviltado e injuriado no rosto, e com nome de herege, quem tanto se

prezava de católico, quem tanto fazia pola honra de Deus, em ocras e palavras, isto era favor particular do Céu e encontro de grande interesse, que se devia abraçar com toda a alma, e festejar de verdade, e render por ele graças sem fim à Divina Majestade.

Ê sendo tal, só o podia deslustrar e mescabar qualquer género de vingança que por sua parte se tomasse ou consintisse tomar, como lhe aconselhavam. Que Deus lhe mandava não só alegrar-se, mas dar saltos de prazer em semelhante ocasião, lembrando-lhe a certeza e grandeza do galardão no Céu, sem lhe deixar licença pera outra cousa, que isso queriam dizer as palavras do Evangelho: *Beati estis cum maledixerint vobis homines et persecuti vos fuerint et dixerint omne malum aduersum vos mentientes, propter me. Gaudete et exultate, quoniam merces vestra copiosa est in caelis*<sup>2</sup>.

Concluía que ele se havia por bem-aventurado em ser só a padecer, e sabia que não se enganava. Mas não bastava nada, que os de longe não se davam por satisfeitos e os de casa cubriam-se de ùa nuvem de tristeza e malencolia, que muito desconsolava o Arcebispo, polo que os amava. E toda via não houve cousa que o tirasse de sua opinião. E com ela alcançou ficar mais saneada sua inocência, ainda diante dos homens, que se vira punidos os delinquentes a todo sabor de seus amigos e criados.

---

<sup>2</sup> Mt., 5, 11-12.

## CAPÍTULO VIII

*Vai o Arcebispo à cidade do Porto assistir  
no capítulo provincial da Ordem de São Domingos.*

Da segunda vez que o Padre Frei Estêvão Leitão governou a Religião de nosso Padre S. Domingos neste Reino, com título e cargo de provincial, veio a celebrar capítulo intermédio, cumpridos dous anos depois de sua eleição, polo mês de Maio de 1576. E foi nomeado pera ele o nosso convento da cidade do Porto.

A principal cousa que o Provincial e difinidores acordaram na primeira junta que fizeram foi despachar dous padres dos mais graves do capítulo a Braga, a visitar o Arcebispo, e pedir-lhe em nome dele que, pois se celebrava em sua província, quisesse honrá-lo e autorizá-lo com sua presença, e lançar-lhe ãa bênção, lembrando-se que também era membro da mesma Releição.

Estimou o Arcebispo a visita quanto era razão, e aceitou a jornada com grande gosto e alvoroço. E fingindo-se em sua imaginação um pobre frade particular, forro do cativo dos cargos e dignidade, assi se alegrava, como se já se vira naquela antiga liberdade que um tempo lograra e por quem sua alma, com saudade contínua, suspirava, correr a chamado de seus prelados. Tudo foi um, ser convidado e caminhar ou, por melhor dizer, voar.

Determinou entrar de noite no Porto por fogir de estrondos e cerimónias de recebimentos; e assi mediu as jornadas, que não pudesse chegar de dia. Mas, como o caminho é tão

curto, essa mesma traça foi meio de ser recebido com mais pompa e maior solenidade. Porque o mesmo alvoroço que ele trazia pera ver toda sua Religião junta tinha ela pera se lograr da vista de quem tanto a ilustrava com suas grandes virtudes. E não era menos o desejo que toda a nobreza do Porto tinha de o ver dentro daqueles muros.

Assí, lançaram boa conta ao tempo e horas e, quando o Arcebispo cuidou que se podia meter no convento sem ser visto de ninguém, achou-se cercado de ãa comprida procissão dos seus frades, e logo do Bispo e cabido da sé, que não quis faltar em ajudar os religiosos a festejar o gosto desta entrada. Era o Bispo D. Aires da Silva, primo com-irmão do regedor da Casa da Suplicação, Lourenço da Silva, por sangue e descendência particular afeiçoado a esta Religião.

Acurdiram juntamente todos os fidalgos e gente nobre da cidade, com que foi tanto o rumor, saindo o povo todo ao exemplo dos maiores, e tamanho o acompanhamento, que não pudera ser maior se entrara a pessoa d'el-Rei D. Sebastião.

Ajudaram avisadamente os vereadores, mandando pôr luminárias por todas as janelas e fazendo vir muitas tochas que fizeram a entrada em todo bem triunfada. Nesta pompa foi levado o Arcebispo até o convento, onde, chegando, houve entre todos grandes cumprimentos e cortesias, porque o Bispo pretendia que a ele devia tal hóspede, e queria levá-lo à força pera sua casa. E o Arcebispo nenhũa cousa queria menos, como quem tinha pola melhor parte desta jornada ver-se só entre os seus frades e esquecer-se uns dias de arcebispo.

Em fim se apartaram com mostras de muito sentimento de um, e agradecimento do outro, e grande amor de ambos, e de todos os mais, eclesiásticos e seculares, que não se fartavam de venerar o Arcebispo, alegrando-se de ver em sua casa ãa coluna da Igreja de quem tantas maravilhas ouviam de letras, de governo, e de santidade.

Foi o Arcebispo aposentado à sua arte e com muito gosto seu no dormitório, em ãa cela como qualquer dos capitulares, ainda que mais composta e paramentada do que ele quisera.

Aqui lhe pediram logo o Provincial e definidores que, pera em tudo favorecer e honrar o capítulo, quisesse pregar

um dia. Escusou-se, com razões de humilde e cortesão, que seria demasiada confiança de um velho já acabado atrever-se a abrir a boca diante de tão grave congregação, onde sabia que vinham pregadores de grande fama e grandes letras; que bem o desculpava, quando quisera dar-lhes gosto, haver tantos anos que outros livros não revolvía senão autos e processos compostos por escrivães e oficiais de justiça.

Mas, se se escusou da pregação por então, não o fez assi em todos os mais autos de Religião, nos quais deu memorável exemplo acudindo, sem faltar nunca, a todas as comunidades de coro, refeitório e conclusões, com tanta puntualidade como o mais robusto e mais obrigado religioso do convento. E o que mais devemos envejar, os frades, é o gosto e alegria e devação com que o fazia; que na verdade Deus não se quer servido à força; tem condição mui afidalgada e mui de quem é. Serviço arrastado e, como dizem, por matar geira, nem a um rústico agrada, quanto mais a um Senhor que a primeira cousa que de nós quer é o coração: *Fili praebe cor tuum* <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Prov., 23, 26.

## CAPÍTULO IX

*Prega o Arcebispo no capítulo; conta-se um successo estranho que interveo no sermão.*

Procedia-se no capítulo e era já quinta-feira. Estavam entretendo ao Arcebispo o Provincial e alguns religiosos graves, em boa conversação. Deteve-se o Arcebispo um espaço sem falar, e logo, levantando o rosto alegremente, pôs os olhos no Provincial e com palavras formais, que bem mostravam no jeito e pronúnciação que saíam d'alma, disse desta maneira:

— Padre nosso Provincial, lembro a Vossa Paternidade que a mim me chamam Frei Bertolameu dos Mártires, e sou frade desta ilustríssima Ordem de nosso Padre S. Domingos, e membro desta província, e como tal súbdito de Vossa Paternidade. Por onde me parece razão adverti-lo que tem obrigação de me visitar, reprender, e castigar, e usar comigo, pois é provincial, o que, por razão de seu ofício, costuma e é obrigado fazer no dia d'amanhã com cada um dos religiosos que são seus súbditos.

Era o outro dia sexta-feira, e é de saber que é cerimónia antiga e religiosa de nossa Ordem em tal dia fazer o provincial capítulo e acusarem-se nele os capitulares todos de seus defeitos. E é o primeiro que começa o mesmo provincial. E conforme a calidade das culpas são amoestados e reprehendidos ou penitenciados. E por isso se chama capítulo *de culpis*. E pola mesma razão fez o Arcebispo a lembrança que referimos.

Era um dos assistentes a ela o Mestre Frei António de S. Domingos, lente de Prima de Teologia na Universidade de Coimbra. Como avisado e cortesão, não quis perder o lanço que se lhe oferecia de poder obrigar ao Arcebispo a sobir ao púlpito, como todos desejavam. Tomou a mão e disse:

— Também nós pudéramos lembrar a Vossa Senhoria Ilustríssima que os frades súbditos obedecem a seus prelados e, se Vossa Senhoria é súbdito, como lhe ouvimos, em razão está que se sojeite ao que a obediência lhe manda. O Padre Provincial e os padres definidores pediram a Vossa Senhoria quisesse pregar um dia desta semana, ela vai passando e Vossa Senhoria até 'gora não lhe tem deferido.

Viu-se o Arcebispo tomado às mãos e que não tinha por onde escapar. Abaixou a cabeça e disse com muita humildade:

— Ora, eu pregarei amanhã, pois mo manda a santa obediência.

Espalhou-se logo entre os religiosos, e daí pola cidade, que pregava o Arcebispo no dia seguinte. Foi cousa nunca vista o concurso da gente na igreja, a vê-lo e ouvi-lo. Posto no púlpito, tomou a benevolência ao bispo da cidade, com muita confiança e cortesia. Depois de tomar a graça, deu princípio ao sermão com estas palavras:

— Minha mãe, que é a Ordem de São Domingos, me mandou vir a esta cidade, dizendo que me queria ver, e eu, como filho obediente que muito lhe quero e me honro muito de a ter por mãe, acudi logo a seu chamado, que também vivia com grandes saudades dela. Dou muitas graças a Nosso Senhor, que a acho em muito boa disposição, muito bem assombrada e rodeada de tantos e tão honrados filhos como vedes: uns insignes em letras, outros em letras e púlpito, todos em virtude; e tais, que confesso não me atrevia a subir a este lugar, porque, estando tão bem aforado como tendes estes dias visto, arreceava que perdesse por mim o que por eles tem ganhado. Mas mandou-me minha boa mãe. Assi velho, e acabado, e entregue de todo a outros exercícios muito diferentes, diz que me quer ouvir, não só ver; obedeço como filho. A razão pede que não espereis de mim sutilezas de



conceitos nem pontos delicados. Sou velho, e velhos são maus de tirar de seus costumes. Não vos hei-de pregar senão como lá costume, nas minhas visitas, às velhinhas e homens do monte.

Assi propôs o Arcebispo e puntualmente o cumpriu, como prometeu, porque foi infiando ãa doutrina muito clara e chã, estranhando os vícios, louvando as virtudes, encarecendo a fealdade e perigo do pecado; e com um termo de mestre velho tecia as matérias de maneira que aos ignorantes ensinava e não desagradava aos sábios, e em todos faziam suas palavras impressão e fruto. Porque de sua boca, nem as matérias subidas eram escuras por altas, nem as muito ordinárias e claras perdiam preço por baxas, tal luz e tal tẽpera sabia dar a tudo.

Neste sermão se conta que lhe aconteceu aquele caso tão raro que, podendo ser a caso, tem muito de prodígio espantoso, quando não quisermos conceder que nele houvesse milagre ou revelação, que é bem de crer que a houve.

Veio a tratar de muitos males que causa em ãa alma o torpe vício da sensualidade. Discorrendo por eles, encarou pera um lugar onde estava assentada ãa molher que nas visitas do Bispo trazia mau nome; e não tirou os olhos do lugar nem dela por um espaço grande, apertando a matéria com tanta energia que não faltava mais que nomeá-la por seu nome.

Estava a molher corrida (e não devia ser do mais vil do povo), parecendo-lhe que toda a igreja seguia ao Arcebispo em pregar os olhos nela, senão quando, prosseguindo o Arcebispo a matéria e querendo fazer ãa figura de retórica com propor um exemplo vivo em pessoa e nome, acode com o nome da mesma molher e começa a nomeá-la e chamar por ela ãa e muitas vezes.

Quando a pobre ouviu o seu nome, acabou de se persuadir que com ela o havia o Arcebispo, e que não podia ser senão que tinha novas de sua vida e, não sintindo que remédio tomasse em tamanha afronta como imaginava em meio de toda ãa cidade, que não era menos o auditório, deixou

cair o manto sobre os peitos e assi esteve até o fim do sermão, desfazendo-se em lágrimas.

E não era bem acabado, quando se levantou e saiu da igreja, julgando e assentando consigo que quantos nela ficavam eram já testemunhas do que passava em sua consciência.

O Bispo ficou tão cheio de espanto do que ouviu que quasi não dava crédito a suas mesmas orelhas. Chamou depois o escrivão da visitação, que também esteve presente; benzia-se o homem e fazia pasmos de como podia ser ter o Arcebispo notícia do que passava no segredo da visitação e do seu escritório; e, se a não tinha, como era possível falar tão determinadamente e tanto ao certo?

Mas nestes estremos de admiração pudéramos nós fundar um justo sentimento de ver quão mal acabam de cair os homens de letras nos grandes interesses que há em estudar lingoagem pera o coração, não pera as orelhas, doutrina chá e sobida pera aproveitar como fazia o Arcebispo, não pontos que despontam de agudos, pera ganhar fama, como fazem muitos.

E confiadamente pudéramos afirmar que, se os que ali foram presentes e os que hoje vivem seguiram no púlpito e no estudo o estilo e ditames do Arcebispo, não fizeram espantos do milagre, entendendo que aos que só tratam de salvar almas revela o Espírito Santo muitas vezes as que têm necessidade, ou move suas línguas e olhos pera que tenham remédio os pecadores, e emenda, como estou persuadido que aqui foi.

## CAPÍTULO X

*De um notável milagre de São Gonçalo de Amarante,  
sucedido durante o capítulo provincial.*

Foi este capítulo um dos mais célebres que até aquele tempo se tinham ajuntado nem se juntaram muitos anos depois. Porque, além dos muitos e mui doctos religiosos que nele concorreram, foram presentes com o Arcebispo de Braga, outro arcebispo e um bispo ingrezes, ambos da nossa Ordem e ambos valentes letrados que, fogindo à perseguição dos hereges, vieram ali aportar nesta conjunção.

E estes três prelados com o da cidade, D. Aires da Silva. foram assistentes contínuos, manhã e tarde, nos autos públicos de conclusões e pregações, e não só ouvindo mas também argumentando em todas as disputas.

A igreja esteve por estremo bem ornada em traça e riqueza de armação. A gente que a ela acudia e continuava a todas as horas era infinita. As esmolas com que a Câmara ajudou o capítulo foram mui grossas.

Sobre todas estas solenidades, a que acho contada por maior nas relações deste capítulo é um milagre com que São Gonçalo, santo desta Ordem e português, o quis ajudar a festejar, succedido nos mesmos dias que actualmente se celebra, como quem mostrava a seus irmãos com sinais exteriores não estar esquecido de sua Ordem nesta comum alegria, nem se esqueceria de lhe procurar diante de Deus todos os bens e acrecentamentos espirituais.

O milagre passou desta maneira. Aos treze dias de Maio deste ano de mil e quinhentos e setenta e seis, um domingo à tarde (era o mesmo em que se começava o nosso capítulo), entrou em nossa igreja de São Gonçalo, em Amarante, ãa pobre moça, toda tolhida e aleijada, de sorte que nem em pés, nem em mãos tinha uso, nem força, nem movimento algum, e os braços tinha secos e encoihidos. E era tão pobre que uns almocreves por amor de Deus a trouxeram, e meteram na igreja.

Ficou lançada junto da sepultura do Santo e ali esteve aquela noite até a segunda-feira, pedindo com muito fervor ao Santo que houvesse piedade de seu desamparo, e pobreza, e aleijão. E continuando em sua petição com grande fé que, por meio do Santo, lhe havia Deus de dar saúde, quando veio a segunda-feira à tarde, a horas que pelas igrejas se fazia o sinal costumado das Ave-Marias, disse a aleijada a ãa mulher que perto estava que lhe quisesse dar a mão, porque se achava com alento e sentia em si esforço pera se ter em pé. Levantada com esta ajuda, sentiu subitamente em todos os membros tanto vigor como quando era perfeitamente sã. E logo, à vista de todos, começou a andar pola capela sem ajuda e desempeçadamente, e depois por toda a igreja.

Como o milagre foi tão patente, não houve tardança em se tirar informação autêntica, com muitas testemunhas em forma de Direito, e mandar-se com a mesma brevidade ao Arcebispo, ao Porto.

Constava por ela que a moça se chamava Cesília, nacida no lugar que chamam a Portela das Cabras, de pais incertos, porque, em nacendo, fora deles enjeitada. Neste lugar se criara e crecera, vivendo de esmolas, por casa dos fiéis, e padecendo estrema pobreza, e, procedendo o tempo, viera a tolher de pés e mãos e braços, de maneira que havia sete anos quando ali chegou que de todo estava paralítica e que, obrigada dos muitos milagres que cada hora ouvia contar de São Gonçalo, desejava muito vir a sua casa; e em quanto não tivera remédio pera cumprir a romaria, se lhe encomendava muito de coração; e daí nacia que muito amiúde sonhava

com ele, representando-se-lhe que se achava junto de seu sepulcro rezando.

Em fim, naqueles últimos dias, movidos a piedade, uns vizinhos do seu lugar a fizeram trazer em varais até o de Modim, onde começara a sentir algũa melhora no braço direito; e daí, uns almocreves que passavam a tomaram por esmola em ùa cavalgada, e a puseram na igreja, onde Deus lhe fizera a mercê e maravilha referida.

Mandou o Arcebispo com brevidade fazer no caso os exames costumados e, interpondo sua autoridade ordinária, deu licença que o milagre se pregasse por certo e autêntico, e logo, antes do capítulo acabado, se pregou no nosso convento com grande alegria do Arcebispo e de todos os capitulares, e louvor do Santo e honra da Ordem.

Não será razão passarmos em silêncio um acto de liberalidade e de muita honra com que a cidade obrigou de novo aos capitulares, e com eles a toda a província. Vendo os vereadores que o capítulo se concluía e, por ventura, imaginando que a brevidade que costumamos seria por medo da despesa, que de força é muito grande, mandaram ao defintório dous cidadãos, fazendo-lhe saber que a cidade estimaria muito prorrogar-se outros oito dias aquella solenidade do capítulo, e despacharem os padres os negócios da Ordem muito folgadamente, e que pera isso oferecia e tomava à sua conta todo o gasto do tempo que mais se quisessem deter.

Não se aceitou a oferta por ser contra as leis da Ordem maior dilação, mas estimou-se e agradeceu-se a vontade, como era razão, pera ficar desde então em lembrança e agora não esquecer nestes escritos que a farão perpétua.

## CAPÍTULO XI

*De ãa prática que o Arcebispo fez aos religiosos do capítulo, antes de se despedir.*

Fizeram muitos padres instância ao Arcebispo que, antes de despedido o capítulo, quisesse fazer ãa colação espiritual a todos os capitulares, alegando que o queriam ouvir em matéria que lhes tocasse de mais perto e fosse própria de religiosos; porque a doutrina que lhe ouviram do púlpito, inda que fora muito santa e proveitosa e, em fim, doutrina sua, tivera mais respeito à vida secular do povo que à Religião.

Não lhe dava licença sua humildade pera consintir em tal e, considerando que havia de falar entre letrados consumados e engenhos florentes e afiados, quais os conhecera no púlpito e nas disputas, julgava o seu por mais botado e frouxo do que na verdade era.

Em fim deixou-se vencer dos rogos de muitos, e principalmente do Provincial que mais instou. E, juntos todos, começou ãa prática, qual deviam ser todas as dos prelados, cheia de devação e espírito, como verdadeiro filho de nosso Padre São Domingos, e legítimo herdeiro de seu zelo, tratando chãmente daquelas cousas a que principalmente deviam atender todos os religiosos, assi prelados como súbditos, pera conservação da pureza da Religião.

Fôra dita grande, se os que presentes se acharam no-la deixaram escrita polos mesmos termos e palavras que o Arcebispo a pronunciou, que por sem dúvida tenho acendera fogo

nas almas e dera vida a estes escritos. Mas não nos apontaram mais que úas cabeças das matérias, que iremos referindo.

Primeiramente encomendou em gèral a guarda inteira e precisa da regra e constituições e até das mínimas e mais leves cerimónias delas, dizendo que esta fora a que dera crédito e honra à Ordem, e a falta dela, não só lha tiraria, mas de todo a poria em perdição e ruína.

E que não se deixassem enganar do resplendor das letras, mestrados, cátedras, grandes habilidades, grande púlpito. Que o ser e o valor do religioso não consistia em mais que em ser bom filho de São Domingos e observante de suas leis; quem nisto fosse descuidado soubesse que, por muito que tivesse de tudo o mais, ia cego e perdido; que sem comparação pesava mais o dano que fazia na Religião um grande letrado, se acontecia ser pouco observante, do que valiam os interesses de suas letras, por grandes e celebradas que fossem; porque o rigor da observância, só por si, era bastante a sustentar a Ordem em sua frescura e fermosura, o que as letras desacompanhadas da observância não podiam fazer; porque todas as cousas era certo conservarem-se polos meios que foram adquiridas, e à nossa Ordem mais crédito lhe granjeara a virtude de nosso Padre S. Domingos, que não suas letras; e os famosos letrados que tivemos por isso a honraram e honram hoje em dia, porque juntaram com as letras grande pureza de vida.

Decendo aos particulares, encareceu com eficácia o cuidado que cumpria haver na criação dos noviços, e dizia que daqui nacia todo o bem ou mal da Religião; que a água, se da fonte sai danada, mal pode melhorar por onde corre, sendo assi que a mui boa se corrompe muitas vezes nos regatos.

Que, sobretudo, procurassem afeiçoá-los ao exercício da oração e meditação, que era um óleo divino, que, lançado nestas apostólicas alâmpadas que começavam a luzir na casa de Deus, podia fazer que viessem a alumia-la com sua doutrina e bom exemplo.

Que, por ter entendido o muito que neste ponto se interessava, pedia lhes dessem por mestres homens muito espirituais e amigos de oração, e encarregava a consciência aos prelados que, se em toda a província não houvesse mais que um só (quanto mais estando, como estava, florentíssima de bons espíritos), este buscassem, e o trouxessem por todas as casas a ler esta filosofia em que se achavam, como em tesouro, todas as riquezas do Céu juntas.

Que se guardassem, pera mestres, de uns peitos ferrenhos, secos, desamoráveis, que medem aquelas idades tenras pola sua robusteza e condição dura, e cuidam que toda a sustância está em carregar os noviços de trabalho estéril, e matá-los com disciplinas; que quem disse *Qui parcit virgae, odit filium suum*<sup>1</sup> também disse que havia de ser vara pera encaminhar e não pera matar, inda que fosse vara de reino<sup>2</sup>, quanto mais sendo de Religião.

Que conhecera alguns tão rudes, que, como tiranos, assi queriam acabar tudo à pura força e medo daquele cetro de varas e, fazendo vanglória de serem temidos, não sintiam serem odiados, como o outro cruel que dizia *Oderint, dum metuant*<sup>3</sup>. E só tiravam de tal governo pera si ódio, e pera os discípulos pouco aditamento na Religião e amor de Deus.

Que os mestres haviam de juntar com aspeito severo ânimo brando e mavioso, pera amarem o noviço como mães, castigarem como pais, insinarem como amigos; e dizia como amigos, porque, assi como estes se dissimulam uns aos outros algũas faltas e descuidos, por não quebrar na amizade, também os mestres haviam de ter bojo pera sobrelevar erros e imperfeições da mocidade, e ir desbastando sua incapacidade antes com mimos que com terrores, e fazendo-se amar dos discípulos, que era o melhor meio de todos pera imprimir na cera branda daquela idade toda boa doutrina.

Que se um cavalo, animal ríspido e feroz, sabia sentir e agradecer a seu modo a mão branda de quem o adestrava,

---

<sup>1</sup> Prov., 13, 24.

<sup>2</sup> Sl. 44, 7.

<sup>3</sup> Apud Tui., in *Orat. pro Pub. Sextio*.



quando lha corria pelo pescoço ou lhe compunha a seda e assentava as comas, pera acudir com prontidão e obediência ao sinal da rédea ou da espora, que faria ãa natureza racional, branda e dócil?

Aos pregadores dizia que temia fazer-lhes lembrança, que via bem que o podiam insinar a ele; que toda via lhes pedia se não matassem por estudar agudezas pera o púlpito, porque lhes não acontecesse neste mundo ou no outro o que a São Jerônimo, quando andava embebido no estilo ciceroniano.

Que considerassem o fim da pregação que era só desterrar vícios, prantar virtudes, criar devoção e desejos do Céu. Que só neste entendessem, se queriam escusar estreitas contas *in die mala*, que chamava o da morte.

Aos confessores aconselhava grande inteireza, grande liberdade com os penitentes, não nos granjear, nem querer deles nada mais que sua salvação, advirtindo-os que eram pregadores de orelha e sem brados podiam granjear muitas almas pera Deus, se soubessem usar do officio.

Lembrava aos que tinham obrigação do coro que se soubessem aproveitar daquele santo ócio, acudindo a ele alegremente, servindo ao Senhor *in laetitia et exultatione* <sup>4</sup>; que achariam nele grandes interesses, se os buscassem como deviam e conforme ao que está escrito: *Psallite sapienter* <sup>5</sup>; se acudissem a louvar a Deus prontos e lestes, não polos cabelos, mas antecipando os sinos.

Com grande veemência encomendava a todos temperança na mesa, pobreza em tudo o que tem lugar, silêncio sempre, partes essenciaes da Religião e principais conservadoras dela. Que da temperança era, sobre grandes bens que criava n'alma, estender e manter com saúde a vida e, sequer polo muito que a amamos, devíamos ser todos grandes jejúadores; que, se consultassem os médicos, achariam que as mais das doenças dos corpos humanos eram ocasionadas da demasia do comer e beber, e também saberiam que o pescado que

---

<sup>4</sup> Sl., 44, 16.

<sup>5</sup> Sl., 46, 8.

a nossa Religião professa não era contrário à natureza nem prejudicial à saúde, antes fazia proveito, pela muita facilidade da digestão, como se via bem na santa Cartuxa, onde se achavam homens de vidas mui largas, que nem por doença o deixavam. E os que entre nós sintiam dele algum dano, era a causa o apetite de o alterar com a carne. Porque estas misturas gêravam outras de humores contrários que desbaratavam as compreições; e, em fim, se o melhor conselho era o do médico mais amigo, quem melhor médico, quem mais amigo de seus filhos que nosso Padre São Domingos?

Da pobreza dizia que era criar saudades do Céu e aborrecimento do mundo, que, na verdade, onde havia necessidades e trabalho, o viver era pena e a morte ganho. Mas que mor boa ventura que andar o religioso sempre cercado de espertadores da bem-aventurança que esperava? Que procurassem embora os seculares fazer-se eternos com o dinheiro, a que referiam a melhor parte da saúde, com as delícias das holandas, das sedas, das martas, das casas cosidas em ouro e de todas as mais superfluidades com que trabalhavam disfraçar as misérias da vida humana; mas o verdadeiro religioso não quisesse mais que dizer com S. Paulo: *Tendo com que cubrir-nos e algũa cousa que comamos, com isso estamos contentes* <sup>o</sup>.

E cuidasse que não havia peçonha mais refinada nem morte mais certa na Religião que o dinheiro particular, porque de maneira se pegava com nossa natureza, que pouco a pouco se fazia idolatrar, e fazia que nos enganássemos a nós e a quem nos dispensava.

Que o enxergão frio e duro lhe lembrasse a terra em que havia de jazer sepultado. O cilício contínuo da túnica de lã, áspera e mordente, o agulhão da morte. Os bichos que a estamenha criava e, já em vida, começavam a fazer pasto de nossas carnes, fossem uns amoestadores do que havia de ser delas dentro de pouco tempo. E, em fim, a cela falta de tudo lhe fizesse dar sospiros polo Céu, onde sobeja tudo.

---

<sup>o</sup> 1 Tim., 6, 8.

No silêncio descobria grandes tesouros, porque lhe dava ãa mui estendida jurdição, dizendo que por isso era com tanta razão encomendado, porque não consistia só em enfrear a língua; que silêncio era escusar visitas e saídas sem grande necessidade; silêncio, não procurar licenças pera andar vagabundos de mosteiro em mosteiro e de quinta em quinta, onde se perde em poucas horas quanto se adquiriu de espírito em muitos meses. Silêncio também era, dentro do convento, não passear sempre claustros, hortas, dormitórios; dentro da cela, não tratar negócios seculares, fogir de livros profanos; e, dentro de si, não dar lugar a pensamentos ociosos, vãos e desnecessários; e o verdadeiro silêncio era falar só com Deus, e só n'Ele cuidar.

Daqui foi passando aos prelados, e dos prelados às eleições; e dizia que obrigação era dos prelados (e pera isto os punha Deus no primeiro lugar) fazer contínuas lembranças aos súbditos das cousas ditas; e, se os vissem levar diferente estrada, encaminhá-los com o castigo, mas mais com o exemplo; porque não havia melhor castigo, nem preceito mais riguroso pera o súbdito que a vida religiosa e observante do prelado; e, não bastando este, então assentar-lhe a mão como a rebelde.

Que quem dissimulava culpas no súbdito era sinal que, ou lhe devia ou esperava dele, ou lhe pagava obrigação passada ou a granjeava de novo; e se em tal obrigação ou granjeria acontecesse intervir qualquer género de ambição, a tal prelado melhor lhe fora que nunca vestira o hábito nem conhecera religião.

Aqui deu o Santo um grande gemido, dizendo:

— Ai ambição, ambição! desterre Deus este monstro da nossa e de todas as Religiões, que só ele é bastante pera as lançar a todas por terra.

E foi prossequindo: que por amor de Deus e por honra de nosso Padre São Domingos, e com todo encarecimento, pedia aos prelados maiores e menores que fossem mui escosmados e puros em matéria de dar e receber cargos; que sempre lhes retinisse nas orelhas aquela voz tão temerosa: *Ambitio perdidit nos.*

E que não quisessem converter em dano das almas o que o Padre São Domingos instituíra pera merecimento delas. Que nosso Padre santo fora e prudentíssimo; bem pudera reservar as eleições dos prelados pera si, e pera os gêrais da Ordem, seus sucessores, ou largá-las aos provinciais e definidores de cada província; mas, fiando de nós que seríamos imitadores de seu espírito tão desinteressado, tão afidalgado e puro, nos entregara as eleições, pera que o povo dos frades pudéssemos merecer em mostrar nelas isenção e liberdade, não nos deixando levar nem torcer por rogo nem por medo, por amor nem por ódio, péssimos conselheiros da verdade, e pera que os priores tivessem merecimento em enjêitar ou, ao menos, não procurar prelacias, e nestas menores se ensaiassem pera saberem desprezar as grandes, como ele fez, e como desejava fizessem todos seus filhos.

E os provinciais ganhassem com Deus e com os homens em mostrar tão pouco gosto do poder e mando que, antes de dado, o não apetecessem, e depois, como de prisão e cadeas, assi desejassem livrar-se dele.

Nem lhes sobisse à cabeça, a uns e outros, tamanho desatino como seria fabricar traças em qualquer sorte de eleição, por humilde que fosse, contra as leis que tão sábio fundador nos deixara.

E quem fosse tão esquecido de religião que tal intentasse entendesse que tinha sobre a cabeça, pendurada de um cabelo, a espada afiada da divina justiça e daquela terrível sentença: *Iudicium durissimum iis, qui praesunt, fiet*<sup>7</sup>.

E afirmava que devíamos muito a nosso Padre nesta forma de eleições, porque nos tratara como a filhos, dando parte a todos no que em verdade era de todos. O que não tinham as eleições que dependiam de um só ou de poucos, que, além de muitas falhas secretas que as danavam, eram um género de reino; só as nossas seguiam forma de república; e, quanto a elas, ficávamos gozando das aventagens que há

---

<sup>7</sup> Sab., 6, 6.

de filhos a criados nas casas particulares, e de irmãos a vassallos nos reinos. Donde infiria ũa grande e precisa obrigação que a todos, grandes e pequenos, corria de procedermos com grande limpeza de consciência, assi nesta parte, como na verdadeira guarda de todas as mais particularidades de nossas constituições, as quais tinha por tão consideradas, tão acertadas em tudo e tão santas, que desviar delas era fogir da mesma razão e justiça.

Arrematou pedindo a todos que o encomendassem a Deus e lhe alcançassem de Sua divina mão torná-lo inda algum dia a juntar com tão bons irmãos, livre da pesada carga de almas alheas.

## CAPÍTULO XII

*Como vagaram algũas pensões ao Arcebispo,  
e em que modo dispôs delas.*

Apartou-se o Arcebispo do convento e dos religiosos como arrancado a viva força. Era-lhe o lugar saboroso como seu verdadeiro centro, e a companhia religiosa como natural, Assi, deixando na cela que despejava o coração, tornou-se ao seu arcebispado e ao governo e trabalhos costumados.

A pouco mais de dous anos depois deste capítulo, por Agosto de 78, succedeu a infelicíssima jornada que el-Rei D. Sebastião temerariamente acometeu, medindo suas forças por seu esforço, e lisongeado e fomentado por gente de pouco discurso; e, passando em África todo o poder e nobreza deste Reino, a sepultou com sua pessoa nos campos de Alcácere, ribeiras do rio Lucus.

Vivia em idade mui crecida e com pouca saúde o Cardeal Ifante D. Anrique, tio d'el-Rei, irmão de seu avô el-Rei D. João, terceiro do nome, que logo foi levantado e jurado por rei.

Como tomou o cetro, largou as rendas eclesiásticas que antes possuía, entre as quais era ũa grossa pensão no arcebispado de Braga, de seis mil cruzados, como atrás fica dito. Mas pola certeza que tinha da condição do Arcebispo, que tudo queria pera santos empregos, escreveu-lhe que levaria gosto que ametade da pensão, que eram três mil cruzados, se applicasse na forma seguinte, a saber: mil cruzados pera o colégio da Companhia de Jesu, de Braga, e outros mil pera

o colégio que os mesmos Padres principiavam na cidade do Porto; e os que restavam se distribuíssem por pobres e órfãos do arcebispado.

Que fácil é de levar um ânimo desinteressado a largar fazenda, como seja em causa justa!

Respondeu que com muito gosto largava os mil cruzados pera pobres e órfãos, e também consintia na aplicação que Sua Alteza queria pera o colégio que a Companhia tinha em Braga. Porém que em nenhũa maneira podia acabar com sua consciência que as esmoas dos pobres da sua diocese se estendesem a religiosos que serviam noutra, porque isto era tirar o seu a seu dono. E assi, pedia a Sua Alteza fosse servido que pera o Porto se não desse cousa algũa; e assi se fez.

Sintia muito o Arcebispo que se divertissem pera fora do arcebispado as rendas que dele procediam, porque entendia que todas eram devidas aos que nele trabalhavam, que eram os ministros das almas e da justiça, e todos os que nele padeciam, que eram os pobres, e pera estes tudo quanto coíhia de renda lhe parecia pouco, tanto por serem muitos em número, como polo grande amor que lhes tinha.

Assi, nem com estes seis mil cruzados nem com outros trezentos, que o Cardeal Infante lhe tinha largado, nos anos atrás, sendo inquisidor-gêral, que o Arcebispo pagava pera as despesas do Santo Officio da Inquisição, houve em sua casa melhor trato, nem melhor prato; tudo redundou em mais abundância pera os pobres, nenhũa pera o prelado.

Pagava cem mil réis a certo fidalgo que seguia as letras, de pensão no arcebispado; soube que deixara a via da Igreja e se casara; logo lhe suspendeu o pagamento. Houve queixas e recados de parte a parte. Resolveu-se que nem ele podia dar a contia com boa consciência, nem o fidalgo levá-la, pois era casado e não podia comer bens da Igreja, faltando-lhe o título com que até casar os possuira; que se pusesse o negócio em justiça e com o que se sentenciasse ficariam ambos livres de escrúpulo.

Correu a demanda alguns anos. E é de notar a providência do Arcebispo que, em cada um dos que durou o litígio,

mandava lançar em depósito a contia desta pensão, porque, se acertasse a ter sentença contra si, estivesse prestes e contada como cousa que era alhea, sem cortar pola ordinária repartição dos pobres, como seria necessário fazer, se em cabo de muitos anos lha mandassem pagar por junto.

Não durou poucos o litígio, mas em fim vieram a concerto. Contentou-se o fidalgo com a renda de cinco anos. Mandou-lha dar o Arcebispo, e o resto que estava guardado passou logo pera melhor depósito, que foram as mãos dos pobres.



## CAPÍTULO XIII

*Como se houve nas alterações que sucederam  
neste Reino por morte d'el-Rei D. Anrique.*

Serviu a el-Rei o cetro e a coroa de lhe encurtar a vida. Que estes são os encargos que ordinariamente acompanham o reinar.

Tinha muita idade e a disposição pouco firme; carregaram cuidados e as importunações dos pretendentes, do povo e estados do Reino; vivia afligido, e irresoluto, e sem hora de descanso nem de gosto. Redundou no corpo o trabalho do ânimo; avivou as enfermidades companheiras da velhice e em fim cortou-lhe a vida, que por ventura fora mais larga, se passara estes últimos anos naquele santo ócio em que tinha contado sessenta e tantos. Faleceu último dia de Janeiro do ano de oitenta, que foi o mesmo dia em que nacera, sessenta e oito anos atrás.

Alterou-se todo o Reino, queixoso do rei defunto, que primeiro deu fim à vida que o desse ao litígio que ante ele pendia da herança que deixava, o que foi causa de grandes males, que todos ou a mor parte atalhava com a decisão da causa ou declaração, qualquer que fora.

Deu princípio Santarém, levantando por rei a D. António, Prior do Crato, filho natural do Infante D. Luís, irmão d'el-Rei D. Anrique. Seguiram a Santarém muitos povos e lugares principais; uns por exemplo, outros por conselho, e todos mais com ânimo que forças, porque delas estava a terra exausta,

primeiro com a jornada de África, depois com o resgate dos cativos.

Com a primeira nova da morte d'el-Rei fez o Arcebispo o que era conveniente pera prevenir os trabalhos que tinha por certo haviam de seguir logo. Depois de celebrar as exéquias com o decoro e sentimento que era devido ao último rei da sucessão real masculina, que durou neste Reino quatrocentos e oitenta e seis anos, contados do nascimento d'el-Rei D. Afonso Anriques, que foi no de 1094, até este ano de oitenta <sup>1</sup>, começou a entender em devotas procissões e orações públicas e particulares, pedindo a Deus paz (que nunca nenhũa foi certa nem firme, senão a que por estes meios se procura e negocea). Pregava muito a miúde e, nas pregações e práticas particulares, amoestava e aconselhava a todos que, com muita devação, pedissem a Nosso Senhor desse rei de Sua mão pera conservação de paz e aumento de Sua santa Fê.

Andando assi occupado o Arcebispo, chegou a segunda nova do levantamento de Santarém que, como contação, veio movendo humores e alterando os ânimos, assi como os tocava o aviso, e segundo a inclinação que achava em cada um até chegar a Braga.

É nome fermoso rei natural. Não enche menos os olhos um espirito pronto a se perder pola pátria. Onde havia gente deste humor levantavam logo bandeira por D. António, e bastavam poucos pera o efeito, que logo eram seguidos do povo fácil de levar da boa sombra da causa e do brio dos animosos. Por outras partes, bastava verem levantado o lugar vizinho, pera se resolverem ao mesmo; uns só por imitação, outros por medo também de ser julgados por suspeitos, se tardassem.

Não faltavam homens prudentes que estendiam os olhos ao diante e, considerando o estado do Reino, anteviam e propunham inconvenientes, mas, ou não eram ouvidos, ou ficavam em opiniões de froxos e pera pouco, ou, polo menos, ban-

---

<sup>1</sup> Fr. Bernardo de Brito, *Monarquia Lusitana*, P. II. L. VII, c. 30; Duarte Nunes de Leão, *Crónica do Conde D. Anrique*, fol. 12.

deados e havidos por gente que pretendia da causa pública fazer negócio particular e próprio.

Braga é terra grande; toda esta diversidade de humores se achava nela. Começaram os que se tinham por animosos a publicar zelo e amor da pátria e a levantar o povo. Acudiu o Arcebispo mostrando-lhes a obrigação que havia de obedecer aos governadores deixados por el-Rei D. Anrique, e esperar deles a sentença da sucessão.

Não bastava nada e queriam todavia que a cidade se declarasse por D. António, e sem dúvida o efetuaram, se o vulgo, melhor conhecido do muito que deviam ao Arcebispo, e mais agradecido (que é cousa bem rara), não resistira com as armas na mão, dizendo que não seguiriam nem teriam por rei, senão aquele que o Arcebispo, seu senhor e pastor, lhes nomeasse como quem melhor que todos entendia o que a todos cumpria.

Durou esta obediência até que chegou recado dos governadores serem saídos do Reino e passados a Castela. Então se juntou corpo de gente e, persuadidos que estavam com liberdade pera seguirem o partido que tinham por melhor pera todos, tomaram ânimo e fizeram requerimentos públicos ao Arcebispo que quisesse mandar que a cidade tomasse a voz de D. António e o reconhecessem por seu rei, pois o Reino quase todo o reconhecia por tal, e os governadores, com se ausentarem, tinham desobrigado o povo de sua obediência, e muito mais de esperar deles sentença. Ajuntavam rogos e lembranças do grande Ifante D. Luís, a quem ele tinha tão notórias obrigações, pois de tal príncipe fora escolhido pera mestre de um só filho e muito querido, a quem Deus agora dera a coroa de seus antepassados, e de cujo bem e acrecentamento ele, Arcebispo, devia ter por esta razão particular gosto.

Não era o Arcebispo homem a quem fizesse vantagem no amor da pátria e do bom comum nenhum dos mais acesos requerentes; impressa tinha no ânimo a memória do Ifante e o amor do filho que muito tempo insinara e conversara, como temos contado. Mas era em tanto extremo escrupuloso, e temia tanto embarçar a consciência em qualquer matéria

onde interviesse prejuízo de terceiro, inda que mui leve fosse o caso e todo da jurdição de suas letras, que de nenhũa maneira se atrevia a dar voto, quanto mais fazer-se autor em causa tão pesada e de todo alhea do seu estudo, como era a pretensão do Reino.

Assi, todo seu cuidado era sustentar a terra em ãa quieta paz até haver sentença ou declaração, procurando conservar ãa limpíssima e desinteressada inteireza, sem respeito ao poder do mais poderoso, nem ao amor do mais amigo. E quando se viu vencido de importunações e requerimentos, temendo que o negócio viesse a romper em algũa perigosa desordem e em dano da cidade, fez ajuntar o povo todo e, dando-lhe brevemente conta do estado do Reino, e da cidade, das instâncias que lhe faziam e da determinação firme em que estava de não tomar sobre si dar nem tirar reino, mandou que votassem um por um e declarassem quem queriam por rei, e ele por si tomou os votos.

Cousa é de considerar que fim teria o Arcebispo em feito tão extraordinário, que de homem tão prudente e tão letrado não havemos de cuidar que se abalançou sem fundamento, pois estava claro que nem Braga só era parte pera eleger, nem pera sustentar quem elegesse; e toda eleição é ridícula, quando se faz por quem não tem poder pera a fazer ou pera a manter.

Dous intentos parece que teve: primeiro, mostrar o que na verdade era, que nem tinha inclinação a parte algũa, nem queria tomar sobre si a causa comum; segundo, cuidar que resultaria deste género de eleição pacificar-se com ela a cidade, que era toda sua pretensão, e com paz e sossego esperar que as cousas se aclarassem, e desse Deus algum meio de se entender quem era o justo e verdadeiro herdeiro.

Mas não respondeu o successo à boa tenção, porque o povo elegeu com grande excesso de votos el-Rei D. Filipe, segundo deste nome em Castela; e sendo assi declarado polo Arcebispo, creceu o desassossego e alteração, porque os que cuidavam que defendiam melhor causa tomaram ânimo pera se descomporem abertamente, e não no tiveram os que por Castela votaram pera sustentarem sua opinião, de maneira que se

puêdesse o Arcebispo prometer ùia quietação, qual desejava, livre de escândalos e perturbações.

Assi, ficou de novas angústias cercado, vendo-se, por ùia parte, obrigado a seguir a eleição que por seu júizo pusera em voto e, por outra, temendo os desconcertos que já se começavam a trasluzir nos de opinião contrária, os quais, com costas quentes no favor de todas as vilas grandes que à roda se tinham declarado por D. António, contradiziam a eleição e ameaçavam os eleitores, se a quisessem sustentar. Por onde, quando viu todos seus disenhos falsados, e que não podia dar a paz que desejava, determinou em todo caso dá-la fosse qualquer que fosse, deixando vencedores e largando o campo aos que a queriam a seu modo. E julgando este por menos mal, despejou a terra e, com grande mortificação e dor de sua alma, se passou a Galiza, à cidade de Tui.

## CAPÍTULO XIV

*Do sítio da cidade de Tui; e da doença que nela teve  
o Arcebispo; e do que passou até convalecer  
e tornar pera o arcebispado.*

Tui é ãa pequena cidade em Galiza, situada na ribeira direita do rio Minho. Chamaram-lhe os antigos Tyde e depois Tude, convertido o *y* em *u*, costume muito usado dos latinos <sup>1</sup>. Sua fundação é tão antiga que todos os escritores a referem ao grego Diomedes, rei de Etólia, um dos valerosos conquistadores de Troia, e querem que lhe desse o nome de seu pai Tydeu. Donde Sílio Itálico lhe chama *Aetolaque Tyde* <sup>2</sup>.

É cabeça de bispado desde antes da perda de Espanha, e naqueles primeiros tempos estendia seus limites por dentro de Portugal até Viana, que lhe era sufragânea. Tinha por prelado neste tempo D. Diogo de Torquemada, varão eminente em letras.

Entrando o Arcebispo em Tui, o desgosto que levava fez obra de lima surda e veio a arrebentar em um tabardilho pestilencial que o teve desconfiado da vida.

Sintindo-se apertado, não tardou em fazer testamento e todos os mais autos de verdadeiro cristão. E porque se veja que não eram seus cuidados e obras diferentes na morte,

---

<sup>1</sup> Resende, *De Antiquitatibus Lusitaniae*, c. II, ff. 73.

<sup>2</sup> Sílio Itálico lib. 3.

do que sóiam ser em vida, não será tempo perdido treslarmos aqui, ao pé da letra, ùa verba deste testamento, pera exemplo ou pera confusão de muitos, a qual diz assi:

«Por quanto o santíssimo senhor nosso, o Papa Gregório décimo tércio, me tem concedido que eu possa testar de cinco contos de réis, que são doze mil e quinhentos cruzados de moeda portuguesa, quero e mando que os ditos cinco contos de réis, que assi por Sua Santidade me são concedidos, se dêem e entreguem ao provedor e irmãos da Santa Misericórdia da cidade de Braga, pera os mandarem gastar em obras pias, conforme as ditas letras apostólicas; pera cujo efeito e execução, e pera todo o mais que pera este testamento cumprir, no mais largo modo que em direito posso, os faço meus testamenteiros».

Estas eram as palavras da verba.

E é de notar que em todo o testamento não tratava de criados, nem parentes; porque aos criados pagou de contado, como se viu doente, e aos parentes nunca quis fazer herdeiros em cousa da Igreja.

Também são dignas de memória as palavras de ùa cláusula do breve acima referido, pera que se veja a conta que o Papa fazia do Arcebispo, e que lhe não negara a mesma graça pera fazer ricos seus parentes, se pera eles a pedir quisera. É a cláusula: *Volentes personam tuam nobis et dictae Sedi valde deuotam tuis magnis exigentibus meritis fauore prosequi gratioso, etc.*, como se dissera: «Querendo nós favorecer e honrar vossa pessoa, que temos por muito devota nossa e desta Santa Sede, e fazer-vos graça e mercê, segundo nos obrigam vossos grandes merecimentos, etc.»

Em todo o tempo que durou a doença do Arcebispo, fez o Bispo com ele não só officios de prelado e hóspede cortês, mas de um solícito enfermeiro. Todos os dias o visitava duas vezes e, em cada ùa delas, antes doutra cousa, se ajoe-

lhava junto da cama, e lhe tomava a mão, e com muita reverência lhe beijava. E é cousa certa que nunca entrou que perdesse o cuidado desta cerimónia santa (tal era a opinião que de sua virtude e santidade tinha), e porque o Arcebispo, como verdadeiro humilde, o tomava mal e fogia com os braços, e escondia as mãos, ele se não levantava até lhe achar e tomar a mão, e à força lhe beijava, e então se assentava; assentado, perguntava polo que se oferecia do estado da doença e dos accidentes e períodos da febre; ajuntava-se com os médicos, consultava os remédios, disputava como bom filósofo do que seria mais acomodado, e com tanto cuidado e amor lhe procurava a saúde, que bem mostrava conhecer o valor de tal hóspede.

Seguiam o exemplo do prelado todos os cônegos e pessoas nobres da cidade em visitarem o enfermo, procurando cada um dar-lhe alívio e recreação. E como sabiam dele que era pouco amigo de práticas ociosas e muito das letras, moviam de ordinário questões de matérias curiosas.

Um dia particularmente, sendo o Bispo presente, vieram a tratar dos atributos divinos, e debatiam com grande altercação no ponto *Quomodo distinguebantur inter se et ab assentia et an cognoscantur cognita essentia divina?*

Deram e tomaram um espaço grande. O Bispo era doctíssimo teólogo, e fora lente de fama; acudia de quando em quando com suas razões. Só o Arcebispo calava, como estava muito enfraquecido do mal, mas bem se via nele que tinha todos os sentidos prontos no que se praticava, porque revolvia os olhos com viveza a um e outro, notando e dando fé do que cada um dizia.

Depois que os viu calados e entendeu que davam a questão por decidida, acenou ao Doutor Belchior Dias, seu desembargador, que estava mais perto (não pudemos averiguar se sucedera isto na força da infirmitade, se na convalescência), que o ajudasse a endireitar um pouco com o travesseiro, assentando-se por detrás dele na cabeceira da cama, e ajudando-o a sustentar com os braços, que tudo era necessário, pola muita fraqueza que tinha. Como descansou da fadiga que lhe causou o abalo, pediu licença ao Bispo pera dizer



algũa cousa sobre o que ali se tratara. E logo, tomando a matéria entre mãos, a foi discutindo com tanta ordem e concerto, apontando as dúvidas, e respondendo aos argumentos em contrário, e pondo conclusões mui acertadas e compendiosas, que o não pudera fazer com mais viveza, e melhor graça, e maior erudição, se na Universidade de Coimbra fizera ãa bem estudada releição de tudo o que por discurso de um ano houvera ditado em tal matéria.

Foi estranha a maravilha que causou nos circunstantes o que viram e ouviram, espantando-se uns do alento e vigor com que falou, estando tão quebrado de forças, e todos da memória, facilidade e clareza com que disputou e resolveu a questão doctissimamente.

Afirmou depois o Bispo que, sendo estudante e discípulo, ouvira aquela matéria de lentes eminentíssimos e, sendo mestre e catredático, a lera e ditara nas escolas; e de próximo estava visto nela, porque a estudara pera certo caso, mas confessava que nunca dela alcançara tanto, nem ficara em todos os pontos tão resoluto, como depois que a ouvira de boca do Arcebispo, porque sendo, como era, muito difusa e escuríssima, ele a resumira em tão poucas palavras e tão magistralmente que desta lição ficara nela consumado. Pelo que assentava que com muita razão se publicara dele no Concílio Tridentino aquele louvável elogio *Multa paucis*, significando nisto o consintimento comum que suas razões eram extremo de breves e sustanciais, grande tesouro em pequeno cofre.

Melhorou o Arcebispo, mas, como velho, foi convalecendo devagar. Na convalecência continuou muito com o convento que a nossa Ordem tem naquela cidade. E não se aposentou nele, porque se persuadiu que seria mais largo aquele voluntário desterro do que em fim veio a ser e temia ser pesado aos religiosos. Aos quais nesta jornada encarregou do cuidado de confessar e sacramentar as religiosas do mosteiro de Santa Clara, da Ordem de São Francisco, que é da obediência do Ordinário de Braga, na vila de Valença.

Fica Valença defronte de Tui, quase sem mais distância que a divisão do rio Minho, que também aqui é divisão dos

reinos. Continuam os religiosos com esta obrigação por honra da Ordem e memória do Arcebispo.

Ainda andava débil e convalescente, quando Deus foi servido dar paz por todo o Reino, sendo recebido por rei e obedecido de todos el-Rei D. Filipe II de Castela. Com o primeiro aviso se pôs logo a caminho e se recolheu à sua cidade de Braga.

## CAPÍTULO XV

*Chama el-Rei D. Filipe ao Arcebispo  
pera as Cortes de Tomar; escusa-se duas vezes;  
com terceiro recado parte pera Tomar e assiste  
nas Cortes.*

Foi o Arcebispo recebido da sua cidade e de todos os bons, com aquele alvoroço e alegria com que ãa honesta e virtuosa esposa festeja a vinda e vista do esposo, que andava na guerra e lhe entra pola porta são e salvo, depois de longa ausência, passados grandes trabalhos, vencidos graves perigos.

Até os que nas opiniões lhe foram contrários, quando tudo andava revoltado e alterado, e agora fogiam à luz do dia com medo de castigo, lá onde estavam escondidos estimavam a saúde e boa vinda do prelado, porque sabiam que era pai, em quem não só tinham certo o perdão de qualquer delicto, mas que era tal que estimaria ter muito que lhes perdoar.

Entrou o ano de oitenta e um, e o Arcebispo não acabava de entrar em forças; toda via andava fraco e achacoso (mal anexo à velhice), quando teve carta d'el-Rei D. Filipe, em que lhe fazia a saber como determinava juntar cortes na vila de Tomar pera assentar as cousas do Reino, e por tanto lhe encomendava se dispusesse pera ser presente a elas, conforme à obrigação que tinha por sua pessoa e dignidade.

Escusou-se o Arcebispo com sua idade crecida e cansada, e com os achaques que lhe deixara a doença, e receios de recaída, escusas verdadeiras e certas; mas a mais certa

era o pouco gosto que tinha de aparecer em corte e desaparecer a suas ovelhas.

Porém, Sua Majestade segundou com palavras de muita honra e brandura, dizendo que, visto serem as primeiras Cortes que neste Reino fazia, levaria muito gosto que ele, Arcebispo, se achasse nelas, porque, além de cumprir assi a seu serviço, desejava vê-lo e não tomar o juramento costumado em outras mãos senão nas suas. E por tanto lhe encarregava e pedia que se esforçasse e em todo caso viesse.

Não havia fogir a razões tão apertadas. Mas a natural aversão que tinha a cumprimentos de paço e estilos de corte lhe insinou segunda desculpa, com certeza que, quando não fosse bastante pera lhe escusar a jornada, de força o seria pera ajudar muito o que com a desculpa pretendia.

Respondeu com grande sumissão que obrigação era sua arriscar saúde e vida, quando Sua Majestade mostrava gosto de sua vinda, mas que havia outro inconveniente muito importante que o embaraçava. Este era que a Igreja de Braga estava em posse da primacia de Espanha por muitas, mui antigas e mui jurídicas razões. E por elas era ele, Arcebispo, obrigado (e não podia al fazer por conservação de seu direito) a levar sua cruz primacial aiçada por todo lugar e em todos os autos e solenidades das Cortes, do que estava certo haverem de resultar contendias com os metropolitanos de Lisboa e Évora; que, pera se evitarem desgostos onde era bem que tudo fosse cheio de alegria e benções, o melhor meio era haver Sua Majestade por seu serviço que ele, Arcebispo, não aparecesse em Tomar, nem sáisse de sua igreja.

A este ponto lhe mandou el-Rei responder que viesse embora usando de sua posse, que se lhe não tolheria conservar-se em todo direito e cerimónias dela.

Franqueada esta dificuldade, não houve que fazer se não meter-se a caminho. Criava ânimo e forças pera o passar na virtude do seu pensamento antigo, de que nunca se achava desacompanhado; e dava-lhe no coração que havia de achar em Tomar quem lhe quisesse tomar a braga e desapressá-lo de ferro tão pesado.

Chegou a Tomar aos dous de Abril de 1581, havendo já alguns dias que el-Rei estava no lugar, aposentado no convento da Ordem de Cristo. Entrou o Arcebispo com sua cruz primacial diante levantada (levava-a Pero do Vale, cónego prebendado na Sé de Braga) e com esta ordem, fazendo sua entrada de dia, se foi demandar o aposento que lhe estava sinelado. E logo mandou vir um notário apostólico e, diante de muitas testemunhas, lhe requereu que de como ele, Dom Frei Bertolameu dos Mártires, Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas, usando de seu direito e posse imemorial, entrara com sua cruz alçada naquela vila de Tomar, *nullius diocesis*, e com ela alçada chegara pacificamente e sem contradição algũa até aqueias casas de seu aposento, a olhos e face de todos, em bom dia claro; e à vista dele, notário, que presente estava, lhe desse um e muitos estromentos.

No dia seguinte sobiu ao convento a beijar a mão a el-Rei e, à ida, e vinda, e entrada do convento, levou sempre sua cruz levantada.

Aos dezasesis dias do mesmo mês de Abril, dia em que celebramos a festa de São Fructuoso, Arcebispo de Braga, foi o primeiro auto das Cortes. Estava ãa grande sala do convento ricamente armada. No topo deia, levantado um teatro alto, do qual nacia outro, como trono, que sobia poucos degraus e cerrava com a parede, e com um grande dossel que o cobria. Arrimada ao dossel ãa cadeira pera Sua Majestade. Abaixo corriam assentos pera os prelados e pera os grandes e títulos do Reino. O que ficava da sala tomavam bancos lançados por ordem, uns trás outros, pera assentos dos procuradores dos povos.

Foi particularmente chamado de novo pera este auto o nosso Arcebispo, de parte de Sua Majestade. E entrou pola sala com sua cruz alçada, e com ela diante subiu ao teatro. Estavam já nele os dous arcebispos metropolitanos, D. Jorze d'Almeida, de Lisboa, e D. Teotónio de Bragança, d'Évora; os quais lhe fizeram ambos suas lembranças e reclamações que não podia usar de cruz levantada fora de sua província, visto estar em pé e não ser sentenciada a contenda que tinha com o Arcebispo de Toledo sobre o direito da primacia.

O Primaz, tomando com cortesia e autoridade o primeiro e melhor lugar, respondeu em poucas palavras que estava em posse e essa conservava, usando de seu direito.

Entrou Sua Majestade e subiu ao seu lugar. Levantou-se logo o Bispo de Leiria, D. António Pinheiro, que primeiro o fora de Miranda muitos anos, segundo atrás deixamos tocado, e em nome de Sua Majestade fez a fala costumada aos Estados. A qual acabada, chegou-se o Primaz à cadeira de Sua Majestade, com um missal nas mãos, e nelas fez Sua Majestade o juramento costumado em Cortes, de manter e guardar todos os foros, liberdades e privilégios do Reino, segundo a forma que o secretário do Estado trazia escrita em um livro, e ia lendo, e Sua Majestade repetindo.

Ao juramento d'el-Rei seguiu o juramento dos Estados, que lhe foram todos fazer em suas mãos, de obediência e fidelidade.

Deu-se fim a este acto com ãa solene procissão de graças, que Sua Majestade acompanhou; foram os arcebispos e bispos de pontifical e o Primaz no couce, levando diante de si o cónego Pero do Vale, revestido em ãa capa rica, com sua cruz arvorada.

Nesta ordem foi a procissão demandar a igreja e o Primaz disse a oração; e, tendo diante a cruz primacial, lançou a benção pontifical. De todo o processo desta solenidade e cerimónias dela mandou despois fazer públicos estromentos e autênticos, por notários apostólicos, com as particularidades do lugar que teve, e officios que fez, e como em todos teve sempre sua cruz alçada, que era o ponto sustancial pera justificação da posse que executava do direito primacial da sua Igreja. E, não contente com estes, fez tirar outros, de todas as vezes que saiu em público, em quanto se deteve em Tomar, e, todos juntos, mandou lançar pera memória no cartório da sua Sé.

## CAPÍTULO XVI

*Das muitas e várias diligências que em diferentes tempos fez o Arcebispo por largar o arcebispado; e como se determinou em pedir a el-Rei D. Filipe lhe aceitasse a renúnciação.*

No princípio desta história contamos largamente a grande repugnância com que o Arcebispo chegou a aceitar esta dignidade. E, pelo que até aqui temos escrito, se deixa bem entender que a exercitou com tanto trabalho de corpo e espírito, que nem ficam de espantar as contradições que dante-mão fazia, pois assim determinava viver, nem o desejo imenso que sempre depois teve (e agora com a idade crecia mais) de se ver livre dela.

Mas porque nesta nossa idade é cousa tão rara enjeitar dignidades, que arreceamos, falando neste ânimo do Arcebispo sem grandes provas, que, ou haja dúvidas na fé da história, ou se cuide que contamos milagres, guardamos de propósito pera este lugar ãa recapitulação das particulares diligências que fez, em diversos tempos e lugares, por largar a mitra; pera que se acabe de entender que à força de negoceação exercitada por todo o discurso da vida, veio a lançar de si o peso que tão leve e tão bem assombrado parece a tantos.

E deixando as instâncias que fez com o Papa Paulo IV, no mesmo tempo em que foi nomeado pola Rainha, por cartas que lhe escreveu com razões mui vivas e apertadas, e escusando repetir aqui as que fez pessoalmente em Roma ao Papa Pio IV, que contamos no livro segundo, é muito digno

de memória o que nos deixou escrito o Mestre Frei Luís de Granada em uns fragmentos de história do Arcebispo que começou a compor, ainda em vida do mesmo Santo.

Diz ele que no tempo que foi visitar o Arcebispo a Braga, sendo provincial da Ordem de São Domingos, como atrás fica contado, estando um dia sós, lhe pedira o Arcebispo com um longo preâmbulo de encarecimentos que, pois fora instrumento dele entrar em tamanhos trabalhos como padecia, o quisesse também ser de sua liberdade e quietação, e acrescentara (palavras formais):

— Porque eu, Padre Provincial, não me posso enforçar, que é ofensa de Deus; mas já cheguei a termos de sentir as agonias que padecem os que vão a enforçar, vendo-me afogado num pego sem fundo de negócios, e enredado num cego labirinto de escrúpulos.

E estas palavras — prossegue o Mestre — que as pronunciara o Arcebispo com ãa tão extraordinária aflição e tal energia, que lhe quebrara o coração da lástima e lhe custaram vivas lágrimas. Até 'qui é do Mestre Frei Luís de Granada.

Quando depois foi eleito em Sumo Pontífice Pio V, pareceu ao Arcebispo que, sendo como era religioso da sua Ordem e muito conhecido e amigo seu, do tempo que estivera em Roma, como atrás tocamos, tinha seu negócio feito; e de sôfrego na esperança, quando lhe escreveu as emoras do pontificado, misturou logo na mesma carta o requerimento, dizendo que, pois o Deus subira a tão alto lugar, devia ser para remédio de muitos afligidos, como verdadeiro sucessor daquele Senhor que dizia: *Venite ad me omnes qui laboratis et onerati estis et ego reficiam vos*<sup>1</sup>.

Que ele, Arcebispo, se achava em grande extremo atribulado, e Sua Santidade só o podia aliviar e consolar com ãa só palavra, aceitando-lhe a renunciação da Igreja que indignamente governava; que bem estaria lembrado Sua Santidade do tempo que tratara e ouvira a ele, Arcebispo, em Roma, quão oprimido andava já então da carga. Que seria

---

<sup>1</sup> Mt., 11. 28.



agora, que se fazia mais intolerável com os anos? Por onde lhe era forçado clamar por remédio, não só com palavras, mas com lágrimas saídas do centro da alma.

Mas achou-se bem enganado, porque o Papa lhe respondeu que prestasse paciência, como ele também fazia, que, sendo religioso da mesma Ordem, e velho, e enfermo, e sem nunca tal cuidar nem pretender, se achava com todo o governo da Igreja universal sobre seus ombros; que se encomendassem ambos a Deus e trabalhassem, pois Ele assi fora servido.

Vendo-se o Arcebispo frustrado de ãa esperança que por tão certa concebera, queixava-se, ora ao Céu com suspiros, ora a seus amigos com razões, replicando a miúde aquelas sentidas palavras *Tribulationes cordis mei multiplicatae sunt*, querendo dizer que começavam de novo seus tormentos, quando imaginava que eram acabados.

Assi se lhe dobraram com Gregório décimo tércio que, socedendo a Pio V no pontificado, igualmente lhe sucedeu em ouvir muitos e eficazes requerimentos do Arcebispo na mesma matéria; e também em lhe negar despacho.

Não passaram muitos anos que trouxe o tempo ocasião bem sufficiente pera fazer despoovar as cidades e largar todos os gostos da vida, se houvera saberino-nos sentir. Perdido dentro de ãa hora o Rei e o Reino a mãos de bárbaros, que havia que esperar, ainda nos mui enganados e mui apegados às mintiras do mundo, quanto mais em quem com ele tinha guerra declarada desde que se soube entender?

Pareceu-lhe que tinha obrigação dobrada de se ir ao deserto e, escondido em ãa lapa, chorar a perda da pátria e os pecados que eram causa dela. Escreveu a el-Rei D. Anrique ãa larga carta sobre o estado do Reino, e ajuntou-lhe uns apontamentos, em que declarava as muitas razões que tinha pera pretender descarregar-se do arcebispado. ãa cousa e outra mandou às mãos do Mestre Frei Luis de Granada, pera fazer officio de medianeiro e amigo com el-Rei, como quem sempre, por sua grande virtude e religião, lhe fora muito aceito.

Determinou o Mestre de valer ao Arcebispo com o favor de valido e com a diligência de solícito requerente. Assi o fez,

e dizia depois que o fizera com assaz escrúpulo, porque não sabia se fora infiel a Deus por ser fiel ao amigo.

Porém, o cristianíssimo Rei o tirou deste cuidado com a reposta, dizendo que servisse o Arcebispo sua Igreja, que assi, velho e doente, fazia mais fruto do que haviam de fazer quantos lhe podiam succeder nela.

Cada repulsa destas era pera o Arcebispo um paroxismo que lhe punha em risco a vida com desgosto. Mas, achando-se agora em Tomar e vendo a largueza com que el-Rei D. Filipe entrava, fazendo mercês a todos, e considerando a muita que lhe fazia a ele em particular todas as vezes que o via, assentou consigo fazer seu requerimento no ponto que as Cortes se arrematassem, com grande ânimo de alcançar desta vez o que tantas outras se lhe negara.

## CAPÍTULO XVII

*Dá-se fim às Cortes. Pede o Arcebispo licença  
a el-Rei pera renunciar o arcebispado;  
alcança licença e renuncia.*

A profundíssima humildade do Arcebispo era causa de avaliar em tão baixo preço aquele seu grande juízo e letras consumadas, com que espantou a Igreja universal no Concílio, que totalmente se tinha por inábil pera o officio de prelado, em que mui poucos de seus antecessores se lhe aventajaram, sendo muitos em número, e grandes em valor.

Esta opinião que de si tinha o trazia sempre engolfado em um mar tempestuoso de escrúpulos, e persuadido que era obrigado a deixar o que era idóneo pera administrar. Outro fundamento não tinham as contínuas e agonizadas instâncias que acometia. E, quando via que lhe saíam baldadas, o refúgio era considerar que de sua parte não faltava com fazer todas as diligências possíveis por se descarregar, manifestando seus defeitos e protestando não se lhe haver de imputar culpa neles pera diante de Deus.

E ãa das cousas que lhe facilitou, como atrás tocamos, a vinda às Cortes, que fez muito contra sua arte e gosto, foi a boa ocasião que se lhe oferecia pera clamar de novo e com melhor esperança.

Vendo as Cortes acabadas, foi a Sua Majestade e, depois de lhe dar os parabéns do remate delas, negócio tão importante a seu serviço e ao bem universal do Reino, propôs sua causa, dizendo que em tempo que Sua Majestade, com ânimo

verdadeiramente real e muito seu, fazia tantas e tão largas mercês a todos os portugueses que os obrigava a ãa pública confissão de terem por grande boa ventura e misericórdia do Céu serem vassallos de tal rei e senhor, vinha ele confiado em que também, inda que mínimo e humilde capelão seu, alcançaria de Sua Majestade ãa que pretendia, a qual, se bem era diferente na calidade de todas as que até então tinham saído de sua liberal mão, não era por isso fraca nem pequena. Antes, sendo pera ele, que pedia, de grande preço, pera Sua Majestade era tanto mais grandiosa e real, quanto mais se mostrava o poder soberano em livrar de ferros e prisão um cativo, ou dar saúde a um desesperado da vida, que enriquecê-lo de fazenda.

Prosseguiu, recontando com palavras humildes, mas graves e eficazes, quantos anos havia que trabalhava na vinha do Senhor da Igreja de Braga, e quantos havia que se conhecia por inábil pera tamanha carga, que não eram menos que os mesmos que tinha de prelado, e quantos requerimentos fizera no discurso deles sem lhe aproveitarem mais, por desgraça sua, que razão legítima que pera isso houvesse.

E porque a insuficiência, que sempre em si sintira e nunca deixara de confessar, estava tão crecida com sua muita idade e grandes indisposições, que havia por grande escrúpulo de consciência continuar em tal estado com o cargo de suas ovelhas, que requeria um pastor mui robusto e trabalhador, pedia a Sua Majestade fosse servido dar-lhe licença pera o renunciar; e que afirmava que já o não obrigava a pedir esta mercê o amor da cela e de seus livros, como nos primeiros tempos, quando o tiraram dela e deles, senão somente ver que lhe faltavam as forças, vacilava a memória e de todo se sentia inútil pera bem servir.

Que se nas Universidades qualquer catredático tinha aução pera ficar aposentado e não trabalhar mais, só com vinte anos de leitura, nos quais logravam meses de férias, e muitos dias de folga e repouso, quem havia vinte dous anos (e passava deles) que aturava o trabalho sem dia de descanso, nem ainda hora que pudesse chamar sua, bem merecia, como escravo velho, alforria, ou como soldado veterano

e de bons serviços, isenção da milícia, e que sequer ao pôr do sol da vida vivesse alguns poucos dias para si, pois todos os que eram passados, e a idade mais florida, vivera pera outrem.

Que a troco de tamanho bem faria a renúnciação, não como jubilado de escolas que fica com renda e sem obrigação, mas livremente e sem reserva nenhũa, porque de Braga não queria mais que ver-se algũa hora livre dela.

Ouviu el-Rei ao Arcebispo com atenção e, ou fosse que de suas razões se viu convencido, ou que houvesse por boa ventura cair-lhe nas mãos ãa prebenda tão grossa e pouco esperada, pera com ela ganhar amigos, ou pagar algũa obrigação no Reino de novo aquirido, em fim, lhe respondeu que consintia na renúnciação assi como pedia.

Quando o Arcebispo ouviu ãa palavra tantos anos procurada, e tantas vezes negada, cheio de ãa extraordinária alegria, pediu a mão a Sua Majestade, em reconhecimento da mercê que lhe fazia, para lha beijar.

Tornou pera casa com outro ânimo e outro alento. Tresbordava-lhe o contentamento da alma polo sembrante e polos olhos, de maneira que lho enxergaram todos os de casa, que não foi pequena maravilha pera eles mudança no rosto do Arcebispo, e mudança pera alegria. E sem perguntarem pola causa, foram logo inteirados dela, vendo entrar polas portas notários apostólicos e, com grande mágoa de seus ânimos, ouvindo da boca do Arcebispo que renunciava em mãos de Sua Majestade a prelacia.

Instou o Arcebispo que se tirassem logo estormentos em pública-forma, com todas as solenidades ordinárias, e advirtiu os secretários que fossem cartas d'el-Rei pera o Papa com todos os maiores encarecimentos, porque não houvesse cousa que dificultasse o despacho em Roma. E entregou-lhes procurações e cartas pera em seu nome se fazer lá também renúnciação em mãos de Sua Santidade. E no mesmo dia que acabou de as assinar se saiu de Tomar.

## CAPÍTULO XVIII

*Torna o Arcebispo pera sua diocesi. Chega a nova  
de sua renúnciação a Roma.  
Dá-se conta do que passou sobre ela no consistório.  
Aceita-a o Papa.*

Caminhava o Arcebispo alegre e desabafado em seu ânimo, polo que deixava concluído a cabo de tantos anos de longos e trabalhados requerimentos. Só lhe toldava de quando em quando aquele céu aberto e claro, que já começava a gozar, de sua liberdade, um receio: se aceitaria o Papa a renúnciação, visto ter-lha enfeitado outras vezes.

Também lhe dava cuidado, quando olhava pera seus criados, ver no semblante de todos ũa escura nuvem de malencolia que, como os amava muito e sabia que na mesma moeda lhe pagavam, não podia deixar de sentir vê-los descontentes.

Consolava-os repetindo as razões que muitas vezes lhe tinham ouvido pera desejar e efetuar o que agora viam começado, e as que eles tinham de lhe não darem pena com se mostrarem sintidos da mercê que Deus lhe fazia; que, se com o bem e gosto de quem como a filhos lhes queria, se entristeciam, julgaria que só de si eram amigos e que lhe pagavam mal; que era velho e, quando menos cuidassem, lhes acabaria entre as mãos, e não era razão estorvarem-lhe buscar com tempo sua quietação e aparelhar-se pera a hora da conta que tinha perto, cousa em que somente consistia a perda ou ganho, o mal ou bem do cristão; e por tanto lhes pedia que alegremente o acompanhassem e todos se

apercebessem pera, quando Deus lhe trouxesse de Roma o bom despacho que esperava, lho ajudarem a festejar com gosto e contentamento, que este seria officio de verdadeiros filhos e de bons amigos.

Com tudo não bastava nada pera lhes levantar os ânimos. Assi, caminhavam aborridos e desconsolados, por mais que se procuravam fingir, como se levaram o Arcebispo pera a sepultura. E é de saber que, de quantos eram, nenhum havia que deixasse de estar já acomodado polo Arcebispo, de maneira que todos tinham bastantemente com que passar a vida sem depender de ninguém, o dia que lhes faltasse sua companhia. Donde se vê que sua tristeza era nacida de afeição verdadeira, sem mistura de interesse nem amor próprio e, se não faziam maiores demonstrações, era a causa que de muito longe traziam bebido em receios o que agora com efeito sintiam.

Tanto que o Arcebispo entrou em terras de sua Igreja começou a visitar, porque não ficava desobrigado da administração, nem as rendas deixavam de correr por ele, até lhe constar ser aceita sua renúncia polo Papa e, juntamente, serem-lhe intimadas as letras do sucessor. E foi fazendo seu officio com o mesmo estilo de pregações, e esmoias, e todo o mais trabalho, e feitos que era costumado.

Acho escrito que não entrou na cidade de Braga e que se deixou andar por fora todo o tempo que tardou a reposta de Roma. Mas parece-me dura cousa de crer, se não foi cuidar que seria a tardança breve, ou não se atrever a ver e ouvir de perto as lágrimas e clamores dos pobres, que de longe se deixaram depois ouvir e sentir.

Entretanto chegaram a Roma os papéis do Arcebispo que, sendo apresentados a Sua Santidade e lidos em consistorio, com ãa carta d'el-Rei, em que largamente recontava as razões que tivera pera consentir na renúncia e as que Sua Santidade tinha pera a aceitar, e no cabo pedia e encarrecia a consolação do Arcebispo, vista a instância e causas com que a requeria e tomar por intercessor a Sua Majestade que desejava fazer-lhe em tudo favor, por suas grandes qualidades.

Afirma-se que foi ouvida esta carta com notável sentimento de todos os cardeais que se acharam presentes, porque não era das cartas de favor ordinárias, e a nota dela dava indícios que não desprazia a el-Rei a renunciação. Que, se não intervieria significação mui declarada da vontade de Sua Majestade, de mui pouco efeito fora a do Arcebispo, que já era notória a todos.

É cousa certa que disse um cardeal em voz alta:

— Beatíssimo Padre, não se deve admitir tal renunciação. Esse prelado é tocha acesa do mundo, espelho de virtude, defensor da imunidade da Igreja, zelador da reformação eclesiástica, pai dos pobres, emparo de viúvas, órfãos e necessitados. E isto não é alcançado por relações de longe. Eu, Beatíssimo Padre, sou de tudo testemunha de vista, que o vi, e conheci, e tratei no Concílio, onde fez maravilhas, de que também são testemunhas muitos dos que aqui estão. Se é velho, dê-se-lhe coadjutor.

Deste parecer foram mais alguns cardeais, mas o Papa mandou que toda via se aceitasse a renunciação, lembrado de muitas cartas e importunos rogos com que o Arcebispo em tempos atrás lha tinha oferecido.

Fez-se a cerimónia da renunciação em consistório público pelo Doutor Francisco de Faria, que nesta conjunção servia a el-Rei de secretário da embaixada pola Coroa de Portugal.

Era Francisco de Faria um dos particulares e antigos amigos do Arcebispo, criado no serviço de sua relação de muitos anos, e por tal lhe mandou o Arcebispo sua procuração pera este auto, com ãa carta em que lhe dava conta de suas determinações e das causas delas e, juntamente, lhe pedia que, tanto que a renunciação fosse aceita e por ele assinada, lhe visitasse as igrejas dos príncipes dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo e, em seu nome, se despedisse deles.

Cumpriu o Doutor Francisco de Faria puntualmente o mandato do Arcebispo, porque no mesmo dia que fez a renunciação, em acabando de a assinar, se foi visitar as igrejas dos santos Apóstolos. Mas desd'a mesma hora, lhe caiu na alma tal dor e tristeza de puro zelo do bem público de toda



a província bracarense que, no mesmo dia, foi salteado de ãa grave doença que em breve termo o passou a melhor vida.

Sobre a contia de frutos que o Arcebispo havia de gozar em sua vida houve assaz diferenças, tanto mais pias quanto maiores. Porque ele não queria nada e, quando o apertavam que todavia aceitasse algũa cousa, pois tanto tempo trilhara e trabalhara naquela eira do Senhor, contentava-se com ãa curta porção, quanto bastasse pera, no convento de Viana, onde pretendia descansar, lhe darem de comer, e apontava em sessenta mil réis, dizendo que tomava tanto, porque o convento havia de ter trabalho e despesa em o curar, que era o mais certo na idade em que estava.

Mas não se teve respeito a contas tão humildes, senão ao que era devido aos merecimentos e autoridade de sua pessoa, e fizeram-lhe força que aceitasse quatrocentos mil réis de pensão; e com menos não quis o Papa que se despachassem as letras do sucessor.

## CAPÍTULO XIX

*Chegam cartas e recado ao Arcebispo  
de lhe ser aceita a renúncia em Roma;  
despede-se do arcebispado e parte para Viana.*

Era no mês de Fevereiro do ano de oitenta e dous e andava o Arcebispo nas terras de Tra-los-Montes visitando; e actualmente estava em officio de visitação dentro em ãa igreja, com mesa e escrivão diante de si, quando lhe chegou um correio com cartas do seu agente de Roma, polas quais lhe fazia a saber como Sua Santidade lhe tinha aceita a renúncia.

Não quis mais ler o santo velho, larga as cartas, põe os joelhos em terra e, levantando as mãos ao Céu, deu graças ao Senhor pola mercê de lhe deixar ver arrematado um negócio que, por muito desejado, inda temia; e naquela hora ficava livre de sobressaltos.

Logo levantou mão do que fazia e de todo o mais negócio e occupação de prelado e, como quem se havia já por hóspede e em casa alheia, mandou fazer prestes pera se partir.

Entretanto chegou um notário apostólico que lhe acabou de perfeioar o gosto com que se aviava, porque lhe intimou um breve polo qual parecia que Sua Santidade aceitara a renúncia que ele, Arcebispo, por seu procurador lhe fizera em Roma, da sua Igreja de Braga, e tinha nomeado e confirmado neia novo prelado.

Este notário foi mandado polo sucessor pera efeito do nosso Arcebispo desisitir da posse em que estava e do officio que ia fazendo.

Despedido o notário, deram-lhe recado que estava tudo a ponto para poder caminhar quando quisesse. Tornou então à igreja e fez oração no meio dela, tão alegre e contente no semblante que dava certos penhores do que lhe passava na alma, bem ao revés do que se via em sua família, que eram lágrimas vivas em muitos e uma profunda malencolia em todos.

Acabada a oração, levantou a voz e, como quem se despedia naquela igreja de todas as do arcebispado, disse com amoroso afeito:

— Ficai-vos muito nas boas horas, minha muito amada, primeira e derradeira esposa, Igreja bracarense, honra das Espanhas, cabeça e primaz delas, fundada pelo grande filho do trovão, Santiago, muito amada e querida de mim, mas servida com infinitas imperfeições.

Ficai-vos embora minha formosa Igreja, meus primeiros e últimos amores, a que eu não correspondi, como era obrigado, posto que muito o desejei e, em quanto pude, o procurei. Perdoai-me, se me aparto de vós com alegria e júbilo d'alma que, como sempre me houve por indigno de ocupar uma cadeira em que tantos e tão grandes santos se assentaram, é razão que aceite com gosto ver-me livre da grande vergonha e pavor em que sempre vivi, olhando para sua santidade e para meus grandes pecados.

Não me levam de vós amores novos, nem deixo de vos servir por buscar outra, ou amar outra mais que a vós, senão porque desejo que venha quem supra meus defeitos, emende minhas faltas e tenha partes, para vos saber merecer, que em mim nunca houve.

E pois me sofrestes tanto tempo, tal qual sou, não poderei deixar de vos querer sempre muito e encomendar-vos muito a Deus. Em quanto nestes membros velhos e cansados durar espírito de vida, sempre em minhas orações e sacrifícios pedirei ao Senhor que nas necessidades vos acuda com socorro e nos bens espirituais com grande aumento.

Acompanharam os amigos e familiares estas últimas razões com tantos suspiros, lágrimas e soluços, que o povo que concorreu à despedida, que se tinha divulgado, como

mais fácil de mover e conhecido do bem que perdia, arre-  
bentou em pranto formado.

Novo género de triunfo: um capitão que canta vitória  
cercado de exército que a chora; capitão alegre entre sol-  
dados tristes.

Levantou-se o Arcebispo e, lançando a toda a igreja ãa  
grande benção, fez última despedida com ãa profunda incli-  
nação.

Saído da igreja e ficando só com os seus, começou a des-  
pedir-se deles e despedi-los, mas não houve nenhum que  
em tal consintisse e, por muito que trabalhou e instou, dese-  
jando ver-se só e caminhar a uso de pobre frade, não acabou  
nada. Por que o amor e respeito que lhe tinham não dava  
lugar a obedecerem em cousa tão desarrezoada.

Todos o foram seguindo e acompanhando até a vila de  
Viana, pera onde partiram no mesmo dia que lhe chegou  
o aviso de Roma, que foi aos 20 de Fevereiro de 1582.

## CAPÍTULO XX

*Chega o Arcebispo a Viana; despede os seus.  
Recolhe-se no seu mosteiro de Santa Cruz.*

Caminhava o Arcebispo a grandes jornadas, ardendo em desejos de se ver já abraçado com a sua antiga e mansa pobreza, forro de todo cuidado e entregue somente aos de sua salvação. E parecia-lhe o caminho tão comprido, que se lhe cubria o coração com ânsias e, afligido, repetia muitas vezes: *Quis dabit mihi pennas sicut columbae? Volabo et requiescam*<sup>1</sup>, como desejando a ligeireza de ãa pomba pera, de um vôo e sem bater asa, acabar a jornada e começar a descansar.

Noutro tempo, quando andava visitando, se lhe diziam que havia muitas léguas ao lugar pera onde caminhava, todos se enfadavam, ele só folgava, e muito mais, se acertava a saber que as léguas eram grandes, porque sua deleitação era caminho que levasse muito tempo, e sempre lhe parecia breve, por longo que fosse. Agora, vencido do gosto que levava pera se esconder e fogir ao mundo, cada légua julgava por outro tanto como toda a jornada de Trento.

A razão que então o movia era porque só nas horas que durava o caminho descansava dos negócios temporais, e se entregava todo a tratar com Deus em santas meditações. A que agora o fazia apressar, fácil fica de entender.

---

<sup>1</sup> Sl., 54, 7.

Todos os companheiros arreceavam chegar a Viana, e ele só por acabar de a ver se finava. Algũas vezes, embebido no gosto que esperava gozar naquela santa quietação do seu mosteiro, não se fartava de dar graças a Deus, dizendo a cada passo com David:

— *Benedictus Deus, qui non amovit orationem meam et misericordiam suam a me* <sup>2</sup> («Bem dito seja o Senhor que nem lançou de Si meu rogo, nem de Si Sua misericórdia»).

Em fim, como levava tanta pressa, brevemente se acharam às portas do convento de Santa Cruz de Viana. Aqui creceu a dor dos companheiros, e o alvoroço do Arcebispo, a passos iguais. Foi-se à igreja e entrando polo coro disse com grande espírito:

— *Haec requies mea in saeculum saeculi, hic habitabo quoniam elegi eam* <sup>3</sup>.

Querendo significar o que bem à risca cumpria: que ali descansaria e faria morada perpétua. E foi-se lançar em oração diante do Santíssimo Sacramento.

Acudiu logo o prior com todos os religiosos a recebê-lo e beijar-lhe a mão; e ele, ao contrário, fazendo sua vênia ao prior, como humilde súbdito a seu prelado, lhe pediu a benção, e abraçou a todos os religiosos um por um, e dizia:

— *Fratres mei carissimi et desideratissimi, gaudium meum et corona mea* <sup>4</sup>. Meus irmãos muito amados, sempre tive grandes desejos de viver entre vós, porque sois meu contentamento e minha glória. Peço-vos por caridade que me queirais aceitar em vossa companhia, e por esmola me deis um canto deste convento pera me recolher. E sobre tudo desejo que vos não escandalizeis, se me achardes distraído, que apostado venho, com o favor divino, a refazer, em vossa companhia e aproveitando-me de vosso exemplo, tudo o que deixei perder da boa criação que nesta santa Ordem tive.

Apartou-se então e tornou-se aos de sua companhia, que eram mais gente da que ordinariamente levava nas visita-

---

<sup>2</sup> Sl., 65, 20

<sup>3</sup> Sl., 131, 14.

<sup>4</sup> Fil., 4, 1 .

ções. Eram alguns desembargadores, e cônegos, e outros prebendados. Uns que o foram acompanhando às Cortes de Tomar e, como viram a renúncia que fez, e entendiam que muito brevemente chegaria recado de Roma que os dividisse dele, houveram por crueza deixarem-no antes. Outros, sabendo o que passava, o tinham vindo visitar de várias partes, e pela mesma razão determinaram segui-lo até o fim.

Estando todos juntos, dizem que lhes falou desta maneira:

— Amados irmãos e filhos da minha alma, é chegado o prazo que Deus foi servido dar a meus trabalhos, trazendo-me a esta casa; também é razão que descanséis vós dos muitos que aos mais de vós fiz cursar por serras e ermos, por chuvas, e neves, e tempestades. Tempo é que eu e vós demos a Deus o que da vida nos resta, sem entendermos cada um mais que com nossas almas. Cuidado bem-aventurado e cheio de muitos proveitos fazer contas com a vida, desenganar com o mundo, que, em fim, não sabemos o dia nem a hora.

De vós bem sei que o haveis de fazer melhor do que vo-lo encomendo. Tais vos conheci sempre em minha companhia, assi me edificastes com vossa virtude e exemplo. Mas que direi de mim que, se houver de falar verdade, confesso que nem vivi entre vós com aquela inteireza que devia, nem no exemplo de bom prelado, nem na edificação de religioso; antes por ventura vos escandalizei muitas vezes como defectuoso e miserável em obras e palavras. Pelo que vos peço, pelas chagas de Nosso Senhor Jesu Cristo, me perdoeis e, em vossos sacrifícios e orações, me encomendeis ao Pai Celestial que seja servido me saiba aproveitar, nos poucos dias que me ficam de vida, desta grande misericórdia que comigo usou e faça dignos frutos de penitência.

Vida nova determino fazer. Tarde é, que se nos vai cercando o dia; mas nunca é tarde para um pecador tornar sobre si. Que diante de Deus já está fora de culpa quem de verdade lhe pesa dela. Ide embora, meus bons amigos. Vivei alegres e descansados, e crede que me ficais todos dentro no íntimo da alma; e que, em quanto viver, me não poderei esquecer de vós em minhas pobres orações. Isto mesmo vos

peço que digais a todos os que criei e conversei, quando os encontrardes, e este mesmo perdão lhe pedi de minha parte. I-vos embora e a benção de meu Senhor Jesu Cristo seja sempre em vossas almas. Amen.

Responderam todos juntamente a estas palavras, não com outras, porque nem a dor soltava as línguas pera fazerem seu officio, nem o muito que cada um sentia achava linguagem pera o significar. Em lugar de palavras, respondiam os corações com suspiros que deles saudosamente arrancavam, e os olhos com lágrimas.

E debruçando-se todos a seus pés pera lhos beijarem, um velho, como em nome de todos, levantando ãa voz rouca, disse assi:

— Se a dor que nossas almas nesta despedida sentem fora capaz de conselho, bastante consolação tínhamos em ver como vemos a Vossa Senhoria consolado e contente. Mas como perdemos tudo o que na vida tínhamos de bem, que era sua companhia santa, não é culpa chorarmos com lágrimas sem remédio, que pouco sente quem admite razão.

Vós, Senhor, alcançastes o que desejáveis como santo; nós perdemos o que mais estimávamos como pecadores. A vós premiou Deus como pai brando, a nós castigou como juiz riguroso. Ora pois Ele assi foi servido, em Sua divina bondade esperamos que nem a vós negará logrardes muitos anos este fruto de vossos grandes merecimentos, nem a nós alcançardes dele, com as lembranças e orações que nos prometeis, que cubra e empare com Suas misericórdias aos que assi quis deixar órfãs e sem vós *in hac lachrimarum valle*.

Não pôde o Arcebispo dissimular o que lhe custava a desconsolação de tão bons amigos. E porque o lugar em que estava lhe não consentia tristeza, apressou a despedida e, lançando-lhes a benção, tornou pera os religiosos, que cheios de prazer o esperavam.



## CAPÍTULO XXI

*Da vida que o Arcebispo fazia depois de recolhido  
no seu convento de Viana.*

Tudo o que temos pera dizer no capítulo presente pudéramos cifrar em poucas palavras, que não tornaram em menos louvor deste servo de Deus do que podem fazer as razões dilatadas. Mas pera consolação de seus devotos faremos ãa cousa e outra.

A cifra é que quem quiser saber a vida que o Arcebispo fazia, depois que se achou entre os seus frades em Viana, ponha de parte o título de arcebispo e debuxe à sua vontade um religioso observantíssimo; e qual for a vida que a este der, tal assente que era a do Arcebispo. E quem quiser fazer a conta mais abreviada torne a ler o que temos escrito de como vivia súbdito, em Lisboa ou na Batalha, e haja que tem alcançado toda a ordem de vida que agora começou, só com esta diferença, que então era moço e robusto, e agora velho, e fraco, e em idade de sessenta e sete anos.

Mostrou o santo velho, em entrando, que vinha com ânimo de se aventajar a si mesmo, e ao tempo mais florido.

A primeira cousa por onde começou foi desafiar-se juntamente com todos os rigores e obrigações da regular observância, guardando-as tão pontualmente como se fora um frade raso de inteira e firme disposição, que viera assinado pera aquele convento, e muito desejoso de agradar ao prelado com vida e exemplo.

Assi, acudia ao coro a todas as horas canónicas, assi, andava apontado nas inclinações e nas pausas e pontos, ao rezar dos psalmos; e tão solícito era em se conformar com todos nos jejuns, silêncio, recolhimento, trato de sua pessoa, e em todas as mais cerimónias da Ordem, como se então acabara de sair de casa de noviços com opinião do mais reformado dela.

Pedia com muita instância ao prelado e aos mais religiosos que, se lhe queriam dar gosto, o tratassem em tudo e o mandassem, como se agora entrara de novo na Ordem e começara seu noviciado, sem lembrança nem respeito da dignidade passada.

Por nenhum modo consintia se usassem com ele particularidades nem dispensações; e desconsolava-se muito se o prelado o queria aliviar nos rigores da constituição, dizendo e provando com razões que a dignidade que tivera fora ãa cousa que se acrecentara e não sucedera ao estado monástico que professara. Pelo que na hora que sua renúnciação fora pelo Papa aceita, e ele assolto do arcebispado, ficara puro frade, com todas as obrigações de sua profissão, como sempre o fora, e desde essa hora não havia mais nele que Frei Bertolameu dos Mártires, o qual Frei Bertolameu estava obrigado a continuar com suas comunidades, e com toda a guarda da regra e constituições, como se nunca fora arcebispo, e somente andara alguns dias ausente com licença.

Fundado nesta razão, não sofria que na mesa lhe pusessem cousa algũa em particular; e se acaso lha punham, em notando que não corria a mesma por toda a comunidade, logo a apartava de si; e o mesmo fazia a qualquer mimo que o prelado lhe mandava. E não bastava fazer-lhe lembrança que a santa obediência lho mandava, porque contra esta força, sendo em tudo o mais obedientíssimo, tinha armas prestes e fortes a toda prova, quais eram alegar que era immediato ao Papa, e isento de toda outra jurdição. De sorte que pera tudo o que era penal e trabalhoso se havia por frade súbdito, e muito sojeito à obediência; mas se a mesma obediência tocava em cousa de alívio ou comodidade sua, então declinava jurdição.

Assi velho e doente, usou sempre túnicas de estamenha, nem houve nunca quem pudesse acabar com ele que ao menos admitisse ãas de estopa grossa ou canhamaço.

E foi cousa de notar que, tendo o Prior notícia que as túnicas com que ali entrara eram velhas e rotas, e (o que mais nos deve confundir) por sua própria mão remendadas, e não podendo descobrir estamenha pera o prover doutras, tomou por meio pedir-lhe que só em quanto a mandava buscar a outro lugar, quisesse vestir ãa mais grosseira e mais áspera que de estamenha, feita do que a gente do monte chama tomentos, que é a última escória do linho. Como entendeu que não era de lã, respondeu que com as que tinha poderia passar até se achar estamenha, e não bastou nenhum rogo pera a aceitar.

Nem as de lã, pera mais se mortificar, mudava a miúde. E aconteceu um dia tratar com aspereza a Frutuoso Fernandes, que só de todos seus criados deixou consigo, porque ãa manhã lhe dava ãa túnica lavada, mais cedo, a seu parecer, do que costumava mudar-se. Agastou-se e disse-lhe:

— Que é isto, irmão? Mimos à carne? Quereis-me regalar? Não sabeis vós que tenho escrito a quantos do mês vesti a que trago?

E mandou-lhe que a guardasse.

Dizem os que fizeram lembrança desta santa indignação que, por fraqueza que já sentia na memória, apontava os dias da túnica lavada, temendo-se da caridade do criado. E eu cuido que a razão era por ser costumado a meter tantos dias em meio de ãa à outra, que, ainda pera boas memórias, ficava o enleo fácil; que este género de mortificação é mui odioso à natureza, que, por se livrar dele com o nome enganoso de limpeza, tem persuadido e vai introduzindo mimosas dispensações que são pouco menos de claustralidades. Porque a cláusula da constituição que diz *Lineis ad carnem non utantur*<sup>1</sup> não admite explicações metafísicas. Bem sabia declarar-se quem fez a lei.

---

<sup>1</sup> List., 1, *de vect.*, cap. 10.

Também entendia de limpeza, e ninguém era melhor letrado que o Arcebispo; e por isso nem usava linho, nem queria mudar a estamemha a miúde; antes, pera se mortificar com esse asco que faz ãa túnica no corpo muitos dias trazida, a deixava andar tantos arréo, que vinha a perder a conta deles, e era necessário valer-se de papel e tinta pera ajudar a memória.

Trazia o Arcebispo impressa na memória a sentença do Senhor que diz: *Si quis venit ad me et odit patrem suum et matrem suam, adhuc et animam suam, non potest meus esse discipulus*<sup>2</sup>. E quanto fazia de penitência e em persiguição da carne, tudo lhe parecia pouco. Se algum dia, por razão do tempo, havia estreiteza de provimento no refeitório, assi se alegrava, polo que lhe tocava, que de todos era entendido. E é de notar que, por fraco que fosse o jantar, nunca perdeu o costume antigo de partir ao justo pola metade com os pobres tudo quanto lhe punham diante, pão, vinho, carne, peixe e tudo o que mais fosse. E se acertava de ver abundância na mesa, por ser dia de festa, ou porque por seu respeito dava o Prior algũa pitança extraordinária, o que às vezes fazia, cubria-se-lhe o rosto de malencolia, sintindo haver de comer mais do seu ordinário por razão da comunidade.

Õa sesta-feira de Endoenças, que foi a primeira depois que tornou pera a Ordem, entrando polo refeitório, como não viu mais que pão e água, e uns talos de funcho pera toda a comunidade, segundo é costume da Religião neste dia, foi tamanho seu prazer que nunca comeu de melhor ar, nem mais bem assombrado.

Ao contrário lhe aconteceu ãa véspera de S. João. Estava a comunidade no poio, junta pera entrar no refeitório, chegou ele e, cheio do seu espírito:

— Padres meus — disse —, considerem Vossas Reverências que celebramos hoje a vigília de um santo tão abstinente que o seu mantimento *erant locustae*.

Como usou do termo latino, acudiu o Prior e, jugando do vocábulo, disse que bem estavam logo. porque parte do

---

<sup>2</sup> Lc., 14, 26.

jantar haviam de ser locustas. E dizia-o por ùa lagosta que lhe viera de fora.

— Não sejam elas do mar — replicou o Arcebispo.

Assentados à mesa, achou a lagosta diante de si e foi tamanho o sentimento que teve que não somente a afastou sem a provar, afligindo-se, e dando muitos suspiros, mas nem tocou cousa algũa de quantas vieram à mesa, mandando guardar tudo pera os pobres. E como saíram pera fora, fez queixa ao prelado de lhe fazer mimos, principalmente sendo o dia de jejum, e de um Santo que espantou o mundo com penitência.

## CAPÍTULO XXII

*Dos litígios que houve sobre a parte  
que o Arcebispo tinha vencido de suas rendas;  
e do que ele sobre isso fez e disse.*

Tardou a resposta de Roma sobre a aceitação da renúncia do Arcebispo quasi um ano, como atrás vimos. Ele entretanto foi trabalhando e visitando sem descansar, e ia merecendo e vencendo inteiramente suas rendas, como era razão, pois trabalhava. E não havia quem duvidasse dever-se-lhe em rigor tudo o que servira e vencera *pro rata*, desde o dia que o Papa lhe aceitou a renúncia, até o em que lhe foram intimadas as letras do sucessor, com tanta justiça como o merecia até o dia da renúncia, visto como nunca deixou de ser arcebispo, senão do dia da intimação das letras apostólicas em diante, e para esse efeito se lhe intimaram. Mas o sucessor e quem o aconselhava faziam diferente conta.

Primeiro, começaram pôr dificuldades na liquidação do que se montava; depois, armaram-se dúvidas sobre o direito da conta liquidada, se lhe pertencia ou não; em fim, tornou-se em sangue a fazenda alheia, como é costume, que este é o perigo a que se põe quem do que não é seu se faz injusto senhor; e buscaram-se razões para a negar, e sobejaram textos para a defender.

Tinha o Arcebispo aplicado metade de tudo para as obras do seu convento, e outra para repartir entre pobres. Vendo os religiosos que não havia outro remédio, valeram-se do meio da justiça, requerendo por demanda o que lhes

tocava. Mas foi pera o santo velho novo género de mortificação andar seu nome por auditórios, e fazer litígios por tão pouca cousa quem com muito gosto acabava de enjeitar tantos contos de renda.

Era seu parecer que se perdesse antes tudo; e em fim, por atalhar demandas e não perder o convento a sua parte, escreveu a el-Rei ãa carta mui ponderada, em que lhe dava conta de toda a matéria e, em resolução, lhe pedia que mandasse ao Arcebispo seu sucessor possesse a contenda em parecer de juizes árbitros que, sem estrépito nem figura de juízo, a definissem, e do que sentenciassem não houvesse apelação nem agravo.

Mostrou el-Rei descontentamento do termo que o novo Arcebispo usava e, estranhando-o, lhe escreveu que se conformasse com seu antecessor e fenecessem a causa por compromisso.

Com tudo furtava o corpo metendo tempo em meio, e não acabava de se determinar. E foi necessário vir segunda e terceira carta de Sua Majestade, e mandar-lhe na última que, não aceitando logo com efeito o louvamento, fosse à Corte dar-lhe pessoalmente conta das cousas que pera isso tinha.

Então não houve mais lugar de dilação. Comprometeram-se; deu-se sentença. Mas aconteceu nela o que disse um antigo, em caso não muito diferente, que todo homem faz mais festa ao sol que nace que ao que se vai pondo. Foi juízo como de olhos fechados e sem mais consideração que de agradar ao que tinham por sol nascente; alvidraram ao santo velho um curto estipêndio, como se fora um pobre visitador mercenário e de pouca importância. Sentença assaz estranhada de homens doutos e curiais. Mas ele não consintiu que se falasse mais palavra. Repartiu o que lhe deram, como o tinha aplicado, entre o convento e os seus pobres. E o successo mostrou quanto se enganam os juízos dos homens, caindo brevemente no ocaso da morte o que julgaram por sol nascente, e ficando vivo e em pé o que trataram como sepultado.

Como este litígio teve as interpretações que referimos e foi mui dilatado por causa delas, faltava ao Arcebispo com que acudir ao convento e aos pobres, porque também tardavam de Roma as letras da pensão. E aconteceu perguntar um religioso, como por graça, ao Arcebispo, donde esperava dar esmolas e pagar a quem o servia, em caso que os juizes sentenciassem contra ele. Foi espantosa a confiança e o espírito com que respondeu, dizendo (palavras formais):

— Calai, Padre, calai, por amor de Deus, que vos afirmo de verdade que então me haverei polo mais ditoso homem que hoje vive. E cuidarei que é Deus meu amigo, quando permitir chegar eu a tempo que não tenha de meu senão o que pedir polas portas dos fiéis cristãos ou polas portarias dos mosteiros, e dizendo missas pera me sustentar, como pobre sacerdote. Quanto mais que estou confiado que os meus clérigos, que eu criei, me acudirão de boa vontade. Porque não dei igrejas nem benefícios senão a tais pessoas que por certo tinha partiriam dos frutos delas com os pobres de Cristo, quanto mais comigo, a quem sempre tiveram muito amor, e sabiam que lho tinha eu, por entender serem eles estes. Mas certo estou que nada disto me seria necessário em quanto aí houvesse mosteiros da nossa Ordem, que neles nunca pera comigo faltaria misericórdia.

Assi dizia o santo velho, e não se enganava na opinião que tinha da gente que criou, porque tal era a afeição que na memória de todos reinava pera com seu bom pastor, que nenhum houvera que deixara de se desentranhar polo servir, se ocasião se oferecera.

E é bastante argumento desta verdade que, depois de vinte e mais anos de seu falecimento, entrando religiosos de S. Domingos por casa de alguns eclesiásticos destes, eram com estranha devação recebidos e festejados, venerando todos naquele hábito a memória de seu antigo prelado, cujo amor fazia em seus olhos airosa e agradecida a nossa pobre estamemha e sarja.

Mas isto a meu ver é mais força da virtude do Arcebispo que não de amor nem agradecimento natural dos homens;



porque o que dizemos dos eclesiásticos, a quem criou e deu vida e honra (e por isso deve espantar menos) passa igualmente em todos os naturais do arcebispado, seculares, nobres e plebeios, e até nos mais rústicos, porque assi têm esculpida nos corações sua memória, que todos os que dele alcançaram vista ou notícia, em vendo um hábito de S. Domingos, testemunham com sinais de alegria a lembrança, e com suspiros a saudade, de tão santo pastor.

## CAPÍTULO XXIII

*Da continuação com que o Arcebispo pregava,  
depois de recolhido em Viana.*

Pelo mesmo caso que o Arcebispo comia rendas do arcebispado, que ele chamava sempre pão de pobres, havia que estava obrigado a trabalhar, e merecê-lo trabalhando. E era tão agudo em considerar suas obrigações que nem se havia por livre delas com sessenta e seis anos de idade e muitas indisposições corporais, nem queria usar do favor maior de Sua Santidade, com que largamente estava dispensado de todas. Fazia conta que as dispensações se concedem onde há necessidade e causa legítima e que, onde esta falta, não há dispensação.

Oh, pobres de nós! Se isto assi passa, quantas dispensações se logram hoje com muita quietação, que pouco ou nada têm de verdadeiras; e se me não querem crer, leiam-me, os que com elas vivem muito satisfeitos, o prólogo, por onde começam as suas. As mais dizem que vista tal e tal razão (e nunca tal razão houve, se não é imaginada ou, quando muito, algũas sombras dela), outras *si ita est*. É matéria larga, tornemos ao ponto.

Havia o Arcebispo que não se jubilava na obrigação de servir os próximos, em quanto havia forças e que, pois vençia e levava pensão, e podia andar em pé, inda que cercado de indisposições, estava obrigado a servir.

Assi, começou a continuar o officio de pregação polos lugarchinhos do redor de Viana, como se saíra estudante moço e

fresco do colégio e começara então a fazer exercício do púlpito e desbastar-se. E não passava domingo nem festa que deixasse de ir a fã e mais léguas de distância.

Era de ver aquela famosa trombeta do Concílio Tridentino, que com tanta glória soou por todas as regiões da terra, de cuja boca pendia todo aquele senado gravíssimo da Cristandade, como de um oráculo, andar entre aqueles pobrezi-nhos e rudes, insinuando-lhes o A, B, C, da doutrina cristã com tanta paciência e humildade, como se nunca se levantara mais seu cabedal.

A ordem que seguia, quando havia de pregar, era esta: madrugava às três da manhã, vinha-se ao coro, rezava todas as horas canônicas, e depois ficava em oração até que lhe pareciam horas de dizer missa. Daí saía a dizê-la, e fazia que a ouvissem dous familiares seus, que o haviam d'acompanhar, e caminhava. Se chegava à igreja antes de começada a missa, como acontecia muitas vezes, pregava logo e, acabando, tornava-se, sem mais esperar, pera o seu mosteiro. E não se esquecia de declarar aos ouvintes, por se não escandalizarem da pressa com que fazia volta, que ele e os companheiros traziam já missa ouvida.

Se era começada a missa, pregava a suas horas, mas, acabada a pregação, na mesma hora, se tornava a jantar ao convento, por muito tarde que fosse. Porque depois que foi Arcebispo nunca comeu em casa nem mesa secular, e por estes lugares pequenos, como procurava dar doutrina, não queria ser ocasião de pejo ou competência aos moradores. E pera que os seus fossem tão sofridos como ele e não pedissem nada fora de casa, mandava-os comer antes de sair do convento.

Se algum dia, por aspereza de tempo ou por outros res- peitos, lhe tolhia o prelado ir a esta obrigação, abaixava com humildade a cabeça como obediente, mas declarava que estava pronto e aparelhado pera ir, e não sentia de sua parte inconveniente, e que descarregava sua consciência. E com tudo logo lhe notavam que esse dia, ou não comia ou, se alguma cousa tocava, era enfastiadamente e sospirando,

e com ãa interior desconsolação que lhe causava o escrúpulo de lhe parecer que comia ociosamente o pão dos pobres.

Aconteceu ir um dia pregar longe; tornou tarde, e moído, e afadigado do caminho. Entrou no refeitório, começou a jantar. Eis que tangem a vésperas; no mesmo ponto deixa mesa e comer, e caminhou pera o coro. Chegaram-se alguns padres a ele, pediram-lhe com caridade que tornasse a acabar de jantar, e descansar do trabalho da pregação e do caminho. Não no puderam acabar com ele e respondeu com palavras formais:

— Isso fora, Padres meus, quando eu fizera esse ministério, como verdadeiro filho de São Domingos, indo pregar apostolicamente a pé. Mas eu, como frio e sem espírito, fui bestialmente, quero dizer, a cavalo.

Outra vez, foi pregar à igreja de Santa Maria de Vinha. Passado um pedaço de caminho, o macho em que ia começou a desassossegar-se de maneira que o velho correu risco de ãa terrível queda e, com muito trabalho, o apearam, e deixou o macho; mas não deixou por isso o caminho. Continuou por diante e foi-se até à igreja a pé, e a pé tornou pera casa. E nunca o viram jantar com mais gosto, porque fora pregar à imitação dos Apóstolos, e de nosso Padre São Domingos, e dos nossos religiosos antigos.

Este exercício da pregação aturou quasi quatro anos contínuos, até que o vieram carregando achaques da velhice, e indisposições multiplicadas que o inabilitaram de todo pera o trabalho. Então o aposentaram com grande mágoa sua e não menos de seus ouvintes, em quem fazia muito proveito sua doutrina.

## CAPÍTULO XXIV

### *De alguns particulares exercícios em que entendia no convento.*

A principal e mais continua ocupação do Arcebispo, depois que se recolheu à Religião, era a santa oração. Esta lhe levava todo o tempo, nesta em todo lugar e a todas horas andava embebido, conforme ao que está escrito: *Orantes omni tempore in spiritu* <sup>1</sup>. *Oportet semper orare et non deficere* <sup>2</sup>.

E não é de espantar que quem, no tempo que andava com montes de negócios sobre os ombros, tomava pera a oração as noites inteiras, como atrás fica dito, e qualquer outro espaço que entre as ocupações do dia lhe vagava, agora, que não tinha em que entender mais que com sua alma, claro fica que não seriam outros seus cuidados, senão entregar-se a ela. E como todo o fim da oração seja um alevantamento da mente a Deus, e o Arcebispo com nenhum outro intento procurava descarregar-se do governo e distraições dele, senão pera ficar em estado que tudo o ajudasse a esta santa enlevação, sem haver cousa que lha impedisse, o dia que se achou no solitário repouso da Religião, assi andava arrebatado em Deus, assi trazia todos seus pensamentos ocupados n'Ele, que em nada entendia nem tratava, senão no que podia ser meio de mais se acender em Seu divino amor.

---

<sup>1</sup> Fil., 6, 18.

<sup>2</sup> Lc., 18, 1.

Da abundância do coração fala a boca. Eram suas práticas segundo o que trazia na alma. Dizia que o devoto religioso havia de trabalhar com todas suas forças por não deixar esfriar nem afrouxar aquele calor e fervor da devoção que pela oração aquiria. Porque no estado da natureza corrupta não durava mais a devoção que em quanto a trazíamos ao ar do fogo da oração.

E usava da comparação de um vaso d'água, a qual, como de seu natural seja fria, aquece e ferve com a força do fogo, e tanto espaço sustenta a quentura quanto está favorecida dele; e, por muito que ferva, no ponto que lho desviam, logo pouco a pouco torna à frialdade natural. Por onde aconselhava que quem quisesse estar sempre devoto (e dizia ele que quem não era devoto indinamente possuía o nome de religioso) trabalhasse a toda força por se não alongar do fogo da oração, mas andasse ardendo nele de contínuo, a modo de forno de vidro, que sempre traz o fogo vivo sem nunca esfriar, e não como outros fornos, que a tempos se acendem e a tempos se deixam apagar.

O que dizia fazia e, como aconselhava, assi o executava. Porque com grandes instâncias e continuação tinha pedido a Nosso Senhor que de tudo lhe tirasse a memória, senão só do Céu e d'Ele. E em muitas cousas que ao diante contaremos se verá que não falta à palavra *Omnis enim qui petit accipit, et qui quaerit, invenit*<sup>3</sup>, porque assi o veio a alcançar largamente.

A esta oração ajuntava outra de ãa fonte perene de graças que das entranhas lhe brotava, não se fartando de levantar as mãos e o coração a Deus com louvores e glórias sem fim, por se ver resgatado do cativoiro do mundo, solto de suas prisões e restituído à sua cela. E pera não perder nunca a memória de tamanha misericórdia, trazia escritas na primeira folha do breviário estas palavras: «A braga me foi lançada aos 8 de Agosto de 1558 e me foi tirada a 20 de Fevereiro de 1582. São, os que a levei, vinte três anos e meio».

---

<sup>3</sup> Lc., 11, 10.

É grande companheira da oração a lição dos livros devotos; dão-se as mãos e ajudam-se mui bem ãa à outra.

Confessava o Arcebispo de si que achava grande suavidade na meditação do sentido místico dos Psalmos de David e, como são tão cheios de altos mistérios, era lição digna de seu juízo e de suas letras. Empregava-se nela com muito gosto espiritual e gastava algũas horas na exposição de passos mais dificultosos, de que fez um tratado de muita erudição e engenho, acompanhado de devotos conceitos, cujo título é *Annotationes in Davidicos Psalmos, exponendo duntaxat quae obscuriora occurrunt legentibus, aut canentibus collectae gratio excitandae deuotionis per fratrem Bartholomaeum de Martyribus Archiepiscopum Braccarensem*. E começa: *Multa possunt hic dici de laudibus Psalmorum*, etc.

Tinha o Arcebispo grande cabedal pera poder ser único nesta profissão, porque, sendo na Teologia especulativa como temos dito por vezes, um dos mais abalizados homens do seu tempo, era muito versado na lição dos Padres. E se a experiência nos tem insinado que muitos homens espirituais e ainda molheres, só por virtude da oração, chegaram a alcançar grandes mistérios da Sagrada Escritura, que valentes engenhos não puderam comprender com força de estudo, bem se deixa entender quanto se levantaria sobre as nuvens o Arcebispo, quando com suas letras consumadas ajuntava muito espirito, contínua oração, ardente devação e vida santa. Que na verdade, nunca as sagradas letras se entendem com a perfeição devida (segundo doutrina do grande Atanásio), senão depois que quem as quer penetrar vive como elas mandam e insinam <sup>4</sup>.

Este tratado trazia de ordinário no seio e quando, depois das graças, se juntavam os religiosos em conversação, como é costume da Ordem, sobre jantar, nos dias que o prelado dá licença, tirava dele e lia algũas explicações tão engenhosas e bem provadas e, juntamente, tão devotas, que todos os padres as estimavam muito; e quando acabavam de comer,

---

<sup>4</sup> Atanásio, *Lib. de Incarnat. Verbi*.

estavam já com alvoroço esperando a lição, como postre de doce saboroso sobre mesa.

E ele as propunha banhado em gosto e alegria espiritual, que dava certos sinais da grande suavidade que a sua alma se devia comunicar do Céu no estudo e contemplação do que escrevia. Ajuntava-se estorvar com este entretenimento palavras ociosas, que pera a arte do Arcebispo era um grande interesse, porque não se pode crer como era inimigo delas, tanto de as falar como de as ouvir.

E não será fora de propósito referir aqui o que nesta matéria contava o Doutor Bertolameu do Vale, Arcediago de Fonte Arcada, dignidade na sé de Braga. Afirmava ele que doze anos contínuos vivera das portas adentro com o Arcebispo, em Braga, e em todos eles não era lembrado ouvir-lhe ãa palavra ociosa, porque seu perpétuo trato, ou era de matérias de officio e governo, ou de devação e espirituais.

Donde, quando faltaram outras provas, pudéramos só desta inferir alta perfeição neste Santo, conformando-nos com ãa resposta do Angélico Doutor Santo Tomás, dada a quem lhe perguntou como se poderia conhecer se havia perfeição em ãa pessoa que era havida por espiritual, a qual foi que quem em suas práticas admitisse levandades, chocarrices e ociosidades, inda que mui adiante estivesse na virtude, estava longe de perfeito.



## CAPÍTULO XXV

*Das esmolas que o Arcebispo fazia no convento  
e da ordem que nelas tinha;  
e de um estranho successo que, nesta matéria,  
lhe aconteceu.*

Temos pera escrever um caso novo, e prodigioso, e da memória de homens não ouvido, que, a meu juízo, bastara pera fazer illustre esta história, inda que outro não contáramos.

São Bernardo, escrevendo a um abade rico seu amigo, que o era muito de remediar necessitados, diz-lhe que bem folga de o ver distribuidor de sua fazenda entre pobres, mas que mais quisera vê-lo sem fazenda e pobre <sup>1</sup>. E dá por razão que maior preço tem largar fazenda e ser pobre por Cristo que dar muita fazenda aos pobres de Cristo.

Lembrado sou que houve gente que deu culpas ao Arcebispo, quando o vimos renunciar, julgando que fora sacrificio mais meritório estar servindo, como servia, de despenseiro fiel daquelas grossas rendas, que, entregando-as a quem não havia de ser outro Frei Bertolameu, acolher-se pera o deserto.

Mas Deus mostrou, e não quis tardar em o mostrar, que a doutrina de Bernardo era santa, e que o Arcebispo fizera acto evangélico e agradável a Seus divinos olhos. E isto foi

---

<sup>1</sup> Bernardo.

obrando por ele ũa maravilha cheia de maravilhas, que passou desta maneira.

Tanto que o Arcebispo se recolheu a Viana, tornou o seu esmoler a cabo de poucos dias ao convento, e entregou-lhe quinhentos cruzados, que dizia lhe ficaram por gastar do que recebera por esmolas.

Como era dinheiro que desde seu princípio fora dado pera pobres, não quis o Arcebispo mudar-lhe a natureza nem aplicar um só real deles a outra cousa. E começou-os logo a despender com todos os pobres que corriam a ele, como a fonte onde a água era certa e limpa; e, pera abranger a muitos e muitos dias, determinou não dar mais cada dia que três cruzados. Esses trazia da cela, como acabava de dizer missa e, assentando-se em ũa cadeira travessa do coro direito, que era o seu assento ordinário, dali os repartia por sua mão.

O modo que tinha em dar era notável, porque, em quanto dava, os olhos estavam no céu e a mão nas mãos do pobre; e de nenhũa maneira havia de olhar pera o rosto de quem pedia ou recebia a esmoia, inda que fossem homens, e muito menos se eram molheres. Por ventura seria pera que com menos pejo chegassem a ele todo género de pobres, ou por se não inclinar mais a uns que a outros, ou também por tirar à natureza um apetite mau, que tem ainda sua raiz na primeira culpa do mundo, de lançar juizos de quem cada um é, pelas aparências de fora. Muitos há que representam necessidade e passam a vida folgadoamente. Há outros que não são tão artificiosos, os quais, com jeito de passarem melhor, padecem muito.

Quem folga de ser liberal com os pobres, se dá do seu, não há mister ser juiz das vidas de ninguém; basta que vai a esmola por amor de Deus e, ainda que aconteça errar no emprego da pessoa a quem dá, nunca erra em que dá por Jesu Cristo.

Que há gente que um real que dá vai tão envolto em pesadas repreensões contra o pobre, de que é são, e porque não trabalha, e cousas semelhantes, que já não é esmoia senão praga, pera quem a recebe e, às vezes, pera quem a dá. E daqui nace que alguns se valem de deixar crescer

chagas feias, e antes as querem sofrer que as repostadas dos muito repúblicos e pouco caridosos.

Os que são despenseiros do alheio, estes tenham essas considerações, que em tal caso são justas. Mas também é razão que se façam com os olhos no Céu, como fazia o Arcebispo, e não com respeito de carne e sangue. O Arcebispo dava do seu, podia dar, como dizem, a esmo e a olhos fechados, sem eleição.

Tornando à história. Foi por esta ordem gastando todos os dias até contia de três cruzados, não sendo nunca menos. E ao que parecia não podia haver dinheiro pera seis meses, porque era cousa sabida que fazia também esmoladas extraordinárias a pessoas particulares e de mais qualidade, ũas de dez cruzados e outras de mais contia.

Passaram seis meses, e passaram oito, e a sua esmola continuava. Começaram os padres a atentar nisso, procuraram entender se encurtara a mão. Acharam que nem o Santo dava menos, nem pera tal podia haver lugar, porque o número dos pobres ia cada dia crescendo, que corria a fama e davam-se rebate uns a outros, como costumam.

Passou um ano, e entrou outro, e a fonte não cessava. Creceu a curiosidade, lançaram-se contas, chegaram os frades a imaginar ou assentar que lhe entrava dinheiro secreto, e que seriam restos de dívidas do arcebispado. Que das casas grandes as migalhas são riqueza pera as menores. Fizeram estreitas diligências e pode ser que entrava nelas algum cuidado ou ciomezinho de o verem tão largo com os pobres e não acudir com nada ao convento, tardando a pensão de Roma, e correndo a demanda sobre os fructos vencidos; e inquiriram apertadamente um cónego, a quem o Arcebispo deixara o cargo de arrecadar o que por algũas partes se ficara devendo de contas atrasadas, se trouxera dinheiro. Respondeu chãmente que alguns sobejos houvera à mão, mas que tudo se despendera em pagar dívidas a criados, e nem um só real entrara em poder do Arcebispo.

Então não houve que fazer senão com espanto darem todos graças a Deus, pola mina que viam milagrosa, tanto mais digna de causar pasmos quanto notavam que ia cor-

rendo o segundo ano e os pobres eram cada dia mais, que acudiam de todo o termo de Viana e de mais longe, e chegavam a não caber no coro; e, por pouco que desse a cada um, era necessário passar de três cruzados o que ali destribuía cada dia.

Finalmente a fonte manou até se cumprirem dous anos com particular observação dos religiosos e do esmoler, que havia sido do Arcebispo, que se achou por este tempo no convento, e todos andavam sobreaviso e notando com cuidado o tempo e contia da esmola, e o número dos que a recebiam.

Grande e soberano prodígio, em que podemos considerar tantos milagres quantos foram os dias, horas e momentos que a corrente daquela moeda foi multiplicando e continuando. E com todos podemos assentar que quis o poderosíssimo Deus significar que aprovava e asselava (como disse-mos no princípio) a retirada de Seu Servo.

Lançada bem a conta, sem entrarem nela as esmolas extravagantes, que consta que foram muitas, e sem consintirmos que passasse nenhum dia dos três cruzados, multiplicou tanto o primeiro depósito que passou muito de dous mil cruzados.

São os nossos religiosos em gèral pouco amigos de realçar com cores e matizes de encarecimento as grandezas da nossa Ordem; parece-lhes emprego de louvor próprio que todo bom entendimento aborrece; querem as glórias de boca e linguagem alheia.

Sendo este um milagre tão provado e, a olhos vistos, tão continuado, não somente o não autenticaram, como fora razão, nem o celebraram, mas houve alguns que trabalharam polo reduzir a meios humanos. E ainda que viam a verdade dele palpável na sinceridade do santo velho e dos que haviam sido seus ministros, e no grande número dos pobres, não se queriam convencer e, quando muito, depois que se sintiam de todo vencidos, não faziam mais que suspender o entendimento. Mas serviu esta incredulidade pera o Senhor acudir pola honra de Seu servo, e com novos milagres calificar este, e acabar de desterrar dos ânimos desconfiados todo género de dúvida, como veremos no capítulo seguinte. E toda via

\*

não posso deixar de culpar de descuido os religiosos daquele tempo, em deixarem passar tamanhas maravilhas sem as autorizarem com escritos e testemunhos jurídicos, que foram hoje de muita estima, per glória de Deus e de Seu Santo.  
Mas passemos aos novos milagres.

## CAPÍTULO XXVI

*De outros maravilhosos casos que sucederam  
ao Arcebispo na mesma matéria de esmolas.*

Passaram os dous anos da retirada do Arcebispo, e com eles tiveram fim os quinhentos cruzados: ficou sem ter que dar com aquela continuação que costumava e desejava. Porque o litígio dos frutos vencidos toda via durava, e os pagamentos da pensão (que também tardaram muito as letras dela), depois que começaram a correr, eram mui retardados e espedaçados.

Assi, quando via pobres e se via falta de os poder consolar, não havia pera ele maior pena, porque, na sua imaginação, cada pobre lhe representava a pessoa de Cristo, lembrado do que o mesmo Senhor disse: *Quod uni ex his minimis fecistis, mihi fecistis*<sup>1</sup>. E quando não tinha dinheiro, dava-lhes lenços, toucadores, toalhas e outras peças de seu uso que achava poia cela, quaisquer que fossem.

E por dar cada dia pouco ou muito, e que fosse com detrimento seu, e tirando, como dizem, da boca (que esta é a melhor parte da verdadeira esmola), guardava infalivelmente aquele seu antigo costume, em que muitas vezes temos falado, de partir em partes iguais tudo quanto lhe punham na mesa pera comer; e ùa delas havia de ir pera os pobres, em nome de Jesu Cristo, que sempre fazia conta era seu convidado.

---

<sup>1</sup> Mt. 25, 40.

Esta partilha era com licença do prelado, e não deixou de a continuar enquanto viveu e até a hora de sua morte. Mas porque lhe fora mui custosa à disposição tal parcimónia, depois que foi caindo em muita velhice, por ser homem grosso de membros, que requeriam sustentação copiosa, usava o prelado de caridade e cautela, mandando-lhe acudir com tão suficiente porção que, com a cortar pelo meio, ficasse com alimento conveniente. E era fácil de enganar, porque sua composição de rosto e olhos era de tanto extremo que não podia dar fé das quantidades que se punham a seus vizinhos. E como não consintia que na qualidade e número das pitanças se lhe fizesse diferença da comunidade, tão pouco a sofrera na quantidade, se a sua moléstia não dera azo ao piadoso engano.

Como lhe vinha algum dinheiro da pensão, tomava um dia da semana pera o ir entregando aos seus acredores, que acudiam a ele não como a pedir senão a executar, e ele, como devedor que folga de se desindividuar, estava cheio de alegria porque tinha com que pagar, esperando que chegassem, assentado depois de missa na sua cadeira, como temos dito.

Mas aconteceu que, tendo dado um dia tudo quanto de presente tinha, de sorte que, se não vinha novo provimento de fora, não havia remédio de satisfazer aos credores, quando veio o outro dia, foi-se depois de missa ao seu lugar do coro, e pôs-se em oração como era costumado. Dali sentia cruzar muitos pobres pola igreja, e alguns chegarem à porta do coro e fazerem sua petição, a qual ouvida, lhe feria o coração com mágoa de ver que de força se haviam de ir desconsolados, e que não podia ser menos.

Bem é de crer que seria neste passo sua oração eficaz e fervorosa, oferecendo a Deus em sacrificio os bons desejos e a impossibilidade. Não permitiu o Pai de Misericórdias e Deus de toda consolação que ficasse nesta ocasião desconsolado o Seu servo com mandar os pobres mal despachados; e cumpriu-se aqui o que disse o profeta: *Desiderium pauperum exaudiuit Dominus, praeparationem cordis eorum audiuit*

*auris tua* <sup>2</sup>. Como se dissera: «Acode Deus aos pobres à medida de Seus desejos e até os pensamentos lhes antecipa e encaminha, pera saberem pedir e alcançar».

Acertaram a chegar muitos, juntos, à porta do coro (deviam cuidar que não dava o Santo fé deles), pediram em voz alta por amor de Deus. Espertou o Santo da oração com sobressalto e, pelo costume de quando tinha que dar, lançou de pressa mão a outra cadeira, ao lugar onde punha o dinheiro.

Cousa maravilhosa! tudo foi um, lançar a mão e lembrar-se que não havia ali a quê, nem pera quê, e topar com dinheiro, e o que é mais de espantar, cópia de dinheiro. Tanto que tocou nele ficou maravilhado e suspenso, não se determinando no que faria, porque sabia e estava certo que naquele dia não trouxera nem pusera ali dinheiro algum, nem ele o tinha pera o trazer; e do dia atrás não sobejara nada, porque haviam acudido tantos à esmola que mais despendera, se mais tevera.

Nesta indeterminação, parecendo-lhe que não podia dar o que de certo sabia que não era seu, mandou chamar alguns padres, comunicou-lhes o caso e o escrúpulo. Viram o dinheiro. Afirmou que nem o trouxera, nem o tinha pera o poder trazer, inda que bem quisera. O lugar não permitia cuidar-se que podia ninguém perder nele dinheiro, e junto, e a granel como estava, e tanta contia. Resolveram que podia dar afoutamente, que foi pera ele glória e contentamento sem par.

Inda neste caso não faltaram juízos incrédulos que discorriam que algum devoto do Arcebispo, de muitos que havia na vila, ricos e honrados, poderia mandar lançar ali aquele dinheiro pera consolação do Santo. Como se fora dificultoso àquele Senhor, que o sustentou com vinte companheiros num deserto, com um pão e, dous ovos, e um peixe, de maneira que ficaram abastados e houve sobejos, que lhe acrecentou o pão nos cifeiros, como deixamos contado, e lhe dobrou na arca tantas vezes os quinhentos cruzados, fazer-lhe nacer na cadeira muitos milhares de moedas!

---

<sup>2</sup> Sl., 9B, 17.



Esta pouca fé de alguns poucos quis Deus ainda curar com obrar a mesma maravilha, à face e olhos de todos, outras duas vezes polo tempo adiante, e no mesmo lugar. De sorte que ficou apagada nos ânimos mais incrédulos toda a dúvida, louvado e engrandecido o poder divino, acreditada a virtude e caridade do Santo.

E não fazemos relação do tempo e ocasião e das circunstâncias que houve no segundo e terceiro sucesso, porque, como na sustância se não diferencaram do primeiro, fogimos de fazer leitura dilatada desnecessariamente, e passaremos a outros casos que, acreditando os passados, fizeram julgar o Arcebispo por digníssimo dos favores que recebia do Senhor.

## CAPÍTULO XXVII

*Da reposta que deu a quem lhe perguntou  
como se achava na Religião;  
e de ùa notável esmola que fez.*

Visitavam ao Arcebispo muitos fidalgos e outras pessoas de calidade, assi eclesiásticas como seculares, levadas do resplendor de ùa obra tão levantada sobre as ordinárias, como foi aquella santa fogida do estado, do senhorio, da dignidade e rendas acrescentadas, em tempo que nenhũa cousa mais estimavam os homens.

Olhavam pera ele com espanto, como se viram um S. Jerônimo, em Belém, ou S. Macário no ermo. Então criam a heróica constância com que tinham ouvido, sem o poder crer, que enjeitava a mitra quando lha davam, e com que, depois de aceita à força, trabalhou pola largar em todas as occasiões que se lhe ofereceram.

Pasmavam da pobreza que viam no vestido, na cama e em toda a cela a um arcebispo primaz, senhor tantos anos de tão grossas rendas. E tanto mais ficavam atónitos quanto, perguntando um deles ao prelado, se trouxera muita riqueza pera o convento, de prata, tapeçarias e recâmara, de que é ordinário estarem recheadas as casas de tão grandes personagens, respondeu que por vinte mil réis daria tudo quanto o Arcebispo trouxera consigo, e que não faltava peça de quanto possuía em Braga.

Mas não se edificavam menos das palavras que lhe ouviam do que os espantava o que viam. Perguntou-lhe um

fidalgo como se achava despois que se tornara a encerrar naqueles claustros. Respondeu com rosto alegre:

— Acho-me como negro forro, a quem tiraram ũa braga muito pesada, que arrastou vinte quatro anos com grande trabalho e grande desconsolação.

E acrescentou:

— Ora desengane-se o mundo (e cream-me como a exprimentado e acutilado) que o que lá chamam dignidades e cargos honrosos não tem mais de seu que aquelas vistas e representações de majestade, que tudo o mais são perpétuas occupações e cuidados, e os mais deles mui penosos. E, o que é pior, carregam a consciência com montes de escrúpulos e põem em risco a salvação, sem mais prémio muitas vezes que um letreiro pomposo e vão pera os ossos secos da sepultura. Por isso dou infinitas graças a Nosso Senhor, que me livrou de um mar sempre alterado, sempre tormentoso, e me trouxe a este porto de quietação, onde me parece que já começo a lograr os bens da Glória.

— Estão logo em muita pena — replicou outro — todos os pobres do arcebispado e muita outra gente que dependia do emparo e abrigo de Vossa Senhoria, que já começa a sentir sua ausência, e todos choram.

A isto acudiu o Arcebispo com muita humildade e disse:

— Bem pouco siso fora o meu, e demasiada soberba, se não cuidara de meu sucessor que havia de acudir a seu officio com muito mais cuidado e vigilância do que eu soube fazer. Poderoso é Deus pera levantar das pedras filhos de Abraão, quero dizer, pera dar à Igreja de Braga prelados que a governem (como lhe deu muitos em tempos atrás) com mais proveito das ovelhas e melhor exemplo de vida do que eu fiz, posto que trabalhei quanto pude por acertar e fazer o que devia.

Assi dizia o santo velho, avaliando-se em sua imaginação em muito menos preço do que estas palavras soavam. Mas ainda ali naquele canto, onde parecia que estava apagada ou escondida a tocha de suas virtudes, fazia obras tão illustres que davam luz a toda sua vida passada. Em todas as que estima a Religião era estremado, mas nas de caridade

a si mesmo se excedia, com um espírito tão abrasado nela, que podia pegar fogo ao mundo todo. E diremos brevemente algúas mais notáveis.

Fora um domingo pregar, como costumava, a um lugar do termo, e vinha-se recolhendo pera o convento. Encontrou polo caminho muitos pobres que o esperavam em paradas. Depois que despendeu o que trazia (que quando tinha com quê, sempre saía provido pera estes assaltos), não no largava ùa pobre velha, amontoando lástimas, e dizendo que tinha concertada pera casar ùa filha órfã, e que, à mingua de ùa pobre camazinha, deixava de estar emparada; que por amor de Deus lhe desse ajuda pera ela e, se lha dava, fizesse conta que ele a casava.

Pouco bastava pera mover o Arcebispo a semelhantes obras; mas tomava-o em tempo que nem era senhor de dinheiro bastante pera esmola crecida como esta, nem o esperava tão cedo.

Foi cuidando que poderia fazer pera não perder o lança de remediar a órfã e consolar a mãe, que não cessava de o importunar e amesquinhar-se. Em fim, mandou-lhe que à boca da noite se achasse ao pé da janela da sua cela, que algúa peça lhe buscaria pera ajuda do enxoval, e enformou-a bem do lugar aonde havia de ir, pera se não errarem.

Tanto que foram ditas vésperas e completas, recolheu-se na cela a dar ordem ao cumprimento do conserto. Fechou-se por dentro, dobrou a cama inteira em que dormia e, sem deixar peça de fora, liou-a apertadamente.

Anoiteceu, pôs-se em vigia, esperando (digamo-lo assi) pola sua Tisbe ou Hero <sup>1</sup>, por cujos amores se apercebiam setenta anos pera dormir aquela noite sobre ùa tábua nua; e pera lograr tal mimo andava naqueles furtos e cautelas.

Não foi descuidada a boa velha que, de longe e muito antes da hora aprazada, estava com olhos de lince na janela e, tanto que reconheceu o Arcebispo nela, e viu o tempo acomodado pera o negócio ter o segredo encomendado, chegou-se

---

<sup>1</sup> Ovídio, l. I, *Met. Musaeus Graece*.

ao pé da janela (que ainda então não era o convento cercado) e, feito sinal, recebeu a trouxa que o Arcebispo lhe lançou.

Levou a pobre mais do que esperava, deu o Arcebispo tudo o que possuía; ela foi rica, ele ficou sem ter com que se cobrir. E com tudo não há dúvida que no gosto do furto ficou o Arcebispo com grandes vantagens e tanto mais crecidas quanto se via ficar mais pobre.

E assi creio que dormiu essa noite a sonho solto e a todo seu sabor, e que lhe pagaria Deus o sono que o cansaço da pregação e do caminho, e a tábua dura lhe tiravam, em altas e celestiais consolações, que este é o sono que ele sabe dar aos Seus amados, mais delicioso que todos os da terra. E o Arcebispo procurou não no perder em muitos dias, tendo cuidado de estar fechado de contino por dentro e, quando era buscado de alguém, cerrar primeiro a janela ou sair a negociar fora da cela.

Até que o Senhor foi servido que não ficasse em silêncio obra tão heróica, nem Seu servo padecesse tanto, rompendo-se por parte da velha que se gabou a suas vizinhas da esmola, e publicou os meios dela, e daí se divulgou por toda a terra. Por maneira que, quando chegou ao prelado e religiosos que o Arcebispo dormia sem cama, andava já a história entre os moradores da vila mui celebrada e, refirindo-a um deles em certo propósito no convento, como cousa que os padres não podiam ignorar, então caíram na conta da razão que havia pera o Arcebispo andar naqueles dias tão fechado de porta e janela, que a todos dava em que cuidar.

E o prelado, por se certificar, entrou um dia com ele de súbito, sem lhe dar tempo de se prevenir; e vendo a barra nua, disse-lhe com dissimulação:

— Que é isto, Senhor? Mandou Vossa Senhoria assoalhar a cama?

O santo velho, por falar verdade e responder em forma a seu prelado, disse com grande humildade (palavras formais):

— Ûa velha pobre me tirou de meu sentido e levou a roupa que aí estava; parece que era sua, pois dela tinha

necessidade, e eu, Padre nosso, posso-a muito bem escusar, que assi durmo melhor e pera mim isto basta.

O prelado, polo não desconsolar, mudou o propósito e, logo à noite, mandou prover outra cama.

Então se viu que, como ao taful não falta nunca dinheiro pera desbaratar jogando, assi é impossível poder faitar ao verdadeiro esmoier com que socorrer os pobres. Porque não pode ser melhor mestra de invenções a necessidade ou appetite mau, pera o mal, do que é engenhosa a perfeita caridade, pera o bem; a qual, quando o mundo lhe falte, tem por si Deus, que estima tanto qualquer pequeno serviço que lhe fazemos nos seus pobres que, além de o pagar a cento por um, como está escrito, acode com Sua omnipotência a acreditar os caridosos, como vimos nas multiplicações que deixamos contadas, em tantas cousas, e tantas vezes.

Assi, à vista desta impetuosa enchente de caridade, os mesmos que dantes queriam achar meios naturais pera os prodigios referidos se reprimiam, e condenavam seu juízo; e fazendo comparação da meia capa de S. Martinho com a cama inteira do Arcebispo, a leve falta da capa, com a mui custosa da cama, ùa pública e cheia de honra, a outra secreta e cheia de humildade, já não tinham por demasia todas as maravilhas que por ele obrasse o Céu.

## CAPÍTULO XXVIII

*Livra milagrosamente da morte um pobre homem.  
Contam-se alguns efeitos notáveis de sua oração  
e da devoção que lhe tinha o povo.*

Caso foi mui público em Viana, contado por todos os moradores da vila e comarca, e por todos celebrado, o que agora escreveremos, e que logo se divulgou pelo Reino, com grande glória de Deus e admiração do muito que faz por quem sabe deixar tudo por Ele.

Celebrava o Arcebispo um dia pela manhã cedo. Entrando no primeiro *Memento*, foi tamanha a detença que fez que o ministro, vendo que passava muito de seu costume, lhe fez sinal tirando-lhe pola vestimenta. Espertou o Santo, segundo parecer de quem o ajudava, e foi procedendo com outro termo mais desacostumado nele, que foi abreviar notavelmente o que restava da missa e, sem fazer nenhum modo de detença na sacristia nem noutra parte, se recolheu pera a cela, cousa tão nova no Arcebispo que todos o notaram.

Chamou logo a Frutuoso Fernandes que, dos dous familiares que consigo tinha, era o medianeiro de suas esmolas secretas e, metendo-lhe na mão ãa boa quantidade de dinheiro, nomeou-lhe rua e lugar certo, onde acharia um homem já entrado em dias, no jeito e trajo trabalhador do campo, que ia saindo pera fora da vila e levava ãa corda debaixo do braço, ao qual daria o dinheiro e tomaria em troco a corda e lhe diria, da parte de Deus, que se tornasse pera casa, e buscasse remédio a seus filhos, e não desesperasse da mise-

ricórdia divina. E encomendou-lhe que fosse correndo, que havia perigo na tardança.

Não foi vagaroso Frutuoso Fernandes, pelo que ficou coligindo do negócio. Chegando ao lugar, deu de rosto com o homem, que logo conheceu polos sinais que levava. E a primeira cousa que fez foi meter-lhe o dinheiro nas mãos e, com ele, alento, esperança, alegria e vida, que tudo levava já perdido; e facilmente o persuadiu a largar a corda e todos os danados pensamentos.

Que além da força que o dinheiro tem com os cobiçosos, neste, por sair da mão do santo Arcebispo, podemos cuidar que levava outra secreta e mais alta virtude pera restituir aquela alma desesperada ao Criador. Porque a dilação do *Memento*, quando o ministro cuidou que havia mister despertado, bem se deixa entender que devia ser requerimento e instância que o Santo fazia ao Rei da Glória, que queria consagrar, revelando-lhe naquele ponto Sua Divina Majestade o estado miserável do pobre homem.

Despois que Frutuoso Fernandes o teve animado e quieto, soube dele que lhe tinham desaparecido, muitos dias havia, dous bois, único remédio de sua vida, porque com eles o ganhava pera ãa pobre casa cheia de filhinhos; que fizera todas as diligências que se podiam fazer, sem nunca achar nova deles, e, quando assi se vira, se fora a quem remediava a todos, que era o Arcebispo; e, ou fosse estar o Arcebispo então sem dinheiro, ou não crer sua necessidade ou sua mofina, em fim, inda que lhe acudira com esmola, não lhe dera remédio. Por onde se determinara buscar o dos tristes com o pequeno custo d'aquela corda que lhe tirara das mãos, tendo por melhor partido acabar de ãa vez a vida cansada que ouvir as lástimas da molher e dos filhinhos, que lha tiravam muitas vezes a cada momento.

Um caso semelhante a este se escreve nas *Crônicas da Ordem de São Domingos da Província de Aragão*, acontecido a Fr. Mico, que nela floreceu com raro valor <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> M. Frei Francisco Tiago, d. I, cap. 58.



Mas por outras muitas vias e modos honrava o Senhor e fazia estimar a virtude de Seu servo.

É cousa certa, e que foi vista muitas vezes e por muitas e diferentes pessoas notada, que ia o Arcebispo pera o mosteiro de São Salvador da Torre, que ora é quinta dos nossos religiosos, como atrás fica dito; e, navegando rio arriba, acontecia cubrir-se o céu de nuvens negras e grossas com ameaças de grande invernada; e o Santo, como notava o desgosto e temor dos companheiros, levantava com devação os olhos e coração ao Céu; e logo viam todos que desfazendo-se os céus em água de ùa e outra parte do rio, cerrado tudo de escuridade, só no sítio que tomava o barco não havia sinal de chuva e caminhavam como metidos debaixo de um seguro toldo, fabricado pelo poder divino.

Este milagre sabemos que succedeu algũas vezes a nosso Patriarca glorioso, S. Domingos. E rezão era verem-se no filho as maravilhas do pai, pois se via nele tanto de suas virtudes.

Fazia o Arcebispo muitas vezes este caminho, porque achava particular graça no sítio de S. Salvador pera o exercício de suas contemplações.

É situada a casa em lugar eminente e, no mais alto dela, tem ùa pequena varanda que, por ùa parte, descobre ao longe serras e montes que se vão às nuvens, por outra, várzeas e campos estendidos. A esta se sobia e nela fazia sua morada a mor parte do dia; apacentava os olhos na variedade daquela prospectiva e de tudo o que aparecia tomava motivos de apregoar louvores do Criador, e convidar a eles todas as criaturas.

Outras vezes, enlevado na saudade que fazem as montanhas e serranias vistas ao longe, que parece se juntam com as estrelas, e levam trás si o espírito, tinha com os montes devotos colóquios, como abrasando-se em ânsias de sobir com eles. Logo voava com os pensamentos ao mais alto do Céu empíreo e, com suspiros seguidos de muitas lágri-

mas, se apresentava diante da Divina Majestade, dizendo como S. Paulo: *Cupio dissolvi et esse cum Christo* <sup>2</sup>.

Assi desabafava e, ficando como desmaiado e arrebatado em alta contemplação, gozava neste posto de grandes consolações do espírito.

Mas estas consolações e os sentimentos que cada hora alcançava do Céu lhe iam criando um grande aborrecimento da vida e amor abrasado da eternidade. De sorte que, em tudo o que fazia e dizia, se lhe enxergava que já não eram outros seus desejos e os requerimentos que trazia com Deus, senão sair das prisões da carne.

E já se tinha também por pronóstico de haver de durar pouco nela o grande estremo de afeição com que neste tempo era visitado e buscado de toda a gente, em gèral, de Viana, que parece se afinava mais em o amar, e se excedia a si mesma junto do fim. Porque havendo mais de seis anos que residia naquele convento, tanto de assento que o tinham os homens por seu natural, e o viam cada dia, com tudo, todas as vezes que acertava a tomar a capa, e passar pola vila, quando embarcava pera S. Salvador, dès que saía do convento até entrar no barco, era cousa maravilhosa o número de gente que concorria a ele, homens, mulheres e mininos, e todos lhe iam tomar a benção com tanta pressa, que uns aos outros se atropelavam; e com tal veneração e devação o viam e acompanhavam, como se nunca o tiveram visto se não então, ou se cuidaram que o não haviam de ver mais.

Quando tornava da quinta, chegava ao convento c'o mesmo triunfo, porque, em desembarcando, era o alvoroço do povo e a festa que lhe faziam tal, que polo rumor que o tropel da gente causava pelas ruas, entendiam as donzelas e matronas nobres, no encerramento mais interior de suas casas, que passava o Arcebispo e, com grande contentamento, acudiam às janelas a vê-lo.

Acrecentava-se este amor e devação com a grande fé que tinham em suas orações e sacrificios, confirmada com experiências do muito que lhe valiam nas doenças e traba-

---

<sup>2</sup> Fil., 1, 23.

lhos. Do que nacia acudirerem à sua missa muitos doentes de várias enfermidades: uns pera receber sua benção, outros pera lhe pedir um Evangelho ou o sinal da cruz sobre a cabeça. E ainda que no princípio se lhe fazia mui estranho buscarem-no pera isto, como verdadeiro humilde, e despedia a todos secamente, e alguns com esquivança, dizendo:

— Pera que é saúde? Pedi antes a Deus que vos dê neste mundo muitas dores e castigos e, lá na outra vida, nem ùa só hora de purgatório.

Com tudo os enfermos continuavam e creciam em número e, quando se recolhia pera a sacristia, atravessavam-se-lhe diante, cercavam-no, punham-se de joelhos e alguns, com lágrimas, importunavam-no que os não mandasse desconsolados; e assi o vieram pouco a pouco a render, de maneira que já o não estranhava.

E como com as esmolas temporais socorria aos pobres em suas necessidades, assi se compadecia da aflição dos doentes, pedindo e alcançando-lhes remédio com suas orações, e não duvidava satisfazer a todos os que se chegavam a ele.

Costumava a celebrar no altar-mor. Esperavam-no os enfermos abaixo dos degraus, postos em fileira, e, de joelhos, lhe tomavam a benção e beijavam as vestiduras sagradas. Ele os recebia com afabilidade, estimando a fé com que buscavam o salutífero sinal da cruz, de que era devotíssimo, e por isso quis que tivesse esta vocação o convento. Muitos tornavam com saúde e todos com alívio, e tais novas davam pola terra, que os que não podiam ir ao convento tinham por grande favor alcançarem ùa fatia de pão ou um pouco de vinho, da parte que separava na mesa pera os pobres, e achavam que por merecimentos do Santo comunicava Deus virtude a estas cousas, pera a terem mui eficaz e provada contra todo género de mal e enfermidade.

## CAPÍTULO XXIX

*Da grande fé que os moradores de Viana tinham nas orações do Arcebispo, quando havia perigos no mar; e de dous particulares em que se valeram delas e alcançaram remédio.*

A muita devação que todo o povo de Viana tinha com o seu Arcebispo, que este nome lhe compete a meu parecer daqui em diante, mais que nosso, e a firmeza de fé com que se encomendavam em suas santas orações era tão viva e afevorada, que não é de espantar fazerem delas, como faziam, o que os gregos chamaram *panchresto*, quero dizer, um medicamento universal contra todos os trabalhos e necessidades <sup>1</sup>.

E era acertada a conta. Porque os validos dos reis não o são só pera casos e cousas particulares; e quem o era tanto de Deus, que tinha poder contra a febre e alterações do corpo humano, também era de crer que a teria contra os ventos e tempestades, que são a febre e descomposições deste grande corpo e máquina elementar.

É costa brava toda a occidental deste Reino até Galiza e mui perigosa; e a falta que padece de bons portos a faz mais de temer. Como se levantam ventos travessias, que são muito ordinários nela, correm risco não só os navios, que se acham sobre a costa, mas também os que estão surtos dentro das barras e rios.

---

<sup>1</sup> Cícero Or. 6 in Ver.

O mesmo acontece nesta paragem de Viana. A barra estreita e desabrigada e um baixo perigoso que há na entrada têm sempre em cuidado e temor os mareantes.

Mas vieram-no a perder neste tempo, em virtude do Arcebispo. Em apontando navio que demandasse a barra, se corria tormenta, voavam em bandos ao convento molheres e filhos e parentes dos que suspeitavam que o navio lhes tocava, ou pola marinhagem, ou polas fazendas e carga, a pedir ao Arcebispo fizesse oração por ele e, polo menos, chegasse a ùa janela e lançasse sua benção sobre o mar; e como iam afligidos e o perigo apertava, pediam-lhe socorro em altas vozes.

O Santo, cheio de caridade e obrigado da fé que enxergava naquelas instâncias, em ouvindo a grita, se lançava de joelhos em terra onde quer que se achava (o mais ordinário era ir-se à igreja) e, com a sua costumada devação, rezava a antífona de Nossa Senhora *Sub tuum praesidium*, etc.; e daí sobia ao dormitório e, chegando a ùa janela, fazia com grande fé o sinal da cruz contra o mar.

Era cousa prodigiosa que, em acabando de o formar no ar, obedeciam o mar e os ventos àquela representação do que foi meio de nossa Redenção, e era tão súbita a mudança que não havia quem duvidasse ser cousa extraordinária e palpavelmente poder celestial. E assi o afirmavam despois os que vinham no mar, a Deus misericórdia, com a morte bebida em medos; e o confessavam os que de terra os choravam já por comidos das ondas. Acontecia muitas vezes virem com estes clamores a horas que o Santo estava na mesa, mas a qualquer que fosse, como era ajudar o próximo com o que podia, deixava o comer, levantava-se e caminhava pera a igreja.

Aconteceu um dia acharem-se alguns barcos de pescadores ao mar. Levantou-se a travessia tão repentinamente que, antes de se poderem recolher, era tormenta desfeita; e, ainda que vinham em popa demandar o rio, eram os mares tão grossos e tanta a força do vento que, desconfiados de poderem atinar com ele, se davam por perdidos.

Estavam as mulheres e filhos de terra vendo o perigo, e em suas almas correndo a mesma tormenta. Crecia o tempo e, a passos iguais, o medo e desesperação. Desemparam a praia, correm ao convento e, voz em grita, publicam o perigo, pedem socorro, amisquinham-se, carpem-se.

Compadeceu-se o Santo, foi-se prostrar diante do Santíssimo Sacramento e, chamando todos os Santos do Céu em sua ajuda, por meio de ãa ledainha que devotamente rezou, foi Nosso Senhor servido que repentinamente começou a abrandar o vento e abonçou o mar, de maneira que os barcos se recolheram sem dificuldade, mas com gèral espanto dos que neles vinham e de toda a terra, de verem tanto a desoras tornar em calma ãa fúria de tempo desesperado, que quasi nunca começa por pouco.

Destes casos aconteciam tantos que se tinham por cousa ordinária e quotidiana; e, como eram todos de perigos do mar e, pola mesma razão, quasi semelhantes, ficaram só em lembrança as particularidades do que acabamos de escrever e do que agora diremos.

Durava havia grandes horas ãa desenfreada tempestade. O mar andava em serras e montes, e com tal braveza vinha quebrar em terra, que parecia quererem mar e vento sover-tê-la. Já tinham lançado dous navios sobre o baixo da barra, sem lhes valer manha nem diligência pera se poderem desviar, e, à vista do povo que cobria as praias lastimado do triste espectáculo, foram num momento desfeitos das ondas, como se foram de vidro elles, elas de ferro. }

Mas novo perigo arrebatou os olhos de todos a outra parte. Descubriu-se ao longe ãa vela que logo pareceu que demandava o rio; e quasi tudo foi ãa cousa, apontar e estar sobre a barra, tal era a força do vento. Assentaram os da terra que não podia escapar, porque sem remédio, conforme ao tempo, iria sobre os baixos. E como o tinham por averiguado, acudiam muitos pescadores com diligência a lançar barcos à água, pera salvarem as vidas dos que já choravam por perdidos.

Era grande a grita e as vozes confusas por toda a praia, dos que entravam nos barcos, e dos que os incitavam, e ani-

mavam; ajudavam mulheres e mininos com alaridos a confusão, e nacia de tudo um estrondo temeroso que retumbava no mosteiro e obrigou o Arcebispo a abrir ũa janela e querer entender o que seria.

Sendo visto de baixo, bradaram-lhe que encomendasse a Deus aqueles pobres que se vinham perder como logo veria. Recolheu-se apressadamente, pôs-se em oração, segundo seu costume, e logo mostrou o efeito quão eficaz e quão devota fora, porque com toda aquela fúria de tormenta, a que os dous navios não puderam resistir, entrou este com tanta facilidade, como se viera com vento galerno e mar bonança.

Foi grande o espanto e igual a alegria, porque ao gosto de o verem em salvo se ajuntou outro, que foi saber-se era a carga trigo, de que a terra estava necessitada.

E assi se deu toda por obrigada de novo ao Arcebispo, a cujas orações referiam e ficavam devendo as vidas dos hóspedes e o provimento próprio.

## CAPÍTULO XXX

*Em que se dá conta dos grandes desejos  
que o Arcebispo tinha de morrer, antes da renúnciação  
do arcebispado, e do crescimento que tiveram depois  
que renunciou e se recolheu.*

É a morte pera os justos fim de trabalhos, princípio de alegrias, verão florido depois de triste inverno, porto seguro após tempestade temerosa; ganho e interesse lhe chama S. Paulo<sup>1</sup>; galardão da vida lhe chamava Santa Caterina de Sena<sup>2</sup>. E, como nela esperam os Santos ver-se senhores dos tesouros da eternidade a que aspiram, a tudo o da terra dão de mão e toda inteira lhes parece cousa indigna de um emprego de olhos, quanto mais de afeição d'alma. Que, na verdade, quem muito se paga dos gostos da terra inda não sabe o que espera do Céu; que, se um só ponto pudéramos alcançar do que lá se goza, pouco era andar perdidos cento e cinquenta anos trás o canto suave do passarinho, como aconteceu ao outro monge santo; pouco era dar a alma, como ia dando São Francisco, quando começou a sentir a melodia do arco que ia passando pola viola celestial.

Assi, é de crer que tinha o Arcebispo grandes ilustrações e notícias dos bens da Glória, polo muito que desejava morrer e ver-se nela. Estes desejos, juntos a um resolute desapegamento de todos os gostos e consolações da terra, o ator-

---

<sup>1</sup> Fil., 1, 21.

<sup>2</sup> In leg. Domin. B. Cat.



mentavam com grande excesso, não só depois de aliviado do peso do arcebispado e depois de gastado da idade e indisposições, tão antigos eram nele quasi como o hábito e profissão de frade, indícios certos do muito que já então sua alma começava a sentir e saber do Céu.

Destes desejos nacia o pouco gosto que tinha dos títulos honrosos da Ordem, de leitor, de presentado, de mestre, de prior, que todos lhe entraram pola porta uns após outros, sem nunca se lembrar que os havia pera ele, quanto mais procurá-los.

Nem podia ter outro fundamento aquela porfiada repugnância que lhe vimos fazer à mitra, quando pera ela foi buscado. Porque quantos mais feitios fazia o mundo polo alevantar em honras, rendas e estado, fazendo-o mimoso dos Papas, favorecido dos reis e príncipes, estimado e reverenciado do povo, tanto mais se acendia em ânsias de voar ao alto, e então aborrecia mais todos os bens da vida.

Assi, no tempo que com forças e saúde governava o arcebispado (onde outrem tevera por benção longa vida pera o lograr), a boa ventura por que suspirava era a morte: esta chamava seu despacho, e por esta frasi em sua ordinária linguagem a significava. Mas quando via que se lhe dilatava, afligia-se por renunciar o arcebispado, pera ao menos largar todos os cuidados da vida e entender naquele só que somente nos é necessário, de boas e bem limadas contas pera a hora da morte; como navio que pretende fazer boa viagem que, se os mares são grossos e o vento carrega, não duvida alijar ao mar a carga e volume demasiado, por rico que seja, pera ficar desembaraçado, e leve, e correr melhor.

Estava um dia em boa prática com um abade bom letrado e virtuoso, em Braga; ofereceu-se no discurso dela dizer-lhe que acabaria de chegar seu despacho, pera então descansar e morar em sua casa. Imaginou o abade que falava em lhe aceitarem a renunciação, por ser a cousa que mais publicamente tratava sempre, e começou-lhe a propor com caridade algũas razões pera o dissuadir de tal pretensão, mostrando-lhe a falta que fariam sua pessoa, e seu governo, e suas esmolas.

Declarou-lhe então o Arcebispo que o despacho principal que esperava, e em cujas esperanças se sustentava, era a morte, e sua casa a sepultura, e o descanso por que suspirava, a Glória que Deus tinha prometido a Seus servos.

Quando adoecia, representava-se-lhe que chegava o despacho, e não só se entregava de boa vontade à disposição divina, mas alvoraçava-se pera o remate da vida com júbilos de prazer.

E aconteceu que, curando-se em Braga de um tabardilho que o teve no cabo, visitavam-no os médicos muito a miúdo e, por não ficar nada por tentar do que a arte insina, multiplicavam benefícios. Sintiu o Santo que obedecia o mal à força dos remédios e, temendo que lhe estorvassem com eles o despacho que, a seu parecer, já tinha nas mãos, da doença, que bem conhecia ser gravíssima, dizia com sentimento, quando entravam (palavras formais):

— Já vêm os trampões e bem trampões.

Declarava-se depois e dizia que trampões eram uns avogados que com manhas e astúcias dilatavam as demandas e entretinham a justiça; e tais eram os seus médicos, que quando Deus queria dar final despacho em sua antiga petição, a poder de invenções de sua física e artificios de medicamentos, lhe procuravam suspender a justiça e dilatar a sentença em que todo seu bem consistia; que bem mereciam o nome de trampões e bem trampões.

Em outra doença que teve na mesma cidade, não menos perigosa, de ãas febres ardentes, acompanhadas de grande fastio e fraqueza, mandavam os médicos acudir-lhe com apistos e sustâncias amiúde, pera o esforçarem, e de mistura com apózimas e muitos cordiais pera reprimir a malignidade do humor venenoso. Mas não havia fazer-lhe levar nada, porque à comida repugnava o fastio, e às mezinhas a vontade e gosto de morrer.

Cercavam-no religiosos da sua Ordem e de S. Francisco, dos seus devotos de S. Frutuoso, e padres da Companhia. Faziam apertadas instâncias todos, metendo-lhe escrúpulos, que era obrigado em consciência a tomar o que os médicos ordenavam e receitavam pera sua saúde.

Vendo-se ãa noite muito perseguido de razões e rogos, soltou estas palavras com um estremo de aflição:

— Enemigos de minha consolação, que me quereis? Se Deus tem determinado levar-me pera Si, deixai-me ora ir pera Ele. De muito boa vontade vou, que é muito bom Senhor. Se Ele, por quem é, quer dar bom despacho a minha petição, porque mo quereis deter? Porque me tolheis tanto bem? Porque me envejais o cumprimento de todos meus desejos? *Infelix homo quis me liberabit de corpore mortis huius?* <sup>3</sup> *Quando veniam et apparebo ante faciem Domini?* <sup>4</sup> Ah! triste de mim, quem me livrará já deste corpo, deste cárcere de morte? Quando será o dia que acabe de chegar e aparecer na presença de meu Senhor? Se vós, Padres, me amáreis de verdade, vós folgáreis com as novas de meu despacho.

Passou o mal, saiu de perigo e convaleceu. Alegraram-se todos, só ele não estava contente e recebia parabéns forçados daquilo que nada estimava.

Mas, tanto que renunciou e se viu forro dos cuidados do arcebispado e de entender com almas alheas, não houve que ficava solto pera descansar, se não descarregado dos ferros pera melhor voar. E os desejos que dantes se repartiam a dous fins, os quais eram renúnciação da mitra e da vida, juntaram-se agora em um só e, unidos num corpo, faziam guerra àquela alma, de sorte que podemos assi dizer, e sem encarecimento demasiado, que morria por morrer.

E o seu maior alívio eram as saídas que fazia (como atrás contamos) a São Salvador. Ali, com longos suspiros, com branduras e requebros, chamava por aquela hora que havia de ser meio e trânsito pera a Pátria e prêmio da vida trabalhada. E, lançando-lhe mil benções, descansava um pouco e tornava pera o convento animado pera poder levar melhor o tormento que sentia na tardança dela.

Depois que entrava em casa, como andava todo entregue a este cuidado, estando só e acompanhado, rompia muitas vezes em piadosos gemidos e dizia das entranhas:

---

<sup>3</sup> Rom., 7, 24.

<sup>4</sup> Sl., 41, 3.

— *In pace, in id ipsum dormiam et requiescam* <sup>5</sup>. («Dormirá este corpo o sono da morte, descansará minha alma com Deus e acabarei de quietar algum dia»).

Costumava o prior do convento, todas as vezes que havia de ir fora da vila, dar conta ao Arcebispo de como ia, e a que ia, e tomar-lhe a benção. E ele, como andava enlevado em saudades da hora que desejava, dizia-lhe:

— Padre nosso, já quando V. Reverência embora tornar, quererá Nosso Senhor que seja vindo meu despacho. Por isso deite-me desd'agora sua santa benção, e fique-se embora, se nos não virmos mais neste mundo. Peço-lhe que se lembre de encomendar minha alma a Deus, em seus santos sacrificios e orações. Olhe que sou seu filho e seu súbdito.

Algũas vezes, quando sobia as escadas do dormitório, parava um pouco no meio pera descansar, e dizia a quem vinha com ele:

— Sabeis que me dizem estes meus pés? Que folgariam já de descansar na sua casa. — Era termo com que significava a morte e a sepultura.

Mas devemos muito a um religioso nosso que, repetindo-lhe o Arcebispo este seu queixume ordinário da tardança de seu despacho, lhe falou livre e desenganadamente, e por este meio nos tirou dele ãa reposta de grande consolação pera os que somos fracos e miseráveis, que, como andamos envolvidos em culpas e pecados, tememos demasiadamente a morte, como desafio com inimigo que traz armas de vantagem. Disse-lhe o religioso:

— Vossa Senhoria nunca acaba de falar neste seu despacho, e nós lemos e sabemos que a santos mui abalizados fazia tremer a barba a consideração daquela hora e, vendo-se neia, temeram de maneira que quasi perdiam os estribos da confiança.

Respondeu o Santo:

— Não desejo, Padre meu, a morte, por cuidar que tenho feito a Deus tais serviços que mereça por prêmio alcançar

---

<sup>5</sup> Sl., 4, 9.

Sua beatífica visão. Que, se espero salvar-me, é somente confiado nos merecimentos da morte e paixão de meu Senhor Jesu Cristo (*Qui dilexit me et tradidit semetipsum pro me*<sup>6</sup>) e nos de Sua Mãe Santíssima e de todos os Santos. Mas se desejo morrer é por acabar de sair deste mau mundo, e arrematar contas com tudo o que não é Deus, e viver só pera Deus, sem medo nem sobressalto de O poder jamais perder. Porque, conhecendo-me, como me conheço, por defeituoso, e miserável, e grande pecador, seja o fim da vida limite de pecados, e se acabe de quietar de todo esta consciência dos escrúpulos e receios que de contino a combatem de ofender a um tão bom Deus.

#### FIM DO QUARTO LIVRO

---

<sup>6</sup> Ad Gal., 2. 20.

LIVRO V  
DA  
VIDA DE DOM FREI BERTOLAMEU DOS MÁRTIRES  
  
da Ordem dos Pregadores  
Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Espanhas



## CAPÍTULO I

### *Da última doença que teve o Arcebispo, e do testamento que fez.*

Bastante força deveram ter comigo os muitos dias de trato e conversação da história deste Santo e irmos já sobre quatro livros dela, pera se nos pegar algũa faísca de devação e darmos sinal dela, começando este com novo brio, com novo e levantado estilo, mormente quando chegamos com a obra a termos de o vermos triunfar e tomar posse do reino e coroa por quem tantos anos tão valerosamente batalhou. Mas não me posso negar da natureza de um mau metal, de quem contam os ensaiadores da prata do Monte de Potosi, nas terras que chamam Índias Ocidentais, que, com ser prata fina, é tão seco, tão duro e rebelde que, por muito que seja favorecido de todos os meios e materiais que a arte insina, não basta nada pera o fazer brando e tratável, e se deixar beneficiar. E há tanta cópia dele que, como pedra ordinária, serve de calçar as ruas e fabricar as casas. Esta é a prata ou são as almas de quem se queixa Deus dizendo *Frustra conflavit conflator*<sup>1</sup>: Debalde e por demais trabalhou o ensaiador pola ensaiar. Por isso peço perdão aos leitores, conhecendo-me por tívio, e seco, e indevoto, calidades do metal que hoje cobre a terra por muitas partes, e rogo-lhes que, não

---

<sup>1</sup> Jer., 6, 29.



estranhando em mim a frieza geral do mundo, assi nos sofram no pouco que fica por escrever.

Oito anos havia que o Arcebispo se recolhera e residia no seu convento de Santa Cruz de Viana, e já passava deles tanto tempo quanto há de Fevereiro até Junho. Destes os primeiros quatro tinha gastado, como dissemos, em perpétuo serviço e trabalho, pregando todos os domingos e mais dias santos com ãa tão aturada continuação, que mete medo a quem considera o como nos queremos hoje poupados, os que temos as mesmas e maiores obrigações. Os outros quatro não descansou, inda que foram menos trabalhados. Porque, como estava mui gastado de várias indisposições, quando entrou neles, e passava já então de setenta e dous, não consintia o prelado que procedesse com a continuação primeira.

Obedecia o Santo, mas com dor e repugnância do espirito, que sobre tantos anos inda lhe parecia que tinha obrigação de merecer, servindo, o pão que comia.

Notável mas santa porfia de um arcebispo ilustríssimo em virtudes e merecimentos, carregado de anos, consumido de penitências e doenças, que nos envergonha, aos robustos, e afea nossa fraqueza e inconstâncias, que não há bom propósito que nos dure oito dias, tudo se nos vai em mudanças.

Era por fim de Junho do ano de mil e quinhentos e noventa, quando começou a sentir ãas dores que, sendo no princípio leves, o foram apertando e afadigando. E, ou fosse que então não entendesse a graveza do mal, ou quisesse merecer diante de Deus padecendo, ele as dissimulava e passava sem dizer nada.

Somente notavam os religiosos que contra sua condição se levantava tarde e se recolhia mais cedo do que costumava, e que andava falto de forças, e muito quebrado de cores; e com isto enxergavam nele sinais de quem andava contente, o que lhes deu sospeita se teria algũa nova do que soia chamar seu despacho, mas, como se não declarava nem queixava, atribuíam aquelas novidades a efeitos de velhice. Porém, ele já não duvidava de ser entrado o correio que lhe trazia o despacho e, num dia dos primeiros de Julho, sintindo grande força de dores e que não era tempo de mais

se encubrir, esforçou-se, disse missa e, por última despedida, correu os altares, visitou os seus pobres, que nunca em quanto foi vivo lhe faltaram da igreja, e, recolhendo-se pera a cela, passou pola porta do Padre Frei André da Cruz, religioso antigo e seu grande devoto, e disse-lhe cheio de alegria:

— Meu Padre Frei André, pola amizade antiga lhe venho dar conta de meu bem. Parece-me que é chegado meu despacho, porque o ordinário que mo traz, se me não engano, está já em casa. Fique-se embora, e lembre-se de me encomendar a Deus, porque lho mereço e tenho disso muita necessidade.

Recolheu-se e deitou-se.

Vieram médicos; entendeu-se que o mal era retenção de ourinas, que a física chama angurria, e que se tinha agravado com o sofrimento demasiado, porque havia sinais de exulcerações. Então caíram os religiosos que a grande honestidade do Arcebispo, junta com sua paciência, fora causa de dilatar tanto a publicação da enfermindade.

Começaram-se a buscar e aplicar remédios com todo cuidado, andando mui solícitos todos os padres na cura, e da mesma maneira os médicos, que lhe acudiam com grande amor e, como é fácil crer o que muito se deseja, não davam a doença por mortal; e quando o fosse, por ser o sojeito tão descaído com a muita idade, haviam que seria vagarosa.

Mas o Arcebispo, conhecendo melhor que eles o estado em que estava, tomou papel e tinta e fez seu testamento, testamento de pobre soldado de Cristo; pobre mas desembaraçado, que é a mor dita que se pode desejar pera a última hora, e que poucos sabem negoçar.

Foi, como dizem, feito na unha, e as palavras eram:

«Eu o arcebispo, Dom Frei Bertolameu, quero e ordeno que, levando-me Nosso Senhor pera Si, meu corpo seja sepultado neste mosteiro de Santa Cruz de Viana que eu fundei. El declaro que faço pura e irrevogável doação *inter vivos* a este mosteiro dos meus livros e dos meus móveis que tenho, e assi de tudo o que me pertencer e tiver vencido até o tempo de meu falecimento.

E por certeza fiz esta doação, no dito mosteiro de Santa Cruz, aos 7 de Julho de 1590, de que foram testemunhas Frutuoso Fernandes e Paulo Marinho meus familiares».

E não continha mais o testamento. Noutro que, segundo atrás referimos, fez em Tui, tinha mostrado o mesmo ânimo de se sepultar entre seus frades, e mandava que o trouxessem ao convento de Viana, sem nunca se lembrar pera este efeito da sé de Braga.

Entre tanto faziam seu officio os médicos, applicando e multiplicando todos os remédios que a doutrina dos livros e a experiência aconselhavam. Mas em males interiores, como se escondem aos olhos, são mui enganosos os juízos. E este mal ia penetrando com mais violência e mais pressa do que eles com sua filosofia e discursos atinavam, o que se descobriu por uns desmaios que lhe sobrevieram, os quais enfraqueciam demasiadamente, e o faziam acabar de assentar que tinha seu despacho na mão.

Assi, como quem se sentia obrigado a estimar e festejar o que tanto desejara, sofria suas dores com tanto ânimo que, sendo de si gravissimas, e causando-lhe intolerável martírio, nenhum dos circumstantes o entendia, se não era polos desmaios com que, de pura angústia, desfalecia; e toda via fazia pola encobrir com admirável constância.

E quando a fúria das dores era mais crecida, alegremente despregava a língua em louvores de Deus, dando-Lhe graças infinitas, com entranhável afeito, por todos os benefícios da criação e redenção, da fé e da conservação dela, repetindo e exagerando cada um por si. Então engrandecia e agradecia as mercês de o fazer religioso, de o descarregar do officio pastoral, de o tornar aos claustros e companhia de seus irmãos, e chegar a tempo de poder entre eles acabar o curso da vida mortal.

Logo ficava com ãa quietação tão extraordinária que parecia lhe tinha todos os tormentos em calma. E era que no meio deles o arrebatava a contemplação da Glória, que, se os não suspendia de todo, ao menos fazia-lhos toleráveis,

e fazia que estimasse e desse por bem vindo o mal, a troco dos bens que esperava, de que já se lhe representavam uns longes de soberana consolação. E vendo que se encurtava o prazo de padecer, estava com o espirito rendido e prontissimo a sofrer muito mais, pera mais merecer.

Acompanhavam-no os religiosos com grande lástima do que lhe viam passar e, por ãa parte, sentiam o muito que perdiam nele, por outra, cortava-lhes as entranhas ver arre-matar ãa vida tão inculpável em morte tão penosa. Não havia nenhum que se não ocupasse em algũa cousa de seu serviço, ou de comida, ou de mezinha; todos queriam com ele merecer e, se fora lícito, trocar a vida, porque todos o amavam unicamente.

Mas o mal entretanto tinha passado muito adiante, e descubria sinais mortais, com que os médicos começaram a desconfiar da arte e remédios humanos.

## CAPÍTULO II

*Do grande sentimento que havia na vila de Viana  
pola doença do Arcebispo; e das palavras  
com que o Santo se mandou despedir  
dos moradores dela; e dos novos accidentes  
com que se lhe foi agravando o mal.*

Como se publicou na vila a infirmitade do Arcebispo e a calidade e estado dela, foi estranho o efeito que fez em todo género e estados de gente, achando todos e cada um por si muito que sentir na perda, que já tinham por certa, de tal coluna e tal pai daquela república.

Venciam os pobres em mostras de desconsoação, porque, além da causa comum, a particular e própria, onde obrigava a falta do remédio quotidiano, espertava neles vivas e públicas mágoas.

Acudiram logo a visitá-lo os mais dos nobres, significando-lhe o grande e geral sentimento que por sua doença havia em toda a vila, o muito que desejavam e pediam a Deus sua saúde, porque dela dependia o bem de todos, que com sua vida e vista e à sua sombra viviam consolados, e com suas orações e santos sacrificios se tinham por seguros e emparados de todos os males e trabalhos.

Esforçou o Arcebispo a voz, mostrando que queria ser entendido no que determinava responder, e começou dizendo clara e destintamente que muito agradecia o amor que lhe mostravam; e por ele e polo que ele, Arcebispo, lhes tivera sempre, e no que pudera sempre mostrara, lhes pedia que

agora o ajudassem com suas orações; e assi o dissessem de sua parte a todos os mais vizinhos e moradores de Viana, pera que ele pudesse fazer muito por eles, tanto que o Senhor lhe fizesse mercê de o meter de posse de seu despacho, que por horas esperava; que ele os levava dentro em sua alma, e lá rogaria por todos, como na vida sempre fizera.

Estava o servo de Deus mui atormentado de dores, e com a língua já grossa, e a voz enfraquecida, que mal se lhe entendia o que falava; esforçar-se e animar-se pera falar assi não foi outra cousa senão um género de despedida e comprimento de cortesia e verdadeiro amor, devido a ãa vila tão illustre, que muito amava e tinha escolhida pera sítio em que determinava esperar a ressurreição.

E se as promessas dos Santos são de estimar (como na verdade são dignas de grande estima), estas palavras deviam todos os naturais de Viana trazer esculpidas nos corações, e escritas com letras d'ouro nas casas, pera se valerem de tal promessa em suas necessidades, como fazemos, os religiosos, a outra semelhante, que nosso glorioso Padre São Domingos nos fez, na hora de seu bendito trânsito, a qual lhe trazemos à memória cada dia, e não ãa só vez, com particular antífona que logo então se ordenou.

Após a gente nobre, foi acudindo muita gente, assi da vila como de mais longe, eclesiásticos e seculares, procurando todos aquella última consolação de sua vista. E muitos traziam panos de cabeça, que ofereciam aos padres, pera levarem os que se tiravam ao Santo, tendo fé que tais relíquias seriam de tanta importância, depois de sua morte, como na vida tinham experimentado em várias necessidades.

Mas neste tempo iam multiplicando accidentes temerosos, porque havia dias que não ourinava, e o humor detido fez acometimento à cabeça, causou sono e, a voltas dele, frenesis. Acudiram os médicos com defensivos à cabeça, e com sangrias nos braços pera divertir o humor, notomias que em um corpo tão gastado e já vencido da doença serviam mais de martírio que de benefício.

Era de ver a devação com que a gente da vila pedia e levava os cabelos que lhe cortaram do cercilho pera obra-

rem os defensivos; até os panos e ataduras das sangrias levavam. Trabalhavam os frades por ter o Santo esperto, porque estava profundamente amodorrado. Martirizavam-no com remédios, importunavam-no, falavam-lhe.

Não acudia e, se acordava, respondia com desvarios. Mas foi cousa de dar graças infinitas ao Senhor, e de grande admiração que, no meio dos tresvalios, se lhe falavam em Deus ou em matéria de espírito, e ainda que não fosse mais que em um ponto de Teologia, logo tornava em si e respondia, perguntava e resumia, falando tão esperto e a propósito, como quando estava em perfeita saúde.

Todavia, como o mal tinha feito seu assento em baixo, e danificado muito os vasos da ourina, não durou muito tempo na cabeça. Cessou a modorra e juntamente o frenesi, e tornou a ficar em seu perfeito juízo. Então se lhe ouviam a tempos versos dos Salmos e hinos de Nossa Senhora. Outras vezes acudia com devotas jaculatórias, sinais do que passava dentro naquela ditosa alma, como estava toda em Deus, e já quasi gozando do que esperava.

Publicou-se pelo arcebispado a doença e o perigo dela e, no abalo que causou nos ânimos da gente, se deixou bem entender quão presos e obrigados estavam todos do amor e obras do Santo.

Vieram logo entrando de várias partes muitos eclesiásticos e seculares, conhecidos e amigos antigos, que com sua vista o consolavam; e eles se consolavam igualmente, e aprendiam naquele espectáculo de dores e miséria humana, por ũa parte, e de estreita pobreza, por outra, quanto melhor posto é, pera esperar a derradeira hora, um pobre taburno no canto de ũa cela, cuberto de mantas grosseiras, rodeado de humildes e devotos religiosos, que os leitos ricos em câmaras douradas, armadas de finas tapeçarias, acompanhadas de pomposa família, que tudo acontece estar já acusando e, muitas vezes, antes do juízo, condenando ao poderoso que está em braços da morte, lidando com saudades do que deixa e temores do que espera. E se não, perguntem-me ao Papa Leão X, delícias do género humano, que envejas confessou às chaves e ao burel do porteiro remendado de um conven-



tinho pobre, quando se viu acabar a vida, senhor de Roma e do mundo, dentro no famoso palácio de S. Pedro <sup>1</sup>.

Tornando ao fio da história, veio entre os eclesiásticos um cónego de Braga, por nome Luís Gomes. Entrando pela cela, foi logo conhecido do Arcebispo, que era dos seus aceitos, e disse-lhe com repouso:

— Vindes bem? Trazeis o que vos entreguei pera esta hora?

Pôs-se o cónego de joelhos e, tomando-lhe a mão pera lhe beijar, respondeu:

— Não trago nada, mas diga-me Vossa Senhoria que é o que havia de trazer.

Tornou o Santo com muita serenidade:

— O anel pontifical, que agora é necessário.

Dizendo-lhe o cónego que o não trouxera, porque esperava em Nosso Senhor que daquela enfermidade o não haveria mister, replicou:

— Mandai-o logo buscar, que já é necessário.

Este era o anel que, despedindo-se o Arcebispo em Roma do Papa Pio IV, lhe deu Sua Santidade de sua mão, como ali escrevemos <sup>2</sup>; e vindo a Braga, o entregou a este cónego Luís Gomes, a quem muito amava, e ele por sua virtude e partes o merecia, dizendo-lhe que teria cuidado de o guardar pera lho pôr no dedo quando falecesse, e assi o veio a cumprir em cabo de vinte seis anos; porque o mandou buscar com diligência, e veio a tempo. E a primeira reposta que deu ao Santo foi tentativa a ver se estava com conhecimento perfeito e lembrança dele, Luís Gomes, visto como estivera frenético e tresvaliado.

---

<sup>1</sup> Ihescas, *Hist. Pontif.*, p. 2, l. 6, c. 24, p. 11.

<sup>2</sup> Livro II, cap. XXVIII.



### CAPÍTULO III

*Entra o Arcebispo em artigo de morte; vem de Braga  
a visitá-lo seu segundo sucessor  
Dom Frei Agostinho de Jesu.*

Chegava-se a hora em que o Senhor tinha ordenado dar glorioso fim aos trabalhos de Seu servo, e inteira satisfação a seus desejos. Creceram as dores desmedidamente, sinal certo da muita pressa e força com que o mal interiormente ia lavrando, e derribando a natureza. A fraqueza era extrema, que já não era senhor de nenhum acto nem movimento corporal, e o calor natural e os pulsos iam faltando.

Neste estado, o que se podia entender era estar todo absorto em meditações celestiais, e amores do Divino Esposo. Do que davam indícios algũas palavras de abrasado afeito, com que desabafava, não podendo dissimular as enchentes de gosto com que sua alma se adiantava a receber aquella hora, sua sempre desejada e longamente esperada.

Era prior do convento o Padre Frei Francisco do Espirito Santo. Começou a tratar com os religiosos que modo teriam no enterramento e exéquias, como já não havia outra cousa que esperar; mostrando todos muito sentimento de haver de ser ãa cousa e outra, visto o estado do convento, com pobreza e silêncio, bem conforme a arte e natureza de que havia de ser enterrado, se com ele se consultara a matéria, mas muito longe do que estava merecendo sua pessoa e dignidade, e lhe devia o convento e toda a Ordem.

Mas aquele Senhor que tanto se preza de fiel a todos Seus amigos, que até a terra vil dos corpos daqueles que

por Ele fizeram algũa cousa no mundo tem prometido honrar, dizendo que nem um cabelo da cabeça consintirá que percam<sup>1</sup>, teve cuidado de tirar o prior e frades desta fadiga, ordenando ao Seu servo tão solenes e pomposas exéquias, como se dentro em Braga foram celebradas, morrendo ele em posse daquela Igreja, e não havendo outro prelado. E succedeu desta maneira.

Por falecimento de D. João Afonso de Vasconcelos, que foi primeiro sucessor do nosso Arcebispo, Dom Frei Bertolameu, na Igreja de Braga, e, como velho que era, a logrou poucos anos, foi provido nela Dom Frei Agostinho de Jesu, aliás de Castro, religioso da Ordem dos Eremitas de S. Agostinho, pessoa mui conhecida neste Reino por suas grandes qualidades de sangue e virtude, e havia muitos dias que residia em Braga.

Chegou a fama à cidade do estado em que o enfermo se achava, e como não se tratava já doutra cousa senão de enterro e exéquias. Não faltou quem levasse a nova ao Arcebispo, que, movido em seu ânimo do em que tudo vem a parar, sorte comum e lei forçada de todos os que vivemos, determinou ir a Viana, considerando que era ocasião de verdadeira caridade, e piedade cristã, quando não ia visitar, nem ganhar graças, senão fazer officio de sepultura.

Soube-se pola terra, revolveu-se com o exemplo e resuscitou gèral saudade do prelado antigo.

Pôs-se o Arcebispo a caminho na mesma tarde que teve o aviso e, sendo na força das calmas de Julho, caminhou aturadamente toda a noite, de maneira que às sete horas da manhã estava em Viana, às portas do nosso convento, acompanhado de tanta e tão autorizada gente eclesiástica e secular que parecia se despovoara Braga.

Entrou polo convento sem esperar cerimónias e, perguntando pola cela do enfermo, dizia com cortesia e confiança de príncipe (palavras formais):

— Qual é a cela do senhor Dom Frei Bertolameu?

---

<sup>1</sup> Lc., 21, 18.

O prior e religiosos, sobressaltados com tamanho hóspede, acudiram correndo a lançar-se a seu pés, e foram-no guiando. Entrou o Arcebispo na cela, com todos os que o seguiam; e ele e todos ficaram um espaço suspensos e mudos, dando lugar a que considerassem os olhos um desengano de grande confusão pera quem estima a vida.

Ūa estreita cela, as paredes nuas, em mesa sem pano, um candieiro de ferro pendurado de um prego; ūa cama de frade ordinário, sem cortina nem género de paramento, sobre ūa tábua de pinho (que tábua pera salvar de grandes naufrágios!). Ali um arcebispo lançado, que tão celebrado e tão estimado foi no mundo, agonizando em cruellíssimas dores, e do martírio delas tornado um bichinho.

Representava tudo, assi junto, por ūa parte um retrato do Purgatório; por outra, oferecia um *Memento homo*, e um aviso medonho da fraqueza do barro que sustenta as mais luzidas estátuas do mundo.

Ao rumor dos que entravam, espertou o Santo dos *actos anagógicos* em que sempre estava ocupado, que este era o ouro que lhe dourava e fazia levar as piloras das intoleráveis dores que passava; e abrindo os olhos e vendo a cela cheia de tanta variedade de gente, foi olhando muito devagar a todos, e como reconhecendo a cada um por si; e ficou um pouco suspenso, mas não torvado.

E perguntando-lhe um religioso, que estava mais perto, de que se espantava, dizem que respondeu com voz clara e severa:

— Não permite Deus que se executem por agora milagres.

Outros entenderam: «Não espere agora ninguém por milagres».

Causou espanto em todos os circunstantes a novidade destas palavras, porque era totalmente alheio da natureza do Arcebispo falar em milagres, exceito nos do Evangelho e dos Santos canonizados. Mas os que tinham mais conhecimento dele julgaram que continha em si algum grande mistério. E bem se pode cuidar que, vendo tanta gente junta, e tanta diversidade de rostos, todos tristes, todos desconsolados, e muitos banhados em lágrimas, haveria que lhe enve-

javam aquella boa ventura de se ver às portas da morte, e pediam a Deus lhe desse vida; e com ũa santa ira os quis desenganar, que já estava certo e seguro de seu despacho, e que nenhuns meios humanos seriam bastantes pera tornar atrás a palavra que lhe estava dada; que não se cansassem, nem esperassem milagres, que milagre seria viver quem estava já penando entre paroxismos de morte.

Mas o mais certo devia ser que em tantas illustrações como o Santo tinha do Céu, que agora seriam de luz aventajada, não lhe faltaria algũa de que tinha o Reino e a Coroa perto, e daí lhe naceria a confiança com que falava, se não quisermos dizer que pode ser isto profecia de milagres que polo tempo adiante haja de obrar Deus por Seu servo, guardando-os pera quando mais for Seu santo serviço. Porque quem diz que de presente «não hád' haver milagres», supõe que os haverá de futuro. E de um tal varão não havemos de julgar que podia sair palavra inconsiderada, estando como estava em seu siso, e em tal hora, e tal ocasião.

Chegou-se o Arcebispo à câma do Santo, cheio de lástima do que lhe via padecer, tomou-lhe as mãos, falou-lhe algũas palavras de grande espirito, e consolação, e significações de amor, não só como de arcebispo pera arcebispo, mas como de filho pera pai, com que edificou a todos os circumstantes, oferecendo pera sua cura, não só a fazenda como rico e poderoso, mas tão bem as mãos como enfermeiro, officio em que determinava igualar-se com o mais humilde religioso do convento.

E logo começou a mostrar que não eram palavras de cumprimento, lançando mão do que lhe parecia que convinha, e acudindo a tudo, sem mandar nem rogar a ninguém, com exemplo de grande humildade e religião.

Não nos consta de palavra que o enfermo lhe respondesse, e não é d'espantar, que, como estava tão afadigado do mal e destituido de forças pera satisfazer com palavras equivalentes a tal visita e tal oferta, usou de silêncio, que muitas vezes é verdadeira eloquência. Mas o que se lhe entendeu do sembrante e alguns sinais foi consolar-se muito com sua presença e estimá-la.

Também mostrou alegrar-se com os eclesiásticos que conhecia, porque, a uns criara, e a outros tratara, e a todos amava. As mesmas mostras de amor sintiram nele os seculares, não faltando a nenhum com o que podia naquela última hora, como nunca lhes faltou em vida.

Mandou o Arcebispo que viessem os médicos, e saiu-se pera fora, pera que despejassem os mais, que, como eram muita gente e o tempo calmoso, afrontavam o enfermo.

Juntos os médicos, quis o Arcebispo entender a raiz e princípios da doença, e o processo dela, e que sintiam do estado presente, e mandou assistir na consulta o seu médico que, por não faltar em nada, trouxe em sua companhia de Braga.

Proposta e declarada largamente toda a informação do mal, e os termos que tinha feito, e ia fazendo, foi breve a resolução, e com poucos discursos convieram todos em que não havia que esperar, e que se não tardasse com os últimos socorros da Santa Madre Igreja, porque se ia com muita pressa consumindo.

Tornou o Arcebispo pera o enfermo, mandando primeiro fazer prestes pera a Santa Unção, que por suas mãos lhe queria ministrar. Não se tratou do Santíssimo Sacramento da Eucaristia, porque no processo da doença o tinha por sua consolação recebido algũas vezes e, de presente, lhe tinham acudido uns vômitos que eram impedimento.

## CAPÍTULO IV

*Manda a cidade de Braga visitar o enfermo.  
Dá-se conta de um requerimento que a Câmara  
de Viana fez ao Arcebispo Dom Frei Agostinho,  
e a razão dele.*

É o povo de Viana dotado de um particular zelo do bem de sua república e, no que toca ao comum, ainda que uns com outros andem desavindos, logo são unidos e conformes e, onde sentem ser necessário, sabem não perdoar a diligência, nem trabalho, nem despesa.

Com a vinda do Arcebispo Dom Frei Agostinho, súbita e não esperada, e com o número extraordinário de gente nobre secular, e de cônegos e dignidades de que a vila andava cheia, entraram em suspeitas (como é ordinário em nossa natureza inclinar-se facilmente a cuidar o que teme) que tamanho ajuntamento não era tudo obra de cumprimento e caridade, mas que, à sombra dela e com esse pretexto, quereriam levar pera Braga aquele Santo, na hora que expirasse.

E consideravam no caso não somente detrimento da vila, pelo que o amavam e pelo muito que esperavam haver-lhes de valer com Deus terem entre si suas relíquias, mas afronta e descrédito de todos, se com manha ou força lho tirassem.

Começaram logo a acautelar-se sem o darem a entender e, tanto que o Arcebispo entrou no convento, foram com ele o juiz de fora e vereadores e o governador do presídio e fortaleza da barra, a título e cor de cumprimento e cortesia

devida ao prelado que entrava por suas portas, mas na verdade ver se podiam alcançar, por algũa palavra ou sinal, o fim verdadeiro desta vinda.

E como o Arcebispo entrou na cela do enfermo, foram eles nas suas costas a som de acompanhamento, mas com a mesma tenção, esperando que por algũa via trasluziria a verdade. Como não sintiram novidade, despejaram e foram-se, aliviados, mas não descuidados.

Entre tanto chegaram ao convento dous vereadores da cidade de Braga, acompanhados de alguns cidadãos. Eram pessoas de autoridade, fizeram seu officio com muitas palavras de cortesia e amor filial, declarando-lhe o sentimento grande com que aquele povo recobera as novas de sua infirmitade, e o gosto que teria com as de melhora e perfeita saúde que lhe desejavam, e lembrando-lhe que, em caso que Nosso Senhor fosse servido de o livrar das penas desta vida, quando se visse nos gozos da eterna, não se esquecesse dos que sempre tratara como filhos, fazendo por todos diante da Majestade Divina officio de pai; e pera penhor e consolação lhe pediam sua santa benção.

Desta embaixada e visita foram logo advirtidos os do governo da vila e não foi mais necessário pera assentarem e darem por certas suas sospeitas e, juntos em Câmara com o corregedor da comarca, e juiz de fora, e governador do presídio, acordaram de defender a todo seu poder que o corpo do Santo não saísse fora do seu convento, nem vivo nem morto; e pera este fim se fizessem todas as diligências que parecessem necessárias, e todos se unissem nelas, como em causa própria e peculiar de cada um. E, praticadas logo algũas, e dado cargo delas aos que as haviam de executar, puseram à conta do juiz de fora e vereadores dar principio a ũa que julgvam por de muita importância, a qual foi esta.

Tomaram consigo dous notários apostólicos e, juntos em corpo de Câmara, foram ao convento e, mandando pedir licença ao Arcebispo Dom Frei Agostinho pera fazerem ũa diligência em prol do povo daquela vila, como foram em sua presença, disse um dos vereadores, com todo o decoro de termos e palavras devido a seu prelado: Que à notícia dos



que ali estavam era vindo, mas sem autor certo, que havia quem tratava de que, sendo falecido o senhor Dom Frei Bertolameu dos Mártires, já Arcebispo de Braga, se levasse seu corpo daquele convento e daquela vila, o que eles não criam, por muitas razões que havia em contrário.

Primeira, porque a vontade pública e sabida do enfermo fora viver, e morrer, e enterrar-se entre seus religiosos, naquela casa que alevantara dos fundamentos, e em que se recolhera desd' o dia que renunciara o arcebispado, sem nunca sair mais dela.

Segunda, que em um testamento antigo, que não estava derogado, e por um codicilo que agora ultimamente fizera, se mandava sepultar naquele convento; e sendo, como era, última vontade de defunto, e de tal pessoa, não podia ser ordenar-se cousa algũa contra ela.

Com tudo, por obrigação do officio que exercitavam, que era procurar todo o bem e quietação daquela vila, e atalhar toda occasião de discórdia e desgostos nela, lhes parecera pedir a Sua Senhoria Ilustríssima, como de feito lhe pediam por mercê, em nome dos presentes, e de todo o povo, e da parte de Sua Santidade e de Sua Majestade lhe requeriam diante dos notários apostólicos, e escrivão da Câmara, que o ouviam, não consintisse que tal cousa se fizesse nem intentasse.

Respondeu o Arcebispo com palavras gêrais e como quem não trazia mais intentos que usar caridade. E eles, despedindo-se, foram ver o enfermo e, dizendo quem eram, lhe pediram a benção pera toda a vila, em cujo nome ali vinham.

Olhou o santo velho pera todos com muito repouso e, trabalhando por se concertar na cama da maneira que podia, lha lançou; e eles a receberam de joelhos, com devação e lágrimas.

Não eram bem despedidos de um e outro arcebispos, quando o convento se encheu de alto a baixo da melhor gente da vila, repartida a espaços com boa ordem de vigias, e com seus corpos de guarda a uso de guerra em tudo, salvo que não havia armas públicas mais que as ordinárias da paz, por guardar respeito à Religião e escusar perturbação no



convento. Esta guarda continuou dia e noite até que o Santo foi sepultado. E era o zelo e cuidado tão vivo, que nenhũa pessoa, por nobre ou muito occupada que fosse, se escusava do trabalho, e os vereadores e justiças eram os sobrerroldas e os que repartiam as vigias e nomeavam os que haviam de entrar e succeder nas guardas.

E porque não ficasse nada por fazer, que a cautela demasiada não dana, ardiam tochas à custa da Câmara por todo o dormitório, e com mais cuidado junto da cela do Santo, e nos baixos que respondem à mesma cela; e por fora, à roda do convento, havia outra gente em guarda, e com suas luminárias, porque se não fizesse movimento por nenhũa parte sem ser sentido.

E ficaram d'acordo com os padres do convento, como a causa era igualmente sua, que, vendo ou sintindo algum indício de novidade, ou tocassem um sino ou fizessem sinal aos da vigia, porque já em todo povo estava passada palavra de acudir ao convento, sem faltar homem, e não consintirem em mudança do Santo, inda que sobre isso arriscassem vidas e fazendas.

## CAPÍTULO V

### *Como foi ungido o santo Arcebispo.*

Eram entretanto os cuidados mui diferentes em ambos os arcebispos. Porque um esperava pelo último socorro que a Igreja tem sinalado pera os que com fé entram na batalha da morte, que é o Sacramento da Santa Unção; e o outro se fazia prestes pera com caridade o administrar.

Mas em quanto se juntavam os ministros, e ordenavam as cousas pera se fazer com toda solenidade, quis o Arcebispo Dom Frei Agostinho aproveitar aquele espaço de tempo com ùa obra de seu valor bem digna. Mandou vir um pintor de fama, por nome António Maciel, pera nos ficar por seu meio conhecimento do rosto e feições do Santo, consolação grande pera os que não alcançamos sua presença.

Tinha o Santo naquela hora os olhos fechados, ou pola força do que padecia, ou por estar assi mais entregue às meditações do Céu, que nunca interpolava. E foi boa ocasião pera o efeito, porque, segundo sua profunda humildade, fora-lhe desconsolação grande, se o entendera.

Todavia, pera se tirarem os olhos que são quasi o todo do rosto humano, era necessário estarem abertos e haver vista deles o official. Aqui foi necessário artificio.

Tomou-o à sua conta um religioso do convento que estava à ilharga da cama, e sem mais diligências que dizer-lhe *Sursum corda*, abriu logo os olhos com toda a viveza que o estado presente sofria e, pregados com devação no Céu, disse affectuosamente:

— *Habemus ad Dominum.*

E pera que os não tornasse a cerrar e o ir entretendo, perguntou-lhe se o conhecia. Respondeu o Santo, pondo nele os olhos:

— Si, conheço, Padre meu, muito bem vos conheço, que tendes um nome muito fermoso do Apóstolo Santo André, que foi grande namorado da Cruz de meu Senhor Jesu Cristo, e dela tendes também o sobrenome; e há muitos anos que sou muito vosso amigo por vossa grande virtude e religião.

Replicou o religioso:

— Pois Vossa Senhoria diz que é meu amigo, lembre-se de mim diante de Deus.

— Si, farei — respondeu o Santo.

Aqui acudiu o Arcebispo Dom Frei Agostinho, dizendo:

— E de mim também, Senhor.

— E de vós também — respondeu o Santo — e de muito boa vontade, porque tendes muita necessidade.

E como se virou pera ele, pera lhe dizer estas palavras, deu fé do pintor (tanto em si estava) e perguntou que homem era e que fazia ali.

Quietaram-no facilmente dizendo-lhe que estava concertando uns papéis que eram necessários.

Assi houve lugar pera se acabar o retrato, que ficou bem ao natural, e por ele se tiraram despois outros, dos quais foi logo um ao Arcebispo de Évora D. Teotónio de Bragança, que ele estimava muito, e na mesma conta tinha Dom Frei Agostinho o primeiro, que a ele devemos.

E na verdade a obra foi tal que, em quanto esta escriptura durar e a memória do Santo, que será eterna, conforme à promessa *in memoria aeterna erit justus*, terá a do Arcebispo Dom Frei Agostinho perpetuidade e louvor, ficando retratada na figura alhea, com mais vivas e perfeitas cores; e com aquella vantagem que tem a pintura e retrato do ânimo ao corporal.

Que isto foi o que quis dizer Túlio a Júlio César, quando viu que mandava levantar as estátuas de Pompeio que o povo, por adular o vencedor, lhe tinha derribado: *Statuas Pompeii*

*erexisti, tuas stabilisti*; como se dissera: «na honra que fizestes às estátuas de Pompeio eternizastes a vossa, e as vossas»<sup>1</sup>.

Junto a um tempo acabava o pintor, e entravam a dar recado que estava a ponto tudo o que era necessário pera a Santa Unção.

Não foi necessário buscar rodeios pera avisar o enfermo do que se queria fazer. Ninguém melhor que ele conhecia o estado de sua doença, e já tinha pedido por algũas vezes ao prior que, como parecesse tempo, lhe acudissem com este sacramento. Disseram-lho claramente. Recebeu a nova não só sem perturbação, mas com sinais de gosto.

Começou-se o officio com muita solenidade e aparato, porque o Arcebispo, já quando partiu de Braga, entendendo o que poderia suceder, deixou ordem que, após ele, lhe fosse do tesouro um pontifical inteiro, e panos de seda e brocado, muitos castiçais e tocheiras de prata, cópia de cera de toda sorte e, juntamente, todos os músicos da capela da Sé, pera que, havendo de haver exéquias, se fizessem com toda pompa e magnificência.

Quem dirá que não foi tudo isto movimento do Céu e Providência divina, e que quis o Senhor começar a honrar Seu servo com honras extraordinárias no meio da pobreza e desconfiança dos seus frades?

A solenidade da Unção foi a maior que podia ser, vista a pessoa de quem a administrava, a nobreza e número dos assistentes, a riqueza e abundância de ornamentos. Mas não foi menos de ver a segurança, a quietação, e devação de quem a recebia.

Estava em todo seu acordo, e perfeito juízo, pedia a todos que o ajudassem com suas orações, pera que o Sacramento causasse em sua alma todos aqueles efeitos, pera os quais Cristo Nosso Redentor o instituíra.

Começaram-se a rezar os sete Salmos. Dizia ele um verso com muita pausa, e clara pronunção; outro diziam

---

<sup>1</sup> Plutarco, *Apophth.*

os cônegos, e abades, e religiosos do convento e doutras Ordens, que assistiram muitos em número.

E porque acontecia a dor e lágrimas que aquele triste acto espertava em quasi todos impedir a boa expressiva dos versos que alternavam, ele acudia e emendava, como se estivesse com inteiras forças, e fazia declarar as últimas sílabas; e assi disse todos os versos que lhe tocavam, sem perder nenhum nem errar palavra, e, com a mesma prontidão, inteireza e sossego respondeu por si onde era necessário, ao receber do santo óleo.

Estava a cela cheia de gente, de maneira que não cabiam, e nem no dormitório se podiam revolver, porque, ao sinal que se fez pera este sacramento, acudiu da vila o povo todo. E até as mulheres principais mandavam amiúde seus criados a saber o que passava, e não se contentavam com menos que novas de vista, esperando se quereria o Senhor fazer-lhes mercê de alargar aquella vida, de que tantas dependiam, e arreçando o sobressalto de a perderem.

O concurso da gente, e a muita cera que ardia tinham o ar da cela tão quente que se sentia demasiado fogo, quando acabou o officio, o que, junto ao trabalho que o enfermo tomou na continuação de rezar e responder a tudo, causou-lhe fraqueza, e a fraqueza um paroxismo.

Mandou o Arcebispo despejar de todo e acudir-lhe com sustâncias pera o esforçar, e ver se podia repousar, e descansar um pouco.

## CAPÍTULO VI

*De um misterioso sinal que se descobriu  
no santo Arcebispo e de seu felice trânsito.*

Entre os muitos eclesiásticos que de Braga acudiram a visitar o santo enfermo, veio um cônego que de moço se criara em sua casa, fora seu cubiculário, e muito tempo o ajudara a rezar. E por ser este, ordenou o Arcebispo Dom Frei Agostinho que ficasse com ele, em companhia de alguns religiosos do convento que o vigiavam.

Estando este cônego de noite com eles, lhes perguntou se tinham visto um sinal que o enfermo tinha de grande maravilha e, sendo cousa nova pera todos, depois de lho referir de palavra, tomou com resguardo a mão direita ao enfermo, e mostrou-lhes nela a cruz de que no primeiro capítulo desta história fizemos menção.

Os religiosos a estiveram com admiração considerando muito devagar, e dando graças ao Senhor que tão maravilhoso se mostra em Seus Santos.

Veio o Arcebispo de madrugada visitar o enfermo e, dando-lhe os padres conta do sinal, quis por seus olhos vê-lo, e logo lhe tomaram a mão com cautela, que não caísse no fim a que o faziam, e o Arcebispo o esteve vendo com curiosidade e consideração, e notando na cruz todas as particularidades que atrás contamos, as quais ele depois referiu largamente a quem isto escrevia. Porque, ainda que havíamos por bastantemente calificados os testemunhos dos nossos religiosos, que eram todos os que então se achavam naquele convento,

com tudo, como o sinal era tão estranho e prodigioso que de nenhũa maneira o podemos dar por causa natural, parecem-nos que não cumpríamos com a obrigação de historiador, se o não ouvíamos por viva voz do mesmo Arcebispo, como de testemunha maior de toda exceção; e este foi um dos principais fins que a Braga nos levou.

Frei Tomás de Cantimprato e outros cronistas da Ordem de S. Domingos <sup>1</sup> contam de outra cruz semelhante, que atrás referimos, de um religioso desta Ordem, grande santo, a qual escrevem que lhe foi achada no peito e que era do mesmo feitio e debuxo que desta temos escrito, salvo que esta era florida em todos os quatro remates, e a de Frei Volando (que assi havia nome o religioso) carecia de tanta perfeição, porque o remate de baixo, que ficava sendo o pé da cruz, não era florido, mas acabava em ponta aguda, lisa e direita.

E acrescenta Cantimprato que se interpretava naquele tempo pela cruz a contínua meditação da Paixão de Cristo em que o Santo se exercitava, e pelas flores de lis a pureza virginal que por toda a vida com grande cuidado conservava. E com muita razão podemos aplicar ambas estas interpretações à cruz do nosso Santo, porque em ãa e outra virtude foi insigne.

Vendo o Arcebispo um penhor do Céu tão extraordinário no seu doente, e comparando com ele o que de sua vida e obras tinha sabido, fazia conta que tinha entre mãos um dos grandes santos antigos, e dava não só por bem empregado, mas havia por boa ventura, o trabalho que tomara nesta jornada, que não foi pequeno.

Nem foi menos o que passou quatro ou cinco dias que ali assistiu, porque se notou que em todos eles quasi nunca se apartava do enfermo e, de noite, estava com ele cinco e seis horas, dando-lhe sempre de comer por sua mão, e acudindo primeiro que todos aos paroxismos que muito a miúde acometiam, a acabar de consumir a natureza já pros-trada, e desemparada de todo vigor. E como se fora qualquer dos padres particulares de casa, era sua assistência, ou assen-

---

<sup>1</sup> Cantimprato, l. I *De Apib.*, c. 25, § 6.

tado aos pés da cama, ou encostado à cabeceira, e muitas vezes posto de joelhos.

Continuando o Arcebispo neste santo e piadoso officio, como não perdia ponto na vigia e advertência do que convinha ao enfermo, notou-lhe ãa tarde novo quebrantamento de rosto e olhos, e que conformava o pulso com estrema debilitação. Por onde julgou que tardaria pouco em se apagar a candeia da vida e, avisando os circunstantes, começou a rezar com os joelhos em terra, por um livro que pera este efeito trazia, certas orações próprias pera tal hora, as quais acompanhava com muitas lágrimas, e com as mesmas respondiam muitas pessoas de todos os estados que, por ser a conjunção tal, tinham a cela cheia. Que, como o Santo em vida amava de coração toda pessoa religiosa, sem respeito das cores do hábito ou apelido da Religião, venerando em cada ãa o capitão de todas as Ordens e Congregações religiosas, Cristo Jesu, assi ordenou Ele que lho pagassem neste ponto, porque, além dos capitulares de Braga, e dos abades, e mais eclesiásticos que, como temos dito, concorreram em grande número, havia religiosos de S. Bento, de S. Francisco, da Companhia de Jesu. Não faltaram os mais nobres da vila, nem os capitães do presidio, obrigados, além do amor geral do Santo, do particular cuidado e guarda em que a vila se tinha empenhado.

A devação e lágrimas do Arcebispo, começando o officio da agonia, creciam de maneira que nem enxergava a letra, nem podia pronunciar as palavras; e com seu exemplo não havia nenhum tão insensível que tevesse os olhos enxutos.

Era de ver o santo velho, como outro patriarca Jacob entre seus filhos, rodeado de tantos em que a maior parte, por algũa relação, lhe deviam nome de filhos. Porque a uns criara, outros ordenara, outros fizera ricos. Todos pranteavam, ele só, alegre e contente, perguntava ãa vez e outra se eram ditas completas, como quem tinha pera então algũa promessa do termo da jornada.

Não faltou quem comparava este dia com outro, em que o Santo se viu em capítulo pleno, no convento de Lisboa, arrebatando de dor por se ver obrigado da obediência a deixar



os claustros e aceitar a mitra: então triste, e todos seus irmãos contentes; agora tudo ao revés. Que, na verdade, então saía pera cativo certo, agora pera verdadeira liberdade: verdades cridas e conhecidas de todos, mas de mui poucos abraçadas.

Entre as sete e as oito da tarde, tornou a perguntar se eram ditas completas; dizendo-lhe que eram ditas, quietou um pouco, parece que pedinho cumprimento da promessa. Neste tempo chegou um religioso a tocar-lhe os pés, pera ver em que estado estavam de frialdade, e assi julgar da vida. Foi cousa maravilhosa a esperteza com que acudiu, estando tanto no cabo que não durou um quarto de hora: encolheu os pés com força que já não tinha (último esforço da natureza), fez semblante e olhos severos, desejou falar e fez sinal a boca, mas já não havia alento pera formar voz, nem se lhe entendeu nada. E com tudo, assaz falou naqueles meneos bem significadores, que nem no derradeiro artigo da vida se esquecia do antigo cuidado de sua honestidade e compostura.

A este tempo o reitor do colégio da Companhia, de Braga, que estava pegado com ele, tomava o livro ao Arcebispo, pera ir continuando o officio, que o bom prelado totalmente estava impossibilitado, tirando-lhe as lágrimas a vista, e a dor a respiração. Então levantou o Santo as mãos e olhos ao Céu e, sem fazer outro movimento de rosto nem corpo, rendeu o espírito ao Criador, ãa segunda-feira, 16 dias de Julho de 1590, entre as sete e as oito da tarde, em idade de setenta e seis anos e dous meses. Tinha de hábito sessenta e dous anos não perfeitos, e havia trinta e dous que fora eleito arcebispo, e oito e alguns meses que, deixando o arcebispado, se tornara à sua Religião.

## CAPÍTULO VII

*Da fisionomia e partes corporais  
do santo Arcebispo; e do sentimento  
que por sua morte houve na vila de Viana.*

Foi o Arcebispo Dom Frei Bertolameu de boa e bem proporcionada estatura, maior que meia. Conformava com ella a composição de todos os membros, cabeça grande, rosto comprido e descarnado; testa larga e alta, que abria em uma venerável calva; os olhos eram pequenos e sumidos; a vista em ambos torcida.

Este defeito (chamam os latinos aos que o têm *strabones*) não é de natureza. Assim o sente Plínio quando diz *Uni animalium homini oculi depravantur*, como se dissera que só ao homem, entre todos os animais, acontece danarem-se e torcerem-se-lhe os olhos, nascendo com elles direitos e sem vício. Os médicos apontam alguns géneros de doenças que o causam. Guido Desidério, depois de as referir, acrescenta *Pueri etiam in cunis iacentes et oblique saepe lucem cernentes in hunc affectum interdum incidunt*, querendo dizer que vem este mal também aos mininos no berço, por descuido de quem os cria, pondo-lhes a luz em parte que de força a hão-de buscar com a vista atravessada <sup>1</sup>.

Tinha o nariz proporcionado com o rosto, direito e moderadamente levantado; a boca grossa, e o queixo e beijo infe-

---

<sup>1</sup> Plin., lib. 11; Avicena, fen. 3, l. 3, tract. 2 c. 28 *de Strabosit*; Gal. *De symptomatum causis* l. I, c. 2; Ant. Guido Desid. in *Epit. Valasci de Taranta*, l. 2, c.

rior um pouco saído, quasi ao modo que nos pintam os retratos aos príncipes da Casa de Áustria.

Destas feições resultava ãa certa majestade que o fazia tão grave e venerável que, de primeira vista, era de quem o não conhecia julgado por esquivo e intratável; mas conversado, não havia maior brandura, era chão, fácil, humano mais do que se pode crer (efeitos da filosofia cristã e verdadeira virtude, que tempera, e adoça o agro da natureza, e melhora e aventaja o bom).

Era alvo de rosto e, antes de chegar à muita idade, inflamado sempre em cor; mas a inflamação se atribuía a causa mais alta que natural; diziam que procedia de trazer a alma de contino afervoradamente occupada em Deus, de que dava testemunho no rosto e olhos, quasi sempre levantados ao Céu, o que também era causa de parecer maior o defeito que dissemos da vista.

Sendo moço, era miúdo e delicado de membros, que se duvidava se aturaria o trabalho da religião. Com a idade engrossou e fez-se corpulento; e, como se se trocara em outro, assi se mostrou robusto de natureza e forças, soffredor de muito trabalho, de vigias, de estudo e penitências, que nunca largava.

A compreição era colérica e sanguinha, de que deram indício muitas doenças que padeceu de sangue mui graves, sendo de admirável temperança no comer e beber.

Era de engenho sutil, claro entendimento, e firme memória, livre em dizer a cada um o que entendia e (o que é rarissimo no mundo) soffrido e humilde em ouvir o que cada um lhe dizia de avisos e advertências; animoso em acometer as cousas de sua obrigação; acre, e diligente na execução delas, constante em as levar ao cabo, porque nenhũa acometia sem muito estudo e conselho, parte de verdadeira prudência.

Acabando de espirar, fizeram sinal os sinos do nosso convento e foram respondendo os mosteiros de freiras, e logo continuaram os das outras igrejas, com que ficou entendido por toda a vila o falecimento do Santo.

Então se começou a ouvir por toda ela um pranto gèral com tão verdadeiras lágrimas, e sentimento tão saudoso, como

se cada um perdera seu próprio pai. Porque quasi não havia casa neste lugar, que deixasse de estar penhorada com algum beneficio deste pai de todos, nos trabalhos, nas doenças, nas necessidades, ou por meio de suas orações, e consolações espirituais, ou de seus conselhos e esmolas.

No convento eram os efeitos diferentes, não sendo menos a desconolação, e as cousas dela nos que ali se achavam. Ficaram como atónitos, metidos em alto silêncio, sem se ouvir palavra, nem mais que algum suspiro saído das entranhas. Novo género e nova força de dor que secou as lágrimas, emudeceu as línguas. Assi acompanharam o defunto o que restava da noite.

O Arcebispo, depois de assistir algũas horas, como tinha tomado à sua conta a pompa funeral, recolheu-se ao seu aposento a dar ordem nela, deixando primeiro encomendado a dous cônegos, os mais principais dos que ali se acharam, que lhe vestissem o pontifical e pusessem o pálio.

Eram horas que começava a clarear o dia e não havia quem quisesse nem lhe lembrasse buscar repouso.

Pediram os religiosos que se despejasse a cela e dessem lugar pera amortalharem o corpo. Aqui houve grande contenda com os vereadores e alguns outros nobres da vila, persuadidos que, se era verdade o que suas suspeitas lhe faziam adivinhar, aquele era o ponto em que tinham mais razão de temer; e não queriam perder de vista um só momento o corpo do Santo, nem sair da cela.

Em fim, depois de muitas razões e contrastes, despejaram a rogo dos frades; porém ficaram uns guardando a porta da banda de fora, e outros se foram reforçar a guarda, e acrescentar luzes e tochas, não só no convento, mas também por fora, defronte da janela, e nos baixos que respondem à cela, prevenindo-se pera toda sutileza de roubo que se pudesse imaginar, pola janela, polo soihado da cela, que era de taboado; e até do telhado se temiam. Santos e piadosos receios, penhores certos do amor e devação que tinham ao Santo, e do que sabiam estimar suas reliquias.

Despejada a cela, entenderam os que ficaram dentro com o que estava à sua conta. Os nossos frades, com muita

reverência, lhe tiraram os hábitos em que faleceu, que eram pera ver, de pobres, e velhos, e remendados não por outra mão senão pola mesma do Santo. E por tais os guardaram, pera relíquias de estima.

Vestiram-lhe ùa túnica de lã, das que costumava trazer, que pera servir nesta ocasião tinha ele guardada, e deputada de muitos dias atrás, e uns hábitos e escapulário novos. Os cônegos o revestiram no pontifical, e sobre a casula lhe lançaram o seu próprio pálio. Puseram-lhe ùa mitra nova de tela de ouro. E calçaram-lhe ùas luvas de retrós carmesi. Na mão esquerda um bago dourado, que era o mesmo que de ordinário usava quando, andando em visitação, fazia pontifical; na direita um anel de preço que o Arcebispo mandou dar. Mas não faltou o cônego Luís Gomes com sua promessa que, sabendo o que se fazia, veio à porta, chamou e entregou o anel do Papa Pio IV, que tinha em guarda, como atrás fizemos menção, e este levou o Santo, como tinha ordenado.

A este tempo chegava também à porta o juiz de fora acompanhado dos vereadores e dos principais da governança da vila e, com a ocasião da entrada de Luís Gomes, quiseram fazer força, tomando mal terem-lhe a porta, quando se abria a outrem, e a pessoa que não era da vila. Os de dentro, polos pacificarem, admitiram o juiz de fora e, porque se não deram por satisfeitos, pouco depois abriram de todo a porta.

Estava já o defunto no meio da cela sobre ùa grande e fina alcatifa, vestido em pontifical, o rosto descuberto e tão bem assombrado que representava bem a glória e alegria que sua alma levava. Cercavam-no muitos brandões ardendo em castiçais e tocheiras de prata.

Todos os que entraram chegaram a beijar-lhe as vestiduras sagradas; e com tanta veneração, e devação tocavam nelas seus rosários, e outras peças que traziam, como se já o viram canonizado; e com a mesma, vendo que Frutuoso Fernandes ia tirando da cela a cama em que falecera, saíram fora e tomaram os lençóis e travesseiros, e rasgaram tudo e, feitas tiras e retalhos, os repartiram entre si, e muitos outros nobres da vila que de novo chegaram. E um pouco

mais quietos com o verem e conhecerem, deixaram-se ficar com ele.

Entre tanto tinha o Arcebispo mandado aperceber o necessário pera o enterramento e exéquias. Fez-se um caixão à medida do corpo, forrado, de seda carmesi por dentro, e de veludo preto por fora, com sua cravação dourada.

No meio do cruzeiro se levantou ãa grande essa de três degraus em alto, cuberta de veludo negro, e as paredes d'alto a baixo se cubriram de baetas. Pendiam em roda dezoito bandeiras negras, com as armas do defunto, que eram as de sua Ordem: cruces que rematam em flores de lis, quarteadas as cruces e as flores de branco e negro, em tarjas e campo das mesmas cores, que os religiosos não seguem regras de armaria; a cruz arcebispal por timbre, com seu sombreiro em cima e muitas voltas de cordões, e borlas verdes por paquifes, e em roda a letra que o Santo usava por empresa *Ardere et lucere. Nolite conformari huic saeculo*, querendo dizer e lembrar a si mesmo, e a todos os prelados que, pois eram luz, que foi o título com que Cristo os honrou <sup>2</sup>, dando o primeiro aos Apóstolos, em cujo officio sucederam os prelados, ficavam obrigados a arder e luzir: arder em si, e luzir pera os outros; abrasar-se em fogo de amor de Deus e do próximo, e alumiar o mundo com exemplos e doutrina, guardando-se de o querer comprazer ou conformar com suas leis.

---

<sup>2</sup> Mt., 5, 14.

## CAPÍTULO VIII

*Dos requerimentos que se fizeram por parte do cabido da Sé, e da Câmara de Braga, pedindo o ocorpo do defunto; e das réplicas que houve da parte da vila e do convento.*

Sendo amanhã, tornou o Arcebispo a visitar o defunto, seguindo-o todos os de sua família, com trajo mudado e, conforme a tristeza geral, cubertos de roupas de dó, e muita gente secular nobre na mesma forma.

E começou-se a ordenar levarem o corpo, estando juntos o clero da vila e termo com suas sobrepelizes e velas acesas, mandado convocar geralmente pelo Arcebispo, e todos os mais religiosos regulares que se achavam na vila e convento.

A este tempo se levantou em pé o cónego Francisco da Costa, que estava junto com o defunto, e em breves e concertadas palavras fez um requerimento ao Arcebispo, com dous notários apostólicos presentes; do qual foi a sustância que o corpo que tinham diante defunto, do senhor Dom Frei Bertolameu dos Mártires, pertencia de direito à sé primacial da cidade de Braga, donde fora arcebispo; e como tal estava ali revestido em paramentos pontificais, e com pálio de arcebispo. Pela qual razão e por muitas outras que a brevidade do tempo tolhia especificarem-se, e protestava alegar quando necessário fosse, ele, Francisco da Costa, cónego prebendado da dita sé, em nome de todo o cabido dela, que presente estava, pedia a Sua Senhoria Ilustríssima, e da parte de Sua Santidade requeria, que o corpo presente lhes fosse desde



logo entregue, pera o levarem à dita sé onde lhe fariam sepultura qual convinha a tal pessoa. E não consintisse que, sendo em outra parte sepultado, ficasse a sé defraudada de seu direito e posse antiga, em que não havia dúvida, pois era notório que, falecendo antigamente alguns arcebispos em lugares distantes, e sendo sepultados em diversas igrejas, foram todos tresladados à sé de Braga, sem mais outro título que por haverem sido seus preladados, título justíssimo e bastantíssimo.

Não tinha bem acabado o cônego, quando um vereador, dos que tinham vindo da cidade a visitar o defunto, se chegou ao Arcebispo, e começou outro semelhante requerimento da parte de Sua Majestade, em nome do povo de Braga, alegando suas razões e fundamentos, e oferecendo por remate levarem o corpo à custa e despesa da cidade, e edificarem-lhe capela e sepultura nobilíssima.

Eram presentes, e ouviam tudo, as justiças de Viana, e toda a gente do governo dela, que se tinham juntado pera as exéquias e enterro; e ainda que conheciam terem bom partido com a posse, e com o bom ânimo que havia nos moradores pera a sustentarem, ficaram com tudo alterados.

Estava com eles o capitão castelhano que governava o presidio (não lhe pudemos alcançar o nome; só sabemos que debaixo da ordem do mestre de campo Pero Bermudes, tinha a seu cargo o Castelo da Barra, que se ia fabricando, e a gente do presidio, como atrás dizemos, e outra soldadesca que assistia na vila). Este, com outro capitão e seus oficiais, acompanhou sempre os magistrados da terra, ajudando e aconselhando os modos das vigias e guardas, e acudindo com seus soldados a elas; e como viu a contenda travada, tendo intento como soldado velho e sisudo a procurar paz pelo termo que a ocasião mostrava mais conveniente e seguro, fez logo ãa fala pública ao prior do convento, animando-o com militar eloquência a que por nenhum caso consintisse tirar-se-lhe de casa aquela preciosa reliquia. E, entre outras razões, afirmava que Sua Majestade se não haveria por bem servido de tal mudança, que, pois como poderoso mandava levantar forças com presidios de soldados



e grossas despesas de fazenda pera defensão das terras de sua coroa, também como católico e cristianíssimo príncipe que era, estimaria estarem ornadas com reliquias e corpos de santos, que eram armas mais poderosas, inda que invisíveis, que os cossoletes e arcabuzes, que os baluartes e artilharia. Quanto mais que naquele Santo tinham os moradores de Viana visto experiências tão certas de que os ajudava em seus trabalhos e perigos, e lhes tinha particular afeição em vida, que julgava por género de ingratição consintirem fazer-se-lhe na morte tamanho agravo, como seria alterar-se e que por últimas palavras e testamento feito e assinado de sua mão, declarara ser gosto e vontade sua, que era ficar entre eles sepultado, como entre eles vivera os anos que chamava de seu descanso, e a eles buscara pera passar nesta terra tão longe da sua própria o derradeiro quartel da vida.

Falava o capitão com o prior, mas bem se deixava entender que o fim de sua prática era desenganar os bracarenses que, havendo ocasião de algũa diferença, não havia de ser neutral, como por ventura se poderiam persuadir, por ser forasteiro, mas antes unir-se e conformar em tudo com os vianeses.

Porém os vereadores e gente nobre da vila, sem embargo da alteração que receberam, como estavam resolutos no que haviam de fazer, e com as guardas e vigias, que os traziam assaz desvelados, tinham bastantemente declarado sua tenção, não curaram de despende palavras (que é próprio donde há muito ânimo pera obras). Só um dos vereadores, adiantando-se um pouco dos companheiros, e pedindo licença ao Arcebispo pera responder aos requerimentos, disse com sossego e segurança:

— Estamos, Senhor, em boa hora que pede mais lágrimas e orações que controvérsias e litígios. Quando foi tempo, fizemos lembrança a Vossa Senhoria Ilustríssima das razões que há pera não terem lugar nenhũas das que estes senhores alegam. O povo de Viana tem por si a renunciação que este varão de Deus fez da Igreja de Braga. Que por isso a renunciou, pera nunca mais, em vida nem em morte, ter parte nela nem ela nele; e tudo a fim de se tornar a sua Religião, e nela

acabar, como acabou, seus santos dias, e entre os religiosos seus irmãos ficar sepultado. A renúnciação aceitou e confirmou Sua Santidade, consintiu nela Sua Majestade. A vontade de ficar nesta vila e neste convento, declarou-a o defunto por testamento. Quem pretender levá-lo a outra parte manifestamente encontrará a vontade de um santo, e os dous poderes maiores da terra, e por ventura o do Céu.

Sobre todos estes títulos, Senhor, estamos de posse, e o povo determinado em não cair dela. Que quem tanto sente faltar-lhe ãa vida em que não tinha poder (como bem testemunham os olhos de todos os presentes) mal acabará consigo largar o corpo que tem em sua mão.

Não permitirá Deus que acompanhem ou sigam tragédias e escândalos o triunfo com que este Santo entra hoje no Céu, que isso fio eu já do amor que nos tinha em vida, e da promessa que nos fez morrendo. Mas se os houver, a culpa não será nossa, que nenhũa se pode imputar a quem se conserva em seu direito.

Assi, o protesto. Apercebiam-se pera replicar os braccarenses eclesiásticos e seculares, mas o Arcebispo, vendo que se fazia tarde, que eram já oito horas, pareceu-lhe bom meio de atalhar discórdias, dar o corpo em depósito aos religiosos do convento, que era um modo de contentar ambas as partes; e assi, declarou que ele o depositava naquele convento de Santa Cruz, até se determinar a quem de direito pertencia.

Porém, o prior, Frei Francisco do Espírito Santo, replicou a isto dizendo que ele como prelado daquela casa, com os religiosos súbditos e moradores dela, o enterrava como frade da sua Ordem no mosteiro em que vivera e morrera, e em que, por última vontade, se mandara enterrar, e não depositar. Pelo que declarava e protestava que o não recebia em depósito, mas que o sepultava como a um religioso morador do convento, aonde por esta, e por todas as razões, pertencia.

## CAPÍTULO IX

*Da ordem com que o defunto foi levado à igreja,  
e da solenidade com que se celebraram as exéquias.*

Em quanto duravam os requerimentos referidos, trataram os religiosos de acomodarem o corpo no caixão em que havia de ficar sepultado, e de presente havia de servir de tumba pera ser levado. E chegando-se a ele quatro dignidades da sé de Braga, com o prior e sub-prior do convento, lançaram primeiro ãa grande colcha da Índia, muito alva e fina, estendida de maneira que o que dela sobejava por fora encubria todo o caixão. Sobre ela um travesseiro de holanda que o tomava todo ao comprido e, na cabeceira, ãa almofada de cetim carmesi; e puseram em cima o corpo com muita reverência. Logo começou o officio da comendação.

Sendo acabado, tomaram os mesmos o caixão em ombros e começou a mover a procissão, por esta ordem: iam diante, acompanhando a cruz, muitos religiosos de S. Bento, e S. Francisco, e da Companhia, de mistura com os do convento; seguiam os clérigos em grande número e, ultimamente, o cabido da Sé com suas sobrepelizes e murças, todos com grandes velas nas mãos; cerravam a procissão o caixão e, após ele, o Arcebispo cercado das justiças e governo da terra, corregedor, juiz de fora, vereadores, com toda a nobreza da vila e de Braga, e os capitães castelhanos com seus officiais.

Assi foram caminhando pera a igreja, mas não havia poder romper polo grande número de povo que se tinha juntado, não só da vila mas de todos os lugares da comarca.

Mandou-se abrir a porta das crastas, e nem isso bastou, porque a igreja, com ser grande, estava cheia, e da mesma maneira estavam dormitórios e claustro, e até no adro, e nas ruas e janelas e lógeas que caem neie, era tanto o aperto de gente que não cabiam.

E houve muitos enfermos que se fizeram levar ao convento com esperança de remédio a seus males, por merecimentos do Santo. Mas parece que se cumpriu aqui o que ele disse que não se esperassem milagres na sua morte, porque não nos consta de nenhum que nesta conjunção houvesse, havendo muitos (que contaremos) polo tempo em diante.

Quis o Arcebispo condecender com a devação do povo, vendo tamanho concurso, e mandou guiar pera a portaria, e sair a procissão ao adro e dar volta por ele ao longo das casas dos seculares, pera virem a entrar na igreja pola porta principal. Com tudo se caminhava com demasiado vagar, porque a gente recrecia, e todos trabalhavam por chegar de perto, e ver o rosto do Santo e tocar-lhe as vestiduras.

Tanto que saiu pola portaria, e foi visto do povo, levantou-se ùa voz de pranto tão extraordinário e piadoso, que insensível era quem o não ajudava. Uns lhe chamavam pai de pobres, emparo de órfãos e viúvas; outros, consolação de atribulados, remédio de afligidos, saúde de enfermos; e a voz gèral de todos era: santo, santo. E de maneira se ajuntou e apertou aqui a gente que parou a procissão sem poder dar passo adiante. Trabalhavam os oficiais de justiça quanto podiam por fazer lugar e, por muito que se cansaram, era já mui tarde quando chegou a entrar na igreja. Da porta da igreja até à essa houve novo trabalho pera poder romper.

Posto o caixão sobre a essa, foi cercado de grande número de tochas e brandões com que a igreja ardia em fogo. Ficaram em cima dous sacerdotes, com seus turíbulos encensando, e outros quatro que recebiam rosários e lenços que tocavam no Santo; e à roda se pôs guarda pera defender a sobida, porque ainda ali faziam força por chegar, e sobiam os que podiam a lhe beijar os pés e as roupas; e era a pressa e o rumor grandíssimo.

Começou-se o officio com toda solenidade, mas o concurso e alvoroço da gente que de novo entrava e, por chegar ou sobir à essa, se atropelava ãa à outra, causava tal inquietação e tumulto em toda a igreja, que nem se ouvia o officio, nem os que o faziam se podiam entender.

Tomaram então por remédio dar licença franca ao povo que sobisse à essa por ordem, entrando todos por ãa parte, e saindo por outra. Com isto sossegou um pouco o rumor, não ficando pessoa nenhũa que deixasse de chegar ao Santo. De sorte que podemos aqui aplicar o que se conta do enterro de Santa Paula em Belém, onde aconteceu que se contava por sacrilega toda a pessoa que não chegava a beijar-lhe o vestido.

Cantou a missa o Arcebispo, pregou seu confessor e companheiro e religioso da mesma Ordem, o Padre Frei Jorze Queimado, que depois foi consagrado em Bispo de Fez, dignidade titular.

A pregação fez quietar a igreja, desejando todos ouvir as obras gloriosas do Santo, das quais os mais eram testemunhas de vista, ou as sabiam por relação de seus vizinhos: effeitos de amor verdadeiro que não se paga de ouvir ãa só vez, senão muitas, as cousas que estima. Foi o tema do sermão a sentença que o Santo trazia por empresa, e se via escrita em todas as bandeiras que ondeavam polo cruzeiro: *Ardere et lucere: nolite conformari huic saeculo*. As quais deram ocasião ao pregador de levantados conceitos e santas considerações, applicando-as a notáveis particularidades da vida do Santo, com que o auditório, que por si estava benévolo e devoto, se moveu de novo, de maneira que as lágrimas eram gerais, e por toda a igreja soavam sospiros e soluços.

E acabado o sermão, com nova devação, sobiam a ver e reverenciar o Santo, como se nunca o tiveram visto. E porque o grande respeito com que o veneravam atava as mãos a todos, pera se não atreverem a cortar as vestiduras sagradas, como lhes pedia o desejo, fartaram a pia cobiça de levar

---

<sup>1</sup> Hier., *in vita S. Paulae*.

reliquias nos panos que cobriam a essa, cortando e rasgando tudo em miúdos retalhos, e com tanta pressa, que se empuxavam uns aos outros e, encontrando-se, caíam desatentadamente. E não valeu às bandeiras estarem em alto, que, com serem tantas e parecer que pelo sítio estavam seguras da devação, achou ela remédio pera as alcançar e derribar, e nenhũa ficou que não viesse abaixo e, feitas em tiras muito delgadas, ainda assi sobejavam requerentes pera cada pedacinho. Depois que tudo faltou, não faltou quem inventasse novo género de reliquias: cortavam-se lascas dos degraus da essa, com que muitos, não podendo haver outra cousa, foram contentes. E notou-se por maravilha que, estando o tabernáculo da essa armado em roda e crespo de grandes puas de ferro de pontas agudas, e sendo tanto o concurso e encontros da gente, que sem poder al fazer se derribavam e pisavam desatinadamente, não só não houve nenhum encravado, mas nem levemente picado.

Durou esta maré em movimento contínuo até as quatro da tarde, que foi o ponto em que acabou a missa, e então foram dando lugar pera se levar o corpo à sepultura.

## CAPÍTULO X

### *Como foi sepultado o santo Arcebispo.*

Como foi tempo, tornaram à essa as mesmas dignidades e religiosos que tinham trazido o Santo e, tomando o caixão nos braços, vieram com ele até o pé do altar-mor, onde o assentaram.

Ali lhe beijaram a mão com muita reverência e, cubrindo-lhe o rosto com ãa toalha, dobraram sobre as roupas pontificais as bordas da colcha que deciam das ilhargas, pés e cabeça, e em cima se assentou e pregou a tábua do tampão, que era forrada dentro e fora como dissemos do caixão.

Estava aberta ãa grande cova no presbitério, da parte da Epístola, de maneira que ficou o presbitério feito em carneiro, vazando-se de todo o entulho e ficando à roda somente as lágeas. Aqui meteram o caixão e, sem lhe lançarem terra nem cal, vieram oficiais que ajuntaram e acomodaram em cima as lágeas.

É de saber que logo então tiveram os nossos padres respeito à tresladação que era justo fazer-se pera lugar mais decente, e essa foi a razão de deixarem desocupada a parte do Evangelho, onde depois se lhe lavrou seu muimento, como adiante veremos.

Cerrada a sepultura, mandou o Arcebispo cubri-la, por lhe não ficar nada por fazer de magnificência, com um grande taburno cercado de sua grade de balaústres, e forrado de veludo preto, e atravessado de ãa cruz de cetim branco.

Não se deram por satisfeitos os moradores de Viana com verem o Santo em sua terra sepultado, cuberto e rodeado de um muro de grossos e pesados mármorees, se não que quiseram fazer demonstração a todo o Reino que o ânimo e determinação com que responderam aos requerimentos do cabido e cidadãos de Braga nacia de peitos em que havia muita honra e devação.

E desta hora em diante ficaram na igreja, por ordem da Câmara, trinta homens armados, e tantos continuaram depois muitos dias, sem faltar momento de dia nem de noite, revezando-se ordenadamente com suas armas na mão, como em auto de guerra. Até que o prior e padres pediram à Câmara quisessem escusar o trabalho, que pera o povo era custoso, pera o convento de muita inquietação, e pera o intento com que o começaram, supérfluo, visto como passava de trinta dias que ali assistiam, o que parecia bastante termo pera a demonstração pretendida. Que, quanto à segurança daquela santa prenda, assaz confidentes eram os religiosos do convento, como interessados nela por partes iguais, e ainda com vantagem.

Dificuldade mostraram os nobres, e não menos o povo, mas, consideradas as razões que se davam por parte do convento, e vendo que, por ser passada a ocasião e necessidade, se escusava a guarda e que, se durasse mais tempo, se atribuiria a um género de rebolaria e ostentação vã, mais que a devação e amor que na verdade tinham ao seu Santo, que foi o que os obrigou nos primeiros acometimentos, deixaram-se vencer dos rogos dos padres, lançando-o ainda em serviço ao Santo, pois agradavam nisso aos que ele amara como irmãos e companheiros.

No dia seguinte, depois do Santo enterrado, amanheceu sobre a sepultura um dístico latino que, por ser composição de um estudante minino, e natural da vila, não pareceu indigno do lugar, nem de lhe darmos neste memória. Dizia assi:

*Ardere et lucere jubet, qui luxit et arsit.  
Luxit enim exemplis, arsit amore Dei.*



A sentença é fundada nas primeiras palavras da empresa do Arcebispo e querem os versos dizer: «manda arder e alumiar quem ardeu e alumiou, deu luz com vida exemplar, em santo amor se abrasou».

Como é ordinário não se conhecerem de verdade os bens senão depois que faltam, creceram as saudades do santo Arcebispo por toda a província de além-Douro, em geral e em particular, de maneira que quasi em cada casa e em toda conversação e ajuntamento de homens se não falava nem tratava doutra cousa senão da excelência de suas virtudes. Logo apontava cada um as que sabia, ou os casos e exemplos de que tinha notícia, e assi temperaram o sentimento que em todos causava sua falta, e acendiam e avivavam a devação que lhe tinham.

O mesmo me pareceu que estava à minha conta fazer neste lugar, pera consolação dos devotos; e determinei empregar alguns capítulos em recontar particulares exemplos que o santo Arcebispo nos deixou em muitas virtudes, os quais nos caem aqui em seu verdadeiro sítio. Porque, como foram cousas, em que, pola mor parte, não pudemos averiguar tempo nem lugar certo, fora inadvertência querê-las tecer com a história que, em quanto foi possível, viemos trazendo e continuando por anos, e tempos sabidos.

A ordem que nelas teremos será a que ordinariamente seguem os escritores de vidas de Santos, que é reduzirem os casos que no discurso delas lhe não couberam, às virtudes a que pertencem.

## CAPITULO XI

*Da profunda humildade que o santo Arcebispo  
guardava em suas obras e palavras.*

Têm todas as virtudes cristãs entre si tal parentesco, tal conexão e encadeamento, que em dizendo homem virtuoso, é consequência forçada que não seja descuidado em nenhũa; e, dizendo santo, há-de ser em todas provado. Mas isto não tolhe esmerarem-se os Santos com mais perfeição em ãas que noutras.

As em que nos contam que foram insignes aventajadamente, houve casos e encontros que o manifestaram. Nas outras em que não tiveram menos excelência, ou aconteceu faltarem provas que as publicassem, ou permitiu Deus que ficassem escondidas ao mundo. Que, segundo meu juízo, o menos dos Santos é o que vem aos livros. Porque como a humildade seja a basi de todas as virtudes, quanto maiores santos, tanto mais humildes e, por conseguinte, mais encubridores do ouro fino de suas proezas, lançam-no no centro da terra, lá o escondem e de nenhũa cousa se temem tanto como dos olhos dos homens.

Neste nosso Santo temos exemplo de tudo, porque foi em todas as virtudes abalizado e, com estremo, escondedor delas, como o vimos naquele espantoso sinal que, posto em lugar tão público como é ãa mão, e mão direita, e nas costas dela, com tudo nunca dela soubemos senão no cabo da vida, e vida de longos anos, e por um só homem, que se acertara a faltar

naquela conjunção, ficava o sinal sepultado com seu dono e ignorado no mundo.

Assi, não é possível darmos razão particular de como se houve em cada virtude. De muitas tem feito a história bastante menção; de outras deixamos de tratar até'gora, por não cortar o fio da narração que levamos, e daqui em diante lhes daremos seu lugar. E facilmente se poderá persuadir quem quiser fazer recto juízo que, ainda que de algũa não contemos caso assinalado, era como impossível não ser estremado em todas quem assi se adiantou nestas.

E, pois temos dito que a humildade é fundamento, vejamos primeiro se houve nela algum exemplo sobre os que no discurso do que temos escrito ficam já apontados.

Era o Arcebispo tão humilde de coração que em nenhum tempo se lhe notou acto que cheirasse a soberba ou vanglória. E começando polas disputas das Universidades, onde o brio das ciências cria e alevanta um certo ar de inchação, conforme ao que está escrito *Scientia inflat*<sup>1</sup>, e parece que se pode sobrelevar nelas algũa altiveza, ou ostentação por honra das letras, de maneira se houve nelas que, sendo letrado consumado, e mostrando-o na força das razões e agudeza com que arguia ou respondia, tanto edificava aos ouvintes com a brandura e humilde termo, que em tudo e com todos usava, como espantava com o engenho e alto juízo. Assi perguntava depois de mestre, assi estimava os pareceres alheios, como se então começara a ser discípulo.

Acontecia-lhe, no tempo que era arcebispo, em casos difícultos, depois de os ter bem estudados, consultá-los em relação, e apontar ele mesmo as dúvidas, e os argumentos *pro utraque parte*, de sorte que os desembargadores, pelo trabalho alheio, e sem nenhum seu, vinham a cair na decisão da dificuldade que dantes não atinavam, e facilmente resolviam a matéria.

E era tal a natureza do Arcebispo que a eles referia tudo, afirmando-lhes que eles com seu parecer o insinavam, e quie-

---

<sup>1</sup> 1 Cor., 8. 1.

tavam. E se sucedia encontrar-se com ele algum desembargador nas opiniões (o que poucos presidentes tomam bem), dava sua razão como igual, sem nenhum género de império nem porfia.

Nos exames que chamam de concurso para provimento de benefícios, a que sempre queria ser presente, sem embargo de serem os examinadores homens doutos e virtuosos, se acertava a haver votos encontrados ou iguais, e ficava só no seu a determinação de quem havia de levar o benefício, fiava tão pouco de seu parecer que, por não chegar a resolver-se por ele o negócio, procurava com toda diligência que os examinadores se conformassem, e assentassem juridicamente no provimento; e quando não bastava, mandava vir de fora outro letrado para que votasse, dando chãmente a entender que se tinha em conta de saber menos que todos, e como tal se não atrevia a tomar sobre si aquilo em que homens sábios e tementes a Deus variavam.

Quando, de palavra, era consultado em algum caso, inda que fosse daqueles em que andava visto e resoluto, respondia que veria os livros. O que não fazia, como hoje costumam os letrados, ou por crédito da ciência, ou por melhor venderem a sua, mas somente por fogir ao fumozinho da vanglória de sentenciar de repente.

A muitos espantava muito a igualdade de ânimo com que levava as apelações de suas sentenças, ou mandados para maior poder, sendo a cousa que tão mal toma qualquer julgadorzinho que, pelo mesmo caso, não entrará o apelante jamais com ele em jogo. E o Arcebispo não só se não escandalizava mas, com a boca cheia de riso, respondia às partes que faziam acertadamente, porque de suas faltas e ignorâncias achariam eles emenda na mor alçada, e ele descargo certo de sua consciência. Se este era sinal provado de humildade, muito se lhe aventajou o que agora contaremos.

Era o Arcebispo no Concílio, como atrás referimos, o mais estimado voto daquele grande congregação; e tal era seu parecer em todas as matérias, tão estudado e tão apontado o trazia, que acontecia muitos daqueles padres gravísimos e lumes da Cristandade, tocando-lhes dizer, não faze-

rem mais que tirar o barrete, e dizerem que se iam com o Arcebispo; e usavam desta brevidade e palavras formais: *com o Ilustrissimo Bracarense*.

E era necessário ao Arcebispo, sintindo-se nomear a cada passo, não faltar com a devida cortesia de corpo e barrete (honra que em qualquer grande sujeito pudera criar asas de vaidade, porque se notava, no preço que se dava a seu voto, que só ele era a guia e meneio do mais grave senado da terra, e o que tinha em sua mão os corações de todos).

O que outrem sobre maneira estimara, ele o aborrecia em tamanho extremo que um dia, não podendo sua humildade com a carga de tantos *Ilustrissimos Bracarenses* que lhe davam os que com ele se conformavam, depois de ter tirado o barrete infinitas vezes, finalmente, vencido do que sentia, deu com ele no chão. Acto, ao parecer, arremessado, e que em tal lugar fora repreensível, se não tivera por si o jeito com que o fez, nacido de ãa veementíssima dor, que publicamente se lhe enxergava, de se ver tão estimado. Se não quisermos cuidar que o fez à cinte, pera furtar a volta à tentação e ao tentador, e ficando com este desar deminuído da grande reputação em que estava; e porque lhe não valeu a traça, costumou depois, tanto que votava, pedir licença e sair-se da congregação. Mas pera convenceremos que não houve neste acto impaciência nem outro vício de ânimo, cai aqui bem o que vimos por letra do Padre Frei João da Cruz, quando isto escrevíamos. E foi que, rezando com o Santo no coro, depois de recolhido em Viana, o advirtiu algũas vezes de certo defeito que fazia; e, porque se não emendava, lhe disse um dia:

— Vossa Senhoria não se emenda.

E o Santo com toda humildade respondeu:

— É descuido, dai-me ãa grande pescoçada (foram palavras formais), se me não emendar.

Este padre o tratou muitos anos e depois por suas mãos o veio a tresladar, sendo nosso Provincial segunda vez, como logo contaremos.

A um homem que, vindo-o visitar, entrou com grandes exagerações de louvores das obras e virtudes com que illus-

trava o arcebispado e, trás esta adoração, propôs, como acontece no mundo, ùa petição de negócio dificultoso, aos louvores se carregou, como outrem pudera fazer a opróbrios, e à pitição respondeu secamente, por razão do prólogo, dizendo:

— *Omnis homo prius bonum vinum ponit, tunc deinde quod deterius est* <sup>2</sup>.

Dando-lhe a entender que errara os termos, em oferecer primeiro o vinho vinagre, que por tal tinha o de seus gabos, e depois o menos mau da petição; e por isso, como ignorante arquitriclino não merecia nada.

Assi, como alguém o louvava, acudia logo com o verso do psalmista:

— *Et qui laudabant me, adversum me iurabant* <sup>3</sup>.

Porque lhe não davam menos pena louvores próprios no rosto que conjurações de inimigos.

Sendo Provincial da nossa Ordem o Padre Frei Estêvão Leitão, e visitando por seu officio os conventos de além-Douro, chegou como era razão, por cumprimento de cortesia, ver o Arcebispo na sua cidade. E praticando um dia com ele várias matérias, veio a falar no rigor demasiado com que o via tratar sua pessoa; e com liberdade de amigo (que o era muito seu) e de religioso, foi-lhe estranhando a austeridade de vida que seguia, sendo velho, e indisposto, e sendo sua vida muito necessária na terra.

Que faria neste passo aquela profunda humildade? Reconheceu-se a si por frade de São Domingos, e a quem o advirtia por Provincial de sua Ordem; a si por súbdito, a ele por prelado. Lança-se por terra e prostra-se a seus pés com ùa humilíssima vénia (costume santo da nossa Ordem, a que está obrigado todo o religioso, quando é reprehendido do prelado). Confuso e como fora de si, o Provincial, de ver tão novo e nunca visto exemplo de verdadeiro humilde em um príncipe da Igreja, velho na idade, e no foro, immediato ao

---

<sup>2</sup> Jo., 2, 10.

<sup>3</sup> Sl., 101, 9.

Papa, não soube fazer outra cousa senão derribar-se da mesma maneira e estender-se no chão, protestando que ele era o que devia a vénia.

Assi ficaram ambos em terra, e em santa porfia de quem ficaria nela mais tempo, porque esse era o sinal de súbdito e de mais humilde. Nem um nem outro queria ceder; enfim, satisfez-se o Arcebispo com lhe pedir o Provincial que ambos a um tempo se alevantassem.

## CAPÍTULO XII

*Da liberdade, inteireza e gravidade  
com que procedia nas cousas de sua obrigação.*

Há ãa humildade que procede de ânimo cativo, servil e apoucado, cujo verdadeiro nome não é humildade, senão vileza e abjecção; e o seu contrário é altiveza. E assi como o meio entre prodigalidade e avareza é liberalidade, nem mais nem menos, considerados os dous extremos viciosos, que são abjecção e altiveza, fica no meio a santa e graciosa humildade, tão digna de louvor como os dous extremos de vitupério, e com igual distância dos extremos, porque, quanto foge de altiva, tanto se alonga de vil e abjecta, conforme ao que notou um bom espirito de nossa idade:

*Virtus extremum est, vitium si respicis unum.  
Si duo, dic medium. Nam dissidet aequa duobus*<sup>1</sup>.

Tal era a humildade do nosso Arcebispo, com a qual ajuntava ãa invencível fortaleza, que fazem ambas fermosa irmandade. Porque não há cousa mais bela aos olhos de Deus e dos homens que ãa profunda humildade muito valerosa, e um alto valor muito humilde, valor sem soberba, humildade sem medo.

Assi sabia o Arcebispo unir com perfeita humildade um modo de proceder em todas suas obras tão grave, tão inteiro e livre, que grandemente autorizava o officio pastoral, e não realçava menos sua humildade.

---

<sup>1</sup> Iac. Fal. Val., l. 4 *Opera Poetica*.



Quando se fazia prestes pera a jornada que fez ao santo Concílio que atrás contamos, não faltou um amigo que, vendo a pressa com que queria partir, lhe estranhou fazê-lo sem tomar primeiro licença d'el-Rei D. Sebastião e da Rainha que governava o Reino, lembrando-lhe que, como vassalo, e como agradecido, tinha obrigação de mostrar sojeição e respeito a quem o posera em tão honrado lugar, e que não havia dúvida senão que a Rainha e os do Conselho tomariam mal sua ida assi arrebatada, e que se arriscava a algum desgosto polo tempo adiante.

Livre e animosamente respondeu que el-Rei o fizera súbdito e imediato ao Papa, e o Papa o mandava chamar com toda brevidade; que por nenhũa maneira esperaria outra licença, nem recado, que pudesse ser ocasião de deixar de obedecer a quem por direito divino estava obrigado; e com admiração de todo o Reino, se pôs a caminho e apareceu em Trento tão temporão que foi o primeiro prelado espanhol que naquela cidade entrou, como em seu lugar dissemos.

Muitos anos depois succedeu que, assistindo em sua diocesi, assolveu de abadessa em um mosteiro de sua obediência ãa religiosa do sangue mais illustre do Reino e a mandou passar a outro, por quietar discórdias.

Juntaram-se os parentes, fizeram queixas a ei-Rei D. Sebastião e alcançaram que escrevesse ao Arcebispo, e com eficácia lhe pedisse a restituição da abadessa ao convento e ao cargo. Mas não houve cousa que dobrasse a inteireza do prelado. E não só não troceu um ponto do que tinha feito no negócio, mas respondeu a el-Rei com autoridade e valor apostólico; e concluía a carta com estas formais palavras:

«E porque, Senhor, polos negócios que precederam neste mosteiro, e os termos em que o eu agora vejo, de nenhũa maneira posso fazer meu officio como convém, nem remediar o dito mosteiro, tornando a eie esta religiosa, peço a Vossa Alteza me faça mercê haja de Sua Santidade ou de quem seu poder tiver que, pois este mosteiro é da Ordem de S. Francisco, dê obediência ao Padre Superior da mesma Ordem neste Reino. Porque

confesso a Vossa Alteza que, ficando na minha, segundo a cousa vai, eu não poderei nunca estar sem escrúpulos que me dêem muita inquietação».

Até aqui são palavras da carta.

Entrando el-rei D. Filipe II em Portugal, logo nos primeiros meses de sua entrada e antes das Cortes de Tomar, vieram a Braga por certa ocasião ãas companhias de soldados castelhanos, e alojaram nela.

Era cousa nova pera os moradores o modo do gasalhado, e intolerável o termo que naqueles princípios usavam, pedindo com arrogância, tomando com soltura, termo nacido ou do favor dos bons sucessos, ou de serem novéis na milícia, que eles chamam bisonhos.

Foi avisado o Arcebispo, que andava fora da cidade; assi o sintiu, como se a vira diante de seus olhos arder ou saquear. Escreve logo a el-Rei, com ãa isenção que já não é conhecida nem costumada no mundo, que aquella cidade quasi tão pouco pertencia a Sua Majestade no temporal como no espiritual; que toda era da sua Igreja; que nem era porto de mar, pera haver mister presidio, nem tinha feito desserviços, por onde merecesse ser afrontada. Pelo que pedia a Sua Majestade fosse servido de mandar despejar a terra de tais hóspedes, e juntamente passar-lhe provisão pera que nunca mais entrassem nela outros semelhantes; ou lhe fizesse mercê de o querer haver por livre do arcebispado, que não faltaria quem melhor o servisse nele; porque, como era frade pacífico, não sentia em si ânimo pera sofrer em sua casa, sem necessidade, gente de guerra.

Defiriu-lhe el-Rei com grande prontidão e benignidade, polas informações que já tinha de suas partes; mandou sair a soldadesca e, juntamente, despachar a provisão assi e da maneira que o Arcebispo pediu, e com a cláusula que em nenhum tempo se fizesse mais alojamento de soldados na cidade; e assi se cumpriu em todo seu tempo.

Com a mesma inteireza, quando veio às Cortes de Tomar, no ano de oitenta e um, como em seu lugar contamos, todas as vezes que viu a el-Rei, e lhe falou, ou escreveu, antes

e depois das Cortes, é cousa certa que nenhum outro termo usou, senão o de Alteza. E sendo advertido ãa vez e outra, nunca mudou estilo, respondendo o mesmo que muitos anos antes tinha dito, quando se encontrou com o mesmo Rei e o visitou em Catalunha, e seguiu o mesmo modo de falar: que pera os reis da terra bastava o título de Alteza; o de Majestade era só de Deus.

Não faltaram juízos, que sempre há nas repúblicas mais ocupados em feitos alheios que nos próprios, os quais discorriam que esta constância rendera ao Arcebispo a sua tão suspirada renúnciação do arcebispado, fundando em razão de Estado, e na lição das histórias antigas, que, em reinos de novo adquiridos, não arma nem agrada a governadores prudentes deixar em primeiros lugares ânimos sobejamente inteiros e livres.

Mas há uns juízos que, de muito agudos, passam levemente a temerários, e tal deve ser este. Porque a liberdade do Arcebispo, como nacia de um vivo zelo da honra de Deus, que em tudo se lhe enxergava, fazendo-se sentir, não desagradava, pungindo, não escandalizava, nem era mal recebida de peitos magnânimos e pios, qual era o d'el-Rei D. Filipe.

E em prova disso guardamos de propósito pera este lugar ãa carta que de Braga escreve, à Rainha D. Caterina, depois que largou o governo destes Reinos, que teve na menoridade d'el-Rei D. Sebastião, seu neto; na qual se verá quão desenganada e isentamente soía dizer as verdades, sendo a Rainha a pessoa do mundo a quem ele mais obrigação reconhecer devia.

O traslado dela tirado do original, que se achou na Torre do Tombo, houvemos por mão e letra do Licenciado Gaspar Álvares de Lousada Machado, que outras vezes temos nomeado, e ao diante nomearemos. E é a que se segue.

#### CARTA

*«Vera et aeterna celsitudo.*

«Às vezes temo ter-me Vossa Alteza por esquecido.  
E porque eu antes quero ser tido por atrevido que por

desconhecido, faço agora esta, e faria outras vezes, se não arrecesse enfadar. Especialmente porque, se de mim houver de escrever novas, nunca tenho que dizer senão angústias e amarguras deste mar em que Vossa Alteza me lançou.

«E pois assi é, e Nosso Senhor lhe deu a mais quieta vida ao presente, que em seu estado podia esperar, convém que entre os mais gemidos que dá diante do Senhor, gema também pelos indignos operários que meteu na vinha do Senhor (dos quais eu sou o maior), pedindo-Lhe que perdoe assi a culpa da eleição, como as culpas dos eleitos; assi como também a mim convém pedir que perdoe o Senhor a culpa da eleição poia desculpa da intenção.

«E não se esqueça Vossa Alteza agradecer muito ao Senhor não a levar no tempo de seu governo, mas dar-lhe tempo pera chorar as faltas do dito tempo. E tanto se tenha por mais alumiada do Senhor, quanto enxergar em si mais faltas no tal officio; e nunca se lisongeie a si mesma dizendo: fiz o que pude. Porque isso escassamente o podia dizer a diligência de São Paulo, principalmente quem rege neste tempo tão voluntarioso e revel a toda justiça e virtude. Onde todos não cessam de gritar, e se queixar, de que lhe façam a vontade; e toda a vida se gasta em requerimentos não de justiça, senão de cubiça.

«Finalmente, Vossa Alteza agradeça ao Senhor dar-lhe antes do passamento ãa hora pera cuidar em si, qual eu também desejo pera mim.

«Ele, por Sua misericórdia, enriqueça muito Vossa Alteza de Seus verdadeiros bens.

«De Braga, 12 de Março de 1566.

Capelão e servo de Vossa Alteza

*O Arcebispo Primaz.»*

## CAPÍTULO XIII

### *Do valor com que defendia as preminências da sua Igreja.*

Não era menos a constância e ânimo com que o Arcebispo defendia o direito e posse antiquíssima da primacia que a Igreja de Braga tem e deve ter sobre todas as Igrejas de Espanha, que pudéramos provar com muitas e mui evidentes razões, se não entedéramos que despendê-las em negócio tão claro era um género de o pôr em dúvida.

Que cousa mais certa e mais averiguada que termos por fundador da cadeira e primacia de Braga o grande Apóstolo Santiago, tanto na flor da primitiva Igreja que, padecendo ele glorioso martírio em Jerusalém, aos onze anos depois da Paixão do Redentor, que foi o segundo do emperador Cláudio e seu segundo consulado, em companhia de Caio Licínio Largo? <sup>1</sup> Já então tinha visto, e pisado, e consagrado com sua doutrina este último Ocidente, muito antes que nenhum dos sagrados Apóstolos tocasse terras de Europa, e deixado em Braga o mais amado de seus discípulos, Pedro, a quem, polo sangue que deu por Cristo, e polo lugar em que o deu, chamamos São Pedro de Rates <sup>2</sup>.

Grande favor do Céu pera Espanha que fosse a primeira província de Europa que gozasse vista e doutrina de um

---

<sup>1</sup> Baronio, *Annales*, p. I, ann. Dom. 44.

<sup>2</sup> Isidoro, *De vita et morte Sanctorum*, cap. 37. Beda, in *Collect. Callist. 2 Papa in epist.*

apóstolo de Jesu Cristo, e tai Apóstolo que lhe chama a Igreja primaz do Colégio Apostólico<sup>3</sup>. Grande e soberana honra do Reino de Portugal e da cidade de Braga que fosse a primeira terra de Espanha, em que ele escolhesse assento e cadeira e deixasse sucessor!

Bem argue as forças e virtude de tal cepa o espírito apostólico que ficou, e dura até hoje na rama e descendência desta santa Cadeira, nos grandes e valerosos Santos que a governaram, Giralδος, Frutuosos, Martinhos, e noutro grande número de varões de heróica virtude, que a estes sucederam, e vemos ir sucedendo em nossos dias.

Mas deixando esta matéria pera outras penas, o certo é que nenhum agravo fazemos à nobilíssima cidade de Toledo em lhe negarmos o que Deus lhe não quis dar; com outras grandezas a honrou, mas esta prerrogativa primacial, foi servido dá-la à cidade de Braga, e confirmar-lha com tantos títulos, que não há nenhum na terra que lha possa tirar.

O que considerando o Arcebispo, foi em todo tempo diligentíssimo defensor dela e, particularmente quando se achou no santo Concílio, a sustentou a toda força contra grandes encontros, sem perder nunca aquele seu termo de profunda humildade no que a sua pessoa tocava.

Alguns meses antes de se abrir o Concílio, havendo já bom número de prelados juntos, entre os quais eram quatro arcebispos, sem o nosso, tratou-se logo dos lugares que cada um havia de ter.

Pareceu bom termo de escusar diferenças que se tomassem as precedências em voto e assento, segundo a antiguidade da promoção de cada um. Retirou-se o nosso, alegando que por primaz devia preceder aos arcebispos não primazes, inda que mais antigos fossem, e que lhe não convinha acudir às juntas particulares, que se iam fazendo, em quanto se não determinasse o ponto em favor da sua Igreja e dignidade primacial.

---

<sup>3</sup> *In leg. Praedicat.*

Dizia-se pola parte adversa de um arcebispo mais antigo, que nas dignidades e títulos iguais era costume da Igreja Católica, seguido de tempos imemoriais, precederem os mais antigos nelas e, vencendo ele, como vencia, ao nosso em anterioridade de promoção, claramente era seu o primeiro lugar. E não obstava dizer o Bracarense que era Primaz das Espanhas, porque este título estava litigioso; e tinha o opoente em sua ajuda todos os prelados castelhanos, que juntos contradiziam a primacia de Braga, havendo que se prejudicava ao direito que Toledo pretende, se o Bracarense, por primaz, fosse em algũa cousa melhorado.

Valiam muito com os Cardeais-Legados as razões do nosso Arcebispo, e igualmente com elas a autoridade e graça que com todos tinha ganhado. Mas como havia tamanhas contra-dições, remeteram o negócio ao Papa.

Diante de Sua Santidade houve novas questões, instando ardentemente o embaxador de Castela que se não concedesse cousa que parasse prejuízo a Toledo, e pugnando a toda força o de Portugal, que era então Lourenço Pires de Távora, por manter o partido de Braga.

Acudiam cartas do nosso Arcebispo a miúde, escritas com muito calor, e pedindo a Sua Santidade declarasse a preminência conhecida da Igreja de Braga sobre todas as de Espanha, afirmando constantemente que, doutra maneira, se não acharia nos autos do Santo Concílio, que cada hora se esperava começasse.

Atalhou o Papa as contendas com um meio de grande honra pera o nosso Arcebispo e sua Igreja (justamente podíamos fundar nele um auto de confirmação de posse da primacia, auto confirmado pola suprema cabeça da Igreja), o qual foi mandar ao Arcebispo opoente que logo se decesse de sua pretensão; e foi o mesmo que mandar ficasse o Bracarense anteposto a todos, como com efeito ficou por então.

Alguns meses depois, escreveu Sua Santidade amorosamente ao Bracarense quisesse estar pola ordem que de novo tinha dada acerca dos lugares para o prosseguimento do Concílio, a qual era, em dignidades iguais, serem preferidos os primeiros promovidos, sem respeito a outros títulos,



porquanto não determinava definir por então a causa de sua primacia, mas com declaração que o direito dela lhe ficaria inteiramente e em todo seu vigor reservado, e sem prejuízo de sua pretensão ou posse.

Assi autorizou a justiça de Braga com o primeiro, e, sem lhe deminuir nada com o segundo, quietou os castelhanos. De ãa e outra cousa temos testemunhos vivos. Da primeira, em ãa carta do nosso Arcebispo, que é a segunda das que deixamos lançadas no capítulo VII do Livro II, escrita em Trento, aos três de Novembro de 1561. Para a segunda temos o mesmo breve do Papa, que, por ser tal, se lançou na Torre do Tombo (assi chamamos em Portugal ao cartório gèral das memórias do Reino, que hoje se guarda nos paços do castelo de Lisboa, passado a eles de ãa torre que estava junto aos paços da Ribeira que, por desastre, se queimou em tempos passados com perda de muitos papéis e antiguidades de importância). Daqui no-lo comunicou o Licenciado Lousada. O treslado dele tirado do original, *de verbo ad verbum*, é o seguinte.

#### BREVE DE SUA SANTIDADE

*Pius Papa Quartus venerabili patri Bartholomaeo Archiepiscopo Braccarensi.*

*Venerabilis frater, salutem et Apostolicam benedictionem.*

*Redditae nobis nuper fuerunt litterae tuae, per quas a nobis expeditionem veteris quaestionis de Primatu Ecclesiae tuae Braccarensis dudum in Concilio suscitatae ne illius primae Sessioni propediem celebrandae non interesse cogereris, instanter postulabas. Nos autem devotionem tuam plurimum commendantes, fraternitatem tuam scire volumus, quod ex certis rationabilibus causis, dilectis filiis nostris Sanctae Romanae Ecclesiae Cardinalibus in eodem Concilio Legatis dedimus nuper in mandatis, quatenus venerabiles fratres Patriarchas primo, Archiepiscopos secundo, tertio autem loco Episcopos in quibusvis actibus publicis eiusdem Concilii juxta*



*ordinem suarum promotionum sedere, incedere, ac locum habere nulla habita ratione ad dignitates Primatiales veras vel praetensas auctoritate nostra facerent et curarent; itaque prius promotus in suo quisque Ordine prior existeret. Controversiae vero praefatae decisionem in aliud tempus duximus reservandam.*

*Caeterum ut mandato et voluntati nostrae huiusmodi acquiescere velit, Fraternitatem tuam hortamur. Erit enim id nobis gratum et acceptum. Volumus autem et per praesentes statuimus nullum per hoc tibi et Ecclesiae tuae Braccarensi super Primatia Hispaniarum, quam praetendit in petitorio, aut possessorio praejudicium irrogari, sed in omnibus et per omnia te et Ecclesiam in eodem statu post Concilium celebratum remanere, in quo ante illius inchoationem existebas et Ecclesia ipsa existebat. Et sic per quoscumque Romanos Pontifices successores nostros, ac Sanctae Romanae Ecclesiae Cardinales, et alios quoscumque quavis auctoritate fungentes iudices et personas, in quavis causa et instantia iudicari, interpretari et diffiniri debere, sublata eis et eorum cuilibet quavis aliter iudicandi, et interpretandi facultate, irritum quoque et inane, si secus super his a quoquam scienter, vel ignoranter contigerit, attentari decernimus, praemissis, ac quibusvis constitutionibus et ordinationibus Apostolicis contrariis non obstantibus quibuscumque.*

*Datum Romae apud Sanctum Petrum sub annulo Piscatoris die 10 Ianuarii 1562. Pontificatus nostri anno tertio. Caesar Glorierius.*

Não nos pareceu traduzir em português este breve, visto como temos declarado bastantemente a sustância dele.

Não perdeu o Arcebispo em Portugal o cuidado com que acudiu por sua Igreja fora dele. Tratara familiarmente em Roma o santo Cardeal Carlos Borromeu, Arcebispo de Milão, e comunicara-lhe um livro que levava composto pera doutrina e guia de prelados, que por essa razão intitulou *Stimulus Pastorum*, de que atrás fizemos menção.

Agradou tanto ao Cardeal o livro, que o fez tresladar, e logo imprimir em Roma; e conhecendo a importância dele, desejou que também em Espanha se imprimisse, e pera esse efeito enviou um dos impressos em Roma ao Mestre Frei Luís de Granada, encarregando-lhe o cuidado.

Teve-o o Mestre, imprimiu-se o livro em Lisboa, espalhou-se, chegou a Braga, e chegou juntamente ao Arcebispo que lhe faltava nos títulos o de Primaz (devia por ventura parecer ao Mestre Frei Luís que se pejava a humildade do Arcebispo com o grandioso título de Primaz das Espanhas, ou seria esquecimento, porque não pudemos julgar dele que o fizesse com cuidado de não prejudicar a sua pátria, como castelhano).

Na mesma hora que teve notícia do que passava, escreveu ao Mestre que recolhesse todos os que pudesse, e fizesse de novo imprimir ãa folha com o título de Primaz das Espanhas e, tirada a primeira, se pusesse esta segunda em seu lugar em todos os volumes, de maneira que não apparecesse nenhum sem o antiquíssimo e também merecido título de sua Cadeira.

Assi o cumpriu o Mestre logo, porque sabia com quem o havia.

E um destes livros emendados achamos na livraria do nosso convento de Viana, cuja inscrição é a seguinte:

*Stimulus Pastorum, ex gravissimis Sanctorum Patrum sententiis concinnatus; in quo agitur de vita et moribus Episcoporum aliorumque Praelatorum. Per reverendissimum D. D. Bartholomaeum de Martyribus Archiepiscopum Bracharensem et Hispaniae Primatem. Olysippone apud Franciscum Corream Typographum Serenissimi Cardinalis Henrici anno 1565.*

Na volta desta folha se lê: *Approbatus fuit libellus hic per Fr. Emmanuelem a Veiga, cui a serenissimo Cardinale Henrico regni hujus Inquisitore Generali et Archiepiscopo Olysipponensi examinandorum librorum commissa est cura.*

Com o mesmo título de Primaz tivemos em nossas mãos outro, quando isto escrevíamos, impresso em Lisboa, e passado polo ordinário, no ano de 1582.

## CAPÍTULO XIV

### *Da pobreza com que tratava sua pessoa.*

Essencial conservadora é da religião a pobreza de corpo e espírito. Assim foi amada do Arcebispo em todo estado, e mais na grandeza pontifical. Porque, como se tinha determinado em não trocar nela o espírito monástico, entregou-se a uma voluntária pobreza no comer, e no vestir, e em todo o estado de sua casa, com termos tão apertados que quasi todos os que viviam e dependiam dele passavam com mais largueza.

De muitas partes destes escritos se pode coligir esta verdade, mas inda a faremos mais patente por alguns casos particulares.

Mandaram-lhe assar um dia uma perdiz que a caso veio a casa (porque já se sabia que para a sua mesa, havendo saúde, se não havia de comprar nem matar ave de pena); veio à mesa; em a vendo, assim lhe torceu o rosto, assim a mandou tirar com pressa e desgosto, como se fora alguma cousa de muito asco ou horror.

Replicaram os familiares, acudindo-lhe à tenção, que a mandara certo clérigo, e era o mesmo que avisá-lo que se não comprara para ele. Não bastou nada, mandou que se desse logo a um pobre.

O mesmo fez outro dia a uma escudela de manjar branco, que se lhe pôs diante. Tinha tão pouco conhecimento de manjares delicados que perguntou, vendo-a, que papas eram aquelas (foram palavras suas). A vista era boa; chegou-as para si. Tomando o primeiro bocado caiu em que não era aquele

o sabor dos caldos de farinha que algũa hora comera, porque sintiu açúcar e cheiro, e, conhecendo que se enganara, logo a afastou e mandou aos pobres.

Vivia resoluto em não dar mais ao corpo que quanto bastasse pera a sustentação, nada pera gosto. E como nisto seguia estilo de verdadeiro pobre, nem mais nem menos se tratava no vestido, tomando em quantidade e qualidade o que servia pera cobrir as carnes. Porque nem do frio se queria abrigar bastantemente, nem sofria pano custoso, e a roupa que ãa vez vestia, se lha não tiravam por engano, fazia-a durar até estar no último fio; e toda a interior, certo e averiguado é que por sua mão a cosia e remendava, sendo arcebispo, da mesma maneira que quando era pobre frade ordinário.

O interesse que daqui lhe ficava era ter mais pera os pobres aquilo que a si mesmo furtava, seguir o uso de pobreza monástica, e vingar da carne com a mortificação da roupa, não de qualquer modo usada, senão velhíssima e vilíssima.

Quando veio ao capítulo da sua Ordem, como contamos, celebrado na cidade do Porto, com muitas cousas edificou e espantou aquela santa congregação; e não foi menos com o que todos lhe notaram no vestido, porque os hábitos, sobre serem de pano baixo e grosseiro, eram velhos e remendados, e o escapulário particularmente tão consumido e maltratado, que se atreveu o prior do convento a lhe oferecer outro.

Grande força devia ser a que obrigou a fazer tal oferta um frade pobre a um arcebispo muito rico.

Não no aceitou, dizendo que ainda daquele se melhorara pera vir de festa e enfeitado, como vinha a ver sua mãe e irmãos em dias de tanta solenidade.

Mas o que mais devemos estimar no Arcebispo é não se dar por achado da clara repreensão, que em si continha o oferecimento, que, sem saber de tenção errada do prior, tachava e condenava aquele estremo de pobreza, como cousa indina e afrontosa.

Parece que já então começava a aborrecer e fazer asco a pobreza, e soía a ser nos bons tempos de Portugal, que

não era afronta o ser pobre (que mudanças traz o rodear dos anos!) e hoje entende-se isto tanto às vessas, que não falta quem por quatro dias de rico compre ignomínia que nenhum tempo apaga. Mas a culpa é dos que mandam, que deram em fazer mais honra à melhor capa, não à melhor cara; e o mundo faz o mesmo, porque sempre costumou andar ao jeito dos príncipes. Que ainda alguns dos que hoje vivemos alcançámos, neste Reino, homens em sangue e entendimento comparáveis aos antigos Cúrios e Cincinatos romanos, os quais, vivendo em estreiteza que nesta idade parecerá vergonhosa, não se abatiam a vilezas, nem do rei e do povo eram menos estimados.

E tornando ao Arcebispo, lembrava-se que ũa das partes do património que nosso Padre S. Domingos, morrendo, nos deixou, fora a santa pobreza; e folgava de ser pobre, e não estranhava parecê-lo, como logo veremos em outros casos.

Aconteceu que andava polo arcebispado em visita, e estava em ũa aldeia crismando. Entrou pola porta da igreja onde crismava o Mestre Frei António de São Domingos, religioso da sua Ordem e lente de Prima de Teologia na Universidade de Coimbra, que o ia visitar por ũas férias.

Pareceu-lhe cousa digna de o Mestre se escandalizar e haver por sobeja curiosidade trazer ele, Arcebispo, por caminhos, a cadeira em que o achara celebrando o santo ministério, e ser aquella algum pouco aventajada (e era-o bem pouco) das ordinárias que servem nas celas dos religiosos. E cioso da observância da santa pobreza, a primeira cousa que fez, depois de lhe dar a boa vinda, foi ter com ele satisfação mui formal sobre a cadeira, pedindo-lhe que se não escandalizasse dela, e afirmando que, se a trazia consigo e se era melhorada das da Ordem, a razão era por que lhe servia na administração do Sacramento, em que o achara occupado, e pera maior veneração dele; e que em nenhũa outra occasião usava dela.

Trouxe o Arcebispo, quando veio do Concílio, ũa mula que o Papa Pio IV lhe deu, como atrás contámos, e com o nome de Águia, que lhe ficou da occasião em que lha deu. Era famosa em passeio, e fermosa em corpo, e, em fim,

peça de príncipe. Chegando a Braga, como todo o aparato da sua estribaria, os coches, andas, carroças e ginetes, nunca costumaram passar de ãa só mula pera sua pessoa, a honra que fez a esta foi ficar ela só em casa, mas não pera comer a cevada ociosamente.

Quando cessavam as jornadas do Arcebispo, a pobre Águia, desde poia manhã até noite, andava à carga, fazendo todo o serviço de casa, não lhe valendo pera privilégio de ociosidade, nem a memória do primeiro amo, nem o bom serviço feito ao segundo em tão larga jornada.

Que dirão a isto os muitos Alexandres que hoje há pera Bucéfalos? Que se lhes não edificam cidades, como o gentio, tem-nos tão pensados e mimosos que muitos pobres se puderam manter e cubrir com o supérfluo que com eles se despende.

Aconteceu um dia passar a Águia carregada à vista do Arcebispo; conheceu-a e, sorrindo-se, disse:

— E vós, Águia, cuidáveis que por serdes de tanto melhor senhor, havíeis de ser cá privilegiada? Mal vos enganastes, que na casa do pobre todos são pobres, e não come senão quem trabalha.

## CAPÍTULO XV

### *Da verdade e puntualidade que usava em obras e palavras.*

Tamanho era o cuidado com que o Arcebispo vivia de não discrepar um ponto do que era pura e lisa verdade, falando, escrevendo, e obrando, que até as cousas minimas pesava com extraordinária miudeza e escrúpulo, como quem guardava o mesmo estilo nas grandes. Assi, tinham dele tal conceito os reis e príncipes de Portugal que, em qualquer negócio que se ofereciam informações suas, eram havidas por testemunhos infalíveis.

Pediulhe um dia certo eclesiástico ãa carta de favor pera el-Rei D. Anrique. Deulha o Arcebispo, porque o homem na verdade tinha partes de virtude e letras, e valeulhe assaz. Mas quando lha deu e lhe mostrou, como era razão, o que dele escrevia, disse-lhe que com tal condição a recebesse e levasse, que havia de ter por falso e mintiroso tudo quanto de suas boas partes dizia a el-Rei, porque doutra maneira estava certo que ficaria podre com soberba (foram palavras suas formais) e ele, Arcebispo, encorrido nas culpas dela.

Quando se tornou pera a Ordem, renunciado o arcebis-pado, foi-lhe necessário escrever algũas cartas ao Arquiduque Alberto que, em hábito e dignidade de cardeal governava estes Reinos, sobre o litigio que corria com seu sucesor, D. João Afonso, por conta dos réditos que lhe pertenciam desd'o dia que renunciou até que lhe foram intimadas as letras da aceitação de Sua Santidade, como atrás tocamos.

Dilatava-se o negócio, pediram-lhe os padres do convento que instasse de novo ao Arquiduque. Encomendou ao Padre



Frei João da Cruz, de que atrás fazemos menção, e a faremos maior ao diante, que fizesse a carta e lha trouxesse pera a assinar. Ao assinar, quis ver o que continha, e achou que começava assi: «Tenho escrito a Vossa Alteza tantas vezes nesta matéria, porque, como sou velho e tenho necessidades, e dívidas, queria cumprir com brevidade minhas obrigações, etc.».

Neste ponto parou, e perguntou ao Padre Frei João quantas vezes teria escrito ao Cardeal e, respondendo-lhe que três ou quatro, tornou o Arcebispo e disse:

— Este termo que Vossa Reverência usa *de tantas vezes* parece significar grande número; e três nem quatro vezes não é muito número, e é ir contra o ponto da verdade. Também diz aqui que tenho necessidades, e eu não sinto nenhũa, porque me não falta vestido nem manutenção. E isto é mintir, pelo que tenha Vossa Revrência paciência, e faça-me caridade de fazer outra carta.

E replicando-lhe o padre que, ainda que não sentia necessidades em sua pessoa, bastava pera falar assi não ter com que pagar aos criados que o serviam, respondeu que toda via em lugar *de tantas vezes* emendasse *algũas*, e onde dizia que tinha necessidades, pusesse que devia serviços a criados.

Outra vez, pedindo-lhe ãa pessoa chegada a sua casa ãa carta pera el-Rei, encomendou-a ao mesmo padre. Levando-lha feita, estranhou a nota porque começava assi: «Tenho muita obrigação a Francisco Vaz, etc.».

E disse:

— Não poderei acabar comigo assinar esta carta, por dizer que tenho muita obrigação a este homem. Verdade é que algũa lhe tenho, porque estive em minha casa em Braga. Mas também lhe dei a alcadaria-mor da cidade. E assi, se disser que lhe tenho muita obrigação, não falarei no rigor da verdade, porque eu não entendo que é muita. Vossa Reverência perdoe o trabalho e faça outra em que singelamente diga: «Tenho obrigação a Francisco Vaz, etc.».

Estou vendo que não há-de faltar quem troça o rosto a estas finezas. E por ventura que haja muitos que lhe



ponham nome de sobegidão de escrúpulos, quando não esbar-rarem mais, sendo assi que se podia coligir daqui um bem importante documento pera a salvação, o qual é: qual seja a balança, quais os pesos com que os Santos fazem conta que hão-de ser diante de Deus julgadas suas obras.

Pouco sabemos do que passa naquele temeroso tribunal, mas, polo cuidado com que os Santos se vigiavam de culpas levíssimas, deve todo cristão julgar quanto cumpre andar acautelado em todas. Que, se houve santo que se condenou a ùa cadea de ferro cingida apertadamente nas carnes, e fechada com cadeado, e a chave lançada no pego de um rio em pena de lhe sair pola boca que fazia ruim dia, e mostrou Deus que Lhe agradara o feitio, em permitir que a chave lhe tornasse às mãos milagrosamente, razão é cuidarmos que aventavam e arreceavam grandes tempestades na última hora, quando fiavam tão delgado nas cousas de sua consciência.

Por esta razão era o Arcebispo tão cuidadoso e miúdo no que nossos juízos se atrevem avaliar por cousas de riso.

E S. Bernardo o dá por sinal mui certo de morar o Espí-rito Santo onde há tal vigilância. Porque diz ele que, como o Espírito Santo é fogo vivo, não consente na alma do justo nem ùa palhinha que não seja deste fogo queimada e consumida <sup>1</sup>.

Assi, aconteceu que, havendo quem replicou ao Arcebispo que não era cousa de sustância o dizer na carta que tinha muita obrigação, e que pera o requerimento da parte seria importante, de nenhũa maneira se deixou vencer, antes respondeu:

— Tenho setenta anos e não quero fazer cousa que haja de levar à confissão.

Com esta pureza de consciência conformava bem o que muitas vezes se notou nele que, se era necessário nas cartas de cumprimento ajuntar ao seu sinal, conforme ao estilo das cortesias antigas *Orador por Vossa Mercê*, não na reque-rendo maior a pessoa a quem escrevia, antes de tomar a pena, lhe rezava primeiro algũa oração.

---

<sup>1</sup> Bernardo.

## CAPÍTULO XVI

*Da temperança que guardava no comer,  
e beber, e dormir.*

Com tal determinação e continuação perseguia o Santo sua própria carne; assi se ia à mão em tudo o que podia ser de gosto ou de bom tratamento dela, que nenhum escravo rebelde foi nunca mais aperreado de senhor desumano e cruei, no comer, no beber, no vestir, no trabalhar, e em todas as mais cousas. São e doente, parecia ter publicado contra si guerra de fogo e sangue.

Começando pola mesa, contado temos largamente quão pobre e estreita era a sua. Mas, se comia em casa alheia, como algũas vezes era forçado, visitando, por vir de caminho ou chegar aos lugares fora de horas, o maior desgosto que se lhe podia dar era porem-lhe na mesa muitas iguarias; afrontava, gemia, não comia. E polo contrário, entrando em parte onde acertava achar falta ou aperto, ali comia de boa vontade, e notavelmente se lhe enxergava achar gosto e sabor no que lhe davam.

Visitando em Santa Maria de Airão, no ano de 1573, não se achou em toda a terra um pão de trigo pera a sua mesa, havendo abundância de tudo o mais. Pediu que lhe trouxessem ùa boroa (assi chamam por aquelas partes ao pão de milho) e, não só comeu dela, mas serviu-lhe de salsa e appetite pera comer bem do mais, confessando que só nela achara gosto, por ser mantimento de pobres, grosseiro e não mimoso.

Visitando em outra parte, viu que o hóspede andava feito ãa Marta em pressas e diligências, entrando e saindo sem assossegarr. Sospeitou o que era, malencolizou-se em demasia e, sendo hora de comer, começou a entender com papéis. Deram-lhe recado que estava o jantar prestes: não se moveu; segundaram dizendo que estava na mesa e, se tardasse, não teria gosto; então, àcinte, se deteve ãa grande hora, e tendo diante de si ãa imagn de Nossa Senhora, pregava os olhos nela e dizia contra a carne e contra si:

— Não hás-de ir.

E, quando se foi assentar à mesa, estava já tudo tal, que nem era pera ver, quanto mais pera ter sabor. E com tudo nisso pouco que comeu, ninguém lhe enxergou que lhe desagradava. Porque era nele estilo inviolável que nunca de sua boca havia de sair palavra que gabasse ou desgabasse de mal guisado ou mal temperado o que lhe punham diante; fosse salgado ou ensosso, frio ou escaldando, quemado ou cheio de fumo, nenhum trabalho tinham com ele os cozinheiros.

Menos trabalho tinha quem lhe dava de beber. Algũas vezes aconteceu, andando polo arcebispado, darem-lhe vinagre forte por vinho, sem ele fazer caso disso; e advirtindo, quem comia juntamente, aos criados, que atentassem o que faziam, respondia o Arcebispo que pera ele aquilo bastava.

Um dia lhe deram um vinagre tão azedo a beber que, em o tomando na boca, lha abrasou toda; e então, sem fazer diferença daquela perpétua compostura que nunca mudava, o mais que disse foi que vissem se havia em casa outra cousa que não fosse tão vinagre.

No ano de mil e quinhentos e sessenta e oito, caíu o dia sagrado de Natal em sexta-feira. Comiam com ele, como era costume, os que o acompanhavam no pontifical, e os desembargadores da sua relação e, à hora da festa, foi o jantar de carne esplêndido e custoso. Ele na mesma mesa, sem tocar cousa dela, passou alegremente com um pouco de peixe seco (que não havia fresco) e com um caldo de grãos, e advirtiu os convidados, porque se não espantassem, que o fazia por frade de S. Domingos, porque, dado que a Santa Madre Igreja,

por ser o dia tão solene, com muita razão dispensava que se pudesse gèralmente comer carne, com tudo na sua Ordem nem se usava da dispensação, nem se perdia o jejum nas sextas-feiras costumado; e ele por tanto queria conformar-se com os seus, e com o costume em que fora criado.

A cama de que se servia em quanto assistiu no governo do arcebispado, sobre ser tão pobre que nunca foi aventajada às da Religião, como deixamos escrito no primeiro livro, e sobre ser tão curta que lhe cumpria fazer de contino encolhido, sob pena de ficar com os pés de fora, e tão estreita que não podia dar voltas sem perigo, mandava pera mais mortificação abrir ãa cova de alto abaixo, no enxergão, onde assentando o colchão, que ficava em cima, com o peso do corpo, jazia não só entalado, mas como enterrado. O que devia ser, ou pera lembrança da sepultura, ou pera não poder nunca ter um pouco de alivio com a mudança do lugar, inda que pequena e arriscada, segundo a estreiteza da cama.

Recolhendo-se ãa noite, achou esta cama melhorada e crecida. Parece que lhe tiveram lástima os criados, corria um tempo destemperado e muito frio, acrescentaram-lhe um colchão e um cobertor.

Era o Santo por natureza inclinado ao sono, mas por razão e virtude inimicíssimo dele. Cama mole e bem abrigada em tempo frio, quem se poderia levantar? Não teve paz consigo nem assossegou, até que deu com tudo fora. Com ãa leve ocasião mandou o colchão a um pobre e o cobertor a outro, e ficou aliviado daquele favor que assi o assombrou, como se fora ãa grande claustralidade.

E porque não havia por bastante meio pera encurtar o sono tal feitio de cama, usava doutros espertadores: uns públicos, como eram o pouco alimento que dava ao corpo, espertador mais pesado e poderoso de todos, e a água que sempre tinha prestes junto de si pera lavar os olhos a qualquer hora da noite que acordava, se lhe parecia tempo de levantar, como atrás deixamos contado; outro era secreto pera todos, e enigmático, mas pera ele demasiadamente e injustamente público: eram as duas letras S e B, que acompanhavam aquella rica tábua que lhe sustinha a cabeceira,

segundo escrevemos no primeiro livro. Disse-lhe um dia um religioso, depois de estar recolhido em Viana, que aqueles caracteres eram a cifra do nome de seu santo — S. Bertolameu — e ele respondeu:

— Não são, por certo, senão de quem eu sou, porque querem dizer *Surge Bestia*: levanta-te, animal torpe, dessa cama, que quem nela se deixa estar mais tempo do que é necessário precisamente pera refazer a natureza fraca e cansada, mais é animal bruto que homem racional, não digo já religioso, nem estudante.

Destes espertadores que sempre acompanhavam o Santo, infiro eu que se sentia sojeito à paixão do sono, e tanto fica mais de louvar a resistência que fazia. Porque quem, por velhice ou por natural composição de humores, vive desemparado das causas e princípios que geram o sono, que este tal seja vigilante e madrugador (digamo-lo em bom português), nem grado nem graça.

## CAPÍTULO XVII

*Da aspereza com que se tratava  
quando era doente, e em todo tempo.*

Mas não se contentava o Santo com usar de rigor consigo, somente quando andava são e robusto; a mesma regra guardava sendo enfermo. Não despia as túnicas grossas de estamemha, ardendo em febres, nem consintia tirarem-lhe as mantas e porem-lhe em lugar delas lençóis de linho; e, o que é mais, não trocava o género e quantidades da comida ordinária de são.

Aconteceu estar gravemente doente, e algúas pessoas religiosas, vendo-o enfraquecido demasiadamente, aconselham-lhe que afroxasse um pouco da crueza com que se tratava, dispensando por alguns dias com a lã, e admitindo linho, e comendo algúas cousa mais e de boa sustância com que restaurasse as forças perdidas; e ele respondia com grande espirito:

— Ó carne e sangue, quantos procuradores tens por ti e por teus mimos!

E se não era em perigo da vida conhecido, e obrigado por conciência, não fazia mudança.

Teve em Braga, antes que fosse pera o Concílio, certo achaque em ùa perna. Pera remédio dele, ordenaram-lhe os médicos que tomasse a água do pau que vulgarmente se chama da China, porque lá nace e de lá vem, medicamento muito usado e proveitoso. E porque havia de ser com suores, mandaram que lhe armassem a cama, em roda, de ùas corti-

nas de pano de linho grosso, com que ficasse emparado do ar, e usasse de lençóis e túnicas de lenço.

Dada a ordem e receitadas as quantidades da água, e os tempos de suar, tornaram a visitá-lo ãa manhã e, não achando cortina nem resguardo na cama, nem lençol, nem sinal de lenço nela, ficaram espantados e queixosos. Declararam e protestaram que não somente não obrariam os medicamentos, mas resultaria deles maior mal, penetrando qualquer ar os membros esquentados do suor e poros abertos, por falta do abrigo que tinham advirtido, e ali não achavam, e recolhendo-se o suor de novo no corpo, por falta de lençóis e túnicas de linho que o recolhem e embebem em si, como ãa esponja, o que não faz a lã, que era a primeira regra que tinham dado; pelo que afirmavam que, se não haviam de ser obedecidos, fora melhor não começar a cura, que fazê-la com dano próprio, e descrédito da Física.

Obrigado destas razões, admitiu tudo, mas com tal ordem que, em passando a hora do suor, logo vestia túnica de lã, e lançava fora os lençóis. E como acabou com os suadouros, mandou vender as cortinas, e dar o dinheiro aos pobres.

Fez efeito a Medicina, enxugou a perna, e começou-se a levantar. Ordenaram então que usasse de ãas meias de pano de lã forte e encorpado que lhe defendessem as pernas e a parte lesa, do ar e do frio.

Quando tornaram no dia seguinte, acharam cumprida a ordem na perna do achaque, e viram que tinha a outra cuberta, como dantes, de ãa pobre e singela meia de estamena. Como lho estranhassem, respondeu que a perna doente era bem ser privilegiada e não a sã que, pois estava sem dor, sofresse o frio. Mas replicando eles que, se se não resguardasse e enroupasse todo com muito cuidado, tivesse por certo que não seria nunca livre de dores, e poria em risco a vida:

— Dessa maneira — disse o Santo —, ficais agora sendo meus amos e, pois assi é, fazei da perna o que quiserdes.

Algũas vezes que lhe acontecia andar polo arcebispedo de inverno, por mais áspero que fosse o tempo, e as terras que corria, frias e de maus gasalhados, nunca houve quem



o visse chegar ao fogo; e a quem o aconselhava que se não deixasse congelar com frio, pois tinha o remédio na mão, respondia que o frio havia de fazer seu officio, e o efeito pera que fora criado. E, compadecendo-se dos seus, mandava-lhes fazer grandes fogueiras; só consigo nenhũa piedade usava.

Em caminhos fragosos, que muitas vezes tomava chovendo e nevando por poder vencer a muita terra que cada ano corria, se via os companheiros tristes ou arreçosos, passava diante de todos, e assi caminhava, sofrendo animosamente a inclemência do céu e da terra, com o espírito ocupado no Senhor, por quem trabalhava, que, como fiel a Seus amigos, lhe fazia a paga em consolações da alma.

E é de saber que, por rigoroso que fosse o inverno, nem calçava luvas, que estas não teve nunca, nem recolhia ou resguardava as mãos na capa; antes, quando os companheiros as levavam metidas em boas luvas e envoltas nas capas, ele, por padecer mais, caminhava com elas descobertas ao vento e ao frio.

E por mais agras que fossem as subidas das serras, e medonhas as decidas, como se oferecem em muitos passos deste arcebispado, por mui distantes que estivessem os lugares, por pobres e pequenos que fossem os povos, a tudo se arriscava, como se fora de ferro. E custava-lhe isto agasalhar-se algũas noites em tão pobres e tristes casas, que mais mereciam o nome de choupanas ou palheiros que doutra cousa: as portas tão baixas que era necessário entrar de joelhos, tão mal reparadas que quasi se dormia ao sereno.

Visitando a Serra da Gávia, que por alta e impinada deve ter este nome, e é cousa averiguada que nunca sobiu a ela prelado, achou os lugarinhos tão miúdos, e tudo o mais tão pobre e de última miséria que, pera os seus terem gasalhado, lhes deu licença que dormissem na igreja, pondo-lhes preceito que pagassem a pousada com silêncio inviolável. E isto foi em extrema necessidade, pola grande veneração que tinha ao Santíssimo Sacramento, a qual era tal que, acontecendo em algũas partes não haver outro remédio de gasalhado pera sua pessoa senão a igreja, quando o aceitava, dormia vestido e calçado, e com um feixe de palha por cama.



E com tudo, nem depois de velho e quebrantado de várias indisposições, podiam com ele acabar os seus que pusesse termo a tanta má vida, e a tão trabalhosas e arriscadas jornadas. Antes, pera poder continuar o trabalho, porque lhe iam faltando as forças pera aturar caminho cumprido em sela, inventou andar em um cilhão fechado; e outras vezes caminhava assentado em um asninho, e muitas tomava grandes espaços a pé, sem querer dar hora de folga àqueles cansados membros.

## CAPÍTULO XVIII

### *Como zelava o remédio dos pobres.*

Achou o Santo no arcebispado algũas coutadas de montes e rios, que seus antecessores estimavam, e faziam guardar pera dias de passatempo. E estas são hoje as delicias dos príncipes, e ãa das partes em que fundam estado e grandeza (e não é cousa indigna, se o rigor extraordinário com que se defendem as coutadas se temperara de maneira que não ficaram sendo laço irremediável de pobres e coitados).

Õa das do arcebispado está no caminho que vai da cidade pera Santiago de Esporões. Indo um dia o Arcebispo visitar esta igreja, andavam uns pobres homens roçando mato na coutada. Alvoraçaram-se todos os que o acompanhavam, e alguns diziam que seria bem fazê-los prender e castigar. Reprendeu-os o Santo, e estranhou-lhes o dito e a tenção; e, passando, disse aos que cortavam o mato que continuassem embora no serviço e fizessem seu proveito e, se alguém lho quisesse tolher, acudissem a ele.

E desde logo, tornando pera a cidade, mandou largar e franquear todas as coutadas, pera dar mais este refúgio à gente pobre. Porque a sua opinião era que o officio de prelado consistia em ser pai e remedeador de pobres, e sentia muito não se entender e praticar assi por toda a Cristandade.

De sorte que foi voto seu, quando se achou no sagrado Concílio de Trento, e nele com veemência instou que se decretasse que todo prelado, depois de tomar de suas rendas o necessário pera ãa cõngrua e decente sustentação de sua pessoa, e casa, e officiais, tudo o mais depositasse no tesouro

de sua sé, aplicado logo, como património que era de Cristo, pera sustentação de pobres, e dai se repartisse por eles. E ajuntava que declarasse o Concílio por homem que o alheio possuía e retinha o bispo que o contrário fizesse.

Não lhe respondeu neste negócio o successo ao desejo, respondendo-lhe bem à medida dele em outros que pareciam mais dificultosos de acabar. Mas ele se deu toda a vida por obrigado à tenção com que então falou, não apartando em toda ela nem um só real do que lhe sobejava de suas rendas, pera outros usos. E guardava nisso tanta exacção e escaceza (santa e gloriosa escaceza) que o custo de ùa folha de papel, se a podia escusar, lhe parecia furto feito aos pobres.

O que coligimos de alguns livrinhos seus que vieram a nossas mãos, de memórias de muita importância, em si tão pequenos, tão mal encadernados, e tão consumidos da antiguidade, que claramente nos mostram que os queria e sofria assi, por não fazer gasto noutros mais custosos, que, por mínimo que fosse, de força havia de resultar em dano dos pobres, fazendo conta que, a respeito daquilo com que cea e se contenta um pobre, toda despesa é considerável, inda que não fosse mais que de quatro folhas de papel. E os Santos até dos indivíduos sabem fazer caso em todas as matérias, e por isso são santos.

Achamos posto em memória um dito seu que prova mui bem o que vamos contando, se onde há obras fôra necessária confirmação de palavras. E referi-lo-emos, não porque sirva em crédito do Santo, mas porque esperamos que por seu ande d'hoje em diante escrito com letras d'ouro por todas as casas de príncipes, e prelados, e pais de famílias.

Houve em Braga um homem nobre que se vendia por muito afeiçoado às cousas do Santo e, como tal, matava-se por lhe persuadir que illustrasse seu nome com fazer nos paços pontificais algũa fábrica sumptuosa que perpetuasse neles sua memória, ou, quando menos, mandasse reparar alguns aposentos que se iam danificando.

Escusava-se o Santo com as necessidades dos pobres, que eram grandes, e eles muitos em número, e os tempos cada vez mais apertados de esterilidades, e fomes, e trabalhos.

Tornou o conselheiro a instar e perder razões, alegando costumes, honra e estados.

Vendo-se o Arcebispo perseguido e tentado um dia demasiadamente, cortou a prática, dizendo:

— Verdadeiramente, Senhor, que me obrigais a vos dizer que sois pior com esta teima que o nosso Satanás. Porque ele, se queria persuadir a Cristo que fizesse das pedras pão, já era cousa de que poderia resultar algum proveito aos pobres; mas vós matais-vos e matais-me, porque faça pedras do pão dos pobres.

Assi, nunca gastou dinheiro em edificio de gosto nem vaidade, despendendo muito e com muito gosto nos que eram de serviço de Deus, e proveito dos próximos, como foram o convento de Viana, e o colégio da Companhia, e seminário.

## CAPÍTULO XIX

### *Do especial afeito de piedade com que acudia ao remédio dos súbditos.*

Obras e exemplos de caridade heróica vão semeados por esta história, bastantes pera darem sobre nome a este servo de Deus, não só de famoso esmoler, como o teve um santo antigo, senão também de pai de pobres e desamparados.

Mas costumava juntar com todas suas esmolas ãa certa brandura de ânimo piadoso e compassivo, que ficava o ouro fino desta caridade tão levantado de quilates, que representava aos olhos outro género de metal, e de virtude muito mais alto.

Tinha lido o que nosso bom Deus prometia de Si: *Quomodo si cui mater blandiatur, ita ego consolabor vos*<sup>1</sup>. Querendo significar o extremo de amor com que havia de tratar os homens na lei de graça, comparava-o aos mimos e meiguices com que ãa mãe agasalha o filhinho que muito ama.

Assi, parecia ao Arcebispo que tinha obrigação de imitar aquele Senhor, que por nosso amor quis tomar officio e nome de mãe. Em tempos de frio, mandava fazer vestidos pera mininos de diferentes idades, tinha-os feitos e, quando vinham à esmola ao paço, mandava buscar os que vinham mal enroupados, e ele por suas mãos os vestia; logo fazia vir pão,

---

<sup>1</sup> Is. 66, 13.

e partia-o por eles com ãas entranhas e afeito de verdadeira mãe.

Um dia muito destemperado de frio e vento, compadecendo-se dos pobres, lembrou-se de certa mulher que, sobre necessitada, era doente e velha. Chamou logo um criado de quem se fiava, mandou-lhe que fosse onde acudiam os careiros do termo com lenha de venda, e comprasse ãa boa carrada, e a fizesse descarregar à porta da velha, com advertência que por nenhum caso lhe desse o dinheiro, senão a lenha.

É de saber que esta pobre tinha ração ordinária do Arcebispo pera sua manança, e a esmola da lenha foi piedade particular, considerando o muito que padeceria com o rigor do tempo.

Quando mandava esmolas a semelhantes pessoas, se eram casadas, advirtia os portadores que as dessem em mão própria das mulheres, sem as fiarem de mãos nem olhos dos maridos, porque com este resguardo se ficavam aproveitando, e remediando com elas, o que não acontecia se os maridos viam ou aventavam dinheiro em casa, por maneira que, não só acudia com o remédio, mas também com traça pera que não fosse baldado.

Obrigava a estudar os filhos dos homens pobres e honrados da cidade de Braga, pera depois lhes sustentar as casas com mais abundância, porque em quanto eram moços, assinava-lhes ração de comida e vestido e, quando maiores, se continuavam o estudo, e davam boa conta de si em vida e costumes, provia-os nos benefícios de sua apresentação, com que ficavam ricos e remedeados pais e filhos e toda a família.

Entrou ãa tarde na sua câmara, a horas que estava só e despejado de partes, um clérigo a tratar de certo negócio. Notou o Arcebispo, em quanto o esteve ouvindo, que o mantéu e roupeta que trazia, além de rotos por mais de ãa parte, estavam no último fio, de velhos e gastados.

Fazia grande frio, e tinha cuberto pera se valer dele um mantéu novo de pano; não lhe sofreu o coração deixar de valer logo a quem em tal tempo via tão desvalido; tirou

o mantéu dos ombros e, por sua mão, o pôs nos do sacerdote, mandando-lhe que se saísse depressa e tivesse segredo.

Cativava os ânimos dos que recebiam semelhantes esmolas esta singular piedade, e obrigava até o que as ouviam. O que se dá pedido e rogado já custa tanto como comprado. E se o provérbio diz que o que se dá depressa é duas vezes dado, que será o que se dá sem se pedir, e ainda sem se cuidar nem esperar, como aconteceu a este clérigo?

Competia a condição do Arcebispo, nos modos de dar alegre e engraçadamente, com os maiores mestres de pedir e arrancar esmolas com eficácias, e rodeios, e encarrecimentos.

E porque não ficasse género nenhum de bem fazer em que se não esmerasse, era costume seu, quando caminhava, perguntar aos que encontrava pera onde caminhavam, e a quê. E se lhe diziam que iam pera a cidade a algũa demanda, mandava-lhes que de sua parte dissessem aos julgadores que olhassem por sua justiça, e os despachassem com brevidade. E montava-lhes muito esta lembrança, porque os juízes, sendo advirtidos, como lhe conheciam a condição, abriam os olhos, e faziam diligência.

De seu se está que não seria menos piadoso de suas portas adentro, e com os seus, quem tanto o era pera o de fora; com quanto há homens de tal humor que, fora de casa, são toda a brandura e boa sombra do mundo, e pera com os seus parece que trocam a condição, assi são austeros e desabridos. Aversa e descomposta caridade!

O Arcebispo, em adoecendo qualquer capelão ou outro criado seu, não só fazia diligência que fosse bem curado e provido de todo o necessário, mas ele em pessoa o visitava cada dia, competindo com o médico neste officio, e fazendo outro que mais consolava o enfermo, o qual era informar-se particularmente se acudia o médico a tempo, se havia cuidado nas comidas e mezinhas, e se se davam a suas horas; e ajuntava espirituais advertências, que davam alento, e recreavam corpo e alma.

E ainda que os doentes fossem muitos, como succedeu nos anos dos tabardilhos e, depois, dos cadarrões, que foram

doenças gèrais que derribavam casas e famílias inteiras, não lhe ficava nenhum por visitar e consolar, sem medo do ar contagioso; e como a necessidade era maior, acontecia desvelar-se mais com os enfermos, e fazer-lhes também suas visitas de noite, tempo em que o mal, pola reclusão do ar em aposentos fechados, é mais perigoso e mais certa a contágio pera os sãos.



## CAPÍTULO XX

### *Da grande devoção que o Arcebispo tinha ao Santíssimo Sacramento do Altar.*

Como toda consolação, todo o bem, e todas as riquezas da Igreja Católica, e dos que fomos tão ditosos que dela somos filhos, consistam no diviníssimo Sacramento do Altar, mais tem de santo, e de melhor filho quem com mais devoção, e maior fervor procura venerá-Lo, e adorá-Lo.

Verdadeiro filho era o nosso Arcebispo nesta parte, como nas mais, porque em todo o tempo que estava de assento em Braga, por grandes enchentes que houvesse de negócios, e na maior força deles, havia sempre de dizer sua missa. E quando andava por fora visitando, todos os domingos, e festas de Cristo e de Nossa Senhora, e dos Apóstolos, a celebrava cantada sem ministros. E se estava na cidade nas festas maiores, nunca perdia pontifical.

Dizia ele que esta divina e cotidiana refeição buscava sua alma pera renovar o fervor da caridade e devoção, que a contínua ocupação dos negócios costuma a entibiar.

E com tudo algũas vezes de propósito deixava de celebrar um dia na semana, porque como aquela soberana mesa, assi como é chea de toda suavidade, não é menos temerosa e digníssima de um mui profundo acatamento, achava que fazia muito ao caso esta breve interpolação, pera refrescar, e avivar aquele tão devido respeito.

Assi, quando no dia seguinte sobia ao altar, levava o espírito tão afervorado e ãa tão entranhávei saudade do maná celestial, que largamente se lhe enxergava que a dila-

ção acendera a sede, e acrescentara ímpeto na devação; e cada palavra que ia pronunciando parecia espirar aquele ardor do Rei Santo: *Sicut cervus desiderat ad fontes aquarum*<sup>1</sup>, etc. Como acontece se a rio furioso cortamos o passo, tomando-lhe a corrente com represa, então se mostra mais poderoso, então engrossa a força e peso das águas, e com nova violência rompe, passa e desbarata tudo, e a si mesmo parece exceder-se, não eram menos as crecentes de devação que levantava no peito do Santo a ausência da divina fonte de um só dia, nem menos a força dos desejos com que a apetecia no seguinte. E se tão breve termo causava tais efeitos, bem entendido fica quão mal sofreria maiores intervalos.

Aconteceu adoecer de um perigoso mal de febres acompanhadas de um fogo interior tão ardente que a boca e língua se lhe tornava negra com secura e sede. E com tudo, quando a fúria do mal lhe dava algũa hora de tréguas pera poder dar conta de si, não eram suas queixas da sede intensíssima que o abrasava, sendo esta a que mais aflige em semelhantes doenças, acrescentando-se com a representação que faz na fantasia de todas quantas fontes e frescuras algũa hora viu o enfermo, senão só da fome excessiva que sua alma padecia do pasto soberano da Santíssima Eucaristia.

E, pedindo-a com muita instância, queixava-se a todos os circunstantes de lha não administrarem; e aos que o importunavam que tomasse algũa sustância pera não desfalecer, dizia piadosamente que só ela era a sustância que havia mister e só o manjar que seu gosto apetecia.

E quando via a grande diligência com que os médicos lhe aplicavam remédios corporais, lastimava-se, agastava-se e afirmava que era matéria de muito escrúpulo amiudarem tanto medicamentos vãos da botica, e faltarem-lhe com os verdadeiros do Céu.

Eram isto efeitos da experiência que tinha quotidiana dos grandes mimos e favores que de Deus alcança pera sua alma, e ainda pera os negócios humanos, quem a miúde se chega a este altíssimo Sacramento. E daqui nacia que quando

---

<sup>1</sup> Sl., 41, 2.

de Trento escrevia ao Padre Frei João de Leiria, governador do arcebispado, encarecidamente lhe encomendava que todos os dias, antes de entrar no labirinto dos negócios e governo do arcebispado, pera irem bem guiados e ver neles bom sucesso, dissesse primeiro sua missa.

Em todo tempo encarecia muito e trazia sempre na boca ãas palavras que São Boaventura diz contra os sacerdotes descuidados: *Cum sacerdos est absque peccato mortali et in proposito bono non habens legitimum impedimentum, et non ex reverentia, sed ex negligentia omittit celebrare, tunc, quantum in se est, privat Trinitatem laude et gloria, Angelos laetitia, peccatores venia, justos subsidio, in Purgatorio existentes refrigerio, Ecclesiam Christi spirituali beneficio, se ipsum beneficio et remedio contra quotidiana peccata et denique, quantum in se est evacuat Divinum cultum latrariam denegando Creatori*<sup>2</sup>. Estas são as palavras. A significação é: «O sacerdote que, não no acusando sua consciência de pecado mortal nem mau propósito, e sem ter justo impedimento, deixa de dizer missa, não no fazendo por reverência, senão por negligência, este tal a todo seu poder priva de glória a Santíssima Trindade, os anjos de alegria, os pecadores de perdão, aos justos de socorro, aos que estão no Purgatório de refrigério, a Igreja de Cristo de benefício espiritual, a si mesmo de um grande bem e remédio contra os pecados e fraquezas de cada dia, e, finalmente, por sua vontade e quanto em sua mão é, estreita e encurta o culto divino, negando ao Criador a honra da verdadeira adoração que Lhe é devida».

Bem se deixa entender destas palavras quantos e quão crecidos interesses grangea pera sua alma quem continua o altar. E eram tais os que o Arcebispo achava nele que até os assistentes enchia de devação quando celebrava, ou por outra qualquer maneira se chegava ao Divino Sacramento.

Passando de caminho por Viana, no ano de setenta e cinco, achou-se ãa tarde na igreja matriz, e viu que andavam

---

<sup>2</sup> *In opusculo praeparationis ad Missam.*

aparelhando pera levarem o Santissimo Sacramento a um enfermo que morava na Ribeira, que não é pequena distância da igreja.

Tardava o cura, e não aparecia outro ministro; alegremente lançou mão da ocasião que se lhe oferecia daquelle exercício de devação. Entra na capela do Sacramento, reveste-se nos paramentos sagrados e, com grande edificação do povo, e consolação própria, e de todos os que o acompanharam e assistiram, levou e administrou o Sacramento ao doente.

E é muito pera notar que, tornando pera a igreja, chamou o cura e teve com ele um comprimento tanto mais cortês e cheio de bondade quanto menos era devido, dizendo que, por se achar ali naquela conjunção, lhe tomara a mão, e porque na verdade o tal officio, a ele, Arcebispo, directamente competia, como a prelado que era immediato do enfermo, pois era ovelha sua; e assi não lhe fizera agravo.

Desta devação e espírito do Arcebispo achamos ùa memória que não é razão ficar em silêncio. Quando se achou nas Cortes de Tomar, quis el-Rei D. Filipe, polo que sabia de suas partes, que lhe dissesse missa algũs vezes; e afirmavam os senhores que assistiam a ela com Sua Majestade que era tal o sentimento, e devação, e suavidade com que a celebrava, que grandemente ficavam admirados, e lhes parecia naquelle espaço que estava já transferido na Glória.

## CAPÍTULO XXI

### *Da devação e cuidado com que rezava o officio divino.*

Não há dúvida que o exercício do coro e das horas canônicas que todos os eclesiásticos nele, ou fora dele, rezamos, sendo o fim louvar a Deus em todas as horas do dia, à imitação do que na corte celestial fazem perenalmente os espíritos angélicos, é também aparelho pera melhor servirmos e recebermos em nossas almas esse mesmo Senhor no soberano sacrificio da missa. E por isso é o rezar obrigação perpetuamente anexa ao sacerdócio.

E pela mesma razão, do bom modo e atenção com que vimos rezar os sacerdotes, conheceremos pola maior parte a que terão em celebrar; e ao contrário, pola devação com que celebram, poderemos alcançar a que tiveram, satisfazendo ao officio divino ou com que lhe costumam satisfazer.

Temos visto como o Arcebispo celebrava; e sem dizermos mais, podia ficar entendido com que cuidado se disporia pera o sacrificio, rezando. Mas não é razão que deixemos de contar algũas particularidades dignas de lembrança.

Afirmam todos os que o conheceram e trataram que tudo o que rezava, ou entoava no coro e fora dele era com ãa certa eficácia, e devação tanto do íntimo da alma que notoriamente se via que saía dela o que pronunciava a boca.

Na expressiva das palavras era grandemente apontado, procurando que fosse muito clara e distinta. E, se no coro via negligência nela, desconsolava-se muito. Mas quando rezava em particular, em se descuidando quem o ajudava,

logo lhe fazia repetir o verso ou palavra, tantas quantas vezes mal se declarava. Quando chegava a dizer o verso *Gloria Patri et Filio et Spiritui Sancto, etc.*, acendia-se tanto no espírito que levantava a voz desentoadamente. E se lhe diziam que não parecia bem rezar assi em comunidade, respondia que com fervor e alvoroço se havia de invocar o Espírito Santo. Isto era falar a boca do que trasbordava no coração.

A viola mais música, e mais suave, é destemperada em mão de quem a não entende. O estrondo das águas do Nilo, quando caem do salto altíssimo das serras da Etiópia, que chamam catadupa, não tolhendo o ouvir aos naturais, ensordecce aos estrangeiros <sup>1</sup>. Aquilo que parecia desentoadamento e nimiedade no Arcebispo, por isso o era nas orelhas dos que assi o julgavam, porque não alcançavam qual era o mestre de capela que lhe fazia o compasso dentro na alma. Não atinavam com as vozes daquela viola, eram estrangeiros naquela toada.

Não era menos estranho, e de alguns seria por ventura estranhado, outro costume que o Santo tinha, acabando de rezar, que era devação sua cordialíssima. No cabo das horas repetia cinco vezes com extraordinário afeito: *Divinum auxilium maneat semper nobiscum*. Querem dizer estas palavras: «Seja sempre connosco o divino socorro». E de cada vez que chegava à última delas fazia um jeito e som com a boca, como quem suavemente chupava ou sorvia alguma cousa muito saborosa.

Desejaram muitas pessoas entender o segredo d'isto, e nunca o declarou, sendo por vezes perguntado e rogado, senão depois de estar recolhido em Viana, onde o Padre Frei João da Cruz lhe fez instância e a ele, como a filho que muito amava, o não pôde negar. Dizia que se representava rezando diante do bom Jesu crucificado, e manando rios de sangue preciosissimo de Suas divinas chagas; e, acabando de rezar, pedia com aquele verso a cada ãa daquelas sagradas fontes particulares misericórdias; e juntamente imaginava que che-

---

<sup>1</sup> Tullius in *Somnio Scipionis*.

gava a pôr a boca em cada ũa, e recolhia nela, e em sua alma, com incomparável gosto, aqueles riquíssimos licores.

E era devação que aprendera do Beato Frei Hermano, religioso de sua Ordem, o qual, sendo devotíssimo das sagradas chagas, e estando um dia todo arrebatado na consideração delas, ora compadecendo-se das dores que causariam naqueles inocentíssimos e virginais membros, ora alegrando-se com o remédio que delas saiu pera o mundo, e dando-lhe por ele graças e louvores infinitos, apareceu-lhe o mesmo Senhor com as divinas chagas abertas e disse-lhe:

— Chega e bebe quanto quiseres.

Obedeceu Frei Hermano; pôs a boca nas sagradas fontes, e foram tamanhas as enchentes de gozo celestial que naquela hora sintiu, que do mesmo ponto em diante tudo o que não era Deus era para ele fel, e amargura, e de nenhũa cousa fora de Deus podia ter gosto.

Não revelou o Arcebispo deste secreto mais partes que estas, porque são as que podia contar sem tocar ponto de honra sua, que muito aborrecia. Mas se é verdade que, pelo efeito que causaram em Frei Hermano os divinos favores, se conhece a grandeza deles, bem podemos afirmar que não recebia menos mimos o Arcebispo nesta sua devação, pois temos visto largamente que aborrecia tudo o que o mundo estima e preza com tal resolução que podia dizer com o Apóstolo que sua vida era só Cristo<sup>2</sup>.

Em ũa doença gravíssima que teve (que não foram poucas nem leves as que lhe procederam do muito que trabalhava, e da má vida que levava) caiu em profunda modorra, de sorte que não havia remédio pera o terem esperto. Mas não faltou quem descobriu um muito fácil, e igualmente eficaz: bastava fazerem-lhe ouvir que não tinha rezado. A esta voz, acudia com presteza e esperteza dizendo:

— Pois rezemos, rezemos logo.

E à conta de o livrarem do sono, lhe davam o trabalho de rezar, que não era pequeno pera em tal estado, mas menos danoso.

---

<sup>2</sup> Fil., 1. 21.



E notava-se por maravilha que do que era costumado rezar de cor não perdia, com toda a força do mal, nem lhe esquecia palavra, antes, saltando os que o ajudavam algum psalmo, ou deixando verso, ou trocando antífona (o que às vezes faziam de propósito), acudia com viveza:

— Não é esse o psalmo, não dizeis bem; tornai aqui, não é essa a antífona.

Longos anos tinha o Santo pedido a Nosso Senhor com contínuas e ardentes orações que não permitisse perdê-Lo nunca de memória, nem cousa algũa das que tocassem a Seu serviço, e a troco deste bem tudo o mais da vida se lhe varresse e apagasse dela.

Melhor petição por certo que a de Salamão, e digna que todos os cristãos, de propósito, a estudemos; e seja a primeira de todas nossas petições, confiando e tendo por certo que, nas semelhantes, nunca nos pode faltar bom despacho, conforme à promessa divina: *Quaecumque orantes petitis, credite quod accipietis et erunt vobis*<sup>3</sup>.

Assi, parece que o Santo estava já em posse de tão alta mercê, pois em tempo que a natureza e as potências estavam prostradas e vencidas da força da doença, em se lhe tratando de Deus, logo tornava em si e, cobrando o vigor perdido, ficavam ele e elas vitoriosas do mal e senhoras de todas suas operações. O nome de Deus que lhe soava nas orelhas no maior peso da modorra, e até nos mais desatinados frenesis, abatia todas as fumaças do humor pernicioso, ou as anteparava, de modo que pera as cousas divinas ficava em todo seu perfeito juízo e acordo.

Seja o Senhor imortalmente louvado por tão estranhas maravilhas.

---

<sup>3</sup> Mc., 11, 24.



## CAPÍTULO XXII

*Da continuação com que se exercitava  
nas virtudes da oração e meditação.*

Larga menção fizemos no princípio da história como, de todos os exercícios e ocupações santas do Arcebispo, a que mais tempo lhe levava era a oração. Aqui diremos mais algũa particularidade na mesma matéria.

Era tão aplicado a este modo de tratar com Deus, que qualquer hora ou momento de tempo que os negócios lhe deixavam livre, logo lançava mão da ocasião pera se recolher com Ele; e assi O buscava seu espírito, como toda a cousa pesada demanda naturalmente o centro.

A continuação que toda a vida teve de negociar com o Céu por este meio criou hábito, o hábito fez gosto. E aquele Senhor que tem prometido de não faltar a quem O busca, e que acode a todos os que de Sua parte trabalham polo achar, tais suavidades lhe comunicava em um grau altíssimo de contemplação a que o tinha levantado que, se fora possível não comer, nem beber, nem dormir, pola continuar, tudo fizera o Santo. A troca dela queria dar o arcebispado e, pera a lograr sem intervalos, eram todas as instâncias que fazia por largar os cuidados e carga de prelado, quando o era.

A este fim cortava pola comida, pola bebida, polo sono, porque não houvesse cousa que lhe tolhesse um ponto do que tinha por maior gosto de todos, que era a companhia do Senhor, que sempre trazia à vista dos olhos d'alma. E por se dar todo a Ele, queria dar tudo e não queria da terra nada.

E era tão antiga a afeição que tinha a este santo exercício e trato interior com Deus, que achamos escrito em uns fragmentos que de sua vida, começada a compor polo Mestre Frei Luís de Granada, vieram a nossa mão, que, morando o Santo em S. Domingos de Lisboa, e achando-se ali inquieto com ocasiões de negócios e visitas, dizia a um religioso seu familiar amigo que folgara que, sem culpa sua, se lhe levantara algũa tormenta ou caso tal, que fosse ocasião de ser condenado a reclusão de ũa cela, porque então estaria mais solto e desocupado pera se entregar todo a Deus. Tão amigo era do recolhimento e quietação que tal occupação requer!

Assi, sabemos dos que o conheceram de perto que todas as vezes que havia de pregar, depois de arcebispo, o livro em que estudava a noite antes era Cristo Jesu, verdadeiro livro da vida posto na estante da cruz. Lançava-se por terra diante dele; ali alcançava em alta meditação conceitos divinos que abrasavam almas, emendavam vidas, saravam consciências. E não empregava só nestes actos mentais as horas que eram suas, também lhe dava todas as que pareciam perdidas, e ociosas, e alheias de tal cuidado.

Acabando de visitar, quando andava polo arcebisnado, se havia de crismar, ou dar ordens, ou pregar, e era necessário fazer antes algũa detença por ocasiões que se ofereciam, por curto que fosse o espaço, logo se recolhia consigo e, quando lhe traziam recado, já o achavam todo absorto e enlevado, com os olhos pregados no Céu e tão alheio dos sentidos, que era necessário fazerem muito estrondo e falar alto pera espertar.

Outras vezes não bastava nenhum rumor, por grande que fosse. Tiravam-lhe pola roupa e nem assi respondia; e, quando acabava de responder, falava como homem alienado dos sentidos. E se acontecia, por se passarem as horas do ministério a que havia de acudir, apertarem com ele, e espertarem-no apressadamente, magoava-se tanto daquela força, por se ver divertido do saboroso entretenimento de sua alma, que a primeira reposta com que acudia, era, rompendo em altos gemidos:

— Deixai-me, que me quereis?

Assi, por lhe não encurtarem esta hora de gosto, como lhe não viam outro nenhum na vida (quando não havia muito perigo na tardança) dissimulavam com o que havia pera fazer, e esperavam até que, por si, tornasse. E ordinariamente, quando a si tornava, era banhado de copiosos suores.

Dizia um dia aos seus, queixando-se eles no inverno de um rigoroso nordeste que corria:

— Remédio excelente e infalível, meus filhos, pera o frio, pôr em oração; não há melhor braseiro.

Falava de experiência, e podia-o dizer quem nela chegava a suar. Mas que engolfar faria no repouso da sua câmara, ou cela, e no quieto silêncio da noite, quem tão fácil era em se furtrar a si mesmo no meio de tantas obrigações e distrações? Das quais, quando se via afrontado, costumava a dizer que o enchia de espanto e inveja a grande devação e espírito do santo rei David que, cercado de tantos e tão pesados cuidados, como deviam ser os de um grande reino, e tendo tantas cousas em que se repartir, todavia achara tempo pera compor um grande número de psalmos de soberano conceito, e não lhe faltavam horas pera os cantar devotamente em sua harpa.

Como o Santo gastava a maior parte do ano pelo arcebisado, visitando e caminhando sempre, pagava-se nos caminhos do tempo que os negócios lhe tomavam em povoado. Ordinariamente se adiantava dos seus, ou se deixava ficar atrás e, de tal maneira se applicava a suas meditações que, por comprido que fosse o caminho, dava mui pouca fé dele.

Algũas vezes ia tomando ocasião de quantas cousas se lhe ofereciam aos olhos pera levantar o espírito a Deus. Se sobia algum monte ou costa agra, dizia com devação:

— *Venite, ascendamus in montem Domini*<sup>1</sup>.

E o que então se lhe representava na imaginação estilavam logo em lágrimas seus olhos. Vendo serras levantadas, recebia particular contentamento e alegremente acudia com o verso:

---

<sup>1</sup> Is., 2, 3.

— *Levavi oculos meos in montes, unde veniet auxilium mihi* <sup>2</sup>.

Quando caminhava por vales, e se via cercado de outeiros, cantava:

— *Montes in circuitu ejus et Dominus in circuitu populi sui* <sup>3</sup>.

Assi se ia dispondo e acendendo pera a contemplação, até que ficava arrebatado nela, e passava em deleitações do Céu as léguas inteiras, e os passos arriscados e penosos.

Caminhava um dia por ùa charneca fea e seca de matos ásperos e brenhas espessas. Iam os da companhia descontentes, e desgabavam a terra; e ele dizia que não tinham razão, que antes por boa merecia louvada. Replicando os companheiros que não viam nela bondade nem cousa pera que fosse boa, respondia o Santo que era boníssima *ad elevandam mentem*, pera mover e levantar o espirito; e lembrava-lhes os desertos de S. João Bautista, e dos antigos anacoretas.

Se lhe diziam que era o caminho fragoso, respondia que não havia que re Cear, que assi era o caminho do Céu. E mandava aos capelães que lhe fossem cantando alguns psalmos ou hinos, e o contraponto com que os ajudava era cópia de suavíssimas lágrimas.

Em fim, por não ficar nada que lhe não fosse motivo de pias considerações, gabava ùas couves que em Entre-Douro-e-Minho chamam hortos (e são as piores que lá há), e a razão que dava era porque cresciam direitas pera o Céu, e quanto mais as despojavam das folhas, tanto mais sobiam.

Mas toda sua consolação era se nestes caminhos topava com algum mosteiro onde, sem perder muito da jornada, pudesse fazer noite. Aqui se aproveitava do tempo, levando toda a noite diante do Santíssimo Sacramento, em oração e disciplinas, e, à despedida, deixando consolados os religiosos com suas esmolas, como ficavam edificados da companhia.

---

<sup>2</sup> Sl., 120, 1.

<sup>3</sup> Sl., 124, 2.

## CAPÍTULO XXIII

### *Dos livros que deixou escritos.*

Não merecia último lugar entre as virtudes do Arcebispo o trabalho que tomou em escrever vários tratados de santa e proveitosa doutrina. Porque, sendo sua vida em todo tempo tão bem ocupada, como temos mostrado, era necessário furtar muito tempo ao descanso corporal para os poder compor.

Muito lhe devíamos pela doutrina que suas heróicas obras nos pregam, mas não quis que lhe devêssemos menos pela de seus escritos, para entendermos que em tudo é grande no Céu, conforme ao dito do Redentor: *Qui fecerit et docuerit, hic magnus vocabitur in regno Caelorum*<sup>1</sup>.

Tanto que se viu com obrigação de pastor, e guia de almas alheias, conhecendo ser a maior arte, e mais dificultosa ciência de todas, conforme ao dito de S. Gregório<sup>2</sup>, determinou alcançar dela tudo o que por estudo e meios humanos podia ser.

E foi colhendo dos santos Doutores e Padres antigos, como solícita abelha em campo de flores, quanto achava pertencente à matéria, disposto com ordem e curiosidade, e com o seu engenho; e brevemente se achou com um volume que era todo ouro fino.

---

<sup>1</sup> Mt., 5, 19.

<sup>2</sup> Gregório, *In Pastoral*.

Foi sua tenção fazer um como roteiro pera se governar na prelacia; por isso lhe deu título *Stimulus Pastorum*, sem ter intento de o publicar. Mas, sendo lido e considerado polo grande Arcebispo de Milão, S. Carlos, como deixamos atrás contado, logo por seu mandado foi impresso em Roma, e depois em Lisboa; e em Paris se fez terceira impressão.

Pera os homens espirituais escreveu um excelente volume que todo religioso devia trazer de contino na mão, e a doutrina dele na alma. É ãa guia ou escada pera com facilidade se sobir ao alto monte da contemplação. Chamou-lhe *Compendium spiritualis doctrinae ex variis Sanctorum Patrum sententiis collectum*. E ainda que todo é recopilado das flores dos Santos, como promete o título, bem se deixa ver no que põe de sua casa que fala de experiência, e como mestre exercitado naquela ciência que, por alta e soberana, é chamada Teologia Mística.

Compôs outro livro a que deu o nome *Collationes Spirituales*, no qual ajuntou cento e cinquenta colações espirituais, cada ãa com particular tema conforme à matéria, em que procede com muito engenho e espírito. A primeira é do amor divino; tem por tema *osculetur me osculo oris sui*. A segunda trata de *factore peccati*; o tema é *putruerunt jumenta in stercore suo*.

Outro escreveu sobre os Psalmos de David e Cânticos das férias. Começa: *Multa possent hic dici de laudibus Psalmorum*. E outro de anotações sobre Jeremias e outros profetas. Outro sobre casos de consciência, cujo título é *Puncta tangentia jura et casus conscientiae*; começa: *Intentio dicitur lumen* etc. A outro deu título *Variae sententiae ad Sacram Scripturam pertinentes*; começa: *Abraam prius dictus est Ram*. etc. A outro: *Doctrinae et regulae mensae religiosae*. A outro: *Epitome chronicarum mundi*; começa: *Prima Monarchia Assiriorum* etc. A outro: *Compendium Historiarum Ecclesiasticarum*; começa: *Pilatus quadam nocte subintulit in urbem Jerusalem* etc.

Escreveu ãa relação das cousas sucedidas no santo Concilio de Trento, desd'o dia que se abriu até que teve conclu-

são e começa: *Concilium apertum est decima octava die Ianuarii anni 1562.*

Na língua portuguesa fez um tratado de práticas devotas pera os prelados se ajudarem delas quando dão ordens, acomodadas a cada grau em particular, e com suas advertências, assi dos louvores delas, como da obrigação dos que as

Outro de práticas espirituais sobre os Evangelhos das festas de todo ano, em que se conforma com os entendimentos e capacidade do povo simples, porque foi sua tenção que servissem pera os curas idiotas as lerem aos fregueses; e por isso as mandou imprimir à sua custa e espalhar pelo arcebispado.

Um catecismo compôs tão claro, tão fácil e proveitoso que, por ser tal, o mandou el-Rei D. Sebastião imprimir, pera se ler nas igrejas dos mestrados e ordens militares de Cristo, Santiago e Avis.

Pera os curiosos de histórias recopilou diversos tratados de antiguidades, como foi um *Epitome das vidas dos Sumos Pontífices*, com os sucessos mais notáveis que em tempo de cada um houve no mundo, começando de São Pedro, até o tempo de Sixto V.

E um compêndio geral das histórias de Espanha, que começa: «Havendo quinze anos que Adão era criado, etc.». A este ajuntou outro dos reis de Aragão e condes de Barcelona, que começa: «No tempo presente três regiões se ajuntam no reino que chamamos de Aragão, etc.» E outro dos reis de Navarra, começando do primeiro, que foi D. Garcia Ximenes, até el-Rei D. Filipe II. Aqui ajuntou a sucessão dos reis mouros que em Espanha reinaram. Das cousas de Portugal não fez mais que ùa breve relação dos reis, do tempo que viveram e reinaram, até el-Rei D. Sebastião.

Por certo podemos ter que, se todas estas obras chegaram à impressão, houveram de ser estimadas e bem vistas, porque seu dono tinha partes pera ilustrar tudo o que tomava entre mãos; e não fazia nada por ociosidade ou curiosidade, senão só pera proveito dos próximos. Mas como ele se não applicou a imprimi-las, por não defraudar os pobres de contia que nisso podia despender, ficamos defraudados, os estudio-

sos, de um grande tesouro e utilidade, principalmente nas obras pertencentes à doutrina e à Sagrada Escritura, o que é tanto mais de sentir, quanto é hoje maior a liberdade ou desaforo (por dizer melhor) no escrever e imprimir, que vai crescendo, de sorte que arreceo nos havemos de vir a queixar da impressão, não só negar-lhe os antigos louvores.



## CAPÍTULO XXIV

*De alguns testemunhos notáveis que deram  
pessoas gravíssimas da santidade do Arcebispo.*

Voz de Deus chama o provérbio a voz do povo; esta é aquele consentimento geral em que uniformemente concordamos todos, bons e maus, sábios e idiotas, pera aprovar ou condenar qualquer género de cousa que chega a andar em fama pública. E a razão de a honrarmos com tal nome parece ser porque não pode deixar de haver algũa cousa de divino naquele juízo que, nascendo de tanta variedade e disformidade de juízos quanta é a diferença e número de cabeças donde sai, toda via venha a conformar e unir-se em um só parecer.

Esta voz e este juízo teve o Arcebispo em seu favor quando vivia. Esta teve depois de morto (que é quando sem respeitos de amor e ódio se apuram verdades) com tanto aplauso e publicidade que, a boca cheia, é nomeado e havido por santo em todo este Reino; e na vila de Viana, quasi não há casa que não tenha que contar casos prodigiosos em benefício espiritual ou temporal de seus naturais.

Mas porque o descuido dos religiosos da Ordem de São Domingos, pouco inclinados a levantar as cousas dela, ou por medo de vanglória ou do desar que têm os testemunhos em causa própria, se acomodou à humildade do Santo, não procurando autenticar suas obras maravilhosas; e o Arcebispo Dom Frei Agostinho, seu sucessor, que tinha tenção e desejos de o fazer, foi prevenido de doenças e da morte, quando houvera de começar. Pareceu-me que devíamos acudir

neste lugar, pera memória da posteridade, com alguns testemunhos que pessoas gravíssimas, isentas por sua calidade de toda razão de sospeição, deram da virtude do Arcebispo; os quais juntos com os que já vão semeados nestes escritos, de Papas e reis e outras pessoas grandes, fiquem suprimindo aquela fatal negligência nossa.

Chamo-a fatal, porque a tenho por procedida de divina vontade, conformando-se com o dito do mesmo Santo, quando, morrendo, disse, segundo lá referimos, que não esperassem milagres. Que na verdade bem conforma a palavra *não esperem milagres* com não haver até 'gora nenhum justificado em forma de direito, e na que a Santa Igreja tem determinado em semelhantes matérias, sendo os milagres muitos em número e grandes em calidade, e os devotos do Santo quase infinitos.

Por onde nos podemos persuadir que a profundíssima humildade com que em todo o discurso da vida trabalhou por incubrir e aniquilar suas grandezas, alcançou de Deus que nem por morte tenham aquela calificação que haviam mister pera serem havidos por verdadeiros milagres, a qual lhe podia granjear na terra a honra de o vermos canonizado.

Após o testemunho da voz popular, será o primeiro de um fidalgo de grande autoridade neste Reino, com cargo na Casa Real de capitão dos ginetes d'el-Rei D. Sebastião e seu embaixador no Concílio de Trento (este cargo e nome de capitão dos ginetes achamos em Portugal desd'o tempo d'el-Rei D. Afonso V<sup>1</sup>; foi o primeiro que o teve Gonçalo Rodrigues de Sousa, e responde no ofício que faz, segundo a linguagem que hoje se usa na milícia, a general da cavalaria do Reino); o nome, D. Fernão Martins Mascarenhas.

Este fidalgo conheceu e tratou familiarmente o Arcebispo todo o tempo que aquela santa junta durou; e, depois de acabada, vieram em companhia até junto a Espanha; considerou sua vida, ditos e feitos com atenção, e com maduro juízo e, quando se oferecia falar nele, dizia que na verdade confessava não ter notícia das particularidades da vida dos

---

<sup>1</sup> Cabedo, *Decisiones*, p. 2, Decis, 103.

bispos antigos que a Santa Madre Igreja venera por santos, mas que também não sabia que mais podiam fazer do que fazia o Arcebispo Dom Frei Bertolameu, nem como poderia ser viverem melhor.

Porque se de S. Martinho se contava que de tal maneira cumpria com as obrigações de grande prelado, que nunca lhe esqueceram as de monge humilde, Dom Frei Bertolameu tal proceder tinha em sua vida que, quando pera ela olhava, não sabia distinguir em qual era mais perfeito, se na pontifical, ou na monástica.

Se S. Nicolau fora grande esmoler, Dom Frei Bertolameu se aventajava nesta parte, que todas suas rendas em claro eram dos pobres, e não somente não reservou nunca cousa algũa pera si, fora do gasto preciso e forçado de sua pessoa e casa, mas ainda desse cortava e forrava, pera emprego de mais esmolas.

E se espantava o valor e liberdade com que Santo Antoino ameaçava os magistrados de Florença, dizendo que ainda era senhor da chave da sua cela, e se tornaria a ela, e os deixaria, a ele, com grande excesso o admirava mais a força com que Dom Frei Bertolameu fora arrancado da cela pera a prelacia, a violência e desconsolação com que vivia, Arcebispo, Primaz das Espanhas, e senhor da cidade de Braga, e, em fim, a eficácia com que procurava tornar ao canto humilde de sua Religião.

Seja segundo testemunho o de outro embaixador gravissimo, digo, D. Alvaro de Castro, filho daquele grande visorei da Índia, restaurador dela, honra da pátria e do seu apelido, D. João de Castro, que em feitos de armas foi igual aos mais famosos capitães antigos, e em pureza, e inteireza de ânimo quasi não teve igual.

Era D. Álvaro embaixador deste Reino em Roma, durante o Concílio em Trento, como atrás dissemos; e escrevendo a el-Rei D. Sebastião, por carta de 20 de Novembro de 1563, diz assi em fim de um capítulo dela:

«O Arcebispo de Braga se partiu cinco dias antes do dito Cardeal (entende o de Lorena) em ãa mula muito

fermosa que lhe Sua Santidade deu pera o caminho. Em todo o tempo que aqui esteve recebeu de Sua Santidade muitos favores, honras e graças, e falou tão livremente tudo o que entendeu, como faziam os Santos antigos. E pode tanto a virtude, que tudo Sua Santidade recebeu bem, e o ficava depois com outras pessoas louvando, e o que lhe dissera».

O original desta carta está hoje vivo em livro que o embaixador tinha das que escrevia, e a houvemos de mão de D. Fernão d'Álvares de Castro, seu filho, em cujo poder está.

Não é menos de estimar por célebre abonação a diligência com que o Mestre Frei Luís de Granada, tão conhecido por toda a Cristandade, pela excelência de seus santos escritos, começou a compor a história deste Santo, ainda em sua vida. A nossa mão vieram os cadernos originaes em que a ia lançando (não na chegou a perfeição, porque faleceu primeiro que o Arcebispo); neles, depois de contar alguns milagres do Santo, que dá por mui certos com a cláusula de não autenticados, diz as palavras seguintes, que vão em sua língua castelhana, que ele com sua eloquência grandemente ilustrou: «Pero sobre todos estos milagros es mayor la santidad deste varón de Dios, y el desprecio de si mismo, y de quanto posee».

O Arcebispo Dom Frei Agostinho de Castro, segundo sucessor do Santo, quando acudiu a consolá-lo enfermo, e honrá-lo defunto com solenes exéquias, ficou-lhe sobre maneira afeiçãoado, polo que nele viu e entendeu naquela última hora. A opinião em que o ficou tendo declarou por muitas vezes em palavras e obras.

E é muito de notar o que em particular disse dentro em Braga a quem isto escrevia, afirmando que com a mesma confiança faria oração, e se encomendaria a este Santo, que a um S. Giraldo ou S. Fructuoso; somente lhe não diria missa nem levantaria altares, visto não ser canonizado pola Santa Sé Apostólica. E acrescentava, contando, que no tempo de monge particular, fora algum tempo acometido de uns acidentados melancólicos, dos quais lhe ficara ãa lesão e horror

tal no coração, que por nenhum caso podia assistir, nem ainda entrar, em casa onde houvesse enfermo em última agonia; e se acontecia querer-se vencer e fazer força, lhe causava notável prejuízo na saúde.

E com saber isto de si, assistira com o Santo já ungido alguns dias, sem o largar de dia nem de noite; e, em fim, lhe morrera nas mãos e, com tudo, nenhum dano nem perturbação sintira em sua disposição, com andar desagasalhado e tresnoutado; o que, junto à experiência que de si tinha, havia o sucesso por tão milagroso, como todos os que do Santo se contavam, e ele o atribuía a seus merecimentos.

## CAPÍTULO XXV

*Em que se dá relação e traslado de ãa carta  
que o glorioso S. Carlos, Cardeal e Arcebispo  
de Milão, escreveu ao nosso Arcebispo.*

Por último e mais poderoso testemunho, e que podia escusar todos os referidos, guardamos pera este capítulo ãa carta de um santo canonizado, digo, do grande Arcebispo de Milão, o Cardeal São Carlos Borromeu, escrita ao nosso Arcebispo em resposta de outras suas.

É carta bem digna de tal espírito, e que descobre muitas particularidades que nesta história vão tocadas e, pera mais a estimarmos, é de advertir que a escreveu o Santo, estando na maior força de sua valia, e mandando Roma e o mundo, como sobrinho que era do Papa Pio IV, que ainda então governava a Igreja de Deus.

E por ser esta, ainda que seja um pouco larga, a lançamos aqui toda *de verbo ad verbum*.

### CARTA

*Reuerendissime Domine.*

*Redditae mihi sunt a Reuerendissima Dominatione  
tua tres epistolae, sed uno exemplo duae, quibus me de  
Dioecesana Synodo, de certorum hominum dissidio, et  
querelis et de Petro Tavares ad urbem misso certiore  
facit.*

*Equidem, Reuerendissimam Dominationem tuam in eo multum amo, quod sanctiones et decreta sacri Concilii Tridentini ab eis integre recipi et obseruari velit, quos intelligit suae fidei potestatique a Deo esse concreditos. Cui tamen si aduersari maluerint quam parere, non ipsi auctoritatem, sed consilium sibi sentient defuisse. Neque enim Sanctissimo Domino Nostro quicquam esse deliberatius video, quam ea quae in celeberrimo Christianae Reipublicae conuentu diu quaesita, agitata, excussa, a sapientissimis viris in Spiritu Sancto congregatis iudicata et suomet iudicio comprobata et corroborata sunt sic praestare, ut suam vim et auctoritatem semper retineant; tantumque abest, ut haec firmamenta catholicae fidei ex sua Sede dimoueri aut conuelli patiantur, ut etiam firmioribus praesidiis indies muniatur.*

*Quamobrem si qui erunt in religionis officio minus constantes, idest, a Reuerendissimae Dominationis tuae sententiis et praeceptis alieni, in iis confirmandis adhibeat sapientiam et grauitatem quam debet, auctoritatem autem et seueritatem iis finibus, quos sibi videt a Diuinis sanctionibus et legibus esse praescriptos, quo gratius Sanctissimo Domino Nostro facere nihil potest. Nec vero aut suspectam aut dubiam Reuerendissimae Dominationis tuae fidem, vel innocentiam, vel pietatem unquam habuit, neque istorum hominum querelis, de quibus ipsa suspicari visa est, aures dedit. Quid enim illi est tam exploratum atque perspectum, quam Reuerendissimae Dominationis tuae aut integritas, aut prudentia, aut in catholica veritate constantia? Quod si vel sexcentos in eam calumniatores et testes hominum inuidia excitasset, cum in tantam virtutem cadere non possit suspicio, nihil esset vel de ipsius bona existimatione detractum, vel de Sanctissimi Domini Nostri, beneuola erga eum voluntate diminutum.*

*Nam quid dicam de me, cui in conspectu pene animi semper adest? et propter excellentem in omni genere virtutis laudem una est ad imitandum proposita? Mea quidem opinio, et cum opinione consentiens haec una*

*est oratio, nihil esse in Archiepiscopo Bracharensi quod absit a summis laudibus; ut non modo istius prouinciae, sed multarum praeterea regionum integritate et virtute esse Primarius videatur. Itaque mihi nonnulli non tam conqueri de Reuerendissimae Dominationi tuae factis, quam de suis delictis confiteri visi sunt, cum nihil fere aliud sit ab ipsius consiliis dissentire, nisi a religione officii, et a probitate desciscere.*

*Sed quoniam eos habuit non tam accusatores seueritatis suae, quam sanctitatis et prudentiae testes, erit eius humanitatis ac sapientiae iis etiam aliquid condonare et remittere, cum praesertim voluntaria iniuriarum obliuio non minorem habitura sit pietatis, quam clementiae laudem. Atque ego fore confidam, ut iis, quos in suam pristinam gratiam restituit, aequissimis, amantissimis, et omni animi sensu coniunctissimis utatur.*

*Ex quibus facere non possum quin Reuerendissimae Dominationis tuae Decanum suum separatim studioseque commendem, quem ego quantum ex ipsius sermone potui perspicere cognoui ipsius percupidum, non enim Reuerendissimae Dominationis tuae resistere, sed in illius veterem gratiam per Sanctissimum Dominum Nostrium reduci voluit. Et quanuis apud eam suboffenderit tamen; ut humanae naturae est imbecillitas, quaedam interdum vitia est corrigere, quam acrius vindicare, vel ne peccantibus acerbitas supplicii reditum ad virtutem intercludat, vel ne propensiores ad iracundiam, quam ad lenitatem esse videamur, vel ut sit apud nos non iustitiae solum, sed aliquis etiam misericordiae locus.*

*Nunc habet Reuerendissima Dominatio tua in quo eius se humanitas, et virtus exerceat. Huic igitur si se placabilem praebuerit, et quem olim filii loco dilexerat, ad eam reuersum paterna item caritate fuerit complexa, edet praeclarum exemplum sapientiae suae, quemque a recto officio culpa deflexerat, grauissimis et monitis et praeceptis in cursum suarum laudum reuocabit, quod erit Sanctissimo Domino Nostro gratum, ac mihi gratissimum.*



*At si forte (quod suspicari vix possum) controuersiae, quas Reuerendissima Dominatio tua cum nonnullis habet de suo capitulo, erunt eiusmodi, ut eas autoritate et sapientia sua sedare ac dirimere non queat, serenissimo Domino Henrico Infanti Cardinali, et Apostolicae Sedis Legato Sanctissimus Dominus Noster perscripsit, mandauitque ut eas diiudicandas et componendas suscipiat, quod optimum et sapientissimum Principem summa aequitate et prudentia esse facturum mihi plane persuadeo.*

*Petrum Tavaresium Reuerendissimae Dominationis tuae studiosissimum, et obseruantissimum cognoui, cui neque opera, nec gratia, nec autoritas mea apud Pontificem defuit.*

*Reliquum est ut omnia amoris, et diligentiae, et liberalitatis officia statuatur sibi esse a me et fore semper paratissima, cui me etiam atque etiam commendo.*

*Romae die iii. Aprilis 1565.*

*Reuerendissimae Dominationis tuae addictissimus  
C. Cardinalis Borromeus.*

Segue a tradução em vulgar:

«Reuerendíssimo Senhor.

«Três cartas me foram dadas de Vossa Senhoria Reverendíssima, das quais as duas eram ãa cópia da outra. Nelas me avisa do sínodo diocesano que celebrou, e dos encontros e queixas de alguns homens, e de como tem despachado pera esta Corte a Pero Tavares.

«Em verdade, muito me obriga amar a Vossa Senhoria Reverendíssima ver como procura que se aceitem e guardem inteiramente os estatutos e determinações do sagrado Concilio Tridentino por todos aqueles cujas almas fiou Deus de sua virtude e governo; ao qual,

se quiserem ser rebeldes antes que obedientes, virão a sentir que a Vossa Senhoria sobejou poder e autoridade, e a eles faltou conselho. Porque em nenhũa cousa vejo mais resoluta ao Santíssimo Padre, Nosso Senhor, que em sustentar e manter de tal maneira as cousas que naquela grande junta de toda a república cristã foram acordadas, depois de longamente estudadas, ventiladas, discutidas e assentadas por varões doutíssimos, unidos no Spírito Santo, e, ultimamente, aprovadas e confirmadas com seu próprio parecer, que ficam pera sempre em toda sua força e vigor. E tão longe está de consintir que em nenhum tempo se movam ou abalem do estado que têm de presente estes estabelecimentos da Fé Católica, que antes os vai cada dia com maiores forças e ajudas corroborando.

«Polo que, se houver homens que na obrigação da Fé e Cristandade não tiverem o assento, e ser que devem, que é o mesmo que mostrarem-se alheios da vontade e mandatos de Vossa Senhoria Reverendíssima, use Vossa Senhoria do saber e inteireza que é obrigado para se fazer obedecer, e de todo o poder e rigor que as leis e ordenações divinas lhe concedem, tendo por certo que nenhũa cousa poderá fazer que a Sua Santidade mais agrade.

«E saiba que de parte de Sua Santidade não houve nunca desconfiança nem dúvida da verdade e bondade, e bom modo de proceder de Vossa Senhoria Reverendíssima, nem deu ouvidos aos queixumes desses homens, que Vossa Senhoria parece quer suspeitar; sendo assi, que nem há cousa que Sua Santidade tenha mais vista, nem mais palpavelmente conhecida que o valor e prudência de Vossa Senhoria, e sua constância e fortaleza nas matérias da Igreja e da Fé, o que tanto é assi que, se acontecesse levantar o ódio e a malícia seiscentos acusadores, e outras tantas testemunhas contra Vossa Senhoria, nenhũa cousa seria parte pera deminuir um ponto de crédito, e boa opinião de Vossa Senhoria (visto como em tanta virtude não pode haver nunca sospeita),

nem da boa vontade e afeição de Sua Santidade para com ele.

«Pois que direi de mim, que quasi sempre trago a Vossa Senhoria diante dos olhos d'alma e, pola excelência que tem em todo género de virtude, só a ele me determinei imitar? Porque minha opinião é (e com ela conforma o que sempre falo) não haver cousa no Arcebispo Bracarense que mereça menos, que um extremo de louvores. De sorte que não só me parece Primaz dessa Província, mas que, por seu valor e bondade, o pode e deve ser de muitas outras. E assi julguei de alguns queixosos de Vossa Senhoria Reverendíssima, que suas queixas e razões não culpavam tanto as obras de Vossa Senhoria, como descobriam culpas e defeitos próprios, porque, quanto a mim, desviar do parecer e conselhos de Vossa Senhoria não é outra cousa senão fogir de toda boa razão e obrigação de cristandade.

«Mas visto como estes tais lhe ficaram servindo de testemunhas de sua santidade e prudência, mais do que foram caluniadores de seu rigor, acto seria bem digno da brandura e entendimento de Vossa Senhoria sobrelevar e perdoar-lhes algũa cousa, pois o esquecimento voluntário dos agravos não tem menos preço nas virtudes cristãs, que na piedade e mansidão natural. E fiaria eu que os que assi tornar a admitir a sua graça há-de achar ainda mui bons amigos, e mui fiéis e conformes em tudo com sua vontade, e como de tais se há-de aproveitar e servir deles.

«Entre todos não posso acabar comigo não encomendar a Vossa Senhoria Reverendíssima particular e encarecidamente o seu daião, porque o achei, em quanto pude alcançar de sua linguagem, bem afeiçãoado a Vossa Senhoria, e sei que não tratou com Sua Santidade pera encontrar a Vossa Senhoria Reverendíssima, senão pera ver se podia restituir-se a sua graça por este meio. E ainda que acontecesse ofendê-lo dalgum modo, segundo a fraqueza da natureza humana, melhor é às vezes emendar alguns erros com brandura que castigá-los

com aspereza, ou porque o rigor não cerre de todo as portas aos delinquentes de tornarem sobre si e melhorarem, ou pera não parecermos mais sojeitos à ira que inclinados à piedade, ou pera que não ache só em nós lugar a justiça, senão também a misericórdia.

Agora tem Vossa Senhoria Reverendíssima em que poder exercitar sua bondade e mansidão, e crea que, se com este homem se houver brandamente, e abraçar com amor de pai a quem noutro tempo amou como a filho, dará famoso exemplo de sua condição e entendimento, e fará, com suas lembranças e regras santas, que torne à estrada e a ser pregoeiro de seus louvores quem a culpa trazia desviado do caminho direito de sua obrigação. Do que Sua Santidade levará gosto, e eu também o terei muito grande.

«Mas se as diferenças que Vossa Senhoria Reverendíssima tem com alguns do cabido forem por ventura de tal calidade que com sua autoridade e entendimento as não possa compor e quietar (o que nem sospeitar posso), o Santíssimo Padre, Nosso Senhor, tem escrito e dado cargo ao Sereníssimo Infante e Cardeal D. Anrique, Legado da Sé Apostólica, que tome à sua conta julgá-las e compô-las, o que estou persuadido fará com toda equidade e prudência, como príncipe virtuosíssimo e sapientíssimo que é.

«A Pero Taveres achei grande servidor e mui afeiçoado de Vossa Senhoria Reverendíssima; e eu lhe não faltei diante de Sua Santidade com minha diligência, favor e autoridade.

«O que resta é que se assegure e tenha por certo achará em mim sempre mui prontos e prestes todos os bons ofícios que de minha pessoa lhe cumprirem de amor, e cuidado, e largueza. E ùa e muitas vezes me encomendo a Vossa Senhoria.

«Em Roma, a 3 de Abril de 1565.

«A Vossa Senhoria Reverendíssima obrigadíssimo,  
*Carlos Cardeal Borromeu*»

## CAPÍTULO XXVI

*Que contém um elogio da vida e obras do Santo,  
composto polo Mestre Frei Luís de Sotomaior.*

Não me parece companhia indigna dos gravíssimos testemunhos que atrás ficam ãa composição latina, parto do singular juízo do Mestre Frei Luís de Sotomaior (que já outra vez nomeámos), catedrático jubilado da Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra, pessoa de tanta qualidade por sangue, por letras e virtude, que nem o haver sido contemporâneo e companheiro do Arcebispo na Religião, nem outra razão nenhũa nos pode fazer suspeitosa sua opinião. Porque o que nos declarou com a pena, escrevendo, sentiu dentro na alma, obrando, escritor sincero e fiel relator da verdade; do que foi argumento que, vindo a falecer quase vinte anos depois do Arcebispo, quando chegou à última hora, que anteviu e declarou aos religiosos que o acompanhavam, em idade decrépita no número dos anos, que eram oitenta e quatro, mas robusta e verde nas potências e sentidos, mandou que lhe trouxessem um escapulário, que pera aquela conjunção tinha guardado; veio a peça dobrada e composta e como cousa de estima com sua letra sinalada; e dizia: «escapulário do nosso Arcebispo santo Dom Frei Bertolameu dos Mártires».

Nela, como em armas fortes, se mandou vestir pera entrar na batalha da morte, e nele quis que fosse seu corpo à terra, lançado ao pescoço um rosário lavrado da madeira do caixão em que o Santo fora enterrado.

tionem; in quo quidem opere, seu munere pastorali, velut alter Joannes Baptista lucernam ardentem et lucentem se se ille plane exhibere visus est. Ita enim indies magis ac proficiendo excelluit, ut mirificum splendorem Deo et mundo dederit, summus atque omnino perfectus euaserit, non solum vita, sed etiam doctrina; idest non solum verbis, sed etiam factis, tanquam ambidexter.

Hic est enim qui quale verbum, talem habuit et vitam et qualem vitam tale habuit et verbum. Quemadmodum de Origene alicubi praelare dixit Eusebius Caesariensis, iuxta illud Euangelii dictum. Qui autem fecerit et docuerit, hic magnus vocabitur in regno caelorum<sup>1</sup>. Neque enim solum ille satis habuit optimi Pastoris officium facere, nisi etiam perfecti et consummati monachi per omnem vitam suam, officium, legesque ac decorum constanter seruaret, et custodiret ad unguem; quin etiam, si fas est dicere, perfecti monachi metam et lineas transiliret; quae laus est rarissima et maxima, praesertim nunc temporis.

Itaque iure optimo non modo Sacerdos magnus, sed etiam Adam, seu homo magnus a nobis nominatur et est. Sed tamen nihilominus etiam, maius testimonium ille habet et amplius a Deo, maioraque sunt merita ipsius, quam a nobis pro dignitate praedicari, laudariue possit. Etenim ut compendio et in summa dicam, si vir iste summus cum caeteris istis Episcopis vulgaribus, popularibus et quotidianis comparetur, adeps a reliqua carne separatus videri profecto possit. Qua quidem collatione diuina Scriptura alicubi utitur in laudibus Sancti David Regis, cum sic de eo ait: Quasi adeps a carne separatus, sic iste a caeteris filiis Israel<sup>2</sup>.

Vel etiam quasi sol oriens erit inter alias stellas minores et quasi pretiosum quoddam unguentum, cum

---

<sup>1</sup> Mt., 5, 19.

<sup>2</sup> Ecli., 47, 2.

tionem; in quo quidem opere, seu munere pastoralis, velut alter Joannes Baptista lucernam ardentem et luculentam se se ille plane exhibere visus est. Ita enim indies magis ac proficiendo excelluit, ut mirificum splendorem Deo et mundo dederit, summus atque omnino perfectus euaserit, non solum vita, sed etiam doctrina; idest non solum verbis, sed etiam factis, tanquam ambidexter.

Hic est enim qui quale verbum, talem habuit et vitam et qualem vitam tale habuit et verbum. Quemadmodum de Origene alicubi praelare dixit Eusebius Caesariensis, iuxta illud Euangelii dictum. Qui autem fecerit et docuerit, hic magnus vocabitur in regno caelorum<sup>1</sup>. Neque enim solum ille satis habuit optimi Pastoris officium facere, nisi etiam perfecti et consummati monachi per omnem vitam suam, officium, legesque ac decorum constanter seruaret, et custodiret ad unguem; quin etiam, si fas est dicere, perfecti monachi metam et lineas transiliret; quae laus est rarissima et maxima, praesertim nunc temporis.

Itaque iure optimo non modo Sacerdos magnus, sed etiam Adam, seu homo magnus a nobis nominatur et est. Sed tamen nihilominus etiam, maius testimonium ille habet et amplius a Deo, maioraque sunt merita ipsius, quam a nobis pro dignitate praedicari, laudariue possit. Etenim ut compendio et in summa dicam, si vir iste summus cum caeteris istis Episcopis vulgaribus, popularibus et quotidianis comparetur, adeps a reliqua carne separatus videri profecto possit. Qua quidem collatione diuina Scriptura alicubi utitur in laudibus Sancti David Regis, cum sic de eo ait: Quasi adeps a carne separatus, sic iste a caeteris filiis Israel<sup>2</sup>.

Vel etiam quasi sol oriens erit inter alias stellas minores et quasi pretiosum quoddam unguentum, cum

---

<sup>1</sup> Mt., 5, 19.

<sup>2</sup> Ecli., 47, 2.



*effusum longe, lateque redolet, suauissimumque odorem reddit, unde illius nomen et fama non modo in patria, sed etiam extra patriam longe, lateque volat et mirifice celebratur; eiusque virtutes plane attestatur Lusitania et reliquia Hispania, Italia, Gallia, denique, id quod maius et amplius est, uniuersa Tridentina Synodus, in qua ille, quasi luminare quoddam maius mirabiliter eluxit; unusque procul dubio ex illis fuit, ut dicam modestissime, qui inter tot illustres Pastores et Doctores aliquid esse videbantur et praesertim colebantur.*

*Quapropter dignissimus est, quem diligant, colant, venerentur, admirentur et imitentur omnes, maxime autem et iure suo proprio probi Pastores Bracharenses.*

*Monachi autem Dominicani hunc tanquam decus quoddam Ordinis Praedicatorii singulare et rarum quoddam virtutis et sanctitatis exemplar sibi proponere debent ad imitandum. Cum ergo talis tantusque hic vir sit, non minus mors et sepultura, memoriaque eius quam vita commendabilis et pretiosa est in conspectu Domini, quo ille in Coelis iam nunc immortaliter beatus fruitur.*

Tal era o elogio latino, cuja significação em nossa linguagem é a seguinte:

«Eis que é morto o grande Adão, quero dizer, aquele homem verdadeiramente grande, que juntamente foi grande frade, e grande sacerdote, e grande servo, e amigo de Deus, com assinalada e singular familiaridade; homem, em fim, de quem nunca se disseram tantos louvores que não ficasse merecendo mais; e por isso, fora melhor não dizermos dele nada que dizer pouco.

«Este é D. Bertolameu, não o Apóstolo, mas apóstolico em virtudes; e se assim podemos falar, em espírito, valor, e merecimento quasi igual e emparelhado aos mesmos Apóstolos e aos mais Santos Mártires de Deus, dos quais tomou também o sobrenome, e dele usou toda a vida como de título de honra, e cousa sua própria,



pera efeito de trazer sempre consigo quem a mais virtude o esportasse.

«Este, pois, estando ainda dentro dos claustros da Religião que desde minino solenemente professou, e depois adiantou, e honrou, viveu com tal observância, e tão santa e inculpavelmente, que só por suas partes e merecimento de sua vida e costumes, de pobre frade de São Domingos, foi levantado à dignidade primacial da Igreja de Braga e das Espanhas, mais por graça e providência divina, que por favor de príncipes, ou outro meio humano; e não só levantado, mas antes à viva força obrigado e, como a rasto, subido à cadeira, a uso daqueles Santos Bispos do tempo velho, tão fora estava de pretender ou granjear a honra do cargo, ou carga; o que depois mostrou bem claro, largando a prelacia de sua vontade, cousa nunca esperada, nem cuidada de nenhum homem.

«Mas, posto nela, de tal maneira se portou no officio pastoral que, como outro S. João Bautista, se mostrou ao mundo tocha ardente e radiante. Porque foi crescendo em santidade e maravilhas, de sorte que pera com Deus, e com os homens resplandeceu com luz de incomparável claridade; e pera consigo saiu varão perfeito, e consumado, não só na vida, mas também na doutrina, quero dizer, não só em palavras, mas também em obras e exemplos, como quem joga d'ambas as mãos.

«Que na verdade este foi o homem em quem vimos conformarem as palavras com a vida, e a vida com as palavras, como notou bem Eusébio Cesariense em Orígenes, segundo aquilo do Evangelho: *Quem fizer e ensinar, este tal será grande no Reino de Deus*<sup>3</sup>.

«Porque não houve Frei Bertolameu que bastava fazer officio de excelente prelado, se não ajuntasse também guardar inteiramente e cumprir ao justo, e com perseverança e por toda a vida, o officio de perfeito

---

<sup>3</sup> Mt., 5, 19.

monge, com todas as leis e decoro da observância. Mas, se é cousa que se possa dizer, ainda excedeu e passou os limites da perfeição monástica, louvor em todas as idades grande e raro, mas, na presente, raríssimo e grandíssimo. Por onde, com muita razão, lhe damos e merece o título não só de grande sacerdote, senão também de Adão e de homem verdadeiramente grande.

«E com tudo isto inda é maior a honra e o testemunho que da parte de Deus tem por si, e maiores seus merecimentos, que tudo o que dele podemos encarecer e louvar. Porque, na verdade, pera resumir em ùa palavra o que entendo, se houvermos de fazer comparação deste varão com esses bispos comuns, e ordinários, e que cada dia tratamos, podemos fazer conta que ele é a banha, e a grossura apartada da carne, que é a mesma comparação de que usa a Sagrada Escritura nos louvores do santo rei David, dizendo dele: *Qual é a diferença e aventagem que tem a banha e a grossura apartada da carne, tão diferente e aventajado foi este de todos os filhos de Israel* <sup>4</sup>.

«E tal poderemos dizer que foi, qual é a luz do sol, quando nace entre as estrelas, e qual é a fragância de ùa composição de águas cheirosas, ou misturas aromáticas de preço, quando se espalha ou derrama, que enche e faz recender tudo de suavíssimo cheiro.

«Assi corre sua fama não só neste Reino, pátria sua, mas fora dele voa, e é conhecido, e celebrado seu nome por toda parte, dando famoso testemunho de sua santidade não só Portugal e todas as mais províncias de Espanha, mas Itália, e França, e, o que é mais que tudo, este mesmo testemunho deu dele o Concílio universal de Trento, onde assistiu e não resplandeceu menos que qualquer dos luzeiros grandes, ou olhos do mundo.

«E não há dúvida que foi ele um daqueles que entre tantos e tão ilustres prelados e doutores (pera que o

---

<sup>4</sup> Ecli., 47, 2.

digamos com toda a modéstia) pareciam ser algũa cousa, e por tais eram honrados e buscados. Pelo que é muito merecedor que de todos seja amado, estimado, venerado e respitado, e também imitado e seguido; ao que principalmente têm mais direito e razão os bons prelados de Braga, mas com dobrada obrigação os frades domínicos, os quais, como a lume e honra singular da sua Ordem, e como um raro treslado de toda virtude e santidade, o devem trazer sempre diante dos olhos pera em tudo seguirem suas pisadas.

«Sendo, pois, este varão tão grande cousa, razão será crermos que não é menos preciosa nem de menos valia sua morte e sepultura, e sua memória, do que foi sua vida, diante da Divina Majestade, da qual imortalmente já agora está gozando cheio de bemaventurança».

## CAPÍTULO XXVII

*Do respeito que tinham ao Santo os Sumos Pontífices,  
e os reis e príncipes de seu tempo,  
e toda a gente nobre.*

Não acredita menos a santidade do Arcebispo o grande respeito com que os príncipes soberanos da Igreja de Deus, e os da terra, seculares, tratavam de sua pessoa. Sobre os exemplos que por esta história parecem e vão nela infiados apontaremos mais algum.

Consta-nos que todos os Santos Padres que em seu tempo sucederam na Cadeira de S. Pedro, uns trás outros, favoreceram sempre suas cousas com particular afeição, de maneira que fizeram mintirosa ãa opinião mui antiga, e havida em Roma por infalível, que nenhum homem valido de um Papa tem a mesma ventura com seu sucessor.

Dos favores de Pio IV e Pio V, que pudéramos chamar amores, segundo estes príncipes lhe foram afeiçoados, tem feito a história larga menção. Sucedeu-lhes Gregório décimo tércio neles, como no estado, e mostrou-o em algũas ocasiões.

Em cartas particulares que lhe mandava escrever, era principal lembrança que fiava muito de suas orações, e lhe encarregava o encomendasse a Nosso Senhor. E sucedendo vir-se de Roma pera este Reino o Mestre Frei António de Sousa, eleito vigairo gèral da Ordem de São Domingos, que depois foi Bispo de Viseu, o dia que foi beijar o pé a Sua Santidade e tomar licença pera se pôr a caminho, lhe mandou que, quando chegasse a Portugal, dissesse de sua

parte ao Arcebispo que lhe fazia a saber que tinha mui presente na memória sua pessoa, e em suas orações muita devoção, que nelas se não esquecesse dele.

Depois que o Arcebispo renunciou, succedeu tratar-se em Roma por negócio ordinário, como na verdade é, passarem-se-lhe letras apostólicas de retenção do nome e dignidade, porque está em costume quem ãa vez foi bispo não perder ãa cousa nem outra. Acudiu a impedi-las com pouco conselho quem fazia as partes de D. João Afonso, seu primeiro sucessor.

Veio o negócio diante de Sua Santidade e, não havendo quem por parte do nosso Arcebispo fizesse diligência, e fazendo-se muitas e mui extraordinárias polo sucessor, mandou *vivae vocis oraculo* que as letras da retenção se expedissem logo, sem fazer caso de nenhũa razão de impedimento; e declarou mais que, acontecendo acharem-se na sé de Braga o arcebispo resignante e o sucessor, precedesse em tudo o resignante, que foi notável honra e favor mui particular feito à pessoa e merecimentos do nosso Arcebispo.

O Ifante D. Anrique em quanto foi Cardeal e Nuncio Apostólico, e depois que reinou, assi deferia suas cartas que bastava sua informação pera ficar acreditado qualquer sojeito sobre quem lhe escrevia e, pedindo-lhe igreja ou outra cousa, sem mais diligência nem inquirição lha concedia.

Não valeu menos diante d'el-Rei D. Sebastião, nos casos que com ele se lhe ofereceram, e nas igrejas que aconteceu pedir-lhe, da apresentação real, pera seus encomendados.

Com el-Rei D. Filipe, segundo deste nome em Castela e primeiro em Portugal, teve tanto lugar a opinião de sua santidade, como se poderá entender do caso seguinte.

D. Diogo Correa, Bispo de Ceita, em África, era sobrinho do santo Arcebispo, e como tal se criou de minino em sua casa, e na sua doutrina, e nela se fez merecedor da mitra, sendo primeiro experimentado e provado em alguns benefícios, que serviu com virtude e inteireza e, ultimamente, provido em ãa conezia da sé de Braga.

Tendo administrado alguns anos com satisfação este bispado, tratou-se no Conselho de Portugal de o melhorarem

ao bispado de Portalegre. Deu-se conta a Sua Majestade; pediu informação da pessoa e partes do Bispo; foi a primeira e principal que o Conselho lhe mandou a criação que contamos de casa do Arcebispo, e esta só valeu tanto com el-Rei que, sem lançar mão doutra cousa, respondeu que se lhe desse o bispado, que de tanta santidade de força se lhe havia de pegar muito.

No tempo que o Arcebispo assistiu nas Cortes de Tomar, como atrás referimos, foi de ver a continuação com que foi visitado de todos os senhores castelhanos que vieram acompanhando a Sua Majestade.

Espantavam-se da pobreza da casa e família, das humildes alfaias de sua guarda-roupa, do estranho género de cama e roupas que usava, pera a grandeza do Arcebispo, e Primaz, e rico. Crecia o espanto, considerando a gravidade de sua pessoa e o peso das práticas e repostas.

Da admiração naceu gosto, como é ordinário, e do gosto, afeição e reverência; e era tanta a que em gèral se lhe tinha, naquela corte, que os mais dos fidalgos estrangeiros, onde quer que o encontravam, voltavam com ele e o acompanhavam e, ao despedir, esperavam que lhes lançasse a benção, que recebiam com muita cortesia; e alguns chegavam com veneração a lhe beijar as roupas.

E porque não estivesse o respeito somente na nobreza, a quem toca como por causa própria honrar a virtude e a Igreja, é cousa certa que quasi todas as vezes que o Arcebispo se recolhia do paço pera sua casa, saía a guarda real com ele, e o não largava até o deixar nela. Assi o achamos posto em memória, mas não nos consta se era esta cortesia de moto próprio dos que a faziam, se por mandato de maior poder.

Não é razão que deixemos o que escreveu o Cónego Pero do Vale, pessoa de virtude e bom entendimento, em ùa carta que temos em nosso poder, o qual, doendo-se, como homem que muitos anos residiu em casa do Arcebispo, de que não houvesse cronista de suas obras, resumia em breves razões ùa grande parte das que temos contado, e acrescentava que não eram então passados muitos dias que um fidalgo

honrado português, vindo da Índia, onde servira cargos de importância, e passando em romaria a Santiago de Galiza, entrara com grande alvoroço em Viana, dizendo que nenhũa outra cousa o trazia a ela, senão poder ver por seus olhos e venerar um homem de quem tantas maravilhas de virtude e santidade ouvira, e eram públicas na Índia. E afirmava que em todo aquele grande Oriente era o Arcebispo celebrado por santo.

## CAPÍTULO XXVIII

*Das pessoas que saíram da casa e criação  
do Arcebispo pera grandes cargos  
e dignidades do Reino.*

Infalível é a regra que não há prova mais certa pera entender a bondade da árvore que ver e considerar-lhe a calidade do fruto<sup>1</sup>. E só esta parte nos resta por tratar, pera irmos pondo termo a esta história. Fazer homens é ciência tão alta que de força havemos de confessar que tem muito do Céu. Muitos sabem a teórica, mas são raríssimos os que chegam a entender e manejar a prática. Tem segredos escondidos, que alcançá-los e sabê-los comunicar é mais dádiva divina que obra do engenho ou do entendimento.

Concedida foi a graça a um David santo, e a um Alexandre gentio, que fizeram soldados e capitães tão estremados em valor que foram espanto da sua idade. Em nossos tempos alcançou este dom um Imperador Carlos V, porque de sua escola saíram tantos e tais varões que, se o não embarçara um vizinho émulo de sua glória, tão duro e inquieto nas armas como desgraçado nelas, pudéramos esperar ver por eles e pelo mestre a Casa Otomana desfeita.

Também neste Reino foi celebrada a casa de um Ifante que sempre será nomeado com saudade de todo bom espírito, e com queixa e mágoa de lhe não cair nas mãos um grande império; digo o Ifante D. Luis, raro valor, soberano enten-

---

<sup>1</sup> Mt., 7, 17.



dimento de príncipe sobre tudo que se pode encarecer. Ou fosse graça de discernir espíritos, e escolher talentos, ou ciência de fazer ao seu os que lhe caíam nas mãos, andava como em provérbio a ventagem com que se faziam conhecer os que o serviam, em todas as partes do bom saber e proceder. E provou-se a fama com o sucesso, porque, andando o tempo, quasi todos foram buscados pera grandes cargos do Reino, quando parecia que os desemparara a ventura com a morte apressada do Ifante. Não aponto exemplos por serem notórios.

Assi temos da família deste apostólico Arcebispo muitos varões santamente criados aos peitos de seu exemplo e doutrina: uns que passaram muito adiante no serviço da república, sendo pera ele chamados; outros que se contentaram de passar a vida em um silêncio descansado e quieto; mas todos enriquecidos de virtudes testemunhadoras do leite que na criação receberam.

Diremos de alguns mais assinalados no mundo, deixando outros que o não foram menos em merecimentos.

O primeiro seja o Padre Frei Anrique de Távora, por outro nome, de S. Jerónimo (e não de Brito, como erradamente é chamado de alguns), companheiro do Arcebispo na jornada do sagrado Concílio, e filho seu desd'o tempo que foi prior de Benfica, o qual de sua casa lhe foi tirado pera Bispo de Cochim, na Índia Oriental, e daí foi nomeado pera Arcebispo de Goa e Primaz de todo o Oriente.

Na mesma casa se criou desde minino D. Diogo Correa, sobrinho do Santo, e dela saiu tão aventajado em virtude e letras que, de cônego de Braga, mereceu em primeira promoção o bispado de Ceita, em África, e na segunda o de Portalegre, pera onde o passou el-Rei D. Filipe, como pouco há referimos.

O Doutor Bertolameu do Vale foi pessoa neste Reino mui conhecida por suas partes e merecimentos ganhos na conversação do Arcebispo, em cujo serviço aprendeu a ser santo. Confessava ele que doze anos estivera de suas portas adentro, comendo o seu pão e gozando de sua doutrina.

Este varão serviu muitos anos em Lisboa de juiz das Ordens, com ãa inteireza poucas vezes vista e, pola mesma

razão, muito estimado do Rei e do povo. Possui muitas rendas pola Igreja, que todas lhe entraram pola porta sem diligências nem negociações, e despendia-as como grande cristão. Foi Arce-diago de Font'Arcada, dignidade na santa Igreja de Braga. Viveu muitos anos, e soube-os lograr tanto à imitação de seu capitão e mestre que ouvimos afirmar a pessoas de crédito que lhe fora oferecido o bispado do Porto, que é ãa honrada e deleitosa estância, e animosamente se escusou, por não dizermos que a enjeitou. Era velho, quis como sisudo tratar de sua alma, antes que das alheias, e fez o certo, que não fará pouco quem da sua souber dar boa conta.

Quem mais tempo continuou com o Santo foi o Doutor Francisco de Faria, porque o acompanhou desde o dia que saíu da Religião pera Braga. Ali o começou a servir, acompanhou-o ao Concílio, e com ele passou a Roma e, depois que vieram, foi desembargador de sua relação, e tal conta deu de si em todo tempo, que el-Rei D. Sebastião o tirou de Braga, e o mandou por secretário da embaixada a Roma, cargo de muita honra e confinça. E nele serviu a três reis: D. Sebastião, D. Anrique e D. Filipe; e a todos satisfez de maneira que o perpetuaram no cargo, fazendo-lhe novas mercês.

Este varão foi aquele que atrás contamos que fez em Roma a renúncia do arcebispado em nome do Santo, com tamanho zelo e sentimento do que julgava que perdia a Igreja e província de Braga que, de pura malencolia, adoeceu no mesmo dia, e pouco depois acabou a vida.

O Doutor Gregório Rodrigues d'Oliveira foi homem de grandes letras e provada virtude, e por tal, depois de falecido o Arcebispo, a quem serviu muitos anos em Roma, de seu agente, e em Braga, de vigário gèral, foi chamado de D. Teotónio de Bragança, Arcebispo de Évora, que o fez seu vigário geral naquele arcebispado; e, alegre da eleição, vagando o tesourado da Igreja, que é a terceira dignidade dela, lho deu <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Nicolau Agostinho, na *Vida do Arcebispo de Évora*, cap. 6.

Estes são os que fizeram mais célebre seu nome à custa de sua quietação que deixaram; os que não quiseram ou não tiveram ocasião pera a deixar, sendo iguais em merecimentos, foram o Doutor Francisco de Chaves, o Doutor Fernão Mergulhão, o Doutor Lourenço Dias, provisor, o Abade Francisco Mendes, e Pero de Tavares, seu secretário na jornada de Trento.

E pudéramos ajuntar outros abades, cónegos e beneficiados, todos desta criação, e desta academia, todos em partes e calidades dignos discípulos dela, e merecedores de grandes cargos que, muitas vezes, val mais merecê-los que alcançá-los.

Não é pera ficar em silêncio um louvor que a fama publicou em gêral de todos estes sojeitos, o qual é que nunca a nenhum deles, ainda despois de muito ricos, e adiantados no mundo, se ouviu outra linguagem, falando no Arcebispo, senão *o Arcebispo meu senhor* (termo de cortesia e agradecimento), tanto pode a virtude e a boa doutrina, e tanto se imprime nos bons espiritos o amor e reverência devida a um bom mestre.

## CAPÍTULO XXIX

*De alguns milagres notáveis que o Santo  
fez em sua vida.*

Sobre as obras maravilhosas que temos contado pelo discurso da história, consta-nos de outras muitas com que Deus Nosso Senhor foi servido confirmar e esclarecer a grande virtude de Seu servo, as quais por mui certos e averiguados milagres pudéramos contar, se, assi como nos constaram por informações dignas de toda fé, houvera neles o exame e aprovação que é costume fazer-se pelo ordinário, pera se poderem publicar e afirmar por verdadeiros milagres.

Mas este descuido, de que já outra vez nos queixámos, não é razão que nos tire lançá-los em memória, sem embargo que, postos em balança com os exemplos das virtudes do Santo, ficam de tanto menos consideração quanto tem mais preço aquilo que nos edifica, que tudo o que espanta, porque os milagres que causam espanto algũa vez pode acontecer fazerem-nos homens maus, e as virtudes que edificam não cabem senão nos que são verdadeiramente bons.

Contaremos os sucessos pera edificação dos leitores e devotos, sem lhes dar título de milagres calificados, até que algum dia o tenham, como é razão, sendo pola Santa Madre Igreja aprovados. E sejam primeiros os que nos deixou apontados o Padre Mestre Frei Luís de Granada, nos fragmentos que ia escrevendo da vida do Santo, que pera os darmos por muito certos faz grande força a calificação de tal varão.

Ūa molher casada, das honradas de Viana, havia cinco dias que estava de parto, cercada de gravíssimas dores, que a tinham em estado que já não falava, nem podia comer, nem levar cousa de sustância; e as comadres tinham por certo a criança morta, que era já de oito meses compridos, porque havia indícios de mau cheiro; e o médico da casa, que também foi relator do caso, applicava já a essa conta os remédios que a física ensina pera ajudar a natureza a despedir semelhantes partos.

Neste conflito e desconfiança acudiram aos remédios divinos e procuraram algũa peça de vestido do Santo pera socorrer à enferma, que davam por acabada. Deram conta no convento ao Padre Frei João da Cruz, deu-lhes ūa túnica do Santo, que em seu poder tinha, sem lhe dizer nada. Vestiram-na à doente, e foi cousa maravilhosa que, na mesma hora, falou e disse que estava sã; e cobrando perfeita saúde, aos nove meses pariu um filho vivo e são.

Souo este caso pola terra, e poucos dias depois, estando outra molher de parto três dias havia, mui atribulada, e já tão debilitada da veemência das dores, que nem forças nem ânimo tinha pera despedir a criança, foram ao mesmo padre, pediram-lhe a mesma túnica, levaram-na à enferma, e pariu logo.

Um homem se afogava, sem remédio, de ūa inchação interior na garganta, que chamam esquinência. Procuraram os parentes haver ūa correia ou orelo com que o Santo se cingia, e não faltou quem o houve às mãos, sem ele dar fé do furto. Puseram-no sobre o enfermo, e vazou logo pola boca um golpe de matéria e sangue envolto, com que ficou desapressado e brevemente cobrou saúde.

Estes três casos traz o Mestre Frei Luís de Granada no remate do tratado que ia compondo; e como escrevia em Lisboa, e em vida do Santo, acrescenta o quarto, dizendo que naquela cidade se mostrava então um moço de pouca idade que, tendo já cancerada parte do rosto, de um mal que chamam *nolimetangere*, a mãe o levava ao Arcebispo pera lhe fazer o sinal da cruz e, da terceira vez que fora a ele, trouxera o minino são.

Outras maravilhas refere o mesmo autor, que vão já lançadas nesta história em seus lugares e tempos mais próprios, nas quais advertiremos algũas cousas importantes, pera a lição daquelle tratado, de que se tem dado muitos treslados pera este Reino e fora dele, e já veio a nossas mãos um impresso.

E seja a primeira que o Mestre Frei Luís de Granada não fazia conta de o tirar à luz em vida do Arcebispo, senão por sua morte, como era razão, e por tanto ia escrevendo como por maior, e apontando em muitas partes somente as cabeças das matérias, pera depois as dilatar com as particularidades e circunstâncias dos sucessos.

A segunda é que o Mestre Granada foi vencido em anos do Arcebispo, porque ele faleceu último dia do ano de quinhentos e oitenta e oito, e o Arcebispo em dezesseis de Julho de quinhentos e noventa <sup>1</sup>. Pelo que ficaram os originaes do tratado imperfeitos e entre as riscas e borrões onde naceram, e os treslados que deles se deram, saíram confusos e defectuosos em circunstâncias de casos, lugares e tempos e nomes de pessoas, e em algũa parte com falta de cláusula inteira, como alcançará facilmente quem com este nosso trabalho os cotejar.

Ultimamente, advertimos que o que é obra do Mestre começa assi: *Como los cielos están siempre en continuo moto, etc.*; e acaba com esta cláusula: *Aquí tienen los perlados impresa la imagen pastoral, y de los medios y exercicios que para esso les han de ayudar, para que siguiendo este exemplo reciban del Principe de los Pastores el premio de sus trabajos con tantos grados de gloria, quantas animas encaminaren al Cielo con su industria.*

Neste ponto fez fim à sua escritura o Mestre Frei Luís de Granada, e juntamente o teve sua santa e exemplar vida, e não é de sua mão, nem podia ser, o que anda acrecentado da vida e morte do Arcebispo.

---

<sup>1</sup> O Bispo de Monopol., *Historia General de S. Domingos*, 4 p., l. 3, c. 31; ibi, c. 46.

E tudo isto nos consta por vista dos mesmos originaes, que temos em nosso poder, e damos por desculpados os erros e enganões dos treslados e tresladadores, polo embarço e difficuldade da letra, grosas e entrelinhas, tudo mui escuro e cego pera quem não for muito cursado no modo de escrever do Mestre e na letra e lingua castelhana.

E tornando a nosso propósito prossiguiremos alguns milagres que, ou não chegaram à noticia do Padre Granada, ou succedram depois de seu falecimento, os quaes, por serem muito certos e provados, merecem este lugar.

Um homem nobre de Viana veio a perder a vista de um olho; e era tal a causa do mal, que estava em risco de se lhe vazar, e o perder de todo. Foi-se ao Santo, quando acabava de dizer missa, pediu-lhe um Evangelho, ouviu-o com devação, e continuou nela nove dias; e affirmava que todas as vezes que lhe rezava o Evangelho se sentia melhorar, e ir-se-lhe aclarando a vista e, quando veio o nono dia, se achou com ela perfeita.

Poucos anos há que era vivo, e chamava-se Manuel de Lima, um clérigo natural da mesma vila que, em vida do Arcebispo, sendo minino, era tão cego que o levavam pola mão ao nosso convento e o chegavam ao Santo, pera lhe dizer um Evangelho, quando acabava a missa; e ele compadecendo-se do mal, depois do Evangelho, fazia-lhe o sinal da cruz sobre os olhos.

Sem outra meczinha, foi Nosso Senhor servido dar-lhe saúde e, por reconhecimento de a receber na casa de S. Domingos, trocou o habitozinho que trazia de S. Francisco no da nossa Ordem e, com ele vestido, andou algum tempo no convento, ministrando e ajudando às missas, até que, crescendo em mais idade, entrou no seminário de Braga, e depois se ordenou de ordens sacras.

Também era natural de Viana outro homem que, andando mui atribulado de mal de olhos, e não sintindo melhora com nenhũa fisica, foi-se ao remédio que todos buscavam: chegou-se um dia ao Santo, pediu-lhe com grande fé que lhe rezasse um Evangelho e, por cortesia e devação, tomou-lhe



a ponta do escapulário e beijou-a. Desd'aquella hora se sentiu melhorar e sarou.

Estando o Santo doente, em cama, do mal de que faleceu, acudiam muitos mininos da vila mandados pelas mães a beijar-lhe a mão, e tomar sua benção. Recebia-os o Santo com amor e benignidade, lembrando-lhe o que disse Cristo: *Sinite paruulos ad me venire, talium est enim regnum caelorum* <sup>2</sup>.

Entre estes vinha um que trazia um braço lavrado de chagas, que lhe causavam mortais dores, especialmente ao despegar da manga da camisa embebida e grudada com as postemas, quando a mãe o despia à noite.

De fã vez que chegou a beijar a mão ao Santo, insinou-lhe a necessidade, que é grande mestra, estender o bracinho doente e, de propósito, igualá-lo com o braço do Santo, e roçar-se por ele. Foi cousa maravilhosa: logo se sentiu tal que, chegando a casa, disse à mãe com grande festa que ia são. Quis a mãe certificar-se, despiu-o, achou-lhe o braço tão limpo e são e sem sinal do mal passado, que não tinha diferença do outro, em que nunca houvera lesão.

Estes casos todos foram públicos e averiguados em vida do Arcebispo e, se quiséramos ajuntar todos os que se contavam, e cada dia sucediam, fizéramos grande volume, porque de serem muitos em demasia os que, de se encomendarem ao Santo, sintiam beneficio, nacia estar a igreja todas as manhãs povoada de enfermos a esperar sua missa e benção, como atrás contámos.

Mas agravo fariámos a um povo inteiro, se deixássemos de ajuntar a estes casos outro não menos digno de memória, que por voz comum de toda a gente de Viana se attribui ao Santo.

Vieram à vila uns estrangeiros; traziam consigo um usso grande e corpulento, feio e feroz, mas tão domesticado e insinado a fazer cousas maiores do que cabem em animal tão bravo, que era espectáculo de riso, de passatempo e curiosidade pera o povo e, polo mesmo caso, de muito interesse

---

<sup>2</sup> Mt., 19, 14.



pera os donos, que sabiam bem vender a vista e valer-se dela pera viverem.

Quisram mudar lugar a cabo de alguns dias; saíram ãa manhã pera a vila de Caminha, pola rua de S. Sebastião e, dando na estrada que vai por junto das ermidas do campo, tanto que chegaram onde se descobrem as janelas do dormitório do nosso convento, eis que subitamente cai o usso em terra tremendo todo e escumando; e dentro de pouco espaço, ficou morto.

Do modo da morte, e do lugar não há dúvida. Do que se segue não pude alcançar aquela verificação que buscamos nas mais cousas que escrevemos; só achei ãa tradição geral recebida e celebrada por todos os naturais. Esta é que, ao tempo que o animal passava levado de trela polos estrangeiros, houve quem contou ao Santo, que estava a ãa janela, as habilidades que fazia, e o Santo, com admiração, fizera contra ele o sinal da cruz, dizendo que devia ser ou trazer o demónio; e, no mesmo ponto, sucedera o que temos contado.

## CAPÍTULO XXX

*De outras maravilhas que Nosso Senhor obrou  
por intercessão do Santo, depois de sua morte.*

Com a mesma cláusula e declaração que referimos as obras maravilhosas que o santo Arcebispo em sua vida fez, diremos outras que o Senhor foi servido mostrar por merecimentos e intercessão de Seu servo, pera o honrar depois de seu felice trânsito.

E serão muito poucas, a respeito do grande número que há e nós pudéramos ajuntar, porque não parece conveniente gastar muito papel e tempo em historiar cousas que confessamos estarem faltas da necessária autoridade do ordinário e, pela mesma razão, quantas mais são em número e qualidade, tanto mais accusam nossa negligência, quero dizer, dos que as puderam ter autenticadas com pouco trabalho seu, e muita glória da Ordem e do Santo.

Tinha um dos mais nobres moradores de Viana um filho mancebo doente; agravou-se o mal, juntam-se médicos, assentam que morre, que se trate d'alma e acudam apressadamente aos Sacramentos. Entre tanto correm os parentes ao convento, afligidos e desalentados, pedem aigũa reliquia do Santo, levam ãa túnica que fora sua, lançaram-na sobre o enfermo, e foi Deus servido que sem outro beneficio tornasse das portas da morte à vida.

Outro homem da mesma vila adoeceu de ãas febres ardentes, e o que mais o atormentava nelas eram dores de cabeça tão veementes que lhe tiravam a vida. Houve quem trouxe ãa

tira das que se fizeram dos lençóis em que o Santo jazia quando faleceu, como lá referimos, apertaram-lhe a cabeça com ela. Poderosa virtude do Céu: cessou juntamente a dor e a doença, e cobrou saúde!

Sor Maria de Nazaré, religiosa do mosteiro de Santa Ana, da Ordem de S. Bento, em Viana, tinha um braço paralítico e de sorte amortecido, que nem era senhora de o bolir, nem tinha nele movimento algum. Puseram-lhe em cima a mitra que no nosso convento ficou do Santo, e logo lhe sintiu novo vigor e força, com que o foi estendendo, e veio a sarar perfeitamente. Fazem o caso mais milagroso as circunstâncias. A mitra foi ao mosteiro, à petição doutra enferma. Soube-o acaso Sor Maria e, tendo o braço em estado que, como incurável, já não tratava dele, encheu-se subitamente de devação e esperança de remédio. Passava quem levava a mitra; pede que lha deixem ver e tocar; trazem-lha, mete-a no braço; e no mesmo ponto começou a sentir a virtude e remédio do Céu que dissemos.

Era corregedor de Viana o Doutor Manuel Pinto da Rocha, quando, ãa noite, assistindo na vila, foi salteado de um acidente de cólica com dores violentíssimas. Cansou-se toda a noite com remédios da física e botica, emprastos e fomentações. Depois de provados e corridos todos os meios humanos sem nenhum alívio, quando veio pelas duas horas depois de meia noite, mandou ao nosso convento buscar confessor, e pedir juntamente lhe quisessem levar a mitra do Santo.

Maravilhas do Senhor: pôs a mitra sobre o lugar da dor, e de improviso quietou! Novo milagre: acertou de encontrar na cama com um saquinho de milho e sal e outros materiais da botica, que lhe tinham aplicado sem proveito, tornou-o a chegar pera a ilharga e, no mesmo instante, lhe tornaram as dores de novo, como se com o milho e com o sal vieram envoltas. Arremessou o saquinho com fúria, pola que traziam as dores, e tornou-se a valer da mitra, e logo foi livre e ficou são.

Na vila de Ponte de Lima, três léguas de Viana, foram livres dous homens atormentados do demónio com porem sobre eles ãa túnica que fora do Santo. E não passaram depois

muitos dias que a mesma túnica valeu em semelhante trabalho a ãa pobre molher que lastimosamente era perseguida do enemigo.

Estava na mesma vila de Ponte de Lima ãa molher de parto, cercada de acerbissimas dores, de sorte que se lhe representava acabaria a vida no meio delas. Trouxeram-lhe um retalho do gibão que fora do Santo; tomou-o nas mãos com muita devação e, tendo-o consigo, começou aquietar e foi caindo em sono. Dormiu um espaço e, tanto que acordou, pariu logo com tanta facilidade, e tão desassombradamente, que dizia depois que parira dormindo.

Aos dezasseis de Julho do ano de 1608, sendo prior de Viana o Padre Frei Bertolameu Pinto, pregador geral, cantaram os religiosos um officio inteiro de defuntos com sua missa solene polo santo Arcebispo, como era costume fazer-se por tal dia todos os anos, com muito aparato de cera grossa e miúda, que ardeu em quanto durou o officio e, mandando depois pesar a que se tinha tomado de aluguer, como se costuma, pera se fazer pagamento ao cirieiro, achou-se que pesara na entrega ãa quarta mais além do peso que tinha, quando se recebeu, sendo assi que ardeu tamanho espaço como temos dito; e pera que fosse o prodigio maior, é de saber que juntamente se disseram na mesma manhã vésperas solenes e cantadas.

Assi honra Deus aos Seus servos accumulando maravilhas sobre maravilhas. Bendito seja Ele *per infinita saeculorum saecula. Amen.*

#### FIM DO QUINTO LIVRO



LIVRO VI  
DA  
VIDA DE D. FREI BERTOLAMEU DOS MÁRTIRES  
  
da Ordem dos Pregadores,  
Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Espanhas.  
Com a solenidade de sua tresladação.



## CAPÍTULO I

*Do muito que era desejada a tresladação  
do santo Arcebispo, e de um caso extraordinário  
que a fez apressar.*

Muitos anos havia que o santo Arcebispo Dom Frei Bertolameu era falecido, e todavia jazia em ãa sepultura rasa e humilde, e quase plebea, na casa que edificou, na Ordem que honrou, na vila e arcebispado que tanto e por tantas vias illustrou.

Sintia-se Viana, Braga murmurava, o Arcebispo seu suceso-  
sor e devoto estava descontente, queixavam-se os religiosos  
de São Domingos por esta Província (como é costume do  
povo interpretar à sua vontade e falar largo no que está à  
conta dos maiores) e, em fim, gèralmente se desejava que  
tivesse fim ãa sem razão tão manifesta que já parecia redun-  
dar em descrédito e afronta de todos.

E com tudo corriam os anos, e tudo eram desejos sem  
aparecer efeito, falar todos e ninguém obrar. Nisto se vê  
o desemparo ordinário das cousas públicas: em tocando a  
mais que um, logo ficam sem dono, e é necessário esperar-  
-lhe o remédio do Céu.

E na verdade bem podemos ter por certo que ãa das cau-  
sas por que neste tempo vai tanto mal aos particulares (que  
não vemos ninguém sem queixa), é polo pouco que todos tra-  
tamos do comum, e polo grande cuidado com que cada um  
é só por si. Quer Deus que nos pareçamos com Ele que, sendo  
tão grande, não se descuida do mais vil individuo da terra;



não acaba connosco alargarmos os pensamentos fora dos interesses próprios, justamente permite que o paguemos.

A nobreza de Viana, como gente de honra em quem o agradecimento é natural, não podia esquecer as obrigações em que estava ao Santo, de querer viver, e morrer, e ficar entre eles sepultado. Ajuntava-se a lembrança que delas lhe fazia cada dia com casos milagrosos e, vendo acudir devotos peregrinos de muitas partes, que vinham visitar a sepultura do Santo, e encomendar-se a ele, parecia-lhes que, sem falar palavra, lhes lançavam em rosto culpa e negligência de estar tão desautorizado um santo, a quem chamavam seu avogado, e padroeiro, e que em tantas ocasiões tinha mostrado não desprezar o título, e um santo por quem na hora de seu falecimento se adiantaram em tão consideradas e bem empregadas demonstrações. Andavam sintidos e como corridos, e era o ânimo de todos, se em sua mão estivesse, não só fazer-lhe nova sepultura, mas levantar-lhe altares e templos.

Porém, como era matéria de tresladação, que é toda eclesiástica, esperavam, e com razão, que começasse polos religiosos; e este pensamento lhes atava as mãos, estando no desejo prontíssimos, e não ignorando o que passava entre os cidadãos de Braga, que cada um sabia lançar seu remoque sobre as guardas, e soldadescas, e luminárias do tempo passado, chamando agora leviandade sem fruto o que então tiveram por arrogância.

O Arcebispo Dom Frei Agostinho só aos religiosos culpava, porque em caso de tanta honra da Ordem, como era toda a que devíamos a tão ilustre filho dela, julgava-o não só por descuido, mas por desprimor e, como amava muito ao Santo, e se via velho, desejava vê-lo canonizado, quanto mais melhorado em jazigo (e nesta dívida lhe está toda a nossa Ordem). Mas entendia que lhe não tocava mais que senti-lo, e significá-lo nas ocasiões que se ofereciam, e assi o fazia.

No convento de Viana, cada prior que entrava vinha prometendo maravilhas (certo alvoroço de governadores novos) e lançando montes de traças donde, como e quando se lavraria a sepultura, que festas faria, que epitáfios entalharia;

alegrava os frades que morriam pola tresladação, vangloriava-se nos pensamentos por três anos inteiros, e pagava com eles sem outro feitio.

Assi se iam sucedendo uns a outros, e tal havia que, por se desculpar d'ante mão do pouco que fizesse ou determinava fazer, amontoava culpas sobre o antecessor, e neias fundava escusa, a seu parecer legítima, de não fazer nada.

Mas não há dúvida que, medindo as cousas aos palmos humanos (como hoje fazemos todos, sem quereremos fiar nada de Deus), o negócio representava assaz dificuldades. Lançava-se conta ao muito que havia de custar ãa decente sepultura, o excessivo gasto que requeria ãa solenidade e pompa qual convinha ao Santo e à honra da Ordem; considerava-se o pouco aparelho que havia na estreiteza de Entre-Douro-e-Minho pera tal obra e, em fim, parecia que nem com se pedirem esmolas por todo o Reino, nem com se fin-tarem todos os conventos dele, se poderia fazer a tresladação com o decoro que convinha. Porque, quanto aos conventos, notório é serem todos tão pouco abastados do necessário, que escassamente alcançam a sustentar-se; e quanto a esmolas do Reino, assaz se exercita a caridade dos fiéis nas que pedimos cada dous anos pera celebração dos capítulos provinciais, que são muitas e grandes.

Estas considerações desanimavam os prelados maiores, a cuja conta estava o primeiro movimento do negócio, e tolhia aos priores não lhe porem os ombros com ânimo e resolução.

Assi iam correndo os anos, e o tempo consumindo as santas reliquias, por estarem em lugar sojeito a toda humidade dos montes vizinhos, que o vem demandar com tanta demasia que acontece, de inverno, arrebentarem fontes ao redor da igreja; até que aquele Senhor de quem cantamos que coroa os Seus de glória e honra <sup>1</sup>, glória no Céu e honra na terra, deu sinal que Lhe desagradava o descuido que de Seu servo havia, por um meio que, parecendo em todo accidental, mostrou o successo que não fora sem providência divina.

---

<sup>1</sup> Sl., 8, 6.

Era a igreja do convento de Viana nova, e bem cuberta e reparada, de maneira que, por grandes que fossem as invernadas, em nenhũa parte dela se sentia dano algum de água. Passava de dez anos que o Arcebispo passara a melhor vida; eis que subitamente, com um leve temporal de águas, arrebenta ãa goteira na abóbada da capela-mor, e em parte que caía a prumo sobre a sepultura do Santo, e tão importuna e contínua que, com qualquer chuva, enchia tudo de água.

Acudiram os prelados com toda diligência a consertar o telhado, mais à conta da sepultura que do benefício da igreja; meteram oficiais, encomendaram a obra, mas nenhũa cousa aproveitaram. Viu-se na primeira água que veio que, no mesmo sítio e na mesma maneira, alagava tudo. Segundaram consertos e, sendo cousa tão fácil e ordinária tomar goteiras, e mais fácil vedar ãa só, e assinalada, e em abóbada de pedraria, era feittio perdido quando se trabalhava.

E o que faz o caso mais prodigioso é que se revolveu e retelhou aquela parte da capela muitas vezes, e em discurso de tempos; e, como se houvera quem à mão fôra desmanchar a obra e abrir a mesma fonte, assi se tornava o mesmo lugar a lavar em água, de sorte que já em toda a Província se havia por cousa misteriosa, e por um género de aviso do Céu, por não dizermos ameaço, que acabasse de haver resolução em mudar as santas reliquias. E assi se começou a tratar com calor, como logo diremos.

## CAPÍTULO II

*Assenta-se na Provincia fazer-se a tresladação do santo Arcebispo; nomea-se dia e começa-se a prevenir o necessário.*

Entrou por prior do convento de Viana o Padre Frei Bertolameu Pinto, pregador geral, homem diligente e industrioso e, como tal, determinado a prometer pouco, e fazer muito, não se desculpar com faltas alheias, nem culpar a ninguém senão a si, quando não saísse com seu intento. Obrigava-o o nome que tinha do santo Arcebispo, e o conceito que havia dele que daria fim a esta obra da tresladação, que já era pedida por toda a Provincia.

Chegou a Viana por Março de 605. Em quanto não era tempo pera outra cousa, quis provar se teria mão pera vedar a água que fazia guerra à sepultura, e dava pena a todo o convento; deu traças, cansou-se, mas foi trabalho baldado, gasto de tempo e dinheiro sem fruto. Só lhe serviu de o acender mais pera a empresa que levava imaginada.

Gastou algum tempo em compor as cousas de casa e caladamente foi tomando o pulso ao estado da terra, tentando que ânimo e forças achava pera quando fosse tempo de a ocupar, e logo, cerrando os olhos a todas as dificuldades, determinou-se animosamente com a obra.

O primeiro ponto foi encomendá-la a Nosso Senhor, cuja era, e ao Santo, por cuja devação se movia; o segundo, comunicá-la ao Padre Presentado Frei Martinho Eccay, nosso Provincial que então era, o qual a estimou sobremaneira, lou-

vando-lhe o intento, e encomendando-lhe que, com toda a brevidade, o pusesse em efeito, e procurasse que a sepultura que se havia de lavrar fosse tão rica, como trabalhara por ser pobre quem se havia de lançar nela, que era pedir estremos de sumptuosa, e a solenidade da tresladação não desdisse da sepultura, em quanto as forças abrangessem, e do muito que ao Santo toda a Ordem devia. E nomeou logo dia certo: o primeiro domingo de Outubro do ano de 607. Foi isto arrimar esporas a quem por si corria.

Deu-se o prior por obrigado, e foi-se com este recado a Braga, ao Arcebispo Dom Frei Agostinho de Castro, a quem por muitos títulos era devido tomar sua licença e parecer; deu-lhe conta de todos seus disenhos, depois de lha dar da determinação do Padre Provincial, e do dia que estava aprazado.

Laçou-lhe mil benções o devoto prelado, afirmando que sua alma se alegrava com ver tratar de ãa obra tão santa, e tão religiosa, e tão devida, não só da Religião de São Domingos, mas de todo homem que conhecera aquele Santo; e que de si confessava que muito tempo havia desejava ver aqueles santos ossos honrados como mereciam, e, por tanto, se oferecia a ir pessoalmente ajudar a solenidade de seu triunfo, como o ajudara e acompanhara na aflição da doença e trânsito; e ele, prior, podia fazer conta de tudo o que em sua casa e na sua sé havia, pera se valer a seu tempo, que nada lhe faltaria.

Estas palavras confirmou o Arcebispo com obras, mandando-lhe logo dar cem cruzados pera ajuda da sepultura.

Tornou-se o prior a Viana e, sem perder hora, foi-se à Câmara da vila e comunicou particularmente aos vereadores, assi a ordem que tinha do Padre Provincial, como a licença e promessas que trazia do Arcebispo, com tudo o mais que determinava fazer na calidade e fábrica da sepultura, e na solenidade que pretendia que houvesse, a qual como toda se havia de attribuir ao espírito e devação dos moradores da vila, e redundar em honra e crédito seu; assi, esperava que haviam eles de ser a principal parte nela.

Não o deixaram os vereadores passar adiante, levantam-se todos a tomar-lhe as mãos e beijar-lhe os hábitos, dando infinitas graças a Nosso Senhor, e ao Padre Provincial, e a toda a nossa Religião, de poderem chegar a tempo de ver com seus olhos ãa cousa de tantos anos desejada; e diziam que todos os moradores daquelle lugar interessavam tanto nela de honra e crédito que mais era negócio seu que da Ordem de São Domingos, por onde estivessem os padres confiados (e esta palavra davam em nome de todos) que eles acudiriam a servir o Santo, de maneira que ficasse bem provado que sabiam conhecer e estimar a honra de o terem consigo, e poderem nomeá-lo por avogado e padroeiro. E no mesmo dia à tarde mandaram ao prior cinquenta cruzados de esmola.

Publicou-se pola vila que se tratava de tresladarem o seu Santo pera lugar alto e decente, onde mais à vontade o pudessem os devotos honrar e venerar. Não se pode crer o alvoroço que causou a nova no povo, e a alegria com que foi recebida e festejada, começando logo todos e cada um por si a entender e discursar como e em que poderiam ajudar e servir.

Vendo o prior estes bons princípios, ficou tão animado que determinou partir-se logo pera Lisboa, a ordenar a fábrica da sepultura com os melhores officiaes e da melhor pedraria do Reino, cheio de confiança que tudo lhe havia de sobejar.

### CAPÍTULO III

*Da diligência com que se lavrou a sepultura,  
e das esmolas que o prior Frei Bertolameu Pinto  
negoceou pera ela.*

A maior dificuldade de todas as que se representavam aos que em tantos anos se não atreveram a entender com a empresa desta tresladação era o feitio e custo da sepultura: haver-se de fazer em Lisboa, trazer-se por mar com grande risco de cossários, assentar-se por officiaes de tão longe como donde se lavrasse, avaliavam isto com pouco discurso em muitos milhares de cruzados, duvidavam das ajudas da terra e, nas do Céu, mostravam-se de pouca fé, e caía-lhes o coração, como dizem, aos pés.

Aquí é de notar quanto vale um só homem, e quão pouco valem muitos homens. Bem respondeu Antígono, estando pera dar ãa batalha no mar, a quem lhe metia medo dizendo que eram muitos mais os navios do enemigo que os seus:

— E pera quantos desses cuidais vós que basta só minha pessoa? — como se dissera que tal homem era ele que valia mais que muitas naus carregadas d'homens <sup>1</sup>.

Donde veio dizer Marcelo Romano, queixando-se de ãa fraqueza que lhe fizeram seus soldados, que muitas armas via e muitos corpos de romanos, mas não via nenhum romano<sup>2</sup>.

Só o espírito de Frei Bertolameu acometeu e acabou o que muitos arrecearam por discurso de catorze anos; e digo

---

<sup>1</sup> Plutarco, in *Vita Pelepada*.

<sup>2</sup> Plutarco, in *Vita Marcelli*.

que o acabou, porque, feita a sepultura, que era o fundamento de toda a obra e o alvo das impossibilidades, logo se deu tudo por feito; e, o que é mais pera espantar, estancou por si e sem nenhum beneficio a goteira teimosa, que nisto se acabou de entender que não fora cousa sem mistério, porque vencendo até então todas as diligências e concertos, e sendo deixada por incurável, em começando a correr a prática da tresladação, vedou e sarou por si sem se lhe pôr mão.

Pôs-se o prior a caminho e, caminhando, foi fazendo negócio.

Em Coimbra deu parte ao Bispo D. Afonso de Castel-Branco do que estava assentado, e do que o levava a Lisboa.

O mesmo comunicou por cartas a outros prelados do Reino, e a diferentes pessoas, e particularmente às que tinham algũa relação de parentesco ou outra obrigação com o Arcebispo.

Estava tudo tão disposto e maduro que todos com grande vontade acudiam com sua fazenda, e queriam ter parte na obra; e assi a veio a fazer o prior, sem custar nenhũa cousa à Província nem ao seu convento, antes, segundo a devação e liberalidade que achava na gente, e o bom termo que ele tinha em negociar, muito maior cópia de dinheiro pudera ajuntar do que fez, se parecera que convinha fábrica mais custosa.

Era visorrei o Marquês de Castel Rodrigo, D. Cristóvão de Moura. Tratou o prior, chegando a Lisboa, a matéria com ele e, por seu meio, houve licença de Sua Majestade pera se fazer a tresladação, e ùa esmola pera ela de cem cruzados.

O Bispo capelão-mor, D. Jorze de Ataíde, como amigo antigo do Santo, que se acharam juntos no Concílio de Trento, tomou à sua conta, por devação e gosto, a traça da sepultura, e o mandar lavrá-la, que foi espírito de grande senhor, e o alívio que se pudera dar ao prior.

Chamou architectos, mandou fazer prantas e debuxos, escolheu a que lhe pareceu mais conveniente. Vieram esculptores dos que em Lisboa tinham mais nome; acordou-se que fosse de jaspes brancos e vermelhos, lustrados e brunidos,



e a iriam assentar a Viana. E porque o Bispo não queria ajudar só com o engenho, mandou-lhes contar, de sua casa, pera sinal e princípio de paga, cem cruzados.

Não posso deixar de afirmar neste passo que me faz suspender a pena e o entendimento, com gosto, e admiração, ver um prelado tão ilustre e tão adiantado em cargos no Reino, feito mestre de obras de quem nunca quis ter, nem teve, quem lhe descalçasse os sapatos; e feito architecto de sepultura magnífica pera quem nunca pretendeu mais que jazer aos pés dos seus frades, no cemitério comum, como pobre e humilde religioso.

Não tardou a obra em se acabar na perfeição, e conformidade da traça, nem o preço dela em se ajuntar.

Corria tudo vento a popa, de maneira que, entre poucas pessoas, se recolheu o que faltava, e sobejou muito pera fretes e outras despesas.

Os nomes de algũas apontaremos, que é o serviço que os religiosos podemos fazer em sinal de agradecimento, em quanto não tiverem o galardão maior e mais certo do Céu, que lhes não pode faltar, conforme ao que está escrito: *Qui recipit Prophetam in nomine Prophetæ mercedem Prophetæ accipiet*<sup>3</sup>. E são os seguintes: de eclesiásticos, o Bispo de Coimbra D. Afonso de Castel-Branco, o do Porto D. Frei Gonçalo de Morais, o de Portalegre D. Diogo Correa, e o Doutor Bertolameu do Vale, Arceidiago de Font'Arcada, na sé de Braga. De seculares, o Duque de Aveiro, Dona Brites de Lara, filha de Duque de Vila Real, Jorze da Câmara, Dona Joana Correa, irmã do Bispo de Portalegre e mulher do Secretário do Estado Lopo Soares.

Lavrada a pedraria, fizeram-se caixões em que foi metida e pregada pera segurança dos golpes e encontros dos carretos, e embarcações; e, embarcada, entrou em Viana a salvamento, em tempo que coalhavam o mar cossários holandeses, e outros hereges, que também se houve por particular favor do Céu.

---

<sup>3</sup> Mt., 10, 41.

## CAPÍTULO IV

*Levanta-se o edificio da nova sepultura;  
muda-se o dia em que estava lançada a tresladação;  
assina-se outro e muda-se também,  
com novos impedimentos; ultimamente nomea-se  
dia preciso polo capitulo provincial.*

Caminharam quasi a passo igual os materiais da sepultura, por mar, e o prior e officiais dela, por terra.

Postos em Viana, onde já fervia tudo em gastos e aparatos, deu grande brado, por todo Entre-Douro-e-Minho e polas terras vizinhas, a chegada da pedraria, e saber-se que a toda pressa se ia acertando e edificando a sepultura, como segundo aviso, e certificação dobrada de não haver de passar a festa da tresladação do dia aprazado.

E assi se davam pressa com novo desassossego por toda a parte, os da vila em concluir as pompas e apercebimentos com que determinavam festejar o Santo, e os de fora em aprestar suas pessoas e familias pera se acharem presentes na festa, que também é género de solenizar, quando em ai se não pode servir.

O prior andava alegre e diligente, não perdoando a nenhum trabalho nem despesa, por ter a ponto o que estava à sua conta, e prometia-se de tudo bom successo.

Mas no maior fervor sobreveio inconveniente que, parecendo mui leve, veio acarretando outros maiores e, em fim, estorvou a tresladação, e a deteve muitos meses. E foi que escreveu o Padre Provincial ao prior que negócio forçoso,

a que não era possível resistir, lhe tolhia poder ser em Viana pera o dia determinado, que era primeiro domingo de Outubro, nem ainda por todo o mês, mas que não faltaria no seguinte de Novembro, que pera então lhe encomendava tevesse tudo prestes, porque sem dúvida acudiria a tempo.

Não foi de pequena desconolação esta nova pera o prior, como pronóstico certo que não havia de lograr em seu priorado o fruto do muito que tinha trabalhado. Com tudo foi-se a Braga avisar o Arcebispo do que passava, e ver o que mandava que respondesse ao Provincial.

Assentou o Arcebispo que, não havendo de ser a festa no dia em que estava lançada, por nenhum caso se tratasse do mês de Novembro, porque, como era principio de inverno, que por aquelas partes entra de ordinário com tormentas furiosas e grandes águas, ficava sendo o mais desacomodado tempo de todo ano pera semelhantes solenidades, das quais as mais principais são as que se fazem polas praças e ruas públicas, de procissões, e representações, e outros géneros de festas em que o povo costuma mostrar sua devação. E estava certo que, ou não se poderiam fazer, ou, quando a caso o tempo desse lugar pera se fazerem, seria com pouco gosto por falta de gente de fora que as visse e solenizasse (que é o fruto das despesas e grande parte da devação), porque ninguém saía em tal tempo de sua casa, mormente pera longe.

Escreveram logo nesta conformidade ambos e, não eram bem chegadas as cartas a Lisboa, onde o Provincial residia, quando novo e maior inconveniente apontou.

Era Mestre Gêral da Ordem de São Domingos o Mestre Frei Jerónimo Xavierre. Deu-lhe o Papa capelo de cardeal; foi necessário eleger-se de novo quem a governasse e, por tanto, mandou convocar capítulo de eleição. E particularmente escreveu ao Provincial de Portugal que em toda diligência se fosse a Roma.

Fez a jornada o Provincial e, do trabalho deia ou da mudança do clima e ares, enfermou em chegando e, dentro de poucos dias, deixou o cargo e a vida, varão por suas partes bem merecedor de ùa cousa e outra.

Desta morte nasceu terceiro e maior estorvo, e causador de mais largas demoras, porque foi necessário esperar-se capítulo desta Província, e eleição de novo Provincial dela, o qual capítulo se veio a juntar por Setembro do ano de 1608, e nele saiu eleito Provincial o Padre Frei João da Cruz, que já outra vez com o mesmo cargo tinha governado esta Província.

Assi se cumpriu largamente o pronóstico do prior Frei Bertolameu Pinto, porque já neste tempo tinha espirado o seu triênio, e era entrado em seu lugar o Padre Frei Francisco Vilez, pessoa de muita conta na Ordem, pregador gèral, e que tinha governado muitos dos principais conventos desta Província.

Tratou-se no capítulo com muita atenção entre os padres definidores de se abreviar a dilatada tresladação e, discorrendo com maduro conselho em que tempo seria bem executar-se, acordaram que o tempo fosse o verão seguinte do ano de 609, e o dia aquele mesmo precisamente em que por toda a Ordem costumamos celebrar a tresladação de nosso glorioso Patriarca, que é aos vinte e quatro de Maio.

E chamado o prior, foi-lhe declarada a determinação da Província e juntamente, com todo encarecimento, encomendado procurasse por todas as vias a maior e mais aventajada solenidade que pudesse ser; e que pera o tempo seriam com ele em Viana o Padre Provincial, e todos os priores dos conventos mais vizinhos. E, porque convinha não perder dia nem hora, ele, prior, se aviasse e despedisse logo.

A consideração que o capítulo teve em nomear este dia foi respeitar o que em tal caso dispõem os sagrados Cânones, e os decretos dos concílios, os quais não permitem honrar-se com pública solenidade nenhum defunto, por muito que florescesse em opinião de santidade, vivendo, e com a mesma morresse, sem primeiro ser consultada a Sé Apostólica, e dela manar pera isso expresso consentimento; e com se fazer a festa a título de nosso Padre São Domingos, ficavam salvando a disposição do direito canónico, e escusando as licenças, e honrando quanto quisessem o filho santo na memória

do pai santíssimo, a quem era de crer resultariam disso no Céu grandes graus de glória accidental.

Acrecentava-se pera boa conviniência da festa concorrer quasi juntamente a tresladação do grande Patriarca dos Menores, S. Francisco, Santo de quem o Arcebispo fora devotíssimo, e a seus filhos todos em grande extremo afeiçoado; e parecia que por todas as vias caía mui a propósito em tais dias esta solenidade.

Caminhou o prior com diligência e, por aproveitar tempo, foi-se direito a Braga. Visitou o Arcebispo, e deu-lhe com as cartas do Padre Provincial aviso da ordem e determinação que levava, fazendo-lhe juntamente lembrança como toda a solenidade, e maior importância da obra pendia de a ele favorecer e ajudar com sua pessoal assistência, como oferecera ao prior antecessor, e toda a Religião esperava.

Mas é miserável a vida em que vivemos; pequenos intervalos causam grandes mudanças. Achou ao Arcebispo desgostoso e carregado e, ou fosse humor malencólico que junto com a velhice o trazia quebrantado, e pouco tempo depois lhe veio a tirar a vida, ou que estivesse sintido das dilações interpostas, que lhe tolheram celebrar a tresladação quando tinha perfeita saúde, não respondeu ao prior tão saborosamente como ele esperava.

Desculpou-se com suas indisposições, dizendo que elas eram causa de não poder mostrar de presente o amor e devoção que tinha ao Santo, do qual eram boas testemunhas, nos tempos atrás, os padres do convento e, nos próximos, o Padre Frei Bertolameu Pinto, a quem com muita vontade prometera ir em pessoa festejar a tresladação, tendo intento de a engrandecer com um acto de muita honra do Santo, e glória da Ordem, que houvera de ser autenticar ele mesmo os milagres que de próximo se contavam do Santo, pera se poderem pregar o dia da festa; que essa fora a razão, por que, pedindo-lhe Frei Bertolameu pera o mesmo efeito um desembargador, ele lho negara; que afirmava não serem menores de presente seus desejos, mas a idade e os anos, que já eram muitos, lhe tinham feito conhecer um mal tão pesado que nem ânimo nem forças lhe deixava pera dar um passo fora

de casa. Por onde de sua pessoa não podia cumprir nem prometer nada, do que lhe ficava assaz sentimento.

A estas palavras ajuntou o Arcebispo cinquenta cruzados de esmola. Recebeu-os o prior, mas, conjeturando dela e de toda a linguagem do Arcebispo (como nossa natureza é inclinada a julgar o pior) que devia haver maior fundamento na sequidão, que a doença lhe fazia mostrar, foi-se pera Viana mal contente e desanimado, e fazendo conta que não tinha que esperar mais de Braga.

Porém, o successo mostrou que fora juízo apressado, como a seu tempo contaremos.

## CAPÍTULO V

*Da diligência e cuidado com que a vila de Viana se ocupava nos apercebimentos das festas da tresladação, e da magnificência com que o Arcebispo Dom Frei Agostinho as mandou ajudar.*

Em Viana achou o prior tudo a seu parecer em melhor disposição, porque, avisando a Câmara e a nobreza da vila do dia certo em que a Província tinha determinado a tresladação, pareceu-lhes o tempo e sazão tão acomodada que já haviam por dita ter-se suspenso no ano atrás; e também aprovavam a dilação até Maio, porque nem era tão larga que fosse penosa, nem tão breve que lhes tolhesse aperceberem-se, de fora e de longe, de muitas cousas necessárias.

Assi, tornaram a entender com tanto fervor nos gastos e aparatos do ano atrás, como se lhe não fora cortado o fio com tão pesada interpolação. Em ãas casas se entendia em adestrar cavalos, e compor jaezes, mochilas ricas e boçais de prata; noutras se rasgavam sedas, e cortavam panos finos. Em ãa parte se juntavam moços de habilidade a ensaiar-se pera alegrarem a terra com representações de passatempo e curiosidade; noutra se traçavam invenções de carros, e triunfos, e passos artificiosos pera a procissão que se havia de fazer; e todos, em gèral, trabalhavam por ataviar suas pessoas e casas com as mais louçainhas que a possibilidade de cada um alcançava, pera significarem com elas, quando em al não pudessem, a alegria com que esperavam tão desejado dia.

Na ribeira trabalhavam grande número de carpinteiros e calafates em estender e levantar ãas grandes barcas pera armarem sobre elas ãa imitação de galés, que foi tão bem arremedada que enganava e dava muito que ver. Ocupavam-se nela naturais e estrangeiros, à porfia de quem sairia com melhor fábrica.

Por outra parte se despendia grande cópia de pólvora em vários artificios de fogo, douravam-se armas, limpavam-se arcabuzes, compunham-se prumagens.

Em fim, estava a terra feita ãa oficina de invenções de festa e alegria; e já era um começar a senti-la e logrã-la a ocupação em que todos andavam envolvidos.

Não era menos o alvoroço por todas as terras de Entre-Douro-e-Minho, e nas mais vizinhas de Castela e Galiza. Tanto que por elas souo a nova certa do dia da tresladação, espertou a devação e a lembrança do Santo os ânimos de toda a gente que o conheceu, de maneira que não havia quem quisesse faltar em o vir venerar. E muitos fidalgos honrados e ricos de Galiza, e Entre-Douro-e-Minho se determinaram não só ajudar a solenidade com a sua vista e presença, mas tomar também parte nela, trazendo fermosos ginetes, e muitos criados, com gasto e concerto extraordinário, pera servirem com eles e com suas pessoas ao Santo.

Assi se ia apercebendo tudo, e já parecia o prazo de Maio tão prolongado que não só aos que desejavam alegrar os olhos, e fartar a devação com a vista das santas relíquias, senão também aos que iam revolvendo o mais longe do Reino pera se petrecharem com o melhor dele, se representavam as horas, e os dias maiores, e mais vagarosos do ordinário.

Mas o tempo voa, e não há termo largo na vida. Chegou o desejado Maio. Entrando o mês, juntaram-se os nobres da vila e, fazendo conta que aventajavam pouco sua devação, se não vencessem a dos religiosos dentro nos seus claustros, foram-se ao convento e disseram ao prior que não era aquela a ocasião em que eles se haviam de contentar só com os cuidados da rua e praças, que também queriam parte nos do convento; que os padres se contentassem com armar a crasta, e largassem a igreja à vila, pera eles à sua vontade



se esmerarem nela, e competirem com o que os padres fizessem na crasta.

São os religiosos de S. Domingos em gèral tão pouco solícitos de suas portas afora, e tão faltos de inteligências com seculares, que tudo o que tinham buscado e junto em tanto tempo era a seu parecer pouco pera ornar a igreja e crasta; e como haviam que lhes faltava Braga, porque o prior não se atrevia a fazer nova instância com o Arcebispo, alargaram os espiritos com o requerimento da vila, e já se achavam ricos pera comporem a crasta com perfeição.

A um mesmo tempo começaram uns e outros a entender com o que estava à sua conta: os frades com a crasta, os seculares com a igreja; e foi cousa de ver a requesta e cobiça com que os seculares a dividiram entre si às braças; e como eram muitos, e cada um, como em ùa rica herança, desejava ser melhorado em quinhão, foi a partilha quasi aos palmos.

Assi se ia trabalhando com cuidado e fervor, e avizinhandose o dia que havia de ser princípio da festa.

Entretanto não estava descuidado o Arcebispo do que em sua devação devia ao amigo e antecessor defunto e, medindo o tempo da necessidade, ia com particular diligência mandando ter prestes tudo o que entendia convir pera inteira celebridade, como se toda estivera à sua conta.

Quatro dias faltavam só pera o aprazado, quando entrou polo convento de Viana um criado do Arcebispo com ùa carta dirigida ao prior, e a todos os mais padres de casa, na qual com muita cortesia e brandura recontava as razões que dera ao prior pera se não poder achar com eles naquela festa, as quais dizia que agora eram mais urgentes, por quanto sua infirmitade, correndo os dias, se ia agravando e carregando mais; e com tudo, o alvoroço de ver que todavia chegava a hora dele tão desejada, em que se honrava aquele Santo na terra, como entendia que estava honrado no Céu, lhe dera ânimo pera acometer por duas vezes entrar em ùas andas, e d'ambas se sintira tão desfalecido e fraco, que lhe parecera era tentar a Deus pôr-se a caminho; que bem deviam crer dele, pois em outro tempo, na força das calmas de Julho,

e com diligência extraordinária, fora acompanhar o Santo e ser seu enfermeiro, não lhe faltara em tempo tão aprazível, se em sua mão fora, pois não se pode cuidar que queria faltar no tempo do triunfo e alegrias quem folgou de ser companheiro na batalha e nas tristezas; e, em penhor desta verdade, lhes inviava pelo portador da carta tudo o que havia de bom, e pera poder servir na ocasião presente, não somente na sé, mas também em sua casa, e na de seu sobrinho D. Jerônimo de Castro; e que, pera suprir a falta de sua pessoa, pedira ao Bispo de Fez, D. Jorze Queimado, quisesse achar-se com eles, e o mesmo mandara pedir às dignidades e cabido da sé, e encomendara aos desembargadores de sua relação, e aos vereadores e nobreza da cidade, e confiava que nenhum faltaria.

No fim da carta encarregava aos padres com encarecimento que com toda magnificência celebrassem a festa, e se valessem dele e de sua casa e fazenda pera tudo o mais que julgassem ser necessário.

Lida a carta com excessivo gosto de todos, e dando por eia infinitas graças a Deus e ao Arcebispo, viram que chegavam à portaria oito azêmalas cubertas com reposteiros do Arcebispo, das quais o messageiro fez logo descarregar grandes almofreixes em que vinham muitos panos ricos de brocados, telas, veludos, damascos e tafetás de diferentes cores e pera diferentes serviços.

Outras traziam cofres de que se tiraram quatro ornamentos, e seis capas de brocado, e muitos frontais, uns de brocado, outros de várias sedas e cores, tudo rico de guarnições e bordaduras.

Estas cousas, parte eram do tesouro da sé da Braga, parte dos mosteiros vizinhos, que o Arcebispo teve cuidado e curiosidade de mandar pedir.

Entregou mais o messageiro quatro mitras de grande preço, e quatro bagos pastorais de prata, e muitas cocheiras de prata, e castiçais grandes de prata, pera servirem na essa que se havia de fazer, e em todos os altares e, ultimamente, contou ao prior ãa esmola grossa de dinheiro, que o Arce-

bispo mandava pera cera, de que o prior tinha mandado lavrar cantidade de toda sorte.

No mesmo dia, porque nada faltasse do que mais convinha, e se devesse tudo à liberalidade e grandeza do Arcebispo, chegou, por ele mandado, Valeriano de Frias de Castilho, tesoureiro da sua capela, pessoa inteligente em architectura, pera efeito de ordenar a essa que havia de servir na tresladação, a qual traçou e fez lavrar logo em peças, pera se armar sem dilação, como fosse tempo.

Deu novas Valeriano de Frias que, trás ele, vinham todos os músicos da capela da sé, e as charamelas do Arcebispo e, porque não dessem pejo no convento, mandava o Arcebispo fazer o gasto a todos por sua conta.

## CAPÍTULO VI

*Do número e calidade de gente  
que acudiu a Viana, e da armação e ornato  
da igreja de S. Domingos.*

Amanheceu o dia de sábado, 23 de Maio, que havia de ser o primeiro das festas da tresladação, com as vésperas que em tal dia é costume cantarem-se por toda a Ordem, da tresladação do glorioso Patriarca dela.

E foi Nosso Senhor servido que, cursando até a sexta-feira o tempo ainda verde e invernososo, neste dia de sábado se trocou de maneira que deu princípio a um bem assombrado e gracioso verão, o qual perseverou todos os dias que as festas duraram, acrescentando grande lustre a tudo o que neles se fez.

A este tempo era já tanta a gente na vila que não cabia pelas ruas, muita de Castela, muita mais de Galiza, e tanta de Entre-Douro-e-Minho, que fazia crer estava ali reduzido todo.

É fama pública, e afirmaram homens de bom entendimento, e que o tinham pera orçar o número, que, sem molheres e mininos, foram poucos menos de trinta mil homens. Testemunho de verdadeira devação, e obra do poder de Deus que assi queria honrar a Seu servo, porque não se pode crer que só appetite de ver festas arrancasse de suas casas tanta gente, e muita dela de grande distância de léguas; e muitos, assi naturais como estrangeiros, não se contentaram com menos que trazer suas casas inteiras.

De eclesiásticos, era todo o cabido de Braga, e muitos abades de várias partes, e outros clérigos, grande número de

religiosos de todas as Ordens de Portugal e Galiza, muitos fidalgos principais, e outra gente nobre. Entre todos luziam os vianeses em concerto de trajos ricos, e librés louçãs e custosas, em cavalos fermosos e bem selados; e, nesta parte, como no concurso da gente, estava a vila ãa lustrosa corte.

Não desdizia o rio desta comparação, que succedeu acharem-se nesta conjunção nele muitos navios de aito bordo, estranhos e da terra, que amanheceram todos embandeirados e postos a som de guerra, tocando a porfia muitas trombetas bastardas. Ajudavam a fazer o rio fermoso oito galés maravilhosamente representadas sobre as barcas, que dissemos se alevantavam na ribeira, as quais, toldadas de sedas de várias cores e ondeando ao vento grandes estandartes, e muitas flâmulas e galhardetes, estavam sobre ferro no meio do rio, tão guerreiras e airosas que faziam crer podia o Lima competir com o Tejo.

Abriu-se a igreja e convento logo pela manhã, pera que a gente gozasse da vista da armação, e ornato da igreja e crastas.

A riqueza, e artificio, e concerto com que a igreja estava armada pudêramos melhor declarar pintando, que pintar escrevendo, porque não é obra de pena, e de ãa só tinta, representar a variedade e particularmente de cousas que havia que ver e notar.

Foi a empresa de gente honrada, e rica, e ambiciosa, e repartida por sortes entre muitos; pretendeu cada um aventajar-se a seu vizinho no custo e na invenção e, sendo tanta a diferença e diversidade dos feitios quanta era a dos engenhos e pareceres que na fábrica se ocupavam, saíu um todo de preço estranho, de nova e nunca vista obra. Porque o que se faz por ãa só mão, e um só juízo em todo o corpo de um templo grande, funda-se em respondências dilatadas, que digam ãas partes com outras ao largo e por maior, fogindo miudezas e variedades multiplicadas, que levam tempo, e custam muito, e cansam igualmente.

Aqui nenhũa cousa se tratou nem buscou com cuidado, senão vencer a estreiteza do lugar que a cada um coube com miudeza, e novidade do lavor, e com diferença do vizinho.

E esta emulação em variar ou desvariar veio a formar tão agradável vista que, muito procurada com arte, não pudera sair mais graciosa, havendo muito que ver em cada palmo de toda a igreja. Por maneira que, vista por partes, alegrava e deleitava muito e, vista despois toda junta, representava um campo onde Abril e Maio tinham derramado toda a frescura e abundância e diversidade de suas flores, e que ali estavam todas juntas com as mais vivas e perfeitas cores que a natureza soube pintar.

É a igreja grande e alterosa, e tem muita luz; com ela saíam as miudezas, e realçavam as cores, e de maneira se vinha tudo aos olhos que ninguém havia que se fartasse de ver nem de louvar o que via.

Mas isto que temos dito era só no corpo da igreja; na capela e cruzeiro havia outro género de fábrica. A capela-mor e coro estava toda de ãa mão; pediu-a um devoto do Santo, e armou-a só, com muita ordem e disposição, e com suas respondências de cores e divisões bem betadas, cujos remates se tomavam com cordões de seda de cores acomodadas ao todo.

Eram as sedas conformes ao tempo que, tanto que serenou e esteve quieto, logo se fez sentir o sol, e entrou calma. Damasquilhos e tafetás cobriam tudo; os balaústres e pilarettes do coro vestia seda branca da China, tecida e semeada de passarinhos vários nas cores e nas feições, pendurados de ramos verdes, tudo tão bem assentado e perfeito que, pera não haver falta em nada, se afirma que comprou este devoto trezentos cruzados de sedas novas.

A compostura que aqui havia, como fazia diferença do miscrado da igreja, ficava por esta via mais vistosa, e acrescentando também graça à igreja.

Havia logo outra agradável diversidade de armação nas duas capelas colaterais dos topos do cruzeiro.

O altar de Jesu toma o topo direito. Das paredes dos lados ocupava a direita ãa grande árvore bem formada de tronco e ramos que se alargavam por tudo, e sobiam proporcionalmente até o alto. Via-se em meio deãa nosso Padre São Domingos todo enlevado em um devoto Crucifixo que

tinha nas mãos. Polos ramos pareciam assentados os Santos e Santas da Ordem, figuras de vulto, grandes e bem proporcionadas, cada ãa com as insígnias de sua vida, ou virtudes, ou dignidades, por onde se deixavam conhecer. Todos com acatamento tinham os olhos no Santo Patriarca; e ele, com os seus pregados no Crucifixo, parecia estar-Lhe dando graças polo fazer pai de tão bons filhos. O lado fronteiro era todo lavrado e como debuxado de uns compartimentos e laçaria de cordões formados de ramos verdes, que iam pegar no tecto; e os vazios enchiam ricas pinturas em painéis, e retábolos, e medalhas.

No topo esquerdo do cruzeiro está o altar de Nossa Senhora do Rosário. Na parede da mão esquerda do altar nacia do baixo, em um grosso tronco, a árvore de Jessé, de mui diferente feitio obrada da que dissemos do altar de Jesu. Crecia até entestar no friso do emmadeiramento, alargava e estendia os ramos por todo o pano da parede, e os ramos povoados de reis e patriarcas, vestidos ricamente ao antigo; no meio dela resplandecia em ouro e riqueza ãa devotíssima imagem de Nossa Senhora do Rosário. No pano fronteiro se via outra árvore de menos altura, mas de fábrica e feição mais peregrina, de cujos ramos, como verdadeiros frutos, pendiam rosários em grande quantidade. No alto parecia assentada a Virgem Mãe, como Senhora dela, com semblante alegre, e como convidando a todos com aquela misteriosa fruta.

Foi tomada esta invenção de um famoso milagre que na ilha de Irianda aconteceu no ano de 1575. Eram perseguidos os católicos polos ministros hereges da Rainha Isabel de Inglaterra, e com raiva especial procurava a maldade herética tirar dos olhos, e extinguir da memória dos fiéis o instrumento e salutífero exercício dos rosários, em que os afligidos devotos fundavam as esperanças de seu remédio a corpos e almas, animados com a pregação dos frades de São Domingos, que a toda a hora trabalhavam polos confirmar naquela devação santíssima.

Era pola Quaresma e junto da Semana Santa; a gente que de seu é muito pia, ajudada do tempo, andava devotís-



sima. Quis o Senhor em tal conjunção consolar os bons, acender os tibios, espertar os descuidados, desenganar e confundir os rebeldes. Eis que, a horas do meio dia, em tempo sereno e claríssimo, nace e crece e põe-se subitamente em sua perfeição ãa prodigiosa árvore, estranha na figura e muito mais na grandeza. Era tão alta que, de um campo raso onde estava, emparelhava com grandes montes, porque sobia um estádio, que é altura de cento e vinte cinco passos, e a respeito deste corpo tão avultada e espaçosa que fazia só um grande bosque.

Mas o maior espanto está no fruto. Pendiam dos ramos, em lugar de folha e frutos, inumeráveis ramais de rosários e, pera poderem servir em seu uso (que rosários ociosos e trazidos só pera atavio são pouco agradáveis à Senhora deles), eram todos infiados em seus cordões delgados, mas rijos e fortes.

Colheram os católicos muita cópia deles e, por relíquia de estima e memória do sucesso, se guardam inda hoje em algũas partes da Cristandade.

Gozou desta maravilha o bispado de Corquiclon, e anda escrito por muitos autores. E por ser cousa de tanta edificação e de que já havia fama, foi a invenção muito bem recebida, e de novo encheu de alegria os devotos do santo rosário <sup>1</sup>.

Os altares todos estavam ornados de riquíssimos frontais, de grandes castiçais de prata, e cera branca e grossa, e cubertos de flores. E toda a igreja ardia em çaçoulas e várias composições de cheiros, que fora, na praça, comunicavam grande fragrância e suavidade.

Assi, não havia quem se soubesse sair da igreja, nem a gente se podia nela revolver com a muita que de novo entrava.

---

<sup>1</sup> C. Alonso Fernandes, l. 1, c. 1 do *Rosário*, M. F. Ju. Sagotz. *D'Antiquidade do Rosário*, l. 6, c. 84, Rebelo, l. 1, c. 6, 3 Francisco Bellefore, st. 1 das *histórias prodigiosas*, p. 4, c. 1.



## CAPÍTULO VII

### *Do concerto que havia nas crastas.*

Mas não era menos o que acontecia aos que acertavam a entrar primeiro na crasta. Porque, se a igreja deleitava e suspendia os olhos, a crasta suspendia olhos e ânimos. Que, como ela ficou à conta dos religiosos, houveram que lhes tocava, como a gente de letras e devota por profissão, dar aos entendimentos pasto, e matéria de devação às almas; e efetuaram ãa cousa e outra armando em cada lanço delas dous grandes painéis de pintura, que vinham a ser oito por todos, guarnecidos com seus cercos e frisos e molduras finidas, e ornados de labores e debuxos que, com a conformidade e respondência que entre si tinham, davam grande lustre a todo o mais ornato da crasta.

O que neles mostrava a pintura eram alguns sucessos da vida do Santo, dos mais sabidos, e que mais podiam espertar a lembrança de suas virtudes. E ainda que não haviam de servir mais que pera esta vista, procurou-se boa mão, e propriedade na obra, e viveza nas tintas, quanto alcançava o estado da terra e do convento. Ao pé de cada um declarava ãa letra latina o que continha, pera que chegasse por ela a notícia dos estrangeiros o que os naturais sabiam por fama e vizinhança.

Mas fora da ordem destes oito painéis fazia obra per si um, maior que todos, que, sem menoscabo da architectura, ficava no meio e frontaria de um dos lanços que só havia despejado de portas e servintias, e pera diferença dos mais representava um bem formado portal de obra coríntia.

Conhecia-se nele o Arcebispo revestido em pontifical e, a seus pés, ãa grande e comprida cava aberta; e ele inclinado sobr'ela, e com as mãos postas em ãa grande pedra quadrada e entalhada de muitas letras, que dous homens tinham em braços, e ao parecer lha ofereciam, pera a lançar na cava.

Afastado um pouco mostrava a pintura ãa companhia de gente a ãa estante, que nos gestos e traço se devisava serem clérigos, e no jeito cantarem; e por detrás deles outra companhia de charamelas, o que se entendia dos instrumentos que tinham nas mãos com prontidão, como que esperavam dar-lhes a capela lugar pera responderem.

A letra declarava ser isto memória da cerimónia que o Arcebispo fez quando, no ano de 1566, veio lançar a primeira pedra no edificio desta igreja, e lhe deu nome e princípio, como atrás contamos. E dizia:

*Reuerendissimus Dominus D. Frater Bartholomeus de Martyribus sede sedens Bracharensi Hispaniarum primaria insigne Vianae oppidum multis nominibus dignum iudicans, in quod fratrum suorum Ordinis Domini-cani familiam induceret saluti animarum procurandae, cui toto pectore inhiabat, Caenobium hoc erexit in ipso aditu dignitatis, bonisque dotauit anno 1566. Templum paucis post annis, atque aras primario in fundamenta iacto lapide, sua manu, verbisque rite conceptis sacrauit, illustri Diuae Crucis appellatione insigniuit.*

A um e outro lado, com distância igual, ficavam os dous painéis, que neste lanço faziam obra com os mais da crasta, menores no corpo e diferentes no ornato, como temos advir-tido, do que este era.

No primeiro parecia a ãa parte ãa portada de igreja, de grande majestade quanto o lugar e a pintura sofria e, junto a ela, um homem pobre e esfarrapado, ao parecer man-cebo, mas enfermo e arrimado a um bordão. Da outra parte ia o Arcebispo pera entrar em uns paços que se represen-

tavam em ãa prospectiva vistosa, de varandas e colunas e casas altas, e estava virado pera os que o acompanhavam e apontando com o dedo no pobre; e enxergavam-se em ãa varanda dous moços de roupas compridas, ambos com as mãos postas em um pano que cobria ãa parede.

Era representação verdadeira do que aconteceu ao Santo, recolhendo-se um dia da sé pera casa, que encontrou um pobre moço no estado que o representava a pintura, e lastimado de sua miséria e nueza, por lhe acudir depressa, que o requeria a necessidade e o tempo, que era de frio e neves, mandou a dous moços, dos que criava em casa, que desprezassem o pano que lhe servia de guarda-porta na câmara, e o dessem ao pobre pera se cobrir. A letra o significava com estas breves palavras:

*Domum a templo regrediens iuuenem occurrentem seminudum, membraque languentia vix baculo sustentantem aulaeo, quo pontificii cubiculi obtendebatur ostium, manibus famulorum refixo donari ex templo iubet, digna Apostolico viro sententia factum prosequutus; pauperes Christi vestire oportet, parietes non oportet.*

No segundo estava o Arcebispo em caminho e a cavalo por entre montes e, virado pera os que o acompanhavam, parecia que os mandava parar, fazendo-lhe sinal com ãa mão, e com outra apontando em ãa mulher que de longe os vinha seguindo com um minino pela mão. Descobria-se no rosto da mulher a fadiga com que apressava o passo, e no vestido sua pobreza. Um pouco apartado estavam-se descarregando arcas de ãa carga, e ãa arca se via aberta, e ãa mitra em mão de um de roupas largas.

E foi o caso que esta mulher trazia o minino a crismar ao lugar que ficava atrás e, achando o Santo partido, foi-se em seu seguimento e ele, acertando de a ver de longe, e conjeiturando o que podia ser, parou e ali, no meio da estrada, se apeou, e fez o officio, e a mandou consoliada. Assi o significava a letra dizendo:

*Longum iter ingressus, forte respiciens mulierculam festinis passibus procul subsequenter una cum puerulo, quem manu trahit, conspicatur; ex quo quid sibi uterque velint coniciens socios iubet in vestigio consistere, sacras vestes, vasaque expediri, mensam sterni; in ipsa montium solitudine sacrum puero Chrisma imponit; voti compotes factos, laetosque laetior ipse domum remittit.*

No primeiro quadro do segundo lanço era de ver um homem de barba comprida com tesoura em ãa mão, e noutra ãa fita, sinais que declaravam seu officio e o que pretendia fazer. Estava perto ãa mesa, e nela ãa peça de pano, e o Arcebispo tinha ãa mão sobre o pano, e o dedo mostrador da outra sobre a boca, que bem se deixava entender que era mandar ao alfaiate que levasse o pano, e guardasse segredo. A letra o dizia, que era:

*Attritae usu nimio vesti nouam sufficere horrido monente Decembri, cum pannus et sartor praesto essent, sartori indicto silentio imperat, pannum clam efferat, in tres partiatur vestes, diligenter sartiat, sartas tribus distribuat faeminis fama et probitate notis, illud insuper adiiciens aequius esse Episcopum, quam egregium virtute caetum hyemis inclementia tabescere.*

No segundo quadro estava posto em caminho o Santo, com capa e sombreiro e bordão na mão, e um companheiro junto dele, de roupas compridas, que representava ser clérigo, e outros dous em trajo curto, que o seguiam como criados, e todos com o rosto em um lugar que ao longe se descobria, o qual, no feitio das casas e em todas as mais aparências mostrava ser ãa pobre aldeia.

Via-se no alto, um pouco afastada, ãa pequena igreja, e um homem vestido em sobrepeliz, que, em todo o mais jeito, parecia ser clérigo (e devia ser o cura do lugar), com as mãos na corda do sino, os braços em alto estirados e o sino levantado com tal propriedade que, aos que o viam,

se afigurava que se movia e tangia; só lhe faltava o som, que a arte não foi poderosa pera o exprimir, estando tudo o mais tão bem fingido.

Isto foi que em tempo que o Santo tinha saúde, depois de estar recolhido em Viana, o dia que tinha de mor gosto era quando lhe acontecia ir a pregar a pé pelas aldeias mais pobres daquele termo. Assi se referia no latim, com bom encarecimento:

*Egregius ille Hispaniarum Primas, sapientiae thesaurus, eloquentiae flumen, de cuius ore celeberrima uniuersae Reipublicae Christianae concio, Tridentina Synodus cum admiratione olim pendebat, ecce inter rusticus humilis, inter pauperes egentissimus, indicto sibi spontaneo ab ciuitatibus exilio, per vicos et mapalia verbum Dei alacriter disseminat, baculo et pedibus pro quadriga utitur, duobus asseclis numerosa constat familia.*

## CAPÍTULO VIII

### *Prossegue o concerto das crastas.*

O primeiro painel do terceiro lanço da crasta continha aquele caso tão celebrado de quando lançou pola janela a cama em que dormia a ãa pobre velha, que lhe pediu esmola pera o enxoval de ãa filha que casava.

Estava pintada ãa prolongada fachada de janelas e postigos, que bem representava o corredor do dormitório, e o Santo a ãa das janelas, todo inclinado pera fora como pera lançar abaixo ãa cousa que tinha nas mãos, que parecia ser travesseiro. Ao pé se via a velha com o rosto e olhos levantados, esperando o enxoval, de que já tinha parte aos pés, tudo envolto e sem distinção de peças, mas bem se conhecia ser roupa.

A cobiça e alvoroço com que a velha sôfrega estava despojando o santo velho, procurou o pintor manifestar no semblante e olhos dela; e não trabalhou debalde, porque se deixava bem notar.

Mas não bastou a arte pera mostrar no gesto do Santo o gosto com que se deixava roubar, que era maior. Supriu a letra dizendo:

*Mulierculae dotem collocandae filiae poscenti cucitras, puluinaria et quicquid laneum habebat in stratis (lineum incolumus nunquam habuit) clam per fenestram demittit, in gratiam iuuenulae septuagenarius caenobita; egregium agens furem, ut nuda postea sponda membra vigiliis, inedia, frigore fatiscentia collidat.*

No outro painel parecia um altar alto de muitos degraus, com um devoto Crucifixo, e o Arcebispo celebrando o santo sacrifício da missa, os braços estendidos, e o rosto todo arrebatado ao Céu.

Povoavam os degraus muita sorte de gente que pareciam enfermos, uns nas cabeças entapadas, outros em terem muletas, outros bordões nas mãos, e todos esperavam pela bênção do Santo, com que era cousa certa receberem muitos saúde perfeita, ainda em casos de todo desesperados, como se declarava abaixo:

*Sacra peragentem obseruat languentium turba, ut qui dum terrestria bona supererant, famem a corporibus largiendo repellebat, nunc caelestium ditissimus, morborum pestes ab eisdem orando arceat. Nec voto fraudari miseros saepius experiendo multi didicerant.*

No quarto e último lanço mostrava um dos quadros o Arcebispo cercado de muitos religiosos, e todos ajoelhados e como rezando em um grande coro. E o Arcebispo tinha o rosto inclinado, e a boca posta sobre as mãos juntas, com ãa postura tão devota que fazia devação a quem o via. E os religiosos estavam com os olhos nele, com um jeito de gente que pasmava do que via. Era a história que já contámos.

Quando acabava de rezar, imaginava-se chegado às chagas de Cristo nosso Redentor, e fazia conta que bebia daquelas sagradas fontes o licor preciosíssimo de Seu divino sangue, o que veio a declarar, obrigado da admiração que causavam nos religiosos os sinais extraordinários que dava da grande consolação que ali recebia. Isto continha o latim:

*Post orationem in genua cum fratribus procumbens crucem ex utroque pollice compactam ori admouet, admotam suavissime deosculatur, post oscula mellifluum quiddam quasi inde emanet, cum quadam ingluvie et labiorum strepitu sorbet ac sugit. Quare id faciat percontanti cum admiratione amico; videor mihi, respondet,*

*sacris Christi Dei vulneribus indignum os imprimere,  
Diuini sanguinis haustu totus dulcissime prolui, et melle  
de petra fluente sitientem animam exaturare.*

Via-se no outro, que era o último de todos, lançado em cama um homem, em quem a pintura se esmerou por significar com arte um extremo de doença e aflição.

Tinha as mãos juntas e a cabeça inclinada para duas pessoas que se chegavam à cama que, na feição do vestido, mostravam ser frades e, nas cores, domínicos; dos quais um tinha nas mãos ãa mitra e fazia jeito de querer falar.

Isto não foi successo particular, senão muito gèral, em Viana, que a fé com que muitos enfermos puseram sobre suas cabeças a mitra que ficou do Santo obrou grandes maravilhas. A letra o dizia brevemente:

*Infulam Sancti Praesulis quasi a domino vita functo  
communicata medicandi potentia, aegrotis ope medicorum  
destitutis, ac pene deploratis sanitatem subitam  
atque inopinatam salutari attactu saepius restituisse  
sit notissimum; pictura in rei memoriam unicum offert  
spectantibus, fama innumeros celebrat.*

Os espaços que havia entre os quadros, e os altos e os baixos de cada um, cobriam telas e sedas de várias cores, com tal ordem e cuidado de dizerem ãas com as outras no sítio e calidade, cores e distâncias que, junto tudo, se julgava que não ficava a crasta devendo nada à igreja.

Muito entretinha e dava que entender a todos um número infinito de cartéis com que os devotos do Santo procuraram mostrar em todo género de metro e diversidade de línguas, uns, devação e agradecimento, outros, engenho e ambição, e todos, encarecimento dos louvores e merecimentos do Santo.

Houve composições muito de ver e estimar que, se houvera cuidado, como fora rezão, de se guardarem, puderam hoje fazer espanto, e enveja e acrescentar este livro em crédito e em volume.



Ordinário é entrar a poesia pelos limites da pintura, e então cuidar que se afina quando lhe rouba mais da jurdição. Paga-se a pintura com ela na mesma moeda, e assi o mostraram aqui competindo ambas em qual melhor serviria ao Santo. E foi contenda de que resultou nova devação com a lembrança que por ãa e outra parte se fez de suas maravilhas que, vistas no debuxo, e lidas no verso, espertavam vivas saudades, principalmente nos naturais da vila, dos quais alguns as solenizaram com lágrimas quando, voltando os olhos ao meio da crasta, viram nela feito um mar, e no mar ãa fermosa nau ancorada, e na praia, defronte da nau, o Santo de joelhos, em ãa figura grande ao natural, que o representava enlevado em oração, as mãos e olhos levantados do Céu, que a todos parecia terem-no presente, e verem de novo aquele espantoso successo, que diante dos olhos de todos passou, da nau que, julgada e chorada por perdida, viram milagrosamente salva e entrada no rio por orações do Santo.

Ajudava a devação e a saudade ãa acordada música de sereias, em gestos e compostura bem fingidas, que rodeavam a nau, tocando diversidade de instrumentos com suavíssima harmonia.

Foi espectáculo, o da igreja e crasta, de tanto entretenimento e gosto pera todo género de gente, que davam por bem empregado o dia, quando nele não houvera outra sorte de recreação; mas logo houve outras que a muitos não pareceram inferiores, e com a diferença deleitaram muito.

## CAPÍTULO IX

### *Das festas que houve ao sábado.*

Cantaram-se as vésperas da tresladação de nosso Padre S. Domingos ao sábado à tarde, com toda solenidade, sendo presente a elas nosso Padre Provincial, o Padre Frei João da Cruz, com muitos priores e outros padres graves da Provincia, e todos os eclesiásticos que já andavam na vila.

Acabadas vésperas, sintiu-se grande rumor no rio. Acudiu a gente à praia. Eram as oito fingidas galés que ao som de muitas trombetas e charamelas levaram ferro, e se foram a remo pola barra fora.

Era de ver a fermosura da soidadesca e armas que nelas se devisavam (porque ficaram capazes de muita gente) e como lustrava em cada ùa a diferença de cores dos galeotes, e dos estandardes, que das pontas das vergas deciam até arrojarse pola água, e o rio coalhado de barcos cheios de homens e molheres (pola mor parte gente forasteira), tão diferentes nos trajos e atavios, como na linguagem e nascimento; e todos, como a porfia, rica e custosamente vestidos.

Fazia fermosa vista a diversidade e grande cópia de louçainhas, joias, peças d'ouro e pedraria, em vestidos e toucados e sombreros, a variedade das cores de telas, e sedas, e panos ricos nos trajos.

Não era menos de ver a praia cuberta de povo sem número.

Sem mais que aparências de festa e paz andavam as galés dando voltas polo mar, e alegrando a terra com a vista,

senão quando subitamente arremetem todas juntas, a voga arrancada, contra sete naus das muitas que estavam surtas na barra, as que mostravam estar mais crespas de gente e artilharia, e pavesadas.

Começaram as naus a desfazer-se em fogo e bombardadas, vendo o acometimento, e as galés faziam outro tanto, com tal pressa e continuação, que não havia quem se ouvisse com estrondo, nem se visse com fumaça; o afuzilar da artilharia ao disparar feria os olhos como relâmpado e metia pavor, e o trovão fazia crer que ia a cousa de veras.

Durou esta briga um grande espaço e logo, levantada a fumaça, chegando-se as galés de mais perto, começou outro jogo não menos temeroso de arcabuzaria e mosquetaria, com tal viveza e calor de ãa parte e outra, ajudando e acendendo os ânimos muitas trombetas bastardas de parte das naus, e muitos pífaros e atambores das galés, que todos tocavam de guerra, ameaçando fogo e sangue, que já então parecia verdadeira batalha naval, mais que fingido passatempo, e muito mais o pareceu, quando na força desta contenda arrancaram furiosamente as galés e, investindo as naus à espada e lança, se fizeram senhoras delas e, rendidas, lhes fizeram amainar as vergas tomando-lhes todas as bandeiras.

Alcançada esta vitória e recolhidos os soldados, deram volta pera o rio e foram remando contra ãas navetas que estavam ancoradas mais dentro, onde chamam o Postigo.

Aquí foi de novo um porfiado combate de muitas bombardadas, e grandes e continuadas cargas de arcabuzaria e mosquetaria, porque as navetas estavam providas de gente e munição, e davam a entender que se podiam manter contra maior força, lançando de si infinito fogo; mas em fim, sendo abordadas, foram entradas e rendidas.

Não se tinha levantado de todo a névoa do fumo nem era bem aclarado o ar, quando das galés se tinham lançado em terra oito boas esquadras de soldados tão luzidos de armas, corpos e trajos, que prometiam de si qualquer grande feito.

Eram em número igual portugueses e estrangeiros, dos que negoceam na terra, ajudando-se pera fazerem corpo,

os estrangeiros, de outros seus naturais que chamaram dos portos vizinhos, até de Galiza, franceses, framengos e ingleses. Obedeciam a dous capitães, um português, outro estrangeiro.

Postos em terra correram sargentos, e formaram em um momento um esquadrão fechado, guarnecido de suas mangas de arcabuzaria, e, seu passo cheio, começaram a marchar contra a fortaleza tocando caxas, e soando pífaros. Guiavam os dous capitães, marchando diante do esquadrão, armados de cossoletes e murriões dourados, povoados de grandes prumagens.

Não eram a meio caminho, quando se descobre da parte da vila um grande tropel de cavalaria que, arremetendo com o esquadrão ãa e muitas vezes, e recebendo dele muitas cargas de arcabuzaria, o foi detendo até que da fortaleza arrebentou toda a soldadesca castelhana, que, afrontando o esquadrão, se deram batalha tão bem ferida e bem contrafeita, que foi cousa de grande recreação pera toda a gente.

Despois de durar ãa grande hora sem se conhecer ventagem, em fim foram os do mar perdendo terra e retirando-se pera o rio a passo largo, até que, apertados de novo da cavalaria e do presidio vitorioso, foram forçados a embarcar-se.

Embarcados os do mar, recolheram-se os castelhanos à fortaleza, e os de cavalo deram volta para a vila; e juntos em um escampado que se faz ao longo do nosso convento, que a Câmara tinha pera este efeito mandado alargar e aprainar, festejaram a vitória com ãa escaramuça mui concentrada e bem travada e, no cabo, com muitas carroiras airosamente passadas de bons corpos, e boas lanças, de cavalos ligeiros e bem enfreados.

Era gastado o dia e posto o sol, e parecia que até os olhos pediam descanso e tréguas do muito que tinham visto, quando começam com a noite que entrava a soar caixas, e cantar pífaros, pera a parte onde chamam o Campo do Forno, que é ãa praça bem capaz, cercada de casas nobres, e com ãa fonte no meio, fermosa em abundância de água e feitiço de pedraria.

Aqui havia prantadas muitas árvores de fogo, e outras invenções de pólvora, que arderam com alcanzias, e rodas, e foguetes, até que por partes contrárias da praça começaram a apontar duas companhias de soldados em boa ordenança, com seus capitães diante, os quais, vindo-se a encontrar no meio da praça, levaram das espadas e, acometendo-se furiosamente, começaram a brigar com muita destreza, que os soldados de ãa e outra parte foram imitando.

Era como um desafio formado de tantos por tantos; uns esgrimiam montantes, outros brandiam piques, outros jogavam de alabardas. Só faltava luz. Mas eis que a briga começada a ferro passa num momento a fogo.

Eram as armas que jugavam feitas com tal artificio que, a poucos golpes, arrebetavam em labaredas e, ardendo com violência, faziam temerosa vista esgrimidas, e muitas despediam cópia de foguetes, uns voadores que levavam os olhos após si às estrelas, outros rasteiros que entretanto buscavam os pés descuidados; e como não há fogo sem pavor, era matéria de festa e alarido o medo dos que fogiam, ou se desviavam deles; e como a praça estava cheia de gente, nenhum saía que não desse em que entender a muitos ou a todos.

A noite já cerrada fazia parecer que ardia toda a praça, porque a mesma composição das armas que se jugavam levavam os murriões e rodela que muitos traziam embraçadas.

Assi tinham a gente embebida, que não havia quem se lembrasse de casa, nem cea, nem sono.

Foi tomando termo este fogo, e começou outro gèral, de luminárias, por toda a vila, por todas as casas, portas e janelas; e a janela que menos tinha, eram três lumes.

Sobre todas era de ver o convento de S. Domingos que parecia abrasar-se; telhados, janelas, eirados, campanário, tudo ardia, e a noite estava de sorte vencida que não devia nada ao dia.

E porque não houvesse silêncio que é inimigo de alegria, havia nas praças principais, e polos postos mais públicos da vila, diversos ternos de charamelas, e muitas trombetas e atabales; e polas ruas corriam, a ãa parte, luzidas encami-

sadas, e havia muitas carreiras; por outra, soavam alegres folias, música popular e ríspida, que descanta com atambor, e entoa ao som de instrumentos grosseiros, mas pera gente junta e de terreiro é bem festival.

Sobre tudo retiniam com vivos e aturados repiques todos os sinos da vila.

Assi se passou a noite.

## CAPÍTULO X

### *Da procissão e festas que houve ao domingo.*

Ao domingo, vinte e quatro de Maio, celebraram os nossos frades a missa da festa da tresladação do Padre S. Domingos, com a mesma solenidade que foram cantadas as vésperas.

Pregou o Padre Frei Paulo Leite, pregador geral, resumindo em poucas palavras, com muita eloquência e aviso, grandes excelências do Santo Patriarca e de sua Ordem; e abreviou o sermão pera dar lugar a se compor e dispor a ordem da procissão que na mesma tarde havia de sair do convento.

Ficou a manhã grande ao povo. Não na quiseram perder os que o queriam alegrar.

Deu logo vista pola vila ãa grande quadrilha de cavaleiros vestidos à mourisca, de ricas marlotas, várias nas sedas, nas cores, e nos feitios, sobre camisas mouriscas lavradas de muito aljofre e, lançados em cima, fermosos terçados de prata. As marlotas semeadas de peças d'ouro, e as toucas de pedraria, que se fazia bem conhecer com a luz e reverberação do sol.

Iam de dous em dous com muitos cavalos a destro, diante, que levavam lacaios bem apessoados, vestidos, também à mourisca, de grandes pelotões de diversas cores, lustrosos e bem guarnecidos.

Era vista que levava os olhos cada cavalo por si, sendo todos de preço, a riqueza de jaezes, de mochilas e caparazões bordados d'ouro e aljofre, a diferença de nónimas, e cordões,

e boçais de prata, as invenções de ouro e prata que se mostravam em freios e cabeçadas, em estribeiras e esporas, que parecia levarem junto todo o melhor que disto havia no Reino.

Alegrava e era espectáculo particular o brio, e soberba dos cavalos, que fazia persuadir a quem os olhava que se entendiam, e iam vangloriando nos arreios, e em serem quasi a melhor parte daquela festa.

Nesta ordem foram fazer reverência à porta principal da nossa igreja, e dali passaram ao campo que atrás dissemos, que fica entre o convento e a ermida de Nossa Senhora da Penha, o qual estava já cercado de um grande quadro de palanques, que faziam fermosa vista em paramentos de seda e infinidade de gente que não ocupava só os palanques, mas enchia a praça que ficou mui capaz.

Assi como iam entrando, foram passando a carreira todos; logo se dividiram em duas quadrilhas, ficando capitão de ãa Francisco Pereira de Britiandos, de ilustre e antigo sangue português, e da outra D. Gonçalo Correa Sotomaior, fidalgo de Galiza, que com a nobreza da geração ajuntava gentil disposição de pessoa; e começaram um jogo de canas mui quente e apressurado, e com tanto ar, e concerto e destreza jugado que, sem se enxergar descuido nem haver desastre ou perigo, durou um grande espaço.

E sendo despartidos, ficaram escaramuçando, e acabaram correndo outras carreiras que pareciam incansáveis, porque, mudando muitos cavalos que sintiam o trabalho, eles sós mostravam que então começavam. Entretanto estava a ponto tudo o que de muito atrás estava cuidado e concertado pera a procissão.

Quando foram as duas depois de meio dia, tinham os frades cantado vésperas e completas juntamente e, estando já a igreja e convento cheio de gente, começou a sair a procissão por esta ordem:

Iam diante alguns ternos de trombetas e um de charamelas tocando a miúde; e após eles, ordenadamente, toda a diversidade de invenções que comumente acompanham nas cidades e vilas maiores as procissões de *Corpus Christi*, que estão repartidas polos officios mecânicos. Logo seguiam um



número grande de danças que tomavam grande espaço de terra, e todas tinham muito que ver por riqueza de vestidos, e jóias de ouro e pedraria, e por variedade de invenção de cada ãa, e dos instrumentos a que dançavam.

Fez efeito, por ãa parte, a devação e, por outra, a cobiça do prémio que estava publicado à mais engenhosa; chegou o número a trinta.

No couce de todas caminhava com passo vagaroso um grande e gentil mancebo sobre um poderoso cavalo ruço pombo, ricamente ajaezado; vestia ao antigo ãas roupas largas de ãa seda acatasolada, que fazia várias cores, com bordaduras de ouro; na cabeça um grande turbante com muitas jóias de pedraria bem postas; na mão direita, em ãa comprida haste, um grande guião de seda branca franjada d'ouro, e nele bordado o escudo das armas e devise da Ordem de São Domingos, atravessado de ãa cruz florida das mesmas cores e, semeadas por ele e pelas orlas, muitas estrelas, ãas brancas em campo negro, outras ao revés, e outras meadas de branco e preto, com os campos igualmente revesados.

Parecia esta figura ser representação da Fama, porque ia toda cercada de asas, ãas muito estendidas que lhe saíam das espaldas, outras curtas na cabeça e nos pés, todas variadas de diversidade de cores, prometendo celebrar com seus efeitos esta festa, e divulgar a devação e grandeza dela por todos os fins da terra, o que dava a entender tocando de quando em quando ãa trombeta bastarda que na haste do guião levava atravessada.

Seguiam a Fama todas as bandeiras dos officios mecânicos, acompanhadas dos officiais deles vestidos de festa e enfeitados com seus castelos e insígnias nas mãos, guarnecidas de muitos pendões entre ramalhetes e flores.

Após eles procediam ordenadamente todas as cruces das irmandades, e confrarias, e freguesias da vida e termo, que são um grande número. Por este espaço que tomavam as bandeiras e cruces, corriam muitas folias que alegravam e esportavam com estrondo dos instrumentos e das vozes e bailes.

Era a última cruz a da igreja matriz e logo, a pouca distância de lá, caminhava com passo grave um autorizado velho vestido a uso antigo dos hebreus; e na companhia mostrava ser Loth, sobrinho de Abraão, porque o acompanhavam duas donzelas muito moças e de bom parecer, e quanto podia ser louças no trajo hebreu, levadas cada ãa de mão por um anjo.

Detrás seguiam dous feios monstros do inferno, carregados cada um com ãa temerosa máquina que representava em torres, muralha e baluartes ãa populosa cidade, e eram feitas por tal artifício que cada ãa tomava toda a rua, e parecia intolerável carga pera ã só pessoa; assi, davam muito espanto com a grandeza e feitio, e com outro artifício, que era irem lançando de si espesso fumo negro e medonho, e nele envoltas muitas faíscas de fogo, e a espaços labaredas vivas e azuladas de enxofre, que causavam pavor, e mostravam ser as que abrasaram as infames cidades naquelas máquinas representadas.

Seguia com algũa distância um grande e venerável velho de formosas e alvas cãs, acompanhado de um moço de rosto varonil e boa disposição, e de dous que pareciam criados; os trajos do velho e do moço, semelhantes ao de Loth no feitio, mas aventajados em preço e lustre. Mostravam no jeito e nos instrumentos que levavam ser figuras de Abraão e de seu filho Isac, significando o caminho que fizeram pai e filho ao monte, pera o sacrifício mandado, e não executado, mas trocado em outro.

## CAPÍTULO XI

*Prosegue a procissão:  
descreve-se o primeiro carro.*

Levava após si os olhos de todos um aparatoso carro que aqui entrava, mostrando no repouso e majestade com que movia ser cousa de alto mistério.

Era sua fábrica de altura que sobrepojava, por cima das cabeças dos maiores homens, o cumprimento de ãa grande carroça com largura proporcionada. Sustentava-se sobre quatro rodas meneadas por dentro, sem parecer quem as movia, e era toda jaspeada de branco, e douradas as molduras e remates; o respaldo alteroso, e todo o mais campo descoberto e raso, cercado de uns balaústres curtos e largos, que ornavam e não impediam a vista do que dentro ia.

No respaldo, sobre um assento com trono, ia em pé ãa figura viva que mostrava ser de nosso Patriarca São Domingos, na feição e cor do hábito e, juntamente, na gentileza venerável do rosto (inda que muito quebrado e sem cor) e na diadema d'ouro que levava; o capelo e hábito semeado de assentos de rubis e diamantes, os sapatos lavrados de laçaria de pérolas, entrepostos botões d'ouro.

Levantava-se artificialmente do lado esquerdo do respaldo um edificio que, na prospectiva de colunas, e portais, e cantaria arremedada, representava sumptuoso templo, porém tão inclinado e pendente pera dentro que claramente se via dever-se às mãos do Santo, que ambas lhe tinha postas, não acabar de cair, sustentando-o com elas, em memória

daquela mui sabida visão do Papa Inocêncio III, quando se lhe mostrou a igreja de S. João de Latrão ameaçando ruína e o Santo feito Atlante dela.

Iam a seus pés, com decência lançadas, duas figuras que davam muito que ver pela propriedade que tinham com sua significação. Ûa, que significava a Inocência e pureza da alma, vestia de branco ùa roupa de seda comprida e solta, o cabelo ondado e louro, polos ombros sem arte estendido, sobre ele ùa capela de boninas do campo, os olhos esmeraldas, o rosto rosas, toda risonha e alegre, com ùa modéstia e brandura tal que a todos fazia devação; levava nas mãos um grande espelho, os pés iam descalços.

A outra vestia um estreito e áspero cilício em corpo extenuado e fraco, o rosto desfeito, a cor pálida, mas nesse estado quanto podia ser, fermosa e nada triste, nem carregada; o cabelo tomado em tranças sobre a cabeça, com mostras de pouco cuidado, nas mãos ùa disciplina de cadeas de ferro com que se fazia conhecer por um retrato da Penitência.

Viam-se um pouco afastadas outras duas figuras, acompanhando o Santo, que se não puderam buscar em tudo mais naturais pera o intento. Representavam as duas venturosas irmãs que mereceram hospedar e servir o Redentor do mundo.

Ia da mão direita a Santa Magdalena, resplandecendo em riqueza, como quando servia ao mundo e na idade em que o deixara, segundo ordinariamente se pinta. Na cabeça um gracioso toucado composto dos mesmos cabelos feitos em uns laços altos, com tal ordem que, como eram muito louros, ficava toda a cabeça ondeando em arcos daquele ouro natural, e lançando raios por entre eles com a reverberação do sol, muitos rubis e diamantes em ricos assentos que tomavam e sustentavam os laços.

Levava vestida ùa saia de mangas de chamalote de prata encarnado, com pontas e botões de preço, cingida ùa cinta de diamantes e, lançada ao pescoço, ùa cadea de vária pedraria.

As mãos ambas iam ocupadas: a esquerda, com um vaso d'ouro de estranho feitio, insígnia sua e memória daquele

que tão bem soube empregar derramando-o sobre os pés de seu Mestre; sobre a direita, que tinha envolta em um fino véu, reclinava a cabeça pera não tirar nunca os olhos do Céu, onde os levava pregados, com um jeito e ar tão devoto que parecia queriam arrebentar em lágrimas.

Defronte ia sua irmã, vestida ao antigo, em ãa roupa de setim roxo bordada, que lhe descobria os pés metidos em um calçado de veludo verde coalhado de pérolas, manto no ombro preso, de damasquilho lconado com guarnição de muitos passamanes d'ouro, largos e abertos. O cabelo recolhido na cabeça, debaixo de um fino volante preso de um apertador de pedraria de grande valor; no pescoço, apertado, um colar de finas esmeraldas.

Eram tudo figuras vivas e bem adestradas em guardar a composição que convinha.

Da testa do carro saía um maço de fitas largas encarnadas, cujas pontas levavam nas mãos muitos Santos da Ordem que o acompanhavam.

O primeiro e mais chegado ao carro era S. Pedro de Verona, mártir glorioso, que levava por insignia ãa cruz arvorada sobre ãa comprida haste, como padroeiro do Santo Officio da Inquisição, que administrou, e deu por ele a vida; logo Santo Antonino, Arcebispo de Florença e, junto dele, o Angélico Doutor da Igreja, Santo Tomás de Aquino, com um fermoso colar d'ouro e pedraria airosamente lançado sobre o capelo da capa; S. Raimundo de Penha Forte, fundador da Ordem da Mercê, a seráfica Santa Caterina de Sena, resplandecendo com suas chagas, e Santa Inês de Montepulciano, com o manto semeado de cruces brancas e, ao pescoço, ãa rica cadea, pendurada dela ãa grande cruz d'ouro, esta em memória da que tomou ao esposo soberano Jesus, aquelas do celestial orvalho que em tal figura e cor lhe borrifava o manto, todas as vezes que se punha em oração, como cantamos em sua lenda.

As capas, capelos e escapulários destes Santos eram de seda com muitas estrelas d'ouro semeadas por eles; o que se via dos pés, cuberto de jóias e pedraria.

Seguia este carro um capitão de gentil postura em pessoa, armas e atavio, sua gineta na mão, e após ele oitenta soldados em suas fileiras, armados de cossoletes, os mais deles dourados e gravados, e as celadas guarnecidas de grandes plumagens de várias cores, por entre os quais se deixavam ver devisas e tenções peregrinas, com suas letras, que davam em que entender aos curiosos.

Cerrava tão lustrosa companhia ãa extraordinária figura, de grande e malencólica, sembrante afligido, olhos lagrimosos, barba branca até a cintura. Vestia ao antigo ãas roupas de damasco preto, na mão esquerda um livro aberto, na direita ãa pena. Era, segundo logo se entendeu, o profeta Jeremias, e iam trás ele muitas mulheres de todas idades, e todas juntas e sem ordem, cercadas de alguns mininos e mininas, todas com vestidos de preço, e de várias cores, ao uso antigo dos hebreus, e as mãos presas com cadeas d'ouro.

Logo era de ver um tropel de homens, que nos gestos, e trajos ricos e custosos representavam nobreza, presos como as mulheres em cadeas d'ouro, os rostos caídos e tristes, e alguns deles com instrumentos de alegria, lançados por detrás dos ombros, violas, cítaras e alaúdes, com suas letras em cada um, que declaravam o estado de toda a companhia. Em uns se lia: *Versa est in luctum cithara nostra* <sup>1</sup>. Outros iziam: *Quomodo cantabimus canticum Domini in terra aliena* <sup>2</sup>. E a este modo os mais.

Seguia el-Rei Sedécias, apessoado e gentil homem quanto podia representar quem ia sem olhos, e pera ser conhecido por quem era, levava ãa coroa d'ouro metida pelo braço esquerdo, cingido corpo e braços de ãa grossa cadea d'ouro; na pausa e madureza do passo mostrava o ser de pessoa real. Com passos iguais o acompanhava o sumo sacerdote em paramentos inteiros sacerdotais da Lei Velha, com toda a riqueza de seda, ouro e pedraria que neles se usava.

---

<sup>1</sup> Job., 30, 31.

<sup>2</sup> Sl., 136, 4.

Cerrava esta mal assombrada companhia, outra de soldados, muito aventajados aos dianteiros em pessoas, e atavios, e ùa riqueza infinita de ouro e pedraria.

Levavam entre si Nabucodonosor, rei de Babilónia, agigantado e membrudo, em postura de toda inchação e soberba no gesto e aparato; roupa imperial roçagante de brocado, cetro d'ouro na mão, coroa na cabeça, tudo lançando raios de preciosíssimas pedras, colar de grandes diamantes, terçado d'ouro, de obra riquíssima, botas brancas forradas de setim carmesi e caireladas d'ouro, lavradas de alto a baixo de laçaria de pérolas infiadas.

Daqui tornaram a correr peças de festa, que pareceram melhor com a diferença das passadas; entraram dous fermosos andores em que vinham, num, S. Jacinto, noutro S. Gonçalo, ambos filhos desta Ordem, ambos grandes em milagres e em devoção da gente portuguesa, ambos levados em ombros de seus confrades, vestidos em opas brancas, e coroados de capelas de flores.

O andor de S. Gonçalo ficava no couce, como de padroeiro universal que é de Entre-Douro-e-Minho, ornado de peças d'ouro e jóias de grande preço. Entre um e outro alegravam os olhos e as orelhas quatro curiosas invenções de danças. Ùa de três cirnes, quanto podia ser bem arremedados e vistosos, que dançavam com três donzelas muito louçãs. Outra de três ninfas, vestidas ao modo que os antigos pintavam as dos bosques, que chama a poesia Oréades. Ùas e outras dançavam por excelência, e estas juntavam à estranheza do hábito vozes suavíssimas com que iam cantando ao som de instrumentos bem acordados que levavam nas mãos.

As outras duas eram: ùa de mininos, iguais todos de corpo e bom parecer, vestidos à mourisca, mui destros e ligeiros, que parecia muito bem; a outra, de ciganas, que só tinha novidade na variedade e graça de custosos vestidos, e na riqueza de cadeas e outras peças de ouro que ajuntaram sobre suas grandes trunfas.

Os que de fora notavam com atenção as cousas deste carro, e de toda a companhia de figuras que adiante e atrás dele iam, davam sintido que se via nelas e nele o triunfo da



Ordem de São Domingos, e um como símbolo e significação de toda ela, assi como o mostrava ser da perfeição de vida que o mesmo Santo fez na terra. Porque, particularizando, diziam que a inocência e pureza d'alma é primeiro fundamento da vida religiosa; e onde esta falta, debalde se blasona o título; diziam que penitência é o pão cotidiano desta Religião, na pobreza, no jejum contínuo, no cilício da lã, no peixe de todo o ano, pão em que quase se aventaja a todas as mais famílias monacais.

E não é menos o jugar que faz d'ambas as mãos no exercício das vidas activa e contemplativa, significadas polas duas irmãs, ora dando gemidos ao Céu no coro, no alto silêncio da noite imitando as músicas celestiais dos anjos, ora fazendo guerra aos vícios e viciosos, do púlpito, ou doutrinando ignorantes, nos confessionários e nas cátedras, ou gastando a vida pera um e outro fim sobre os livros.

Assi provavam seu discurso, achando que isto fizera o Santo Pai, e os filhos, não degenerando da pedreira donde eram cortados, executavam o mesmo hoje, com tanta força e verdadeira vivacidade que, não adulando nem fingindo, não temendo, nem rogando, pobres e rotos, são estimados dos grandes príncipes da Cristandade; e nesta grande Província de Espanha, onde a Fé Católica com tantas vantagens florece, lhe entram por casa as primeiras cadeiras nas Universidades; e agora, nesta última idade, não lhe faltando no mundo persiguidores (que sempre os bons foram com persiguições exercitados, e guai dos que vivem sem elas, que assaz arriscados vivem!), lhe são restituídos (que assi se pode dizer) os antigos lugares no alto tribunal do Santo Ofício da Inquisição, ganhados, como dizem, às lançadas polo Santo Patriarca, em sete anos de guerra contínua com os albigenses hereges, guerra em campo com estudo, com insino, com oração e duras penitências. Por onde foi nomeado por Inquisidor Gêral Apostólico, e foi o primeiro que este ofício e título teve na Igreja de Deus, instituído polo Papa Inocência III, e confirmado nele por Honório também III.

E à tal antiguidade referiam os curiosos a representação das cidades afogeadas e dos cativos de Babilónia, conside-



rando nelas o vício que a natureza aborrece, castigado, e neles a peste da heregia e idolatria, desterrada da pátria dos fiéis, que são as partes que com suma inteireza o santo tribunal exercita; e parecendo-lhes que com muita justiça se fazia tal lembrança no triunfo presente.

Mas tornemos à procissão, deixando os grosadores dela.

## CAPÍTULO XII

*Prossegue a procissão;  
descreve-se o segundo carro.*

Imediatamente trás os andores dos Santos seguia um alteroso carro triunfal, aventajado ao passado em fábrica e em riqueza, como o era nas pessoas a quem servia.

Via-se encostada no alto respaldo dele ãa perfeitíssima imagem de Nossa Senhora, de vulto e da estatura que podia ser se fora natural, rodeada de um grande resplendor que saía por entre um espesso rosal, que a cercava, de rosas brancas e encarnadas naturais. Tinha os pés sobre ãa grande meia lua que (sem se ver o modo) parecia sustentar-se sobre verdadeiras nuvens bordadas de prata e ouro, formadas artificialmente de finas holandas, e volantes raxados. Aos pés, de ãa parte e outra, iam de joelhos dous anjos, cada um com as mãos ambas nos cornos da lua; como que naquele andor levavam a Senhora.

Esta imagem se fez pera o altar do Rosário do nosso convento, e a primeira vez que se viu em público foi neste dia; e é razão que fique em escrito, por honra dos devotos, o que então foi público: que deu um confrade pera o feitio dela trinta mil réis d'esmola, e duas mulheres deram cada ãa sua jóia de pedraria de importância.

Diante da Senhora, em pouca distância, ia ãa imagem do Minino Jesu, em estatura que representava cinco anos de idade ou pouco mais, os pés sobre ãa peanha alta dou-rada, vestido de estofado, roupa de ouro e roxo, até os pés. Na cabeça sobre cabelo natural, diadema d'ouro; nela aberto

seu título que dizia *Jesus Christus Salvator mundi*. Na mão esquerda, ãa cruz, e a direita levantada lançando a benção.

Iam a seus pés ajoelhados três anjos, figuras vivas, que vestiam mantos de tafetá azul, cor de céu, guarnecidos de rendas d'ouro sobre túnicas brancas, cabeleiras soltas ondeando polos ombros, coroadas de grinaldas de rosas, asas jaspeadas de azul e prata. Tocava cada um seu instrumento músico, e cantavam acordadamente.

Na testeira do carro ia um grande serafim de vulto, em pé, o rosto ardendo em fino rosicré, roupa e asas carmesi escuro sobre ouro. Saíam-lhe da boca sete ramais de fitas de seda carmesi, das quais lançando mão sete anjos que acompanhavam o carro, mostravam levá-lo por elas; e onde paravam largavam as fitas e dançavam airosamente ao som que lhe faziam os que no carro iam.

Estes anjos eram de ver, porque vestiam várias cores e roupas muito ricas, com cintas e colares de pedraria e alparcas guarnecidas de aljofre, entrepostos botões e outras peças d'ouro.

Aquí entrava a cruz do nosso convento entre dous acólitos com ciriais de prata dourados, seguida dos nossos religiosos de mistura com grande número doutros de diversas Ordens. Logo seguia outro número infinito de cantores acostados à capela da sé de Braga, porque todo homem que sabia de música, como se achou na terra, quis empregar a voz em serviço do Santo. E resultava de tantas vozes juntas ãa harmonia tão grande que ia fazer ecos nos montes apartados. E pera que da mesma maneira se continuasse a música e louvores divinos por toda a procissão sem cessar, tinha cuidado de fazer sinal um terno de charamelas dobrado, que acompanhava a capela, além doutros que iam repartidos em diferentes postos.

Estendiam a procissão por grande espaço a clerezia da vila, e termo, e de muitas vilas e cidades de perto e longe, caminhando ordenadamente em fileira, com suas sobrepelizes, e cera branca ardendo nas mãos.

Ficava no couce o cabido da sé de Braga com sobrepelizes e murças, alegres todos aqueles veneráveis padres de

se verem chegados a solenizar a glória e triunfo de um prelado de que foram súbditos, e, muitos, criados em sua doutrina e em sua casa, e todos o honravam e veneravam por santo.

Arrematava a pompa em um grande pálio de brocado, que levavam em varas de prata douradas seis religiosos do convento, com suas capas de brocado; e cubria outro que, revestido em ãa riquíssima capa de brocado de três altos, com sabastros de imagineria, levava nas mãos um fermoso relicário feito a modo de custódia, no meio do qual se via preciosíssima relíquia: ãa parte do Santo Lenho, em que se obrou nossa Redenção, primeira dádiva que o Arcebispo santo deu àquele seu convento, dando-lhe também o nome dela.

Cerravam com o pálio o corregedor da comarca e juiz de fora, vereadores e oficiais da Câmara, acompanhados de toda a nobreza da vila, vestidos todos de festa, e tão ricos de ouro e jóias que eram outro espectáculo por si.

Iam juntamente muitos fidalgos de todo Entre-Douro-e-Minho e muitos de Galiza e, após eles, outra gente infinita.

Não será bem que passemos em silêncio um pregão que houve no discurso desta procissão, inda que não fazemos tanto caso dele, como por ventura se fizera em outra idade e por outras nações.

Os pobres mendigos das portas, que aqui acudiram em grandes bandos, dando-se por obrigados a celebrarem também, segundo suas forças, a festa de quem a não tinha maior na vida, que quando com eles partia muito, como notaram a universal devação que naquele grande ajuntamento havia, ou fosse que a fim de interesse a quisessem adular (que a cobiça é muito engenhosa), ou que movesse Deus aquela simplicidade de línguas e ânimos, segundo o que está escrito (*qui linguas infantium facit disertas*<sup>1</sup>), começaram acreditar suas petições com o nome e reverência de S. Bertolameu, o Novo.

---

<sup>1</sup> Sab., 10, 21.

E não é por certo leve princípio de honra a que vem dada polos pobres, ou seja porque têm a Deus por si, que se honra do título de Deus de pobres, ou porque em todo lugar a mor parte do povo são os pobres, e fica sendo sua voz voz de povo, que o provérbio chama voz de Deus.

## CAPÍTULO XIII

*Das diversidades de festas que havia  
pelos lugares que a procissão correu,  
e do que mais sucedeu até se recolher.*

Pela ordem que temos dito foi a procissão caminhando, sem haver quebra nem desordem, em demanda da igreja matriz, donde, tanto que a ela chegou, fez volta e veio correndo as ruas principais da vila, que estavam bem pera ver, porque nenhũa janela nem porta havia que não estivesse armada de sedas e panos ricos de toda sorte, fazendo lavor com muitos retábulos e painéis, e muita frescura de ramos e flores; e algũas havia tão aventajadas que parecia quererem competir com a igreja.

A lugares, onde havia largueza de sítio, estavam a ponto representações devotas de figuras vivas, que alegraram os ouvintes com a sustância de boa poesia, e com a graça da pronunção. Em outras partes houve passos ao divino, mudos, pera fazer diferença, mas tão bem figurados que, no silêncio, diziam muito. Acompanhavam-se com altares por estremo bem ornados. Por todas as ruas se sintiam suavissimos perfumes de todas as composções, e cheiros, que a Índia cria.

E com quanto havia calma, e o concurso da gente a dobrava, a deleitação dos mais sentidos era tanta que fazia não só tolerar o fervor do sol, mas quasi não no sentir.

Nesta volta que a procissão levou, foi dar vista à praia e, tanto que a ela chegou o segundo carro, todos os navios

do rio e galés, que pera esta hora se aventajaram ao primeiro dia em lançarem bandeiras, e todo o mais ornamento marítimo, começaram ãa concertada salva de artilharia, revezando-se por ordem, e continuando sem cessar sucessivamente, de sorte que, em quanto tiveram vista da procissão, foi ãa contínua bateria, e não ficou navio que poupasse pólvora ou deixasse de dar fogo a todas suas peças por muitas vezes, que, como eram muitos, parecia quererem assolar a vila. Mas chegando à vista da fortaleza, e cessando a trovoada do mar, começou novo género de salva.

Estava a fortaleza posta em armas, crespas e guerreiras, como se esperara ou temera assalto. A infantaria repartida por muros e baluartes, muitas bandeiras arvoradas, que ao longe lustravam em diferença de cores; resplandecia o ferro luzente e acicalado das armas e cossoletes, que, feitos espelhos aos raios do sol, feriam com outros, que de si despediam, a vista de todos.

A mosquetaria e arcabuzeria foi primeira em fazer seu dever, disparando toda juntamente; e, carregando à pressa, foi continuando e amiudando a salva, como em escaramuça mui quente, até que o pálio chegou defronte da fortaleza o mais perto que podia ser, segundo a via que a procissão levava.

Então se chegaram os alferezes e as bandeiras e, empunhando cada um a sua, depois de airosos floreatos, as inclinaram e abateram em sinal de reverência e, no mesmo ponto, se deu fogo a toda a artilharia do castelo que, disparando juntamente, foi extraordinário o estrondo, e pavor, e atroamento por toda a vila, que não havia quem se ouvisse nem entendesse.

Tem a fortaleza trinta e seis peças, em que há alguns canhões reforçados. Assi, foi o trovão tão temeroso que de todas resultou que tremia a terra, e o coração no peito a muitos; e, como a vila está situada ao pé de montes que entre si abrem em grandes vales, retumbou por entre eles com tamanho ímpeto que foi responder em distância de muitas léguas, e lá se ouviu claramente.

Durou o passeio da procissão das duas horas até às sete, que foram cinco horas perfeitas. Logo quando acabou de despegar da igreja, houve muita gente devota que, obrigada do espírito mais que do gosto das festas, quis empregar a tarde em visitar à vontade a sepultura do Santo, julgando seria tempo acomodado e quieto em quanto a terra toda se deixava levar da solenidade da procissão.

Fizeram tantos este mesmo discurso que a igreja se povouou de gente, como se em toda a vila não houvera outra cousa em que entender. Claro sinal de bem affectuosa devação, a qual passou tanto adiante que de beijar e reverenciar as lágeas frias da sepultura chegaram a lhes fazer força e procurar nas santas reíquias, e faltou pera isso pouco, e passou o negócio desta maneira.

Tiveram primeiro modo (devia ser com pontas de adagas) pera romper as percintas de cal que uniam as lágeas; como as tiveram em roda desunidas e leves, foram abalando e bulindo todas, e empuxando ãas contra as outras, de sorte que, quando veio sobre tarde, havia abertura sobre o corpo (tanto podem muitas mãos juntas, inda sem instrumentos) que entrava ãa mão, por onde metiam rosários e lenços que chegavam a tocar no ataúde.

Entendido isto, carregou muita mais gente, porfiando todos por chegar, sem serem poderosos pera o impedir alguns padres velhos que ficaram em guarda da casa e da igreja; os quais, vendo que cada hora recrecia mais povo, e com alvoroço se procurava fazer maior abertura, mandaram com diligência avisar o prelado.

Veio correndo ãa esquadra de arcabuzeiros castelhanos pedidos polo prior ao capitão da fortaleza, com que se quietou a porfia da gente, fazendo-a despejar o coro, e ficando eles de guarda.

Quem haverá que, vendo tão viva demonstração de amor em tanta multidão de povo, não descubra nela outro género de calificação da virtude do Santo, semelhante à que no capítulo passado saiu da boca dos pobres? Aquela em voz, esta em obra; aquela da última e abatida plebe, esta de grau mais sobido; aquela, fundada, ao que parecia, em algum



amor próprio, e esta tão desinteressada e acesa que nem as festas que tanto enlevam ânimos populares o detinham ou divertiam da igreja, nem nela eram parte as lágeas pesadas pera lhe estorvarem a maior veneração de suas relíquias.

Mas, porque não faltasse a terceira e última calificação de parte dos maiores e illustres, além da que já estava patente e pública com tantos géneros de solenidade em que eles foram tudo, com ânimos, pessoas e fazendas, succedeu que, no ponto que os nobres souberam o que se passava na igreja, buscaram logo homens naturais que fossem dar guarda à sepultura, havendo por afronta sua deixar tesouro que tanto estimavam em custódia de estrangeiros, inda que companheiros, e quasi irmãos, pola vizinhança do presidio.

E após esta diligência, nomearam três capitães que cada um com sua companhia de naturais fizesse a guarda em quanto durasse a ocasião presente da tresladação. Assi tomaram o negócio à sua conta tão de vontade, que se não pudera fazer com mais cuidado nem mais apontadamente em tempo de guerra; e foi cousa averiguada que houve homem tão sófrego nesta obrigação que vigiou quarenta horas arreo sem nunca se assentar.

Assi era gèral o fervor e instinto do Céu em todos os estados pera com o Santo, nos primeiros e mais pequeninos pera o louvar, nos segundos pera o buscar, nos grandes pera o festejar, e defender, e guardar.

## CAPÍTULO XIV

*Como se assentou a essa pera a tresladação,  
e foi aberta a sepultura onde o Santo jazia.*

Atrás contámos como mandou o Arcebispo Dom Frei Agostinho a Valeriano de Frias, seu tesoureiro da capela, pera dar traça e ordem na fábrica da essa que se havia de levantar pera o acto da tresladação, e como entendeu logo nela, fazendo-a em peças pera estar prestes pera seu tempo,

Necessitados vinham de repouso os religiosos, e todos, polo trabalho do dia, mas era força empregar em outro a noite, porque não tinham outra hora pera armarem a essa que havia de servir no dia seguinte.

Como cerrou a noite, entendeu Valeriano de Frias na obra, fazendo-a assentar e guarnecer; e logo ficou posta na forma e estado que cumpria quanto ao principal.

Pela meia noite, acudiram ao convento o juiz de fora e vereadores, como estava tratado, pera consultarem com o Padre Provincial do como e quando se abriria a sepultura. Nisto se gastou o que restava da noite, e em ouvir e responder a recados e protestos que os vereadores de Braga mandaram por vezes ao Padre Provincial e ao prior, requerendo juridicamente a um e outro, de parte de Sua Majestade, que na sepultura e corpo de seu Arcebispo e senhor se não bolisse sem eles serem chamados.

Sendo já as quatro da manhã e estando o convento todo fechado, e encarregado o juiz de fora das chaves da portaria, que o prior lhe entregou por se forrar de importunações

com gente de fora, desceu abaixo o Padre Provincial Frei João da Cruz, acompanhado do prior do convento Frei Francisco Vilez, e dos priores do Porto, Vila Real, Guimarães e Amarante, e outros padres antigos da Ordem, e entrou no coro, onde já estavam o juiz de fora e vereadores de Viana, e dous desembargadores da Casa do Porto, e o juiz e vereadores de Braga, que foram mandados chamar; e, em presença de todos, mandou o Padre Provincial abrir a sepultura.

Como as lágéas estavam bolidas do dia atrás, tiveram os oficiais pedreiros pouco trabalho em as mover e levantar.

Deceram dous religiosos nossos, e puseram o caixão em cima do presbitério, o qual, a olhos e face de todos, se viu estar fechado com chave, e o Padre Provincial por sua mão o abriu; e ele com o prior do convento tiraram ambos com muita veneração o corpo do caixão velho, e o passaram a outro novo que estava prestes.

Era o lugar do presbitério onde o Santo jazia tão sojeito às humidades que ali ressumbram em grande quantidade dos montes vizinhos, que prometia de si pouco agradável cheiro, ainda sem haver nele sepultura. Mas foi Deus servido, por mostrar a glória de Seu servo, que suas reliquias o fizeram cheiroso, e de um cheiro que todos sintiram suavíssimo, especialmente da cabeça e do lugar da boca. E um religioso grave que hoje vive nos referiu, quando isto escrevíamos, que, achando-se pegado com o caixão novo, quando a ele se mudou o corpo, procurara furtadamente arrancar dele algũa parte pera guardar por reliquia, e da força que fizera lhe ficara na mão um suave cheiro por muitos dias, e dizia que onde o tentara achara carne sólida e dura, como mirrada, sem embargo que a santa cabeça estava toda descarnada.

Era o caixão lavrado de tábuas de angelim, madeira da Índia Oriental, de ãa natureza quase incorruptível; e tal nome e tal madeira competia às reliquias que deram gasalhado e morada na terra àquela alma que já em companhia dos anjos reinava gozando daquele Oriente *qui nescit occasum*, quero dizer, onde nunca jamais anoitece.

Tinha cinco palmos em comprido e dous de largo; o forro de setim carmesi, tomadas as costuras e remates com passa-

manes e franjas d'ouro, a cravação dourada. No tampão ficaram três frestas abertas ao comprimento, com suas vidraças bem entregues na madeira e firmes, pera se dar vista das relíquias, ficando o caixão logo pregado.

Cerrou-se entretanto a sepultura, e compuseram-se as lágeas. E o caixão ficou sobre o presbitério cuberto com um pano de brocado, e cercado de muitos brandões de cera branca ardendo em castiçais de prata.

Começaram logo a entrar todas as pessoas eclesiásticas e seculares, a quem se devia mais respeito, que o Provincial tinha mandado avisar por religiosos do convento com segredo; e fazia officio de porteiro o juiz de fora, que tinha as chaves, assistindo na portaria soldados de guarda, porque não entrassem mais que os chamados, que foram o Bispo de Fez, D. Jorze Queimado, as dignidades, cônegos e cabido da sé, os desembargadores do Arcebispo, o Abade gèral de S. Bento, o Gèral dos Padres de S. Eloiio, o Padre Provincial da Companhia de Jesu, e com eles alguns religiosos destas Ordens e da de S. Francisco, e o castelhano da fortaleza Diogo Sarmiento, e outras pessoas de calidade, da vila e de fora.

Como todos foram juntos, armou-se ãa mesa no meio do coro, cobriu-se com um pano de brocado, e quatro priores dominicos tomaram o caixão sobre duas toalhas e o trouxeram a ella, acompanhando-o todos os religiosos com tochas acesas nas mãos, e grande festa e alvoroço de charamelas, que pera esta hora se mandaram vir.

## CAPÍTULO XV

*Da reverência com que foi visto  
e venerado o corpo do santo Arcebispo.*

Tanto que os priores assentaram na mesa o caixão, chegou-se a ele o prior do convento e, abrindo-o levantou um fino véu que cobria as santas relíquias; e ficando abertas e patentes a todo o ajuntamento, disse em alta voz que jurava e protestava *in verbo sacerdotis* ser aquele corpo, que todos viam patentemente ali recolhido, do ilustríssimo e reverendíssimo senhor Dom Frei Bertolameu dos Mártires, Arcebispo e senhor de Braga e Primaz das Espanhas, fielmente tresiadado poucas horas antes de outro caixão, em que fora depositado ao tempo de seu falecimento, que parecia presente e vazio sobre o presbitério, onde fora a sepultura.

Isto dito, retirou-se e deu lugar a chegarem todos. Foi o primeiro o Bispo de Fez, o qual, fazendo primeiro ãa profunda inclinação, beijou o corpo com muita reverência; após ele, sucessivamente, fizeram o mesmo as dignidades, e cônegos, e cabido da sé, segundo suas antiguidades e preferências, no que lhes assistiu o seu mestre de cerimónias, como em acto de importância.

Depois foram chegando todas as mais pessoas eclesiásticas e seculares, e todas veneraram e reverenciaram aquele corpo com tanta devoção e humildade que parecia mais movimento de poder celestial que amor da terra o que os obrigava a o reconhecerem por santo e digno de tal veneração; e que era o Senhor servido de honrar o servo fiel e prudente

com estas glórias da terra pera comprimento do *centuplum* <sup>1</sup> que tinha prometido nela, além da celestial.

E é de considerar que esta glória humana ordenou a Providência Divina que a tevesse o Santo no mesmo sítio e lugar onde muitos dias e anos contínuos foi visto rodeado de pobres, viúvas, órfãos e doentes, e outros necessitados, provendo a todos, com entranhas de piedade, do remédio corporal: a uns com a esmola, a outros com a saúde, que muitos confessavam receber do tacto de suas mãos e por meio de suas orações; e assi quis que, sendo ele tal que por verdadeira humildade não sofria que nem os pobrezinhos e despeçados do mundo lhe beijassem a mão de que tantos bens recebiam, não se desdenhando ele de tocar e tratar com ela as cabeças e chagas nojentas dos mais miseráveis enfermos, viessem agora ao mesmo posto os grandes do mundo, as mitras e as dignidades eclesiásticas e seculares, não inclinar-se somente, senão debruçar-se por terra diante de seus ossos secos, e beijá-los, e pô-los na cabeça, e haverem por dita serem pera isso chamados.

Por onde com muita razão nos podemos espantar de nós mesmos, e sentir, e chorar nossa frieza que, sendo tão amigos de honra, e inclinados a fazer por ela finezas, façamos tão poucas por servir e agradar a um Deus que, sem nos dever nada, é por Suas misericórdias tão fácil de obrigar, que obras humanas de sua colheita, fracas e miseráveis, aceita por serviços dignos de os pagar com os crecidos e aventajados galardões que aqui vemos. *Et dubitamus adhuc virtutem extendere factis* disse um gentio <sup>2</sup>, como espantado de não sermos todos santos, à vista de um caso de bem pouco espanto digno, se o houvermos de comparar com o que temos entre mãos.

Não faltaram lágrimas no meio de tanta alegria, ãas de compunção, outras de saudade, porque os mais dos circunstantes haviam conhecido e tratado o Santo, e muitos foram testemunhas de parte de suas heróicas obras; e estes

---

<sup>1</sup> Mt., 19, 29.

<sup>2</sup> Virgílio, *Aeneida*, 1.6.

choravam a falta que viam delas no mundo e doutro tal espírito. Outros, lembrando-se de tão rara virtude, não se atreviam a pôr os olhos em si, e a muita luz dela e as faltas próprias arrancavam lágrimas em fio.

Só as do Padre Provincial, Frei João da Cruz, eram lágrimas de gozo e alegria, não achando termos nem palavras com que rendesse as graças a que se sentia obrigado a Deus Nosso Senhor, de permitir que, sendo ele por tantas vias obrigado ao grande amor que o Santo lhe teve, e em todas as ocasiões mostrou em vida, viesse a ser o instrumento da honra e glória que hoje recebia na terra, donde infiria que não seria descuidado em lhe procurar a paga no Céu.

Depois que todos os presentes satisfizeram com sua devação, tornou o prior do convento ao caixão, e, cobrindo as relíquias, fechou-o com sua chave; e, pera maior cautela, mandou vir um oficial que à vista de todos o pregou em roda com muitos pregos que estavam prestes e dourados. E os mesmos priores o tornaram a passar ao lugar donde o tinham trazido, com o mesmo acompanhamento de tochas, e alegria de charamelas.

Logo, pera memória perpétua, se mandaram autuar estormentos públicos de tudo o que temos referido, e se pediram treslados autênticos em forma de Direito.

## CAPÍTULO XVI

*Do grande concurso de povo que houve na igreja,  
e do meio que se tomou pera despejar.*

Durou a solenidade que temos contado até junto das oito horas do dia da segunda-feira. E quase em quanto tardou, batia e empuxava com ímpeto as portas da igreja grande força de gente, adivinhando o que dentro passava, e desconsolando-se com imaginarem que se fazia a tresladação às portas fechadas e em segredo, e que ficariam defraudados do cumprimento de seus desejos e devação, que era chegarem a pôr a boca e olhos nas relíquias do Santo. E alguns havia que se davam por mui agravados, e soltavam descompostas queixas.

Quietou-se tudo, abertas as portas, e visto o aparato da essa, que tomava o cruzeiro, e o caixão, que se deixava ver sobre o presbitério da sepultura antiga, cercado de lumes e guarda de religiosos e soldados. E não enxergando na sepultura nova nenhum sinal de mudança, ficaram aliviados em seus receios, esperando que lhes não faltaria hora e lugar pera o que lhes pedia seu bom espírito.

Assi estavam aguardando a ver o que se ordenava, quando, correndo pola vila a nova que o corpo estava fora da sepultura, acudiu tanta multidão de povo que em, um momento, foi a igreja cheia, e o aperto e alvoroço por se adiantarem e chegarem às grades do coro pera alcançarem vista do caixão era tal que se afogavam; e fazendo força os que ficavam detrás, e pondo ombros os dianteiros nas gra-



des, ou pera se livrarem da pressão, ou pera serem primeiros em chegar ao Santo, levaram e arrombaram as grades e, sem valer nenhũa resistência, subiam ao presbitério e, depois de fazerem suas devações e beijarem o caixão com reverência, como todos faziam, porfiavam por ver o corpo.

E foi grande acerto ficar pregado, porque, a não ser assi, mal se pudera tolher a tanto ímpeto de gente o que a devação indiscreta lhe persuadia, do que foi bastante indicio que, apesar da diligência e defesa que faziam os soldados e quatro padres que com eles ficaram, romperam ãa vidraça e, pola abertura metiam lenços e rosários, com que se iam consolados.

Durava toda via o tumulto e a pressa e concurso demasiado, e via-se que não só não parava, mas que ia em crescimento. Começaram os padres a entrar em cuidado de poder acontecer algum desconcerto ou demasia, e buscavam meio pera se prevenir; mas acudiram a tempo os vereadores com ordenarem que ãa comédia que estava apercebida pera outra hora se representasse logo.

Fez-se sinal no terreiro que é adro da igreja, que já pera o efeito estava composto e ornado. Deu-se principio à comédia com tanta pompa e aparato, e tanto que ver e notar, que toda via fez afrouxar o aperto da igreja.

Os representantes eram quasi todos moços nobres, e do melhor do lugar, e ajuntavam com a nobreza boas habilidades e graça natural; e ainda que se não tinham provado em semelhante exercício outras vezes, porque nenhũa cousa da vida os fizera sobir ao teatro, senão só o serviço do Santo, tiveram cuidado de se exercitar e ensaiar em particular tantas vezes que, postos em público, pareceram officiais velhos.

Era a história moral, apropriada à solenidade e alegria presente, e os entremeses muito engraçados, sendo juntamente honestos; assi, sem encomendarem o *plaudite* dos cómicos antigos, tiveram um extraordinário aplauso de naturais, e estrangeiros, e de todo o estado de gente, no mais copioso auditório que se pudera juntar em grandes cidades.

Louvou-se a sustância da obra, e o enredo engenhoso da fábula, e a boa composição da letra, e sentenças dela, que pera tudo havia ouvintes de grande juízo. Mas outro louvor, que em comediantes não é costume ter lugar, deu grande honra aos presentes, e foi a confiança com que alguns destes mancebos se determinaram a aparecer em público, e arriscar-se a ir do teatro pera a cadeia, porque andavam de próximo homiziados e temidos da justiça que os buscava, e não faltava na festa nenhum ministro dela, nem da vila, nem da comarca. E com tudo, o gosto de acudir a festejar o Santo e, à sua honra, alegrar o povo, fez estimar menos todo perigo. Deixaram-se ver e conhecer que não podia ser menos de todas as justiças e oficiais do crime e, o que é mais, de seus acusadores; e ou fosse comedimento, ou descuido, não houve quem lhes empecesse; recolheram-se em paz, e tornaram como dantes à sombra de telhados.

## CAPÍTULO XVII

### *Da fábrica e ornato da essa.*

Despejou-se a igreja, em fim, tarde e com muito trabalho, junto do meio-dia.

Acudiu logo Valeriano de Frias com alguns religiosos a rever a essa, e pôr em perfeição o que faltava, pera estar tudo a ponto e prestes pera as vésperas. Foram assentando tocheiras e castiçais, e povoando tudo de tochas, e brandões, e velas.

Estava a essa assentada no meio do cruzeiro, que é bem largo e capaz, com a fábrica e forma seguinte: lançou-se primeiro um grande estrado de quatro palmos de alto, vinte quatro de comprido, dez e sete de largo; e ficou o cumprimento fazendo testa contra a porta principal. Sobre este estrado, deixando-lhe três palmos de ândito em torno, levantavam três degraus com sua diminuição proporcionada de palmo e meio de alto, e outro tanto de passo. O último destes degraus fazia por cima três palmos de ândito, e sobre ele sobia outro, de palmo e meio de altura, e outro tanto de passo. Deste nacia um corpo grande, a modo de altar, que levantava cinco palmos e tinha sete de cumprimento, ao cumprimento da essa, e seis de largo. E sobre ele assentava ãa bem feita peanha de três palmos em alto, três de largo, e cinco e meio de comprido, com as testas pera o cumprimento do corpo do altar sobre quem fundava, por maneira que também ficavam com elas pera o cumprimento da essa e, pelo conse-

guinte, ãa testa contra a porta principal, e outra contra a capela-mor.

Sobre a peanha se armou um túmulo da mesma largura e comprimento, e de outra tanta altura, de feição que quase vinha a fazer com ela ãa mesma obra. E por esta conta vinha a subir vinte e um palmos, com que fazia ãa bem luzida representação.

A testa da essa que olhava pera a porta principal cobriam damascos verdes e carmesins quarteados. Os três primeiros degraus, veludo e damasco carmesim, e o quarto, que era o que fazia assento ao corpo que sostinha a peanha, era guardado de veludo carmesi bordado de ouro.

A parte da essa que respondia à capela-mor ficou rasa e sem degraus, pera dar livre servintia pera a porta do coro, salvo o degrau mais alto dos três que dissemos, que fazia três palmos de ândito, e o que sobre ele corria e fazia assento ao corpo do altar. Esta face cobriam também damascos verdes e carmesins, da mesma feição da contrária, que fazia frontaria à porta principal.

O corpo do altar era vestido em roda de brocado. E o túmulo cobria um riquíssimo pano de brocado atravessado de ãa grande cruz de veludo carmesi broslado d'ouro. Este pano era tamanho que decia com as borlias e franjões d'ouro a assentar por ambos os lados sobre o altar. Da cabeceira do túmulo sobia um pouco afastado um balaústre dourado, em que se pôs ãa fermosa cruz de prata dourada, do convento, entre duas tochas em tocheiras douradas, e todo o corpo da cruz alevantava por cima do túmulo.

No degrau debaixo ardiã vinte e quatro tochas de cera branca (como era toda a mais da essa, de tochas, velas e brandões), a seis por cada lado; e em cada um dos quatro cantos da essa, ãa de aventajada grandeza, e todas em grandes tocheiras de prata. Nos outros degraus, grossos brandões em seus castiçais de prata de pé alto. Só no terceiro não havia cera mais que nos cantos, porque ficasse o lugar livre pera dous sacerdotes que haviam de incensar.

Na testa do túmulo, contra a porta da igreja, parecia um grande cartão com as armas do Santo, que eram as da

Ordem, quarteadas de branco e preto, polo meio das quais sobia ãa cruz alta, de duas travessas, insígnia de primacia, que lhe fazia timbre com seu sombreiro de cordões e borlas verdes, que iam dando voltas e fazendo laços por ãa e outra parte da tarja, e a sua letra à roda, em caracteres grandes e legíveis: *Ardere et lucere. Nolite conformari huic saeculo.*

Tal era o edificio, tal o ornato, que o Arcebispo também mandou que corresse por sua conta e despesa, sem consintir que os religiosos tomassem parte nenhũa nele; e saiu bastante aparato e magnífico.

## CAPÍTULO XVIII

### *Da ordem com que foram celebradas as vésperas e nocturnos da tresladação do santo Arcebispo.*

Como não era possível, pelas razões que nos capítulos atrás ficam apontadas, festejar-se esta tresladação com aqueles ofícios que a Igreja Católica tem sinalado pera os Santos por ela recebidos e declarados por tais (honra que o nosso santo Arcebispo inda não tinha; quererá Nosso Senhor que muito cedo lha vejamos), assentou o Padre Provincial que fosse celebrada com vigília e nocturnos de finados e missa de *Requiem*, e sem embargo que nos ânimos de todos estava bem assentado que não podia ter necessidade de sufrágios quem tão santa vida vivera, e com tão santa morte a arre-matara.

E julgava a gente pia (e não era o discurso mal fundado) que, ainda depois de morto, lhe queria Deus dar a honra de terem por seu meio alívio algũas desamparadas almas do Purgatório, porque, celebrando-se por ele todos os anos desde seu felice trânsito até o presente, estes sufrágios, com preces, e officio, e missa solene de defuntos, e não tendo sua bendita alma deles necessidade pera efeito de chegar a gozar da visão beatífica, ficariam distribuídos com grande glória accidental, que a ele lhe resultaria, pelas mais necessitadas almas que naquele temeroso fogo estivessem detidas, que acontece haver muitas que na terra não têm parentes nem amigos que com orações lhes acudam e, se os têm, ou não querem, ou não podem, ou se esquecem de fazer bem por elas. Assi

o sente Angélico Doutor Santo Tomás, nas *Adições* à sua terceira parte <sup>1</sup>.

Estes sufrágios, trocaram os religiosos, depois da tresladação presente, em ãa missa solene de Todos os Santos, que lhe cantam cada ano no dia que Deus o levou.

Havendo-se, pois, de celebrar officio de defuntos, no ponto que foi meio dia, começou primeiro sinal o sino do convento, e logo seguiram os da matriz, e mosteiros de freiras, e todos os mais da vila, até os das ermidas, e continuaram dobrando até as três horas.

A este tempo estava já no coro do convento o Bispo de Fez e as dignidades, cónegos e cabido da sé, e os desembarcadores eclesiásticos do Arcebispo, com sobrepelizes e murças, todos no coro direito; e estavam no esquerdo o Abade Gèral de S. Bento, e o Gèral dos Padres de Santo Eloio, e o Provincial da Companhia de Jesu, e muitos religiosos destas Ordens, e da de São Francisco, de mistura com os nossos; e o nosso Padre Provincial, em seu assento, com eles.

O cruzeiro enchiam clérigos da vila e termo, que todos foram notificados, por mandado do Arcebispo e com cominação, se achassem presentes neste dia e no seguinte, com suas sobrepelizes, ao officio da tresladação; e foi supérflua a diligência, porque não somente da vila e termo vieram todos por gosto e devação, mas de muitas outras partes acudiram tantos que estava a essa fermosamente acompanhada.

Dando três horas, e estando a igreja e capelas com tanta gente que se não podiam revolver, subiram quatro dignidades ao presbitério, onde estava o corpo do Santo, e tomaram o caixão em braços e, com muita reverência, o levaram à essa, acompanhado de ãa comprida procissão de tochas e brandões. Ia logo detrás o Bispo de Fez, revestido em pontifical, com seus assistentes e ministros, e, posto sobre o túmulo que ficava sobre o mais alto da essa, lançaram-lhe por cima um rico pano de brocado de três altos.

Logo se acendeu toda a cera em roda, com que ficou a essa tão fermosa, saindo as cores das sedas e resplande-

---

<sup>1</sup> Q. 71, ar. 14, ad. 2.

cendo o brocado e bordados com as muitas luzes, que mais parecia trono imperial pera festa, que instrumento de officio funeral.

Entoou o Bispo a primeira antífona das vésperas, e foram prosseguidas com muita pausa e gravidade, cantando o cabido e religiosos do coro um verso, e a clerizia do cruzeiro outro; e o mesmo fizeram nos três nocturnos, deixando somente as laudes pera o dia seguinte.

Entretanto assistiam sobre a essa, ao longo do túmulo, dous sacerdotes em dalmáticas de damasco branco e carmesi, com seus turíbulos nas mãos, encensando.

Acabou o officio e o caixão ficou no mesmo lugar, ardendo toda a tarde e noite seguinte muita cera em roda. Mas tiveram cuidado os capitães, a cujo cargo estava a guarda, de a reforçar com gente armada; e o prior mandou também assistir religiosos do convento, com ordem de ajudarem a vigia repartidos por quartos; e os capitães entre tanto não repousavam, antes iam e vinham, fazendo diligente sobrerrola, e folgando de mostrar que sabiam fazer o officio, e estimavam fazê-lo em tal ocasião.



## CAPÍTULO XIX

### *Das festas que houve na vila esta tarde.*

Era público na vila que se haviam de correr touros aquela tarde, e que estavam já encerrados na praça que chamam o Campo do Forno.

Tanto que se deu fim às vésperas e nocturnos, começou o povo a correr a ela. Havia muitos palanques em que se acomodar, porque a praça é grande e cercada de casas nobres, onde também muitos forasteiros eram admitidos e agasalhados com franqueza e cortesia; e assi, não faltava lugar senão aos que folgavam de parecer ou gentis-homens ou arriscados no corro.

Assi como vemos e sabemos que há certos géneros de comidas e bebidas que são peculiares a algũas províncias, e tão amadas dos naturais delas que as têm por mimo e delícia, as quais, em outras, de nenhũa maneira são recebidas nem gostadas, antes às vezes causam asco, nem mais nem menos acontece em jogos e passatempos; porque este de touros, tão usado em toda Espanha, que sem eles não há festa de gosto pera todo estado de gente, é mal recebido de todas as outras nações, e nem os bárbaros, que folgam de ter em suas casas tigres, e leões, e outros animais ferozes e sempre temerosos, o admitem.

E na verdade é um passatempo de cujo exercício nenhum proveito resulta, e o risco é muito grande e sem nenhũa desculpa. O jogo da pela faz o corpo ágil, a luta endurece os membros, a justa, que pera briga tem pouco risco e pera festa demasiado, contudo, o ser exercício militar a defende.

Só nos touros, nenhũa cousa boa há; se são mansos é cousa fria, aborrecem; se são bravos, poucos se correm que não façam voar corpos ao céu, e almas ao inferno. E que então alegrem, então sejam matéria de gosto, e lhe chamem bons touros, como na verdade assi passa, é cousa indigna do que devemos ao ser humano, quanto mais de cristãos; é um renovar-mos as efusões de sangue dos anfiteatros gentílicos.

Não ignoro que perdemos tempo neste aviso, como o perderam muitas pessoas gravíssimas que por vezes o deram. Mas obriga-nos o zelo do bem comum, e o officio de historiadador, que é dar parecer nas matérias, e sobretudo sabermos que um tão grande santo como foi o Papa Pio V, religioso de nossa sagrada Ordem, trabalhava muito polo tirar do mundo; e fiquem advirtidos os autores de tal espectáculo, se algum houver que passe os olhos por estes escritos, que em boa Teologia levam sobre si grande parte do sangue humano que estes touros derramam.

Mas, passando aos de Viana, sabemos que alegraram por bravos, e pola fermosura da gente que enchia a praça, e polo concerto e aparato de janelas e palanques, tudo cuberto de várias sedas que faziam bellissima vista, e não se conta que houvesse desastre, que foi bem notável maravilha em corro tão pejado de gente.

Junto da noite, depois de corridos muitos, saiu um que, pola novidade da invenção que trouxe, foi muito aprazível. Era grande e temeroso, e vinha armado todo de ũas cubertas de couro embutidas de artificios de pólvora, e nos cornos duas grandes rodas, do mesmo artificio, bem arrematadas.

Depois que deu vista ao corro entraram cavaleiros com lanças de fogo, chegaram, pegaram-no nas rodas e juntamente em ũa parte das cubertas. Começou a fúria da pólvora fazer seu officio, e como a das cubertas se comunicava toda entre si, ardiam as rodas e ardia o touro inteiro: elas, volteando com violência, e estalando, e despedindo infinidade de foguetes e buscapés; ele, endoudecendo de braveza e pavor.

Foi grande a grita, e alvoroço, e alegria no povo e, pera ser mais comprida, o touro, como se mandado fora, buscando

remédio pera fogir do que levava consigo, correu por vezes toda a praça, e foi alegrando todos de perto.

Entretanto não estava a igreja só, antes nunca deixou de estar povoada de muitos devotos, em quanto a tarde e a festa da praça durou. E, sendo noite, assi acudiam sucessivamente homens e mulheres de todos estados, como se fora em bom dia claro, não se fartando de visitar e acompanhar o seu Santo. E com estar a terra cheia de gente estrangeira, e ser a portuguesa, principalmente mulheres, tão cuidadosa e pontual em seu recolhimento, nesta ocasião todas se houveram por dispensadas na licença e na confiança.

Assi, foi necessário estar a igreja aberta até a meia-noite, e ainda então houve assaz trabalho pera se despejar e fechar; e durou pouco fechada, porque muitas pessoas de calidade, pera tomarem lugar donde bem vissem toda a cerimónia da tresladação, e ouvissem a pregação, pediram que se lhes desse entrada de madrugada, e foram abertas as portas antes de amanhecer.

## CAPÍTULO XX

*Dá-se fim ao officio da tresladação, e leva-se  
o corpo à sepultura.*

À terça-feira, entre as sete e as oito da manhã, se começaram as laudes, assistindo o Bispo de Fez em pontifical, e com toda a mais solenidade que no dia antes se guardou em vésperas e nocturnos.

E imediatamente começou a capela a officiar a missa, a qual celebrou o Bispo, sendo ministros pera cantarem o Evangelho e Epístola dous cónegos prebendados da sé de Braga, e assistente com o Bispo nas cerimónias do pontifical e em todos os mais actos solenes deste dia o Arcediago de Barroso, que depois foi do Couto, Matias da Silva de Menezes. Procedeu a missa oficiada solenissimamente até o cabo (porque estava assentado que a pregação fosse depois) e, acabada ela, começou o sermão.

Foi pregador o Padre Presentado Frei António Feio, pregador geral da Ordem e examinador por Sua Majestade das Ordens Militares, que depois foi eleito prior de Azeitão e Évora; e sem estes títulos é pessoa mui conhecida e estimada em toda Espanha por seus escritos.

Foi ouvido com grande aplauso, porque o gosto que todos levavam em ouvir de novo as maravilhas, que nenhum ignorava, do Santo, e o órgão e viveza e bom termo de quem as referia, foram ocasião de soarem com nova graça nas orelhas dos ouvintes.

Como havia muito que dizer (e a graça de dizer muito em poucas palavras foi só concedida a este santo Arcebispo,

como mereceu ouvir por gèral pregão dos padres do santo Concílio, segundo temos nos livros atrás referido), durou o sermão grande espaço.

Sendo acabado, entraram polo cruzeiro, revestidos em capas séricas pretas, quatro dignidades da sé, o daião, e mestre-escola, e dous arceidiagos. Levava cada um diante de si dous sacerdotes em sobrepelizes, com tochas acesas nas mãos. Seguia o Bispo em pontifical, com mitra posta, acompanhado dos ministros que cantaram Evangelho e Epístola, e dos assistentes.

Nesta ordem sobiram todos à essa e, ficando no primeiro taboleiro dela, assentou-se o Bispo defronte do túmulo, com as costas pera a porta principal da igreja, em ùa cadeira de veludo carmesi franjada d'ouro, acompanhado a um e outro lado dos assistentes.

Nos quatro cantos tinham assento as quatro dignidades cada um em sua cadeira, em meio das tochas e sacerdotes que as levavam.

Logo foi o Bispo dizendo certas orações cantadas, as quais acabadas, entoou a capela um responso de defuntos; e em quanto se cantava, o menos antigo das quatro dignidades que tinham os cantos da essa moveu do lugar com muito repouso e grave continência e, com um hissope que lhe foi dado por um ministro, deu volta ao túmulo, lançando água benta; e onde acabou a volta lançando água, começou outra polos mesmos passos encensando o túmulo em roda, com um turíbulo que lhe pôs nas mãos outro ministro, e parou junto do lugar e cadeira donde saíra.

Aqui levantou a voz dizendo *Pater noster*, e logo ùa oração cantada; respondeu a capela: *Amen*. E logo foi prosseguindo outro responso diferente; e o mais moderno das três dignidades que ficavam foi fazendo as mesmas cerimónias que o primeiro; e assi as prosseguiram os dous companheiros, em terceiro e quarto lugar; e ultimamente se levantou o Bispo, cantando a capela quinto responso, e rodeou o túmulo com o hissope, e depois com o turíbulo e, tornado ao sítio primeiro, disse sua oração.

Esta ordem é conforme às regras do novo ceremonial romano, que até então não sucedera ver-se nem executar-se neste Reino, por falta de ùa ocasião semelhante. Dado fim a esta cerimónia, sobiram as quatro dignidades, assi como estavam, cada um de sua parte, os degraus da essa e, chegados ao túmulo, deceram com reverência o caixão e, tomado nos ombros, se vieram com ele pera o coro pelo meio de duas grandes fileiras de tochas acesas com que de ùa e outra parte faziam muro os clérigos do cruzeiro. Seguia o Bispo ao caixão com a mesma companhia de ministros e assistentes com que fora; e nas costas, cerravam soldados de alabardas, porque, considerando a gente que se levavam as santas reliquias pera onde não havia esperança de as tornarem a ver dos olhos, carregou tão impetuosamente por chegar a tocá-las e venerá-las de novo, que quase não eram poderosos pera a ter, nem dous capitães pera romper e abrir caminho por diante, o que foi causa que, sendo tão curta a distância da essa à sepultura, quando a ela puderam chegar passava das duas despois de meio-dia.

## CAPÍTULO XXI

*Da perturbação que houve ao recolher do corpo  
na sepultura; e da guarda que a Câmara  
de Viana lhe pôs.*

Tinham chegado as dignidades com as santas relíquias à sepultura, com o aperto e trabalho que dissemos; e não faltava mais que fazerem entrega ao Padre Provincial e a seus religiosos, quando se chegou o Arceediago do Couto, dignidade da sé de Braga, com um notário apostólico consigo, e em voz alta fez um requerimento e protesto jurídico, dizendo que aquele corpo que presente tinham do senhor Dom Frei Bertolameu dos Mártires Arcebispo que fora de Braga, por razão e direito pertencia à mesma igreja, e, como prelado que fora seu, dentro a ela havia de ser levado a sepultar em companhia de seus antecessores; que a esta conta o reverendo cabido se movera a vir ali celebrar suas exéquias como de prelado seu. E portanto, requeria a todos os presentes e a quem de direito e justiça requerer devia, de parte do Sumo Pontífice Paulo V, na Igreja de Deus presidente, que em tal sepultura não fosse recolhido, antes ali se lhes entregasse pera o levarem a seu devido jazigo, que era a sé de Braga.

Perturbou grandemente esta voz a quietação e serenidade com que até aquela hora procedera tudo; e estavam suspensos os circunstantes, esperando em que pararia, quando se ouviram outras mais desentoadas com que o juiz e vereadores de Braga, rompendo polo ajuntamento e trabalhando

por se adiantar, começaram a formar outro semelhante requerimento, começando uns, e prosseguindo outros, e falando ora um só, ora todos juntos, e dizendo que notificavam e haviam por notificados a todos os presentes, e ausentes, e futuros, a quem de direito tocasse, que eles, em seu nome e da cidade de Braga, cujos ministros eram, na melhor forma e maneira que em direito podiam, punham embargos a sepultarem ali aquele santo corpo, por quanto pertencia à sua cidade, cujo senhor no temporal e espiritual fora; e requeriam da parte de Sua Majestade que logo lhes fosse feita dele real entrega. E, não se fazendo como pediam, protestavam lhes seria restituído com todas as custas, perdas e danos, que sobre o caso recrecessem.

Foi este requerimento quasi a brados e sem moderação; e como os que o faziam eram muitos, e todos queriam nele ter parte, e suprir uns onde faltavam os outros, representava o negócio um princípio de motim, fundado sobre algũa determinação maior e mais secreta. O que causou nova alteração em todo homem vianês, de sorte que, feitos em um corpo, as justiças e vereadores com os capitães e soldados, que juntos estavam, e todos os nobres que se acharam perto, se opuseram com cólera aos de Braga, e os tiveram afastados, sem os consintir chegarem à sepultura.

Aqui levantaram de novo altas vozes, mas mudando linguagem, e dizendo que queriam ver se metiam naquele lugar o corpo do seu Arcebispo, ou se o levavam a outra parte; e, forcejando por se adiantar, não lhes valeu nada pera os deixarem passar um pé donde estavam, antes, como os naturais estavam sintidos e coléricos do escândalo, e se achavam com as armas nas mãos, temeu-se que passasse o negócio a algũa grande descomposição que eclipsasse a festa; e houve princípios que o ameaçaram, mas meteram-se os religiosos em meio, pacificando, e valeram os merecimentos do Santo pera se quietar a contenda. Contenda na verdade santa e piedosa, e em que cada parte parecia ter bom direito.

Pretendiam os de Braga alcançar por vassallos o que os vianeses possuíam por vizinhos. Braga alegava vinte anos de conversação e serviço do Santo. Viana fundava-se no amor



e vontade declarada do mesmo Santo, inda que com menos anos de vizinhança. Se Braga sentia por menoscabo seu ficar defraudada dos ossos de seu senhor, Viana tomava em caso de honra cuidar-se que poderia haver força que dentro em sua casa lhe fizesse largar nem um cabelo das santas relíquias de seu benfeitor.

Semelhante porfia e contenda de devação houve antigamente entre duas cidades de Palestina sobre as relíquias de uns Santos que os bárbaros martirizaram, requerendo-as ãa por serem seus naturais e nacidos dentro nela, e a outra defendendo-se com a razão de que eram moradores e vizinhos seus ao tempo do martírio, e com outra melhor da posse em que estavam de os terem já entre si sepultados; e com tudo não parou a competência em menos que guerra rota a fogo e sangue <sup>1</sup>.

Desta nos livrou Deus cá, e a boa e santa tenção de ambas as partes; e, como era tarde, em quanto duravam os protestos, tinham as dignidades entregue o caixão ao Padre Provincial e ele, com o prior, recebendo-o em suas mãos, o puseram dentro no moimento.

Estavam junto dele, com materiais e instrumentos prestes, o mestre das obras do convento e seus officiais, vestidos de festa e enfeitados, como era razão, pera tal obra; mas adiantaram-se o corregedor da comarca e outras pessoas principais da vila, e fizeram por suas mãos o officio alheio, tomando em braços a pesada lágea da campa, e assentando-a, e acertando-a sobre o moimento em toda perfeição.

E, por mais veneração, mandaram vir lacre e o sinete da Câmara, e selarem as juntas com as armas da vila.

Foi demonstração de zelo, mas feito ocioso, porque os jaspes brunidos não davam lugar a o lacre fazer presa e cospiam-no de si. Sobre esta diligência, antes de saírem da igreja, fizeram vir ãa grande companhia de soldados, além dos ordinários que já tinham obrigação de assistir, os quais

---

<sup>1</sup> Cassiano, coll. 6; Abb. Theodoro c. 1 *De necessitate sanctorum*.

repartiram pola igreja, crastas e adro, dando a entender nesta prevenção a determinação que tinham, quando houvesse quem se alargasse a mais que termos e formalidades jurídicas.

Esta guarda perseverou despois alguns dias, prosseguida com cuidado e pontualidade, até que os religiosos fizeram instância que cessasse. Que dizem mal armas com religião, cheiro de pólvora e enxofre com incenso e pastilhas, pífaros com órgãos, vozes quebradas e roucas de atambores com as brandas e entoadas da Igreja.

## CAPÍTULO XXII

*Do que mais succedeu este dia, e como se deu fim  
às festas da tresladação.*

Não se pode negar que foi santa e muito em honra do Santo a emulação que vimos entre as cabeças de dous povos tão illustres e antigos, começada já em seu falecimento, como deixamos escrito, e repetida agora com ânímos tão acesos e tão zelosos, que mostraram bem uns e outros, à vista de tanta multidão e diversidade de gente, o muito que prezavam suas reliquias.

E se pera o Santo foi gloriosa a questão, não o foi menos pera os que a moveram e sustentaram, ficando uns e outros julgados por devotos e reconhecidos de suas obrigações; e igualmente louvados uns, pola afervorada pretensão e desejos que mostraram, os outros, polo zelo e constância com que se opuseram defendendo-as e querendo-as pera si e pera os seus.

Que se foi ocasião de célebre litigio entre sete cidades das mui nobres da Grécia, nos tempos mais prósperos de lá, o merecimento de um varão sábio, pretendendo cada qual preferir-se em melhor razão pera lhe ser julgado por natural, e fundando só neste título ãa grande honra pera seus moradores <sup>1</sup>, quanto mais será de estimar o litigio e o espirito dos litigantes quando a causa de litigar não é um ponto vão e

---

<sup>1</sup> Aulus Gellius, *De Homero*, l. 3, c. 11.

questão de nome de um homem (qual era da Grécia) em quem não havia mais que um bom entendimento natural e boa pena pera escrever, senão a posse real de um santo de grandes maravilhas, e de quem não duvidamos estar com os anjos gozando de Deus?

Só aos nossos religiosos, que aqui foram como o campo deste duelo, resultou dele um grande dano. Tinham posto em prática com os vereadores e nobres da vila que lhes ficasse fora da sepultura a cabeça do Santo, pera com sua vista se consolarem e animarem nos trabalhos da religião. Estavam d'acordo e com determinação de lhe mandarem lavrar ãa caixa de prata em que se guardasse engastada com a veneração devida. Mas, como viram os determinados requerimentos do eclesiástico e secular de Braga, mudaram conselho, temendo que poderia acontecer polo tempo em diante vir algum prelado tão poderoso pera a Igreja de Braga, que não tivessem ânimo os religiosos pera lha defender e negar, se a pedisse.

E pois Deus e o Santo lhe tinham feito tanto bem que estava todo na sua vila, não era razão arriscarem-se a poderem em algum tempo perder tamanha parte de suas reliquias. Antes trataram logo entre si, com grande fervor, de cerrarem o moimento de ãas grades de bronze, fortes, com chaves diferentes, que estivessem no convento, ãa, e outra na Câmara; e ajuntavam que houvessem oficiais eleitos por votos em cada um ano com solenidade, pera que tivessem cargo e cuidado da sepultura. E se não houve execução em nenhum de tais pensamentos, foi a causa verem nos religiosos bastante zelo e muita conformidade com a vila.

Tanto que o povo viu o moimento cerrado, e ausentes de seus olhos as santas reliquias, buscou novo modo de satisfazer as saudades que começava a sentir delas. Correm em tropel à sepultura antiga; estavam assentadas já as lágeas, e bem ajustadas em seu lugar, e eram grandes e pesadas (mas que cousa pode resistir a povo junto?), tantos foram a elas que em um momento foram levantadas; e houve homens que se lançaram dentro, fazendo-se distribuidores da terra, e foi necessário ficar muitos dias aberta, pola consolação

que os devotos levavam em venerarem naquele pó a memória do Santo que já não achavam.

E é cousa certa que, mandando-a os frades cubrir segunda vez, visto o impedimento que era pera os officios divinos estar aberta, por ser no presbitério, acudiu polo tempo em diante tanta gente de novo, e com tanto fervor de devação, que revolveram as lágeas e a deixaram outra vez aberta.

Mas não parou aqui o espírito. O caixão velho, como morada que fora dezanove anos do Santo, foi feito em rachas, e as rachas desfeitas em rosários que se repartiram por várias partes; e um sabemos que coube ao Mestre Frei Luís de Sotomaior, o qual ele estimava tanto que, falecendo, o levou à terra posto ao pescoço, sobre um escapulário que também fora do Santo.

São as tardes de Maio tão largas que, sendo bem feitas três horas quando a gente se recolheu a comer e descansar, inda com tudo houve tempo pera se fazerem e verem novas festas que por toda a vila houve de alegres invenções, correndo as ruas muitos emmascarados, a pé e cavallo; e, ultimamente, se juntou ãa quadrilha de mancebos, todos de máscara e, vestidos a uso de monte, jugaram ãas canas com tão bons cavalos e tanta destreza e bom ar de corpos e lanças que foi julgada por ãa das mais aprazíveis festas que houve na festa.

## CAPÍTULO XXIII

*De algũas conveniências que teve esta tresladação  
com a que antigamente se fez  
de nosso Padre S. Domingos.*

Parece razão fazermos ãa repetição da algũas circun-  
tâncias que se notaram nesta tresladação, que a fizeram  
semelhante à que celebramos por toda a Ordem, das santas  
reliquias de nosso Padre S. Domingos.

Que, pois o filho foi tão verdadeiro imitador do pai nas  
virtudes e na vida, quando também succedeu parecer-se-lhe  
nos sucessos que seguiram a morte, honra é de estimar e pera  
se fazer tanto caso dela que não fique em silêncio.

Contam as histórias de nossa Ordem que havia já onze  
anos que nosso glorioso Patriarca era falecido, e jazia em  
ũa sepultura baixa da igreja de Bolonha, como qualquer  
outro religioso ordinário; e desejando todos os filhos que  
o alcançaram e trataram levantar-lhe, se possível fora, um  
mausoleu, quanto mais tirá-lo de tão humilde lugar, todavia  
se passavam os anos em traças e bons desejos, ãas vezes  
anteperados da estreita pobreza em que então se vivia, que  
não dava lugar, nem por possibilidade nem por crédito de  
religião, a se fazerem despesas maiores, outras vezes consi-  
derando seria pouca reputação do Santo e um género de aba-  
timento da devação, que Itália e toda a Cristandade lhe tinha,  
fazer ãa tresladação muda, sem muita solenidade e muitas  
festas.

Assi viviam perplexos e sem acabar de se resolver, até  
que ãa internada de águas extraordinárias e demasiadas

ajuntou tanta humidade em toda a igreja, e particularmente no lugar da sepultura, que julgaram por grande indecência e maior inconveniente de todos deixá-lo mais estar nela; e isto obrigou aos religiosos a cortar por todas as contrariedades e tratar de o mudarem com muita pressa.

Quem ler com consideração o que atrás referimos, de quando se tratou da presente tresladação do Arcebispo, bem verá que foi semelhante o motivo de ãa e outra se dilatar primeiro, e se apressar depois; e que não há mais diferença que no tempo, porque nosso Padre S. Domingos foi tresladado aos onze anos de seu bendito trãnsito, e o Arcebispo aos dezanove; e porque cá não bastavam a nos persuadir as águas e humidade do lugar, que eram tantas e maiores que as da igreja de Bolonha, e iam correndo muitos anos, acudiu Deus com outra água, que foi mais água do Céu que dos telhados, e esta acabou de derreter a neve de nossas irresoluções.

Não seria menor conveniência outra que logo apontaremos, se os leitores me derem licença pera fazermos comparação do princípio maior da Igreja de Espanha, que é o Arcebispo de Braga, Primaz dela, ao soberano príncipe de toda a Igreja católica, o Papa nosso senhor.

E fazendo-a com toda a submissão e humildade que devemos (*Si parva licet componere magnis*, quero dizer, se é sofrível haver comparação de cousas pequenas pera as muito grandes), pouco há que acabamos de contar como, indo a Braga o prior Frei Bertolameu Pinto dar conta ao Arcebispo Dom Frei Agostinho como tinha licença e ordem de seus maiores pera fabricar sepultura alta ao Santo, e o passar a ela, ele o louvou muito, queixando-se primeiro de terem dilatado tanto ãa obra tão devida. E a mesma linguagem contamos que achou em todos os mais prelados e pessoas sinaladas do Reino, com gèral alvoroço em todas pera a tresladação.

Assi, escrevemos como, sendo ultimamente rogado o mesmo Primaz quisesse com sua pessoa autorizar aquele auto, como dantes tinha oferecido que faria, intervieram tais inconvenientes e tão forçosos que lhe impossibilitaram a

jornada; e por não faltar com o que podia, mandou o seu bispo titular, cabido e dignidades, com tudo o mais que vimos, afirmando que, se não estivera preso de indisposições, com a mesma vontade lhe acudiria agora que fizera em outro tempo, quando fora seu enfermeiro e, depois, oficiador de suas exéquias.

Digo, pois, tomada a licença da comparação, que todas estas circunstâncias acharemos na tresladação do Padre S. Domingos, mudados somente os títulos e a grandeza das pessoas. Porque no tempo que faleceu lhe fez o officio da sepultura o Papa Gregório IX, ainda que então não era mais que Bispo de Óstia e legado apostólico em Bolonha, conhecido pelo nome de Cardeal Ugolino; e depois de eleito Papa, indo os nossos religiosos dar-lhe conta da tresladação que determinaram fazer, não só os incitou e animou a ela, mas com palavras graves lhes estranhou o descuido de deixarem passar tantos anos sem cuidarem em tal, chamando-os ingratos a tão santo e honrado pai <sup>1</sup>.

O mesmo ânimo lhe deram os cardeais e prelados da Corte a quem comunicaram a determinação.

Nem mais nem menos quando chegou o dia aprazado da festa, em que a maior de todas havia de ser a presença de um pontífice romano, devoto e amigo do defunto e de sua Ordem, foram tantos os desvios que o tempo acarretou para estorvar passar-se o Papa, com a corte, de Reate, onde estava, para Bolonha, que, em fim, se escusou, mostrando ao Gêral da Ordem, que era o santo Frei Jordão, com palavras de muito amor e honra, que sentia não poder ir honrar os ossos de seu grande amigo na segunda sepultura, como fizera na primeira. E logo mandou despachar cartas para o Arcebispo de Ravena, que, com os Bispos de Modena, Brexa e Bolonha e também o de Tornaco, assistissem na tresladação, e procurassem todos grande magnificência nela.

E assi como vimos que o nosso Provincial Frei João da Cruz, com o prior de Viana e mais priores, fez abrir a sepul-

---

<sup>1</sup> Fr. Antonio Senense, in *Vitis Patrum Ordinis Praedicatorum*, l. 5, c. 5. Fr. Juan de la Cruz, *Cronica de la Or. de S. Domingos*, l. 1, c. 28.



tura do Arcebispo e o caixão em que estava e, por suas mãos, o passou a outro novo e bem guarnecido, e, antes de o levar a nova morada, deu vista dos santos ossos ao Bispo de Fez, dignidades, cónegos e cabido de Braga, e às justiças, e vereadores, e pessoas nobres de Viana e Braga, e todos com reverência os veneraram e beijaram, da mesma maneira nos contam as histórias que fez o santo Gèral Frei Jordão, sem discrepar um ponto, assi no abrir da sepultura e caixão antigo (o que fez com o Provincial de Lombardia), como em o passar a outro mais rico e a sepultura alta e sumptuosa, manifestando primeiro as santas relíquias ao Arcebispo de Ravena e aos prelados seus companheiros, os quais todos, com os magistrados e gente principal de Bolonha, as reverenciaram, beijando-as com devação e humildade, e foram testemunhas de um cheiro deleitosíssimo que delas saía, diferente de todos os que no mundo são mais estimados <sup>2</sup>.

E porque tudo fosse semelhante em Bolonha como em Viana, também os nobres bolonheses se temeram de roubos e, acautelando-se sem ter émulos, meteram gente armada na igreja, e fizeram sua tresladação sobre seguro.

E assi como em Bolonha fez officio dela, pola Religião, um filho muito amado de nosso Padre S. Domingos, e o que tinha o primeiro lugar na Ordem, assi o fez em Viana o mais querido e estimado filho que o santo Arcebispo tinha, na mesma Religião e nesta Provincia, que era o Padre Frei João da Cruz; e parece ordenou Deus pera consolação d'ambos vir a cair a tresladação em tempo que ele governava a Ordem, como cabeça e Provincial dela neste Reino.

Só notamos duas diferenças em todo este successo.

Ûa muito posta em razão, qual foi serem todos os ministros dele, no que toca ao pai, muito aventajados em pessoas, cargos e autoridade; lá, gèral e provinciais, cá provincial e priores; lá, arcebispo e bispos, cá, bispo e cónegos; justíssima diferença que com bom conselho não pudera sair

---

<sup>2</sup> Fr. Antonio Senense, in *Vitis Patrum Ordinis Praedicatorum*, l. 7, c. 1. Fr. Juan de la Cruz, *Cronica de la Or. de S. Domingos*, l. 1, c. 29.

melhor traçada. *Non est servus maior domino suo*<sup>3</sup>, nem o filho é razão que seja aventajado a seu pai, e a tal pai.

A outra diferença foi que o santo Frei Jordão deixou em Bolonha fora da sepultura a cabeça do glorioso Patriarca, pera alívio das saudades dos filhos; e em Viana, pera perpétua mágoa dos desta Província, nos ficou a do Arcebispo, debaixo das lágeas do novo sepulcro, com o resto de seu corpo, do que foi causa, não inadvertência ou falta de vontade no Padre Provincial Frei João da Cruz, mas o não esperado litígio que os bracarenses levantaram.

E não é pouco de notar por singular conveniência estarem as cabeças de pai e filho em estado de poderem ficar ambas separadas dos mais membros e, tendo o tempo executado em ambas os efeitos que costuma em carne mortal, ficarem vencidos do cheiro e fragrância que delas saía, tanto mais de espantar quanto é maior a contrariedade que entre si têm corrupção de carne e suavidade de cheiro.

Seja o Senhor bendito, que assi é servido que cesse ou seja vencido o curso natural das cousas, pera honra e crédito de Seus Santos.

---

<sup>3</sup> Jo., 13, 16; 15, 20.

## CAPÍTULO XXIV

*Apontam-se algũas particularidades  
que houve nesta festa dignas de consideração.*

Notaram pessoas de bom entendimento que favoreceu o tempo esta tresladação com tantas circunstâncias juntas, e muito extraordinárias, cada ũa por si, que assentavam serem manifestos sinais do que Deus estimava o que a terra fazia por Seu bom servo, porque não parecia possível juntarem-se a caso tantas cousas e tão diferentes como aqui se viram.

É cousa certa que todos os dias que precederam ao sábadó, na semana em que as festas começaram, esteve o tempo chuvoso, frio e desabrido até a sexta-feira, e quando veio ao sábadó amanheceu o dia claro, sereno e brandó (verdadeiro dia de Maio), e o que mais espantou, sem bafo de vento, sendo em tal tempo ordinárias e contínuas ventanias nesta costa.

E durou esta calada ou trégua de vento até a terça-feira e, logo à quarta, amanheceu o céu toldado, arripiou o tempo e tornaram a cursar ventos. Desta particularidade naceu outra que os homens mais velhos julgavam por rara e prodigiosa sobre todas, a qual era que se lembravam de quarenta e cinquenta anos atrás não se ver nunca naquela semana, que era de Ledainhas, e se juntavam cinco dias de obrigação de abstinência de carnes, bastante provimento de peixe pera sustentação da vila, senão antes falta notável e muitas queixas disso, por causa das tormentas que temos

dito; e succedeu tanto ao revés na ocasião presente que, estando a terra cheia de gente em número, como dissemos, de mais de trinta mil almas, foi excessiva a abundância de todo género de pescado, de sorte que, não se contentando os pescadores com o porem nas praças, como é costume, andavam com carros cheios pelas ruas convidando o povo a comprar. E daqui se pode entender o barato que fariam.

A maior força de peixe eram pescadas, e ruivos, e lagostas; e as lagostas em tanta cópia que rogavam com elas e o preço comum era quasi de graça. De todos os mais mantimentos houve muita abastança, e tal barateza, que se viu trocada a natureza das mercadorias ou dos mercadores, porque, sendo infinitos os que compravam, andava a competência com eles o barato das cousas.

Assi, passou tanta gente com muita largueza e pouca despesa, que a hóspedes e naturais alegrava e espantava. Mas o que mais alegres e mais festejados fez estes dias foi que em tamanho concurso de gente, e tanta diversidade de nações — castelhanos, galegos, franceses, ingleses, framenços e irlandeses — houve ãa perpétua conformidade e paz. E como se estiveram com voto feito de a conservarem inviolável, assi se não arrancou espada, nem ouviu diferença de obra nem palavra, salvo a da Igreja, que, como fundada em zelo e devação, não merece mau nome.

E considerada a natureza dos homens de Viana, altivos, briosos e brigosos, e considerando andarem as ruas cheias de emmascarados, que se afirma foram nos quatro dias mais de três mil, e algũas pessoas de conta disfraçadas, parecia esta quietação milagrosa.

E não excedemos no encarecimento, pois nos consta que em outro semelhante ajuntamento que houve na cidade de Barcelona, em Catalunha, à festa da canonização de S. Raimundo, religioso da nossa Ordem e natural daquela cidade, se pregou nos púlpitos, por milagre e obra do Santo, passar o dia da solenidade sem mortes e sem brigas. Assi se escreve no livro que anda desta festa <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Gemmes de Rebulhosa, discurso 11, fol. 238.

Não se tenha por milagre, mas não deixa de ser grande maravilha que, estando a igreja, coro, capelas e crastas do convento ornadas com tanto gasto e curiosidade, como temos dito, em que havia por cada lugar muitas cousas fáceis de levar, como pedaços de sedas, e cortes de tela, e peças de ouro e prata, mormente em tanto aperto e revolta de gente sem conto, que vencia todo o cuidado e cautela, e sendo as figuras da procissão tantas e todas enfeitadas, e cubertas de peças d'ouro e pedraria fáceis de cair e arrancar, muito difficil-tosas de achar sendo perdidas, nenhũa cousa se furtou nem achou menos, nada se perdeu nem danificou em parte notável.

## CAPÍTULO XXV

*De alguns sucessos em que se notou especial favor divino nestes dias.*

Em outras cousas muitas atentaram os curiosos, de que se podia fazer com razão muito caso, por raras e fora do curso ordinário; mas só de quatro faremos memória, pera glória de Deus e das misericórdias e grandezas que obra por quem O serve.

Foi a primeira que, sendo tantas as invenções e artificios de fogo, como contámos, e havendo por toda a vila outros muitos que não escrevemos por abreviar, de nenhum deles nem das salvas da fortaleza, naus, caravelas e galés, tanto de artilharia como de arcabuzeria e mosquetaria, que foram muitas e continuadas, resultou desastre, nem perigo, nem desconcerto, sendo tão arriscado o trato da pólvora, que raramente se achará homem que o continuasse sem algum dano.

E polos muitos males que a experiência tem mostrado, cujo princípio não foi outro, a cousa em que na guerra de mar e terra têm os capitães mais vigilância e maior guarda é a pólvora. Mas porque ficasse provado que o Céu era o que fazia a guarda nestes dias, foi cousa averiguada e vista por muitos que, em ãa das galés, caiu um murrão aceso sobre quantidade de pólvora (não se pode contar sem pavor), que bastava pera fazer voar a galé com quantos iam dentro; e não fez mais efeito que se caíra sobre area.

Não é menos danoso o fogo da heregia que o da pólvora mais refinada; mas o anjo do Senhor que tirou a violência

ao da pólvora pera nos não aguar o gosto da festa, mortificou também o outro de maneira (e esta seja a segunda cousa das notadas) que alguns estrangeiros, de que não havia dúvida serem hereges, ajudaram a celebrar esta festa de seu moto próprio, sem serem constrangidos nem rogados, e com muito gasto e gosto.

E o que mais é de maravilhar que, infundindo o demónio nos ânimos destes cegos mortal ódio e raiva contra as relíquias dos Santos e sua veneração, estiveram nesta ocasião tão trocados que houve alguns que pediram com instância das lascas do caixão do Santo, quando se desfazia, e da terra da sepultura.

O terceiro successo que muito moveu os ânimos de todos a grande exaltação dos favores e mercês que palpavelmente fez Deus nesta ocasião à vila de Viana foi verem entrar de mar em fora, na mesma tarde que a procissão andava, ao domingo, três navios, os quais se soube logo que vinham do Brasil carregados de mercadorias pertencentes aos naturais em retorno de seus tratos; e, alegrando a terra com o alvoroço do proveito que tocava a todos, acrecentaram a festa com muitas bombardadas, que vinham tirado, com o gosto de se verem em sua casa.

E é cousa certa que alguns dos interessados neles, depois de lidas as cartas de seus respondentes, afirmavam que com os terem no porto estavam largamente e com vantagem pagos de tudo o que tinham gastado na ocasião presente, porque não somente viam sua fazenda posta em salvo, em tempo que já desesperavam dela, por andarem os cossários senhores do mar, mas tinham novas de crecidos interesses nas que haviam enviado.

E porque o gosto abrangesse mais em geral, e tudo se devesse à festa que tinham entre mãos, entraram na mesma maré outros navios de França e Frandes, com outra sorte de mercadorias, e muito pão, que é mercadoria de todos, e mais necessária que todas.

Mas sobre toda a admiração, enleava e suspendia os entendimentos mais especulativos, em quarto lugar, o modo de gasalhado de tantos milhares de hóspedes quantos estes

quatro ou cinco dias se recolheram em ãa vila não grande, onde as estalagens públicas não eram capazes, e nas casas particulares não era possível terem todos parentes, ou amigos, ou conhecidos, e não havia dar evasão nem atinar com as dúvidas que se ofereciam. Porque a gente era tanta que por nenhũa parte da vila se ia que se pudesse romper com aperto; e no mesmo tempo que estavam juntos e apertados nos palanques ou nas praças, assi estavam a igreja e crastas do convento e todas as ruas cheias, como se lá estivera tudo ermo, e cá fora a festa toda. E isto tudo em um mesmo tempo e a ãa mesma hora.

Destas maravilhas juntas nacia ãa maior, que fazia levantar os olhos ao Céu e, com alegria e fé viva, confessar por verdadeira aquela sentença tantas vezes repetida *Mirabilis Deus in Sanctis suis* <sup>1</sup>, e logo exclamar, com o fidelíssimo Agostinho, *Si tanta facis nobis in carcere, quid ages in palatio?* (Se tantas grandezas obrais por Vossos servos cá nas masmorras e enxovias do mundo, que fareis nos Vossos paços celestiais?); *Si tanta solatia in hac die lacrymarum, quanta conferes in die nuptiarum?* <sup>2</sup> (Se tantos bens lhes fazeis no dia triste desta vida, que é dia de lágrimas e misérias, que será no dia das vodas e glórias da eternidade?).

---

<sup>1</sup> Sl., 67, 36.

<sup>2</sup> Augustinus, *Soliloq.*, cap. 21.



## CAPÍTULO XXVI

*Da pranta da sepultura do santo Arcebispo,  
e do letreiro que nela se esculpiu.*

Cerrada a sepultura e encerrado nela o santo depósito, pareceu que vestiram aqueles mármoreos outra graça, outro lustre e perfeição. Assim se representavam agora fermosos e airosos aos mesmos que dantes não faziam caso deles. Assim se deleitavam todos na fineza da pedraria, na bem entendida architectura; e, em fim, o que primeiro eram lágeas mortas e frias, já como se alma tiveram, comunicavam devação e fervor.

Até os que não entendiam a língua latina trabalhavam por penetrar a letra do epitáfio, e alcançar as particularidades deia. Já a tomavam na memória, e de tudo faziam pasto a sua devação. Que, na verdade, esta era a que levava após si os olhos corporais e aos da alma afigurava toda a fábrica cheia de beleza, e digna de reverência.

E se havia quem imprimia na alma o epitáfio, outros se contentavam com esculpir nela a traça e compostura do edificio. Do qual daremos notícia aos que o não viram, com pintura de pena, que, dado que não mostre sombras e matizes como faz o pincel, nesta tinta negra que cobre todas as tintas, sem admitir cor nenhũa, vivem com maior perfeição as pirâmides do Egipto, os mausoleus de Cária, os colossos e anfiteatros de Roma, que nos mármoreos diamantinos de que foram compostos, dos quais hoje não temos mais que a fama.

Gastou o tempo e consumiu essas máquinas que nas aparência competiam com a eternidade (alardo vão da soberba e poder humano) e o que hoje vemos dela não é mais que ãa ossada e membros podres delidos da antiguidade; e até na mesma Roma, cabeça do mundo, não achamos nada daquela Roma que o assombrava. O que dela e delas achamos e sabemos é beneficio da escritura. Com este, pois, sirvamos também o Santo.

Criam os montes de Lisboa perfeitissimos mármorees, jaspees brancos e vermelhos de toda fineza.

Os brancos, depois de lavrados e brunidos, são espelhos em lustre, e alabastro em alvura, e descobrem ãas águas que lhe acrescentam grande graça. A mesma têm os vermelhos, que parece se esteve recreando a natureza nos claros e escuros com que os varia e ondea, fazendo em ãa só cor muitas diferenças de cores, como se com pincel se pusera a dar a ãas partes mais ou menos luz, a outras, mais ou menos sombra e, depois, fôra com arte misturando ãa cousa e outra; e sobre esta perfeição descobrem a espaços, e como a furto, uns nós ao parecer de alabastro que, com sua alvura, realçam maravilhosamente o rosicré natural do jaspe.

Deste material é o edificio da sepultura, sem mistura doutro, e conforma bem com ele a obra e feitio quanto sofre a qualidade da fábrica, que se determinou fosse cousa chã, e durável, e de obra dórica.

Faz base e fundamento a toda ela um degrau de mármore branco, com seu bocel e filete por ornamento, que nace no canto da capela-mor, da parte do Evangelho, e, assentando sobre o presbitério, corre contra o coro em tanto comprimento quanto toma ao justo todo o presbitério.

Sobre os estremos deste degrau se levantam dous grandes pilares de mármore branco, ambos peças inteiras de ãa só pedra cada um, sem mais obra que seu refendimento, e bases e capitéis de jaspe vermelho. Do jaspe dos pilares é o arquitrave e, consiguientemente, o friso e cornija.

A este edificio serve de remate um frontispício aberto, pera dar lugar a ãa grande tarja bem obrada e guarneçada,

que ocupa todo o rasgado; e é de jaspe alvíssimo, que o parece mais com a vizinhança do vermelho, que enche o espaço interior do frontispício, de ãa e outra parte da tarja, e fica fazendo respondência na cor aos capitéis e bases dos pilares.

A tarja faz no meio um círculo ovado, em que parece entalhada a cruz quarteada de branco e negro, divisa da Ordem de São Domingos e do santo Arcebispo, com seu sombreiro por timbre, e laços de cordões e borlas verdes por paquifes. Por fora do círculo faz orla a letra que o Santo usava: *Ardere et lucere; nolite conformari huic saeculo.*

Sobre a tarja sobe ãa pequena pirâmide que, com ãa dourada boia em que fenece, faz remate ao frontispício e a toda a obra. Comprende esta portada, no interior dela, um arco cujas faces, dentro e fora, são de mármore branco, liso e sem guarnição; e carrega sobre quatro pilares do mesmo, que tem suas bases ao olivel dos pilares grandes; e assi bases como empostas são de jaspe vermelho, e do mesmo é toda a volta interior do arco, e a distância que fica entre os pilares polos lados, que é tanta como toda a largura da caixa da sepultura que acompanham; e do mesmo jaspe vermelho são os seguintes do arco que, a modo de triângulos, lhe fazem ornamento por fora, de um e outro lado.

Debaxo do arco se mostra a sepultura do Santo na forma seguinte: ao nível do envazamento dos pilares se estende um soco de jaspe branco que em comprimento toma quase todo o campo que há entre as bases dos pilares. Sobre ele corre ãa faixa ou cinta de jaspe vermelho, com seu bocel por cima, de largura da faixa, e outro logo, mais estreito, da mesma pedra; e estas peças ficam por base da sepultura que sobre elas assenta, a qual é um túmulo ou caixa de jaspe branco, de bom comprimento, e de largura e altura proporcionada, com sua faixa em roda, lavrada no mesmo mármore, que lhe fica por moldura ou refendimento, com sua cinta por cima, e seu bocel do mesmo jaspe branco; e sobre este bocel assentam várias guarnições de jaspe vermelho que fazem cimalha ao túmulo.

Daqui começa a levantar outro corpo de obra mais miúda que dá perfeição ao moimento, e fica fazendo cobertura ou tampão à caixa dele. Funda-se em um meio bocel grande, de jaspe vermelho, que faz sacada sobre as guarnições inferiores; e logo sobre ele vão sobindo outras guarnições de mármore branco mais recolhidas, que são ãa cinta, de que nace ãa meia cana de boa altura, a qual, recolhendo-se mais que a cinta pola parte superior, tem sobre si outra cinta mais estreita que a de baixo, por cima da qual corre ãa gula ou coroa, com sua cinta, que se estende à medida da primeira.

A esta obra de jaspe branco succede e faz remate a todo o túmulo um triângulo de jaspe vermelho, no meio do qual se faz outro como refendimento na mesma pedra, e acabara de formar pirâmide, se não foram ambos cortados polos dous terços de sua altura, pera descobrir e dar vista de um caixilho de jaspe vermelho, que toma em comprimento todo o espaço que há de capitel a capitel dos pilares interiores, sobre que nace o arco.

Tem o caixilho nos quatro cantos uns círculos ou tachões de pedra negra lustrada, que o representam pregado na parede fronteira sobre o túmulo; e no vão comprende ãa lágea branca, como grande tábua, em que se lê o epitáfio esculpido em grandes caracteres. Sobre o caixilho assenta um ovado dourado, reduzido também no vão do arco, mas já na parte mais alta dele, no qual se vê o retrato do Santo em campo negro, revestido em capa de brocado.

Tal é a fábrica da sepultura. A letra do epitáfio é latina e diz assi:

### *Deo Optimo Maximo*

*Frater Bartolomeus de Martyribus Ulysiponensis, Dominicanus, Hispaniarum Primas, Adam ter magnus hic situs est; qui ad Bracharensem sedem a cella, ut aiebat, tanquam a regno ad crucem raptus, cum secunda post Apostolos dispensandae Ecclesiae gratia, inter alios ut Sol inter minores stellas diuinitus fulsisset, Summis*

*Pontificibus, Patribusque Concilii Tridentini spectabilis, probatus et charus, ingrauescente aetate, sponte abdicata sede, cellam monasterii huius, quod condiderat libens repetiit, ubi et sancte vixit dilectus Deo et hominibus et diuina patiens ab osculo Domini assumptus est; heu pauperum pater et religiosorum, amator pudicitiae, aemulatione Martyr, professione Doctor, sal terrae, lucerna ardens et lucens, rarum verorum Episcoporum exemplar et velut adeps separatus a carne. Vixit annos 76, a professione Dominicana 62, a consecratione Episcopi 32. A regressu ad Ordinem 8. Obiit anno Domini Die decimo sexto Iulii. Requiescat in pace 1590. Amen.*

Truzido em nossa linguagem responde o seguinte:

«A Deus de toda bondade e grandeza.

«Aqui jaz Frei Bertolameu dos Mártires, natural de Lisboa, religioso da Ordem de S. Domingos, Primaz das Espanhas, Adão três vezes grande; o qual, sendo tirado da sua cela pera a sede e arcebispado de Braga, assi foi em sua opinião forçado e violentado, como se o arrancaram donde tinha cetro e reinado, pera ir ser crucificado. E tendo por mercê de Deus alcançado em segundo lugar aquela graça de bem governar a Igreja, que os Apóstolos somente tiveram em primeiro, e com tanta abundância que resplandeceu entre os homens, como sol entre as mais pequenas estrelas, do que naceu ser amado dos Sumos Pontífices, respeitado e estimado dos padres do Concilio Tridentino; vendo-se entrado em dias, deixou de sua vontade a dignidade, e tornou a povoar alegremente ãa cela, que escolheu neste convento, que ele tinha edificado, na qual passou o restante da vida amado de Deus e dos homens; e, vivendo em contínuo trato com o Céu por meio de altas contemplações e arrebatamentos da alma, foi levado a ele d'entre os braços e ósculos do Senhor, com mágoa dos

pobres e dos religiosos, aquele que era pai deles, amador da pureza, mártir em desejos, em profissão de letras doutor e mestre, sal da terra, tocha acesa e cheia de luz, raro espelho e treslado de verdadeiros bispos, e entre todos como a banha e grossura apartada da carne<sup>1</sup>. Viveu 76 [anos] e, entrado, em 62 de hábito, e 32 de arcebispo; e, compridos 8 despois que tornou pera a Ordem, fálceou no do Senhor de 1590, aos 16 de Julho. *Requiescat in pace. Amen*».

FINIS

---

<sup>1</sup> Ecll., 47, 2.



ÍNDICE TOPONÍMICO E ANTROPONÍMICO <sup>1</sup>

- ABADIA — 224.  
 ABDALÁ, Xarife Mulei — 187.  
 ABDARRAMEN — 450.  
 ABRAÃO — 102, 228, 464, 753.  
 ABRANTES — 122.  
 AÇA, D. Joana d' — 308.  
 AÇORES — 352.  
 AÇORES, bispo dos (D. Fr. Jorze de Santiago) — 291.  
 ADÃO — 239, 687, 812.  
 ADIGE — 157.  
 ADRIÁTICO — 157, 277.  
 AFONSO, D. João (Arcebispo de Braga) — Vid. *Vasconcelos*.  
 AFONSO III, D. — 125, 126.  
 AFONSO V, D. — 273, 446, 673.  
 ÁFRICA — 186, 254, 456, 493, 497, 692, 696.  
 AGAR — 210.  
 AGOSTINHO, S. — 84, 113, 145, 220, 289.  
 AIRÃO — Vid. *Santa Maria de Airão*.  
 AIX — 290, 293.  
 ALBERTO, Arquiduque — 638.  
 — Leandro — 14.  
 ALBERTO MAGNO, Fr. — 42.  
 ALCÁCERE, 493.  
 ALBIGENSES — 154.  
 ALEMANHA — 117, 128, 141, 157, 223.  
 ALENTEJO — 444.  
 ALEXANDRE — 114, 302, 390, 637, 695.  
 ALEXANDRINO, cardcal (Fr. Miguel Gislieri) — 249, 253, 260, 410.  
 ALGARVE — 444.  
 ALMAÇAM — 306.  
 ALMADA — 175.  
 ALMADA, D. Manuel de (Bispo de Angra) — 352.  
 ALMEIDA, D. Cristóvão d' — 122.  
 — D. João d' — 122.  
 — D. Jorge d' — 508.  
 ALPEDRINHA — 273.  
 ALPES — 10, 154.  
 ALPES TRIDENTINOS — 157.  
 ALTAMIRA, rua de — 123.  
 ALTEMPS, Cardeal — 243.  
 ÁLVARES, Gaspar — 421.  
 ALVITEGUDINO — 316.  
 AMADA — 231.  
 AMADEU, Fr. — 288.  
 AMADEUS — 289.  
 AMARANTE — 416, 483, 770.  
 AMBRÓSIO, S. — 14, 110, 113, 288.  
 ANCONA — 278.  
 ANDALO, Diana de — 231.  
 ANDRADE, Diogo Paiva d' — 221.  
 ANDRÉ, S. — 594.

<sup>1</sup> Organizado pelo P.<sup>s</sup> Fr. Raul de Almeida Rolo, O. P.



- ANGELO, Castelo de Sant' — 262.  
 ANGRA, bispo de (D. Manuel de Almada) — 352.  
 ANÍBAL — 11.  
 ANJOU, casa de — 12.  
 ANRIQUE, cardeal D. — Vid. *Henrique*.  
 ANRIQUES, D. Afonso — 11, 497.  
 ANTÃO, S. — 227.  
 ANTONINO, S. (Arcebispo de Florença) — 47, 235, 674, 756.  
 ANTÓNIO, S. — 161, 164.  
 — Prior do Crato, D. — 29, 33, 496, 497, 498, 500.  
 APENINO — 287.  
 AQUILEIA, patriarca de — 203.  
 AQUILES — 4, 309.  
 AQUITANIA — 153.  
 ARAGÃO — 302, 303, 304, 670.  
 ARANDA DO DOURO — 307, 308.  
 ARCÁDIO — 33.  
 ARGA, serra d' — 125.  
 ARGANIL, conde de (Bispo de Coimbra) — 220.  
 ARISTÓTELES — 124.  
 ARONA — 13.  
 ARRÁBIDA, prov. de — 216.  
 ARSÊNIO — 33.  
 ARTAXERXES — 343.  
 ÁSIA — 222.  
 ASPILCUETA, Martim Salvador — 55.  
 ASSIS — 273.  
 ASTÚRIAS — 122.  
 ATAÍDE, D. Jorge de (Bispo de Viseu) — 221, 719.  
 ATANÁSIO, S. — 162, 542.  
 ATENAS — 200.  
 ÁTRIO — 129.  
 ÁUSTRIA — 128, 158.  
 ÁUSTRIA, casa de — 602.  
 AUX — 153.  
 AVEIRO, duque de — 720.  
 AVIENO, Festo Rufo — 125.  
 AVINHÃO — 154, 284, 286, 293, 294.  
 AVIS, Ordem de — 670.  
 AYALA, D. Martin Pérez de (Bispo de Segóvia) — 199.  
 AZAMBUJA, Fr. Jerónimo d' — 123.  
 AZEITÃO, convento de — 54, 787.  
 AZEVEDO, Inácio de — 98, 171.  
 — D. Jerónimo de — 98.  
 BABILÓNIA — 758, 759.  
 BAIONA — 153.  
 BAPTISTA, João S. — 26, 162, 531, 667, 688.  
 BÁRBARA, S. — 162.  
 BÁRBARO, Daniel — 203.  
 BARBOSA, Francisco da Rocha — 121.  
 BARCAS — 296.  
 BARCELONA, — 295, 296, 298, 670, 803.  
 BARCELOS — 85.  
 BARREIRA — 69.  
 BARROSO — 92, 334, 346, 349, 365, 380, 382, 445.  
 BARROSO, arcediogo de — 787.  
 BASÍLIO MAGNO, S. — 113.  
 BASTO, Santa Senhorinha de — 445.  
 BATALHA, convento da — 27, 56, 146, 205, 528.  
 BAUTISTA, Vid. *Baptista*, João S.  
 BEIRA — 273, 444.  
 BELÉM — 72, 553, 612.  
 BELIAL — 468.  
 BELONE — 128.  
 BELPUCHE — 300, 302.  
 BELVEDER — 246, 263.  
 BENFICA — 54, 103, 231.  
 BENFICA, convento de — 21, 30, 33, 37, 42, 47, 53, 109, 143, 309, 696.  
 BERBERIA — 186.  
 BERMUDES, Pero — 607.  
 BERNABÉ, S. — 154.

- BERNARDO, S. — 23, 283, 284, 285,  
 286, 349, 427, 544, 640.  
 BISCAIA — 152.  
 BOAVENTURA, S. — 23, 284, 658.  
 BOBADILHA, Fr. Francisco — 28.  
 BOLONHA — 43, 57, 205, 226, 231,  
 236, 797, 798, 799, 800.  
 BOLONHA, conde de — 129.  
 BONELO, Fr. Miguel — 410.  
 BONIFÁCIO VIII — 277, 290.  
 BORGES, Fr. Jerónimo — 123, 168,  
 204.  
 BORROMEU, cardeal (Arcebispo  
 de Milão) — 243, 259, 368, 471,  
 632, 669, 677.  
 BOTERO, João — 187.  
 BRACARENSE — Vid. *Mártires*,  
 Bertolameu dos.  
 BRAGA — *passim*.  
 — arcebispo de — Vid. *Már-*  
*tires*, Bertolameu dos.  
 BRAGANÇA — 143, 145, 146, 316.  
 — D. Teotónio de — 508,  
 594, 697.  
 BRANDÃO, Rui — 444.  
 BRASIL — 77, 98, 117, 130, 806.  
 BREANSON — 154.  
 BREITIZ, Infante de Portugal —  
 289.  
 BREXA — 155, 227, 228, 799.  
 BRINSIER — 155.  
 BRISSIERS — 154, 295.  
 BRITANDOS, Francisco Pereira  
 de — 751.  
 BURGHETO — 273.  
 BURGOS, bispado de — 209.  
 BURJULARÓS — 302.  
 CABEDO, Miguel de — 444.  
 CABRAS, Portela das — 483.  
 CÁCEGAS, Fr. Luís de — 4.  
 CAETANO, cardeal — 93.  
 CALAHORRA — 450, 451, 452.  
 CALAROGA — Vid. *Calaruega*.  
 CALARUEGA — 397.  
 CALIAN — 156.  
 CALHEIROS, Baltasar — 121.  
 CÂMARA, Jorze da — 720.  
 — Martinho Gonçalves da  
 — 412.  
 CAMBRAY, bispo de — 408.  
 CAMINHA — 704.  
 ÇAMORA — 149.  
 CAMPO, Florião do — 127.  
 — Medina del — 306, 308.  
 — S. Martinho do — 399.  
 CAPISTRANO — 154.  
 CAPUCHINHOS — 216.  
 ÇARAGOÇA — 299, 302, 303, 305.  
 CARCASSONA — 154.  
 CARDOSO, Diogo Rodrigues — 444.  
 CÁRIA — 808.  
 CARLOS, S. (Arcebispo de Milão),  
 Vid. *Borromeu*.  
 CARLOS V — 41, 695.  
 CARLOS MAGNO — 296.  
 CARPENTRAS — 154.  
 CARTAGINESES IV, Concílio — 90,  
 113.  
 CARTAGO — 296.  
 CARVALHO, Álvaro de — 188.  
 — Rui de Sousa de — 188.  
 CASAL, D. Gaspar do (Bispo de  
 Leiria) — 220, 221.  
 CASSAN — 155.  
 CASTANHEIRA, conde da — 221.  
 CASTELA — 25, 127, 149, 187, 170,  
 304, 306, 307, 375, 498, 499, 505,  
 630, 692, 727, 731.  
 CASTEL-BRANCO, D. Afonso (Bispo  
 de Coimbra) — 719, 720.  
 CASTELO RODRIGO, marquês de  
 — 719.  
 CASTELA-A-VELHA — 306.  
 CASTELFRANCO, Felix — 775.  
 CASTELLIONE — Vid. *Romeu*, Fr.  
 Francisco.  
 CASTELO, Santa Maria do —  
 Vid. *Santa Maria do Castelo*.

- CASTILHO, Valcriano de Frias de — 730, 769, 778.
- CASTRO, D. Fr. Agostinho de (Arcebispo de Braga) — 14, 585, 589, 590, 593, 594, 597, 672, 675, 712, 715, 769, 798.
- CASTRO, D. Álvaro de — 211, 240, 674.
- CASTRO, Fernão de — 422.
- D. Fernão d'Álvares de — 675.
- CASTRO, D. Jerónimo de — 729.
- D. João de — 674.
- CATALUNHA — 295, 296, 302, 304, 626, 803.
- CATERINA, Rainha D. — 35, 123, 188, 193, 255, 421, 624, 626.
- CECÍLIA — 231.
- CEITA — 289.
- bispo de (D. Diogo Correa) — 422, 692, 696.
- CERVEIRA — 299.
- CÉSAR, era de — 452, 594.
- CESÍLIA — 483.
- CEUTA — Vid. Ceita.
- CHAGAS, Fr. Simão das — 31.
- CHAVES, Dr. Francisco de — 698.
- CHINA — 31, 108, 256, 645, 733.
- CINCINATO — 636.
- CISTER — 283, 286.
- CÍTIA — 89.
- CLARA, S. — 273, 276, 277, 456, 504.
- CLARAVAL — 283, 284, 286.
- CLÁUDIO — 628.
- CLAVIJO — 450.
- CLEMENTE IV — 419.
- COCHIM — 143, 696.
- COIMBRA — 220, 223, 396, 455, 456, 458, 719.
- COIMBRA, bispo de (D. Fr. João Soares) — 178, 220, 288.
- COIMBRA, bispo de (D. Afonso Castel-Branco) — 720.
- COIMBRA, Universidade de — 97, 222, 223, 479, 504, 636, 684.
- COIRA — Vid. Coura.
- COLUSUARINO, Fr. Jerónimo — 282.
- COMPANHIA DE JESUS — 97, 120, 160, 178, 179, 599, 610.
- COMPANHIA DE JESUS, Província da — 771, 782.
- COMPOSTELA — 453.
- CONSTANTINO MAGNO — 115.
- CONSTANTINOPLA — 54.
- CÓRDOVA — 450.
- CORNEJO, Dr. Belchior — 179.
- CORQUICLON — 735.
- CORREA, D. Diogo (Bispo de Ceita e Portalegre) — 422, 692, 696, 720.
- CORREA, D. Joana — 422, 720.
- D. Leonor — 422.
- Lourenço — 444.
- Maria — 13.
- Pero Vaz — 422.
- COSTA, cardeal D. Jorze da — 273.
- D. Pedro da (Bispo de Osmá) — 307.
- Francisco da — 606.
- Osmá) — 307.
- COURA — 123, 207.
- COUTINHO, Manuel de Sousa — 222.
- COUTO, arcediogo do — 787, 790.
- COXAS — 220.
- CRISÓSTOMO, S. João — 54, 274.
- CRISTO, Ordem de — 350, 444, 508, 670.
- CRUZ, Fr. André da — 577.
- Fr. Bernardo da (Bispo de São Tomé) — 107.
- Fr. João da — 54, 207, 620, 639, 661, 700, 720, 745, 770, 774, 799, 800, 801.

- CUNHA, D. Pedro da — 444, 445, 447, 448.  
 CÚRIO — 636.
- DACIANO — 305.  
 DALMÁCIA — 277.  
 DAMIÃO, S. — 276.  
 DARÁ, rei de — 187.  
 DAVID — 144, 542, 666, 689, 695.  
 DELFINADO — 154.  
 DELFOS — 68.  
 DESIDÉRIO, Guido — 601.  
 DEXTRO, Lúcio Flávio — 126.  
 DIAS, Dr. Belchior — 503.  
 — Dr. Lourenço — 698.  
 DINIS, D. — 456.  
 DIOCLECIANO — 305.  
 DIÓGENES — 114.  
 DIOMEDES — 501.  
 DOMINGOS, S. — 14, 22, 43, 52, 62, 112, 151, 153, 154, 205, 218, 220, 237, 270, 307, 308, 392, 395, 475, 485, 486, 489, 490, 491, 536, 539, 560, 581, 621, 636, 642, 688, 711, 723, 728, 733, 734, 745, 750, 754, 797, 798, 799, 800.  
 DORNELAS — 444, 445.  
 DOURO, além — 444, 463, 616.  
 — rio — 127.  
 DRASCOVÍCIO, Georgio — 203.  
 DU BELLAY, Eustáquio — 195.  
 DUME, S. Martinho de — 629.
- ÉBRO, rio — 303, 304.  
 EBULI, príncipe dc — 300.  
 ECCAY, Fr. Martinho — 715.  
 EGIPTO — 277, 808.  
 ELIAS — 344.  
 ELISEU — 233.  
 ELOI, S. — 771, 782.  
 EMÍNIO — 128.  
 EMUNDEZ, D. Pelaio — 122.  
 ENGRÁCIA, S. — 305.
- ENTRE-DOURO-E-MINHO — 11, 107, 118, 122, 127, 401, 667, 713, 720, 727, 731, 758, 763.  
 ERVEDEDO, couto de — 422.  
 ESCLAVÓNIA — 277.  
 ESCORIAL, S. Lourenço do — 125.  
 ESPADA LONGA — 12.  
 ESPANHA — 9, 41, 110, 125, 128, 142, 150, 158, 159, 178, 193, 250, 255, 295, 300, 305, 309, 325, 375, 420, 446, 447, 450, 451, 452, 501, 628, 629, 633, 670, 673, 689, 759, 784, 787, 798.  
 ESPANHA, primacia de — 110, 143, 169, 508, 630, 674, 688, 772, 798, 812.  
 ESPÍRITO SANTO, Fr. Francisco do — 207, 584, 609.  
 ESPOLETO — 273.  
 ESPORÕES, Santiago de — 649.  
 ESTAÇO, Fr. Manuel — 21.  
 ESTÉVÃO, S. — 282.  
 ESTREMADURA — 444.  
 ETIÓPIA — 661.  
 ETÓLIA — 501.  
 EUFÊMIA, S. — 154.  
 EUGÉNIO III — 286.  
 EUROPA — 222, 255, 628.  
 EUSÉBIO, Cesariense — 688.  
 ÉVORA — 444, 507, 508, 594, 697, 787.
- FARIA, Dr. Francisco de — 519, 697.  
 FEIO, Fr. António — 787.  
 FELIPE, S. — 153.  
 FELIPE II — 142, 300, 499, 505, 506, 513, 625, 626, 659, 670, 692, 696, 697.  
 FELIFE III, D. — 125, 307.  
 FERMO, bispo de (Lourenço Lenzi) — 293.  
 FERNANDES, Domingos — 13.  
 — Frutuoso — 530, 558, 559, 578, 604.

- FERNANDO O CATÓLICO, D. — 306.  
 FERRARA — 225, 278.  
 — Fr. Francisco de — 21.  
 FERRER, D. Mauro Castella — 452.  
 FERRER VICENTE, S. — 149, 299.  
 FERROS, rua Nova dos (Lisboa) — 446.  
 FEZ, bispo de (D. Fr. Jorze Queimado) — 612, 729, 771, 772, 782, 787.  
 FLORENÇA — 47, 235, 674, 756.  
 FLORO — 131.  
 FLUMEN — 277.  
 FONTE ARCADEA — 543, 697, 720.  
 FOREIRO, Fr. Francisco — 174, 175, 181.  
 FORLI — 277.  
 FORNO, Campo do — 784.  
 FORTE, S. Raimundo de Penha — 756, 803.  
 FRAGA — 302.  
 FRANÇA — 117, 128, 141, 142, 153, 154, 157, 159, 167, 179, 202, 225, 255, 283, 284, 290, 295, 304, 305, 689, 806.  
 FRANCISCO, Dr. António — 445, 447.  
 FRANCISCO, S. — 57, 273, 567, 569, 702, 724.  
 FRANDES — 117, 806.  
 FREITAS — 422.  
 FREIXO-DE-ESPADA-CINTA — 311, 316.  
 FREIXO, Pedro do — 391, 402.  
 FREJUS — 290.  
 FRIAS, Valeriano — Vid. *Casti-lho*.  
 FRUTUOSO, S. — 508, 629, 675.  
 FUSCARARIO, D. Fr. Egidio (Bispo de Modena) — 156, 170, 175, 279, 282, 799.  
 GALAFURA (Peso da Régua) — 383.  
 GÁLIA, Braccata — 128.  
 GÁLIA, Narbonense — 128, 305.  
 GALIZA — 127, 386, 449, 453, 500, 501, 694, 727, 731, 732, 747, 751, 763.  
 GALOS — 127.  
 GASCONHA — 153.  
 GÁVIA, serra da — 92, 647.  
 GEDEON — 219.  
 GÉNOVA — 132, 289.  
 GÉNOVA, arcebispo de (Fr. Agos-tinho Salvago) — 218.  
 GERÉS — 92, 399.  
 GERSON — 23.  
 GIL, S. — 154.  
 GIRALDO, S. — 335, 629, 675.  
 GIRONA — 295.  
 GISLÉRTO, Fr. Migucl (S. Pio V) — 249.  
 GOA — 143, 696.  
 GOMES, Luís — 583, 604.  
 GONÇALO, S. — 205, 482, 483, 758.  
 GONÇALVES, P. Luís — 412.  
 GONÇOI, D. — 445.  
 GONZAGA, cardeal Hércules de — 159, 278, 282.  
 GRANADA, arcebispo de — Vid. *Guerreiro, D. Pedro*.  
 GRANADA, Fr. Luís de — 3, 30, 36, 38, 107, 121, 511, 512, 633, 665, 675, 699, 700, 701, 702.  
 GRÉCIA — 218, 794, 795.  
 GREGO, Fr. António — 206.  
 GREGÓRIO, S. — 55, 109, 669.  
 GREGÓRIO IX — 799.  
 GREGÓRIO XIII — 502, 512, 691.  
 GUADIANA — 127.  
 GUERRA, Luís — 367.  
 GUERREIRO, D. Pedro (Arce-bispo de Granada) — 196, 199, 203.  
 GUILHELMO — 12.  
 GUIMARÃES — 25, 401, 422, 770.  
 HAMET, Xarif Mulei — 187.  
 HELENA — 367.

- HENRIQUE, cardeal Ifante D. — 34, 52, 55, 71, 243, 255, 257, 270, 378, 379, 390, 382, 433, 436, 493, 494, 496, 498, 512, 633, 638, 683, 692, 697.
- HENRIQUE, rei de França — 142.
- HERMANO, B. Fr. — 662.
- HERO — 555.
- HIERICÓ — 388.
- HILÁRIO, S. — 113, 284.
- HOLUCU — 290.
- HOMERO — 4, 390.
- HONÓRIO — 33.
- HONÓRIO III — 759.
- HONTIVEROS, Fr. Fernando de — 309.
- HOSPEDALETE — 155.
- HUMBERTO — Vid. *Romanis*.
- HUNGRIA — 203.
- IFANTE, cardeal — Vid. *Henrique*.  
— Vid. *Luis, D.*
- ÍNDIA — 201, 422, 456, 694.
- ÍNDIA ORIENTAL — 98, 143, 770.
- ÍNDIAS OCIDENTAIS — 555.
- INGLATERRA — 117, 141, 223.
- INOCÊNCIO III — 755, 759.
- IRENEU, S. — 284.
- IRLANDA — 286, 734.
- ISABEL, de Inglaterra — 734.
- ISABEL, esposa de Felipe II — 142.  
— S. — 456.
- ISAC — 753.
- ISAÍAS — 297.
- ISMAEL — 210.
- ITÁLIA — 57, 60, 124, 141, 157, 158, 159, 160, 164, 216, 236, 273, 278, 689, 797.
- ITÁLICO, Sírio — 501.
- JACINTO, S. — 758.
- JACOB — 9.
- JEREMIAS — 669, 757.
- JERÓNIMO, S. — 113, 126, 276, 306, 469, 488, 553.
- JERÓNIMO, Fr. Henrique de S. — Vid. *Távora*.
- JERUSALÉM — 138, 220, 290, 628.  
— Patriarca de — 169.
- JESU, D. Fr. Agostinho de (Arcebispo de Braga) — Vid. *Castro*.
- JOÃO, Evangelista S. — 74, 389.  
— príncipe D. — 220.
- JOÃO II, D. — 273.
- JOÃO III, D. — 25, 97, 446.
- JOÃO XXII — 26.
- JOB — 459, 473.
- JÓNATAS — 144.
- JORDÃO, Fr. — 799, 800, 801.
- JORZE, S. — 154, 192.
- JOSÉ — 233.
- JOSEF — 465.
- JOSUÉ — 388.
- JULIANO — 113.
- JÚLIO III — 141.  
— Décio — 131.
- JUSTINIANO, Fr. Vicente — 219, 240.
- LACERDA, D. Luísa de — 422.
- LANCIANENSE, arcebispo (D. Fr. Leonardo Marino) — 218.
- LARA, D. Brites de — 720.
- LARGO, Caio Licínio — 628.
- LATRÃO, S. João de — 755.
- LAURETA — 277.
- LEÃO, reino de — 449.
- LEÃO X — 13, 582.
- LEIRIA — 220.  
— bispo de (D. Fr. Gaspar do Casal) — 220, 288, 304, 509.  
— Fr. João de — 55, 56, 71, 103, 104, 142, 159, 166, 176, 205, 206, 365, 395, 464, 658.
- LEITÃO, Fr. Estêvão — 96, 123, 168, 179, 475, 621.

- LEITÃO, Fr. Gaspar — 309, 310.  
 LEITE, Fr. Paulo — 750.  
 LÉRIDA — 302.  
 LETHES — 128.  
 LIÃO — 307.  
 LIMA, Manuel de — 702.  
 — Ponte de — 426, 706, 707.  
 — rio — 122, 732.  
 LIMPO, D. Baltasar (Arcebispo de Braga) — 35, 122.  
 LINGUADOC — 154.  
 LISBOA — 4, 11, 14, 25, 27, 28, 36, 42, 54, 55, 56, 107, 109, 117, 129, 164, 192, 231, 270, 291, 309, 367, 419, 422, 425, 426, 444, 446, 507, 508, 528, 599, 631, 633, 669, 696, 700, 717, 718, 719, 722, 809, 812.  
 LOMBARDIA — 14, 155, 288, 800.  
 LORENA, cardeal de (Carlos de Guise, Arcebispo de Reims) — 202, 224, 228, 234, 235, 237, 243, 244, 248, 249, 252, 254, 262, 263, 271, 272, 277, 283, 284, 288, 674.  
 LORETO, Nossa Senhora do — 273, 277, 278.  
 LOTH — 753.  
 LOURENÇO, S. — 99.  
 LOUSADA, Gaspar Álvares de — Vid. *Machado*.  
 LUCAS, Dr. Bartolomeu Rodrigues — 422.  
 LUCUS, rio — 493.  
 LUÍS, Infante D. — 29, 30, 33, 34, 396, 498, 695, 696.  
 LUNELD — 154, 294.  
 LUPIAN — 154.  
 LUSITÂNIA — 127, 131, 305.  
 LUZ, S. João de — 153.  
 LUZIA, S. — 172.  
 MACÁRIO, S. — 553.  
 MACERATA — 277.  
 MACHADO, Gaspar Álvares Lou-sada — 421, 445, 626, 631.  
 MACHADO, Teodósio — 121.  
 MACIEL, António — 593.  
 MADALENA, S. — 162, 163, 290, 291, 755.  
 MADRID — 306.  
 MADRUCIO, cardeal Ludovico (de Trento) — 158, 202.  
 MAIOR, lago — 13.  
 MALACA — 31.  
 MALAQUIAS, S. — 286.  
 MALHORCA — 298.  
 MALTA, S. João de — 348, 349, 352, 353, 360, 362, 384.  
 MANTUA — 278.  
 MANTUA, cardeal de (Hércules Gonzaga) — 158, 197, 288.  
 MANUEL, D. — 13, 18, 25, 27.  
 MANZEDO — 265.  
 MARÃO — 92.  
 MARCELA, S. — 291.  
 MARCOS, S. — 161, 235.  
 MARGARITA — 231.  
 MARINHO, Paulo — 578.  
 MARINO, Leonardo (Arcebispo de Lanciano) — 175.  
 MARROCOS — 187, 254, 315.  
 MARTA — 290, 291, 642.  
 MARTENS — Vid. *Nossa Senhora dos Mártires*.  
 MÁRTIRES, D. Fr. Bertolameu dos — 3, 10, 17, 19, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 52, 77, 113, 203, 218, 246, 252, 253, 259, 262, 263, 264, 279, 300, 309, 381, 387, 390, 416, 471, 478, 508, 529, 544, 577, 585, 591, 601, 606, 644, 674, 684, 687, 688, 711, 718, 763, 772, 790, 791, 812.  
 MARTINHO, S. — 18, 110, 113, 145, 146, 210, 212, 284, 413, 557, 674.  
 MARTUREL — 296.  
 MASCARENHAS, D. Fernão Martins de — 211, 673.  
 MATEUS, S. — 226.

- MAUREGATO, rei — 449.  
 MAXIMINO, S. — 290, 291, 292, 293.  
 MAZEGÃO — 186, 187, 254.  
 MÉDICES, cardeal de (João, filho de Cosme) — 235.  
 MEDITERRÂNEO — 154, 296.  
 MELGAÇO — 422.  
 MELO, Fr. Reginaldo de — 207.  
 MENDES, Francisco — 698.  
 MENESES, D. Henrique de — 201.  
 — D. Fernando Vasconcelos de (Arcebispo de Lisboa) — 55.  
 — D. Isabel de — 289.  
 — Matias da Silva de — 787.  
 — D. Pedro de — 289.  
 MERCÊ, Ordem da — 756.  
 MERGULHÃO, Fr. Fernão — 698.  
 MÉRIDA — 127.  
 MESSINA, bispo de (D. Fr. Gaspar Cervantes) — 196.  
 MICO, Fr. — 559.  
 MIGUEL, S. — 238.  
 MILÃO — 155, 228, 286, 289.  
 — arcebispo de — Vid. *Borromeu*.  
 MINA — 421.  
 MINERVA, convento da — 240, 241, 242, 244.  
 MINÉRVIO — 126.  
 MINHO, rio — 133, 501, 504.  
 MIRANDA — 143, 396, 509.  
 MODENA, bispo de — Vid. *Fuscario*.  
 MODIM — 484.  
 MOISÉS — 239, 439.  
 MOMPÉLIER — 154, 294.  
 MONTEPULCIANO, S. Inês de — 756.  
 MONÇÓN — 300.  
 MONGENEURA — 154.  
 MONSERRATE — 296, 300.  
 MONTEFALCON — 273.  
 MONTELONGO — 401.  
 MORAIS, D. Fr. Gonçalo (Bispo do Porto) — 720.  
 MORON, cardeal — 287.  
 MOURA, D. Cristóvão de — 719.  
 MURÇA — 369.  
 NABUCODONOSOR — 758.  
 NARBONA — 154, 295.  
 NAVARRA — 670.  
 NAXO, arcebispo de (D. Fr. Sebastião Lecavela) — 218.  
 NAZARÉ — 277.  
 — Sor Maria de — 706.  
 NAZIANZENO, S. Gregório — 46, 162.  
 NICENO, Concílio — 201.  
 NICOLAU, S. — 113, 413, 674.  
 NILO — 661.  
 NIMES — 154.  
 NIMS — 294, 295.  
 NISSA — 289, 290.  
 NOGUEIRA — 85.  
 NÓRICOS — 128.  
 NORONHA, Rui de Matos de — 444.  
 NOSSA SENHORA DOS MÁRTIRES (Lisboa) — 11, 13, 16, 21, 22.  
 ODIVELAS — 54.  
 OEIRAS — 14.  
 OLEASTRO — Vid. *Azambuja*, Fr. Jerónimo de.  
 OLIVEIRA, Dr. Gregório Rodrigues d' — 697.  
 ORDENS MILITARES — 347.  
 ORDONHO — 122.  
 ORÍGENES — 688.  
 OSMA — 306, 307.  
 ÓSTIA, bispo de (Cardeal Ugo-lino, Gregório IX) — 799.  
 PACHECO, cardeal (D. Pedro, Bispo de Jaen) — 235.  
 PADILHA, Fr. Jerónimo de — 25, 27.



- PÁDUA — 161, 164.  
 PALÊNCIA — 150, 153.  
 — bispado de — 209.  
 PALESTINA — 89, 792.  
 PARADA — 369.  
 PARIS — 97, 195, 639.  
 PASTRANA — 300.  
 PAULA, S. — 612.  
 PAULO, S. — 45, 93, 115, 238, 271,  
 317, 318, 356, 489, 519, 561, 567.  
 PAULO III — 141, 174.  
 PAULO IV — 510.  
 PAULO V — 790.  
 PAVIA — 289.  
 PEDRO, S. — 238, 239, 340, 251,  
 271, 379, 519, 583, 670, 691.  
 PEDRÓGÃO — 206.  
 PELAIO, Infante D. — 449.  
 PENHA, Fr. João de la — 309.  
 PENHAFIEL — 308.  
 PERETO, Pedro — 223.  
 PERINEOS — 295.  
 PERPINHÃO — 295.  
 PETRÔNIO, S. — 57, 109, 230.  
 PIEDADE, província da — 216.  
 PIEMONTE — 154, 155.  
 PILAR, igreja do — 305.  
 PINHEIRO, D. António (Bispo de  
 Miranda) — 396, 509.  
 PINHEIRO, D. Rodrigo (Bispo do  
 Porto) — 307, 396, 720.  
 PINTO, Fr. Bertolameu — 707,  
 715, 723, 724, 796.  
 PTO IV — 142, 174, 353, 378, 379,  
 381, 394, 510, 583, 604, 636, 677,  
 691.  
 PIO V — 249, 381, 461, 511, 512,  
 691, 785.  
 PLATÃO — 112.  
 PLÍNIO — 128, 131, 601.  
 POIARES — 353, 380, 383.  
 POITIERS — 284, 285.  
 POLÍBIO — 10.  
 POMPEIO — 594, 595.  
 PONTE DE LIMA, corregedor de  
 — 367.  
 PONTE DE LIMA, visconde de —  
 355.  
 PONTOIA — 155.  
 PÓPULO, Nossa Senhora do —  
 273.  
 PORCIÚNCULA — 273.  
 PORTALEGRE — 693.  
 — bispo de (D. Diogo  
 Correa) — 422, 720.  
 — conde de — 289.  
 PORTO — 127, 128, 374, 396, 475,  
 476, 483, 635, 697, 770.  
 PORTO, bispo do — Vid. *Pinheiro*,  
 D. Rodrigo.  
 PORTO, bispo do — Vid. *Morais*,  
 D. Fr. Gonçalo de.  
 PORTUGAL — 5, 11, 13, 38, 41, 62,  
 117, 127, 128, 130, 132, 145, 186,  
 206, 211, 216, 220, 240, 243, 254,  
 255, 256, 257, 266, 288, 300, 301,  
 305, 309, 315, 325, 347, 386, 406,  
 411, 443, 449, 452, 456, 457, 461,  
 462, 501, 519, 625, 629, 630, 631,  
 632, 635, 638, 670, 673, 689, 691,  
 692, 722, 732.  
 PORTUS — 295.  
 POTOSI, monte de — 575.  
 PROENÇA — 290.  
 PROMONTÁRIO AVARO — 125.  
 PRUDÊNCIO, D. Fr. — Vid. *San-*  
*doval*.  
 PTOLOMEU — 125, 128, 131, 157.  
 QUEIMADO, Fr. Jorze — 612, 729,  
 771.  
 RAMIRO I, D. — 449, 450, 451.  
 RATES, S. Pedro de — 9, 628.  
 RAVENA — 278, 800.  
 RECANATE — 277, 278.  
 RÉCIA — 128.  
 REGO, Afonso de Barros — 121.  
 REIMS — 202, 283.

- REVOCATA, S. — 126.  
 RIBEIRA (V. do Castelo) — 659.  
 ROCA — 12.  
 ROCHA, António da — 121.  
 — Dr. Manuel Pinto — 706.  
 RÓDANO — 128, 293, 305.  
 RODRIGO, D. (Rei de Espanha)  
 — 449.  
 RODRIGUES, Dr. Gregório — 415.  
 ROMA — *passim*.  
 ROMANIS, Fr. Humberto de —  
 42, 47.  
 ROMANO, Marcelo — 718.  
 ROMERO, Fr. Julião — 205.  
 ROMEU, Fr. Francisco — 28.  
 ROSA, rua da (V. do Castelo) —  
 123.  
 ROSA, mosteiro da — 419.  
 ROSÁRIO, Fr. Diogo do — 93, 94.  
 ROVIGO — 225.  
 RUIVÃES — 77.  
  
 SABÓIA — 154, 155.  
 SALAMANCA — 28, 306, 308, 311.  
 SALOMÃO — 289.  
 SALSAS — 295.  
 SANCEDÓNIO, S. Fr. Ambrósio —  
 236.  
 SANDOVAL, D. Fr. Prudêncio de  
 — 124, 125, 126.  
 SANTA ANA, mosteiro de (V. do  
 Castelo) — 706.  
 SANTA CRUZ, convento de (V. do  
 Castelo) — 6, 123, 136, 160, 177,  
 179, 204, 395, 525, 576, 177, 178,  
 609, 661, 702, 712, 714, 715, 738,  
 740, 748.  
 SANTA CRUZ, mosteiro de (Ve-  
 neza) — 161.  
 SANTA CRUZ, prov. de — 98.  
 terras novas de — 77.  
 SANTA FLOR, card. de (Guido  
 Ascanio Sforza) — 235.  
 SANTA INÊS, convento de (Bo-  
 lonha) — 231.  
  
 SANTA LUZIA — 303.  
 SANTA MARIA DE AIRÃO — 641.  
 SANTA MARIA DO CASTELO — 289.  
 SANTARÉM — 220, 496.  
 SANTIAGO — 9, 110, 129, 153, 305,  
 391, 451, 452, 453, 465, 628, 694.  
 SANTIAGO, Fr. Jorze de (Bispo dos  
 Açores) — 291.  
 — hospital de — 178.  
 — igreja de — 326.  
 — Ordem de — 670.  
 SANTO AGOSTINHO, Ordem de —  
 273, 285.  
 SANTO ANTÓNIO, província de —  
 133.  
 SANTOBERI — 154.  
 SANTO ESTÊVÃO, convento de  
 (Salamanca) — 28, 308.  
 SÃO BENTO, Ordem de — 122, 162,  
 298, 375, 599, 610, 706, 771, 782.  
 SÃO BERNARDO, Ordem de — 54.  
 SÃO DOMINGOS, Fr. António de  
 — 479, 636.  
 SÃO DOMINGOS, convento de (Lis-  
 boa) — 22, 27, 55, 149, 290, 299,  
 304, 456, 599, 665.  
 SÃO DOMINGOS, Ordem de — 16,  
 43, 58, 61, 92, 93, 96, 109, 120,  
 138, 147, 152, 153, 155, 156, 174,  
 180, 197, 199, 218, 220, 221, 223,  
 225, 236, 237, 282, 288, 289, 299,  
 310, 478, 479, 482, 484, 486, 511,  
 512, 525, 529, 531, 535, 542, 598,  
 605, 621, 635, 636, 638, 662, 672,  
 691, 702, 705, 711, 712, 713, 716,  
 717, 722, 723, 731, 734, 750, 752,  
 758, 759, 770, 780, 785, 787, 797,  
 799, 800, 803, 810, 811, 812.  
 SÃO FRANCISCO, convento de —  
 12, 149.  
 SÃO FRANCISCO, Ordem de — 62,  
 133, 216, 288, 364, 504, 569, 599,  
 610, 624, 781, 782.

- SÃO FRUTUOSO, mosteiro de (Braga) — 61, 160, 364, 371, 429, 569.
- SÃO GONÇALO, convento de — 416.
- SÃO PAULO, colégio de (Braga) — 97, 136, 160, 167, 171, 177, 179, 330, 332, 412, 489, 493, 494, 600, 651.
- SÃO PAULO, convento de (Burgos) — 150, 152.
- SÃO SALVADOR DA TORRE, mosteiro de — 122, 125, 560, 561, 570.
- SARMENTO, Diogo — 771.
- SATURNINO, S. — 126, 153.
- SEBASTIÃO, D. — 35, 151, 211, 220, 221, 243, 255, 375, 394, 412, 443, 461, 476, 493, 624, 626, 670, 673, 674, 692, 697.
- SEBASTIÃO, S. — 152, 295, 296, 307, 704.
- SEDÉCIAS, rei — 757.
- SEGÓBIA — 199.
- SENA — 236.
- S. Ambrósio de — 236.
- Santa Caterina de — 236, 460, 567, 756.
- SÉNECA — 67.
- SERIPANDO, cardeal Jerónimo (Arcebispo de Salerno) — 158.
- SERVANTES, D. Gaspar de (Bispo de Messina) — 196.
- SEVERIM, S. — 153.
- SIDÓNIO — 291.
- SILVA, D. Aires da — 476, 482.
- Diogo da — 289.
- Lourenço da — 476.
- Rui Gomes da — 289, 300, 301.
- SILVEIRA, Fernão da — 444.
- SINTRA — 12.
- SÍRIA — 44.
- SISTO V — 670.
- SOARES, D. João (Bispo de Coimbra, Conde de Arganil) — 220, 396.
- SOARES, Lopo — 422, 720.
- SOLOR — 32.
- SOTO, Fr. Pedro de — 197, 307.
- SOTOMAIOR, D. Gonçalo Pereira — 751.
- SOTO-MAIOR, Fr. Luís de — 221, 222, 223, 684, 796.
- SOTOMAIOR, Fr. Pedro — 309.
- SOUSA, Fr. António de — 4, 691.
- Duarte Correa de — 422.
- SOUTO, S. João de — 326.
- SPIRITO SANTO, Sor Caterina do — 419.
- SURRENTINO, arcebispo (D. Fr. Giulio Panesi da Quinzano) — 218.
- SUSANA, S. — 155, 158.
- TADEU, S. — 153, 286.
- TALAVEIRA — 58, 63.
- TAREJA, D. — 178.
- TAULERO — 23.
- TAVARES, Pero de — 143, 159, 295, 680, 683, 698.
- TÁVORA, Fr. Henrique de — 121, 143, 167, 171, 180, 219, 295, 696.
- TÁVORA, Lourenço Pires de — 169, 211, 631.
- TEBAIDA — 89, 260.
- TEJO — 133, 732.
- TEODÓSIO — 33, 110.
- TEÓFILO, S. — 126.
- TERRACTUM — 277.
- TERRA SANTA — 12.
- TIBÃES — 107, 108.
- TIMÓTEO — 261.
- TIROL — 157.
- TIROL, condes de — 158.
- TISBE — 555.
- TOLEDANO IV, concílio — 215.
- TOLEDO — 169, 170, 629, 630.

- TOLEDO, arcebispo de — 508.  
 TOLOSA — 153.  
 TOMAR — 506, 507, 508, 509, 513, 516, 526, 625, 659, 693.  
 TOMÁS, S. — 27, 46, 66, 113, 153, 154, 196, 333, 543, 756, 872.  
 TOMÉ, S. — 289.  
 — bispo de S. (D. Fr. Bernardo da Cruz) — 107.  
 TORNACO, bispo de — 799.  
 TORQUEMADA, D. Diogo de (Bispo de Tui) — 122, 125, 501.  
 TORRE DO TOMBO — 421, 626, 631.  
 TORRUGEM — 14.  
 TORTONA — 289.  
 TRÁS-LOS-MONTES — 93, 361, 521.  
 TRAVISANO, D. Fr. Jerónimo (Bispo de Verona) — 156.  
 TRENTO — 141, 142, 149, 152, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 166, 168, 171, 179, 187, 200, 203, 204, 207, 212, 216, 218, 224, 225, 228, 240, 249, 255, 258, 266, 271, 277, 278, 281, 282, 287, 288, 294, 304, 396, 524, 624, 631, 658, 698.  
 TRENTO, concílio de — 10, 160, 161, 167, 169, 172, 173, 174, 175, 179, 185, 194, 201, 203, 207, 209, 211, 212, 213, 224, 244, 248, 250, 253, 266, 278, 279, 281, 283, 284, 285, 287, 291, 294, 300, 301, 319, 321, 345, 346, 347, 352, 353, 364, 378, 379, 393, 394, 396, 398, 409, 410, 454, 461, 504, 519, 538, 619, 629, 630, 636, 645, 649, 650, 669, 673, 674, 680, 689, 696, 697, 719, 788, 811, 812.  
 TROIA — 501.  
 TUDE — Vid. *Tui*.  
 TUI — 125, 127, 500, 501, 504, 578.  
 — bispo de — Vid. *Torquemada*, D. Diogo de.  
 TÚLIO — 112, 594.  
 TURS — 284, 285.  
 TÚRDULOS — 127.  
 TURIM — 155.  
 TYDE — Vid. *Tui*.  
 TYDEU — 501.  
 UGOLINO, card. — 199.  
 VALE, Dr. Bertolameu do — 543, 696, 720.  
 VALE ESPOLETINO — 276.  
 — Pero do — 508, 509, 693.  
 VALENÇA DO MINHO — 85, 504.  
 VALENTINEANO — 110.  
 VALERIANO — 126.  
 VASCONCELOS, D. João Afonso de (Arcebispo de Braga) — 585, 638, 692.  
 VATICANO — 240, 271.  
 VAZ, António — 421.  
 — Francisco — 421, 422, 639.  
 — Simão — 421.  
 VEIGA, Fr. Manuel da — 633.  
 VENEZA — 132, 161, 164, 426.  
 VERCELLI — 155.  
 VERONA — 224, 288.  
 — bispo de — Vid. *Travisano*.  
 — S. Pedro de — 288, 756.  
 VIANA do Alentejo — 124.  
 — de Alvito — 124.  
 — de Áustria — 124, 128.  
 — do Castelo — *passim*.  
 — da Foz do Lima — 124.  
 — de França — 124.  
 — de Portugal — 124.  
 VICENTE, S. — 394, 395.  
 — igreja de S. — 13.  
 VIEIRA, D. Lourenço — 434.  
 VIENA — 128.  
 VILAMOU — 122.  
 VILA NOVA DE CERVEIRA — 85.  
 VILA REAL — 382, 770.  
 — duque de — 720.  
 VILEZ, Fr. Francisco — 723, 770.

VINHA, Santa Maria de — 539.  
VIRGÍLIO — 124.  
VISEU — 4, 396, 691.  
VITÓRIA — 152.  
VITÓRIO, D. Filipe Domínico—307.  
VIZOIS, D. Vizoi — 445.  
VOGADO, Fr. Jorze — 18, 21.  
VOLANDO, Fr. — 14, 598.

XAMON — 154, 155.  
XAVIERRE, Fr. Jerónimo (Mestre Geral, Cardeal-Arcebispo de Saragoça) — 722.  
XIMENES, D. Garcia — 670.  
ZACARIAS, S. — 162.  
ZORRILHA, Fr. Pedro — 365.

## ÍNDICE

TRÊS MEMÓRIAS ... .. IX
INTRODUÇÃO ... .. XIII
NOTA ... .. XXXIX

### A VIDA DE D. FREI BERTOLAMEU DOS MÁRTIRES

A Câmara e Governo da notável Vila de Viana e a toda a mais Nobreza e Povo dela, Frei Luís de Sousa S. ... .. 3
---

### LIVRO I DA

### VIDA DE D. FREI BERTOLAMEU DOS MÁRTIRES da Ordem dos Pregadores Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Espanhas

CAPÍTULO I	
Do nascimento e criação de D. Fr. Bertolameu dos Mártires ...	9
CAPÍTULO II	
Como começou a aprender as primeiras letras e entrou no estudo de Gramática e tomou o hábito de S. Domingos ... ..	16
CAPÍTULO III	
Como fez profissão e começou a estudar Artes e Teologia. ...	21
CAPÍTULO IV	
Como leu dous cursos de Artes e, depois, Teologia, e recebeu os graus de Presentado e Mestre ... ..	25
CAPÍTULO V	
Como foi eleito em prior do convento de S. Domingos de Benfca e como se houve no cargo ... ..	30

CAPÍTULO VI	
Como foi chamado da Rainha D. Caterina o Mestre Fr. Bertolameu e nomeado por Arcebispo de Braga, e da reposta que lhe deu ... ..	35
CAPÍTULO VII	
Das diligências que o Provincial fez com o Mestre Fr. Bertolameu, pera que accilasse o arcebispado, e do que ele lhe respondeu ... ..	41
CAPÍTULO VIII	
Como o Provincial lhe pôs preceito que accitasse o arcebispado e, obrigado da obediência, o aceitou ... ..	45
CAPÍTULO IX	
Do que fez o Arcebispo depois de aceitar sua eleição e do que mais lhe succedeu até ser consagrado ... ..	51
CAPÍTULO X	
Como foi consagrado o Arcebispo e partiu pera Braga, e da casa e companhia que levou ... ..	55
CAPÍTULO XI	
Como ordenou o Arcebispo sua vida em Braga ... ..	60
CAPÍTULO XII	
Da ordem que o Arcebispo deu na justiça eclesiástica e secular	65
CAPÍTULO XIII	
Da ordem que deu o Arcebispo nas cousas da fazenda, e no serviço e meneio de sua casa ... ..	69
CAPÍTULO XIV	
Do zelo e continuação com que pregava e como começou a visitar o arcebispado ... ..	73
CAPÍTULO XV	
Do modo de proceder que o Arcebispo tinha nas visitas	78
CAPÍTULO XVI	
De um notável caso que succedeu ao Arcebispo, visitando, e do cuidado e puntalidade com que acudia a todos os lugares e pessoas, assi a visitar como a crismar ... ..	83
CAPÍTULO XVII	
Das diligências que fazia com os que ordenava e da devação e gravidade com que celebrava este sacramento ... ..	87
CAPÍTULO XVIII	
De algũas cousas que o Arcebispo ordenou em beneficio espiritual do arcebispado ... ..	91

CAPÍTULO XIX	
Como o Arcebispo fundou o Colégio da Companhia de Jesu na sua cidade de Braga e das rezões que pera isso teve ... ..	95
CAPÍTULO XX	
Do cuidado com que acudia aos pobres, e dos hospitais que ordenou na cidade pera doentes e sãos, e como agasalhava os eclesiásticos ... ..	99
CAPÍTULO XXI	
De algũas esmolas secretas que o Arcebispo fez em ocasiões que se lhe offerceram ... ..	103
CAPÍTULO XXII	
Da fala que D. Fr. Bernardo da Cruz, Bispo de S. Tomé, e o Mestre Fr. Luís de Granada fizeram ao Arcebispo, persuadindo-lhe que acrescentasse o estado de sua casa ... ..	107
CAPÍTULO XXIII	
Da resposta que deu o Arcebispo às rezões do Provincial ...	112
CAPÍTULO XXIV	
Dos motivos que teve o Arcebispo pera fundar o Convento de Santa Cruz, da Ordem de S. Domingos na insigne vila de Viana	117
CAPÍTULO XXV	
Do principio que o Arcebispo deu à fundação do novo convento, das rendas que lhe applicou e obrigações que lhe pôs ... ..	121
CAPÍTULO XXVI	
Do sítio e antiguidade e qualidades da notável vila de Viana ...	124
CAPÍTULO XXVII	
Das occupações em que o Arcebispo empregou o restante deste ano ... ..	135

LIVRO II  
DA

VIDA DE D. FREI BERTOLAMEU DOS MÁRTIRES  
da Ordem dos Pregadores  
Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Espanhas

CAPÍTULO I	
Como partiu o Arcebispo pera a cidade de Trento, ao santo Concilio, e da casa e acompanhamento que levou ... ..	141
CAPÍTULO II	
Do que fez o Arcebispo, tanto que passou os limites do arcebispado ... ..	145



CAPÍTULO III	
Da ordem com que o Arcebispo caminhava e da que tinha em seu aposento, nos lugares onde parava ... ..	149
CAPÍTULO IV	
Entra o Arcebispo por França, em seguimento de sua viagem, e chega à cidade de Trento. ... ..	153
CAPÍTULO V	
Descreve-se o sítio da cidade de Trento. Visita o Arcebispo aos cardeais legados ao santo Concílio. Recebe carta do Sumo Pontífice e escreve a Braga ... ..	157
CAPÍTULO VI	
Da ida que o Arcebispo fez a Veneza e Pádua, e a ocasião dela	161
CAPÍTULO VII	
Torna o Arcebispo a Trento e escreve de novo a Braga algúas cartas, e dá-se conta da vida que fazia neste tempo ... ..	166
CAPÍTULO VIII	
Dá-se princípio ao sagrado Concílio e encomenda-se ao Arcebispo o cargo de rever e censurar os livros e fazer novo catálogo deles ... ..	172
CAPÍTULO IX	
Escreve o Arcebispo a Braga, encomendendo os pobres ...	176
CAPÍTULO X	
Das pregações que o Arcebispo ordenou esta Quaresma, e da instância que fez por que se tratasse da reformação pessoal do clero, e da liberdade com que votou nela ... ..	180
CAPÍTULO XI	
Trata-se da residência dos prelados e todos os mais eclesiásticos em seus benefícos; celebram os Legados ùa solene missa por mandado do Papa, e dá-se a rezão dela ... ..	185
CAPÍTULO XII	
Torna o Arcebispo a instar que se proceda na matéria de residência; trata-se e torna-se a suspender ... ..	195
CAPÍTULO XIII	
Das diligências que o Arcebispo de novo fez por que se acabasse a matéria a residência e como, em fim, o alcançou ...	199
CAPÍTULO XIV	
Que contém ùa carta que o Arcebispo escreveu ao vigário do seu convento novo de Santa Cruz de Viana ... ..	204

CAPÍTULO XV	
Trata-se em ùa congregação sobre a provisão dos beneficios eclesiásticos curados; alcança o Arcebispo que se decrete em favor dos prelados ... ..	208
CAPÍTULO XVI	
Apontam-se outras cousas particulares que os Padres do santo Concilio mandaram decretar por conselho e à instância do Arcebispo ... ..	213
CAPÍTULO XVII	
Ajuntam-se os prelados e mestres da Ordem dos Pregadores com o Arcebispo, a celebrar a festa do Padre S. Domingos na sua casa de Trento, e dá-se conta dos prelados portuguezes ... ..	218
CAPÍTULO XVIII	
Parte o Arcebispo, de Trento pera Roma e chega a Bolonha	224
CAPÍTULO XIX	
Visita às reliquias do convento e as do mosteiro das freiras de Santa Inês; torna ao convento, cntra em casa de noviços e faz-lhes ùa prática espiritual ... ..	230
CAPÍTULO XX	
Passa o Arcebispo de Bolonha a Florença e a Sena, e segue seu caminho a Roma ... ..	235
CAPÍTULO XXI	
Chega o Arcebispo a Roma, leva-o o embaxador com artificio a sua casa. Passa-se pera o convento da Minerva, donde, por mandado de Sua Santidade, torna pera casa do embaxador ...	238
CAPÍTULO XXII	
Como o Papa mandou chamar o Arcebispo, e das honras que lhe fez, e de algúas particularidades que teve com ele, e da facilidade e amor com que o tratava ... ..	243
CAPÍTULO XXIII	
Como advirtiu o Arcebispo a Sua Santidade de ùa sem-rezão que naquela corte se usava com os bispos; e Sua Santidade a remediou logo ... ..	248
CAPÍTULO XXIV	
Das honras que o Papa fazia ao Arcebispo e de outra advertência que o Arcebispo lhe fez ... ..	254
CAPÍTULO XXV	
Apresenta o Arcebispo a Sua Santidade apontamentos de reformação das pessoas dos prelados maiores, e dá-se conta da familiaridade que teve com alguns em Roma, e como era estimado dcles ... ..	258



CAPÍTULO II	
Começa o Arcebispo a dar cumprimento aos decretos do santo Concílio, pola fundação do seminário e contribuições pera elc; e escreve a Sua Santidade em favor do clero ... ..	321
CAPÍTULO III	
Como o Arcebispo começou a visitar as igrejas da jurdição do cabido, que eram todas as da cidade, e da grande contradição que achou ... ..	326
CAPÍTULO IV	
Procede o Arcebispo na visitação começada; dá vista aos estudos, e hospitais, e às obras do seminário. Toma razão das esmolas do tempo de sua ausência. Visita rigorosamente sua familia e dá forma na visitação do arcebispado ... ..	330
CAPÍTULO V	
Da jornada que o Arcebispo fez a visitar as terras de Barroso, e de um caso milagroso que nela succedeu ... ..	334
CAPÍTULO VI	
Procede na visitação até a concluir. Dá-se conta doutros desemparos que achou e da traça que deu pera remédio de toda a Serra ... ..	340
CAPÍTULO VII	
Começa o Arcebispo a visitar as igrejas das Ordens Militares, em cumprimento dos decretos do santo Concílio ... ..	345
CAPÍTULO VIII	
Das grandes contradições e contendas que se levantaram contra o Arcebispo por rezão destas visitas, e como se houve nelas ... ..	351
CAPÍTULO IX	
Como se houve com algũas pessoas poderosos que achou em visitação comprehendidas ... ..	356
CAPÍTULO X	
Como se houve com alguns ministros da Justiça secular em casos de visitação e imunidade da Igreja ... ..	360
CAPÍTULO XI	
Recolhe-se o Arcebispo pera Braga. Dá-se conta do em que entendeu até o fim deste ano, e do que passou com ũa dignidade da sé, a noite de Natal ... ..	364
CAPÍTULO XII	
Visita o Arcebispo segunda vez a cidade de Braga. Torna à visitação de fora. Conta-se como remedeou alguns culpados ... ..	369

CAPÍTULO XIII	
Como se havia em casos que não admitiam remédio público e do meio que deu pera a reformação que neste tempo se começou da Ordem de S. Bento ... ..	373
CAPÍTULO XIV	
Dos breves que o Papa despachou em favor do Arcebispo. E do fim que teve a demanda que com ele trazia o cabido ...	377
CAPÍTULO XV	
De um notável encontro que o Arcebispo teve com um bailio de S. João de Malta, e do maravilhoso exemplo de humildade e santidade com que o venceu e quietou ... ..	382
CAPÍTULO XVI	
Do estranho meio que usou pera reduzir um abade que vivia mal havia muitos anos ... ..	386
CAPÍTULO XVII	
Da caridade que usou com dous sacerdotes estrangeiros; e da traça com que remediou duas pessoas que não procediam bem na vida ... ..	390
CAPÍTULO XVIII	
Recolhe-se o Arcebispo pera a cidade e põe em ordem ajuntar sínodo provincial. Visita o seu convento de Viana; dá principio e nome à igreja ... ..	393
CAPÍTULO XIX	
Celebra-se o sínodo provincial em Braga ... ..	396
CAPÍTULO XX	
De dous casos notáveis que succederam ao Arcebispo, andando em visitação ... ..	399
CAPÍTULO XXI	
Remedeia o Arcebispo a um clérigo facinoroso ... ..	403
CAPÍTULO XXII	
Do aviso que teve de Roma sobre o traslado do sínodo que mandou ao Papa e do que sobre isso fez ... ..	406
CAPÍTULO XXIII	
Das esmolas que fazia em anos de esterilidade; e do rigor que usava consigo pera ter mais que dar ... ..	411
CAPÍTULO XXIV	
Do cuidado que tinha dos pobres comendo em mesa alhea ...	415
CAPÍTULO XXV	
Da reposta que o Arcebispo deu a quem lhe persuadia que fizesse esmolas grossas e alargasse a mão com seus parentes	417

CAPÍTULO XXVI	
De algũas graças de importância que Sua Santidade concedeu ao Arcebispo em favor de partes ... ..	262
CAPÍTULO XXVII	
Pede o Arcebispo a Sua Santidade que lhe aceite renunciação do arcebispado; não lha aceitando, pede-lhe algũas graças de importância pera bom governo de sua Igreja e alcança todas	266
CAPÍTULO XXVIII	
Despede-se do Pontífice pera tornar pera Trento. Contam-se alguns favores particulares que Sua Santidade lhe fez na despedida. Sai de Roma e chega a Assis ... ..	271
CAPÍTULO XXIX	
Parte o Arcebispo de Assis, passa a Nossa Senhora do Loreto e entra em Trento ... ..	276
CAPÍTULO XXX	
Dos prelados com que o Arcebispo teve amizade em Trento e das particularidades que passou com alguns deles ... ..	281
CAPÍTULO XXXI	
Dá-se fim ao santo Concílio. Sai o Arcebispo de Trento pera Portugal e chega a S. Maximino, em França ... ..	287
CAPÍTULO XXXII	
Do que succedeu ao Arcebispo depois que partiu de S. Maximino até que entrou em Espanha e chegou a Nossa Senhora de Monserrate ... ..	293
CAPÍTULO XXXIII	
Visita o Arcebispo a devotíssima casa de Nossa Senhora de Monserrate. Passa a Aragão. Conta-se o que lhe succedeu até chegar a Çaragoça. ... ..	297
CAPÍTULO XXXIV	
Do que succedeu ao Arcebispo depois que partiu de Çaragoça, até chegar a Salamanca e entrar em Portugal, e terras de sua Diocesi ... ..	304

### LIVRO III

DA

VIDA DE D. FR. BERTOLAMEU DOS MÁRTIRES

da Ordem dos Pregadores

Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Espanhas

#### CAPÍTULO I

Entra o Arcebispo em Portugal, chega à sua cidade de Braga. Conta-se o amor com que foi recebido e o que logo fez ... ..

315

CAPÍTULO V	
Da grande fome que sobreveio nas comarcas de Tra-los-Montes e Antre-Douro-e-Minho, e do cuidado e largueza com que o Arcebispo acudiu aos pobres ... ..	463
CAPÍTULO VI	
De ãa notável afronta que se fez ao Arcebispo; e do valor com que se portou nela ... ..	467
CAPÍTULO VII	
Fazem-se diligências pola justiça secular contra os culpados; atalha-os o Arcebispo e tolhe o castigo dos presos ... ..	471
CAPÍTULO VIII	
Vai o Arcebispo à cidade do Porto assistir no capítulo provincial da Ordem de São Domingos ... ..	475
CAPÍTULO IX	
Prega o Arcebispo no capítulo; conta-se um successo estranho que interveio no sermão ... ..	478
CAPÍTULO X	
De um notável milagre de São Gonçalo de Amarante, succedido durante o capítulo provincial ... ..	482
CAPÍTULO XI	
De ãa prática que o Arcebispo fez aos religiosos do capítulo, antes de se despedir ... ..	485
CAPÍTULO XII	
Como vagaram algũas pensões ao Arcebispo, e em que modo dispôs delas ... ..	493
CAPÍTULO XIII	
Como se houve nas alterações que succederam neste Reino por morte d'el-Rei D. Anrique ... ..	496
CAPÍTULO XIV	
Do sítio da cidade de Tui; e da doença que nela teve o Arcebispo; e do que passou até convalecer e tornar pera o arcebisado ... ..	501
CAPÍTULO XV	
Chama el-Rei D. Filipe ao Arcebispo pera as Cortes de Tomar; escusa-se duas vezes; com terceiro recado parte pera Tomar e assiste nas Cortes ... ..	506
CAPÍTULO XVI	
Das muitas e várias diligências que em diferentes tempos fez o Arcebispo por largar o arcebisado; e como se determinou em pedir a el-Rei D. Filipe lhe accitasse a renunciação ... ..	510

CAPÍTULO XVII	
Dá-se fim às Cortes. Pede o Arcebispo licença a el-Rei para renunciar o arcebispado; alcança licença e renuncia ... ..	514
CAPÍTULO XVIII	
Torna o Arcebispo para sua diocesi. Chega a nova de sua renunciação a Roma. Dá-se conta do que passou sobre ela no consistório. Aceita-a o Papa ... ..	517
CAPÍTULO XIX	
Chegam cartas e recado ao Arcebispo de lhe ser aceita a renunciação em Roma; despede-se do arcebispado e parte para Viana ... ..	521
CAPÍTULO XX	
Chega o Arcebispo a Viana; despede os seus. Recolhe-se no seu mosteiro de Santa Cruz ... ..	524
CAPÍTULO XXI	
Da vida que o Arcebispo fazia depois de recolhido no seu convento de Viana ... ..	528
CAPÍTULO XXII	
Dos litigios que houve sobre a parte que o Arcebispo tinha vencido de suas rendas; e do que ele sobre isso fez e disse ...	533
CAPÍTULO XXIII	
Da continuação com que o Arcebispo pregava, depois de recolhido em Viana ... ..	537
CAPÍTULO XXIV	
De alguns particulares exercícios em que entendia no convento	540
CAPÍTULO XXV	
Das esmolas que o Arcebispo fazia no convento e da ordem que nelas tinha; e de um estranho successo que, nesta matéria, lhe aconteceu ... ..	544
CAPÍTULO XXVI	
De outros maravilhosos casos que succederam ao Arcebispo na mesma matéria de esmolas ... ..	549
CAPÍTULO XXVII	
Da resposta que deu a quem lhe perguntou como se achava na Religião; e de ùa notável esmola que fez ... ..	553
CAPÍTULO XXVIII	
Livra milagrosamente da morte um pobre homem. Contam-se alguns efeitos notáveis de sua oração e da devação que lhe tinha o povo ... ..	558



CAPÍTULO XXIX

Da grande fé que os moradores de Viana tinham nas orações do Arcebispo, quando havia perigos no mar; e de dous particulares em que se valeram delas e alcançaram remédio ... 563

CAPÍTULO XXX

Em que se dá conta dos grandes desejos que o Arcebispo tinha de morrer, antes da renúncia do arcebispado, e do crescimento que tiveram depois que renunciou e se recolheu ... 567

LIVRO V

DA

VIDA DE DOM FREI BERTOLAMEU DOS MÁRTIRES

da Ordem dos Pregadores

Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Espanhas

CAPÍTULO I

Da última doença que teve o Arcebispo, e do testamento que fez ... .. 575

CAPÍTULO II

Do grande sentimento que havia na vila de Viana pola doença do Arcebispo; e das palavras com que o Santo se mandou despedir dos moradores dela; e dos novos accidentes com que se lhe foi agravando o mal ... .. 580

CAPÍTULO III

Entra o Arcebispo em artigo de morte; vem de Braga a visitá-lo seu segundo sucessor Dom Frei Agostinho de Jesu ... 584

CAPÍTULO IV

Manda a cidade de Braga visitar o enfermo. Dá-se conta de um requerimento que a Câmara de Viana fez ao Arcebispo Dom Frei Agostinho, e a razão dele ... .. 589

CAPÍTULO V

Como foi ungido o santo Arcebispo ... .. 593

CAPÍTULO VI

De um misterioso sinal que se descobriu no santo Arcebispo e de seu felice trânsito ... .. 597

CAPÍTULO VII

Da fisionomia e partes corporais do santo Arcebispo; e do sentimento que por sua morte houve na vila de Viana. ... .. 601

CAPÍTULO VIII	
Dos requerimentos que se fizeram por parte do cabido da Sé, e da Câmara de Braga, pedindo o ocorpo do defunto; e das réplicas que houve da parte da vila e do convento ... ..	606
CAPÍTULO IX	
Da ordem com que o defunto foi levado à igreja, e da sole- nidade com que se celebraram as exéquias ... ..	610
CAPÍTULO X	
Como foi sepultado o santo Arcebispo ... ..	614
CAPÍTULO XI	
Da profunda humildade que o santo Arcebispo guardava em suas obras e palavras ... ..	617
CAPÍTULO XII	
Da liberdade, inteireza e gravidade com que procedia nas cousas de sua obrigação ... ..	623
CAPÍTULO XIII	
Do valor com que defendia as preminências da sua Igreja ...	628
CAPÍTULO XIV	
Da pobreza com que tratava sua pessoa ... ..	634
CAPÍTULO XV	
Da verdade e puntualidade que usava em obras e palavras ...	638
CAPÍTULO XVI	
Da temperança que guardava no comer, e beber, e dormir ...	641
CAPÍTULO XVII	
Da aspereza com que se tratava quando era doente, e em todo tempo ... ..	645
CAPÍTULO XVIII	
Como zelava o remédio dos pobres ... ..	649
CAPÍTULO XIX	
Do especial afeito de piedade com que acudia ao remédio dos súbditos ... ..	652
CAPÍTULO XX	
Da grande devoção que o Arcebispo tinha ao Santíssimo Sacra- mento do Altar ... ..	656
CAPÍTULO XXI	
Da devoção e cuidado com que rezava o officio divino ... ..	660
CAPÍTULO XXII	
Da continuação com que se exercitava nas virtudes da oração e meditação ... ..	664

CAPÍTULO XXIII	
Des livros que deixou escritos ... ..	668
CAPÍTULO XXIV	
De alguns testemunhos notáveis que deram pessoas graví- simas da santidade do Arcebispo ... ..	672
CAPÍTULO XXV	
Em que se dá relação e traslado de ãa carta que o glorioso S. Carlos, Cardeal e Arcebispo de Milão, escreveu ao nosso Arcebispo ... ..	677
CAPÍTULO XXVI	
Que contém um elogio da vida e obras do Santo, composto pelo Mestre Frei Luis de Sotomaior ... ..	684
CAPÍTULO XXVII	
Do respeito que tinham ao Santo os Sumos Pontífices, e os reis e príncipes de seu tempo, e toda a gente nobre ... ..	691
CAPÍTULO XXVIII	
Das pessoas que saíram da casa e criação do Arcebispo pera grandes cargos e dignidades do Reino ... ..	695
CAPÍTULO XXIX	
De alguns milagres notáveis que o Santo fez em sua vida ...	699
CAPÍTULO XXX	
De outras maravilhas que Nosso Senhor obrou por intercessão do Santo, depois de sua morte ... ..	705

LIVRO VI  
DA

VIDA DE D. FREI BERTOLAMEU DOS MÁRTIRES  
da Ordem dos Pregadores,  
Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Espanhas.  
Com a solenidade de sua transladação.

CAPÍTULO I	
Do muito que era desejada a transladação do santo Arcebispo, e de um caso extraordinário que a fez apressar ... ..	711
CAPÍTULO II	
Assenta-se na Província fazer-se a transladação do santo Arce- bispo; nomea-se dia e começa-se a prevenir o necessário ...	715
CAPÍTULO III	
Da diligência com que se lavrou a sepultura, e das esmolas que o prior Frei Bcrtolameu Pinto negoceou pera ela ... ..	718

<b>CAPÍTULO IV</b>	
Levanta-se o edifício da nova sepultura; muda-se o dia em que estava lançada a tresladação; assina-se outro e muda-se também, com novos impedimentos; ultimamente nomea-se dia preciso pelo capítulo provincial ... ..	721
<b>CAPÍTULO V</b>	
Da diligência e cuidado com que a vila de Viana se ocupava nos apercebimentos das festas da tresladação, e da magnificência com que o Arcebispo Dom Frei Agostinho es mandou ajudar ... ..	726
<b>CAPÍTULO VI</b>	
Do número e calidade de gente que acudiu a Viana, e da armação e ornato da igreja de S. Domingos ... ..	731
<b>CAPÍTULO VII</b>	
Do concerto que havia nas crastas ... ..	736
<b>CAPÍTULO VIII</b>	
Prossegue o concerto das crastas ... ..	741
<b>CAPÍTULO IX</b>	
Das festas que houve ao sábado ... ..	745
<b>CAPÍTULO X</b>	
Da procissão e festas que houve ao domingo ... ..	750
<b>CAPÍTULO XI</b>	
Prossegue a procissão; descreve-se o primeiro carro ... ..	754
<b>CAPÍTULO XII</b>	
Prossegue a procissão; descreve-se o segundo carro ... ..	761
<b>CAPÍTULO XIII</b>	
Das diversidades de festas que havia polos lugares que a procissão correu e do que mais succedeu até se recolher ... ..	765
<b>CAPÍTULO XIV</b>	
Como se assentou a essa pera a tresladação, e foi aberta a sepultura onde o Santo jazia ... ..	769
<b>CAPÍTULO XV</b>	
Da reverência com que foi visto e venerado o corpo do santo Arcebispo ... ..	772
<b>CAPÍTULO XVI</b>	
Do grande concurso de povo que houve na igreja, e do meio que se tomou pera despejar ... ..	775
<b>CAPÍTULO XVII</b>	
Da fábrica e ornato da essa ... ..	778

CAPÍTULO XVIII	
Da ordem com que foram celebradas as vésperas e nocturnas da tresladação do santo Arcebispo ... ..	781
CAPÍTULO XIX	
Das festas que houve na vila esta tarde ... ..	784
CAPÍTULO XX	
Dá-se fim ao officio da tresladação, e leva-se o corpo à sepultura	787
CAPÍTULO XXI	
Da perturbação que houve ao recolher do corpo na sepultura; e da guarda que a Câmara de Viana lhe pôs ... ..	790
CAPÍTULO XXII	
Do que mais succedeu este dia, e como se deu fim às festas da tresladação ... ..	794
CAPÍTULO XXIII	
De algũas conveniências que teve esta tresladação com a que antigamente se fez de nosso Padre S. Domingos ... ..	797
CAPÍTULO XXIV	
Apontam-se algũas particularidades que houve nesta festa dignas de consideração ... ..	802
CAPÍTULO XXV	
De alguns successos em que se notou especial favor divino nestes dias ... ..	805
CAPÍTULO XXVI	
Da pranta da sepultura do santo Arcebispo, e do letreiro que nela se esculpiu ... ..	808
ÍNDICE TOPONÍMICO E ANTROPONÍMICO ... ..	815

## BIBLIOTECA DE AUTORES PORTUGUESES

NAUFRÁGIOS, VIAGENS, FANTASIAS E BATALHAS, *Seleccção, prefácio, leitura de texto e notas de João Palma-Ferreira / Eugénio de Andrade*, POESIA E PROSA (1940-1979), (2 volumes), *Prefácio de Óscar Lopes / Luís de Camões*, LÍRICA COMPLETA (3 volumes), *Prefácio e notas de Maria de Lurdes Saraiva / José Lourenço D. de Mendonça e António Joaquim Moreira*, HISTÓRIA DOS PRINCIPAIS ACTOS E PROCEDIMENTOS DA INQUISIÇÃO EM PORTUGAL, *Introdução de João Palma-Ferreira / Matias Aires*, REFLEXÕES SOBRE A VAIDADE DOS HOMENS E CARTA SOBRE A FORTUNA, *Prefácios, fixação do texto e notas de Jacinto Prado Coelho e Violeta Crespo Figueiredo / Luís de Magalhães*, O BRASILEIRO SOARES, *Prefácio e actualização de texto de Clara Crabbé Rocha / Arnaldo Gama*, PAULO, O MONTANHÊS, *com um estudo de Maria Leonor Machado de Sousa / António Feijó*, SOL DE INVERNO, SEGUIDO DE VINTE POESIAS INÉDITAS, *Introdução, bibliografia e notas de Alvaro Manuel Machado / João Franco Barreto*, ENEIDA PORTUGUESA, *Introdução, notas, actualização e estabelecimento do texto de Justino Mendes de Almeida / Alexandre de Gusmão*, CARTAS, *Introdução e actualização de texto de André Rocha / Vergílio Ferreira*, UM ESCRITOR APRESENTA-SE, *Apresentação, prefácio e notas de Maria da Glória Padrão* / NOVELISTAS E CONTISTAS PORTUGUESES DOS SÉCULOS XVII e XVIII, *Seleccção e prefácio de João Palma-Ferreira / D. Francisco Manuel de Melo*, CARTAS FAMILIARES, *Prefácio e notas de Maria da Conceição Morais Sarmento / Guilherme d'Azevedo*, A ALMA NOVA, *Introdução e notas de Manuel Simões / António Pedro*, TEATRO COMPLETO, *Coordenação de António Braz de Oliveira. Prefácio de Luiz Francisco Rebello / Jorge de Sena — Guilherme de Castilho*, CORRESPONDENCIA, *Introdução de Mécia de Sena / Agustina Bessa-Luís*, SEBASTIÃO JOSÉ (2.ª edição, revista) / Ruben A., KAOS, *Posfácio de José Palla e Carmo / Raúl Brandão — Júlio Brandão*, A NOITE DE NATAL, *Leitura, introdução, notas e apêndice de José Carlos Seabra Pereira* / CARTAS DE FERNANDO PESSOA A JOÃO GASPASIMÕES, *Prefácio da 1.ª edição-1957. Posfácio e notas de João Gaspar Simões / Almeida Faria*, TRILOGIA LUSITANA (*com 3 desenhos de Mário Botas*) /

/ António Nobre, CORRESPONDÊNCIA, *Organização, introdução e notas de Guilherme de Castilho* / Raúl Brandão, EL-REI JUNOT, *Nota introdutória de Guilherme de Castilho* / NOVELISTAS E CONTISTAS PORTUGUESES DO SÉCULO XVI, *Prefácio, selecção e notas de João Palma-Ferreira* / João Franco Barreto, MICROLOGIA CAMONIANA, *Prefácio de Aníbal Pinto de Castro. Leitura e integração do texto de Luís Fernando de Carvalho Dias e Fernando F. Portugal* / POESIA ROMÂNTICA PORTUGUESA, *Antologia organizada e prefaciada por Alvaro Manuel Machado* / / D. Duarte, LEAL CONSELHEIRO, *Actualização ortográfica, introdução e notas de João Morais Barbosa* / António Vieira, HISTÓRIA DO FUTURO, *Introdução, actualização do texto e notas de Maria Leonor Carvalhão Buescu* / A. P. Lopes de Mendonça, MEMÓRIAS DE UM DOIDO, *Estudo e notas de José-Augusto França* / Jorge de Sena, VISÃO PERPÉTUA, *Nota introdutória de Mécia de Sena* / António de Oliveira de Cadornega, DESCRIÇÃO DE VILA VIÇOSA, *Introdução, proposta de leitura e notas de Heitor Gomes Teixeira* / Duarte de Resende, TRATADOS DA AMIZADE, PARADOXOS E SONHOS DE CIPIÃO, *Introdução, comentários e actualização do texto de Maria Leonor Carvalhão Buescu* / FRANCISCO DE ASSIS, *Testemunhos Contemporâneos das Letras Portuguesas, Organização de Adelino Pereira* / Conde de Ficalho, UMA ELEIÇÃO PERDIDA, *Introdução e notas de Nuno de Sampaio* / Rui Knopfli, MEMÓRIA CONSENTIDA — 20 ANOS DE POESIA — 1959/1979, *Prefácio de Luís de Sousa Rebelo* / / Mécia de Sena — Jorge de Sena, ISTO TUDO QUE NOS RODEIA (Cartas de Amor) / CRÓNICA DO IMPERADOR MAXIMILIANO, *Prefácio de João Palma-Ferreira. Transcrição de Luís Carvalho Dias. Revisão ortográfica de Fernando Filipe Portugal* / Almeida Faria, CAVALEIRO ANDANTE / / NARRATIVAS DOS LIVROS DE LINHAGENS, *Seleccção, introdução e comentários de José Mattoso* / Fernão Mendes Pinto, PEREGRINAÇÃO E CARTAS, *Transcrição de Adolfo Casais Monteiro* / Pedro Homem de Mello, POESIAS ESCOLHIDAS / Eça de Queirós, CORRESPONDÊNCIA (2 vols.), *Leitura, coordenação, prefácio e notas de Guilherme de Castilho* / / António Nobre, ALICERCES, SEGUIDO DE LIVRO DE APONTAMENTOS, *Leitura, prefácios e notas de Mário Cláudio* / Antónia Margarida de Castelo Branco, AUTOBIOGRAFIA (1652-1717), *Prefácio e transcrição de João Palma-Ferreira* / Alvaro Lopes de Chaves, LIVRO DE APONTAMENTOS (1438-1489), *Introdução e transcrição de Anastásia Mestrinho Salgado e Abílio José Salgado* / TRATADO DO SUBLIME DE DIONÍSIO LONGINO (tradução da língua grega na portuguesa por Custódio José de Oliveira), *Introdução e actualização do texto por Maria Leonor Carvalhão Buescu* / / Mário Cláudio, AMADEO / COPILAÇAM DE TODALAS OBRAS DE GIL VICENTE (2 vols.), *Introdução e normalização do texto por Maria Leonor Carvalhão Buescu* / Alexandre O'Neill, POESIAS COMPLETAS (1951-1983), (2.ª edição revista e aumentada), *Prefácio de Clara Rocha* / Rui Knopfli, O CORPO DE ATENA / Alberto de Lacerda, OFERENDA — I / Armindo Rodrigues, QUADRANTE SOLAR, *Um livro reavido e seis inéditos* / José

Bruno Carreiro, OS MAIAS (adaptação teatral do original de Eça de Queirós), *Prefácio de J. Almeida Pavão. Estudo de Carlos Reis / António Barahona, LIVROS DA ÍNDIA / Camilo Pessanha, CARTAS A ALBERTO OSÓRIO DE CASTRO, JOÃO BAPTISTA DE CASTRO E ANA DE CASTRO OSÓRIO, Recolha, transcrição, introdução e notas de Maria José de Lancastre / Frei Luís de Sousa, A VIDA DE D. FREI BERTOLAMEU DOS MÁRTIRES, Introdução de Aníbal Pinto de Castro. Fixação do texto de Gladstone Chaves de Melo e Aníbal Pinto de Castro.*





Na visão muito própria que o Autor teve da vida — uma visão feita de amor, de simplicidade, de humanidade e da permanente consciência da transitoriedade de tudo quanto é humano, quando considerado em si, contraposta à eternidade que adquire logo que visto com os olhos do divino — está verdadeiramente a origem da escolha das formas de expressão para um discurso narrativo, cuja beleza marca, afinal, o apogeu de uma evolução que, na produção da prosa portuguesa, vinha desde Fernão Lopes. E foi através dessa alquimia verbal que o culto Dominicano soube transformar a história em arte, o passado em presente, a vida em poesia, deixando na biografia do venerado Arcebispo Bracaraense uma das manifestações mais belas da língua portuguesa, num momento cuja perenidade o tempo não consumirá.

Aníbal Pinto de Castro

ISBN 978-972-27-2359-6



9 789722 723596

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO